História de Minha Vida

memórias, imigração e outros fatos



Germano Bez Fontana



O autor do livro, Germano Bez Fontana, é filho de Giácomo Bez Fontana e Prima Benedet. Nasceu em 19 de setembro de 1915 e é natural de Urussanga - SC.

Aos vinte e um anos serviu o exército e foi classificado como especialista carpinteiro. Em 1937 dirigia caminhão, automóvel, andava de bicicleta e em 1938 foi Juiz de Paz.

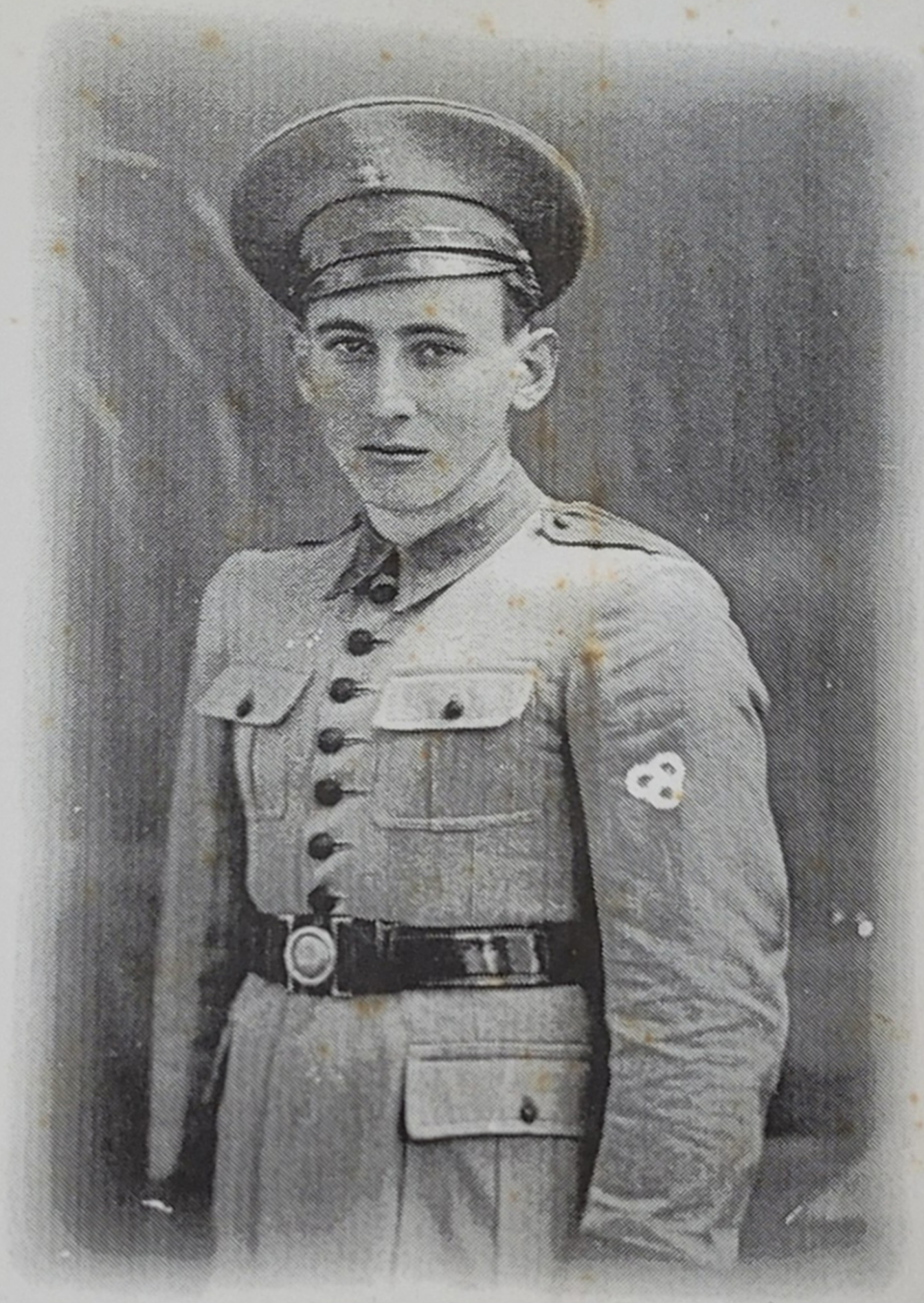
Fundou e presidiu por inúmeras vezes o Clube Recreativo "7 de Setembro" em Treze de Maio.

Desde 1940 é industrial, nas firmas "Serafim e Fontana Ltda.", "Fontana & Burato Cia Ltda.", "Germano Bez Fontana", "Indústria de Amido Fontana Ltda." e "Fecularia Fontana Ltda."

Foi sócio-fundador da Associação dos Industriais de Raspa do Sul do Estado de Santa Catarina "ASSIRASPA", presidindo a mesma por muitos anos.

Trabalhou como fabriqueiro da Igreja de São Gabriel, no município de Treze de Maio, por vinte e sete anos.

Na vida social foi músico em 1939 e na vida política, ocupou o cargo de vereador em 1950, representando o distrito de Treze de Maio, no município de Tubarão. Novamente eleito vereador em 1969, no então município de Treze de Maio, pela Aliança Renovadora Nacional.



Autor do Livro - Germano Bez Fontana - 1937

Capa: Alessandra Fontana Réchia
Hélio Devigili Junior

Editoração e Fotolito:
Gráfica Agnus

Diagramação:
Zuraide M. da Silveira

Compilação e Organização do Material:
Valmíria Fontana Réchia

Revisão: Karen Christine Réchia

F679h Fontana, Germano Bez, 1915-
História de minha vida : memórias, imigração e outros fatos / Germano Bez Fontana. - Florianópolis : Agnus, 1998.
618 p. : il.

1. Fontana, Germano Bez, 1915- . 2. Treze de Maio (SC) - História. 3. Imigrantes italianos - Treze de Maio (SC). 4. Memórias brasileiras - Treze de Maio (SC). I. Título.

CDU: 981.640.915

Bibliotecária: Onélia S. Guimarães CRB-14/071

Para
Zanoa e Valmiria
meu abraço
Germano Coutinho
11-06-1999

História de minha vida

Prefácio

Há exatamente oito anos atrás, quando meus avós comemoraram 50 anos de casamento, teve início a saga deste livro. Três fatores me levaram a lançar esta idéia para o meu avô. O primeiro deles estava relacionado à paixão que eu nutria pelo curso de História, o qual estava cursando e pela riqueza que representavam as histórias de vida, quando narradas por quem as viveu. O segundo remetia àquela máxima popular, que diz que toda pessoa deve se considerar realizada quando, ao término de sua trajetória neste mundo, tenha conseguido plantar uma árvore, ter um filho e escrever um livro. O terceiro fator referia-se à imagem que eu havia construído acerca do meu avô, ou melhor, do "*nono*", como nós o chamamos. A cada dia da minha vida, desde a mais tenra infância, eu me deslumbrava com as habilidades daquele homem que, até então, eu desconhecia. Depois de um tempo, eu já não me surpreendia mais: afinal de contas, não havia o que ele não soubesse fazer, era quase um sábio renascentista.

Foi uma figura pública, tendo sido vereador por duas vezes, fabriqueiro da igreja de São Gabriel, fundador do primeiro e único clube de Treze de Maio, Juiz de Paz, entre outras coisas. Torna-se quase impossível enumerar os seus ofícios, pois de marceneiro a engenheiro, de fotógrafo a músico, esmerava-se em todos com dedicação e paciência, apesar de ter permanecido pouco tempo nos bancos escolares.

Paciência esta invejável, mesmo num dos mais difíceis momentos de sua história, transcorrido em 1974, quando uma das maiores enchentes do sul do estado, literalmente carregou a sua indústria de amido de mandioca. A "*nona*" Felícia traduziu muito bem este momento, ao falar da primeira noite, na casa do primo Otávio, depois de terem percorrido vários morros, na fuga das águas e das barreiras: "*Eu nunca vi um homem com tanta paciência, ele foi pra cama e ressonava naquela cama. A gente ficou nervosa porque perdeu tudo, trabalhando tantos anos, pra ficar sem nada, e ele dormia*". Ela ainda continua, "*aí depois, ele sabe fazer as coisas, começou um modelinho de outra fécula, trabalhava lá no escritório, sozinho e ali começou onde é a Inquil*". A Inquil é a empresa para qual o meu avô vendeu a sua indústria, constituindo-se hoje numa das maiores fecularias do município de Treze de Maio. Pode-se pensar que ele parou por aí, mas não, iniciou outra no mesmo lugar daquela, que havia sido devastada pela enchente. Volto a repetir, dedicação, paciência e muita fé em Deus.

Outra qualidade do "*nono*" é a de colecionar e guardar coisas. Repetidas vezes eu presenciei esta cena: "*Por acaso o senhor tem..*"., e lá vai ele remexer nos seus baús,

no porão, no escritório, ou na marcenaria e sempre volta com o que foi pedido. Da porca de um parafuso até um rolamento gigante, do recibo do primeiro caminhão até um manual de datilografia, tudo o "*nono*" tem. Os leitores terão o prazer de ver ilustrado no livro, por exemplo, os seus primeiros brinquedos, confeccionados por ele. O que foi perdido ou não resistiu ao passar dos anos, foi habilmente reconstituído para este livro, tal e qual como era.

Das muitas histórias escritas pelo nono, todas tem o mesmo grau de importância, pois foi deste modo que ele conduziu a sua própria existência, sempre extraindo um ensinamento de cada experiência vivenciada.

Memória prodigiosa tem esse homem, que não contente com esta faculdade que Deus lhe deu, ainda teve o trabalho de pesquisar em arquivos de paróquias, cartórios, jornais e livros, para dar mais veracidade ao seu relato, não precisava nono, só o registro das suas histórias, ouvidas pela família ao longo das nossas existências já era o suficiente. Mas a teimosia, outra característica sua, o levou a estas investigações, dignas de um historiador.

Assim, o nono não se limita a contar somente a sua trajetória, mas as dos que vieram antes dele. Deste modo, o leitor deste livro vai ter contato com os primeiros imigrantes, com as agitações políticas, os aspectos econômicos, o meio geográfico, as festas e a religiosidade deste município no sul do estado de Santa Catarina. Também irá vislumbrar lugares que ele percorreu, em idas épocas, para, como ele mesmo diz, perceber que "*o tempo passa e as coisas mudam*".

Para nós, que fazemos parte da sua família, diante de tudo que já foi enumerado, permanecem também os seus valores que, além da paciência, dedicação, fé e humildade, somam-se a coragem, persistência, honestidade, bondade e vontade de viver.

Fomos envolvidos durante oito anos neste projeto. Da tradução dos seus manuscritos, mezzo brasiliani, mezzo italiani, realizada por minha mãe, até as viagens para as entrevistas e pesquisas nos arquivos, auxiliadas por todos, filhos, filhas, noras, genros e netos, cada qual com sua contribuição.

Pois aí está, esperamos que os leitores apreciem este acervo memorialístico de um senhor de oitenta e dois anos, visto que torna-se impossível relatar aqui, tudo o que pensamos a seu respeito. Foi algumas vezes incompreendido, mas ainda diz que Deus foi muito bom para com ele. Nós, que somos um pouco egoístas, queremos a sua presença por muito mais tempo, pois sinto que apenas começamos a conhecê-lo.

Karen Christine Réchia, neta do autor.

Memórias, imigração e outros fatos

A história de minha vida foi escrita em três meses, mas, ao todo, levei seis anos à procura de documentos e fazendo pesquisas. Terminei no ano de 1996.

História

Contei a história tal como eu falo, escrevendo como aconteceram os fatos, sem acrescentar ou diminuir palavras.

Limite

Me limitei de contar muitos fatos importantes da minha vida para não envolver outras famílias, bem como para não prolongar muito a história.

Disponibilidade

Quem tiver tempo disponível para ler este livro do começo ao fim, poderá ter uma idéia de como se vivia naquele tempo, nas matas virgens.

Agradecimento

Em primeiro lugar devo agradecer a minha filha Valmíria Fontana Réchia e minhas netas Karen Christine e Alessandra, responsáveis, respectivamente, pela correção, revisão e datilografia deste livro.
Em segundo lugar devo agradecer aos filhos, filhas, genros, noras, netos e netas que também colaboraram com sua parte.

Dois irmãos Bez Fontana

Para distinguir os filhos, netos e bisnetos das duas famílias, está assim registrado no livro:

Bez Fontana, para os familiares de Sebastião Bez Fontana e **B. Fontana** para os familiares de Pietro Bez Fontana.

Índice

Parte Prima

01 - Itália despedida 19
- Casamento do avô 29

- Casamento do meu pai 38
- Casamento do autor do livro 39

02 - Medição de terras devolutas 45
- Quadro-futura sede 46
- Encontro dos colonos 46
- Nome da sede 47
- Avô compra terras 47

03 - Minha história antes de 1920 51

04 - Tromba d'água-1920 57

05 - Minha história depois de 1920 63

06 - História em casa do avô 71

07 - Continua história em casa 91
- Morte de minha tia Antônia 101
- Os meninos no tempo da escola 107

- Quando as mães ganhavam os filhos 109
- No casamento 109

08 - Continua minha história 111

09 - Lavoura de mandioca 119
- Boi e cavalo 120

10 - Madeira 125
- Porto de Cubículo 127
- Treze de Maio à Cubículo 130

11 - Tubarão - 1ª viagem 135
- 1º avião a sobrevoar Tubarão 136

12 - Cepa para tamanco 139
- Cavaquinho 140
- Violão 140

13 - Tamanduá-1
- Sirena e cérebro 145

14 - 1ª aranha-1935 149
- Automóvel Ford Bigode 151

15 - Cavalo marchador 153

16 - Serviços em outros Estados 159
- 1ª viagem a Porto Alegre 160

17 - História no exército 171

18 - 1ª motocicleta no distrito 213
- Primeiro licenciamento 213

19 - Fundação do 1º Clube 215

20 - Juiz de Paz 221

21 - Compra de automóvel 223
- Músico 226
- Casamento: como nos conhecemos 228
- Como a gente namorava 234

Parte Seconda

22 - Cooperativa e fecularia 249

23 - Compra de Ônibus 259
- Divisão da firma 265

24 - Usina do Arroio Corrente 267

25 - Lavoura de arroz 275
- Criação de porcos 275
- Meu pai faz inventário em vida 276

26 - Firma individual 279

27 - Reforma da fecularia 281
-Rio Tubarão 288
- Tromba d'água - Enchente de 1974 288

28 - Compra de caminhão 307
- Parteira 309

29 - História da parceria agrícola 313

30 - Viagem a Campinas-SP 321

31 - Primeira missa em Cubículo. 329
- História dos três sinos 334
- 1ª rua calçada no município 339
- 1ª rede elétrica 343
- Instalação do 1° distrito 343

- Vinte anos de fabriqueiro 348
- Voltei fabriqueiro novamente 348
- Minha saída 350
- 1º salão de Treze de Maio 351
- Cemitério de Treze de Maio 352
32 - Doenças em 80 anos 355
33 - Passeio na Europa 371
34 - Contribuição ao INPS 389
- Contrato social com a esposa 389
35 - Três farras entre amigos 393
36 - Títulos de eleitor 399
- Afilhados 403
- Convites de casamento 404
37 - Intendentes e professoras 411
38 - Plano Brasil Novo 419

Parte Terza

39 - "Quadro" - Os primeiros colonos 421
- Outras das 1ª casas 426
40 - Causa da enchente de 1920 431
41 - O mais idoso do município 435
- Serra do Rio do Rastro 439
42 - Maximiliano Scremin 443
- Sílvio Burato 444
- João Bonelli 446
- Jacomo Tonon 449

- Domingos Bonelli 451
- Carlos Bonelli 458
- Tomas Damian Preve 459
- Pedro Baesso 462
- Pietro Peron 463
- Frederico Peron 463
- José Favarim 465
- Giovani de Bona Porton 466
- Rodolfo Cadorin 468
- Lourenço Dandolini 468
- Francisco Formentin 469
- João Formentin 470
- José Guarezi 470
- Martinho Guarezi 472
- Clemente Guarezi 473
- Alexandre Perdoná 475
- Vitória B. Fontana 478
- Luís Réchia e o Avô André 479
- Mansueto Fragnani 481
- Andrea Teza 482
- Luiz B. Fontana 484
- Ágostinho B. Fontana 488
- Angelo Zamparetti 490
- Inácio Ghisi 491
- Martinho Ghisi 491
- Ilário Freta 493
- Giácomo Bez Fontana 494
- Antonio Botega 496
- Alexandre Burato 497
- João Carara 498
- Antônio João Fernandes 500
- Manoel Antonio Joaquim 501

- Pedro Carvalho Neto 501
- Mafra Carvalho de Medeiros 502
- José Albino de Souza 503
- Albino José Alano 504
- José Antonio Alano 506
- Oravio Felomeno de Medeiros
- Queda de barreira 507

43 - Três casas brancas 513

44 - Instalação do distrito 515
- Instalação do município 517
- Eleição e posse de 8 prefeitos 517
- Desapropriação do clube 517
- Reconstrução do clube 528

45 - Fundação: Azambuja e Urussanga 533

46 - Lembrança 1° Júri-Urussanga 543
- Saudades das matas virgens 551

47 - Meu avô conta fatos do mundo 553
- Melancia para o avô 558

48 - O prefeito e o padre 561
- Batismo do século XIX 563
- Alguns casamentos-século XIX 564
- Eleição para intendente 565
- O primeiro terremoto 565
- Um trecho de estrada nova 567
- Tempo dos agregados 568
- Viagem para Tubarão e Laguna 569
- Túnel na serra do Corvo Branco 571

Capítulo 1

Itália despedida

Conforme consta nos livros "Coloni e Missionari italiani" e "Imigração Italiana", foi a segunda leva de imigrantes italianos que vieram para o sul de Santa Catarina, que fundaram Urussanga.

Para ilustrar melhor esta passagem, segue abaixo trechos do livro "Imigração Italiana" (pp. 59-60)

"Último adeus à querida pátria"

Marcada a partida, venderam a qualquer preço os haveres de difícil transporte e, vencendo o receio de atravesssar os oceanos, se decidiram a partir com toda a família.

Para quem nos dias 24, 25 e 26 de março de 1878 se encontrasse em Conegliano, província de Treviso, o cenário seria um aglomeramento de gente em vestes coloridas, crianças, moças e matronas, acompanhadas de homens resolutos, cidadãos Bellunesi, Longaronesi, Cadorini, Friulani, Trevisani, reunidos em grupos ou em famílias, cercadas de baús e caixotes, visivelmente apreensivos, na expectativa do dia 27, data fixada para a saída de Milano.

Padre Marzano, cuja narração estamos seguindo, descreve emocionado o instante da partida. Dado o último adeus à terra que os viu

nascer e, com o coração partido ao pensar num retorno talvez impossível, saúdam mais uma vez os parentes, amigos e conhecidos, e dão à inesquecível Itália o extremo adeus de saudade.

De Conegliano a Milão seguem para Turim e Módena, onde chegam ao romper do dia 29 de março. Desta cidade, depois de uma paradinha de dois dias, seguem para a França, passando por Lião e Paris até o Havre, porto de embarque.

Havre à Laguna

O vapor francês San Martin já os aguardava para levá-los, acomodados de qualquer jeito, ao seu destino pelo roteiro Havre-Lisboa-Pernambuco-Rio de Janeiro-Santos-Desterro. Foram 27 dias de ótima viagem sem doenças e tempestades.

Dia 29, já no Rio, sem descer a terra, fizeram baldeação para outro navio já preparado, que os conduziu ao Porto de Santos e a seguir para a ilha do Desterro, aportando e permanecendo uns dez, outros doze dias, na capital de Santa Catarina, hoje Florianópolis.

Reembarcados então em pequenos barcos à vela, levaram o dia inteiro para chegarem ao porto de Laguna. Desta cidade até Tubarão a viagem se fez por via fluvial em grandes e velhas barcaças puxadas por rebocadores.

Depois de breve descanso no barracão dos imigrantes, iniciaram, confiantes em Deus, a caminhada final, a mais dura e penosa de todas, rumo ao destino, com que tanto haviam sonhado.

A surpresa da floresta

Carregando nas costas as suas pesadas bagagens, iniciam à pé uma cruciante jornada de três dias, marchando suarentos por montes e vales ou em plena e densa floresta, seguindo a mesma trilha dos que os precederam de um ano em Azambuja, onde certamente paren-



Meus tataravós, Sebastião Bez Fontana casado com Antonia de Bona. Ele nasceu em 21-10-1805 e ela em 21-05-1808. Casaram-se em 03-11-1828. Ela veio para o Brasil em 1879, com 71 anos. Ele já era falecido.

tes e amigos se cumprimentaram entre risos e cantilenas do folclore Italiano.

Em fins de maio estava praticamente terminada a viagem. E todos quantos haviam partido de Conegliano, em número de 76 famílias, foram em Urussanga abrigados coletivamente em barracões ou alojamentos feitos de achas de madeira e cobertos de esteiras de palha, onde permaneceram aguardando a entrega e posse dos respectivos terrenos, conforme promessa, o que realmente aconteceu de 5 a 12 de junho do mesmo ano de 1878."



Sentado está o meu bisavô, Giacomo Bez Fontana e em pé, os filhos. Da esquerda para a direita: Giovani, Sebastião(meu avô), Antônio e Luigi. Vieram para o Brasil em 1879, com exceção de Sebastião, que veio em 1881, porque na época, com 18 anos, estava servindo o exército.



COMUNE DI LONGARONE

PROVINCIA DI BELLUNO

SITUAZIONE DI FAMIGLIA

Certifico il sottoscritto che la famiglia del Sig. BEZ Sebastiano fu Gio/Maria era così composta:

N. d'ord.	Relazione di parentela	COGNOME E NOME	Luogo di nascita	DATA di nascita	DATA di matrimonio	Annotazioni
1	CF	BEZ Sebastiano	Longarone	21.10.1805	3.11.828	Morto 14.8.1853
2	Moglie	DE BONA Antonia	Longarone	21.3.1808	3.11.828	
3	Figlio	BEZ Giovanni	Longarone	11.12.1831		
4	Figlia	BEZ Giovanna	Longarone	18.10.835		
5	Figlio	BEZ Giacomo	Longarone	13.1.1838	29.4.863	
6	Figlia	BEZ Anna Maria	Longarone	21.11.839	30.4.1862	
7	Figlia	BEZ Giacoma	Longarone	20.10.1843		
8	Figlia	BEZ Domenica	Longarone	4.9.1845		
9	Figlio	BEZ Gio/Maria	Longarone	4.8.1847		
10	Figlio	BEZ Pietro	Longarone	20.8.1849		

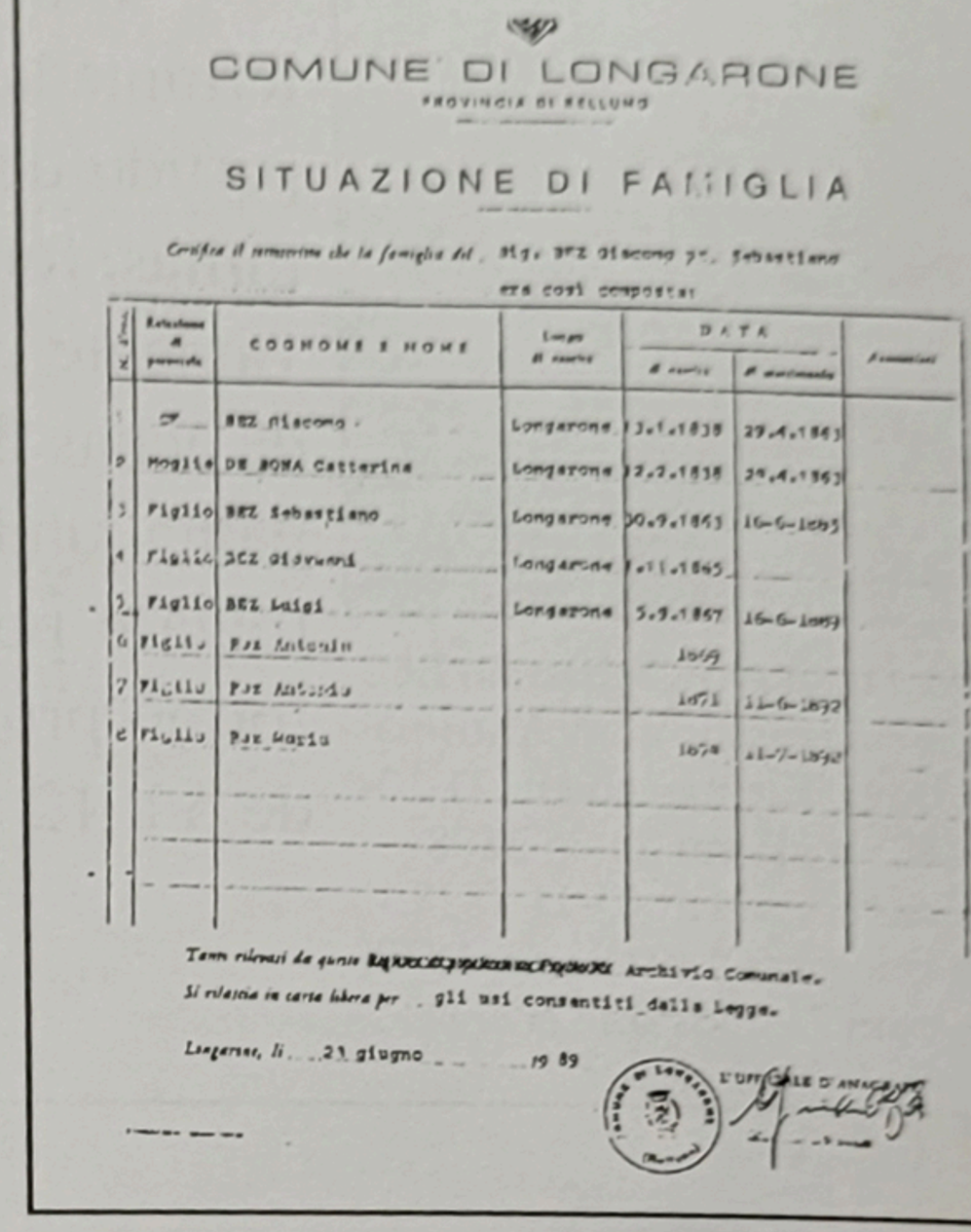
Tanno rilevasi da questo Archivio Comunale.

Si rilascia in carta libera per gli usi consentiti dalla Legge.

Longarone, li 23 giugno 19 89

L'UFFICIALE D'ANAGRAFE

Giuliano De Bona



COMUNE DI LONGARONE

PROVINCIA DI BELLUNO

SITUAZIONE DI FAMIGLIA

Certifico il sottoscritto che la famiglia del Sig. BEZ Giacomo fu Sebastiano era così composta:

N. d'ord.	Relazione di parentela	COGNOME E NOME	Luogo di nascita	DATA di nascita	DATA di matrimonio	Annotazioni
1	CF	BEZ Giacomo	Longarone	13.1.1838	29.4.1863	
2	Moglie	DE BONA Catterina	Longarone	12.2.1838	29.4.1863	
3	Figlio	BEZ Sebastiano	Longarone	30.9.1863	16-6-1885	
4	Figlio	BEZ Giovanni	Longarone	7.11.1865		
5	Figlio	BEZ Luigi	Longarone	5.9.1867	16-6-1889	
6	Figlio	Per Antonio		1869		
7	Figlio	Per Antonia		1871	11-6-1892	
8	Figlio	Per Maria		1874	11-7-1892	

Tanno rilevasi da questo Archivio Comunale.

Si rilascia in carta libera per gli usi consentiti dalla Legge.

Longarone, li 21 giugno 19 89

L'UFFICIALE D'ANAGRAFE

Meu bisavô deixa a Itália - 1879

Giácomo Bez Fontana e Cattarina de Bona, casaram-se em 29-04-1863. Ele nascido em 13-01-1838, ela em 12-02-1838. Residência: Igne, distrito de Longarone, província de Beluno, Itália.

Em 1879, Giácomo veio para o Brasil, na terceira leva de imigrantes, se estabelecendo no sul do estado de Santa Catarina, Urussanga, com os filhos Giovani, Luigi, Antônia, Antônio, Maria (menos Sebastião, que estava servindo o exército).

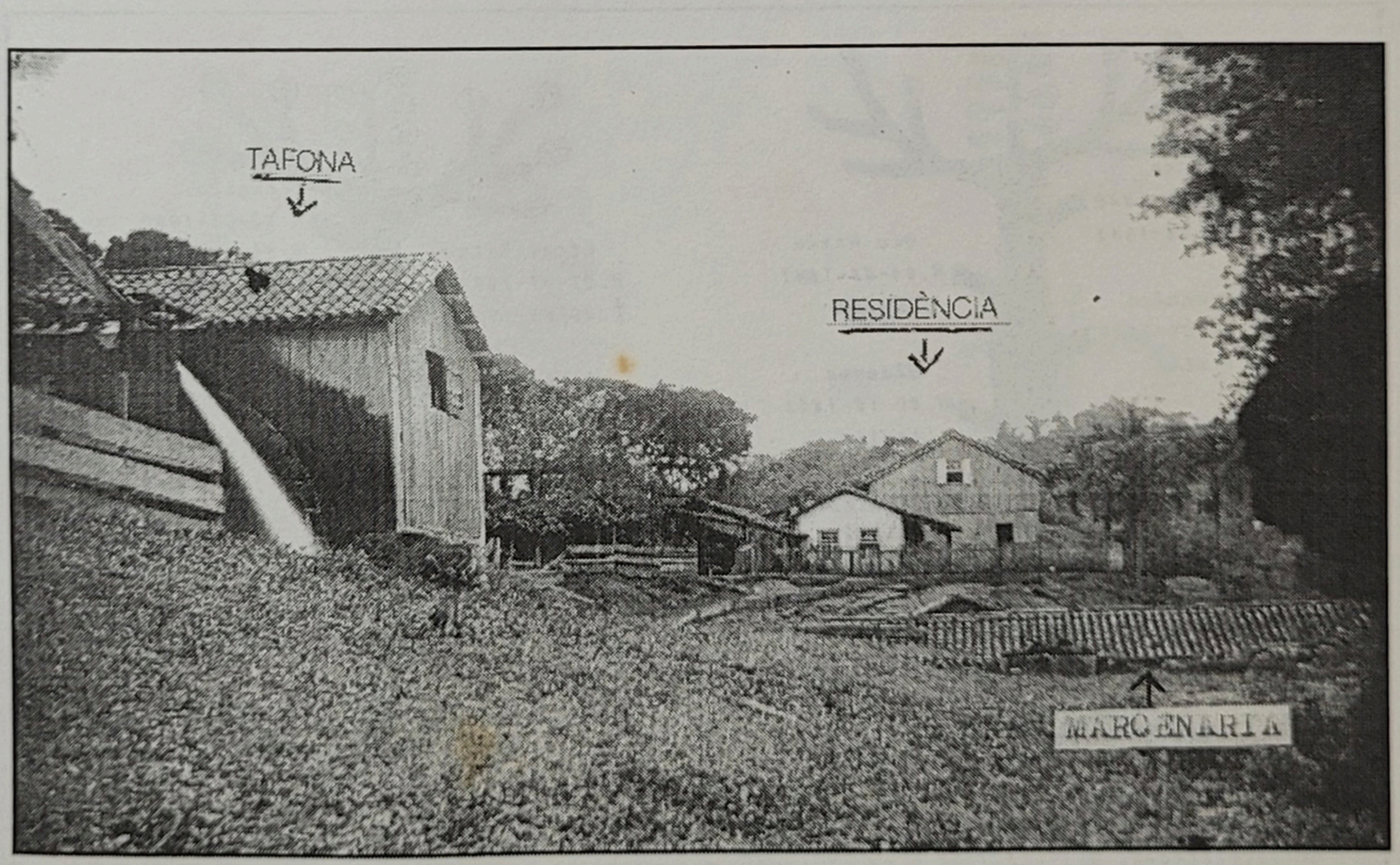
Adquiriu do governo um lote colonial, no Rio América Baixa, a um quilômetro da sede de Urussanga, onde fez a sua primeira casa e onde ainda hoje moram os bisnetos Clara e o irmão Galdino Bez Fontana com sua respectiva mulher, Olga Gastaldon e seus filhos: Olvacir, Oldagé, Olnesi, Olnete, Olvenita, Olvilene e Olclésio.

Meu avô deixa a Itália

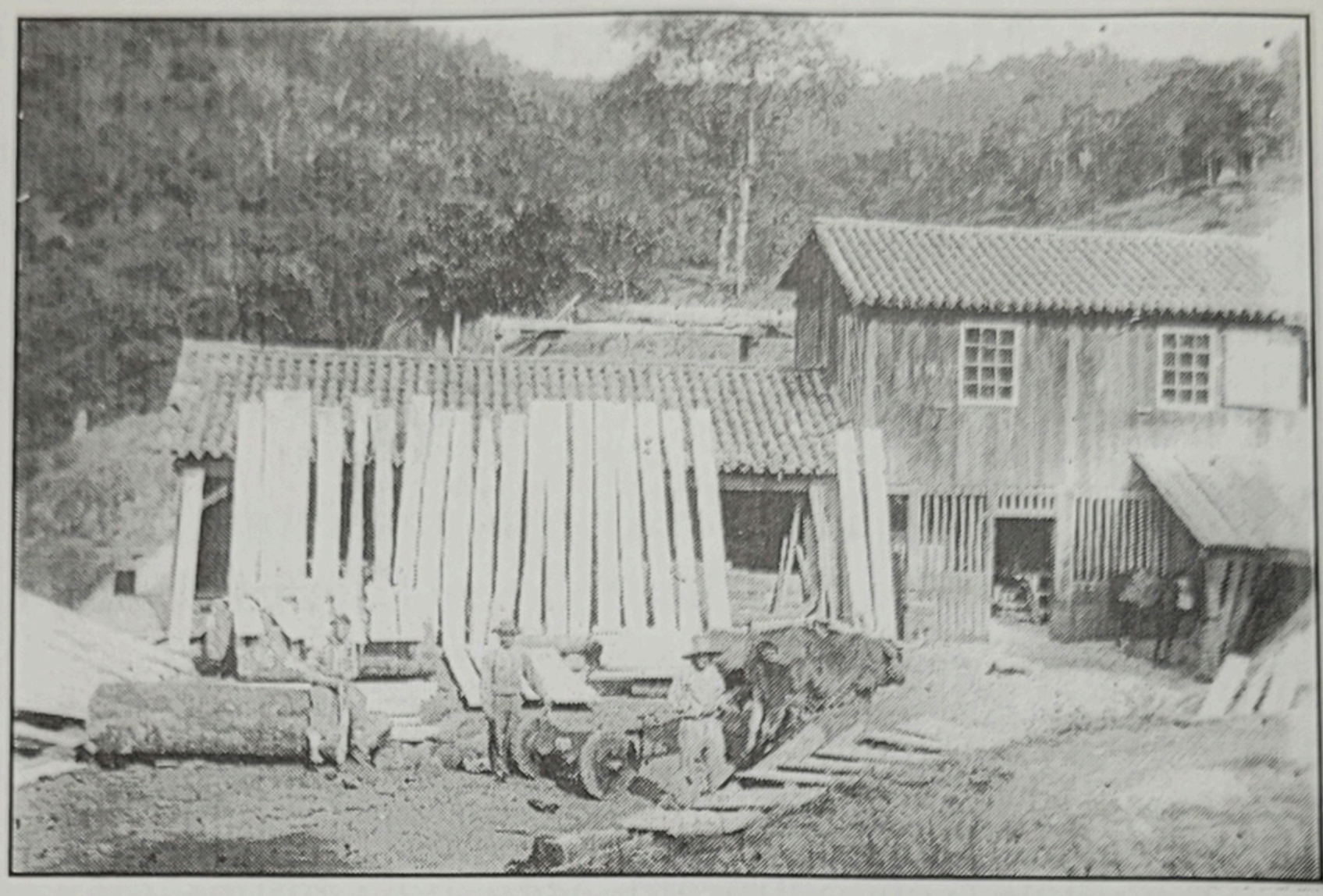
Sebastião Bez Fontana, natural de Igne, distrito de Longarone, província de Beluno, Itália, nasceu em 30 de setembro de 1863.

Em 1879 ele não pode vir para o Brasil juntamente com os seus pais, porque estava servindo o exército, que na Itália constavam de 4 anos.

Por volta de 1881, quando veio mais uma turma de imigrantes, ele veio junto, de contrabando. Chegando em Laguna, tinha que pagar a balsa que os transportava do navio até o cais e como não tinha dinheiro, disse para o balseiro que quando o pai dele viesse buscá-lo, pagaria sua dívida. Mas, quando o pai chegou a Laguna, procuraram o balseiro e não mais o encontraram. Meu avô sempre falava que foi a única dívida que não pagou. Depois, seguiram para Urussanga e daí até o Rio América, aonde moravam, que distava um quilômetro da sede (Urussanga).

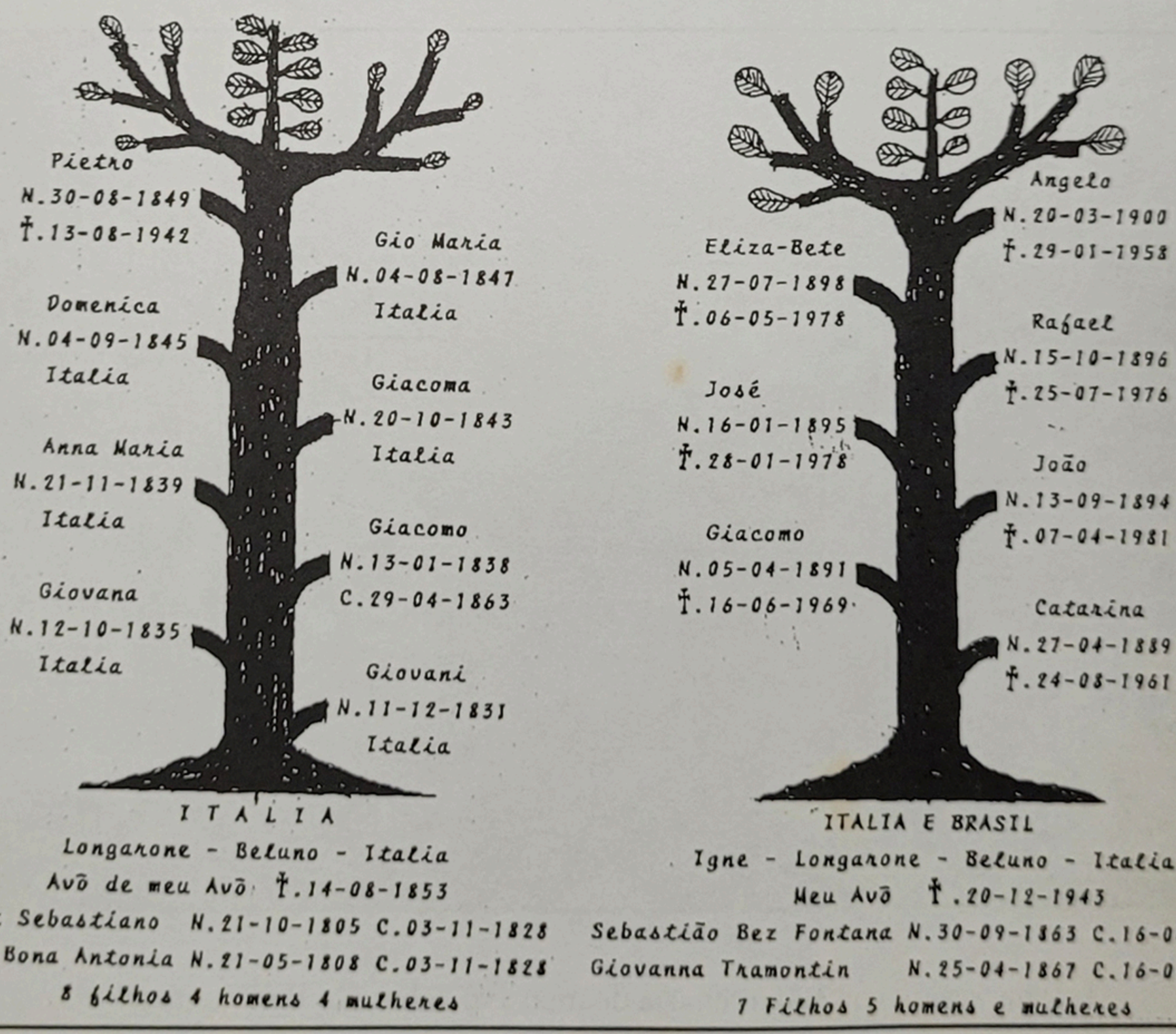


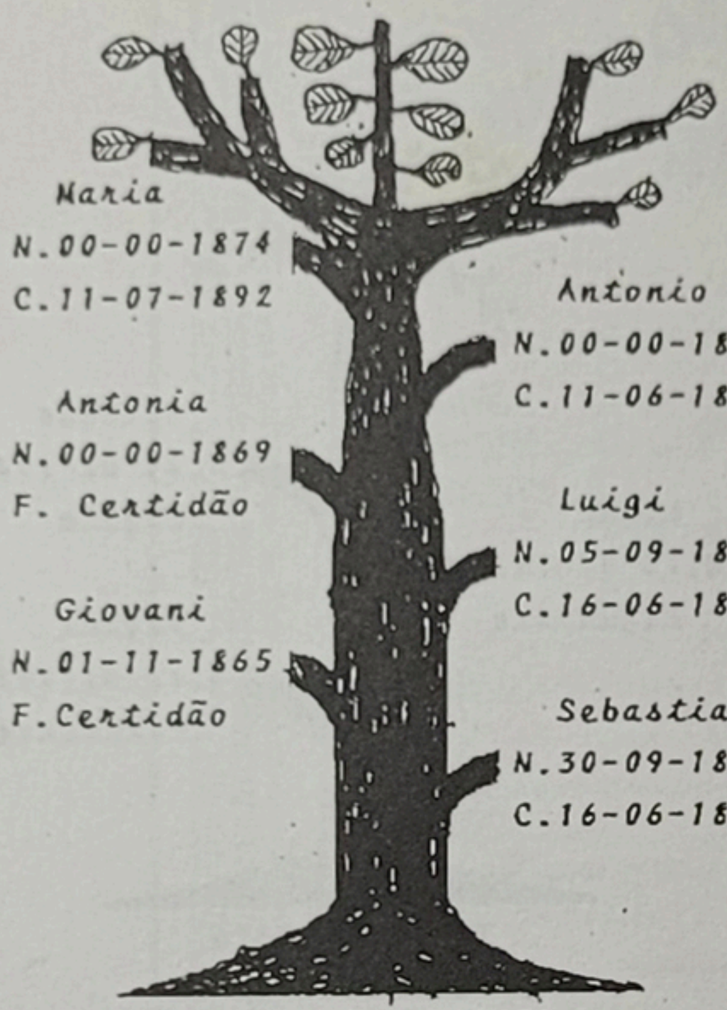
Tafona, residência e marcenaria de meu avô Sebastião Bez Fontana



Serraria, marcenaria e descascador de arroz, de meu avô Sebastião Bez Fontana.

Árvore Genealógica





ITALIA E BRASIL

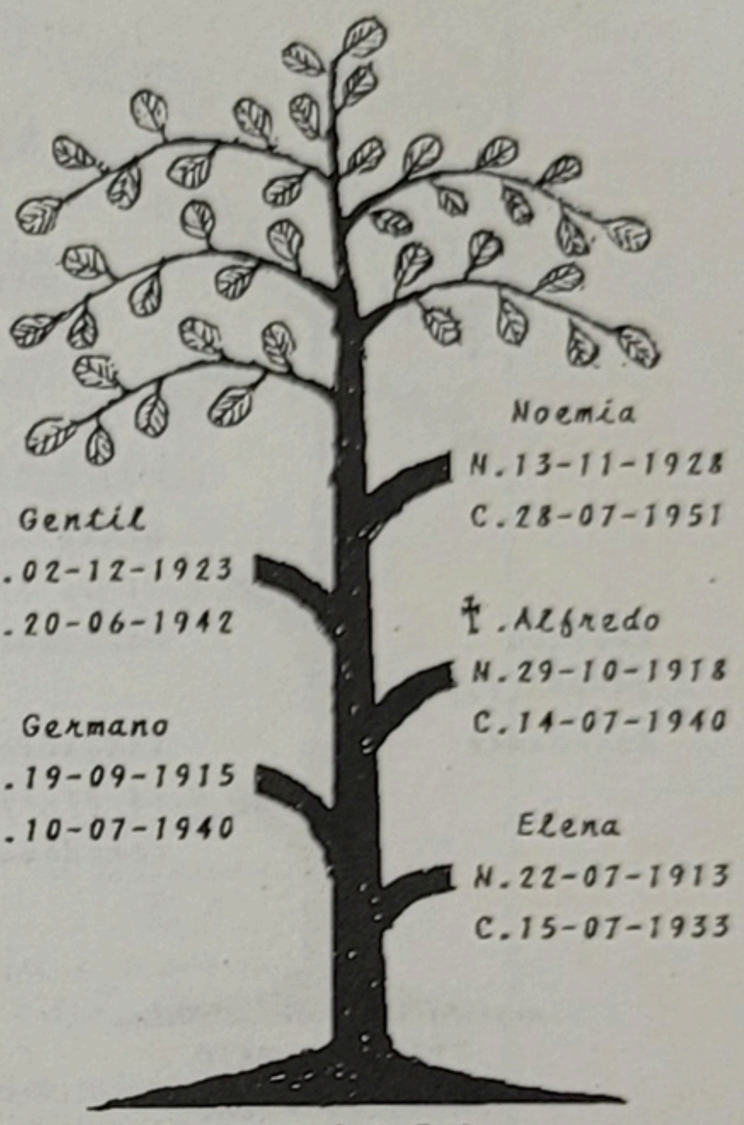
Igne - Longarone - Beluno - Italia

Meu Bisavô ✝.31-10-1918

Bez Giacomo..... N.13-01-1838 C.29-04-1863

De Bona Catterina N.12-02-1838 C.29-04-1863

6 Filhos 4 homens 2 mulheres



BRASIL

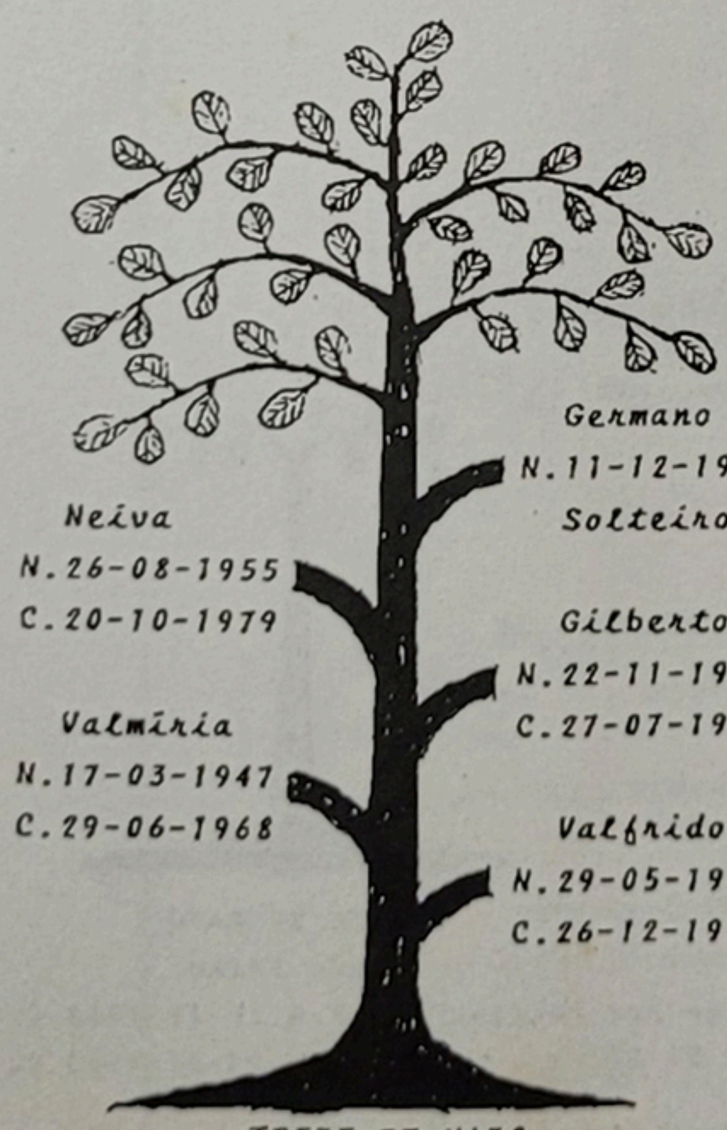
Urussanga e Treze de Maio

Meu Pai ✝.16-06-1969

Giacomo Bez Fontana N.05-04-1891 C.19-10-1912

Prima Benedet N.01-01-1892 C.19-10-1912

5 Filhos 3 homens 2 mulheres



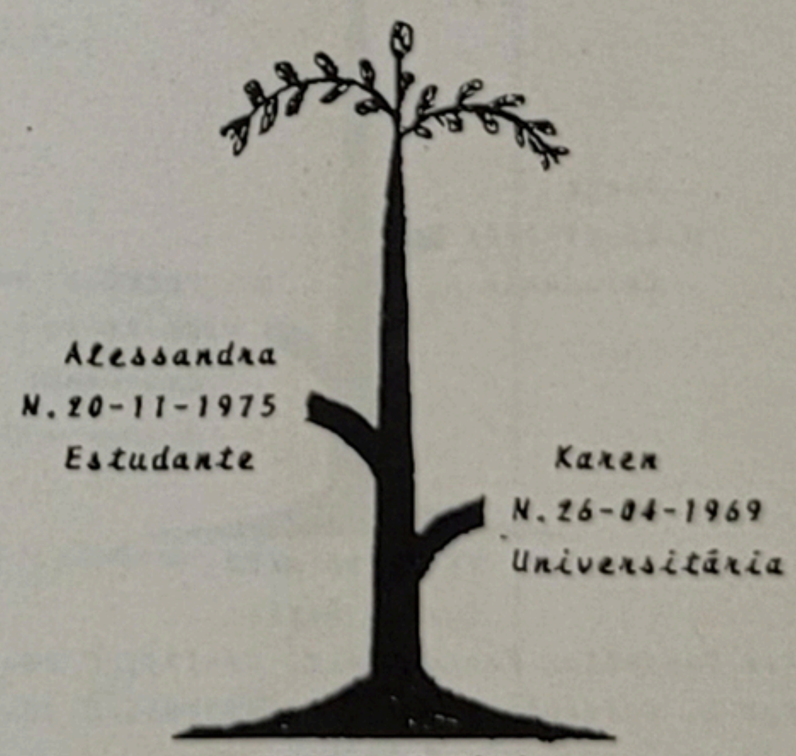
TREZE DE MAIO

Autor do Livro 75 anos

Germano Bez Fontana N.15-09-1915 C.10-07-1940

Felicia Dandolini.. N.31-07-1922 C.10-07-1940

5 Filhos 3 homens e 2 mulheres



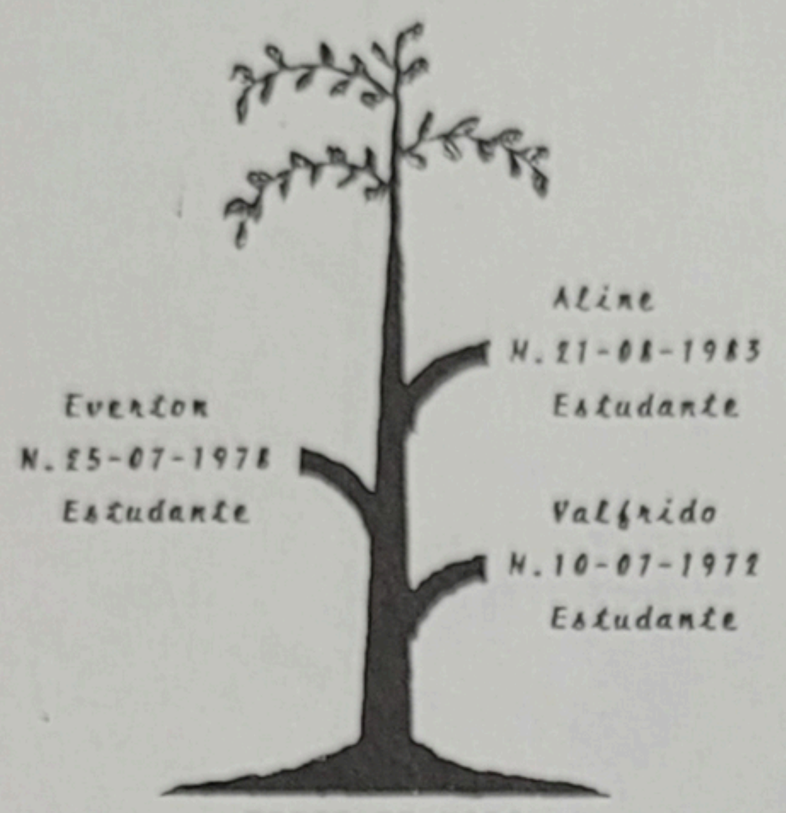
TREZE DE MAIO

Segundo Filho

Valmiria D.Bez Fontana N.17-03-1947 C.29-06-196

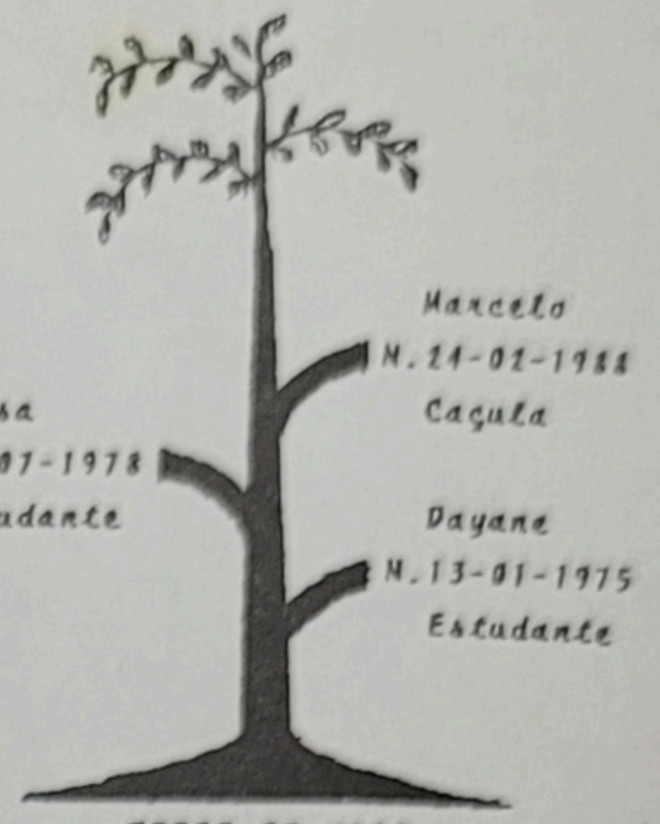
Fanor Rechia..... N.26-07-1941 C.29-06-196

2 Filhas



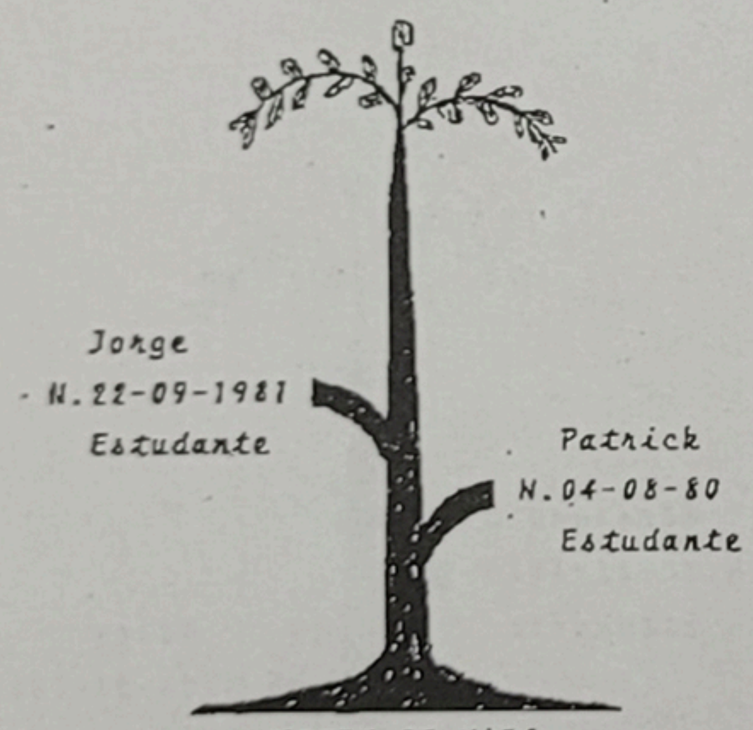
TREZE DE MAIO
Primeiro Filho

Valfrido D. Bez Fontana N.29-05-1943 C.26-12-1970
Ivonete Ribeiro..... N.14-12-1951 C.26-12-1970
3 Filhos 2 homens 1 mulher



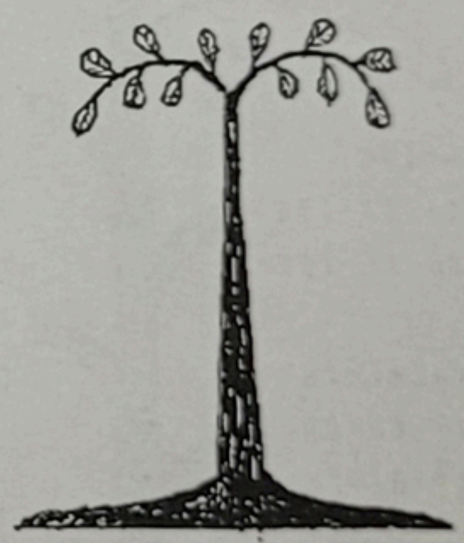
TREZE DE MAIO
Terceiro Filho

Gilberto Dando.Fontana N.22-11-1951 C.27-07-197.
Marina Botega..... N.09-06-1955 C.27-07-197.
3 Filhos 2 mulheres 1 homen



TREZE DE MAIO
Quarto Filho

Neiva Dandolini Fontana N.26-08-1955 C.20-10-1979
Jorge L. Condioli Nandi N.12-02-1955 C.20-10-1979
2 Filhos



TREZE DE MAIO
Quinto Filho

Germano Bez Fontana Filho N.11-12-1963 C.10-09-1994
Selma Da Silva N.03-01-1963 C.10-09-1994

REPUBLICA FEDERAL
DOS
ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL

TITULO DE ELEITOR

Nº 137

ESTADO DE SANTA CATHARINA

COMARCA da Laguna
MUNICIPIO das Urussanga
DISTRICTO Nº 1
QUARTEIRÃO Nº 20

Nome do Eleitor
Dr. Sebastião

QUALIFICATIVOS

IDADE 28 annos
FILIAÇÃO Gaetano
ESTADO Casado
DOMICILIO Urussanga
PROFISSÃO Lavrador

NUMERO DE ORDEM
NO ALISTAMENTO GERAL
209

DATA DA QUALIFICAÇÃO
2 de Abril de 1894

ASSIGNATURA DO PRESIDENTE DA INTENDENCIA MUNICIPAL
Porfirio Lopes de Oliveira

O Cidadão Abaixo Assignado
1 Vice-Governador do Estado de Santa Catharina

De conformidade com a proposta do Prefeito de Policia, em officio n. , nomeia o cidadão 1º Dez Sebastião para exercer o cargo de Sub commissario de Policia 2º Supplente do districto do Urussanga.

Palacio do Governo do Estado de Santa Catharina, em 31 de Outubro de 1894.

Gaetano Richard

PROVINCIA
di **BELLUNO**

COMUNE
di **LONGARONE**

N. d'ordine 115

Vale per un **Anno**

CONNOTATI

Età anni 48
Statura
Capelli
Fronte
Sopracciglia
Ciglia
Occhi
Naso
Bocca
Mento
Barba
Viso
Colorito
Corporatura
Marche particolari

PASSAPORTO PER L'INTERNO

IL SINDACO del Comune di Longarone Circondario di Belluno Provincia di Belluno invita le Autorità civili e militari a lasciare

liberamente passare

figlio del defunto Sebastiano nativo di Longarone

Circondario di Belluno Provincia di Belluno

d'anni Sessanta di professione agricoltore i cui

contrassegni personali sono sopradescritti.

Dato a Longarone addì 6 Aprile 1881

SINDACO DEL COMUNE DI LONGARONE

Il Sindaco
G. Tiozzo

---

1 — Nascita di Sebastiano Bez Fontana
30 Settembre dal 1763
Figlio di Giacomo e Caterina Bez Fontana
Ammogliato da 1783
con Giuseppa Della Mea
di Pirago dal Sesto Comune
Con Giovanna Tremonti
Nata da 1767
Anno 25 Aprile
Figlia di Simone e Elena Bettio Tramontin

2 — Registrata
Il Giacomo Bez Nato
dal 1755
giorno 2 Agosto Mattina
Figlio secondogenito maschio

Il Domenica Perpetua
dal 1757
giorno 4 Novembre Mattina
morta dal 1773
giorno 5 giugno Mattina

III Caterina Bez
Nata dal 1789
Stelle 8 Sera

3 — Giacomo Bez
Nato dal 1791
Anno 2 Aprile Sera
Giovanni Bez
Nato dal 1792
Anno 25 Settembre Sera
Maria Bez
Nata dal 1795
16 Gennaio Mattina
Caterina Bez
Nata dal 1796
Ottobre 25 (a ore 4 pomeridiane)
VIII Lisa Bella Bez
Nata dal 1896
Luglio 21 (a ore 2 pomeridiane)
IX Angela Bez
Nata dal 1900
Maggio 20 a ore 8 e 46 minuti Pomeridiane

5 — 5 Febbraio 1912
Si ammogliati
Giacomo con
Anna Benedet

19 Ottobre 1912
Si ammogliato
Giacomo con
Anna Benedet

18 Gennaio 1913
Si ammogliato con
Loreto Cittadin
Giovanni Bez Fe

1913
Si ammogliato con
Antonia Benedet Giuseppe
fu Bez Fontana

7 — Ottobre 21 de 1917
Montenevoso
Bez Fontana Nota
dal 1837 (con 2 anno

Casamento do avô

Em 16 de junho de 1883, Sebastião Bez Fontana casou-se com Giovana Tramontin, ambos naturais da Itália.

Tiveram sete filhos, sendo cinco homens e duas mulheres: Cattarina, Giacomo, João, José, Rafael, Elias e Angelo Bez Fontana.

Árvore Genealógica da Família de "SEBASTIÃO BEZ FONTANA"

BEZ, Sebastiano (21·10·1805)
casou com DE BONA, Antonia (21·05·1808)

Filhos:

BEZ, Giovanni (11·12·1831)
BEZ, Giovanna (12·10·1835)
BEZ, Giácomo (13·01·1838) ⟹ BEZ, Giácomo (13·01·1838)
casou com DE BONA, Catterina (12·02·1838)

Filhos:

BEZ, Sebastiano (30·09·1863) ⟹ ÁRVORE
BEZ, Giovanni (01·11·1865)
BEZ, Luigi (05·09·1867)
BEZ, Antonia (· ·1869)
BEZ, Antonio (· ·1871)
BEZ, Maria (· ·1874)
BEZ, Anna Maria (21·11·1839)
BEZ, Giacoma (20·10·1843)
BEZ, Domenica (04·09·1845)
BEZ, Gio/Maria (04·08·1847)
BEZ, Pietro (30·08·1849)



Nesta casa morava Sebastião
Bez Fontana
Igne - Longarone
Beluno - Itália





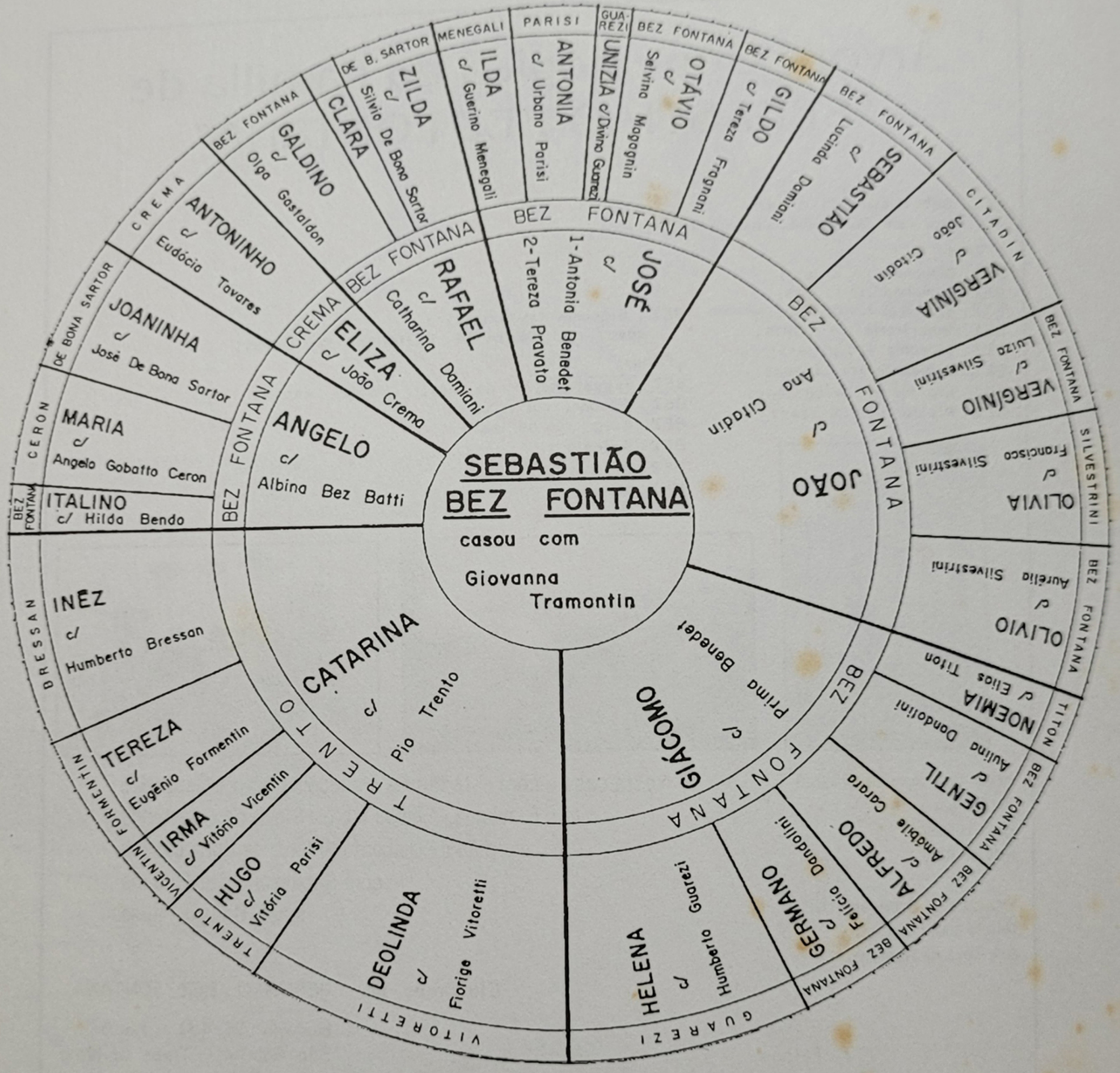
Nesta casa e com esta família começou a Árvore Sebastião
e Giovanna, 7 filhos e o pai Giacomo e Catterina
e a mãe de Giácomo Antonia de Bona casada
com Sebastiano Bez Fontana
Igne - Beluno - Itália

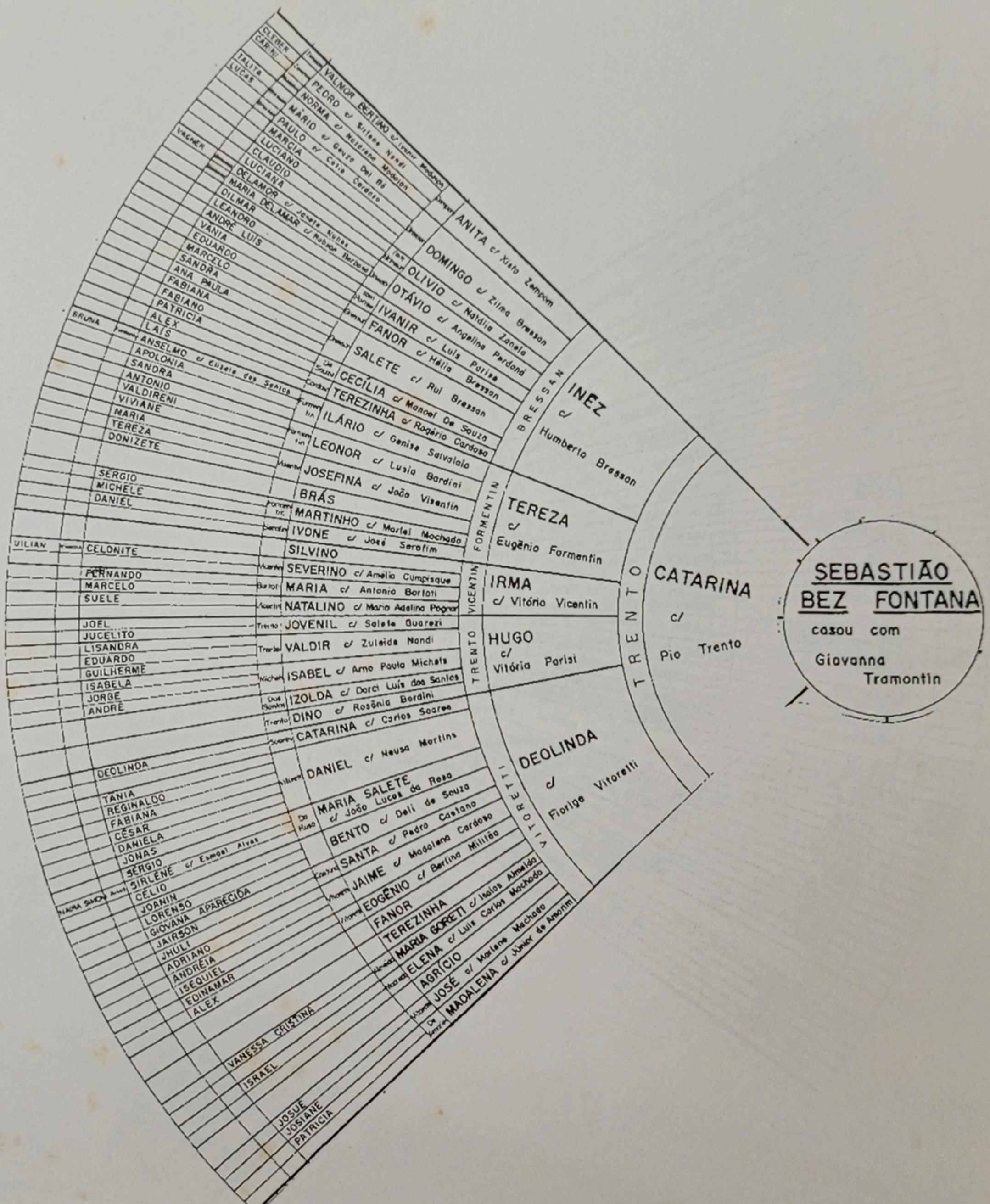
Veio para o Brasil em 1881
com 18 anos casou-se
com Giovanna Tramontin

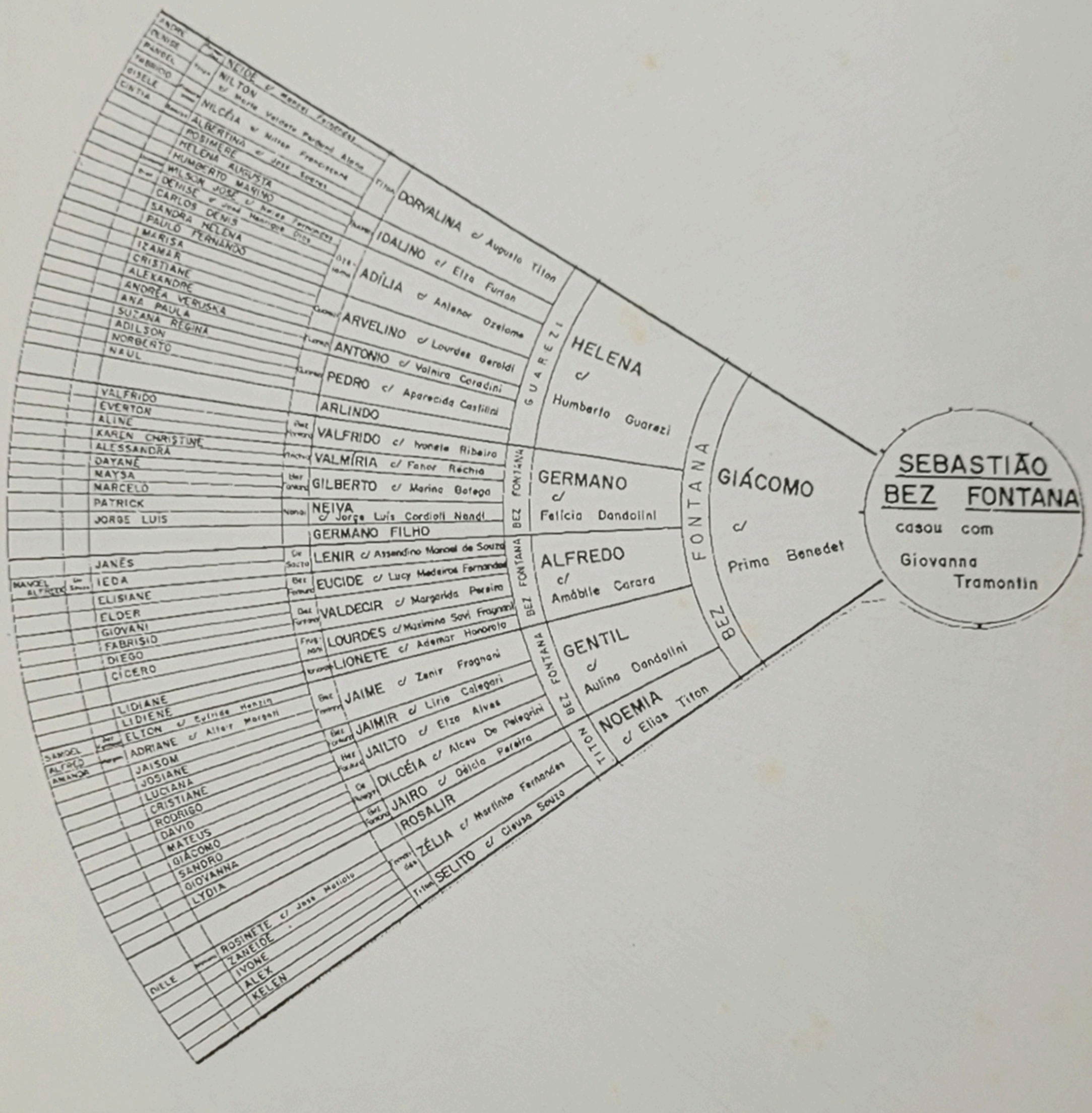
7 Filhos
27 Netos
145 Bisnetos
285 Trinetos
47 Tetranetos

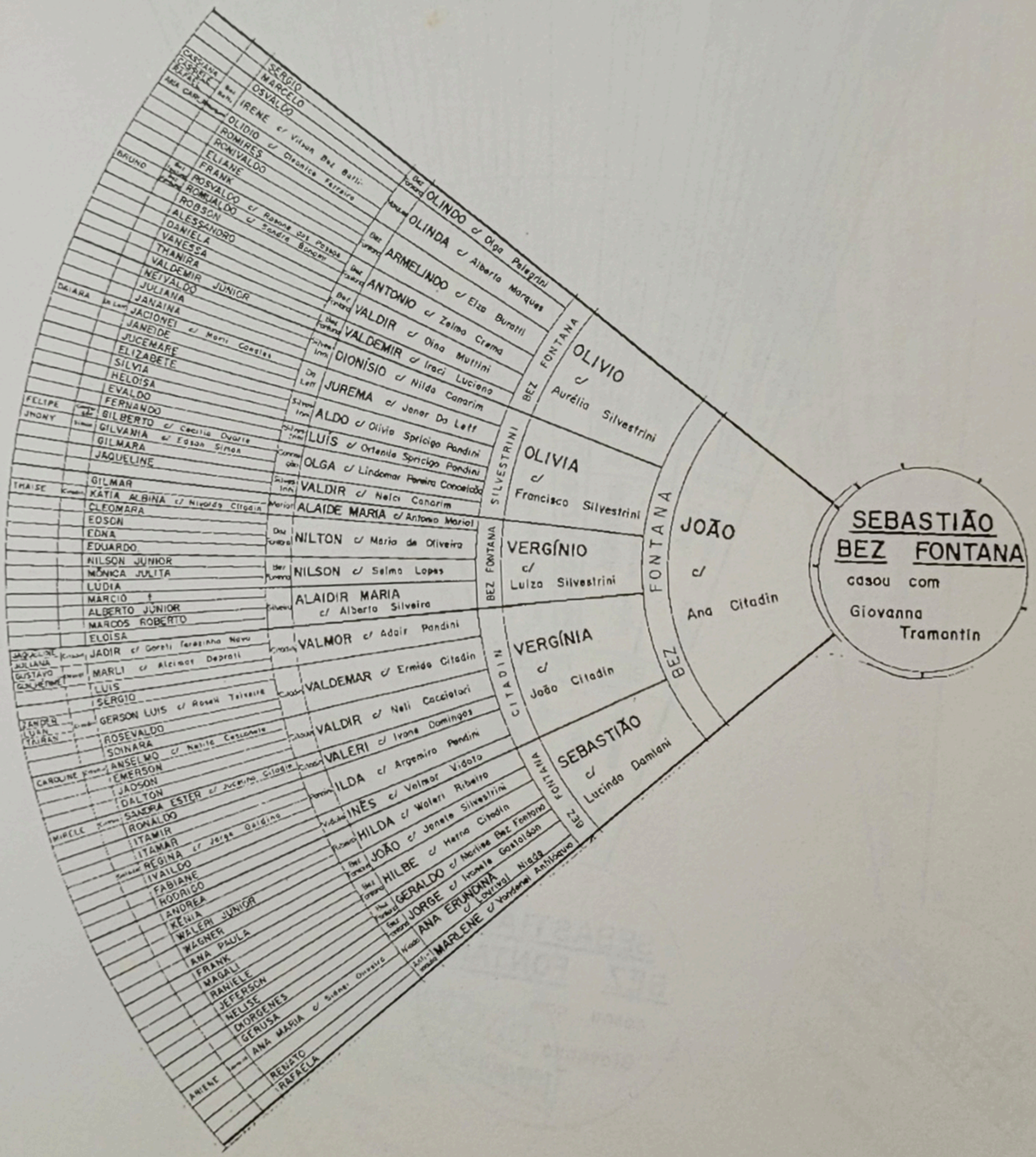
Elaborado por: GERMANO BEZ FONTANA
Rodovia SC-441 - Km 5
São Gabriel - Treze de Maio
Santa Catarina - Brasil
Fone: (0486) 25163

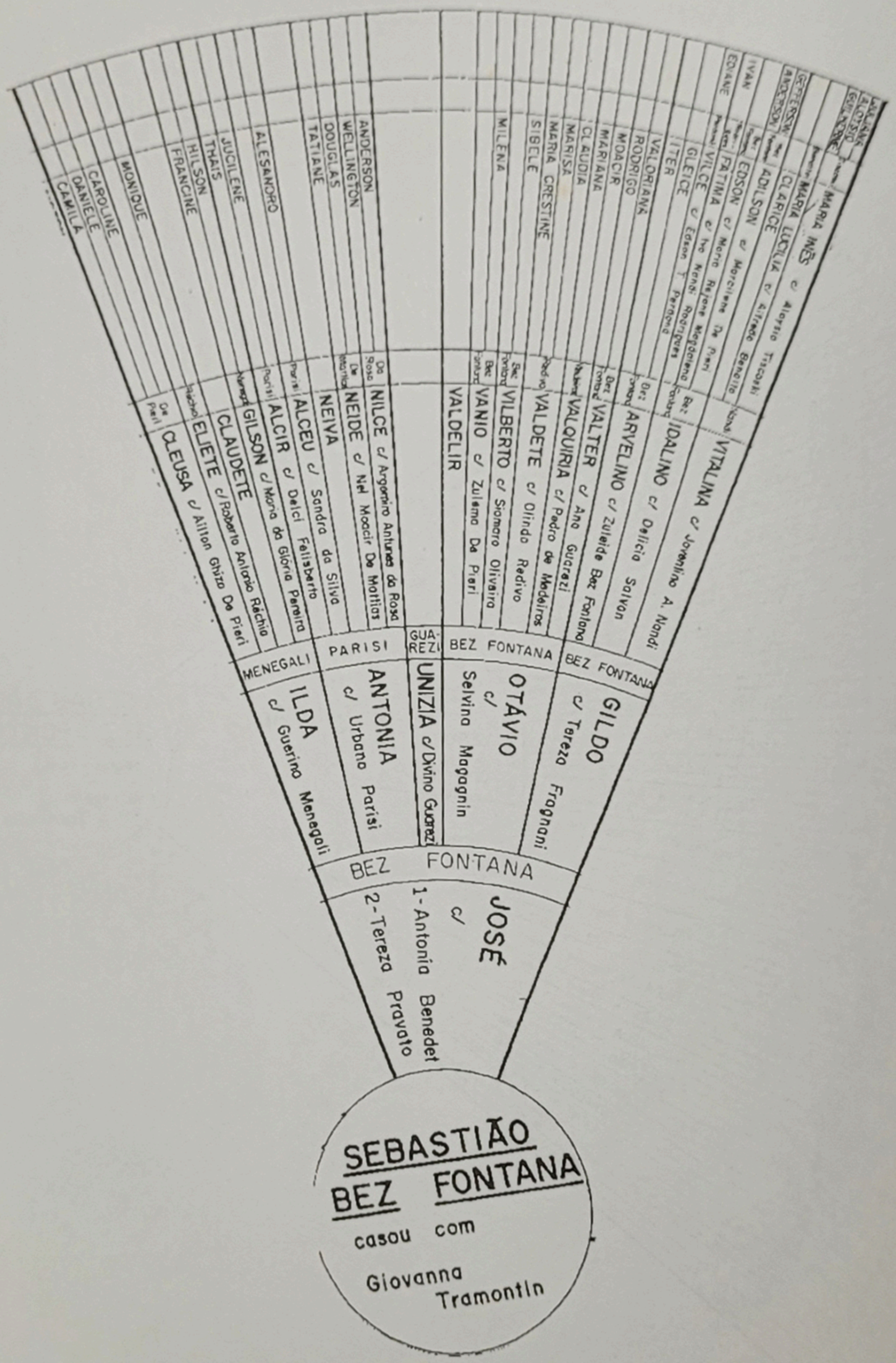
ANO · 1.990

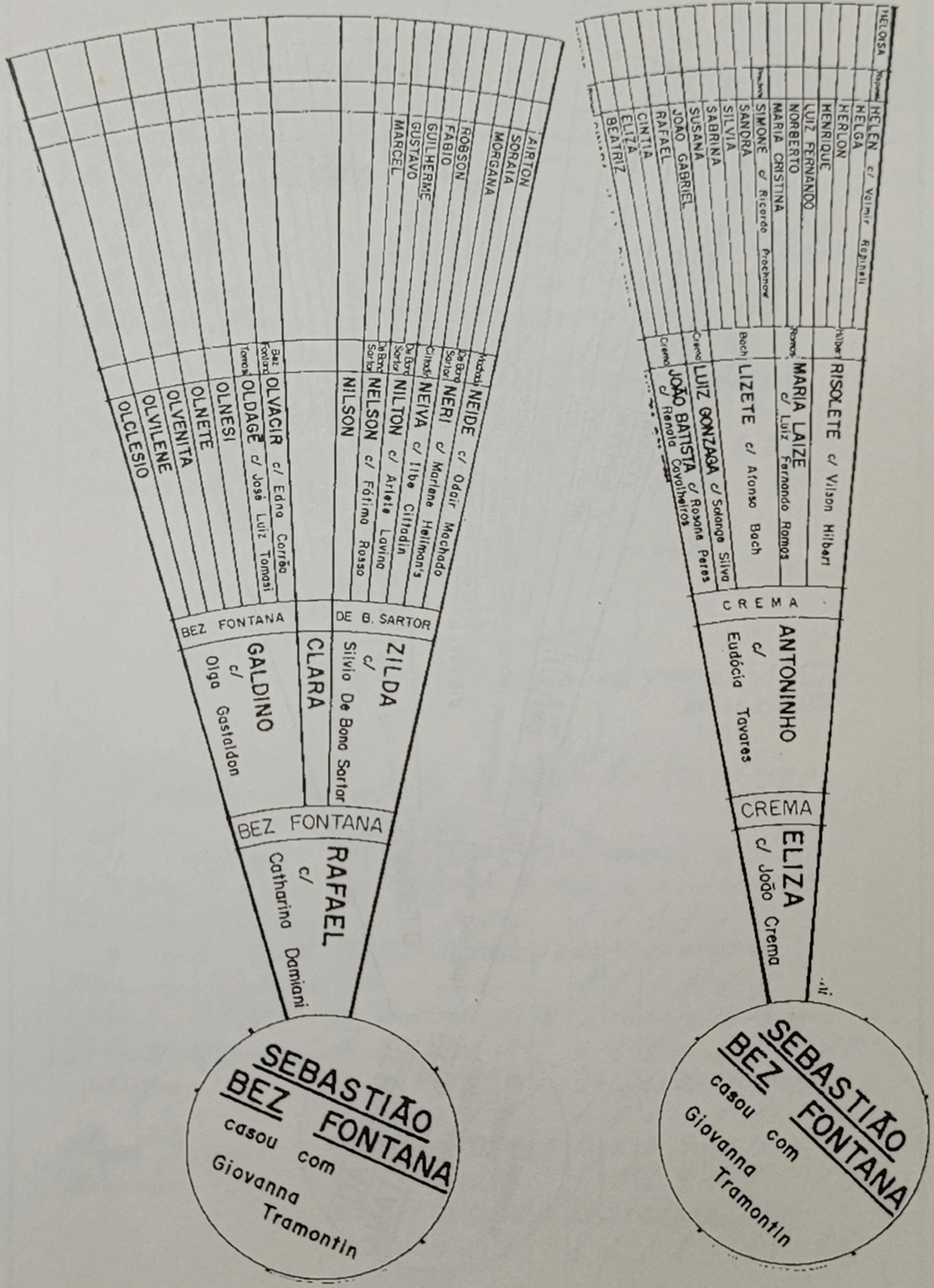

SEBASTIÃO
BEZ FONTANA
casou com
Giovanna Tramontin
JOSÉ
c/
1-Antonia Benedet
2-Tereza Pravato
JOÃO
c/
Ana Citadin
GIACOMO
c/
Prima Benedet
CATARINA
c/
Pio Trento
DEOLINDA
c/
Fiorigo Vitoretti
HELENA
c/
Guarezi
Humberto
GERMANO
c/
Felicia Dandolini
ALFREDO
c/
Amábile Cararo
GENTIL
c/
Auina Dandolini
NOEMIA
c/
Elios Titon
OLIVIO
c/
Aurélia Silvestrini
OLIVIA
c/
Francisco Silvestrini
VERGÍNIO
c/
Luiza Silvestrini
VERGÍNIA
c/
João Citadin
SEBASTIÃO
c/
Lucinda Damiani
GILDO
c/
Tereza Fragnani
OTÁVIO
c/
Selvino Magagnin
UNIZIA c/Divino Guarezi
ANTONIA
c/ Urbano Parisi
ILDA
c/ Guerino Menegali
ZILDA
c/
Silvio De Bona Sartor
CLARA
GALDINO
c/
Olga Gasfaldon
ANTONINHO
c/
Eudócia Tavares
RAFAEL
c/
Catharina Damiani
ELIZA
c/ João Crema
ANGELO
c/
Albina Bez Batti
JOANINHA
c/
José De Bona Sartor
MARIA
c/
Angelo Gobatto Ceron
ITALINO
c/ Hilda Bendo
INEZ
c/
Humberto Bressan
TEREZA
c/
Eugênio Formentin
IRMA
c/ Vitório Vicentin
HUGO
c/
Vitória Parisi
BEZ FONTANA
CREMA
DE BONA SARTOR
CERON
DRESSAN
FORMENTIN
VICENTIN
TRENTO
VITORETTI
GUAREZI
PARISI
MENEGALI
CITADIN
SILVESTRINI
TITON

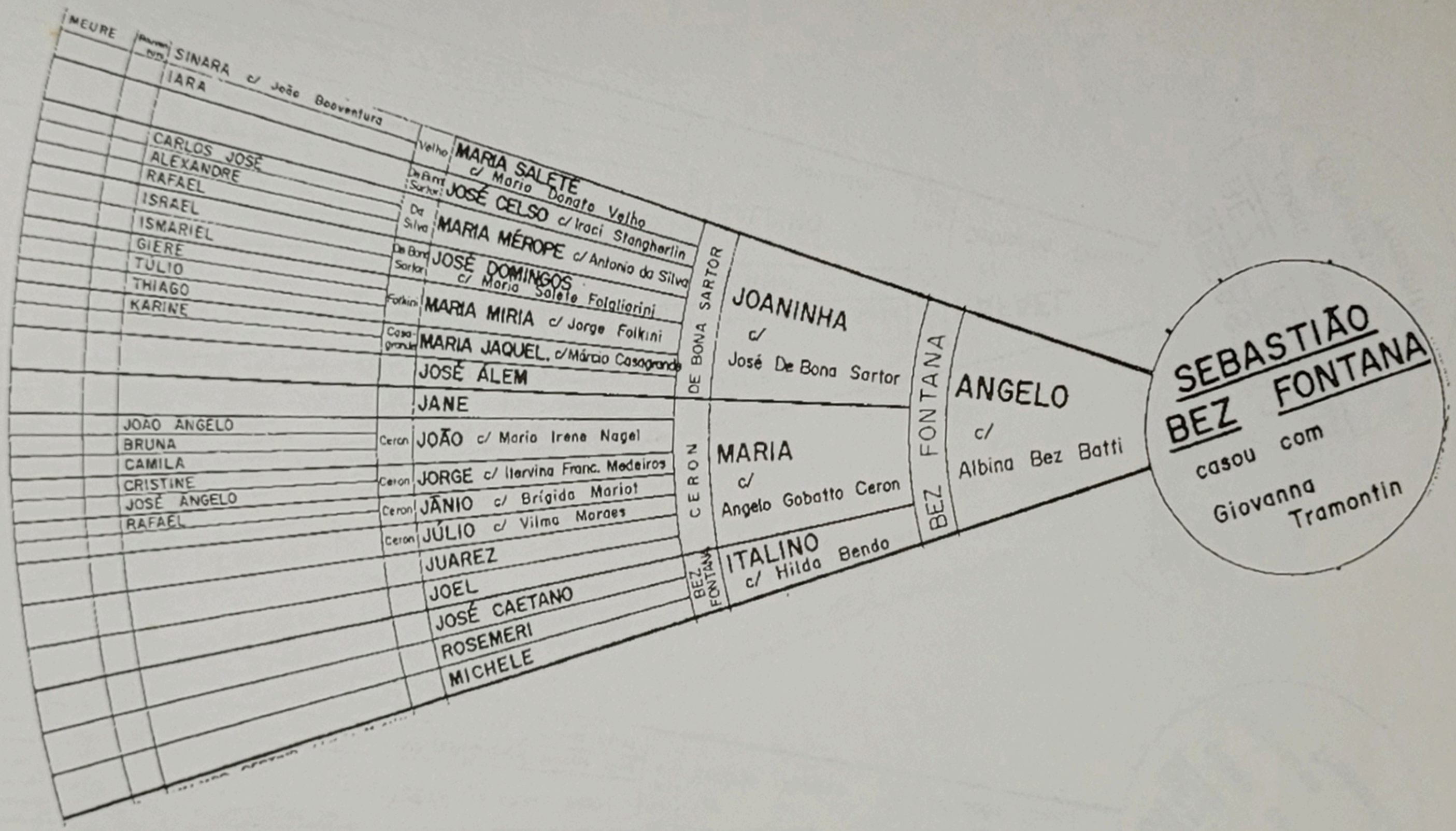

SEBASTIÃO BEZ FONTANA
casou com
Giovanna Tramontin
CATARINA c/ Pio Trento
DEOLINDA c/ Fiorigo Vitoretti
INEZ c/ Humberto Bresson
TEREZA c/ Eugênio Formentin
IRMA c/ Vitório Vicentin
HUGO c/ Vitória Parisi
ANITA c/ Xisto Zampom
DOMINGO c/ Zilma Bresson
OLIVIO c/ Natália Zanela
OTÁVIO c/ Angelina Pardoni
IVANIR c/ Luis Parise
FANOR c/ Hália Bresson
SALETE c/ Rui Bresson
CECÍLIA c/ Manoel De Souza
TEREZINHA c/ Rogério Cardoso
ILÁRIO c/ Genise Salvalaio
LEONOR c/ Lusia Bardini
JOSEFINA c/ João Visentin
BRÁS
MARTINHO c/ Martel Machado
IVONE c/ José Serafim
SILVINO
SEVERINO c/ Amélia Cumprisque
MARIA c/ Antonio Bortoti
NATALINO c/ Maria Adelina Pagnan
JOVENIL c/ Salete Guarezi
VALDIR c/ Zuleida Nandi
ISABEL c/ Arno Paulo Michels
IZOLDA c/ Dorci Luís dos Santos
DINO c/ Rosânia Bardini
CATARINA c/ Carlos Soares
DANIEL c/ Neusa Martins
MARIA SALETE c/ João Lucas da Rosa
BENTO c/ Deli de Souza
SANTA c/ Pedro Caetano
JAIME c/ Madalena Cardoso
EOGÊNIO c/ Berfina Millião
FANOR
TEREZINHA
MARIA GORETI c/ Isolos Almeida
ELENA c/ Luis Carlos Machado
AGRÍCIO
JOSÉ c/ Marlene Machado
MADALENA c/ Júnior do Amorim
CLEBER
GARINI
TALITA
LUCAS
VAGNER
VANIA
EDUARDO
MARCELO
SANDRA
ANA PAULA
FABIANA
FABIANO
PATRICIA
ALEX
LAIS
BRUNA
ANSELMO c/ Elizete dos Santos
APOLONIA
SANDRA
ANTONIO
VALDIRENI
VIVIANE
MARIA
TEREZA
DONIZETE
SERGIO
MICHELE
DANIEL
UILIAN
CELONITE
FERNANDO
MARCELO
SUELE
JOEL
JUCELITO
LISANDRA
EDUARDO
GUILHERME
ISABELA
JORGE
ANDRÉ
DEOLINDA
TANIA
REGINALDO
FABIANA
CÉSAR
DANIELA
JONAS
SÉRGIO
SIRLENE c/ Esmoel Alves
CÉLIO
JOANIN
LORENSO
GIOVANA APARECIDA
JAIRSON
JHULI
ADRIANO
ANDRÉIA
ISEQUIEL
EDINAMAR
ALEX
VANESSA CRISTINA
ISRAEL
JOSUÉ
JOSIANE
PATRICIA
DILMAR
LEANDRO
ANDRÉ LUÍS
MARIA DELAMAR c/ Roberto Barbosa
DELAMOR c/ Janete Nunes
LUCIANA
CLAUDIO
LUCIANO
MARCIA
PAULO
MÁRIO
NORMA
PEDRO
VALNOR BERTANO
BRESSAN
FORMENTIN
VICENTIN
TRENTO
PARISI
VITORETTI


SEBASTIÃO BEZ FONTANA
casou com
Giovanna Tramontin
GIÁCOMO
c/
Prima Benedet
FONTANA BEZ
HELENA
c/
Humberto Guarezi
GUAREZI
DORVALINA c/ Augusto Tilon
IDALINO c/ Elza Furlan
ADÍLIA c/ Anlenor Ozelame
ARVELINO c/ Lourdes Geroldi
ANTONIO c/ Valmira Coradini
PEDRO c/ Aparecida Castilini
ARLINDO
GERMANO
c/
Felícia Dandolini
BEZ FONTANA
VALFRIDO c/ Ivanete Ribeiro
VALMÍRIA c/ Fanor Rechia
GILBERTO c/ Marina Botega
NEIVA c/ Jorge Luis Cordioli Nandi
GERMANO FILHO
LENIR c/ Assandino Manoel de Souza
EUCIDE c/ Lucy Medeiros Fernandes
VALDECIR c/ Margarida Pereira
LOURDES c/ Maximino Savi Fragnani
LIONETE c/ Ademar Honorato
ALFREDO
c/
Amábile Carara
BEZ FONTANA
JAIME c/ Zenir Fragnani
JAIMIR c/ Lirio Calegari
JAILTO c/ Elza Alves
DILCÉIA c/ Alceu De Pelegrini
JAIRO c/ Délcia Pereira
ROSALIR
ZÉLIA c/ Martinho Fernandes
SELITO c/ Cleusa Souza
GENTIL
c/
Aulina Dandolini
TILTON
NOEMIA
c/ Elias Tilon
NETTO c/ Marcos Fantinel
NILTON
c/ Maria Valdete Parisotti Alano
NILCÉIA c/ Marco Francisconi
ALBERTINA c/ José Soares
ROSIMERE
HELENA AUGUSTA
HUMBERTO MARINO
WILSON JOSÉ c/ Ivone Fernandes
DENISE c/ José Henrique Dias
CARLOS DENIS
SANDRA HELENA
PAULO FERNANDO
MARISA
IZAMAR
CRISTIANE
ALEXANDRE
ANDRÉA VERUSKA
ANA PAULA
SUZANA REGINA
ADILSON
NORBERTO
NAUL
VALFRIDO
EVERTON
ALINE
KAREN CHRISTINE
ALESSANDRA
DAYANE
NAYSA
MARCELO
PATRICK
JORGE LUIS
JANES
IEDA
ELISIANE
ELDER
GIOVANI
FABRISIO
DIEGO
CÍCERO
LIDIANE
LIDIENE
ELTON c/ Sulrige Hentz
ADRIANE c/ Altair Margoti
JAISOM
JOSIANE
LUCIANA
CRISTIANE
RODRIGO
DAVID
MATEUS
GIÁCOMO
SANDRO
GIOVANNA
LYDIA
ROSINETE c/ José Matiolo
ZANEIDE
IVONE
ALEX
KELEN


SEBASTIÃO
BEZ FONTANA
casou com
Giovanna Tramontin
JOÃO
Ana Citadin
OLIVIO
Aurélia Silvestrini
OLIVIA
Francisco Silvestrini
VERGÍNIO
Luiza Silvestrini
VERGÍNIA
João Citadin
SEBASTIÃO
Lucinda Damiani
OLINDO
OLINDA
ARMELINDO
ANTONIO
VALDIR
VALDEMIR
DIONÍSIO
JUREMA
ALDO
LUÍS
OLGA
VALDIR
ALAIDE MARIA
NILTON
NILSON
ALAIDIR MARIA
VALMOR
VALDEMAR
VALDIR
VALERI
ILDA
INÊS
HILDA
JOÃO
HILBE
GERALDO
JORGE
ANA ERUNDINA
MARLENE
SERGIO
MARCELO
OSVALDO
IRENE
OLIDIO
ROMIRES
RONIVALDO
ELIANE
FRANK
ROSVALDO
ROMUALDO
ROBSON
ALESSANDRO
DANIELA
VANESSA
THANIRA
VALDEMIR JUNIOR
NEIVALDO
JULIANA
JANAINA
JACIONEI
JANEIDE
JUCEMARE
ELIZABETE
SILVIA
HELOISA
EVALDO
FERNANDO
GILBERTO
GILVANIA
GILMARA
JAQUELINE
GILMAR
KÁTIA ALBINA
CLEOMARA
EOSON
EDNA
EDUARDO
NILSON JUNIOR
MÔNICA JULITA
LÚDIA
MARCIO †
ALBERTO JÚNIOR
MARCOS ROBERTO
ELOISA
JADIR
MARLI
LUIS
SERGIO
GERSON LUIS
ROSEVALDO
SOINARA
ANSELMO
EMERSON
JADSON
DALTON
SANDRA ESTER
RONALDO
ITAMIR
ITAMAR
REGINA
IVAILDO
FABIANE
RODRIGO
ANDREA
KÊNIA
WALERI JUNIOR
WAGNER
ANA PAULA
FRANK
MAGALI
RANIELE
JEFERSON
NELISE
DIORGENES
GERUSA
ANA MARIA
RENATO
RAFAELA
CASSIANA
CISSELE
BIANCA
BRUNO
DAIARA
FELIPE
JHONY
THAISE
JACKELINE
JULIANA
GUSTAVO
CAROLINE
ANDRÉ
LUAN
TAIRAN
MARCELE
ARIENE
BEZ FONTANA
CITADIN
SILVESTRINI
FONTANA

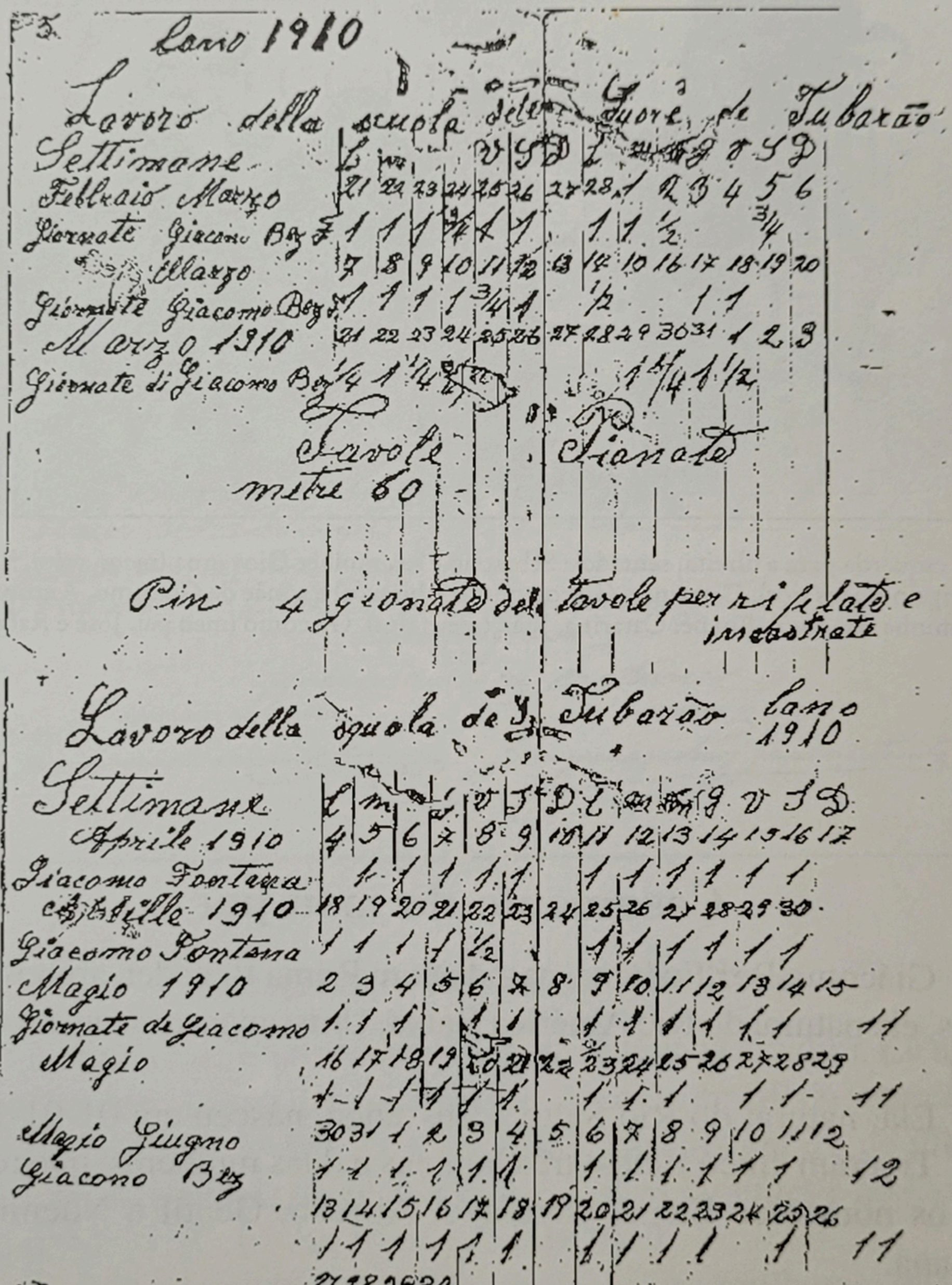

SEBASTIÃO
BEZ FONTANA
casou com
Giovanna
Tramontin
JOSÉ
c/
1-Antonia Benedet
2-Tereza Pravato
BEZ FONTANA
OTÁVIO
c/
Selvina Magagnin
BEZ FONTANA
GILDO
c/ Tereza Fragnani
BEZ FONTANA
ANTONIA
c/ Urbano Parisi
PARISI
UNIZIA c/ Divino Guarezi
GUAREZI
ILDA
c/ Guerino Menegali
MENEGALI
VITALINA c/ Jovanilino A. Nandi
IDALINO c/ Odilcia Salvan
ARVELINO c/ Zuleide Bez Fontana
VALTER c/ Ana Guarezi
VALQUIRIA c/ Pedro de Medeiros
VALDETE c/ Olindo Redivo
VILBERTO c/ Siomara Oliveira
VANIO c/ Zulema Da Pieri
VALDELIR
NILCE c/ Argemiro Antunes da Rosa
NEIDE c/ Nel Moacir De Mattias
NEIVA
ALCEU c/ Sandra da Silva
ALCIR c/ Delci Felisberto
GILSON c/ Maria da Glória Pereira
CLAUDETE
ELIETE c/ Roberto Antonio Réchia
CLEUSA c/ Allton Ghizo Da Pieri
ALESSANDRO
JUCILENE
THAIS
HILSON
FRANCINE
MONIQUE
CAROLINE
DANIELE
CAMILA
ANDERSON
WELLINGTON
DOUGLAS
TATIANE
IVAN
EDNANE
GLEICE c/ Edson T. Peregrino
ITER
VALORIANA
RODRIGO
MOACIR
MARIANA
CLAUDIA
MARISA
MARIA CRESTINE
SIBELE
MILENA
ADILSON c/ Marcileine De Pieri
CLARICE c/ Alcyrio Tricoski
MARIA INÊS c/ Alcyrio Tricoski
EDSON c/ Marcileine De Pieri
FÁTIMA c/ Alcyrio Benetti
VILCE c/ Ivo Nandi Rodrigues
ANDERSON c/ Maria Magdalena Nandi Rodrigues
GEFERSON c/ Alcyrio Tricoski


HELOISA
HELEN c/ Valmir Rapinelli
HELGA
HERLON
HENRIQUE
LUIZ FERNANDO
NORBERTO
MARIA CRISTINA
SIMONE c/ Ricardo Prochnow
SANDRA
SILVIA
SABRINA
SUSANA
JOAO GABRIEL
RAFAEL
CINTIA
ELIZA
BEATRIZ
RISOLETE c/ Vilson Hilbert
MARIA LAIZE c/ Luiz Fernando Ramos
LIZETE c/ Afonso Bach
LUIZ GONZAGA c/ Solange Silva
JOÃO BATISTA c/ Rosana Peres c/ Renata Cavalheiros
ANTONINHO c/ Eudócia Tavares
CREMA
ELIZA c/ João Crema
SEBASTIÃO BEZ FONTANA casou com Giovanna Tramontin
AIRTON
SORAIA
MORGANA
ROBSON
FABIO
GUILHERME
GUSTAVO
MARCEL
NEIDE c/ Odair Machado
NERI c/ Marlene Hellman's
NEIVA c/ Ilbo Cittadin
NILTON c/ Arleto Lavina
NELSON c/ Fátima Rosso
NILSON
DE B. SARTOR
ZILDA c/ Silvio De Bona Sartor
CLARA
BEZ FONTANA
OLVACIR c/ Edna Corrêa
OLDAGE c/ José Luiz Tomasi
OLNESI
OLNETE
OLVENITA
OLVILENE
OLCLESIO
GALDINO c/ Olga Gastaldon
BEZ FONTANA
RAFAEL c/ Catharina Damiani
SEBASTIÃO BEZ FONTANA casou com Giovanna Tramontin


MEURE
SINARA c/ João Boaventura
IARA
CARLOS JOSÉ
ALEXANDRE
RAFAEL
ISRAEL
ISMARIEL
GIERE
TULIO
THIAGO
KARINE
JOAO ANGELO
BRUNA
CAMILA
CRISTINE
JOSÉ ANGELO
RAFAEL
Velho
MARIA SALETE c/ Mario Donato Velho
De Bona Sartor
JOSÉ CELSO c/ Iraci Stanghorlin
Da Silva
MARIA MÉROPE c/ Antonio da Silva
De Bona Sartor
JOSÉ DOMINGOS c/ Maria Solete Folgliorini
Folkini
MARIA MIRIA c/ Jorge Folkini
Casagrande
MARIA JAQUEL. c/Márcio Casagrande
JOSÉ ÁLEM
JANE
Ceron
JOÃO c/ Maria Irene Nagel
Ceron
JORGE c/ Ilervina Franc. Medeiros
Ceron
JÂNIO c/ Brígida Mariot
Ceron
JÚLIO c/ Vilma Moraes
JUAREZ
JOEL
JOSÉ CAETANO
ROSEMERI
MICHELE
DE BONA SARTOR
JOANINHA c/ José De Bona Sartor
CERON
MARIA c/ Angelo Gobatto Ceron
BEZ FONTANA
ITALINO c/ Hilda Bendo
BEZ FONTANA
ANGELO c/ Albina Bez Batti
SEBASTIÃO BEZ FONTANA
casou com
Giovanna Tramontin

Colégio São José § Tubarão

Meu pai, em 1910, quando ainda era solteiro, trabalhou no colégio São José, das irmãs religiosas de Tubarão como carpinteiro. Em anexo, caderneta de ponto feita por ele.


Lavoro 1910

Lavoro della squola delle Suore de Tubarão

Settimane

Febbraio Marzo

Giornate Giacomo Bez

Ellazo

Giornate Giacomo Bez

Marzo 1910

Giornate di Giacomo Bez

Lavore

Giornate

mtre 60

Pini 4 giornate dei lavore per rifilate e incastrate

Lavoro della squola de Tubarão Lano 1910

Settimane

Aprile 1910

Giacomo Fontana

Aprile 1910

Giacomo Fontana

Maggio 1910

Giornate de Giacomo

Maggio

Maggio Giugno

Giacomo Bez



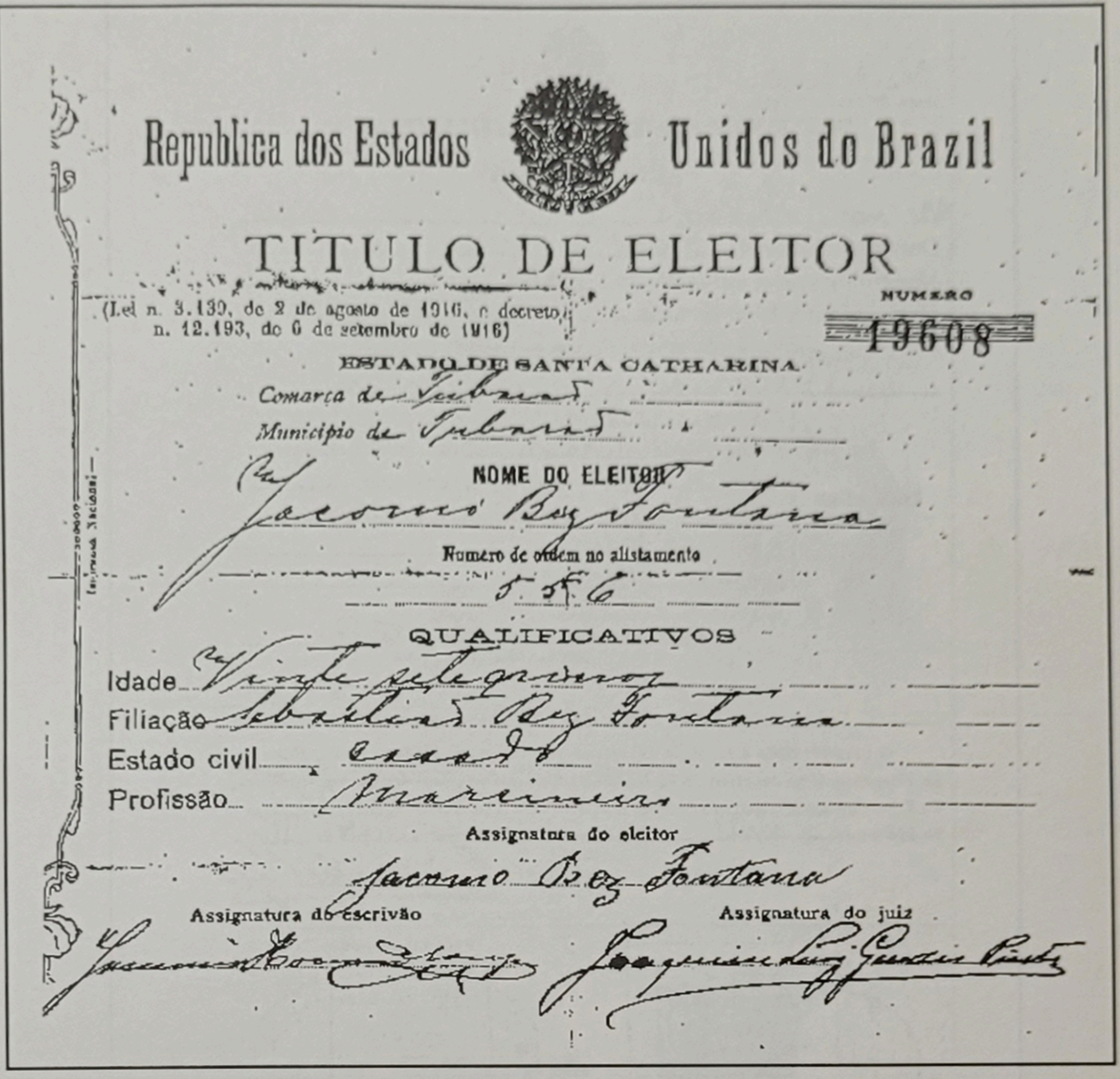
Da esquerda para a direita, sentados: Sebastião e sua mulher Giovanna (meus avós), Eliza e Angelo (meus tios), Catarina e Giacomo (meus bisavós) e a mãe de Giacomo, Antõnia de Bona(minha tataravô). Em pé: Catarina, João (meus tios), Giacomo (meu pai, José e Rafael (meus tios).

Casamento do meu pai

Giácomo Bez Fontana, casado com Prima Benedet, ambos brasileiros, ele natural do Rio América Baixa, Urussanga, nasceu em 05-04-1891.

Ela, natural do Rio Salto, Urussanga, nasceu em 01-01-1892.

Tiveram cinco filhos: três homens e duas mulheres, que receberam os nomes de Elena, Germano, Alfredo, Gentil e Noemia Bez Fontana.



Republica dos Estados Unidos do Brazil

TITULO DE ELEITOR

(Lei n. 3.139, de 2 de agosto de 1916, e decreto n. 12.193, de 6 de setembro de 1916)

NUMERO 19608

ESTADO DE SANTA CATHARINA

Comarca de Tubarão

Municipio de Tubarão

NOME DO ELEITOR

Jacomo Bez Fontana

Numero de ordem no alistamento

556

QUALIFICATIVOS

Idade Vinte e tres annos

Filiação Sebastião Bez Fontana

Estado civil casado

Profissão Marceneiro

Assignatura do eleitor

Jacomo Bez Fontana

Assignatura do escrivão

Assignatura do juiz

Casamento do autor do livro

Germano Bez Fontana, casado com Felícia Dandolini. Eu natural do Rio América Baixa, Urussanga- SC, nascido em 19 de setembro de 1915. Ela, natural de Treze de Maio-SC, nascida em 31 de julho de 1922. Casamos pela Igreja Católica em Pedras Grandes e no Civil em Treze de Maio-SC, no dia 10 de julho de 1940.

Tivemos cinco filhos: três homens e duas mulheres, que receberam os nomes de Valfrido, Valmíria, Gilberto, Neiva e Germano.

N. de ordem

(Polo de Tribunal Eleitoral)

TITULO DE ELEITOR

SANTA CATARINA

12ª zona Laguna

Domicílio eleitoral Tubarão

Número de ordem da inscrição 1.360

Data da inscrição no cartório 7 de Março de 1933

NOME E SOBRENOME DO ELEITOR (Sexo masculino)

Antonio Luiz Goulart

Filiação Deodato Luiz Goulart

Nacionalidade Brasileira Natural de Tubarão

Idade 42 anos — Data do nascimento 5 de Março de 1891

Estado civil Casado

Profissão Industrial

Assinatura do eleitor

Fiscal de mesa

O presente título é expedido de acôrdo com o Código Eleitoral da República e em cumprimento ao despacho do Tribunal Superior Eleitoral do Estado de Santa Catarina e recebeu o visto de ... em ... de ... de 1945.

Presidente da ... Eleitoral

Polegar direito

Fórmula dactiloscópica

ESTADO DE SANTA CATARINA

SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA

SUB-DELEGACIA DE POLICIA DO 6.º DISTRITO DE

13 DE MAIO

MUNICIPIO DE TUBARÃO

SALVO CONDUTO Nº. 16

Valido por 60 dias, salvo revalidação

Nome Giacomo Bg Fontana

Nacionalidade Brasileira

Idade 50 [illegible] casado

Profissão Comerciante

Residência Treze de Maio

Está hospedado

Assinatura do portador:

Giacomo Bg Fontana



SELOS

Treze de Maio, 27-1-942

O Delegado de Policia

27/Janeiro/942

POLEGAR DIREITO

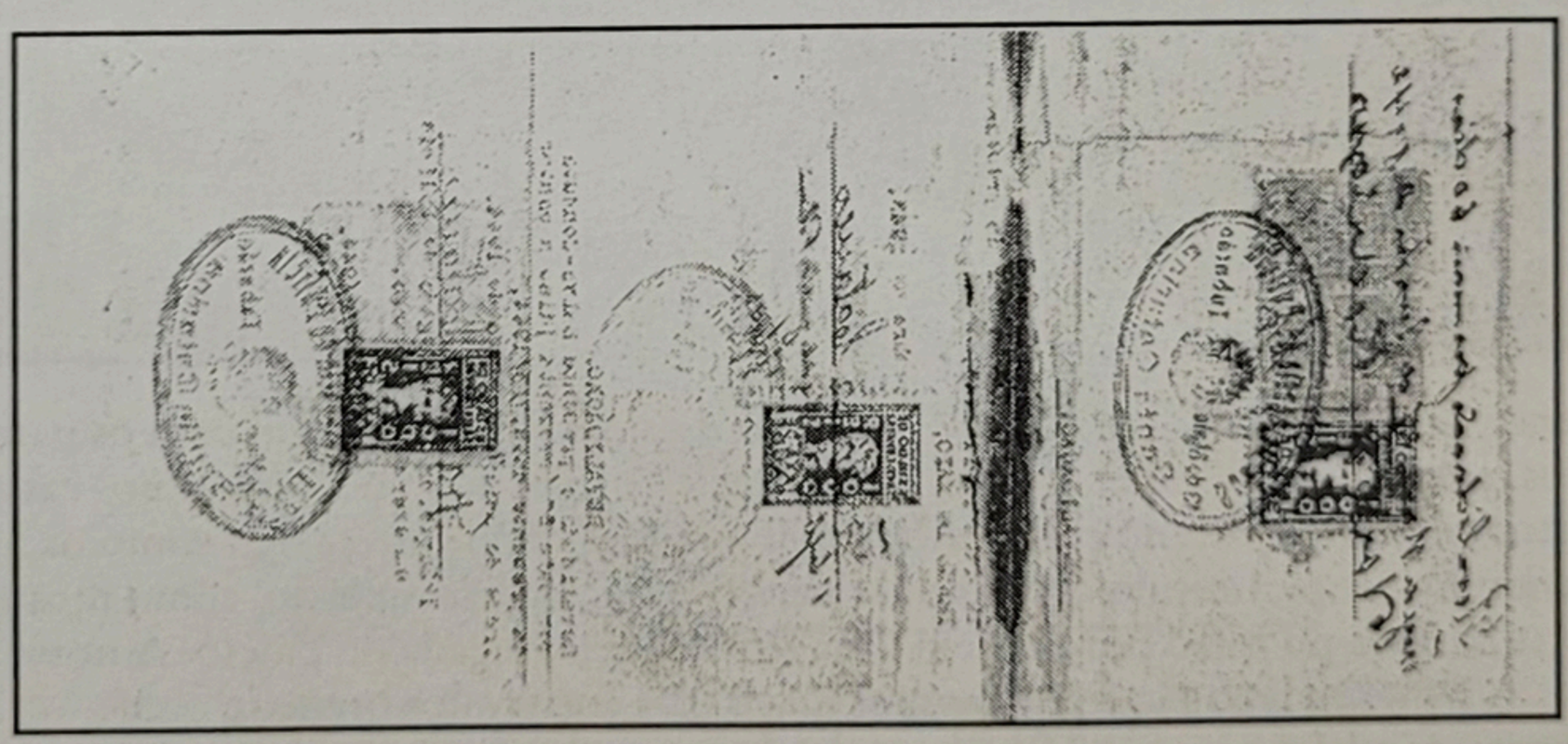
OBSERVAÇÕES

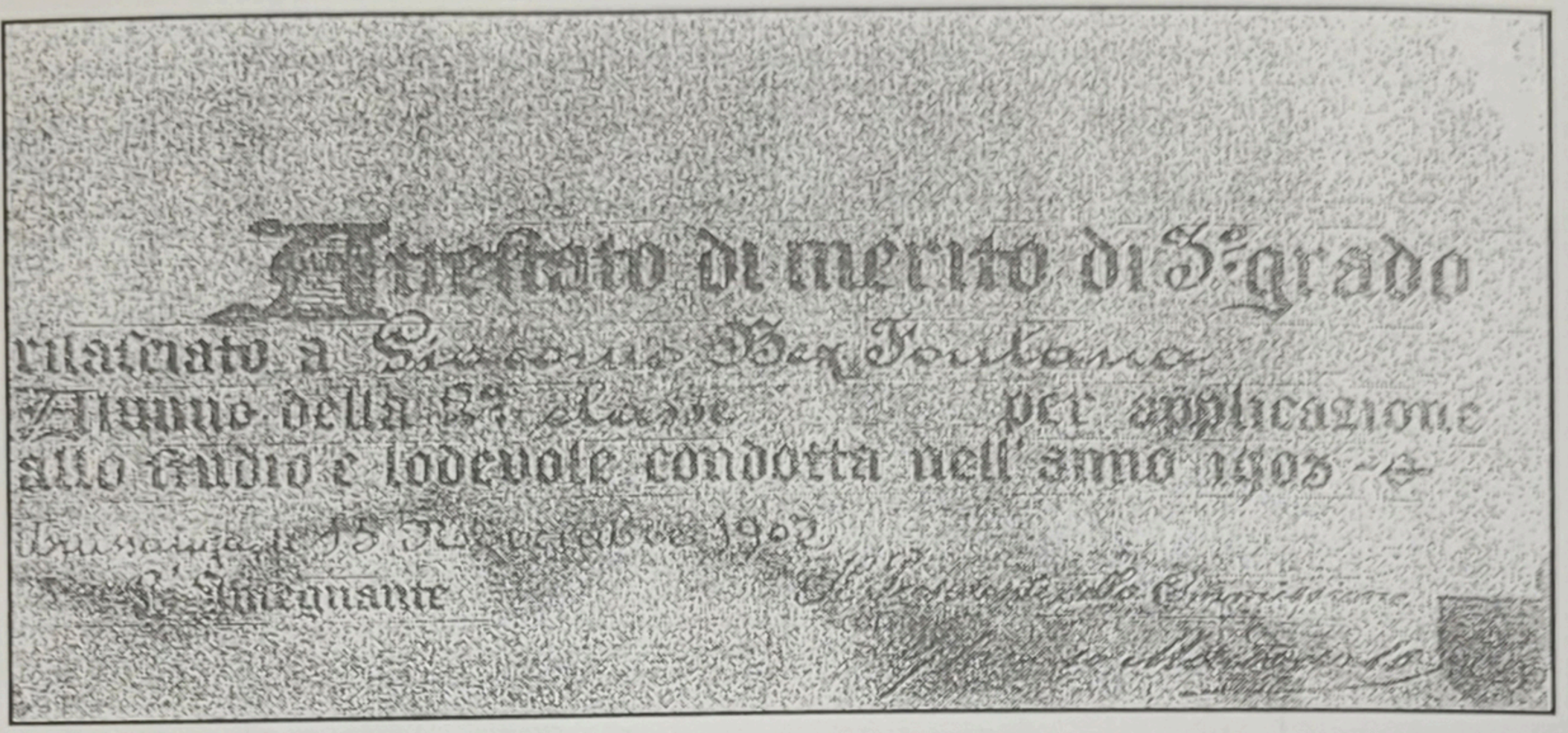
Visto acompanhado de

13 de Maio 27 de Janeiro de 1942

Mario Francisco Rodrigues

SUB-DELEGADO DE POLICIA




Attestato di merito di 5ª grado
rilasciato a Giacomo Bez Fontana
Alunno della 5ª classe per applicazione
allo studio e lodevole condotta nell'anno 1902
Brusque, li 15 Dicembre 1902
Il Direttore
L'Insegnante



Casamento de meus pais Giacomo Bez Fontana e prima Benedet, junto com os parentes e convidados, em 19-10-1912. Nos fundos se vê o gaiteiro, que não podia faltar nos casamentos. Outro fato que chama a atenção é que as damas não montavam no cavalo como os homens. Elas sentavam no selim, ficando com as duas pernas para o lado esquerdo, como mostra a foto. O noivo se destaca no meio porque tem uma flor branca pregada no paletó. A noiva está ao seu lado esquerdo, ambos montados em cavalos brancos.
Mas a frente, também montandos em cavalos brancos, cruzando a cabeça, está o irmão do noivo, José, com a namorada Antonia, irmã da noiva.



Casamento de meu pai, na hora do almoço. Na cerca há um chapéu de palha branco e meu pai está sentado na frente, com a noiva no lado esquerdo. Nos fundos da foto, de chapéu preto, está o meu bisavó com a mulher.

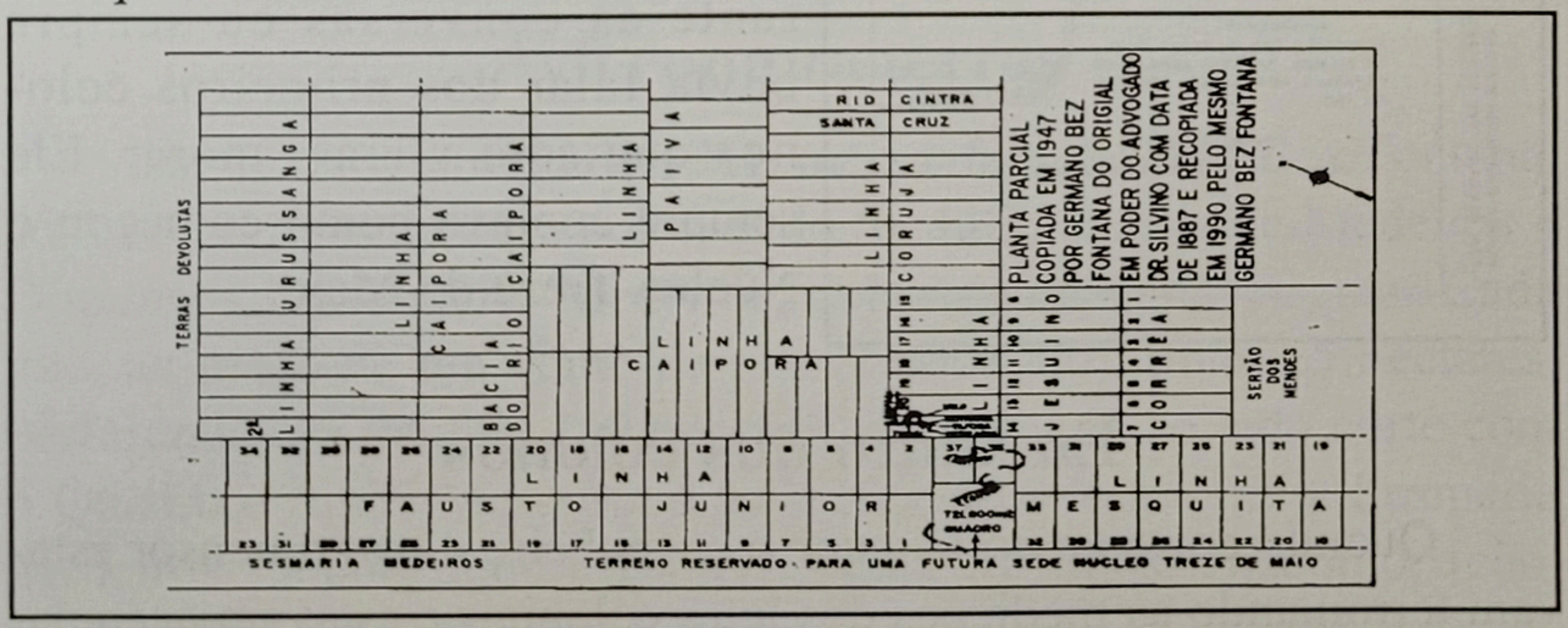


Meu pai, Giacomo Bez Fontana, com minha mãe, Prima Benedet, no dia do casamento, em 19-10-1912.

Capítulo 2

Medição de terras devolutas

Por volta de 1887, o engenheiro Augusto Fausto Souza Júnior e o agrimensor Antônio Lopez Mesquita, mediram as terras devolutas, hoje município de Treze de Maio. O Travessão da "Linha Mesquita", partia do Sertão dos Corrêa, com os lotes nº1 e 2 e seguido com os dois lotes paralelos até chegar ao fim, com os lotes nº 35 e 37. O lote nº1 fazia fundo com a Sesmaria Medeiros e o nº 2 com o Sertão Mendes ou com terras devolutas. Foi colocado o nome do Travessão de "Linha Mesquita" em homenagem ao agrimensor, Antônio Lopes Mesquita. Cada lote colonial tinha em média 30 hectares.

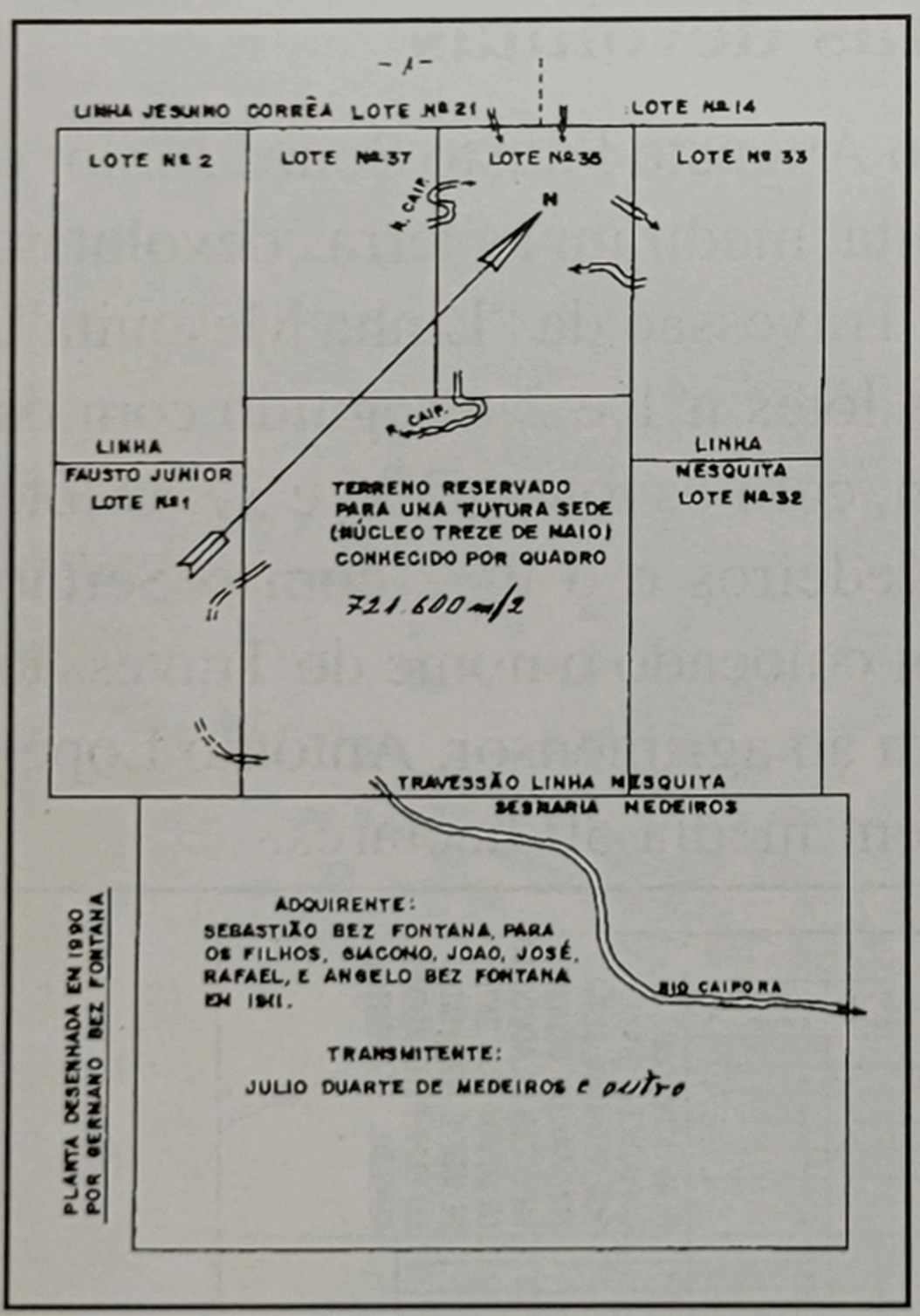


Mapa da Terra Rural da "Linha Mesquita"

Quadro-futura sede

Os lotes nº 34 e 36, o "quadro de terras" ficou reservado para uma futura sede. Estremando ao leste com os lotes nº 32 e 33, oeste com os lotes nº 1 e 2, sul com Sesmaria Medeiros, norte com os lotes 35 e 37. Estes dois últimos ficaram com menor área, porque uma parte de cada um deles ficou para completar o "quadro de terras" para a futura sede, que teria a área de 721.600 m2.

Depois do quadro reservado de terras, seguiram com o mesmo travessão com os dois lotes paralelos, começando outra vez com os lotes nº 1 e 2, que foi seguindo até o rio Urussanga, divisa hoje com o município de Morro da Fumaça, estremando ao sul com a Sesmaria Medeiros e ao norte com terras devolutas. O Travessão chamou-se "Linha Fausto Júnior", em homenagem ao engenheiro Augusto Fausto Souza Júnior.



Nos doze anos em que meu pai foi Intendente do Distrito do Núcleo Treze de Maio (Quadro), eu sempre o ajudei levando recados e trazendo notícias e durante as conversas eu sempre ouvia falar dos primeiros colonos que aqui vieram morar. Ele sempre contava como começou o Núcleo Treze de Maio.

Encontro dos colonos

Quando correu a notícia que o engenheiro e o agrimensor estavam terminando as medições dos lotes coloniais e estavam acampados na futura sede "Quadro", os colonos se comunicaram e marca-

ram um dia para se encontrarem no local.

Os imigrantes italianos entraram pela Azambuja, Linha Mesquista e Urussanga Baixa, pelas picadas abertas em plena mata virgem.

Os portugueses, açorianos e outros entraram via Sesmaria Medeiros, subiram pelas picadas margeando o Rio Caipora e o encontro deu-se exatamente no dia 13 de maio de 1888.

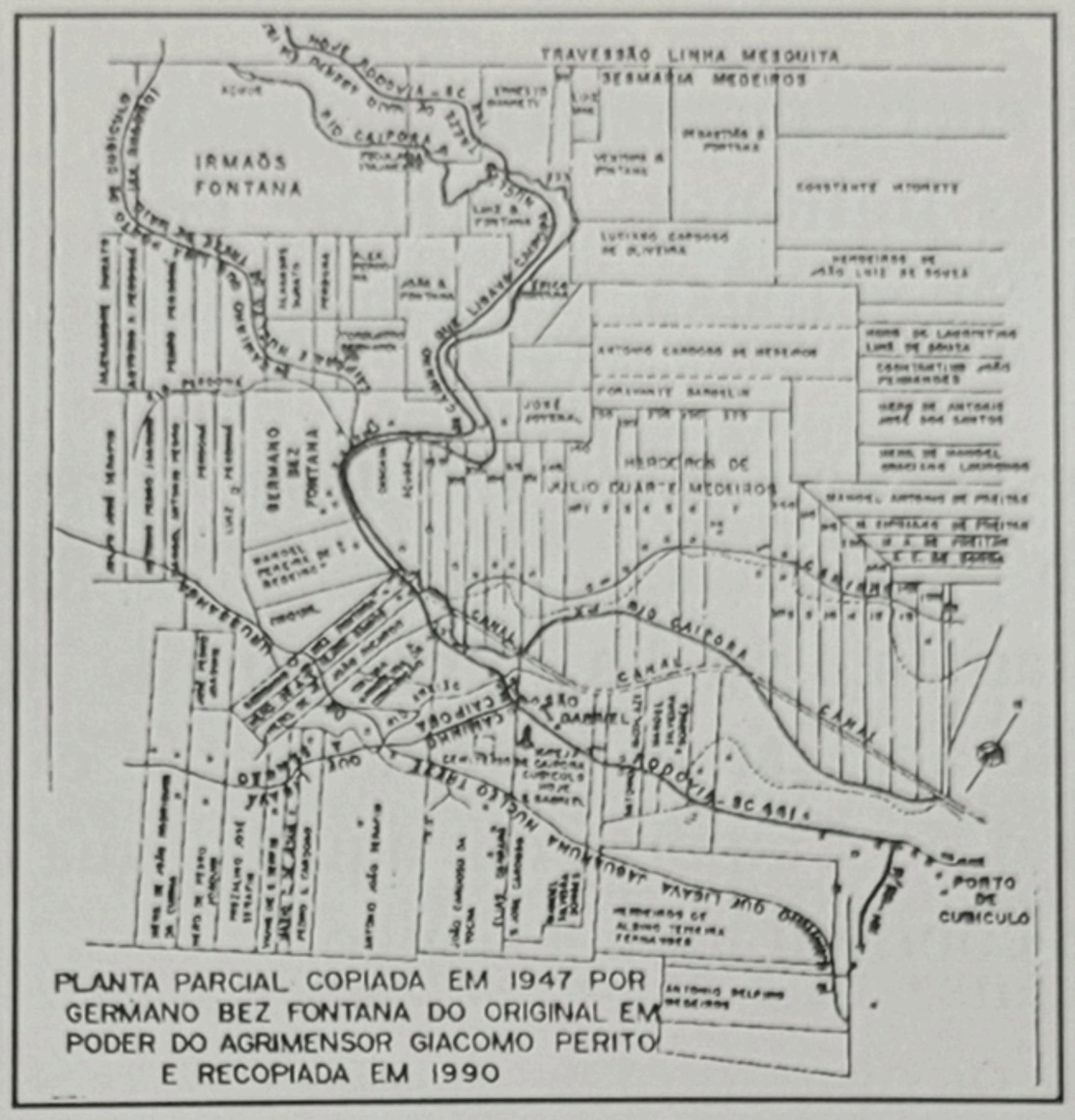
Os colonos se abraçaram fraternalmente e festejaram aquela data, olhando para o rio Caipora com aquela água límpida vinda das matas virgens que cobriam toda a região.

Nome da sede

Assim como fizeram uma homenagem ao agrimensor Mesquita e ao engenheiro Fausto júnior, homenagearam também o primeiro encontro dos colonos com o agrimensor e o engenheiro, que aconteceu no dia 13 de maio de 1888 e colocaram o nome da futura sede "Quadro", de Núcleo Treze de Maio. Mesmo assim, os colonos continuaram chamando a sede de "Quadro" por mais de trinta anos. Até os padres, quando faziam batizado e casamentos, escreviam na certidão; casado ou batizado na Igreja de "São José", no Quadro.

Avô compra terras

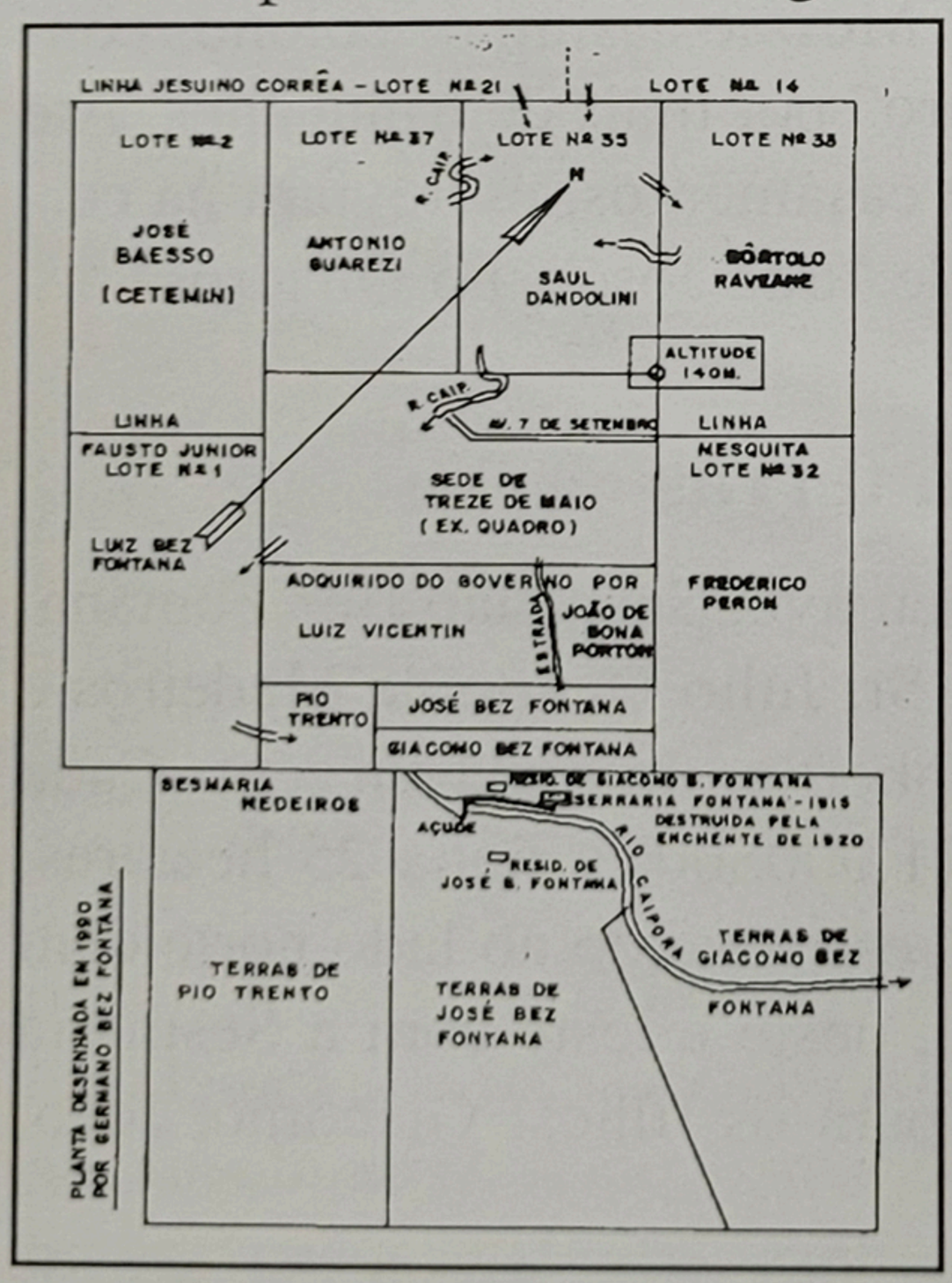
Em 28 de setembro de 1911, meu avô, Sebastião Bez Fontana, comprou 6 lotes de terra colonial do Sr. Júlio Duarte de Medeiros e Domingos Cardoso de Medeiros, cobertos de mata virgem. Cada lote, ao preço de um conto de réis (1.000$000), tinha 25 hectares, perfazendo um total de 150 hectares, estremando ao lado norte com o Quadro e Linha Mesquita e ao sul, oeste e leste com a Sesmaria Medeiros. Depois doou estas terras para os filhos: Giácomo, João, José, Rafael e Angelo Bez Fontana.



Mapa da Terra Rural Sesmaria Medeiros

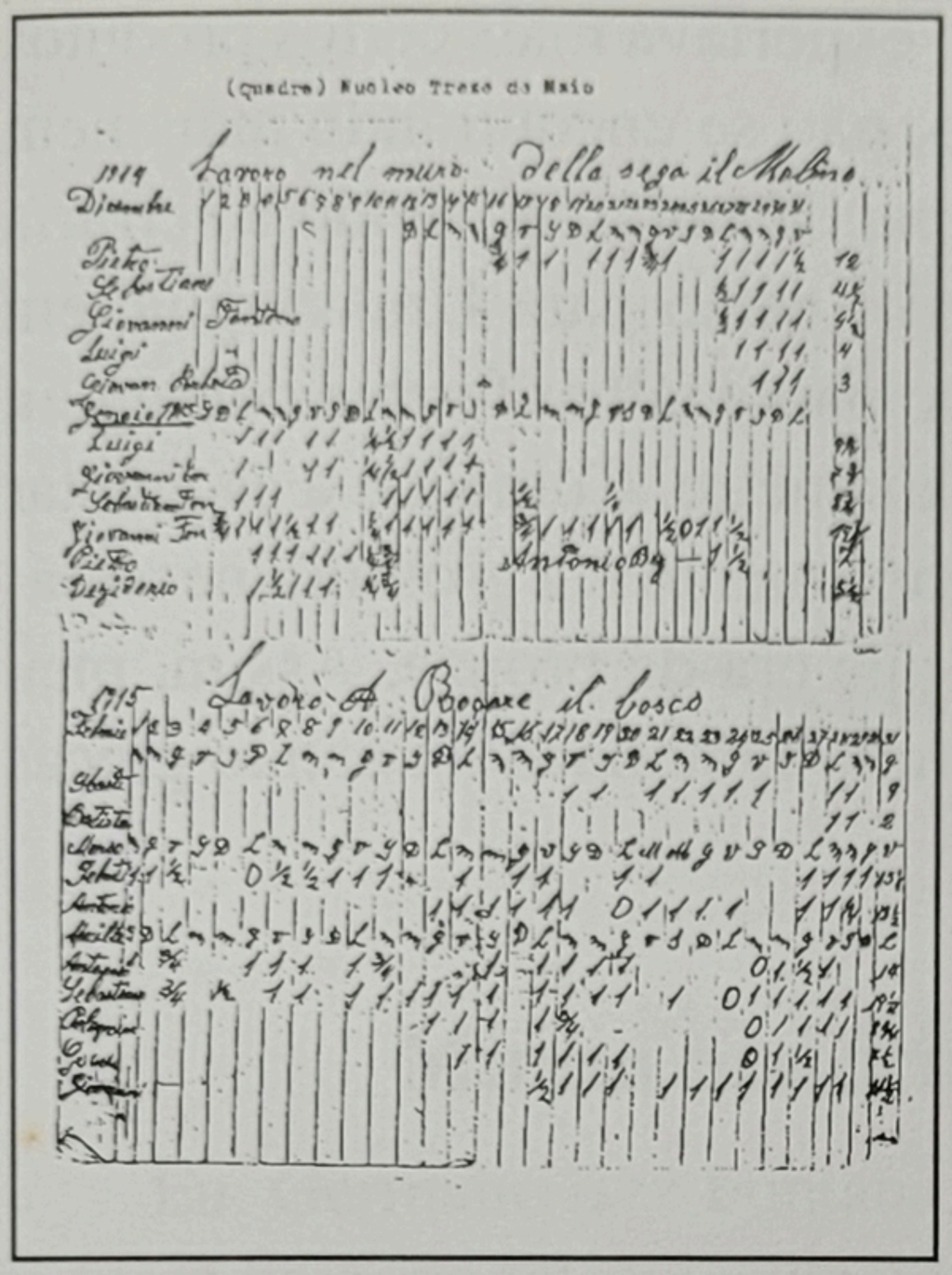
A tafona

Por volta de 1913, uma enchente destruiu pela segunda vez uma tafona de moer milho que estava instalada perto da sede "Quadro", movida por uma roda d'água e o proprietário, o Sr. Sílvio Burato, desistiu de montá-la outra vez. Então, uma turma de colonos reuniu-se na casa do meu avô em Urussanga, para pedir ao mesmo que montasse uma tafona para atender os colonos, que precisavam moer o milho, já que ele tinha um terreno com uma belíssima cachoeira, com uma queda d'água de 7 metros de altura.



Então, uma turma de colonos reuniu-se na casa do meu avô em Urussanga, para pedir ao mesmo que montasse uma tafona para atender os colonos, que precisavam moer o milho, já que ele tinha um terreno com uma belíssima cachoeira, com uma queda d'água de 7 metros de altura.

Meu avó veio então para o "Quadro", em 1914, comprou as pedras da tafona do Sr. Sílvio, mo-


(quadro) Nucleo Treze de Maio

1919 Lavoro nel mese Della sega il Molino

Dicembre

Pietro

Giovanni Fantin

Luigi

Giovanni Battista

Luigi

Giovanni

Giovanni Fantin

Pietro

Degiorgio

Antonio Bg

1915 Lavoro di Roncare il bosco

vimentou os filhos e em julho de 1915 a tafona já estava construída para atender os colonos. Aproveitou a oportunidade, montando também uma serraria e uma marcenaria (era projeto dele), igual a que ele possuía em Urussanga.

Avô faz inventário em vida

Por volta de 1919, meu avô resolveu repartir os seus bens, que ficaram assim distribuídos: dois lotes de terra e mais a serraria para o meu pai; dois lotes de terra, a marcenaria e a tafona para meu tio José: dois lotes de terra para meu tio Pio (genro), somando assim, 150 hectares de terra, que tinha comprado em 1911. Os outros meus tios, João, Rafael e Angelo, ficaram com os bens em Urussanga que meu avô possuía.

Partiu o canhoto

Lembro-me que meu pai contava que estava contente porque o pai dele tinha repartido os bens e daquela data para frente trabalhava por conta própria. Mas, a alegria durou pouco, pois no mesmo ano de 1919, partiu o eixo do canhoto da serraria. Como a Europa estava no

fim da Primeira Guerra Mundial, não exportava mais certos produtos para o Brasil e o ferro tinha acabado, não se encontrando mais nem em Tubarão, nem em Laguna. Meu pai desanimou, vendo a serraria parada e tanta madeira para serrar. Foi então para Urussangua, em casa do Sr. Betiol que tinha um malho para malhar ferro e conseguiu um pedaço de ferro de uns 20 cm de diâmetro. Começou a esquentar e malhar o ferro até que obteve o comprimento e a grossura necessários e torneou o lugar dos mancais, que era de bronze. Assim, meu pai em poucos dias estava com a serraria funcionando, dando graças a Deus, mais um milagre.

Capítulo 3

Minha história antes de 1920

Eu, Germano Bez Fontana, autor deste livro, lembro-me como se fosse hoje, de fatos acontecidos desde a idade de trê anos. Com a idade de quatro anos, quatro meses e dois dias, presenciei a maior enchente da época. Começou a chover no dia 20 de janeiro de 1920 e já no dia 21 tinha destruído toda a fortuna de meu pai e do meu tio. O rio era o mesmo que destruiu a tafona do Sr. Sílvio Burato por duas vezes. (Vide capítulo 4).

Morada

Lembro-me que tínhamos uma casa frontalada de tábuas de peroba de primeira, coberta com detalhes de barro, com uma varanda que servia de cozinha no lado leste. Na rua, um poço de uns 12 metros de profundidade. No lado Oeste, um galinheiro frontalado de tábuas e coberto de telhas de barro, no lado norte um chiqueiro e no lado sul a uns 20 metros da casa, um pé de araçazeiro. A casa ficava em cima da lombada, conforme se vê na foto.

Na frente (lado sul), no outro lado do rio, a uns 300 metros ficava a casa de meu tio José. Entre a casa do meu pai e a do meu tio

ficava a serraria, marcenaria e tafona. Pelo lado norte de nossa casa, a um quilômetro, ficava a sede (quadro), hoje, Treze de Maio.



Esta foto tirada em 1915, mostra a primeira serraria de meu pai, construída em 1914. Quando foi carregada pela enchente de 1920, já tinha a serraria de meu pai, a tafona e a marcenaria do meu tio José. No alto a nossa casa

Histórias diversas

Olha , criançada, eu comecei a trabalhar novo e quem começa a trabalhar novo, quando fica moço, sabe fazer um pouco de tudo. O trabalho não mata ninguém, o que mata é a preguiça.

Pombo

Antes da enchente, lembro-me que tínhamos um pombo cinza e meu pai fez um pombal para ele ao lado de nossa casa. Mas o inte-

ressante é que ele não queria dormir no pombal. Aproveitava a falha de um tábua do galinheiro e lá entrava, se empoleirando no meio das galinhas.

Quando eu queria pegá-lo, tinha que levantar ainda no escuro, abrir o galinheiro devagarinhho para não espantar as galinhas e, quando conseguia, ficava brincando com ele. Dava milho, água e depois o soltava.

Porco

Lembro-me que tínhamos um porco grande. A noite minha mãe o prendia no chiqueiro e de dia o deixava solto. O porco recebia alimentação de manhã, ao meio-dia e à noite. Nos fundos da casa, do lado norte, descendo o morro, tinha um banhado. Quando dava um dia quente, o porco descia no banhado e tomava banho no lodo para refrescar e não voltava mais ao meio-dia para comer. O nome do porco era chuncho. E então, minha mãe me chamava e lá ia eu buscar o Chuncho. Eu pegava uma vara e tocava ele para cima, mas, Chuncho era muito gordo e por isso tinha que descansar de vez em quando, demorando para chegar em casa. Toda vez que o tempo esquentava, eu me preparava, pois sabia que tinha que ir buscá-lo. Depois de bem gordo ele foi preso e quando o mataram, meu pai fez uma salamada. Coisa boa, salame frito junto com ovos e com polenta.

Quando fiquei doente

Lembro-me que num domingo, por volta das duas horas da tarde, de repente fiquei doente e minha mãe notou que eu não estava bom. Meu pai, que aos domingos à tarde costumava ir ao Quadro para passar uma horas junto com os amigos, já ia a meia viagem, mas ainda deu tempo de chamá-lo:

- Jacomin... ó Jacomin...

Meu pai ouviu, parou e minha mãe disse:

- Vá ao Quadro comprar uma garrafa de óleo de rícino e traz ligeiro que o Mano (Germano) está doente. Com pouca demora meu pai estava de volta com a garrafa de óleo de rícino e me fizeram engolir o purgante. Foi uma limpeza: melhorei logo. Depois meu pai seguiu viagem para o Quadro, porque eu já estava bom. Tinham dois remédios no primeiro socorro: óleo de rícino e chá de rosa branca. Minha mãe sempre guardava as pétalas numa latinha.

Relógio quebrado

Meu pai tinha um relógio que enguiçou. Minha mãe ficou sem horas para fazer a comida. Minha tia Antônia, como já foi dito anteriormente, morava em frente à nossa casa, no outro lado do rio. O recurso foi então pedir à ela, que quando desse 11 horas, colocasse uma toalha branca na janela, para que minha mãe pudesse saber a hora de começar a fazer o almoço e quando fosse meio-dia, que ela tirasse a toalha. Então eu ia chamar meu pai e meu tio para o almoço, pois ambos trabalhavam ali perto. Depois descobriram outro relógio: o sol. Quando o sol do telhado dava na altura da janela da casa, eram 11 horas. Quando o sol batia no chão da casa, era meio-dia. Daquele dia em diante, minha tia passou a colocar a toalha na janela só em dias nublados. Depois, meu pai foi em Tubarão, consertou o relógio de bolso e comprou mais um relógio despertador.

Passei a trabalhar com meu pai

Ainda criança, entre 3 e 4 anos de idade, passei a ajudar meu pai na serraria. Quando meu pai rolava as toras de madeira, que eram grossas, me chamava para calçá-las. O restante do tempo eu brincava. Meu pai sempre dizia que naqueles momentos, eu fazia o serviço de gente grande, pois se não fosse eu a ajudá-lo, teria que chamar meu tio e então, meu tio perderia seu tempo. Meu pai, vendo que eu

tinha vocação para aprender alguma coisa, comprou-me um serrote. Todos os dias, eu pegava o serrote e tentava cortar uma costaneira. O pessoal que vinha moer milho na tafona do meu tio, enquanto esperava, me tomava o serrote e tentava me ensinar e eu embrabava, pois queria eu mesmo aprender, por isso ficava praticando sempre nas horas vagas.



Quando eu tinha quatro anos de idade, antes da enchente de 1920, ou seja, em 1919, eu já ajudava o meu pai a calçar as toras de madeira. Se não fosse a minha ajuda, meu pai teria que pagar um camarada no meu lugar. Foto reconstituída.

Caí na água

Um dia fui junto com meu pai na beirada do valo, que levava a água para a roda da serraria e de repente, caí no mesmo. Foi um milagre que deu tempo de meu pai me pegar pelo braço e me tirar da água, senão, ia pela roda abaixo. Foi o maior susto que levei. Depois, subi no morro e pedi para minha mãe trocar de roupa. Ela ficou muito assustada.

Desapareci na serraria

Minha mãe sempre contava que um dia desapareci na serraria. Quando meu pai sentiu a minha falta, me procurou e não me encontrou. Chamou meu tio, minha mãe e foram a minha procura. Olharam no valo e minha mãe desesperada dizia:

- Perdemos o filho.

As pessoas que vinham moer o milho, também começaram a procurar e foi uma correria. Depois de muito tempo, me encontraram atrás de uma pilha de tábuas, dormindo tranqüilo. Criança é assim: ora ajuda, ora dá trabalho.

Capítulo 4

Tromba d'água - 1920

A maior enchente: 20 de janeiro de 1920. Nesta data eu completava 4 anos, 4 meses e 2 dias e lembro-me como se fosse hoje de tudo o que aconteceu.

Dia 20 de janeiro, era dia de São Sebastião e naquela época era dia Santo de Guarda, mas não era feriado em Tubarão. Minha mãe estava doente e meu pai aproveitou para levar minha mãe a Tubarão para fazer uma consulta. Meu pai pegou seu cavalo e pediu outro emprestado para meu tio José e foram. Eu, minha irmã Elena, mais velha, e meu irmão Alfredo, mais novo, ficamos na casa do meu tio. Meu pai e minha mãe saíram de madrugada para Tubarão, pois a viagem levava 4 horas. Depois da consulta, compraram os remédios e voltaram à tarde. Enquanto isso, em Treze de Maio (Quadro), caiu uma tromba d'água de assustar. A chuva foi tanta, que os rios subiram muito. Meu pai e minha mãe chegaram no rio Corrêa, e como não tinha ponte, tinham que atravessar por dentro do rio. Os cavalos, nessas alturas, só podiam atravessar o rio a nado. Como meu pai era um homem de muita coragem, resolveu se arriscar. Minha mãe fez o mesmo. Continuaram a viagem embaixo de chuva e chegaram em casa de noite. Entregaram o cavalo ao meu tio e nos trouxeram de volta. A chuva continuava de assustar. Minha mãe, com muito medo, arrumou

uma tarimba (branda), para que dormíssemos todo num só quarto.

De madrugada, eu ainda me lembro, meu pai levantou-se, acendeu a lamparina, olhou no relógio, eram 4 horas e disse para minha mãe:

- Vou na serraria tirar as correias de baixo, porque a água pode molhá-las.

E assim fez. Levou as correias para o segundo pavimento e voltou para a cama.

De manhã, no dia 21 de janeiro de 1920, meu pai foi na serraria e viu que meu tio tinha ido moer milho. Mas meu tio, vendo que a água subia rapidamente e temendo não poder atravessar a ponte para ir para sua casa, fechou a tafona e voltou. Ao atravessar a ponte, a água já estava passando por cima. Meu pai também tinha começado a levantar as ferramentas miúdas, quando chegou o Sr. Sebastião B. Fontana, primo do meu pai e disse:

- Vamos colocar estas ferramentas no carrinho de mão e levar para o morro, porque a água que está vindo da sede (Quadro) vai levar tudo e tu não vais salvar nada. E assim fizeram. Levaram as ferramentas para o morro. Depois, meu pai arrombou a porta da marcenaria do meu tio para tirar os livros de débito e crédito e subiram o morro até a nossa casa, aguardando o que ia acontecer.

Às 8 horas deste mesmo dia, às águas do rio subiram até em cima dos telhados da marcenaria, serraria e tafona, que era tudo num só bloco, com três rodas d'água. Os prédios sumiram, baús que meu tio tinha prontos para entrega, saíram boiando na água. Eu e minha irmã mais velha, Elena, achávamos graça, vendo aqueles baús que se pareciam com canoas. Minha mãe chorava e meu pai nada falava, só olhava aquele dilúvio.

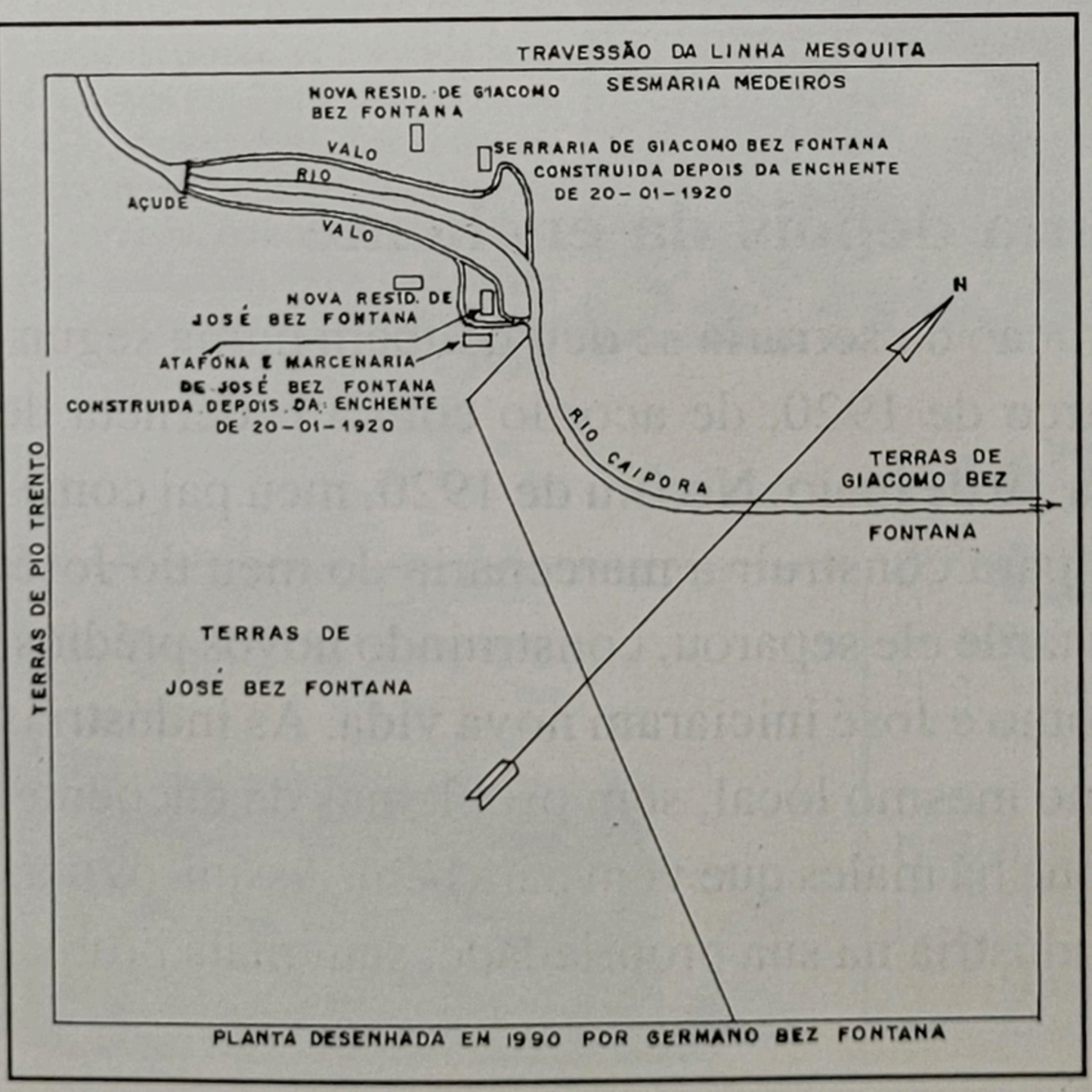
Quando a água baixou, viram que nem o muro de pedra ficou. As pedras da tafona foram parar a uns 100 metros longe do local onde estavam. Tudo estava perdido, nada mais se tinha a fazer. Até eu perdi o meu emprego.

Chegada do meu avô

Poucos dias depois da enchente, meu avô veio ver o que tinha acontecido. Vendo que não restavam mais nada das indústrias, não desanimou. Puxou da guaiaca uma nota de 500$000 (quinhentos mil réis) e deu para meu pai, para que começasse a construir a serraria em lugar mais seguro. Fizeram uma reunião entre os filhos e o pai e decidiram encontrar um lugar mais seguro para a serraria no lado esquerdo do rio e do lado direito, que o meu tio fizesse o mesmo com a tafona. Os colonos, como precisavam moer o milho, ajudaram na construção da tafona (il mulino). Já pela terceira vez, a tafona era destruída pelo mesmo rio.

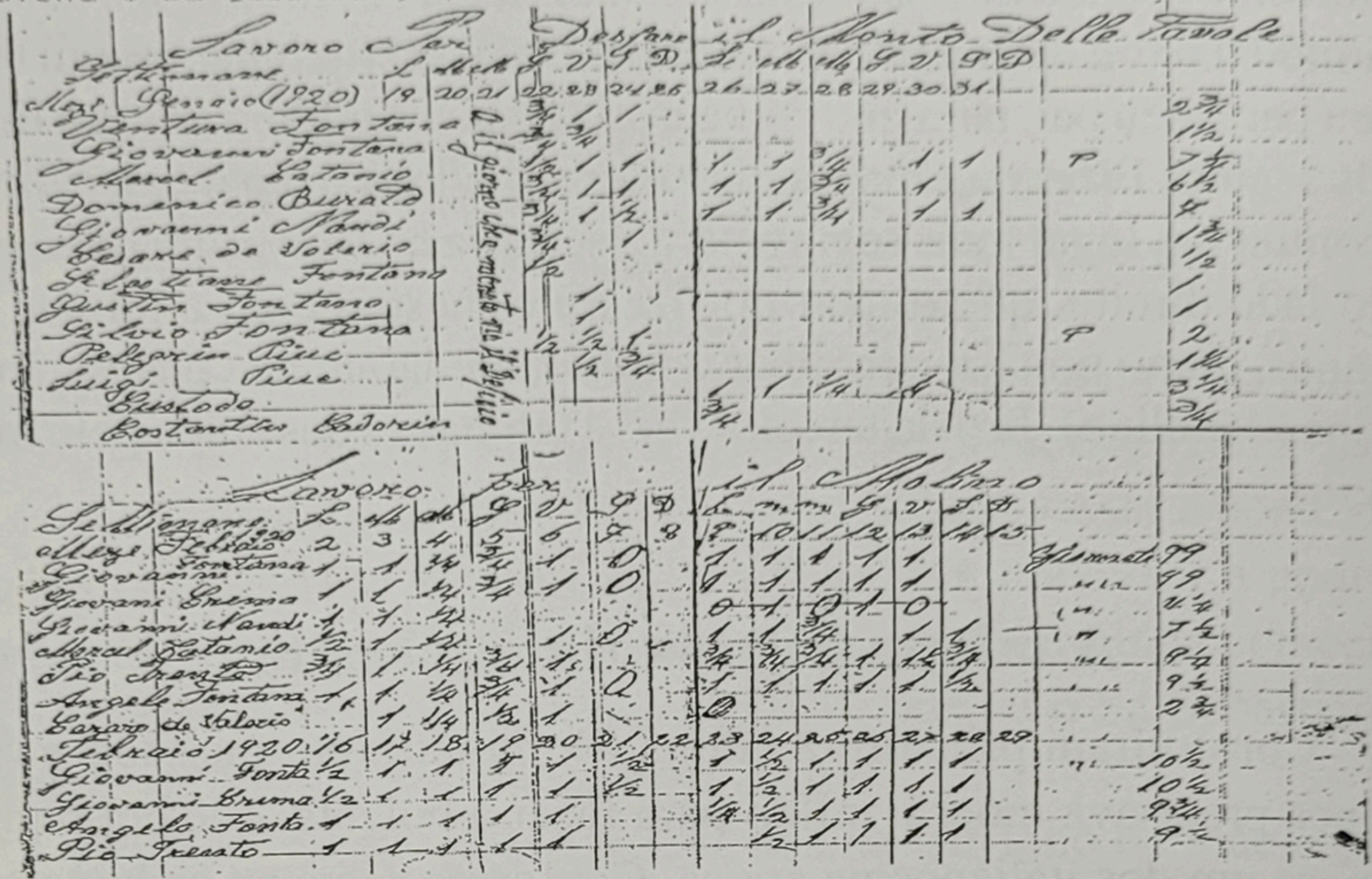
A tafona depois da enchente

Construíram primeiro a tafona (il mulino), porque toda a vizinhança precisava moer o milho para fazer a polenta, que era o prato número um dos italianos na época. Conforme se vê na caderneta do ponto (abaixo), o iníco da obra se deu numa segunda-feira, dia 2 de fevereiro de 1920, doze dias depois da enchente, e terminou no dia 13 de março. A tafona só começou a funcionar no dia 27 de março de 1920.



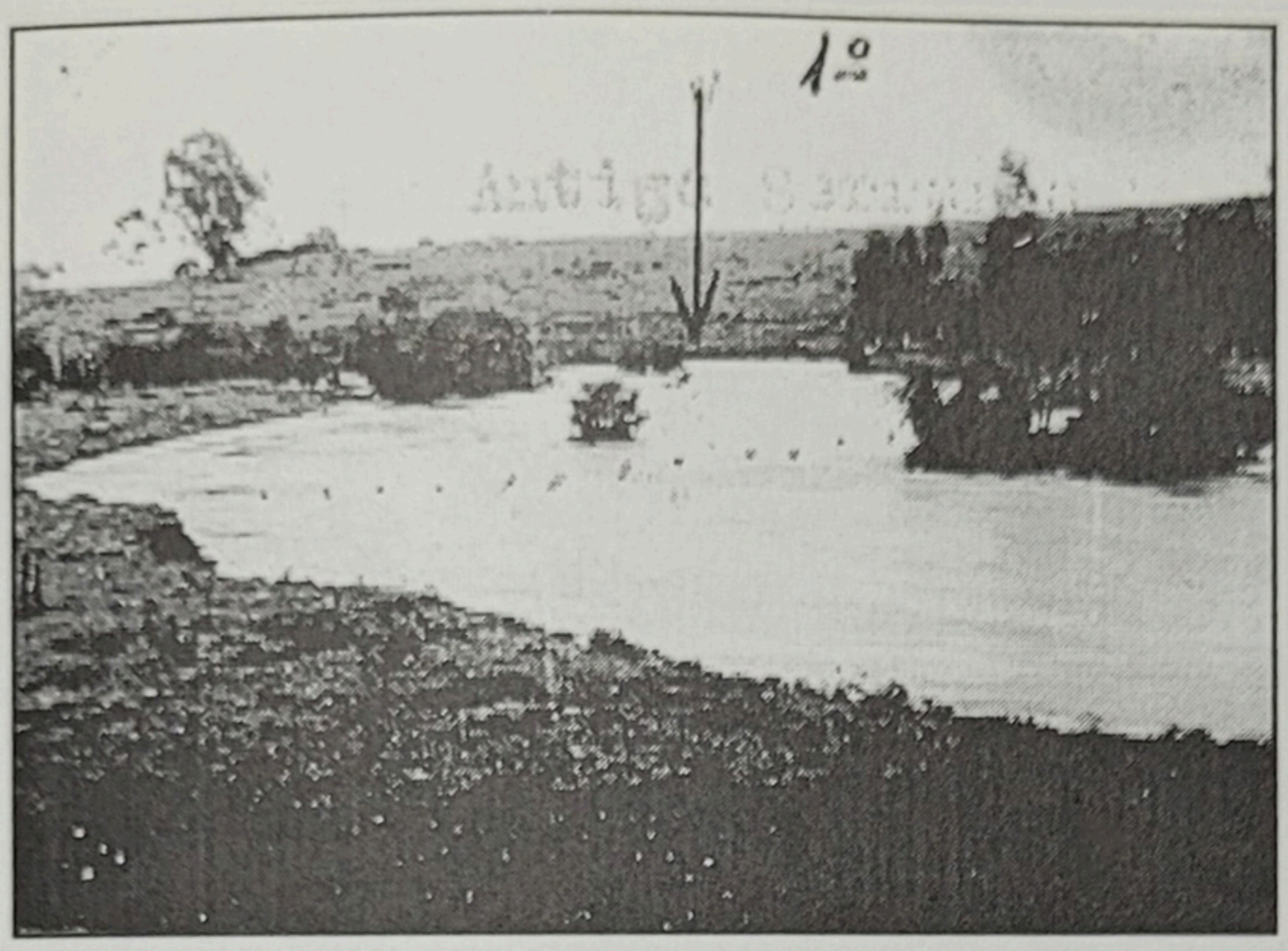
No dia 21 de janeiro de 1920, a enchente destruiu a indústria de meu pai e meu tio José. Como se vê no livro de ponto, no dia seguinte alguns voluntários começaram a desmontar os montes de tábuas e castanhas encalhadas nas matas virgens.

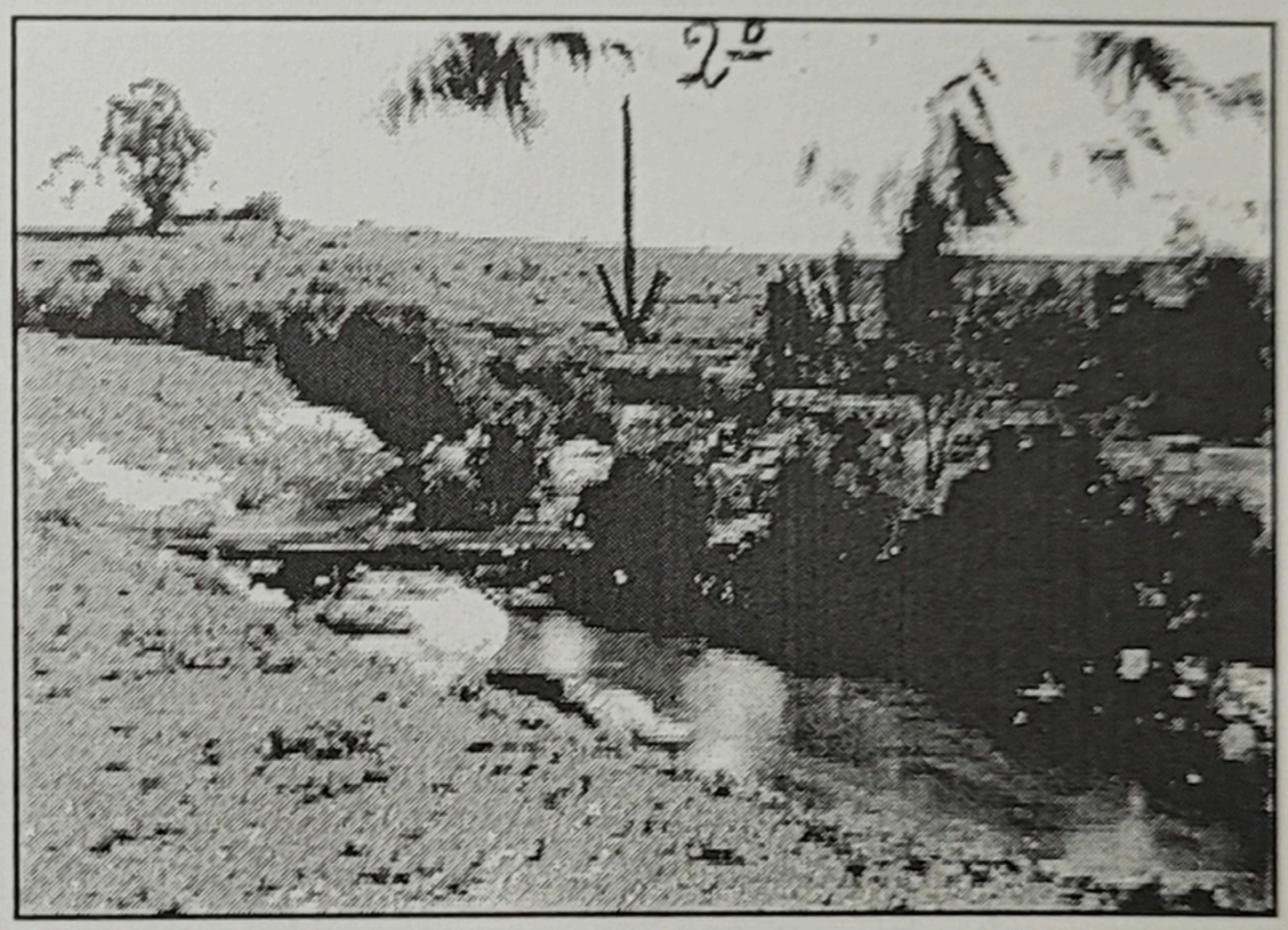
Segue uma parte do livro de ponto até o término da tafona e da serraria, que aconteceu no dia 19 de maio de 1920.



A Serraria depois da enchente

O início da construção da serraria se deu também numa segunda-feira, dia 15 de março de 1920, de acordo com a caderneta de ponto e terminou no dia 19 de maio. No fim de 1920, meu pai começou a serrar a madeira para construir a marcenaria do meu tio José, junto à tafona, que mais tarde ele separou, construindo novos prédios. Assim, os irmãos Giácomo e José iniciaram nova vida. As indústrias ainda hoje funcionam no mesmo local, sem problemas de enchente. Meu avô sempre dizia que há males que vem para bem. Assim, os dois irmãos construíram a indústria na sua propriedade, sem mais problemas de enchentes.





Não foi a maior, mas foi uma enchente média a que ocorrreu em 25 de agosto de 1937, na divisa entre meu pai e meu tio José. Aonde está riscado com pontinhos na primeira foto é o lugar da ponte. A segunda foto foi tirada em 04 de setembro de 1937, depois de baixar as àguas. A seta mostra o lugar da primeira serraria, tafona e marcenaria construídas em 1915, que foram carregadas pela enchente de 1920.

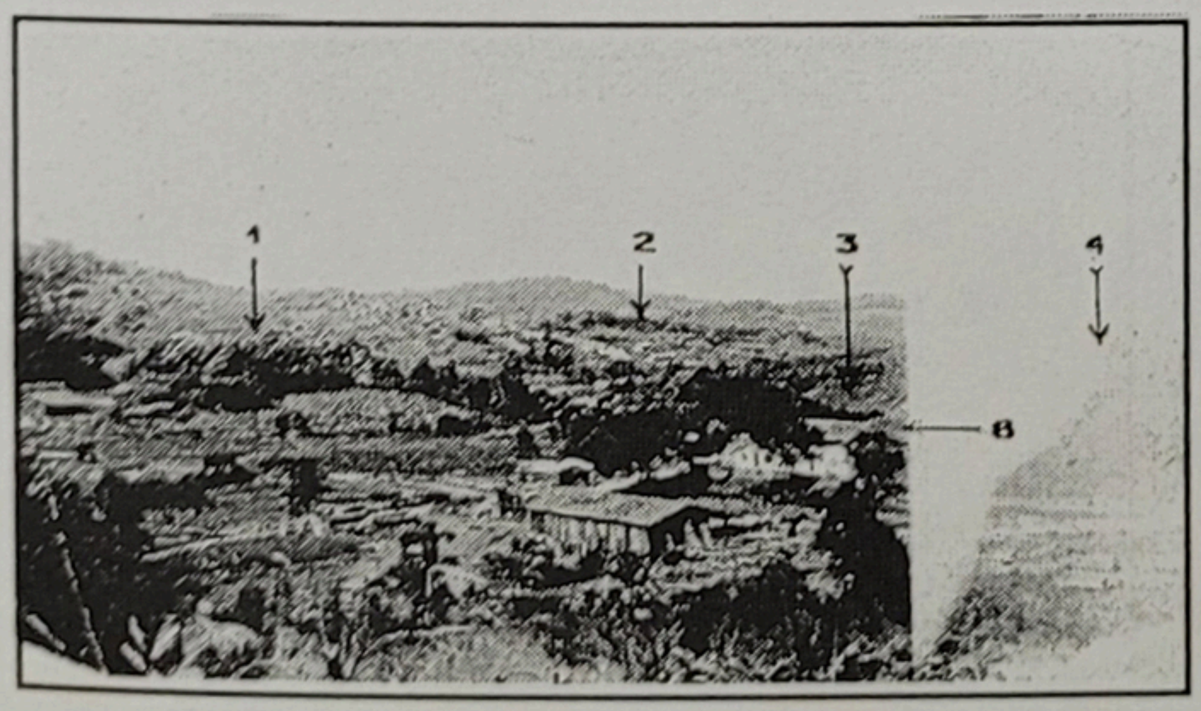


Foto de 1935
Antes da enchente de 20 de janeiro de 1920:
Nº 1 - Residência de José Bez Fontana
Nº 2 - Residência de Pio Trento
Nº 3 - Serraria, a tafona e marcenaria
Nº 4 - Residência de Giácomo Gez Fontana

Depois da enchente:
Nº 5 - Residência de José Bez Fontana
Nº 6 - A tafona e marcenaria de José Bez Fontana
Nº 7 - Serraria de Giácomo Bez Fontana
Nº 8 - Residência de Giácomo Gez Fontana



Depois da enchente de 1920 que carregou a serraria inteira de meu pai, ele a construiu novamente neste local, como se vê na foto. Fez também a nova residência, um casarão de madeira, de luxo, com dois pavimentos.
Na foto, da esquerda para a direita: em cima das madeiras meu irmão Gentil, meu tio João Benedet, meu cunhado Humberto Guarezi, com a gaita na mão e eu, com o violão de minha fabricação. Em cima, na estrada, Deolinda Bez Fontana, afilhada de minha mãe, minha irmã Helena com a filha Dorvalina, minha mãe, minha irmã Noemia e meu pai, ao lado da nossa bicicleta com a lanterna a carboreto. Foto tirada em 1935.

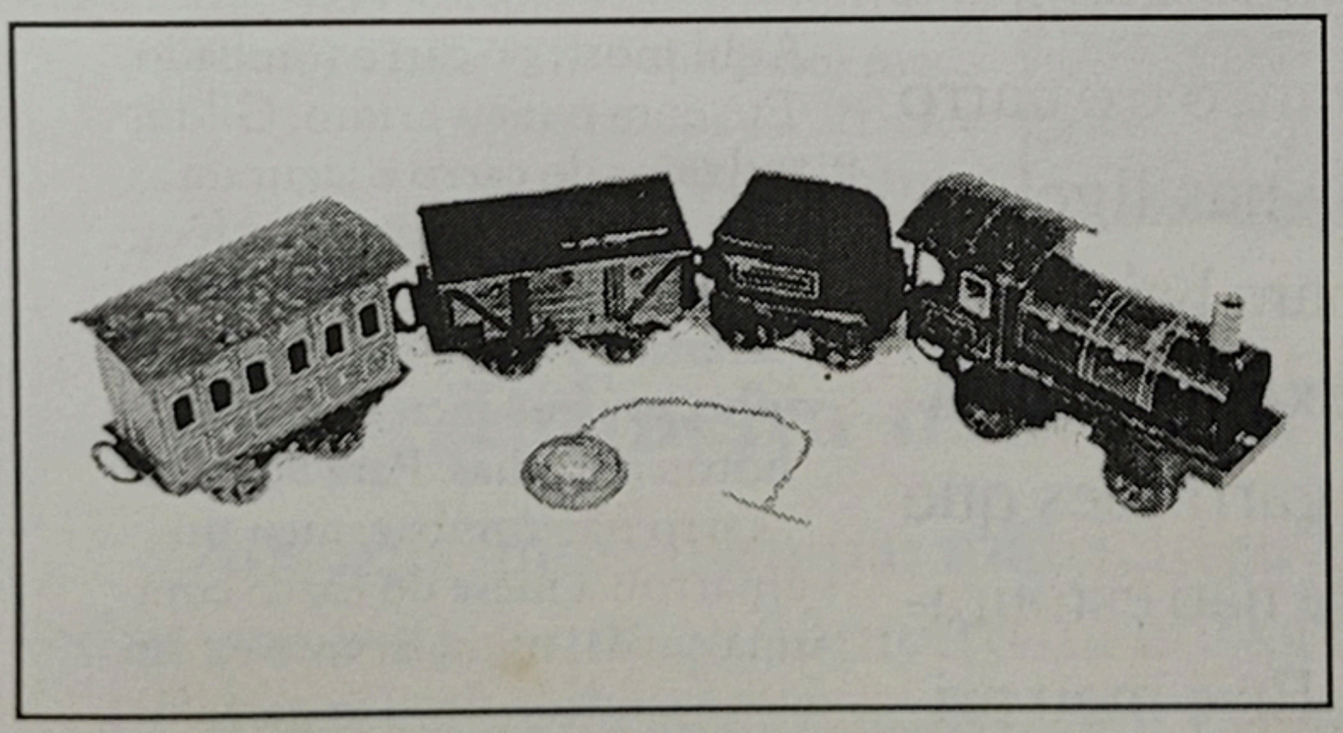


Da esquerda para a direita: João Formentin, José Bez Fontana e Giacomo Bez Fontana

Capítulo 5

Minha história depois de 1920

Meu tio Pio Trento foi para Urussanga em casa do meu avô, Sebastião Bez Fontana, buscar oito garrafões de vinho. Em cada garrafão cabia de vinte e quatro a vinte e seis garrafas de vinho. Aproveitou a viagem para levar o meu primo Gildo e eu, que na época tinha cinco anos. Naquele tempo, era um dia de viagem de carro de boi. Paramos nas águas mornas de São Pedro, numa capelinha na beira da estrada. Meu tio descangou os bois, deu de beber e comer a eles, e depois seguimos viagem. Chegamos em Urussanga à noite e dormimos na casa do meu avô. No outro dia, enquanto meu tio providenciava o carregamento do vinho, meu avô nos levou para a sede Urussanga, comprou gasosa para nós, encheu nossos bolsos de bala, comprou ainda para mim um trenzinho e um relógio de bolso com uma correntinha. Estes objetos tenho guardados até hoje, como recordação. (Foto abaixo).



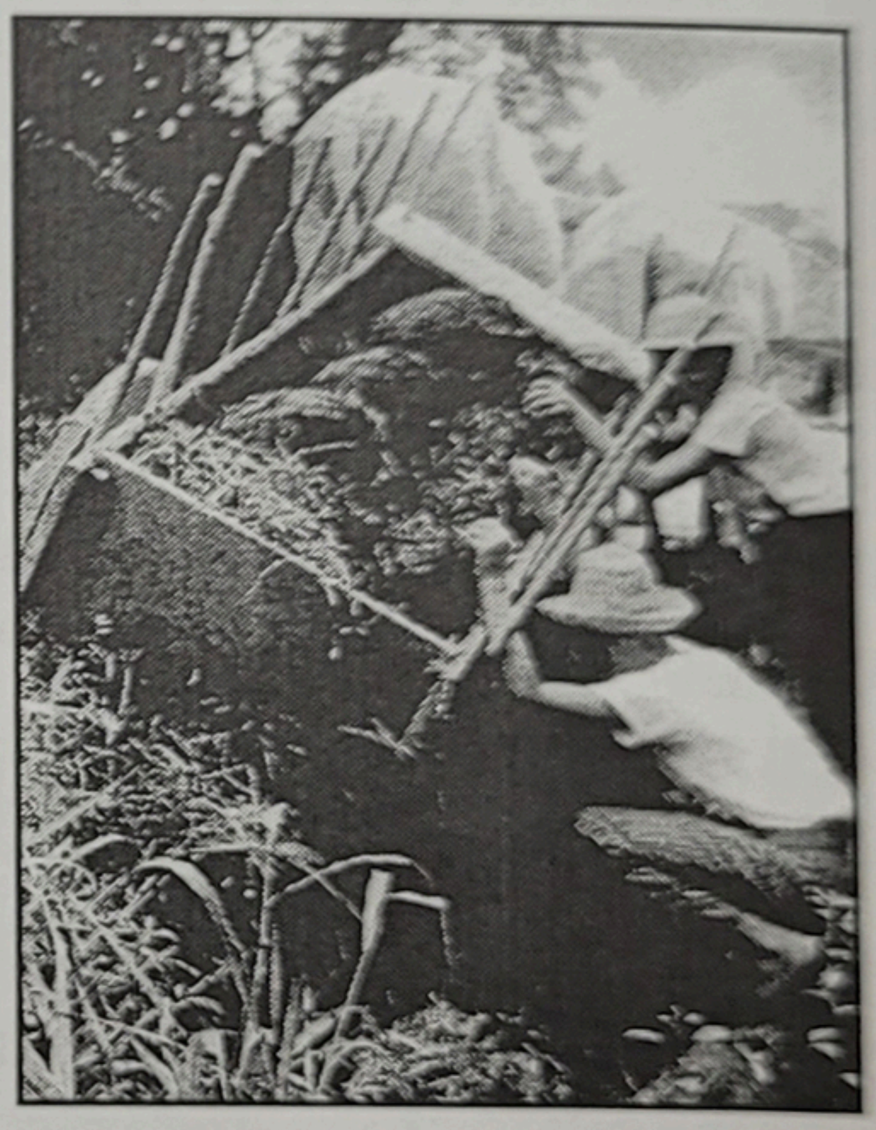
O trenzinho e o relógio de bolso que ganhei de meu avô,

Carro de Vinho virou



Eu e meu primo Gildo Bez Fontana vínhamos sentados na frente do carro e meu tio Pio Trento vinha a uns 20 metros atás, a pé. Quando acabamos de subir o morro de urussanga Baixa e iamos chegar em São Sebastião, na primeira descida, num dia de sol, lá pelas onze horas, os bois cansados saíram da estrada para protegerem-se na sombra das bananeiras. Ai o carro tombou.

Na volta, tudo correu bem até a subida do morro de Urussanga Baixa, antes de São Sebastião. Estrada antiga, morro em pé. Eu e meu primo Gildo, vínhamos sentados na frente do carro, em cima do caixão,que estava cheio de capim para proteger os garrafões de vinho. Meu tio vinha atrás, a pé, para não dar peso aos bois, que já vinham muito cansados. Eram 11 horas da manhã, de um dia muito quente. Aí veio a primeira descida, numa curva à direita e em seguida uma subida. Nesta descida, á direita, tinha uns pés de bananeira e os bois encostaram-se neles para ficarem na sombra, mas, a roda do carro desceu no barranco e o carro virou de lado. Nós puxamos nas ligeiras, paramos os bois e pulamos para baixo. Foi uma sorte os bois não se mexerem e ficarem parados na sombra. Os garrafões que vinham com a rolha solta para não estourarem, começaram a derramar. Eu e meu primo, com as mãos, tapamos quatro garra-



Aqui mostra o carro tombado. Eu, com o meu primo, Gildo, pulamos do carro e seguramos com as mãos quatro garrafões, enquanto so outros quatro continuavam a derramar o vinho, até que meu tio chegou e botou as rolhas. Para bem do carro não tombar, meu tio amarrou a mesa do carro com uma corda, numa árvore e com muito cuidado tirou os garrafões do carro, um por um.



Esta foto mostra quando meu tio acabou de tirar o carro da grota, carregando-o de novo com os oito garrafões de vinho. Parou um pouco
para distribuir polenta com salame,
para comermos durante a viagem.

fões e os outros derramavam o vinho em cima da gente. Meu tio, que vinha atrás, à pé, tirou os garrafões um por um, colocou o carro na estrada, depois recolocou os garrafões no carro e então prosseguimos viagem. Almoçamos polenta com queijo e salame que a avó nos tinha dado. Foi uma pena perder aquele vinho purinho. Tivemos que comer a polenta seca, para não mexermos mais com os garrafões.



Aqui nós seguimos viagem,
comendo polenta com salame e
cheirando aquele vinho puro
derramado no carro. Reconstituição feita com a ajuda dos meus
netos Júnior e Patrick e
meu filho Gilberto.

Primeira matrícula na escola

Aos seis anos, meu pai matriculou-me na escola que ficava na sede (quadro), a um quilômetro da nossa casa. Minha mãe me acompanhou até a escola no primeiro dia. Foi uma experiência difícil para mim, pois não sabia falar português e a professora era muito brava,

gritava muito. E eu era como um boi zebu, quando ouvia um grito, era capaz de correr e de me jogar no arame da cerca. Além disso, a professora tinha muitos filhos pequenos que sujavam dentro da sala de aula e quem limpava eram os próprios alunos. Não aprendi nada, mas arrumei um ramo de negócios. Em casa comecei a fazer réguas, levando-as para vender na escola, ao preço de um vintém cada. Foi um sucesso. Depois comecei a fazer pião no torno e vendia a dois vinténs o menor e o maior valia uma moeda de quarenta réis, que chamávamos de patacão.Minha mãe sempre ralhava comigo, pois eu ia para a escola com os bolsos cheios de pião e eu estava contente porque tinha arrumado um bom comércio.



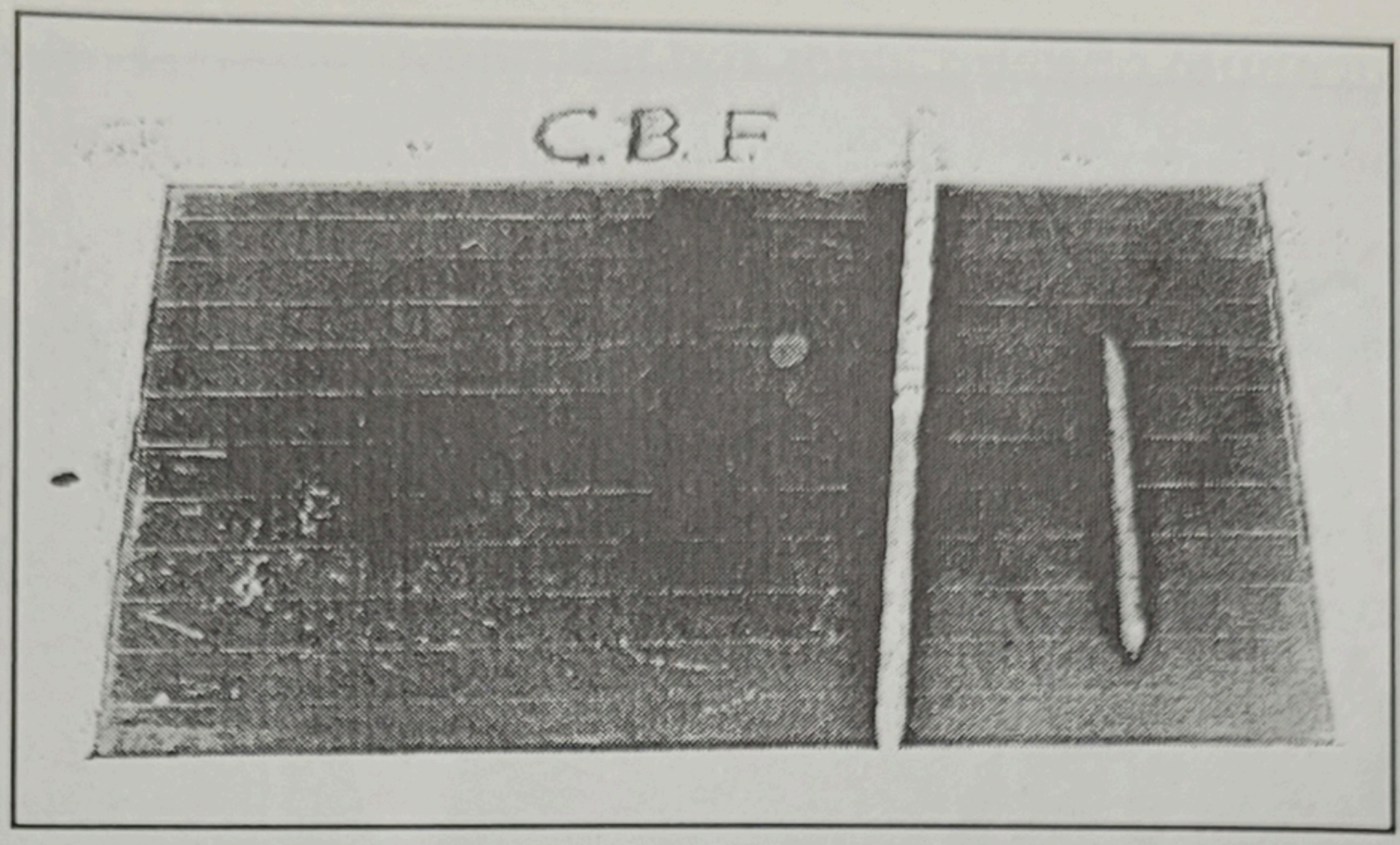
Nesta casa funcionava a primeira escola de Treze de Maio.
Nº 1 - Giácomo Bez Fontana, intendente - Nº2 - Tomaz Damian Preve, ferreiro - Nº 3 - Professora Rosalina de Oliveira Nunes - Nº 4 - Silvana Magagnim Bez Fontana, ajudante.



Por volta de 1930, foi tirada esta foto dos alunos da Escola de Treze de Maio.
Foram identificados os seguintes alunos:
1 - Luiz Nandi, 2 - Simão Menezes, 4 - Olavio Damian Preve, 5 - Santos Guarezi,
10 - Professora Laura Sampaio Canto, 12 - Aulina Dandolini, 13 - Cléia Daminan Preve,
14 - Silvina Magagnin, 15 - Alvelina Magagnin, 16 - Ismael Tomaz Preve, 17 - Ivo Ghisi,
18 - Tibério Nandí, 19 - Hugo Trento, 21 - Guerino Perdoná, 22 - Giocondo Poli,
24 - Anita Nandi, 25 - Felícia Dandolini, 27 - Amenar de Souza.



Esta foto eu tirei dos alunos de Treze de Maio, em 07-09-1939.
Professores: Maria José Moreira (Coca) esposa de Vergínio Moreira Matos.



Esta foi a primeira lousa que eu comprei, em 1921, quando fui para a escola.

Desisti da escola

Nada aprendi no pouco tempo que freqüentei a escola; nem falar em português, porque entre nós, meninos, falávamos em italiano. Por isso desisti.

Passei então a trabalhar com meu pai, já em serviço pesado. Meu pai precisava derrubar madeira no mato, me levava junto e eu o ajudava a puxar o aparador; eu de um lado e ele de outro e topeávamos a madeira, serviço pesado para um menino de sete anos como eu, mas eu gostava. Preferia trabalhar, pois era muito melhor do que ouvir os gritos da professora; ver os castigos que elas, naquele tempo, aplicavam aos alunos; castigos como ajoelhar em cima de pedregulhos, bater na ponta dos dedos com a régua até sair sangue.

Nego Custódio

Lembro-me que tinha um tal de Nego Custódio (morador do município de Jaguaruna), pessoa alegre, suas risadas se ouviam ao longe. Ele tinha um engenho de cana-de-açúcar, onde fazia açúcar grosso e uma boa caninha, feita com o melado que ele mesmo fabricava. Dava gosto de comprar seus produtos, pois o seu engenho era

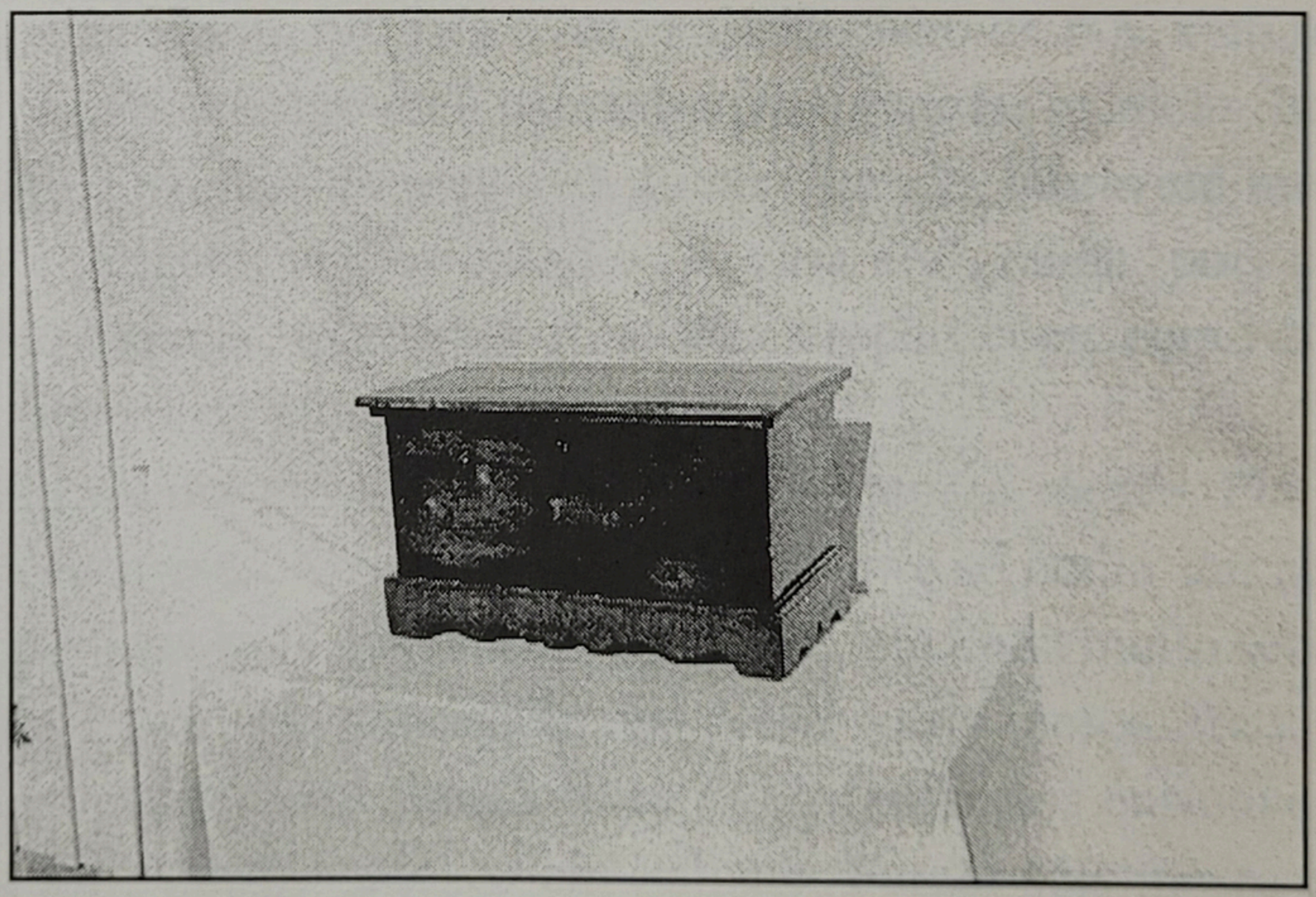
muito limpinho. Sempre que Nego Custódio chegava na serraria, perguntava por mim, me chamava de compadre. Mas quando eu o via, me escondia, pois tinha medo dele. Mas ele não desistia, me procurava até que me achava. Então, dava gargalhadas, mostrava seus dentes brancos e dizia:

-Vem cá, meu compadre.

Um dia, ele me trouxe uma melancia e então fiquei seu amigo, não tendo mais medo dele. Só não falava com ele porque eu não sabia falar português.

Fiz meu primeiro baú

Aos oito anos de idade, nas horas vagas, fiz um bauzinho de madeira de cedro de 25x25 centímetros, com 55 centímetros de comprimento, emalhetado e envernizado, que ainda guardo como recordação. Vide foto.



Esta foto mostra o primeiro baú que fiz com a idade de 8 anos, ou seja, em 1923.

Capítulo 6

História em casa do avô

Meu pai estava preocupado, pois eu precisava estudar. Foi então para Urussanga e falou com o Sr. Adolfo Cechinel, que já tinha sido seu professor, e ele concordou em me dar 2 horas de aula por dia. Meu pai pagava a ele, por mês, vinte mil réis (20$000). Assim, com dez anos de idade, fui para Urussanga de carro de boi, com meu tio Rafael. Levei comigo meu bauzinho para guardar os meus brinquedos. Fiquei na casa do meu avô. Junto com ele, moravam meus tios Rafael e Angelo, ambos casados. A casa era grande, pois contava com oito quartos, três salas, fora outras repartições, como cozinha, porão, despensa, etc.

Era minha terra natal e lá fiquei quatorze meses. Fui para a escola seis meses. Meu professor era coletor e só podia dar aula seis meses por ano, pois nos outros seis meses, ele tinha muito serviço na coletoria e por isso não lecionava. Nesses seis meses, freqüentei a escola com mais sete alunos de lá. O professor nos ensinava o português, mas falava conosco em italiano. Foram seis meses de paz, sem gritos, onde aprendi a ler, escrever e fazer qualquer conta, que me tem servido até a data de hoje.



Esta foto mostra a formatura de alunos de algumas escolas de Urussangua, como: Escola Italiana do Rio Maior, Escola Italiana do Rio Carvão e outras. Possívelmente no final do século XIX ou no começo do século XX. Todos de paletó e chapéu

Primeira comunhão

Parei de ir à escola no começo do ano de 1926, e passei a freqüentar, junto com cinqüenta crianças, durante um mês, aulas de catecismo na igreja. O catecismo era escrito em italiano e era o padre Gilli que nos ensinava. Quando chegávamos em casa, eu e minha prima Terezinha Trento ainda recebíamos aula de catecismo de minha tia Cattarina Damiani Fontana, esposa do meu tio Rafael. Eram todas as noites, no varandão, na frente da cozinha, durante uma hora. Chegou o dia 11 de abril de 1926, dia da minha primeira comunhão, que foi realizada na Igreja da Imaculada Conceição - Urussanga. Dona Matilde Costa Macari, esposa do Sr. Vitório Macari, foi quem fez meu primeiro terno, como mostra a foto.



Eu, Germano Bez Fontana, no dia em que fiz a primeira comunhão, 11-04-1926. Foto tirada pelo meu avô Sebastião Bez Fontana.

(Abaixo, lembrança da primeira comunhão).



Ajudava meu avô e meus tios

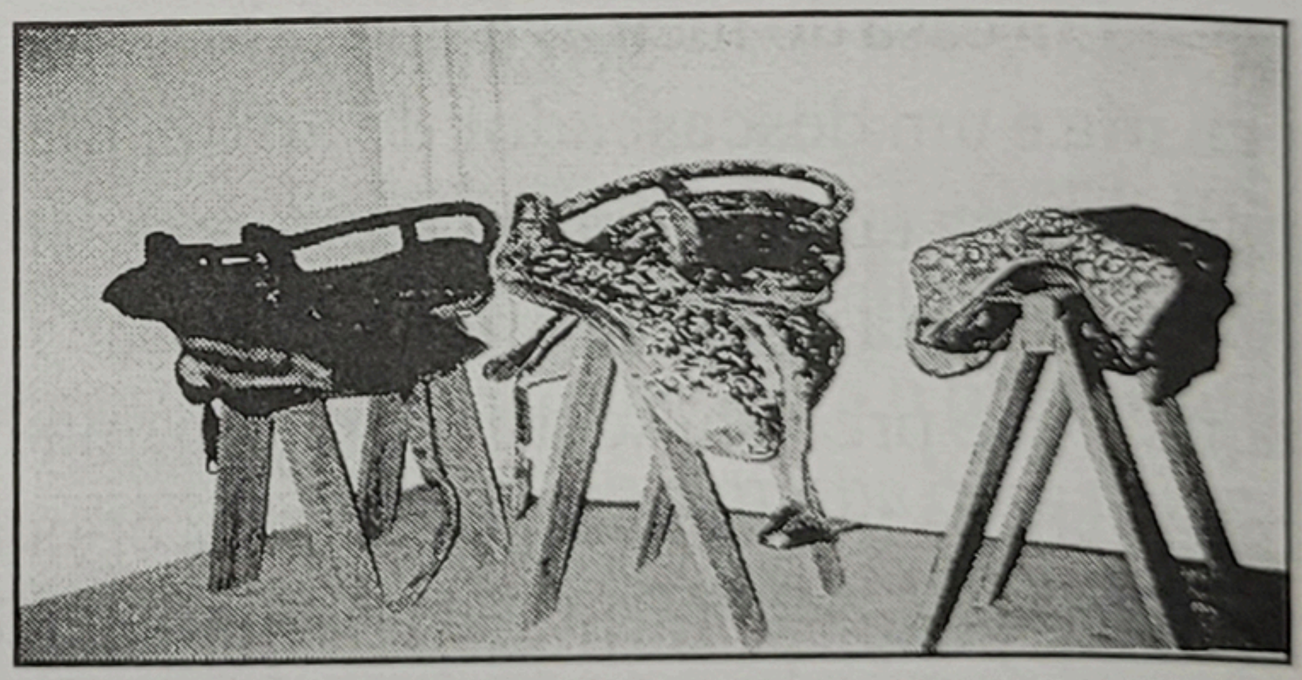
Em casa do meu avô não faltava serviço. Meu avô tinha uma marcenaria e um descascador de arroz, meu tio Rafael tinha uma marcenaria e uma tafona e meu tio Angelo, uma serraria. Eu trabalhava com os três e ainda ajudava minhas tias. Eu não tinha dono, trabalhava com aquele que precisasse de mim. Mas na realidade eu gostava muito do meu avô, de trabalhar com ele. Na época ele trabalhava mais com peneira de peneirar farinha de milho e trigo e com cangalha para sela (selim) para as mulheres andarem à cavalo. Depois os seleiros forravam-na com couro. Eu ajudava meu avô a plainar, na plainadeira, as tabuinhas de baguaçu para fazer os arcos. Depois, as enrolávamos e as colocávamos no sol para secar e em seguida meu avô fazia as peneiras. Meu avô era o único fotógrafo da região e aos domingos ele me ensinava a revelar fotografia.



Casamento de meu tio Rafael Bez Fontana e Catarina Daminani. Foram para a Igreja a pé, pois ambos moravam perto. No fundo está o gaiteiro que não podia faltar



Meus primos: Galdino, Clara e Zilda Bez Fontana



Sela de montaria para homem e mulher usada no século XIX

Galinheiro do avô

Lembro-me que meu avô tinha um galinheiro feito de tijolos e o seu alicerce ficava com uma parte em cima de uma pedra. Os ratos, que eram muitos, começaram a cavar a terra, fazendo tocas embaixo do galinheiro. O galinheiro rachou e estava caindo. Então meu avô chamou o pedreiro, o Sr. Francisco (França) para arrumar o galinheiro e eu trabalhava de servente. Além do galinheiro, reformou também o forno de cozinhar o pão. Os tijolos que ele quebrava eu guardava para mim. Com estes tijolos, nas horas vagas, fiz um forninho em cima de uma pedra.



Quando eu estava em casa do meu avô, em Urussanga, e tinha os meus 10 anos, fiz um forninho como este. Quando minha avó fazia pão, ela me dava um pouco de massa para que eu fizesse pãezinhos, para cozinhar no meu forninho. Foto reconstituída.

Ajudava a avó a fazer pão

Quando ia botar fogo no forno da avó, fazia o mesmo no meu forninho. Depois ajudava minha avó a fazer pão. O trigo era moído na tafona e ficava um pão escuro, mas de muita vitamina e bom. Minha avó me dava um pedaço de massa e eu fazia pequenos pãezinhos, assando-os no meu forninho. No lugar da forma, era usada a folha de caeté, e quando prontos, colocava-os no cesto junto com os da avó. De manhã, comia os pãezinhos com café e leite.

Leite de sapo nos olhos

Em casa do meu avô existiam muitos sapos. Um dia, dei um chute num deles e ele soltou uma chiringada de leite nos meus olhos. O sapo tem em cima dos olhos uma glândula com um líquido de defesa. Meus olhos ardiam como se tivessem recebido soda. Minha avó não acreditava que fosse por causa do sapo, mas pouco tempo depois, aconteceu o mesmo com o nosso vizinho. Fiquei várias semanas com lágrimas nos olhos e minha avó ficou muito preocupada, pois podia perder a vista.

Vingança com os sapos

Depois deste acontecimento, resolvi me vingar dos sapos. Fiz um poço numa fundura de um metro e meio e também um torquês comprido de madeira. A partir daí, todos os sapos que passavam pelo terreno, eram pegos com o torquês e levados para o poço. Em pouco tempo fiz uma limpeza, fechei o poço e plantei um pé de pessegueiro em cima.

Cobra com filhote

Lembro-me de um dia em que eu, minha avó e minha tia Albina fomos na roça, que ficava a uns dois quilômetros de casa, quase tudo capoeirão grosso. Naquela região tinha muita cobra e por isso minha avó sempre levava uma vara, pois tinha muito medo. Naquele dia, no meio de viagem, encontramos uma jararaca que queria subir o barranco, mas não conseguia. Minha avó que carregava a vara, matou a cobra. Minha avó desconfiou, pois era muito grossa e disse:

- Vamos levá-la para casa e abri-la.

Fomos na roça, e na volta pegamos a cobra e amarramos numa vara. Ao chegar em casa, meu tio Rafael abriu-a e tirou dela dezessete jararaquinhas muito finas, mas com 25 centímetros de comprimento, todos iguais.

Roça de melancia

Meus tios plantavam de tudo um pouco, para o gasto de família. A roça ficava a uns dois quilômetros de distância e havia um barracão para descansar e escapar da chuva. Dali nós enxergávamos bem a costa da serra do Rio do Rastro. Era um ano de muita chuva e quando engrossavam as nuvens na serra, nós corríamos para o barraco. Depois, voltávamos ao trabalho. Assim era o dia inteiro. A chuva era tanta, que plantávamos muita melancia. A colheita era nos meses de janeiro e fevereiro. Neste ano deu muita melancia grossa, mas eram todas bichadas, não dava para aproveitar uma sequer. Isto só aconteceu aquele ano, depois nunca mais vi melancia bichada em toda minha vida.

Urubu

Em cima do morro, embaixo de uma pedra, tinha um ninho de urubus. Eles põem os ovos na terra. Quando nascem, são brancos e depois, quando trocam as penas, ficam pretos. De vez em quando eu ia até o ninho dar uma espiada.

O meu primeiro tiro

Meus tios Rafael e Angelo tinham, cada um, uma espingarda central, calibre 32. Meu tio Rafael me ensinava a carregar os cartuchos que eram feitos manualmente e sempre me convidava para ir caçar com ele. Meu avô no lado de cima da casa, lado norte, tinha uma chácara de laranjeiras e ameixeiras e no lado leste, um grande parreiral de uvas. Estávamos no mês de fevereiro de 1926, no parreiral, apanhando uvas, quando veio um bando de tiribas da serra. As tiribas derrubavam as laranjas e por isso meu tio Rafael pediu-me que fosse buscar a espingarda, aí eu disse a ele:

- Se o senhor deixar, eu vou atirar.

- Então vai -disse ele- pensando que eu estava brincando.

Aí eu peguei a espingarda, carreguei um cartucho e fui devagarinho para não espantar as tiribas. Meu tio vendo a demora, foi espiar e viu que eu estava perto das tiribas e ficou me olhando. Então eu encostei a espingarda numa laranjeira, fiz a pontaria e puxei o gatilho. Atirei e matei uma tiriba. Em seguida, com a tiriba na mão, fui pelo lado do parreiral e encontrei meu tio que me perguntou:

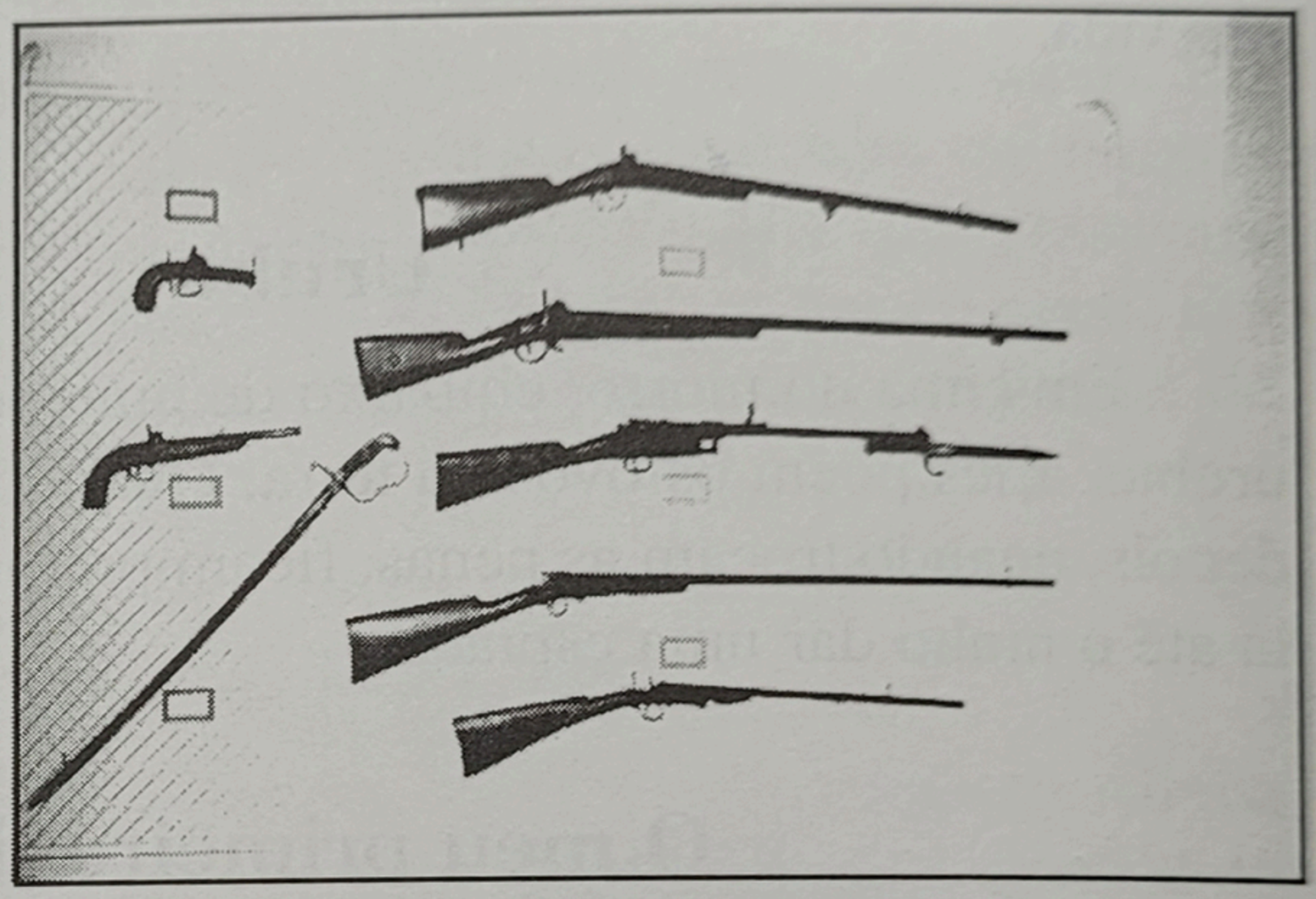
- O que fizeste?

- Tio, matei uma tiriba.

- Mas não era para matares, eu só pedi que tu fostes buscar a espingarda.

- Mas eu disse para o tio que ia matar e o tio concordou.

Daquela data em diante, ele me dava a espingarda para caçar, pois viu que eu tinha muito cuidado. As tiribas eram tantas que meu tio chegou a matar quatro num tiro só.



Armas usadas no século XIX

Tucanos e macacos

Quando íamos para a roça, levávamos a espingarda. Os tucanos, de manhã, passavam para cima pelo lado da serra e de tarde, eles desciam. Entre um mato e outro, tinha uma peroba muito alta, onde eles descansavam, pois não voavam muito longe. Meu tio, então, mandava que eu os esperasse, e quando eles chegavam, eu dava muitos tiros, mas não conseguia matar um sequer. Meu tio derrubava

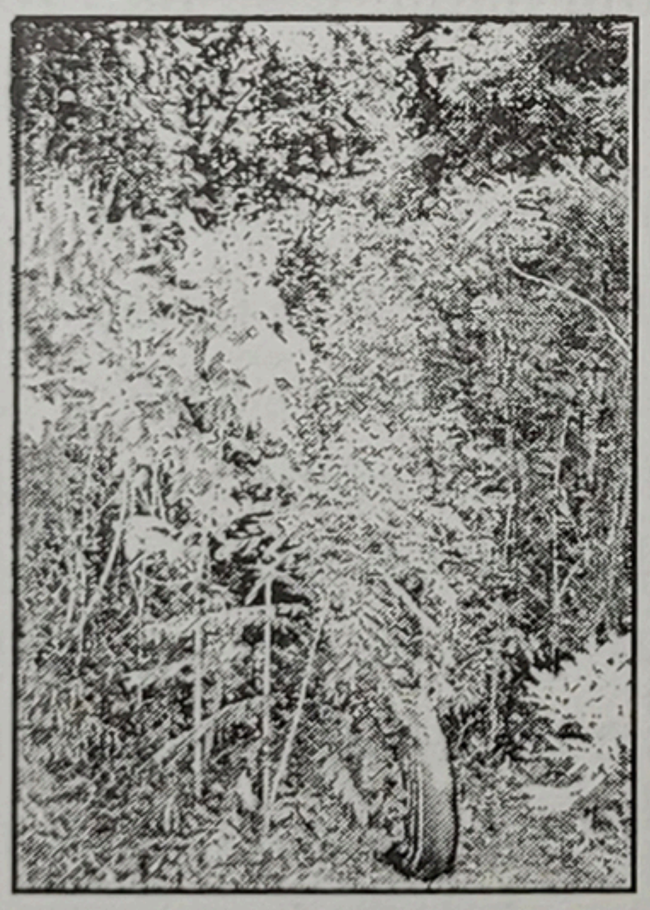
alguns, pois trepava num cepo, ficando mais perto deles.

Depois vieram os macacos, roubar milho na roça. Um dia, meu tio atirou numa macaca que estava com o filhote nas costas e feriu o filhote. Ele caiu da mãe e nós o pegamos, mas ele não resistiu aos ferimentos e morreu. Foi uma pena.

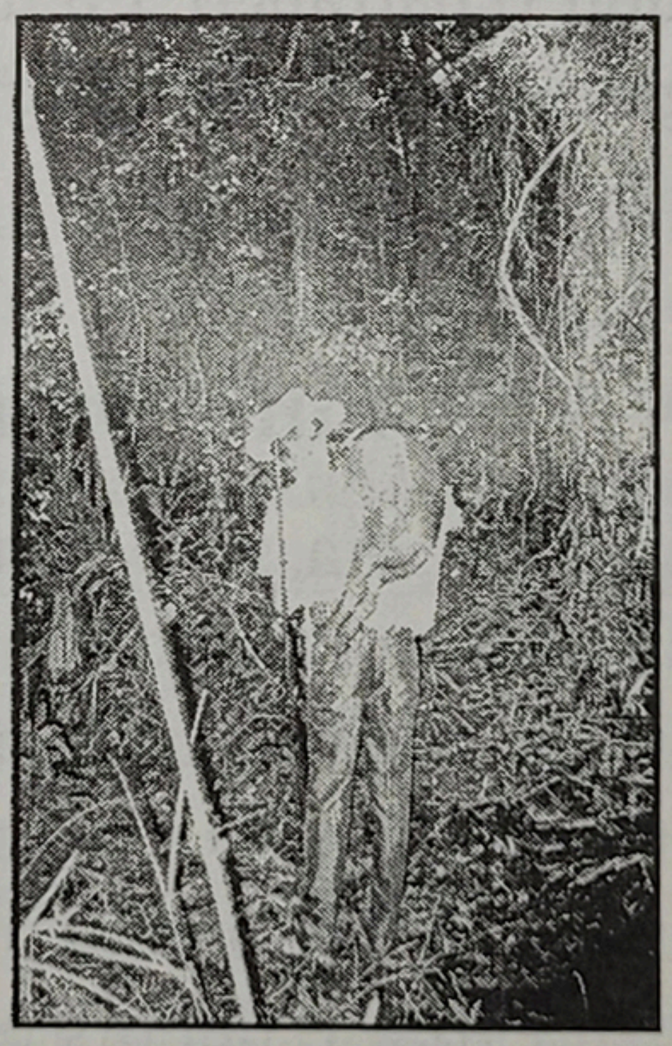
Pacas no laço

As pacas também roubavam milho de noite, na beira das matas. Eu procurava, então, aonde tinha um rastro ou espigas de milho comidas e fazia uma armadilha para pegá-las. As pacas eram presas pelo pescoço e certamente davam muitos pulos, pois a gente via pelo mato amassado. Elas ficavam sentadas no chão e pesavam mais ou menos vinte quilos. As armadilhas eram feitas ao anoitecer e ficavam distantes uns dois quilômetros de casa. De manhã, ainda escuro, eu ia ver. Não tinha medo, porque o meu tio me dava a espingarda.

Minha avó sempre contava, que sabia quando eu pegava paca, pois voltava assobiando e quando nada pegava, vinha quieto e triste. Era um suador carregar a paca de uns 20 quilos e mais a espingarda por 2 quilômetros.



Quando eu pegava as pacas no laço, em 1925, elas ficavam assim, sentadas no chão. Foto reconstituída.



Armar o laço e pegar pacas era fácil. O problema era carregar as pacas nas costas e mais a espingarda, cerca de 2 quilômetros. Para um menino de dez anos era um suador. Foto reconstituída.

Caçar paca de dia

Um domingo, eu e meus tios, Rafael e Angelo, fomos no mato, até uma toca aonde eles costumavam caçar paca com o cachorro. A toca ficava embaixo de uma pedra que tinha três saídas. Numa delas, meu tio Angelo esperava coma a espingarda, na outra, tio Rafael e na terceira saída ficou eu com uma cachorrinha. A cachorrinha não queria entrar e enquanto eu dizia isto a meu tio, e ele me olhava, a paca passou por ele, fazendo até vento e assim perdemos a caçada.

Descanso

Meus avós descansavam duas horas após o meio-dia, no verão, mas eu não parava, ia a procura de passarinhos. Lembro-me de um dia em que eu estava perto do rio, quando vi que um passarinho entrou num buraco de um pé de salgueiro, que ficava pelo lado de baixo da ponte. Meu tio jogava o pó da serragem no rio e ela ficava boiando em cima da água e eu, pensando que aquilo era areia, coloquei os pés em cima, para ver o passarinho no outro lado. Mas, ao colocar os pés, fui para o fundo do rio e minha sorte foi que consegui pegar uma raiz e subir o barranco. Eu não sabia nadar e se não fosse a raiz, morria afogado. Neste dia cheguei em casa todo molhado e cheio de pó de serra.

Ninho de anu

Lembro-me que um dia subi num espinheiro e encontrei um ninho de anus. Eles fazem um ninho com quatro gravetos e põem uma ninhada de ovos, depois botam mais gravetos e mais uma ninhada de ovos. Chegam a botar de 20 a 30 ovos numa ninhada. Nós costumávamos apanhar os ovos, furar com um prego dos dois lados, soprar as gemas e as claras para fora e depois enfiar os ovos num barbante, para fazer colares. Os ovos dos anus são grisalhos, muito bonitos.

Pescaria de Anzol

Um dia fui pescar, peguei um cará muito grande, mas o barbante partiu e fiquei sem o anzol. Aí fui em casa buscar outro e voltei ao mesmo lugar onde estava pescando. O que aconteceu em seguida foi muito interessante, pois pesquei o mesmo cará de antes: ele estava com o meu anzol na boca e eu fiquei então com dois anzóis.

Lagarto de papo amarelo

Um dia, de meio-dia, com o sol muito quente, vi um cachorro acoar no mato e fui ver o que era. Quando cheguei perto, vi que ele estava brigando com um lagarto de papo amarelo. Estes lagartos são muito bravos e um cachorro sozinho não pode pegá-los. Ele ficava em pé e o cachorro não podia chegar perto dele, aí eu fui por trás com uma vara e foi só o tempo de ele se virar: saiu atrás de mim e eu perdi até o chapéu, de tanto correr. Depois deste dia, nunca mais entiquei com um lagarto de papo amarelo. Eles se atiram na água e onde eles caem, no fundo do rio, ficam grudadas, não se mexendo mais. Se a água está limpa, é fácil achá-los.

Lagarto mata cobra com a cola

Um dia, ao meio-dia, fui na beira do rio e vi que um lagarto ia lá embaixo e voltava, aí eu fui por dentro do mato devagarinho e vi uma cobra quase morta. Fiquei observando e notei que o lagarto fazia uma disparada, dava uma chicotada com a cola na cobra, voltava e novamente disparava dando mais chicotadas, até que matou a cobra.

Fomos caçar

Um domingo, meus tios Rafael e Angelo, me convidaram para caçar. Tio Angelo ia na frente e quando viu um gaviãozinho Cli Cli,

parou para atirar. Eu e tio Rafael vínhamos atrás uns cinco metros. Tio Rafael pediu então ao tio Angelo que esperasse, pois ele queria descarregar o cartucho de chumbo grosso e ia carregar com um cartucho de chumbo fino, com pouca carga, já que o Cli Cli estava perto. Na hora em que abriu a espingarda, o tiro estourou e a carga de chumbo passou entre as pernas de meu tio Angelo, chegando a fazer um buraco no chão. Aí paramos com a caçada, pois era um dia de azar. Depois descobriram a causa do disparo: meu tio comprava uma espoleta maior, que se encontrava no comércio, para não perder o cartucho, só que aquela espoleta era perigosa, pois com qualquer arranhão estourava. E foi o que aconteceu. Ao abrir a espingarda a agulha riscou a espoleta e estourou o tiro. Ainda bem, porque se a espingarda estivesse mais aberta podia o cartucho vir para trás e matar o próprio atirador, como já aconteceu com outros. Tio Angelo teve sorte, porque se atingisse suas pernas, podia quebrá-las.

Carro de boi virou

Um dia, tio Angelo e tia Albina chamaram-me para ir buscar uma carrada de capim (feno), com o carro de boi, para guardar para o inverno. Há dias já tínhamos cortado e secado o feno no sol. Depois de carregado o capim no carro de boi, embarcamos em cima e quando chegou numa curva à direita da estrada, uma roda subiu no barranco, pois os bois vinham muito ligeiro e o carro virou. Eu, tio Angelo e tia Albina fomos parar no meio da capoeira e foi sorte que ninguém se pisou. Eu levava um garrafão de água na mão, que não quebrou. Levantei com ele nas mãos.

Cabeçada de porco

Lembro-me que entre a cozinha e a tafona do meu tio tinha um valo antigo, que levava a água de volta da casa e no potreiro tinha

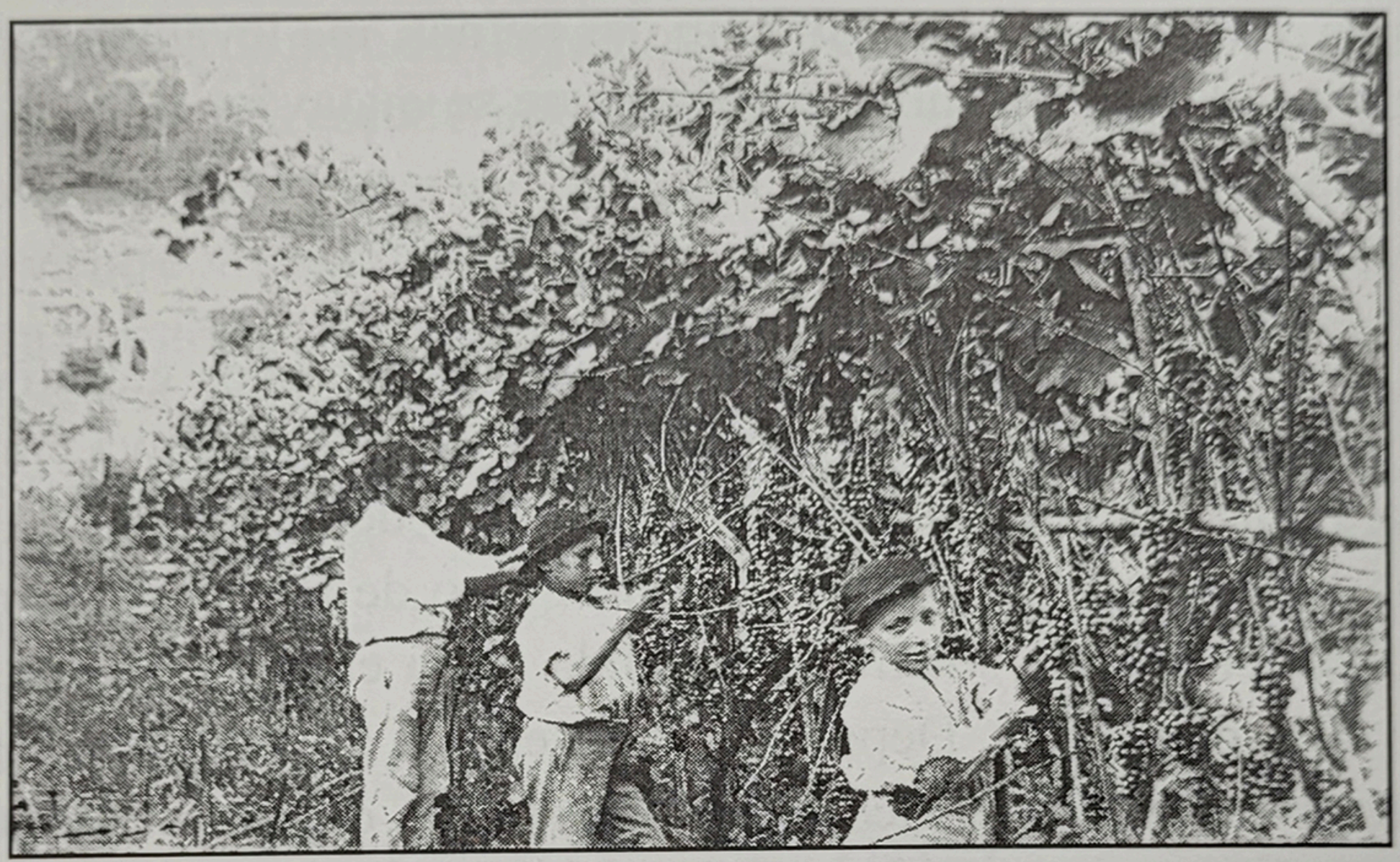
muitos porcos. Um dia, os cachorros começaram a correr atrás dos porcos, eles se espantaram e vieram pelo aterro do valo correndo e eu que ia para a tafona naquela hora, me encontrei com os porcos. O aterro era estreito, pelo lado de cima tinha o valo com água e pelo lado de baixo era rampa e eu me escapei do primeiro porco, mas o segundo, enfiou o focinho no meio das pernas, me levantou e eu fui cair dentro da valo. Minhas tias riam que se matavam.

Parreiral

Meu avô tinha um parreiral e fazia uns duzentos garrafões de vinho, contendo vinte e seis garrafas cada garrafão. A uva era apanhada a mão e levada nos cestos para casa e depois estendida num soalho feito de tábua aplainada e num metro de altura, em cima do cepo, era feito outro soalho e estendida outra camada de uva, para caber mais numa sala. Depois de uma semana a uva era esmagada. Colocava-se a uva num saco limpo e amarrado, depois era preparado um cocho e dentro dele, numa altura de 8 centímetros, era colocada uma grade de sarrafo e em cima da grande era botado o saco de uva deitado. Eu e meu tio Rafael lavávamos bem o pé e nos revezávamos pisando em cima do saco para esmagar a uva, até que ficava só o bagaço. Assim era o dia inteiro até a uva terminar. A noite quando íamos lavar os pés, eles estavam roxos, igual a perna de saracura.

Depois de amassada a uva, o caldo e o bagaço era misturados, tudo junto num cocho maior, onde se colocava também um pouco de açúcar branco e se deixava ferver. Durante a fervura o bagaço ficava por cima e eu ficava de plantão até a meia-noite, pois quando fervia, tinha que furar o colchão do bagaço, senão derramava. De madrugada era meu tio quem cuidava. A fervura durava poucos dias. Depois, o vinho era tirado por baixo, botado em tina e após um mês era lacrada a tampa e deixava-se um furo, onde se colocava um cano de

cobre com uma curva para baixo e na ponta, um balde de água. Enquanto aparecessem bolhas de ar na água, era sinal de que o vinho estava fervendo. Depois que parassem de sair bolhas de ar, era então retirado o tubo e lacrado.



Parreiral do meu avô Sebastião Bez Fontana, no Rio América Baixa, Urussanga, no começo do século XX.

Pescada na enchente

Quando dava enchente enchiam duas sangas que ficavam perto de casa e nelas entravam também muitos peixes. Então meu tio fez uma cerca na beirada do rio e também uma porta com tela.

Aí, eu e meu tio Rafael tínhamos que ficar de plantão, pois quando a água baixava, os peixes escapavam e eu e tio Rafael tínhamos então que fechar a porta. Os peixes que entravam nas sangas eram os carapicus e nós os chamávamos de peixe duro. Eles andam em bando e fazem uma cantoria. Era um bom divertimento, além de termos um bom prato de polenta com peixe.

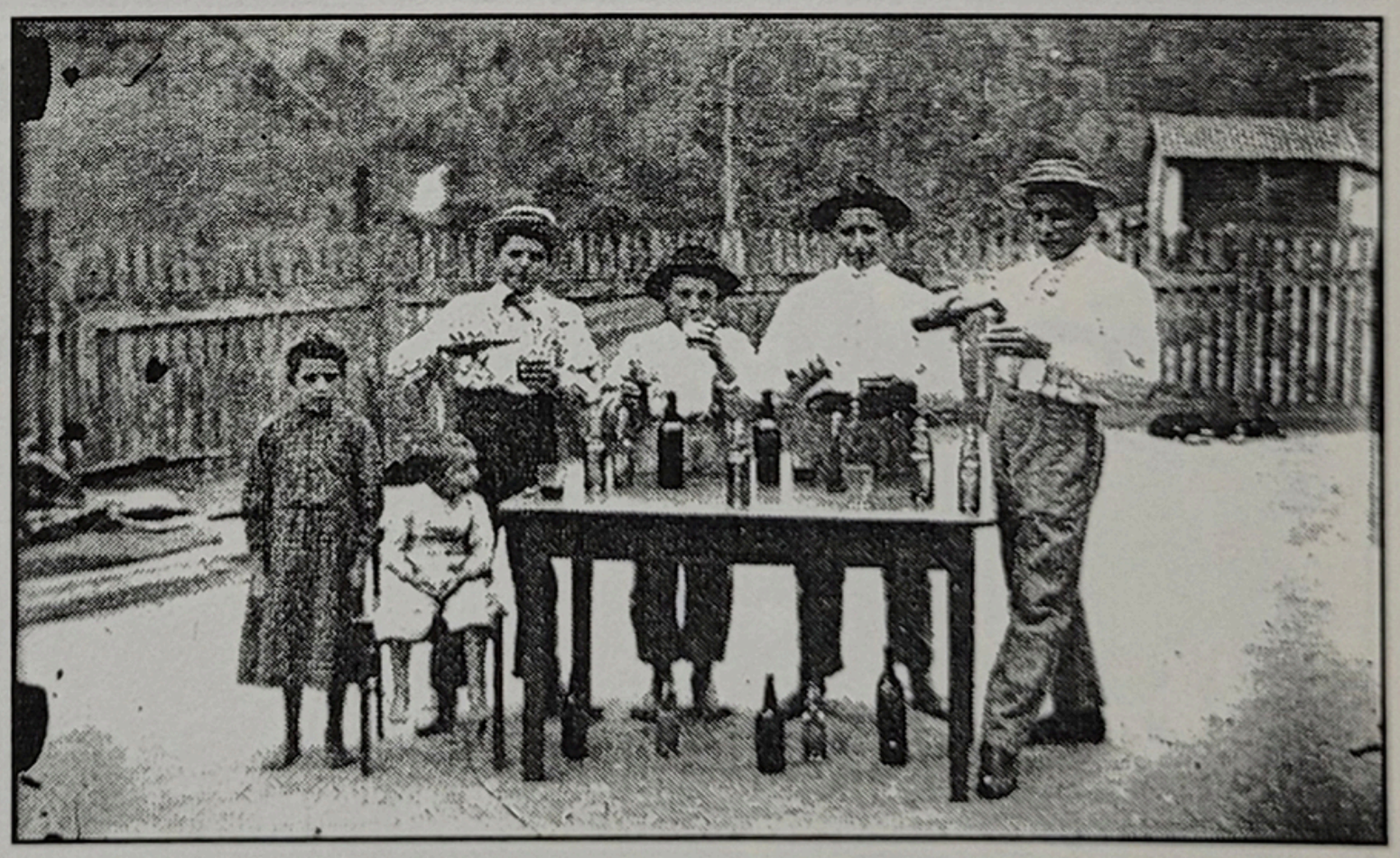
Mesada em casa de meu avô

Minha avó, uns três meses antes de uma festa, capava dois galos e um peru e depois colocava na engorda. Eram tratados a milho e verduras. Na festa, o peru e os galos eram abatidos e ensopados. Toda a família era reunida, inclusive meu pai e meus tios que moravam em Treze de Maio. Para comer, além dos galos e do peru, também tinha macarronada, nhoque, capeleti, carne de boi, polenta, arroz e para beber, vinho a vontade. Todos sentavam numa mesa grande, na cozinha, conversando muito alto. Meu avô sempre chegava por último e aí a coisa mudava, pois ninguém conversava mais, era um costume e um respeito. Meu avó dizia:

- Continuem conversando.

Mas ninguém mais abria a boca. Ele então começava a contar histórias e fatos do mundo inteiro. Recebia o grande jornal, o "Fanfula" em língua portuguesa e italiana e costumava ler muito. Meu avô era um homem sério, não arreganhava os dentes para os filhos e dava as ordens uma vez só. Muitas pessoas estranhas tiravam o chapéu para conversar com ele, mas era uma boa pessoa muito honesto.

Lembro-me que meu avô sempre dizia aos filhos que vendessem as mercadorias para os colonos, pequenos comerciantes e indústrias, pois mesmo que eles atrasassem, pagavam e não para os colarinhos em pé, colarinho branco, pois a maioria eram velhacos e não pagavam mais. Ele sempre falava para seus filhos que se cuidassem, pois ele já havia perdido muito dinheiro com aquela gente. Naquele tempo era assim.



No começo do século XX, a bebida em casa do meu avô era farta, como se vê na foto.



Filhos, parentes e amigos do fotógrafo Sebastião Bez Fontana, meu avô. No fundo aparece a casa da tafona.



Meus primos da esquerda para a direita, sentados: Vergínio, Sebastião, Clara e Zilda. Em pé: Olívio, Antoninho, Vergínia, Olívia e Tereza.



Da esquerda para a direita, sentados: Giacomo (meu pai) e João. Em pé: Rafael, José e Angelo Bez Fontana



Casamento de meu tio João Bez Fontana com Ana Citadin. Os noivos estão na frente, montados em dois cavalos brancos, como era de costume da época. O gaiteiro, no meio,
alegrando a festa.



Meus tios:
João Bez Fontana
e Ana Citadin.
Filhos: Olíviio,
Vergínio, Sebastião,
Vergínia e Olívia



Sentados: Catarina Bez Fontana e Pio Trento (meus tios).
Em pé, os filhos: Tereza, Deolinda, Irma,
Inez e Hugo Trento.



Meus tios:
Eliza Bez Fontana e João Crema
e o único filho, Antoninho
Fontana Crema.



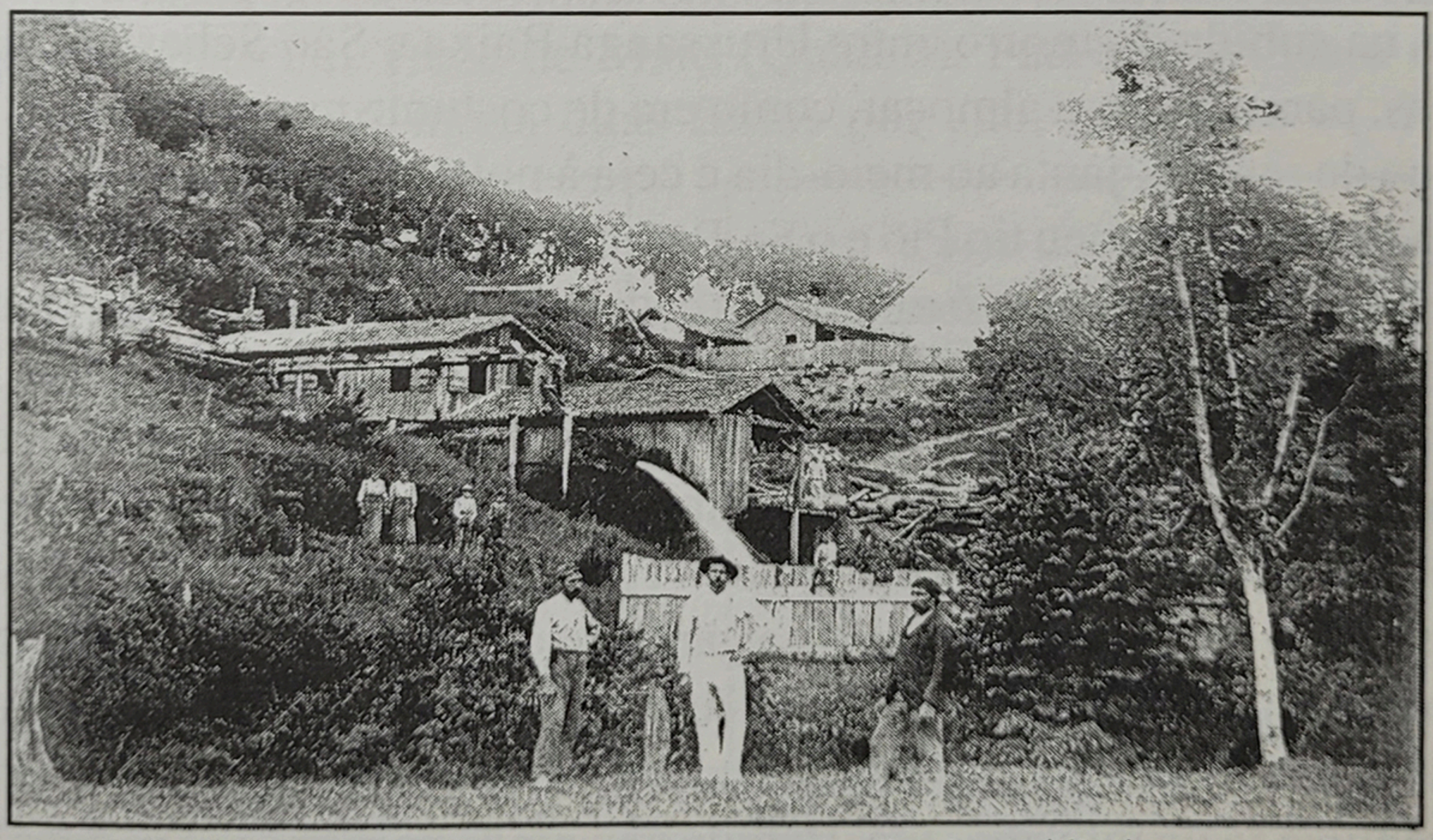
Minha mãe, prima
Benedet Bez Fontana e
minhas tias, Ana Citadin
Bez Fonana e Catarina
Bez Fontan Trento.



Família de Luigi Bez
Fontana, que morava no Rio
América Baixa, estremando
com o irmão, o meu avô
Sebastião Bez Fontana

Acidente com a avó

O valo que levava a água para a roda d'água do meu avô era muito alto. Começava a zero e ia aumentando até 6 metros de altura. A calha era de madeira inteiriça, sem junta, cavada com a enxó, farquejado com o machado e só tinha emenda a cada 4 metros. Meu avô dizia que assim durava mais. De tantos em tantos anos era necessário fazer uma limpeza na calha, pois ela criava muito limo, devido ao carvão. Meu avô não subia na calha. Eu queria subir, mas meu avô não deixava, porque eu era pequeno. Então minha avó, que era mulher de coragem e subia em qualquer altura, foi descendo pela calha, fazendo a limpeza do limo. Eu e meu avô ficamos do lado, olhando. Quando já estava na altura de uns quatro metros, minha avó pisou em cima de uma travessa que estava podre e despencou. O vestido dela, comprido e largo, abriu igual a um pára-quedas e eu acho que este fato ajudou para que não se machucasse. Corri e chamei meus tios, que a levaram para casa. Poucos dias depois já estava andando.



Indústria do meu avô Sebastião Bez Fontana. O primeiro prédio é a marcenaria, embaixo a serraria e adiante, no alto, uma calha que conduzia a água para uma pequena roda que tocava os pilões, para descascar o arroz. Em seguida, a cozinha e a casa da residência, tudo construído no século XIX.

Minha volta para casa

Na hora de voltar, começou uma briga, por causa do bauzinho que eu tinha levado, para guardar meus brinquedos. Minhas primas, Zilda e Clara, queriam que eu deixasse o bauzinho para elas e eu queria trazê-lo de volta. Acabou acontecendo que eu deixei o baú com elas, mas trouxe a chave comigo.

Despedida dos tios

Na minha volta, veio junto minha prima Terezinha e meus avós. Fomos a pé até a estação de trem de Urussanga, embarcando em seguida até a estação de Cocal. Dali seguimos a pé. Quando chegamos no rio Urussanga, que na época não tinha ponte para atravessar, só tinha uma pinguela sem corrimão, tivemos que arranjar duas varas para meu avô passar de um lado para outro, pois, para nós, minha prima, eu e minha avó não tinha problema. Naquele tempo era fácil arranjar as varas, pois era tudo mata virgem. Após, seguimos viagem. Quando chegamos na subida do morro entre Urussanga Baixa e São Sebastião, às 9 horas, paramos para almoçar, como era de costume naquele tempo: almoço de manhã, janta ao meio-dia e ceia à noite. Enquanto estávamos parados, chegou meu tio Pio e o Sr. Pedro B. Fontana, com quatro cavalos. Meu avô e minha avó montaram cada um no seu cavalo e eu e minha prima subimos o morro a pé. Depois da descida, havia outra subida e o cavalo do meu avô botou a pata num terreno falso, ocasionando a queda do meu avô na estrada. Ele não se machucou e seguimos viagem. Era o mesmo lugar em que viramos o carro com o vinho. Em alguns trechos, eu e minha prima montávamos na garupa e aí a viagem adiantava mais. Sempre que meu avô vinha para Treze de Maio (Quadro), aos domingos, reunia os filhos e parentes, arrumava uma sala na venda do Sr. Luiz Vicentin e fazia uma mesada. Bebida à vontade para todos e pagava todas as despesas sozinho.

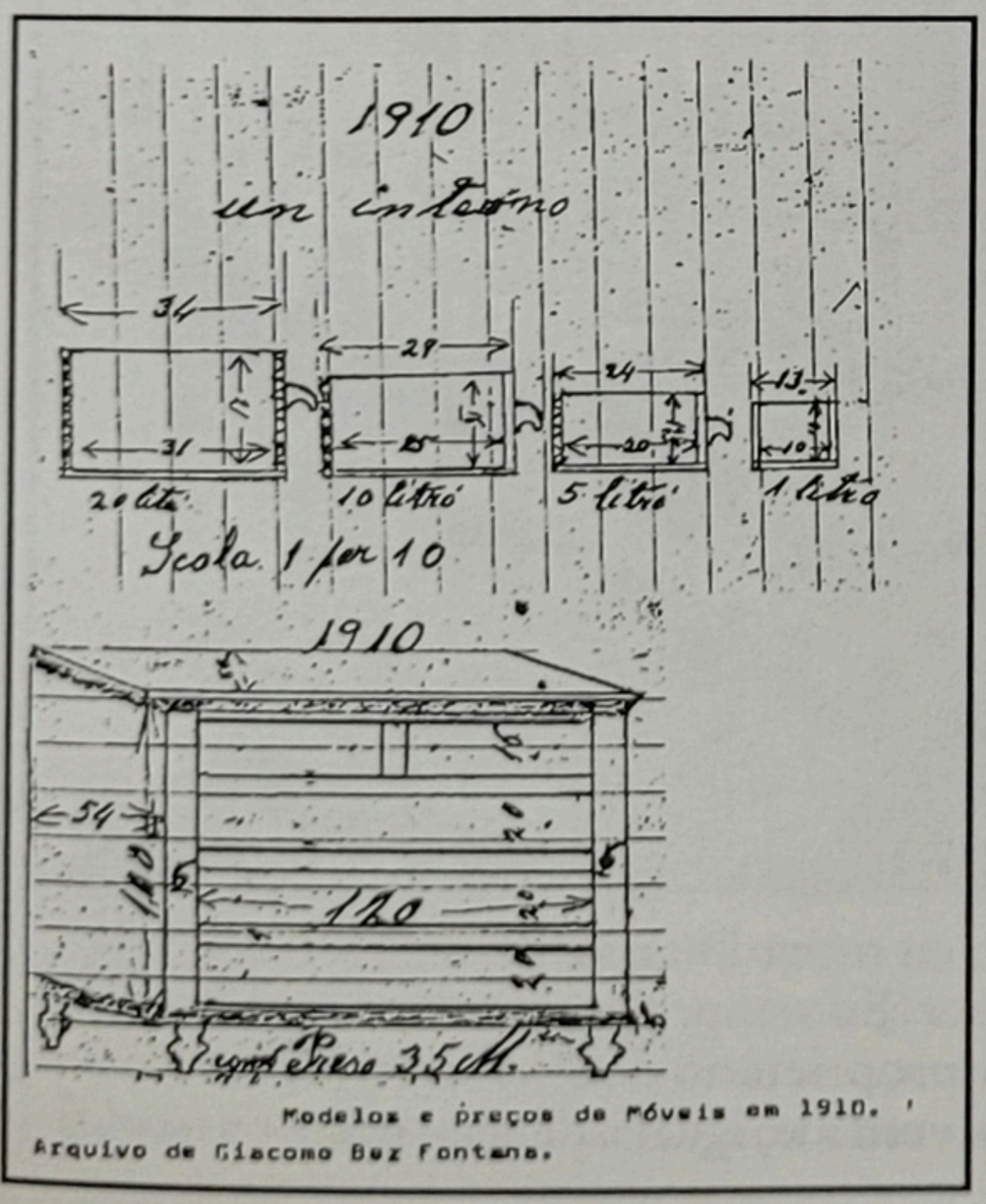
Capítulo 7

Continua história em casa

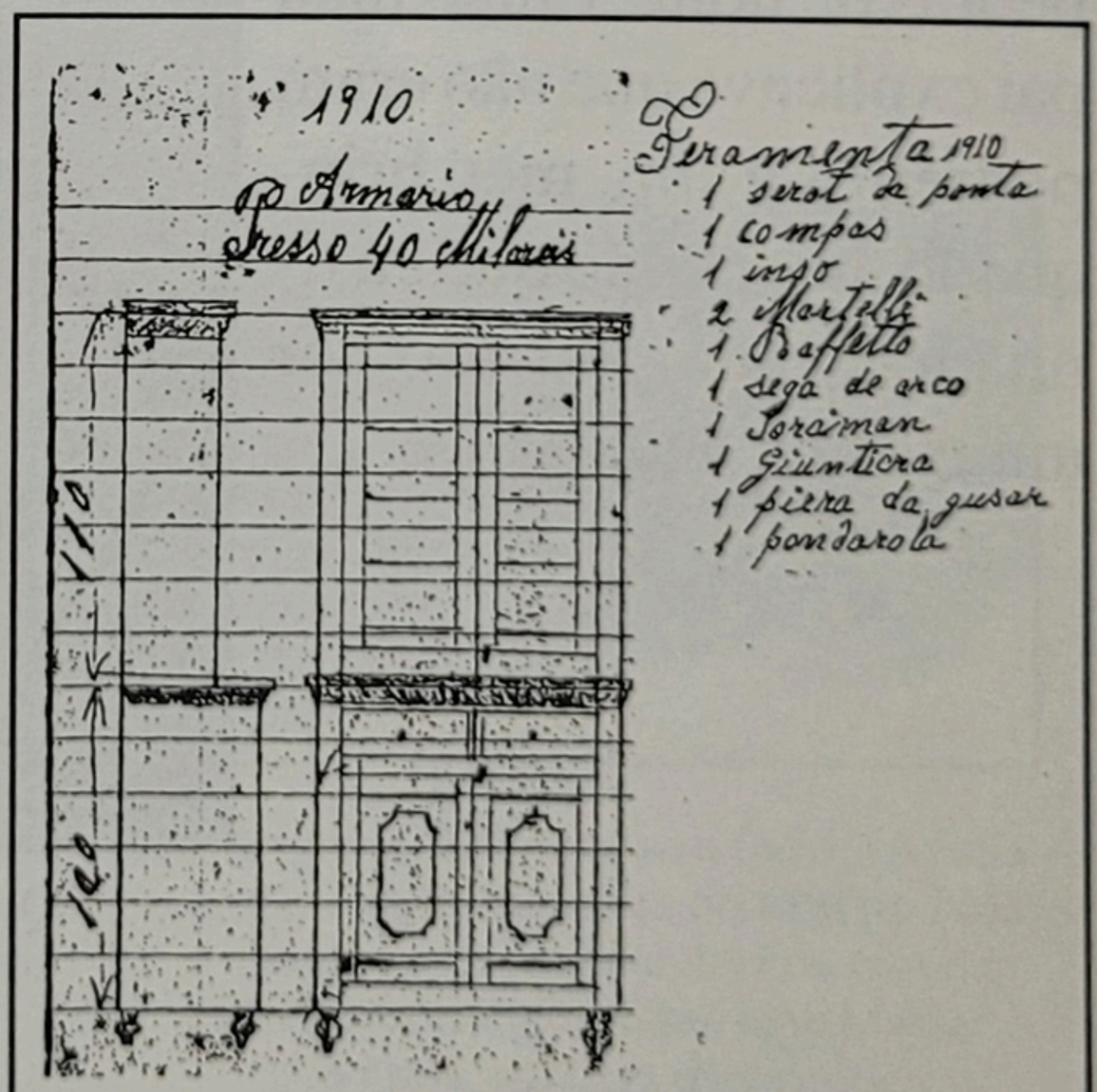
Nesta época, já tinha os meus 11 anos. Sabia ler, escrever, fazer contas, já tinha feito também minha primeira comunhão e me considerava um adulto.

Comecei a ajudar meu pai na serraria e marcenaria e também minha mãe, quando esta precisava.

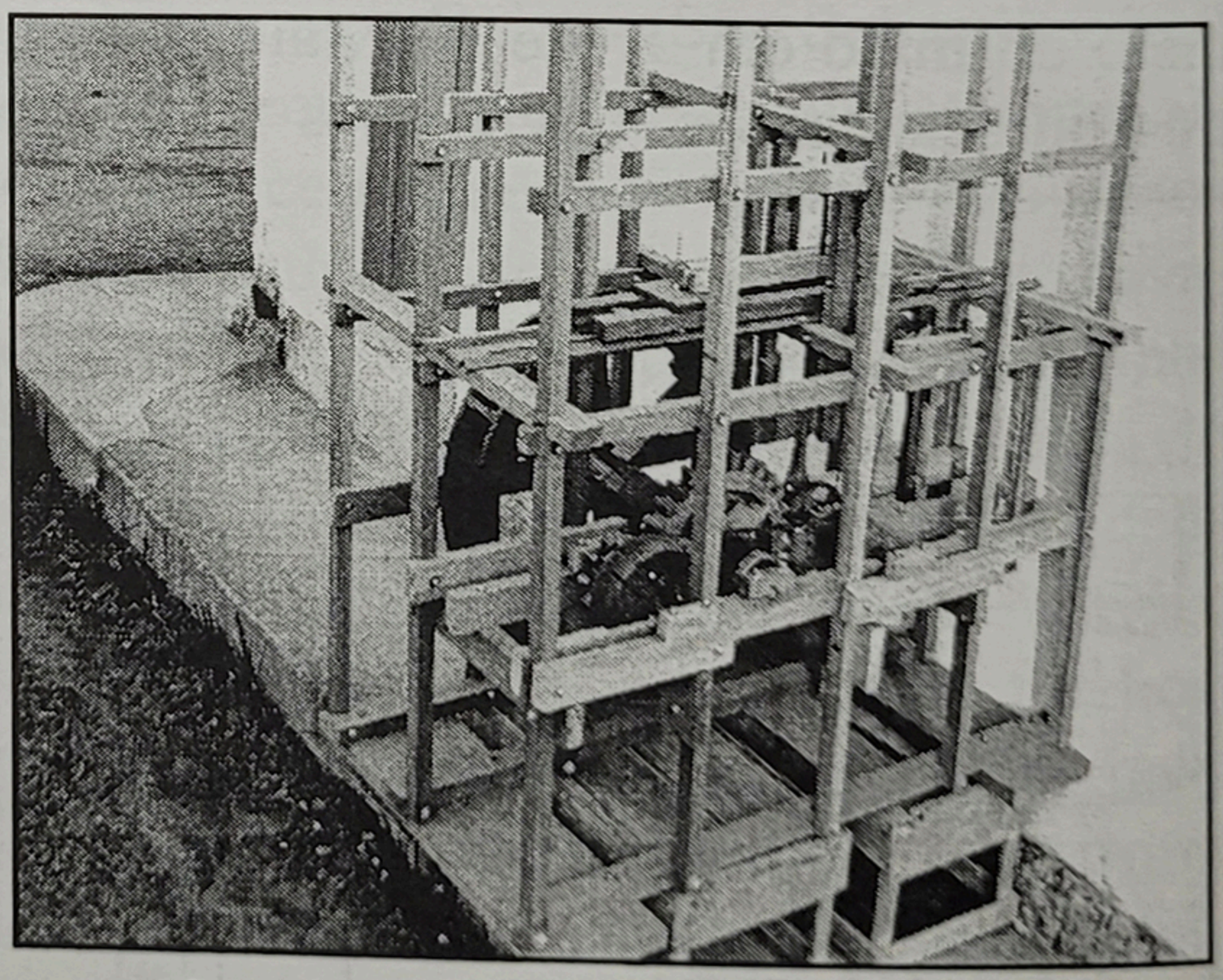
Eu nasci no meio do mato em Urussanga e fui criado também no meio do mato em Treze de Maio (Quadro). Padre só se via a cada três ou seis meses, havia duas festas por ano, rádio não se tinha,



Modelos e preços de móveis em 1910.
Arquivo de Giacomo Bez Fontana.



televisão nem falar, jornal, só velho. Para nós só restava apreciar o céu, as matas, trabalhar, comer e dormir. Meu pai, no verão, a exemplo do meu avô, descansava ao meio-dia, por duas horas, mas trabalhava-se de escuro a escuro. Eram doze horas por dia de trabalho. No inverno, quando tínhamos mais serviço, trabalhávamos até à meia-noite. Eu aproveitava os domingos, os dias santos de guarda e as horas em que os outros descansavam para fazer meus brinquedos. De início, montei uma pequena serraria movida por uma roda d'água de 50 centímetros de diâmetro. As correias eram de riscado ganga, feitas pela minha mãe na máquina. Nesta pequena serraria, eu serrava raiz de mandioca, a exemplo do que meu pai fazia com as toras de madeira. A mandioca era levada depois para alimentar as criações. Ao lado da serraria, na ponta do mastro da roda d'água, montei um malho para malhar ferro e quando queria trabalhar com ele, tirava as correias da serraria, aí a roda d'água só movimentava o malho. Eu o deixava trabalhar dia e noite. Lembro-me que meu pai contava, que as pessoas que passavam na estrada de noite e ouviam aquela batida de martelo contínua, quando o encontravam, perguntavam a ele porque os pedreiros cortavam pedras de noite. Então meu pai explicava que não eram pedreiros e sim, meu brinquedo, um malho que eu tinha montado, movido por uma roda d'água.



Quando eu tinha 13 anos, fiz uma serraria como esta. Eu sempre sonhava um dia em ser proprietário de uma serraria de verdade, igual a de meu pai.

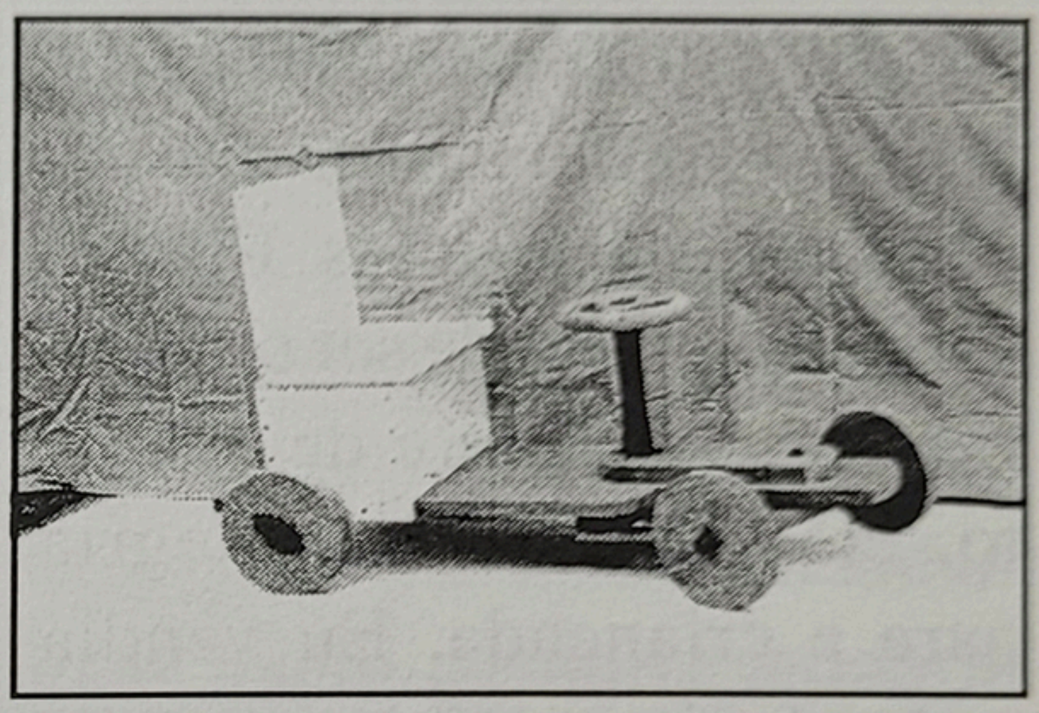
Manjolo

Em seguida fiz um manjolo (pilão), para pilar arroz. Era movimentado por uma calha de água. A água caía sobre uma gamela, presa no manjolo. Quando a gamela enchia de água, levantava o manjolo e depois despejava a água e o manjolo descia e descascava o arroz, de tanto bater.

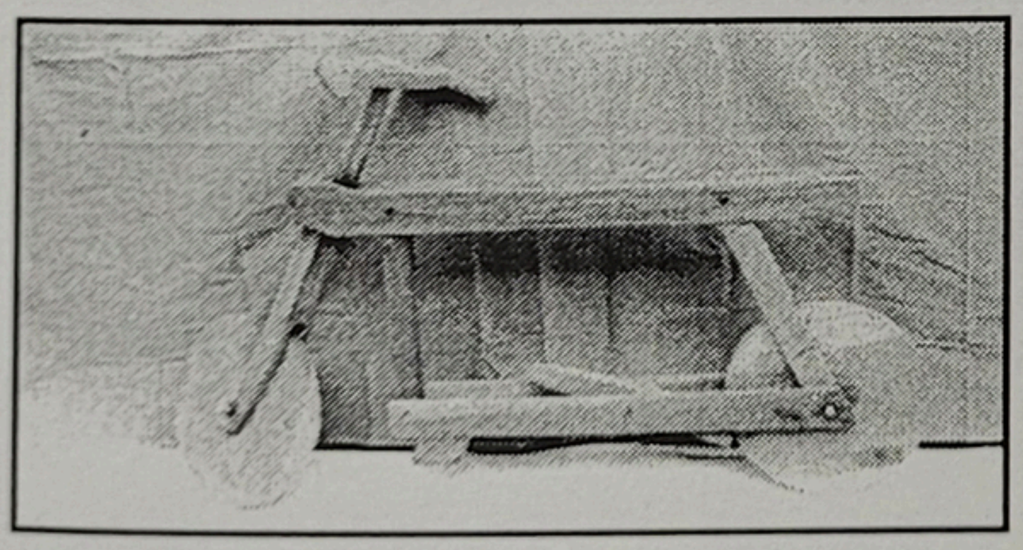
Automóveis e bicicleta

Passei a fazer também automóveis de madeira com direção, quatro rodas, garupa para duas pessoas, só para correr morro abaixo. Fazia para vender para os meninos.

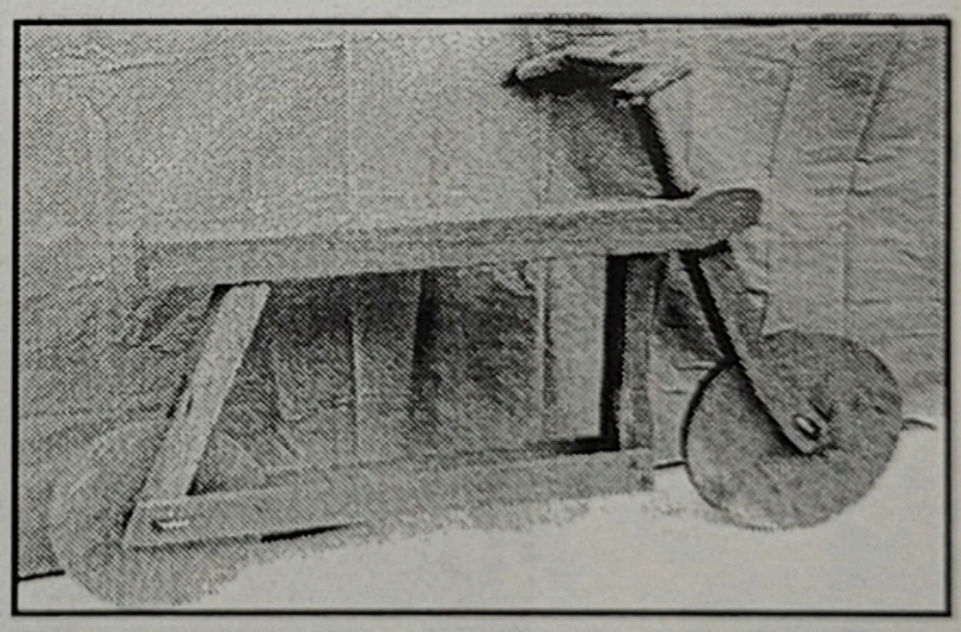
Depois passei a fazer bicicleta de duas rodas, também para correr morro abaixo. Esta era mais divertida, tínhamos que aprender a andar. Além da bicicleta mais simples, também fazia a de trote, como chamávamos. Este tipo de bicicleta tinha atrás uma roda menor e na frente uma roda



Quando eu tinha 11 anos comecei a fazer este tipo de caminhão e vendia para as crianças. Depois passei a fazer bicicletas.



Bicicleta feita quando eu tinha 12 anos. Eu fazia estas bicicletas e as vendia para as crianças, para brincarmos aos domingos, cada um com a sua. Escolhíamos um morro e a soltávamos, pois tinha freio.

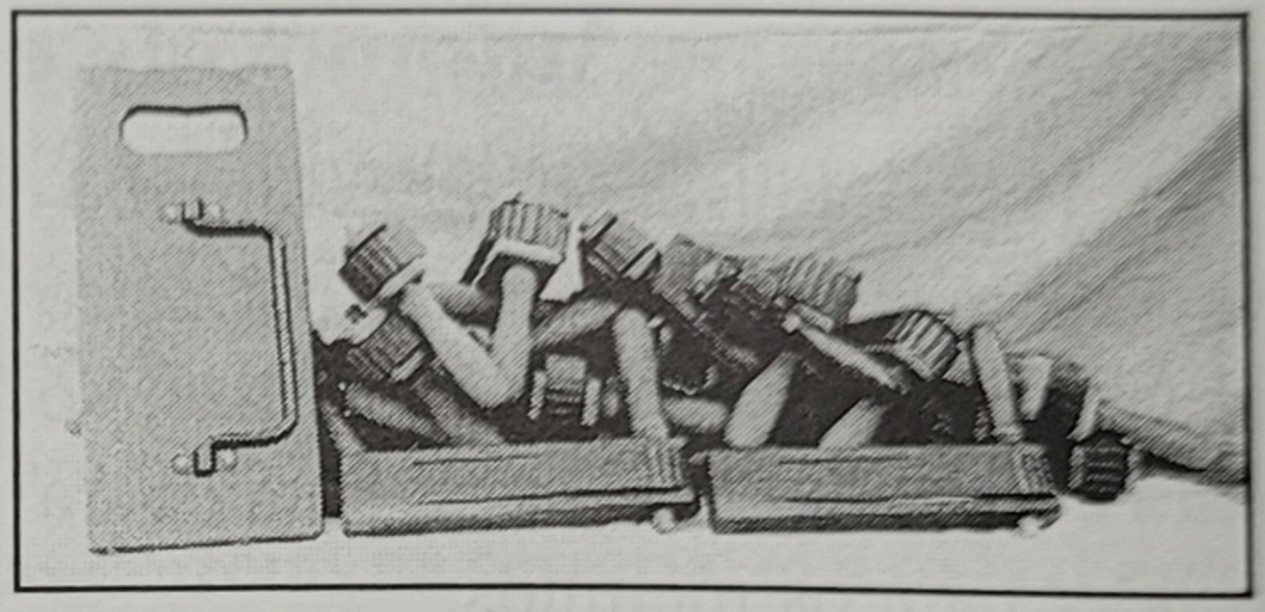


Neste tipo de bicicleta sem freio, eu fazia as rodas com o furo fora do centro. Nós a chamávamos de bicicleta de trote. Não havia ninguém que aguentasse em cima, mas era divertido.

maior. As duas rodas tinham o furo fora do centro para trotar, por isso, não havia quem agüentasse em cima, mas era divertido.

Catraca e rácula

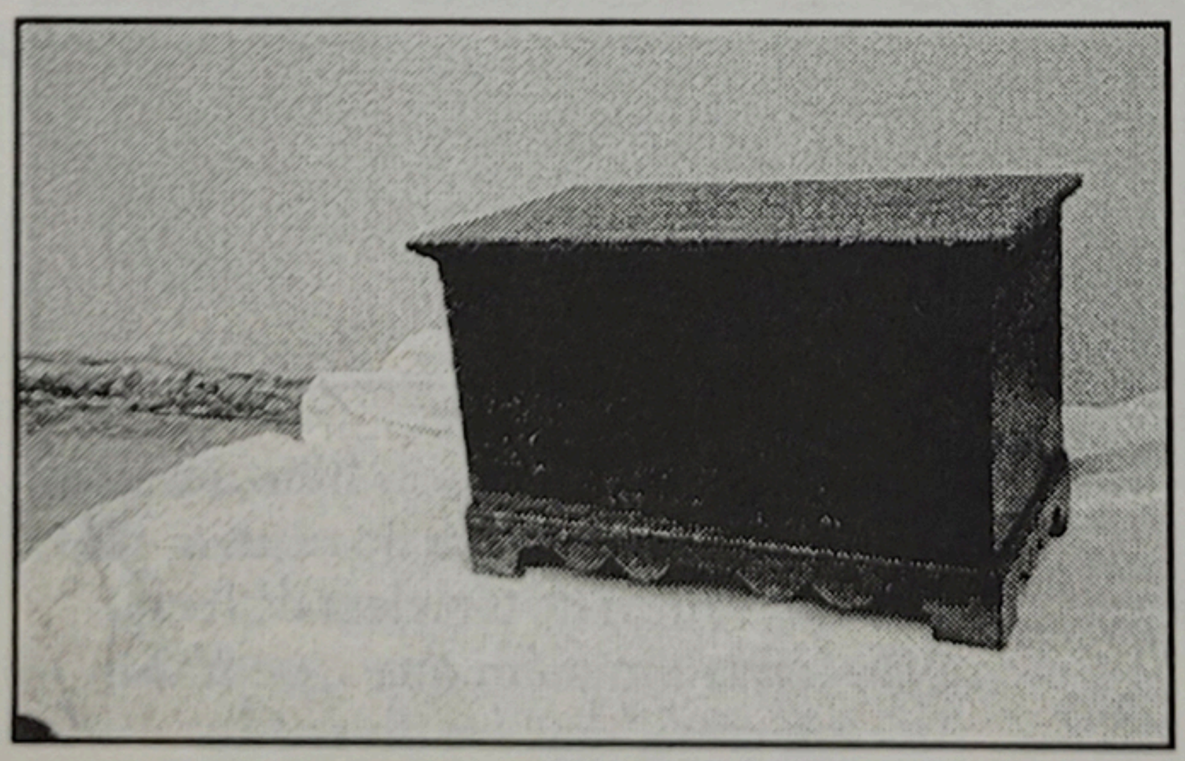
Antes da semana santa, o meu comércio era fazer rácula. Era um instrumento de madeira que eu próprio fazia na marcenaria e vendia para os meninos, mui-to usado nas procissões da sexta-feira santa e mesmo na Igreja. Conforme a reza na Igreja, o mestre tocava a catraca e nós as ráculas. Era um barulhão. Além de ser uma cerimônia religiosa e de respeito, era também uma alegria para a criançada. Eu vendia cada rácula a quinhentos réis ($500).



Estes instrumentos eram usados na Semana Santa. Eu fazia e vendia para os meninos e todos juntos, na Semana Santa, participávamos da cerimônia religiosa, tanto na igreja, como também na processão das sextas-feiras santas. 1927.

Segundo baú

Lembro-me que fiz o meu segundo baú, onde guardava os meus brinquedos e o conservo até hoje como recordação. Passei a fazer baús também para vender.



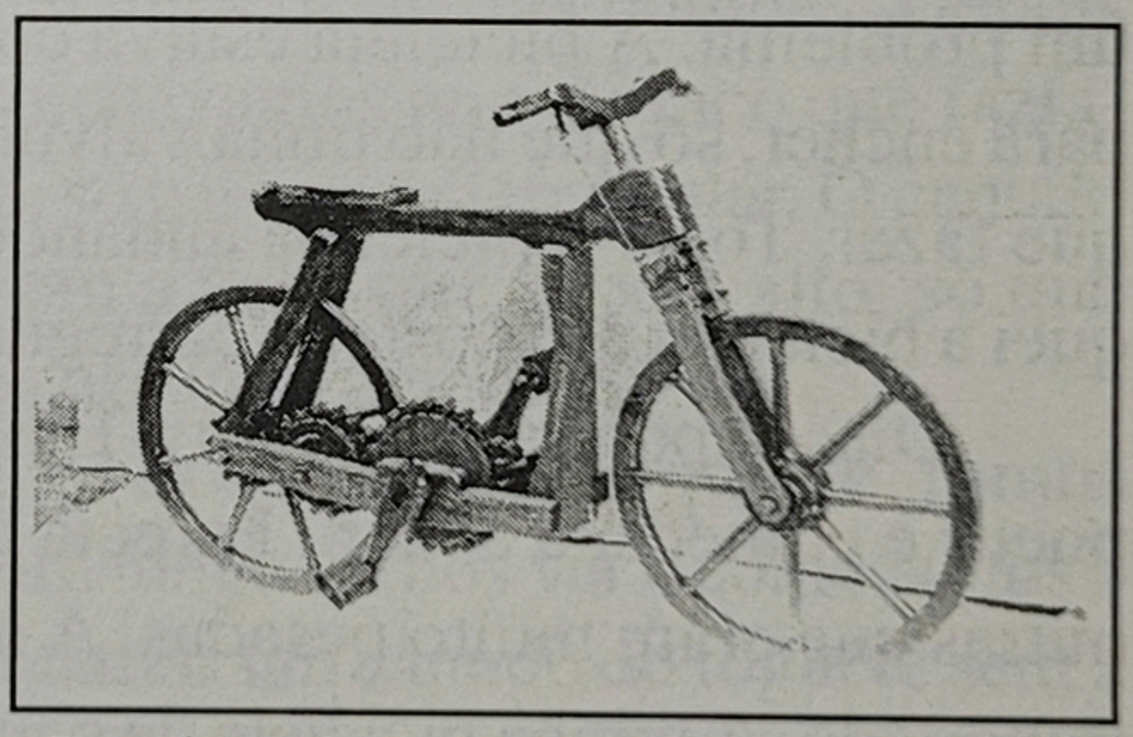
A foto mostra o segundo baú que eu fiz, com 12 anos

Bicicleta pé

Precisava de uma bicicleta tocada a pé, como se via nas revistas, mas na época (eu tinha dezesseis anos) não tinha para se comprar. O jeito foi fazer um estudo e fazer de madeira mesmo, o que me custou muitos serões à noite e muitos domingos e dias santos. Mas a bicicleta saiu com duas rodas de madeira de 60 centímetros, com oito raios, ferrada com chapa de ferro de 2 milímetros de espessura, por uma polegada de largura, com três engrenagens: uma de 25 centímetros, outra de 15 e a terceira com doze. Esta primeira fabricação não tinha freio, tocava para frente com o pedal e o mesmo pedal servia para segurar na descida, para não disparar.

Um domingo fui testar a bicicleta. Subi um morro comprido, quase um quilômetro e na minha volta, a bicicleta ganhou velocidade e eu a segurava no pedal, quando, de repente, os pés escaparam. Aí, abri as pernas, porque se baixasse os pés, o pedal batia nos calcanhares. Numa grande velocidade, a bicicleta só parou quando encontrou uma subida, já na praça. Foi uma sorte não ter encontrado algum carro de boi na estrada, pois teria me arrebentado todo: ou me chocava, ou ia parar no mato, isto porque as estradas naquele tempo eram estreitas.

Depois de muito estudo, resolvi botar o freio nas duas rodas e fazer no eixo do pedal uma catraca. Morro abaixo, o pedal ficava parado e segurava no freio, quando tocava para a frente, a catraca tocava a engrenagem. Tudo deu certo e a bicicleta era o meu cavalo para ir na sede



Quando eu tinha 16 anos, fiz uma bicicleta de madeira como esta, por mim resconstruída. Aí melhorou, pois ela era o meu cavalo para ir a sede.

Bicicleta de ferro

Durante muito tempo, viajei nesta bicicleta construída de madeira pesada.

Um dia, meu pai foi em Laguna e viu uma bicicleta de ferro usada, na casa de um comerciante. Ao chegar em casa ele me falou, que quando voltasse a Laguna, iria tentar comprar aquela bicicleta para mim. Eu já nem dormia mais, só de me lembrar daquela bicicleta. Em Treze de Maio só existiam duas bicicletas: a minha e a do meu primo Gildo, ambas de madeira.

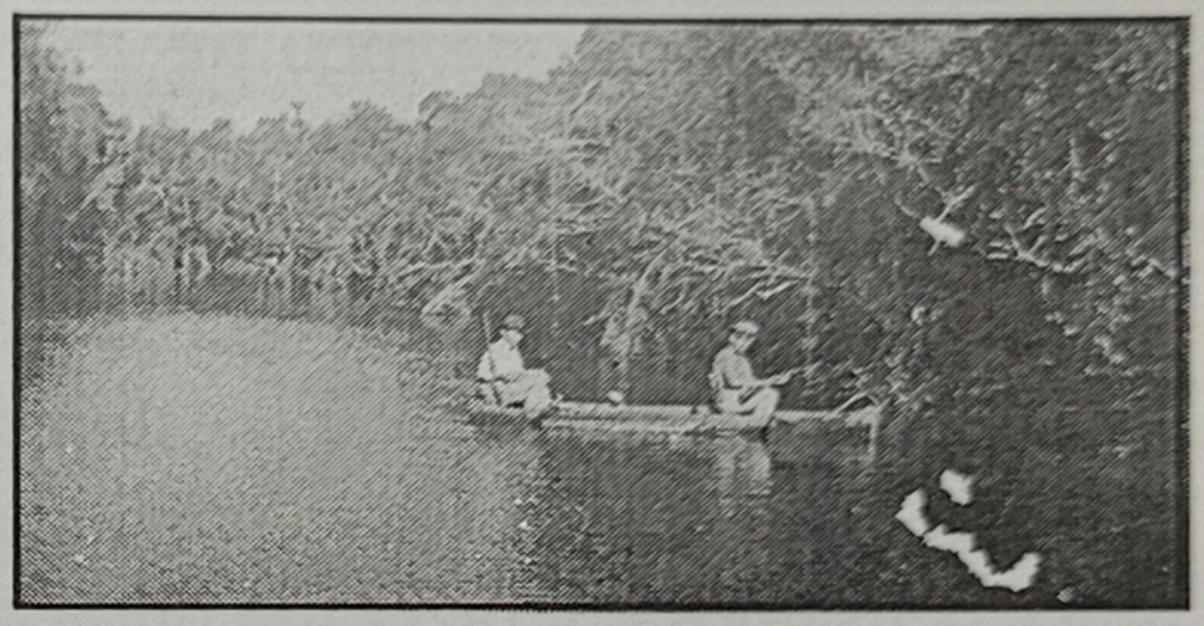
Quando meu pai voltou a Laguna, comprou a bicicleta por cento e sessenta mil réis (160$000), despachando-a por canoa até Cubículo, nosso porto de embarque aqui na região. Naquele dia, quando meu pai chegou à noite, eu estava esperando na porta. Ajudei a desencilhar o cavalo e o levei para a estrebaria. Entrei na cozinha, sentei perto da mesa onde meu pai estava jantando, esperando alguma notícia da bicicleta e nada. Só quando ele acabou de jantar é que me disse que tinha comprado a bicicleta. Eu até suspirei. Meu pai então me falou que eu deveria ir até Cubículo apanhar a bicicleta, a pé. A distância que eu teria que percorrer de Cubículo até em casa era de 12 quilômetros. No dia certo, de madrugada, fui buscar a bicicleta, que me foi entregue pelo proprietário da canoa, Sr. Manuel Pedro de Souza. Só que aconteceu um problema. A bicicleta estava com o pneu vazio, mas tinha bomba para encher, só que não tinha válvula. Fiquei muito triste e não sabia o que fazer. Tocar a bicicleta andando, estragaria os pneus, então coloquei a bicicleta nas costas e carreguei até em casa, por 12 quilômetros.

Dias depois, meu pai foi a Tubarão e comprou a válvula. Enchi os pneus e comecei a andar . Parecia que eu estava no céu, em vista das outras que eram muito pesadas. A marca da bicicleta era "Ideal" e era importada. A minha bicicleta de pau vendi para um homem de Tubarão ao preço de vinte mil réis (20$000). Para um moço que conseguisse comprar uma bicicleta, não faltava namorada.

Canoa e casinha

Aos domingos, eu e meus primos Gildo, Otávio e Hugo, gostávamos muito de nadar no açude. Nós levávamos um cocho que servia de canoa. O cocho era muito pesado. Para levar até o açude era fácil, mas, na volta, era difícil subir o morro com ele. Então, nós quatro o carregávamos.

Fiz uma casinha na beira do rio para tirar a roupa e descíamos para a água por um buraco no assoalho. Nós tomávamos banho pelados e quando brincávamos de canoa, vestíamos a cueca e subíamos pelo rio até o açude do Sr. João Nandi, distante 2 quilômetros.



Meu irmão Alfredo e eu, na frente, quando fomos caçar de canoa no rio Caipora, em 1938.

Foguete

Lembro-me que naquele tempo, qualquer criança podia ir na venda e comprar qualquer quantidade de foguete, pólvora, espoleta e balas de revólver. Nós gostávamos de comprar foguetes (tinha de duas e de três bombas) e nós escolhíamos os de três bombas. Depois nós tirávamos as bombinhas e as colocávamos num buraco que fazíamos no barranco e largávamos fogo, só para ver a terra pular. O canudo do foguete nós soltávamos junto com a vara, que ia bem alto, só que não estourava, porque nós tínhamos tirado as bombas.

Lembro-me que num domingo, às 11 horas, sol quente, fomos numa coivara, bem longe de casa para ninguém nos ver e começamos a estourar bombinhas. Numa hora, soltamos um canudo do foguete sem a vara. O canudo sem vara fica sem destino, tanto vai para um lado, como para outro e nós corremos para escapar dele, mas pegou fogo na coivara. Aí lutamos para apagá-lo, até que conseguimos, por sorte. Mas a

dúvida era que meu tio, vendo aquela queimada, na certa iria perguntar como surgiu aquele fogo e nós não tínhamos defesa, tínhamos que confessar como foi, pois não sabíamos mentir. Nossos pais sempre nos ensinaram a falar a verdade.

Loucura com pólvora

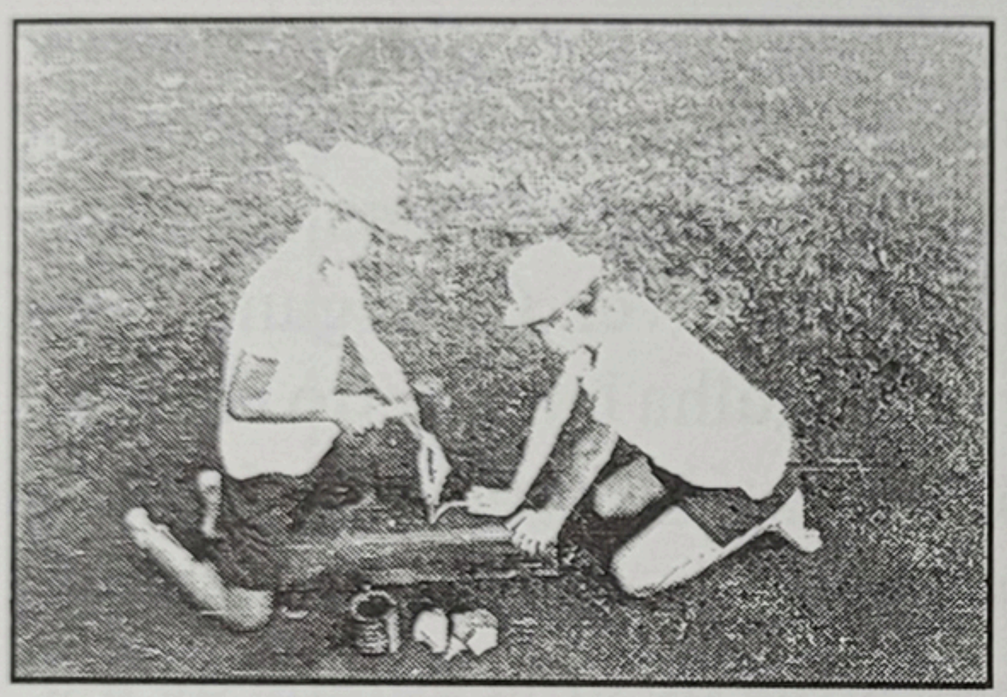
Recordo-me que meu tio José, tinha pagado um pedreiro para cortar pedra, e ele trabalhava com pólvora e estopim. Um dia ele carregou um tiro e sobrou um pedaço de estopim (25 centímetros) que joguei fora. Meu primo Gildo, que estava olhando como pedreiro carregava o tiro, pegou o estopim e o guardou.

No domingo, quando nos juntamos, Gildo nos mostrou o estopim e pensamos em fazer um buraco na pedra, que ficava na frente da cozinha. E assim aconteceu. Durante a semana, sempre ao meio-dia, meus primos Gildo e Otávio, trabalhavam na pedra, fazendo um buraco com prego de caibro. Na mesma semana compramos a pólvora, para no domingo carregar o tiro. Mas na hora de carregar o tiro, nos lembramos que a pedra ia estourar e meu tio iria perguntar como tinha acontecido e aí desistimos.

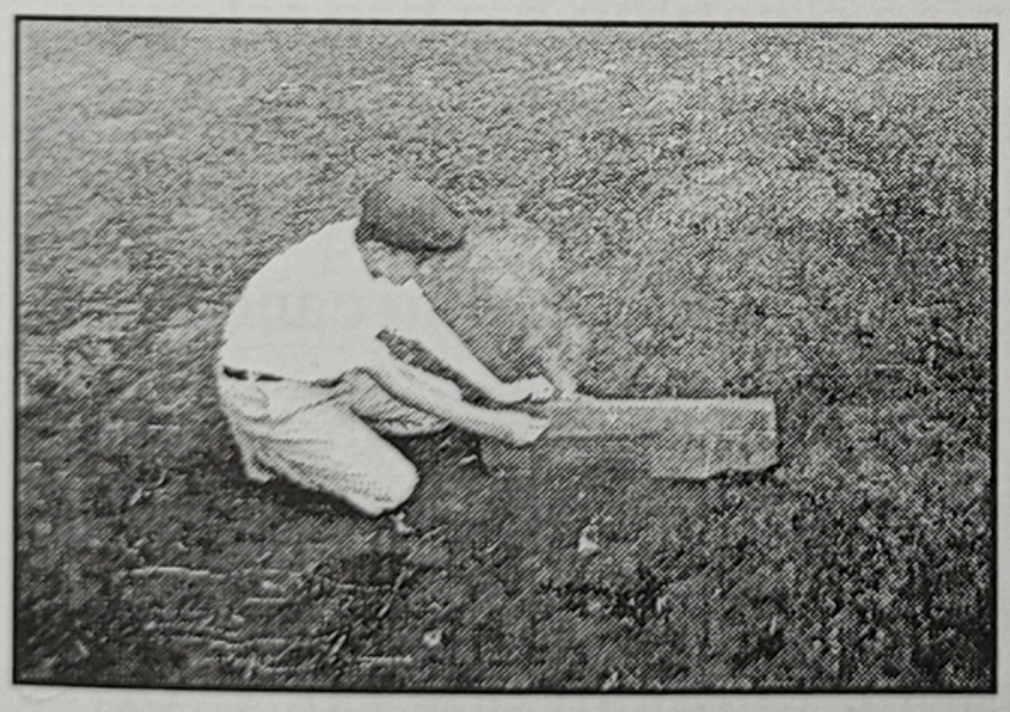
Resolvemos então fazer o tiro na madeira. Procuramos e achamos um pau de 20x20 com 60 centímetros de comprimento, fizemos um furo de 2,5 centímetros de largura, com a fundura de 16 centímetros e colocamos um pouco de pólvora. Em seguida, fizemos um nó na ponta do estopim, colocamos no buraco com mais um pouco de pólvora em cima e no resto do furo e socamos com pedaços de tijolos. Colocamos o pau a uns dez metros de distância da marcenaria do meu tio, que era de dois pavimentos. Eu e meus primos, Gildo, Hugo e o tafoneiro, o velho Jacobe, que apesar da idade era uma criança, nos retiramos para cima de um barranco, a uns 15 metros do pau e ficamos aguardando os acontecimentos. Jacobe só dizia:

- Quero ver o rombo de vocês.

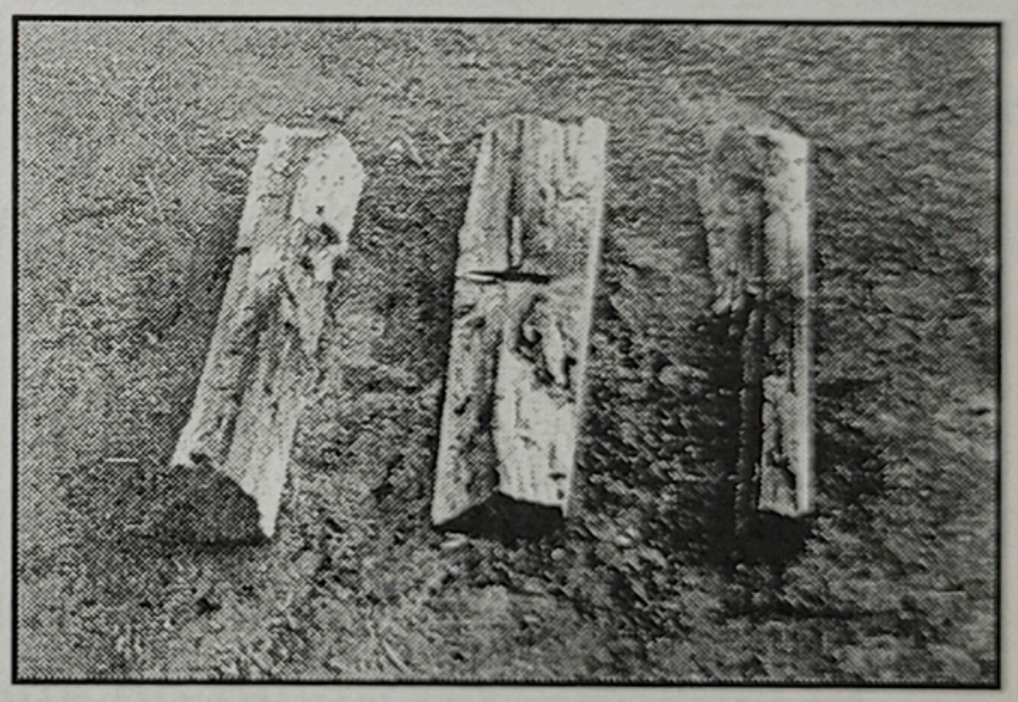
Ele era sem juízo como nós. Meu primo Otávio, então colocou fogo no estopim e se escondeu atrás de um coqueiro. O tiro estourou e o pau rachou em três pedaços. Um foi parar a uns 15 metros de altura, caindo, depois, em cima do telhado da marcenaria. Outro foi parar dentro do quintal e o terceiro ficou no mesmo lugar. O velho Jacobe não falou mais, do susto que levou e nós prometemos dar a ele um pedaço de fumo em corda, para ele não contar o fato para nossos pais. Ele guardava segredo, era de nossa confiança. Depois saímos a procura de uma telha velha igual à da marcenaria, para substituir a que quebramos. Tiramos também o pau que caiu em cima do telhado e o escondemos para o tio não ver.



Eu e o meu primo Gildo Bez Fontana, quando carregávamos um tiro num pedaço de madeira. Ao lado uma latinha com pólvora e dois pedaços de tijolos para a bucha. Sequência de fotos reconstituídas.



Meu primo Otávio Bez Fontana foi quem botou fogo, um serviço perigoso para crianças.



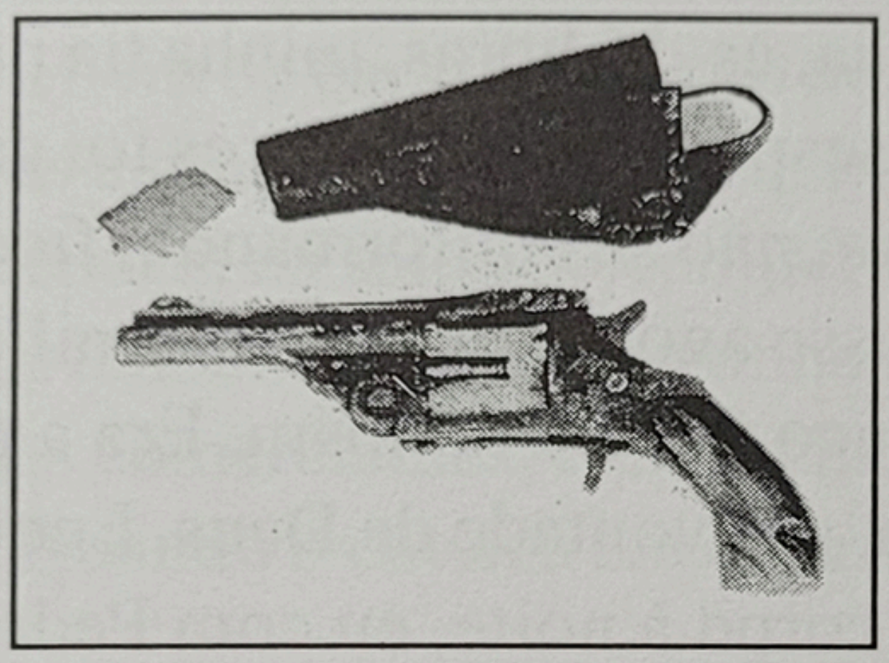
Quando estourou o tiro, a madeira ficou assim, em três pedaços. Um pedaço ficou no lugar, outro foi parar a uns 20 metros de distância e o terceiro a uns 15 metros de altura, caindo em cima do telhado da marcenaria de meu tio José, isto em 1927.

Revólver Mata Sapo

Não sei como consegui comprar um revólver conhecido como "Mata Sapo". Abria para cima, era de cinco balas, mas não tinha tambor, nem gatilho, nem cabo, era só carcaça. Eu fiz o cabo de madeira, nó de pinho, fiz o gatilho e eu e meu primo Gildo estivemos estudando como fazer o tambor para um cartucho, já que nós não tínhamos condições de fazer um tambor para cinco balas. Resolvemos então, fazer o tambor de metal patente, material que usávamos para fazer mancais nas transmissões da indústria. Meu primo se encarregou de fazer a fundição, que era feita à noite, para o pai não ver. Ele aproveitou um cartucho vazio para modelo de bala. Tudo pronto, aproveitamos um domingo à tarde, quando nossos pais iam na sede (Quadro) e nos reunimos eu, meus primos Gildo, Otávio e Hugo, para testar o revólver. Carregamos primeiro com um cartucho vazio, para ver se a agulha batia certo na espoleta. Tudo estava certo. Carregamos então o revólver com uma bala 32, já que nós não tínhamos a bala dele, que é mais curta, e meu primo Gildo, que era o mais velho, encostou-se atrás de uma coluna de madeira de 30 centímetros de diâmetro, do engenho de cana do meu tio Pio, levantou o braço direito com o revólver na mão, no outro lado do esteio, para se proteger e atirar na parede da casa. Nós ficamos atrás, esperando o teste. Meu primo puxou então o gatilho e o tiro estourou. O tambor e o cartucho sumiram, ficando a carcaça limpa. Aí fomos procurar a bala, que devia estar na parede da casa, mas não a achamos. Fomos então examinar o revólver e encontramos a bala no cano.

Estávamos no início do ano de 1928. Eu tinha doze anos e meu primo Gildo, treze. O primo Gildo não desistiu de procurar e achou no chão, um pedaço de tambor e veio nos mostrar, colocando em seguida no bolso. Eu, seguindo o exemplo, também botei o revólver no bolso, sendo que ao chegar em casa, guardei no meu segundo baú, juntamente com meus brinquedos. Sessenta e dois anos depois do incidente, ou seja, agora que estou escrevendo este livro, na data de 1990, abri o meu baú, encontrei o revólver e o levei em casa do meu

primo Gildo para mostrar a ele. Ele então pegou o revólver, olhou e disse para mim que aguardasse um pouco. Entrou no quarto dele, abriu uma gaveta da cômoda e trouxe o pedaço do tambor, que também tinha guardado como recordação. Aí ele me deu para que eu batesse uma foto, junto com o revólver. Estes fatos aconteceram após a morte da tia Antônia, pois meus primos Gildo e Otávio ficavam sozinhos aos domingos e eu e meu outro primo Hugo íamos fazer companhia a eles.



Loucura de criança.
Não lembro aonde eu consegui esta sucata de revólver. Eu mesmo fiz o cabo de osso de pinheiro, fiz também o gatilho e a tranca em cima. Meu primo Gildo fez o tambor só para uma bala. Depois do teste, do tambor sobrou só um pedaço, que se vê na foto, em cima da mira do revólver.

Morte de minha tia Antônia

A tia Antônia era irmã da minha mãe, esposa do meu tio José, que também era irmão do meu pai e mãe dos meus primos Gildo, Otávio e Onízia. Ela era uma mulher alta, forte e de muita saúde, muito querida e que de repente começou com um problema pulmonar e uma forte dor de cabeça. Agüentou uns dias e depois piorou. Quando meus familiares perceberam que o caso era sério, resolveram procurar recursos. Meu pai, de madrugada, encilhou o cavalo e mandou o meu parente Pedro B. Fontana, que morava junto com nossa família, buscar o médico. Pedro montou no cavalo e mandou-se às pressas, chegando em Urussanga com o cavalo quase morto de cansado. Falou com os meus tios Rafael e Angelo e enquanto o tio Angelo trocou de cavalo para o Pedro voltar, tio Rafael foi falar com o médico, Dr. Giacone. Ele então mandou encilhar o seu cavalo de estimação e juntamente com o Pedro, vieram o

mais rápido possível. Estrada não tinha, só caminho para carro de boi, uns 40 quilômetros.

Quando o médico chegou, fez o exame na paciente e disse que era tarde, pouca esperança tinha de salvar minha tia, que estava com 42,5 graus de febre. Falou também no tifo e receitou o remédio que ele mesmo trouxe. Meu tio Rafael com a mãe, minha avó Giovana, já estavam com os cavalos prontos esperando a volta do médico para trazerem os remédios que faltavam. Minha avó não saiu mais da cabeceira da cama da nora. No outro dia, às 16 horas, minha tia não resistindo à febre, veio a falecer. O desespero dos familiares foi grande , e meu tio que perdeu a companheira, não se conformando, ficou de tal maneira - me lembro como se fosse agora - que se os familiares não passassem a cuidar dele, por pouco falecia também. Era a primeira separação de um casal da família, por vontade de Deus. Enquanto os familiares e vizinhos velavam o corpo à noite, eu com Pedro fomos na nossa marcenaria fazer o caixão de madeira de cedro. Por dentro forramos com fazenda de morim branco, por fora com fazenda preta e renda alaranjada e em cima, uma cruz com fita larga, também alaranjada.



Casamento de meu tio José Bez Fontana com Antonia Benedet.
Os noivos estão bem na frente, com os dois cavalos brancos.
O noivo tem uma flor branca pregada no paletó e
o gaitero está no seu lado direito

Após os falecimentos, era mandado tocar o sino grande para casados, o sino médio para os solteiros e o sino pequeno para as crianças.

No dia seguinte, 11 de dezembro de 1927, vários vizinhos, como era de costume, saíram de casa em casa, nas famílias da redondeza, avisando da morte da tia e convidando-os para o enterro. Esta era única comunicação na época. O enterro foi feito com participação de quase todas as famílias da redondeza, visto o meu tio ser muito conhecido, pois moía milho, pilava arroz e fazia móveis para todos os colonos de perto. Na hora de baixar o caixão no túmulo, começou o desespero dos familiares e muito pouca gente deixou de derramar lágrimas. Era costume na época, na saída do cemitério, como agradecimento, oferecer-se para os homens uma boa caninha e para as mulheres uma consertada feita pelos comerciantes, com cachaça, água, açúcar, erva doce, canela e cravo. Quando o enterro era de criança, eram distribuídas balas



Meus tios: José Bez Fontana e Antonia Benedet (primeira mulher).
Filhos: Gildo, Otávio e Zeferino.
A mãe Antonia e o filho Zeferino faleceram novos.

Luto obrigatório

Naquele tempo se usava luto. Para os familiares, marido ou mulher, cunhados e filhos, o luto era de um ano; para netos, primos e outros, o luto era obrigatório por seis meses. Neste período ninguém

podia dançar. O distintivo era uma fita preta na manga da camisa ou do paletó no lado esquerdo, ou então na frente do paletó e era uma forma de comunicação às visitas, que logo perguntavam quem tinha falecido na família.



José Bez Fontana e Tereza Pravato (segunda Mulher)
Filhos: Unizia, Gildo e Otávio (primeira mulher)
e Ilda e Antonia (segunda mulher)

Neste período, de 10-12-1927 ao fim de maio de 1928, que meu tio ficou viúvo, eu ia em casa de meus primos para fazer companhia, ou vice-versa e aproveitávamos para fazer os nossos testes de espingarda, revólver, tiro com pólvora, foguete, revólver Mata Sapo e tantos outros. Eu com doze anos e o primo Gildo com treze.

Meu tio casou pela segunda vez

A minha tia Cattarina (Catina), que é irmã do meu tio José, e a filha Inez é que faziam a comida e os serviços da casa do tio, quando este ficou viúvo. No fim de maio de 1928, meu tio arrumou uma companheira, Tereza Pravatto e se casou. Ela também era uma mulher forte e muito querida. Tiveram duas filhas, Antônia e Ilda. Todos os cinco filhos do tio casaram bem o deu tudo certo.

Homenagem a família Benedet

Aqui quero prestar uma homenagem à família da minha querida mãe, de meus avós maternos.

Domenico Benedet, casado com Giovana Belot, ambos naturais da Itália, vieram para o Brasil em 1879 e foram morar no Rio Salto-Urussanga.

Tiveram dez filhos: três homens e sete mulheres, todos naturais de Urussanga-SC.

Filho ou filha com seu esposo ou esposa	Nascimento	Casamento
Giovanni Benedet e Maria Cittadin	1882	21-02-1903
Rosina Benedet e Benedetto Cittadin	1884	26-11-1902
Angelo Benedet e Francesca Cittadin	1887	23-04-1910
David Benedet e Teresa Gabrieli	1889	17-02-1912
Prima Benedet e Giácomo Bez Fontana	1891	19-10-1912
Antônia Benedet e Giuseppe Bez Fontana	1892	10-01-1914
Amalia Benedet e Tranquillo Sartor	1894	03-02-1913
Maria Benedet e Fioravante Cechinel	1895	24-11-1917

Anna Benedet e 1896 18-07-1914
Giorgio Spricigo e
Luiz Spricigo 26-12-1928

Angela Benedet e 1899 11-09-1920
Angelo Mariot

O meu avô materno, como se vê na relação dos filhos, tinha uma família grande. Ele faleceu antes e minha avó quando ficou viúva, passou várias semanas na nossa casa. Eu lembro bem que nós, os netos a chamávamos de Nona Dela Pipa, porque ela fumava cachimbo escondida dos outros, mas nós a espiávamos. Usava um vestido comprido e largo, com dois bolsos. No bolso esquerdo ela usava um lenço e no bolso direito ela carregava um cachimbo, fumo em corda, canivete (la britola) e fósforo. Todos os filhos casaram bem. Minha mãe (Prima) e a tia Antônia moravam em Treze de Maio. Amalia em Morro da Fumaça. Rosina na Praia Grande, divisa com o Estado do Rio Grande do Sul, Anna em Orleans e as outras no Doze, na estrada do Rio do Rastro, na costa da serra. Os homens, Giovanni e David, moravam em Riacho, Altas Pedrinhas e o Angelo em Urussanga. Os irmãos se casaram e a maioria não se viu mais. Acontece que, por uma coincidência, numa segunda-feira, a Rosina, que morava na Praia Grande, divisa com o Rio Grande do Sul, embarcou no trem da Barranca (como dizíamos) em Araranguá e ia para Laguna fazer compras. Os de Orleans embarcaram no trem de Lauro Müller e os de Riacho embarcaram em Pedrinhas, no mesmo trem de Lauro Müller. O trem da Barranca chegava em Tubarão primeiro e esperava o de Lauro Muller. Este chegando, fazia baldeação para o da Barranca, enquanto os funcionários da estrada de ferro faziam as baldeações das bagagens, do trem de Lauro Müller para o trem da Barranca. Os passageiros ficavam a vontade na estação de Tubarão. Acontece que os familiares da família Benedet, que há trinta anos não se viam mais, se encontraram ali na estação de Tubarão. Eles abraçaram-se

e beijaram-se. Abraços mais abraços, chegou a correr lágrimas dos olhos. Falavam alto de tanta alegria, pois um encontro desta natureza, só mandado por Deus. Trinta anos sem se verem. Chamou a atenção dos demais passageiros e todo mundo foi lá ver o que tinha acontecido. Os funcionários da estrada de ferro, que transportavam as bagagens de um trem para o outro, vendo todo mundo correr para aquele grupo, também foram ver o acontecimento. Disse o meu tio que até o vendedor de passagem fechou a repartição e correu para perguntar o que tinha acontecido. Os meus tios disseram que era só alegria, trinta anos sem se verem, os irmãos. Para encurtar o caso, até o trem atrasou a partida. Embarcaram todos num só vagão, falando alto e comentando o fato que chamava a atenção dos demais passageiros. Em Laguna se despediram, pois cada um tinha que fazer as suas compras.

Os meninos no tempo da escola

Os meninos na escola, na hora do recreio, faziam a seguinte brincadeira; quinze a vinte meninos sentavam num banco ou na calçada, com as duas mãos juntas em cima dos joelhos. Aí, dois eram escalados: um fazia o trabalho e o outro era denominado espião. Aquele que fazia o trabalho, também com as duas mãos juntas segurava um grão de milho. Os que estavam sentados já se preparavam com as duas mãos um pouco abertas e aquele que tinha o grão de milho nas mãos, passava as suas mãos no meio das mãos daqueles que estavam sentados, um por vez, sendo que um deles recebia o grão de milho. O espião que estava em pé tinha que adivinhar aonde o outro que fazia o trabalho, tinha deixado o grão de milho, apontando o menino. Se adivinhasse era premiado, se errasse ele tinha que repetir o trabalho e era escalado outro para espião.

Aquele menino que levava o grão de milho na mão e o passava nas mãos dos companheiros, para distrair os meninos, cantava: "pipicícula pipinígula porta pam porta vim cho la sota vá a mulim."

Jogo de pião

Os meninos riscavam no chão com a ponta do pião um círculo de dois metros de diâmetro e no centro deste, um círculo de uns 20 centímetros que nós chamávamos de casola. Dentro da casola botava-se um pião. Os outros meninos, um por vez, com a fieira jogavam o pião com toda força na casola. Se acertasse no pião que estava lá e tirasse ele da casola, ganhava ponto, se errasse tinha que deixar o pião dele na casola. Se tirasse o pião da casola, além de ganhar ponto continuava também jogando. Haviam dias em que a casola ficava cheia de piões presos. Eu lembro quando eu fiz no torno um pião de 8 centímetros de diâmetro. Precisava de uma fieira de 5 metros e eu tinha que subir na escadaria da escola para jogar o pião. Se acertasse na casola, ou espalhava todos os piões ou tirava dois ou três de uma só vez. Mas os meninos não deixavam eu jogar aquele pião, porque se acertasse num pião pequeno, rachava ao meio.

Jogo do bate bate

Os meninos levavam os vinténs de cobre no bolso e também uma moeda de cobre de 40 réis, que nós chamávamos de patacão. Na hora do recreio nós íamos atrás da Igreja, escondidos, porque além de ser um jogo de azar era proibido para os meninos jogarem. Se a professora visse dava castigo. Cada menino que queria jogar bate bate, tinha que colocar no chão um vintém virado com o número para cima. Os meninos, um por vez, com o patacão na mão batiam com toda força em cima dos vinténs. Se virassem alguns vinténs para outro lado a gente ganhava o vintém, se não virasse nenhum, tinha que colocar um vintém junto ao outro e assim era ganhar ou perder.

As meninas no tempo da escola

As meninas fechavam uma roda e começavam a desfilar, cantando: "Tirotela bem tirata fago um gropo logofato fagno nontro lo faró verde la porta que passaró". Depois duas meninas levantavam os braços enquanto as outras passavam por baixo. Fechavam a roda novamente e tornavam a cantar.

Quando as mães ganhavam filhos

Uma semana antes de ganhar a criança a mãe dizia para os filhos menores, principalmente para as meninas, que um dia o menino Jesus traria um neném.

Quando chegava o dia, os filhos menores eram levados para uma casa vizinha, ou em casa de parentes.

Quando os filhos menores voltavam para casa, o menino Jesus já tinha trazido o neném e a gente acreditava. Naquele tempo, no começo do século XX, ninguém contava nada para a gente e os pais conversavam longe dos filhos. Se chegasse um filho ou uma filha, eles paravam com a conversa e mandavam os filhos brincarem longe. Hoje como ficou diferente, os filhos já nascem com os olhos abertos.

No casamento

Muitos chegavam no casamento acreditando que o Menino Jesus trazia o neném. Eu lembro que quando era moço, os idosos contavam que um filho de um italiano, muito tímido, casou e os idosos perguntaram para o rapaz:

- E a Lua-de Mel?
- Que nada eu fui trabalhar na roça junto com ela.
- E a primeira noite?
- Eu estava com vergonha, nem tirei a roupa.

- E ela?
- Ela também foi dormir com a roupa de serviço.
- E aí?
- Eu olhava para ela e ela olhava para mim coitadinha.
- Foi só?
- Eu não agüentei mais, botei uma mão em cıma da barrıga dela (ela la vert le gambe come na rana) e ela abriu as pernas igual a rã.
- E depois?
- Eu estava cansado peguei no sono e dormi até no outro dia. Quando me acordei já era hora de ir para a roça carpir.

Capítulo 8

Continua minha história

Meu pai tinha um revólver Mata Sapo, que era bom. Uma ocasião veio de Porto Alegre o Sr. Luiz Rosa, que era natural de Treze de Maio, homem atirador e trouxe um revólver HO32, com cano comprido. Ele quis fazer negócio com meu pai. Experimentamos os revólveres e meu pai fez uma volta em dinheiro, para a troca.

De 1930 a 1935, vinham alguns tipos de bala calibre 32, que não tinham força. Eu, às vezes, comprava até duas caixas destas balas, pois qualquer guri podia comprar. Depois pegava o revólver do meu pai e atirava numa tábua de peroba a uma distância de 3 metros. A bala batia na tábua e voltava na barriga da gente. Se atirávamos mais longe, numa terra limpa, nós podíamos perceber quando ela voltava, pois aonde caía no chão, levantava pó. Depois a gente procurava e achava a bala. No açude, nós atirávamos na água a bala, levantava, tornava a bater na água, levantava, tornava a bater na água e levantava novamente. Depois colocamos uma tábua de 30 centímetros embaixo da água e de cima de uma de uma pedra atirávamos para ver se a bala conseguia atravessar a água. Perda de tempo, pois a bala não conseguia atravessar a água para chegar na tábua, pois na

água ela perdia a força. Esta experiência fizemos também com a espingarda, mas o chumbo não chegava na tábua.

Voltando ao Sr. Luiz Rosa, ele era um bom atirador. Lembro-me que ele mandava colocar uma moeda em cima de um moirão de cerca e numa distância de 10 metros, ele atirava na moeda. Dificilmente errava. Ele sempre dizia que se derrubasse, ganhava a moeda e se errasse, pagava a moeda.

Ele nos contava que no Rio Grande do Sul, em Muçum, aonde ele trabalhava na estrada, aos domingos eles se reuniam numa turma de trabalhadores com um revólver cada e atiravam numa árvore, até que a derrubavam.

Bocha

Quando eu ia tirar madeira no mato e encontrava madeira de cabriúva, ou melhor ainda, de ipê, eu as separava e comprava para mim.

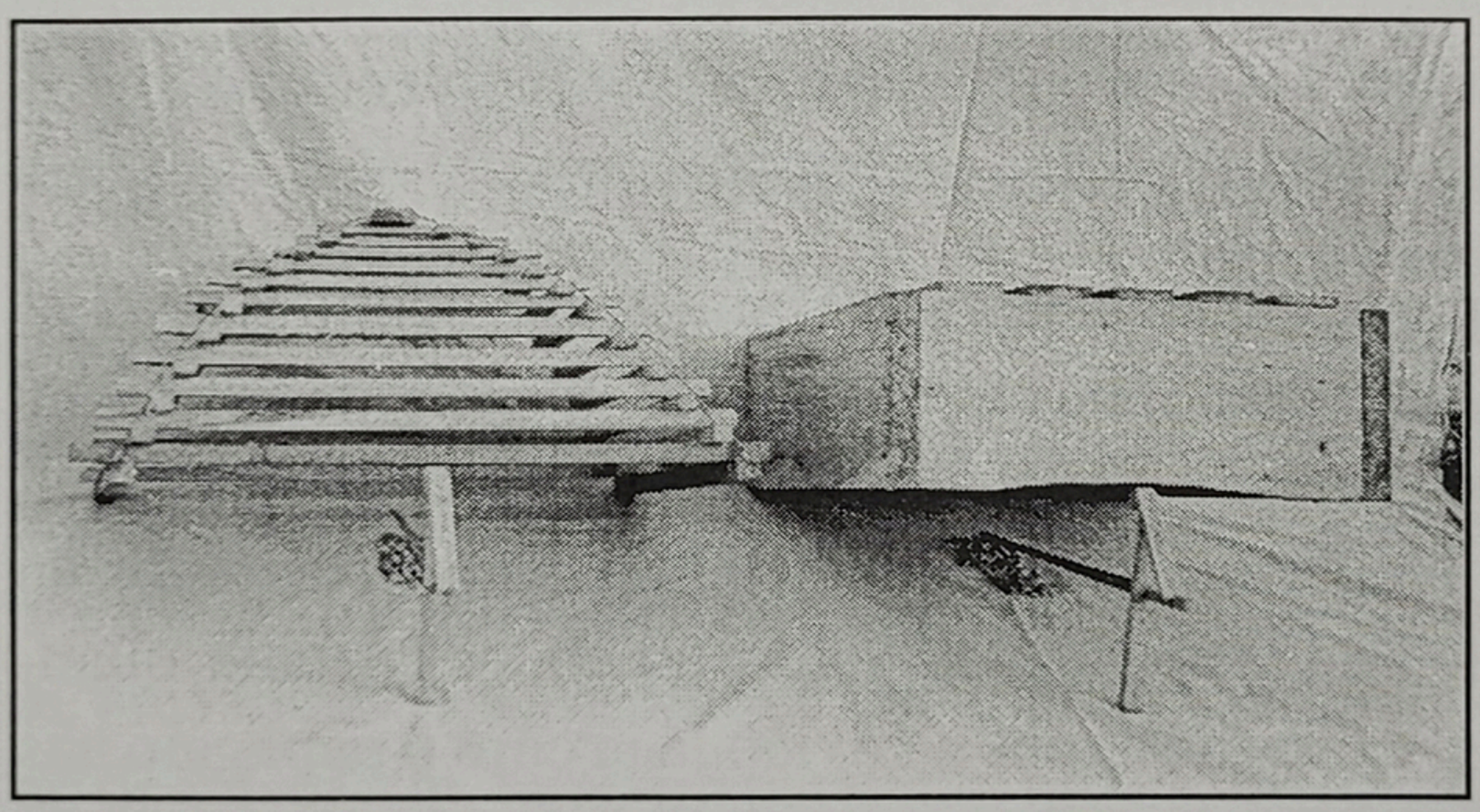
Nas horas vagas eu serrava paus de 12x12 centímetros, atorava no circular de 28 centímetros e estava pronto para tornear. À noite, das 7 horas até meia-noite, eu torneava uma muda de bocha: seis bochas e um bolim. Depois vendia a seis mil réis (6$000) e era o meu principal comércio.

Mastro da roda

A roda d'água tinha um mastro de 60 centímetros de diâmetro e era alto do chão, nós colocávamos capim para não nos pisarmos. Depois soltávamos um pouco de água na roda e um de cada vez nos abraçávamos no mastro, com os braços e as pernas e descíamos de lado até fazer a volta por baixo. Coisa difícil, pois a cada dez voltas a gente conseguia subir uma. .O resto a gente caía no chão. Era um exercício muito útil para reforçar os músculos.

Arapuca

Eu não podia parar, nem nas horas de descanso. De noite e de madrugada, armava arapucas para apanhar pássaros no mato e na roça, aonde tinha, principalmente, bando de rolinhas, aves menores que os pombos, mas semelhantes, sempre gordas e de carne muito gostosa. Em poucos dias apanhei cinco delas e as prendi na gaiola. Já ia matá-las, pois já dava uma janta, quando ao meio-dia fui ver a arapuca e encontrei outra. Não hesitei, quebrei o seu pescoço e a joguei ao lado da arapuca, mas, enquanto estava armando a arapuca, a rolinha voou. Eu pensava ter quebrado o seu pescoço, mas apenas o torci. Incomodado, abandonei o local.



Com esta arapuca, em 1924, muitos pássaros apanhei, como: pombos, rolinhas, urus, inambus e sabiás.

Inambu (Jambu)

Passei a armar arapucas no mato aonde tinha Inambu, um pássaro lindo, com uma carne de primeira, maior que um pombo e é suru, isto é, não tem cola. Ele só tem um defeito: quando cai numa arapuca, força tanto a cabeça na arapuca, que ela fica em carne viva. Por isso tínhamos que ter o cuidado de, pelo menos três vezes ao dia, irmos ver a arapuca. O Inambu só descansava quando o colocávamos numa gaiola maior.

Uru

Os urus são pássaros grisalhos e lindos. Eles fazem uma cantoria todos juntos de manhã e quando troca o tempo. Da nossa casa eu escutava a cantoria e era neste local que eu ia armar a arapuca. Com um galho de mato eu limpava as folhas, fazia um carreiro num comprimento de 50 metros e ia botando milho de grão em grão até a arapuca. Eles seguem pelo carreiro. Em poucos dias peguei três. Fiz uma gaiola de 2x2 metros, sem piso, pois eles tomam banho igual às galinhas na terra. Quando o tempo trocava, os três juntos faziam uma cantoria.

Papagaio e gavião

Comprei um papagaio lá da serra, fiz uma gaiola aberta e ele ficava amarrado com uma correntinha em um sarrafo. A corrente tinha uma argola, que corria pelo sarrafo. O papagaio era muito querido, aprendeu a falar, repetindo tudo o que nós dizíamos. Uma noite estávamos na cozinha e o papagaio estava no varandão entre a casa e a cozinha, quando escutamos gritos. Corremos, mas o gavião já ia com o papagaio nas unhas. Chegou a arrebentar a corrente a qual estava amarrado.

Periquito e o gato

Depois do papagaio, comprei um periquito e o amarrei no mesmo lugar do papagaio. Era um pássaro lindo, mas não falava direito, mesmo com a gente ensinando. Um dia, não sei como, encostaram um sarrafo perto do periquito e o gato subiu, pegando o periquito e se mandando. Nós vimos o gato. Aí eu disse:

- Deixa que eu vou pegar esse gato.

Nós tínhamos um paiol com um só buraco, para os gatos entrarem. Um domingo, eu e meu irmão Alfredo corremos atrás do gato e

ele entrou no paiol. Fechamos o buraco e pegamos um pau de cada um para matar o gato. Era paulada daqui, paulada dali e nós não acertávamos uma. Foi quando ele começou a embravecer. Os seus olhos metiam medo, os seus berros eram de assustar e ele começou a vir em cima da gente. Acabamos desistindo da nossa intenção, pois um gato envenenado, nem é bom falar. Abrimos a porta e o soltamos.

Tico-tico e o Chupim

Um pássaro alegre, de manhã cedo, ainda escuro, começava a cantar e acordava a gente na cama. O Tico-tico é muito popular, ajuda a criar os filhos dos outros pássaros, como o Chupim. Ele tanto faz o ninho no chão, no meio do capim, como também em cima das árvores.

Lembro-me que tínhamos uma laranjeira bem na frente de casa e o Tico-tico fez o ninho em cima do galho. Desde o dia em que ele começou a fazer o seu ninho, eu fiquei de olho. Todos os dias subia na laranjeira para ver o ninho. O Tico-tico pôs o primeiro ovo, o segundo e o terceiro. Mas o interessante é que eu notei que um ovo era diferente, pois tinha dois grisalhos e um branco. Continuei observando. Quando descascaram, também pareciam iguais. Só fui desvendar o mistério, quando os filhotes criaram penas, pois dois eram grisalhos como o Tico-tico e um era preto, portanto, filho de Chupim. Quando estavam bem empenados, prendi o Chupim numa gaiola e o pendurei na laranjeira. O Tico-tico continuou a dar de comer a ele ainda por muitos meses, até que um dia, eu o soltei. Assim como muitas famílias adotam crianças, o pássaros também o fazem.

Lontra

No nosso rio Caipora, existia lontra da qual se aproveitava a pele, que é de muito valor. Um dia, de nossa casa, meu pai viu um bicho nadando no rio e imaginou que fosse uma lontra. Pegou a espin-

garda central de dois canos e a cartucheira e foi de gatinho, escondido atrás do capim até que chegou perto do rio e atirou. Eu fiquei olhando de casa. O bicho foi para o fundo do rio e não voltou mais. Aí começamos a procurar. Enfiamos uma vara para ver se achávamos o bicho, mas não teve meio. Meu pai então disse:

- Vamos esperar 24 ou 48 horas, porque se ele morreu, vai boiar.

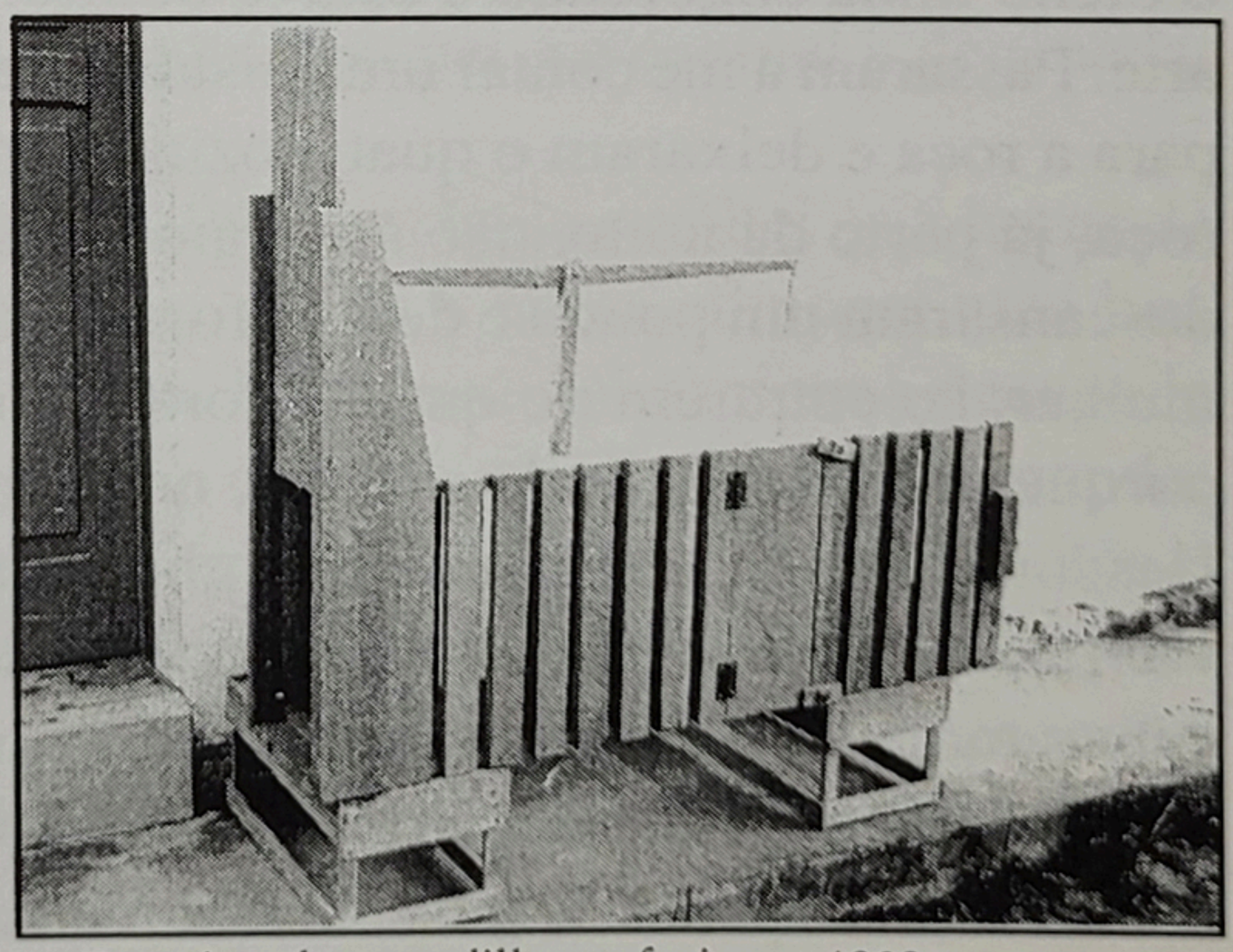
Dito e feito No outro dia encontramos a lontra boiando e tiramos a sua pele, que é muito linda.

Armadilha para lontra e paca

Queria pegar lontra viva e então um dia fiz um caixão de 40x50 centímetros com 2 metros de comprimento. Na frente fiz uma porta de abrir para cima e atrás fiz uma divisão de 60 centímetros, também com uma porta. Um domingo, com a ajuda dos meus primos, levei o caixão para o mato, perto do rio, onde tinha pegada de lontra. Levei um galo e uma galinha e os tranquei na repartição dos fundos, fechando a porta com um cadeado para o caçador não me roubar as aves. Depois armei a porta da frente, pois se a lontra entrasse para comer as galinhas, ela desarmaria e a lontra ficaria presa. Todos os dias, ainda escuro, ia ver a armadilha e levar água e comida para o galo e a galinha. A armadilha ficou ali mais de um mês e a lontra não apareceu. Trouxe a galinha e o galo para casa, deixando a espiga de milho dentro do caixão, na porta dos fundos.

Depois de uma semana, fui lá ver o caixão e já tinham comido todas as espigas de milho. O rastro era de paca. Fiz então um caixão pequeno que acoplasse na frente do outro, pois, se por acaso pegasse alguma paca, passaria para o caixão pequeno, para poder carregar para casa. Num domingo, levei o caixote e as espigas de milho, estas para colocar dentro do caixão grande, no lugar do galo e da galinha e armei a porta. Isto foi domingo de noitinha. Na segunda-feira de madrugada,

levantei-me e fui em direção a armadilha e de longe percebi que a porta estava desarmada. Fiquei muito alegre, cheguei perto e olhei. Era uma paca. Beleza. Acoplei o caixote, assustei a paca e ela entrou. Aí me mandei. Ao meio-dia, enquanto meu pai descansava, fiz um chiqueiro no chão, fechei em cima com tábuas para ela não pular e soltei a bicha. Era um filhote, mas já comia milho e laranja crava. De noite, tornei a armar o caixão. De madrugada, me mandei para o mato e mais uma vez a porta estava desarmada. Que alegria! Cheguei perto, olhei, era outra paca, mas desta vez era grande. Calculei o peso dela: uns 25 quilos e mais peso do caixão, uns 20 quilos. Não consegui colocá-los nas costas. Voltei para casa para pedir ajuda. Meu pai mandou o meu irmão Alfredo me ajudar a colocar o caixão nas costas. Tive que atravessar um quilômetro de mata virgem através de uma picada e mais uns 500 metros de estrada. Descansei diversas vezes. Chegando em casa, soltei-a com o filhote e ele não perdeu tempo. Foi logo mamar. A paca, então, deitou-se e ele ficou mamando por longo tempo. Aí estavam mãe e filho. Logo em seguida, peguei mais três pacas grandes sendo que duas eu vendi, duas carneamos (ela tem o toucinho igual ao do porco) e a última soltamos, só para ver ela correr no potreiro. Foi uma farra. Ela não corre, dá pulo, igual a "Marion" de Siderópolis. Quando a paca chegou no valo, aonde a água saía da serraria, ela quis dar um pulo para alcançar a outra margem, mas não conseguiu. Caiu na água, nadou, atravessou o valo e desapareceu aos pulos, nas matas virgens.



Este tipo de armadilha eu fazia em 1929 para pegar lontras e acabava por pegar também muitas pacas vivas.

Quati

Lembro-me que comprei um quati, com meio saco de milho. Era novinho e o focinho dele era comprido, quase igual ao tamanduá. Ele é engraçado, trepa nas árvores e desce pelos galhos até a ponta e parece que ele não se segura pela cola. Quando ele está no chão, dá uma disparada, pula na árvore abraçando-a e subindo facilmente. Fica o dia inteiro fazendo este exercício. Come muito bem, engorda e não sai de casa, fica fazendo arte. Naquela época fizemos vinho e colocamos nos garrafões, deixando a rolha frouxa, porque o vinho ainda estava fervendo. Um dia, entrei na cantina e vi que tinha garrafão sem rolha. Então coloquei as rolhas de novo, não imaginando o que tinha acontecido. Outro dia, quando fui novamente à cantina, peguei o quati trepado nos garrafões. Agora sim, eu sabia quem tinha tirado as rolhas. Dei uma surra no safado e toquei para fora da cantina.

Venda do quati

Vendi o quati para o Sr. Sebastião B. Fontana, pelo mesmo meio saco de milho que o tinha comprado. Poucos meses depois, fui vê-lo e o bicho tinha engordado e estava bonito. Mas ele não parou de fazer arte. Passaram a me contar uma história dele. Um dia, a família toda foi para a roça e deixaram o quati sozinho em casa. Quando voltaram da roça, já perto da noite, não acharam mais o quati. Aí fizeram a janta, descansaram um pouco e depois foram dormir. O Sr. Sebastião com a mulher, ao entrarem no quarto, foram puxar o acolchoado de penas, porque era inverno e, de repente, notaram que ele se mexia sozinho. Desconfiaram de alguma coisa e chamaram os filhos. Quando foram verificar o que estava acontecendo, passando a mão no acolchoado, depararam com o quati dentro dele. Ele tinha rasgado o acolchoado, e entrando dentro, achou-se bem e dormiu. Quando o tiraram, ele estava todo branco de penas de ganso. Deram uma sova de chinelo e o tocaram para a rua. No outro dia foram vender o quati para os lados de Lageado.

Capítulo 9

Lavoura de mandioca.

Minha mãe sempre fazia lavoura de aipim e batata doce, para tratar dos porcos e das vacas leiteiras. Sempre que ela precisava, eu a ajudava. Assim me animei, escolhi dois pedaços de terra para fazer duas lavourinhas de mandioca. Uma roça ficava perto de casa e a outra, distava um quilômetro. Na que ficava perto de casa, eu trabalhava de meio-dia, enquanto meu pai descansava e na que distava um quilômetro, eu ia trabalhar nos domingos, quando não tinha missa. A mandioca cresceu e a roça estava linda. No ano seguinte, decepei-a e capinei a decepada, como nós falávamos.

Lembro-me que um sábado, fui a um baile e voltei às 5 horas da manhã. Tirei uma soneca, levantei-me às 8 horas, almocei uma boa polenta como era de costume naquele tempo e fui capinar a decepada na roça, que ficava longe. Já tinha carpido uma boa malha, quando, perto de um pau podre, passei a mão para arrancar alguns matos e veio junto uma cobra jararaca. Quase me picou. Dei um pulo para trás e com a própria enxada , a matei. Geralmente aonde se encontra uma cobra, tem duas. Botei a enxada nas costas e me mandei para casa. Num outro domingo, terminei de carpir. Valia a pena aquela lavoura na terra de areão, pois embora pequena, era linda e rendável.

Farinha de mandioca

No mês de junho, a minha mãe me ajudou a arrancar a mandioca e eu a puxei com o carro de boi, com a seve feita de taquara, que é apropriada para puxar milho e mandioca. No engenho do Sr. João Nandi, eles fizeram a farinha a terça: duas partes para mim e uma para eles, rendendo a minha parte em sessenta sacos, de 50 quilos cada. Vendi a farinha na Caipora (hoje distrito de São Gabriel), para o Sr. Manoel Pedro de Souza, meu compadre, já falecido. Cada saco eu vendi a seis mil réis (6$000), rendendo ao todo a importância de trezentos e sessenta mil réis (360$000), que dava para comprar, na época, meio lote de terra colonial.

Boi e cavalo

Quando minha mãe arrancava aipim ou batata, nós, eu e meu irmão mais novo que se chamava Alfredo, ajudávamos a carregar a mercadoria para casa, com o balaio. Algumas vezes, carregávamos os bois e íamos de carro, mas como era pouco volume, não valia a pena. Um dia, meu pai usando a cabeça, arrumou dois caixões vazios de querosene, que tinha um tamanho de 25x36x55 centímetros, furou a tábua do lado dos dois caixões, enfiou uma corda e amarrou os dois numa distância entre um e outro, feito uma mala. Depois, mandou-nos pegar o cavalo que era muito manso, encilhamos e meu pai ajudou-nos a colocar os caixões para cima do cavalo, um de cada lado, sobrando ainda lugar para montarmos no lombilho. Fomos em seguida para a roça, onde já tinha um balaio para colocarmos as batatas e o aipim no caixão. Eu e meu irmão dizíamos:

- Agora vai melhorar, pois só precisa de uma pessoa para vir buscar a batata e o aipim com o cavalo.

Enchemos o balaio que era pequeno, botei o balaio nas costas e despejei a batata no caixão. Quando a batata bateu no caixão e fez aquele barulho, o cavalo assustou-se, empinou, abaixou e levantou

as patas traseiras, jogando o caixão a uns cinco metros de distância. Eu então falei para o meu irmão:

- Vamos colocar o caixão para cima de novo, ele tem que acostumar.

Amarramos com o cabresto numa árvore e fomos botar os dois caixões novamente em cima. Mas era só botar os dois caixões em cima do lombilho que ele dava pinote e jogava o caixão no chão. Não conseguimos domá-lo. Então montamos no cavalo e fomos buscar os bois com o carro, senão tínhamos que carregar as batatas de "der-lo" nas costas, como era costume dos italianos, ou do balaio, sistema brasileiro, ainda hoje o mais usado.

Boi estrelo

Nós tínhamos um novilho preto, chamado Estrelo. Meu pai disse para mim e o Alfredo:

- Vocês domam este novilho e fazem um carro de um boi só, com dois cabaçais e uma canga, também para um bói só, como muito se usava. Cangamos o estrelo com um boi já acostumado, até que ele também ficasse domado. Depois, cangamos no carro de um boi só e aí a coisa melhorou. Íamos buscar aipim, batata, milho, sem ocupar os bois grandes. Estrelo era manso, qualquer criança podia lidar com ele.

Pedro B. Fontana

Recordo-me que Pedro B. Fontana, filho do Sr. João B. Fontana, desde a idade de 15 anos trabalhava conosco. Fomos criados juntos, dormindo no mesmo quarto, comendo juntos, como se fossemos irmãos. Ele era mais velho que eu.

Um dia, mais precisamente num sábado à tarde, eu e o Pedro cangamos o Estrelo e fomos em casa dele buscar palha de milho, para tratar dos bois. A casa dele distava uns 3 quilômetros da nossa

e tínhamos que atravessar por dentro do rio Caipora, subir um morro e depois descer. Lá ficava a casa dele, perto do morro pelado. Carregamos então a palha, que é muito leve, começamos a subir o morro novamente e quando estávamos quase em cima, o Estrelo empacou. Nós tentamos empurrar o carro, mas ele deitou-se e não teve mais jeito de seguir viagem. Já era quase noite e nós tínhamos que passar o rio no meio da mata virgem, então deixamos o carro ali e levamos o Estrelo na corda. No outro dia, domingo de manhã, meu pai foi junto. Chegamos lá, cangamos o Estrelo novamente, mas ele não saiu do lugar. Deitou-se e ali ficou. Fizemos até fogo e não adiantou. O jeito foi, com a ajuda do pai do Pedro, descangar o Estrelo e puxar o carro até em cima do morro. Depois morro abaixo, ele veio tranquilo, não teve mais problemas.

Outro dia, eu e o Pedro tínhamos que buscar uma carrada de cambota, galho de pau torto cortado de metro, com o qual fazíamos rodas para engenho, engrenagem, rodote, etc. Para não ocupar os outros dois bois que estavam cansados, fomos com o Estrelo. A distância a ser percorrida era de um quilômetro. Tínhamos que subir um morro até a beirada do mato. Carregamos então o carro de cambota até a altura do fueiro. Na volta, Pedro veio na frente puxando o boi e eu vinha do lado do carro com uma pedra na mão, que se por acaso o boi não agüentasse o carro, eu calçava a roda com a pedra. Não deu tempo, pois a descida era comprida e o boi disparou. Pedro pulou de lado e soltou o boi, enquanto eu continuava a correr atrás, com a pedra na mão, sem me lembrar de soltar. A uns 100 metros da descida, encontramos o carro virado de rodas para cima. Na virada do carro, as chavetas da canga saíram e o Estrelo saiu correndo, até encontrar uma roça de capim. Encontramos ele comendo tranqüilo, com a canga embaixo do pescoço, segurada pela brocha. Depois tivemos que fazer duas viagens, carregando a metade de cada vez. Eu era novo, mas o Pedro devia saber que o boi não podia com aquela carga toda.

Corte de banana

Meu pai tinha comprado da família Nandi, dois lotes de terra na Linha Mesquita. Eram sessenta e dois hectares, com a morada, chácara de banana e café, parreiral, numa distância de 5 quilômetros da nossa casa.

Um dia, eu e meu irmão Alfredo, que era mais novo, saímos de carro de boi em direção ao terreno, para cortar banana. O terreno ficava bem no alto e tínhamos que subir um morro. Fomos por uma estrada boa. Cortamos uns vinte cachos de banana e resolvemos descer por outra estrada que ficava mais perto. Esta estrada era muito fechada de capim, cheia de curvas e pedras. Já era perto da noite. O boi andava depressa, era tudo descida, as pedras estavam escondidas no capim e nós não as enxergamos. De repente, a roda subiu numa pedra e o carro virou, jogando nós dois na capoeira, junto com as bananas. A mesa do carro era muito pesada, precisávamos estar em três para arrumar o carro. Dois para levantá-la e um para arrumar o rodado. Nós estávamos em dois. Ali, ninguém morava perto, muito menos alguém passava por esta estrada. Não foi fácil. Tivemos que arrastar a mesa perto de uma pedra, colocando um canto sobre ela. Depois, enquanto um segurava o outro canto, o outro botava o rodado no lugar. Depois carregamos a banana. Aí, meu mano disse brincando:

- Está pronto para virar outra vez.

Seguimos viagem. Os bois andavam depressa. Eu já estava com medo, quando de repente, bateu em outra pedra e o carro virou novamente. Eu, que estava na frente, pulei fora e meu mano que estava atrás, sumiu, indo parar numa grota, junto com as bananas. Meu mano disse:

- Acho que quebrei um braço.

Aí eu falei:

Era só o que me faltava. Se em dois era difícil consertar o carro, imagine um só.

Desci na grota, puxei o braço do meu irmão e graças a Deus, vi que não estava quebrado. Meu mano veio para a estrada, criamos coragem e começamos a arrumar o carro outra vez, com muito sacrifício. Juntamos as bananas, tudo pronto, meu irmão embarcou no carro e eu fui a pé na frente, com o boi indo devagar. Já era noite, quando atravessamos a mata virgem.

Capítulo 10

Madeira

Quando meu pai comprou aquele terreno da família Nandi, na Linha Mesquita, encontrou muita madeira derrubada que não foi aproveitada, como cerne de canela, peroba e guarapari. Nós que tínhamos serraria, aproveitamos toda aquela madeira. Minha mãe levantava às três horas da madrugada, fazia polenta, bolinho na banha, fritava os ovos, depois colocava num cesto de vime, com queijo e salame e chamava eu e o Pedro B. Fontana ás quatro horas. Levantávamos, passando uma água no rosto e tomando café. Em seguida, com o cesto no braço e mais as ferramentas como: foice, machado, aparador, marreta, cunha e também o paletó, para nos prevenirmos contra as chuvas, seguíamos viagem. Eram 5 quilômetros e quando chegávamos, já amanhecia o dia. Começávamos, então, o trabalho. Às 8 horas parávamos para almoçar. Ao meio-dia, era a janta e a ceia nós fazíamos em casa às 20 horas. No verão, em dias que não tinha vento, das 11 às 14 horas, não havia quem aguentasse o calor, no meio daquela capoeira e capim. Alguns dias, quando vínhamos embora trazíamos junto as ferramentas. Em outros, deixávamos escondidas debaixo das pedras. À noite depois da ceia, nós deitávamos e era um sono só até às 4 horas da madrugada do outro dia.

Puxada de madeira

Da serraria ao córrego, tinha uma descida de 2 quilômetros. Quando íamos buscar toras, até o córrego íamos com o boi e o carretão de quatro rodas. Ali, deixávamos dois rodados e seguíamos viagem com o carretão, com duas rodas. Subíamos 3 quilômetros, carregávamos uma ou duas toras e tornávamos a descer até o córrego, de arrasto. Só então, carregava as toras nas quatro rodas, para levá-las à serraria.

Deu zebra

Uma tarde fomos buscar uma tora. Ela era muito pesada e custamos a carregá-la no carretão. Na estrada plana, o boi apanhava ao puxar a tora de arrasto. Demoramos tanto, que de repente, armou-se uma trovoada do lado sul e anoiteceu ao mesmo tempo. Tínhamos que descer 1 quilômetros numa estrada estreita, que mal passava o carretão, no meio da mata virgem. Sem lua, pois estava nublado, o jeito era enfrentar a escuridão, mesmo não se enxergando o caminho. Pedro, que ia na frente dos bois, de vez em quando parava, esperava um relâmpago, para ver onde estava o caminho. Com muito sacrifício, chegamos ao córrego, onde estava a outra metade do carretão e também meu pai, que, preocupado com nossa demora, veio ao nosso encontro com uma lanterna grande com vidro e também uma lamparina à querosene, que nós usávamos na serraria. Aí, a coisa melhorou. Além de termos luz, ele nos ajudou a colocar a tora em cima das quatro rodas. A tora era tão pesada que, ao atravessarmos o córrego, o carretão atolou. Aí tivemos que ajudar com a alavanca de madeira, até que os bois criaram coragem e seguiram viagem. De vez em quando, dávamos uma folga a eles, um descanso, até que chegamos na serraria. Descarregamos a tora, demos água aos bois e os levamos à estrebaria, para que se alimentassem. Depois fomos para a cozinha cear e a ceia desta noite foi tarde, pois já era quase meia noite. Nós já estávamos acostumados com estes contratempos e muitas vezes tínhamos que abandonar o carretão, levar os bois para a casa e voltar no dia seguinte.

Porto de Cubículo

A 18 quilômetros da nossa casa, caminho antigo, encontrava-se o Porto de Cubículo. O porto recebeu este nome devido a uma enorme pedra, que se encontrava em cima de outra e que avançava para fora uns 3 metros, com a altura do chão de 2 metros. Os canoeiros da época, fecharam ao redor com pedra bruta e barro e fizeram um quarto e uma área que servia de cozinha. Ao fechar, ficou parecido com uma prisão, um cubículo e por isso o porto foi batizado com este nome. Neste porto, as canoas transportavam todos os mantimentos e madeira até Laguna. As canoas puxavam 100 sacos de farinha de mandioca de 50 quilos ou, por vezes, até 200 sacos. Eram tocadas à vela e a remo.

Casa e venda

Perto do porto de Cubículo, mais em cima, na encosta do morro, tinha uma casa branca. Era feita de pau-a-pique, geralmente construída de madeira farquejada ou serrada à mão, ou ripa rachada e pregada em xadrez, amassada com barro e depois rebocada com areia e cal. Ali tinha uma casa de negócio (venda), onde morava o Sr. João Castro de Medeiros. Na época, toda mercadoria vinha de Laguna. No lugar chamado Caipora (hoje São Gabriel), na Sesmaria Medeiros, tinham outras duas casas iguais.

Plancha de madeira

Nós trabalhávamos com plantão de peroba e canela para exportação. Elas tinham 8 centímetros de grossura, com largura de até 50 centímetros, com 3 à 4 metros de comprimento. As planchas eram levadas até o porto de Cubículo de carro de boi e daí seguiam para Laguna de canoa.

Carro de boi

Com doze anos, eu carregava o carro de planchas de noitinha. No outro dia, às 4 horas da manhã, passava em frente à casa do meu tio Pio e depois na do Sr. Arcângelo Nandi, pois eles também tinham o carro cheio de planchas, que haviam carregado um dia antes, na nossa serraria. Cada um cuidando do seu carro, seguíamos juntos para o porto de Cubículo. Caso fosse preciso, um ajudava o outro. Além de nós, outros carros de boi também viajavam no mesmo dia, transportando planchas e também mercadorias. Não tinha estrada, era caminho somente para carro de boi, dávamos uma volta grande, muitas vezes virávamos o carro de rodas para cima e também atolávamos. Aí tínhamos que descarregar o carro, desatolar ou virar e carregar novamente. Na Caipora (hoje São Gabriel), encontravam-se muito atoleiros, pois existiam banhados. O conserto do caminho era feito com esteira de bagaço de cana, trazida dos engenhos de açúcar. Muitas vezes, depois de vencer todos estes desafios, ainda encontrávamos um último obstáculo perto do porto de Cubículo. Isto porque a uns 300 metros antes da chegada, tinha uma forte subida de uns 10 metros, curta, mas em pé. Bastava que os bois, cansados, não pudessem subir e aí tínhamos que descarregar o carro e em vez de uma, fazer duas viagens até o porto. Tinha dias que chegávamos tarde da noite em casa.

Bois vagarosos

Nós tínhamos uma junta de bois, muito vagarosos, por isso eu ficava sempre para trás dos outros companheiros. Precisava de vez em quando, dar-lhes uma ferrada. Lembro-me que um dia cortei uma vara de cutia, peguei um cartucho de revólver 38, tirei a espoleta e botei o cartucho na ponta da cutia, enfiando um prego no lugar da espoleta e deixando a ponta 1 centímetros para fora para espetar o boi, como todos os carreteiros faziam.

Inauguração do ferrão

Meu pai e nós, fazíamos tabuinhas aplainadas e cortadas para fazer caixas, com a finalidade de encaixotar latas de banha para o Sr. Ilário, que morava em Santa Cruz, a uns 5 quilômetros de nossa casa. Um dia de noitinha, carreguei o carro de tabuinhas e de madrugada, subi aquela morraria para entregá-las. O sr. Ilário, que naquele dia estava com falta de carreteiros, me pediu que carregasse uma carga de jacá de carne de porco seca, para o porto de Cubículo. Eu concordei, carregando o carro me dirigindo para o porto. Fiz a viagem rápido, pois tinha levado o ferrão que tinha feito comigo. Na volta, eu tinha colocado a ucha em cima do caixão do carro e sentado sobre ele. Depois, botei o ferrão atrás de mim, dentro do caixão. Tudo bem, os bois vindo a favor da casa, bem ligeiros. Estávamos no mês de agosto, o mês da botuca. De repente, uma delas me deu uma ferroada no pé direito. Eu puxei o pé para trás e deu certo que espetei o ferrão no calcanhar (calcâneo) e foi aquela sangria. Aí, incomodei-me, passei a mão no facão e piquei o ferrão em pedaços. Pensei: se o ferrão não é bom para mim, também não serve para os bois, que muitas vezes estão tão cansados e a gente ainda os judia com o ferrão. A partir daí, nunca mais usei este tipo de vara.

Virou o carro do colega

Lembro-me que um dia, eu, meu tio Pio e o Sr. Arcângelo Nandi, estávamos descendo o morro dos Perdoná, bem devagarinho e com muito cuidado, para não virar o carro. Atrás de nós, vinha um tal de Zeferino, com o carro carregado de sacos de farinha de mandioca. Ele tinha uma junta de bois de passos largos e não quis nos acompanhar devagar, como vínhamos, pois tínhamos que segurar os bois ao passar nos vários buracos da estrada e assim nos obrigou a dar passagem a seu carro. Foi difícil, pois a estrada era muito estreita, mas, enfim, demos um jeito e ele passou. Meu tio disse:

- Tu vai precisar de nós.

Continuamos a viagem e quando chegamos em frente à serraria dos Perdoná, olhamos e lá estava ele, com o carro virado, de rodas para cima. Ele teve que descangar os bois, arrumar o carro e carregar a farinha de novo. Nós passamos e meu tio tornou a falar:

- Fica aí agora, seu apressado. Não sabes que devagar se vai ao longe?

Treze de Maio à Cubículo

Meu pai, que era Intendente, começou a abrir a estrada da Vila Treze de maio em direção ao Cubículo, beirando o nosso rio Caipora. Chegou numa certa altura, era só pedra e mais pedra e nós, então, fazíamos a pólvora em casa com salitre, enxofre e pó de serra bem torrado. Esta pólvora não tinha muita força, mas arrebentava as pedras. Lembro-me que um dia, meu pai me mandou a Tubarão, na prefeitura, entregar um bilhete ao prefeito, Sr. Marcolino Martins Cabral, em que pedia duas latas de pólvora, daquela grossa, boa. O Sr. Marcolino leu o bilhete e mandou chamar um tal de Charuto dizendo a ele que era para entregar duas latas de pólvora, para tirar o meu pai que estava trancado no meio das pedras. Eu peguei as latas, agradeci o Sr Marcolino, e me mandei de volta. A partir daí, muitas pedras foram arrebentadas e a estrada sai. Em vez de 18 quilômetros, ficou com dez. Outras duas estradas importantes abertas por meu pai, foram: a do Rio Vargeado e de Urussanga Baixa, além de tantas outras no distrito.

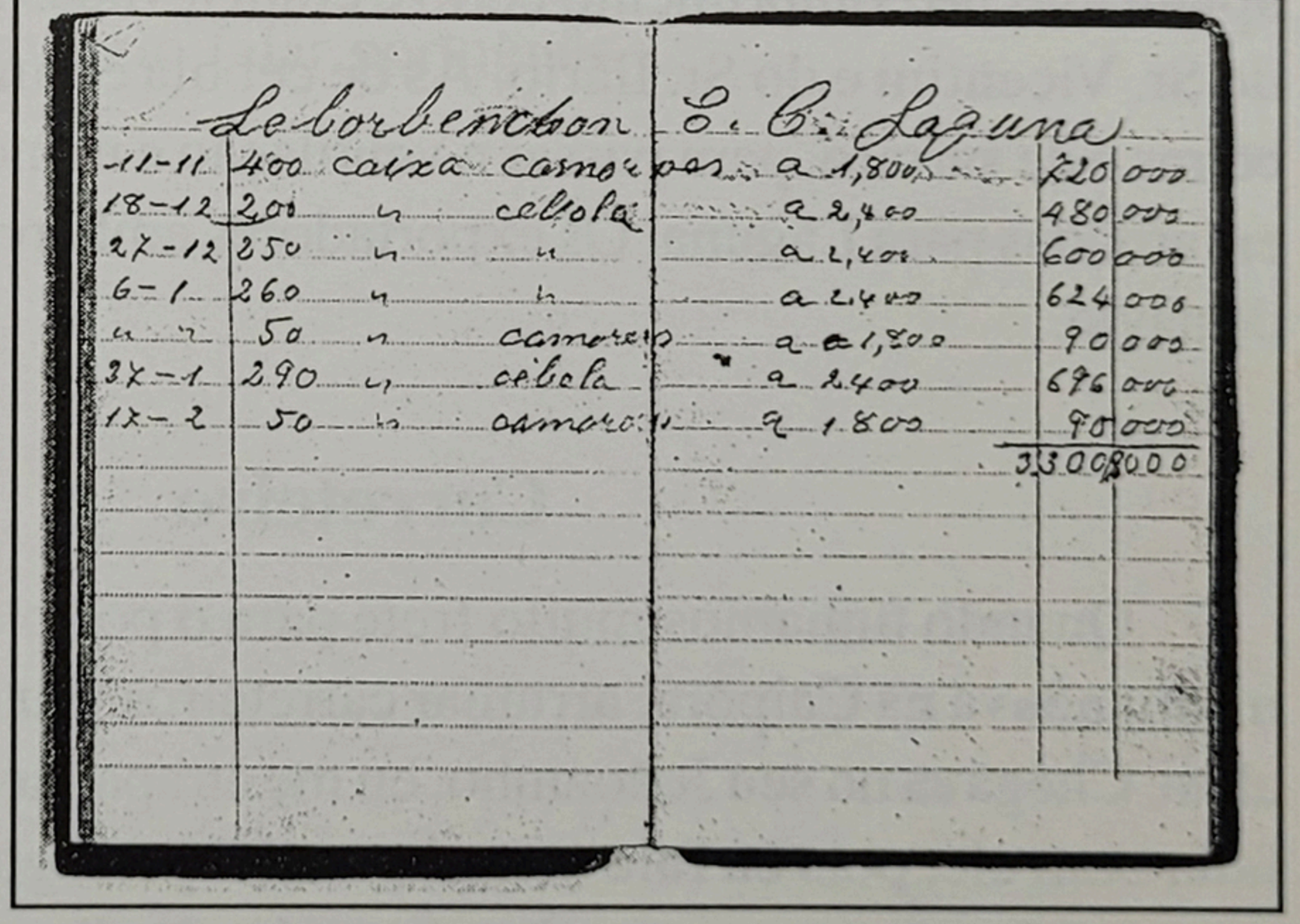
Lebarbenchon

O Sr. Lebarbenchon, homem de colarinho branco, tinha uma firma de exportação. Ele comprava de meu pai, planchas de canela e de peroba de primeira e também caixa para banha e cebola, para exportar. Quando vinha para a vila de Treze de Maio, se hospedava na nossa casa,

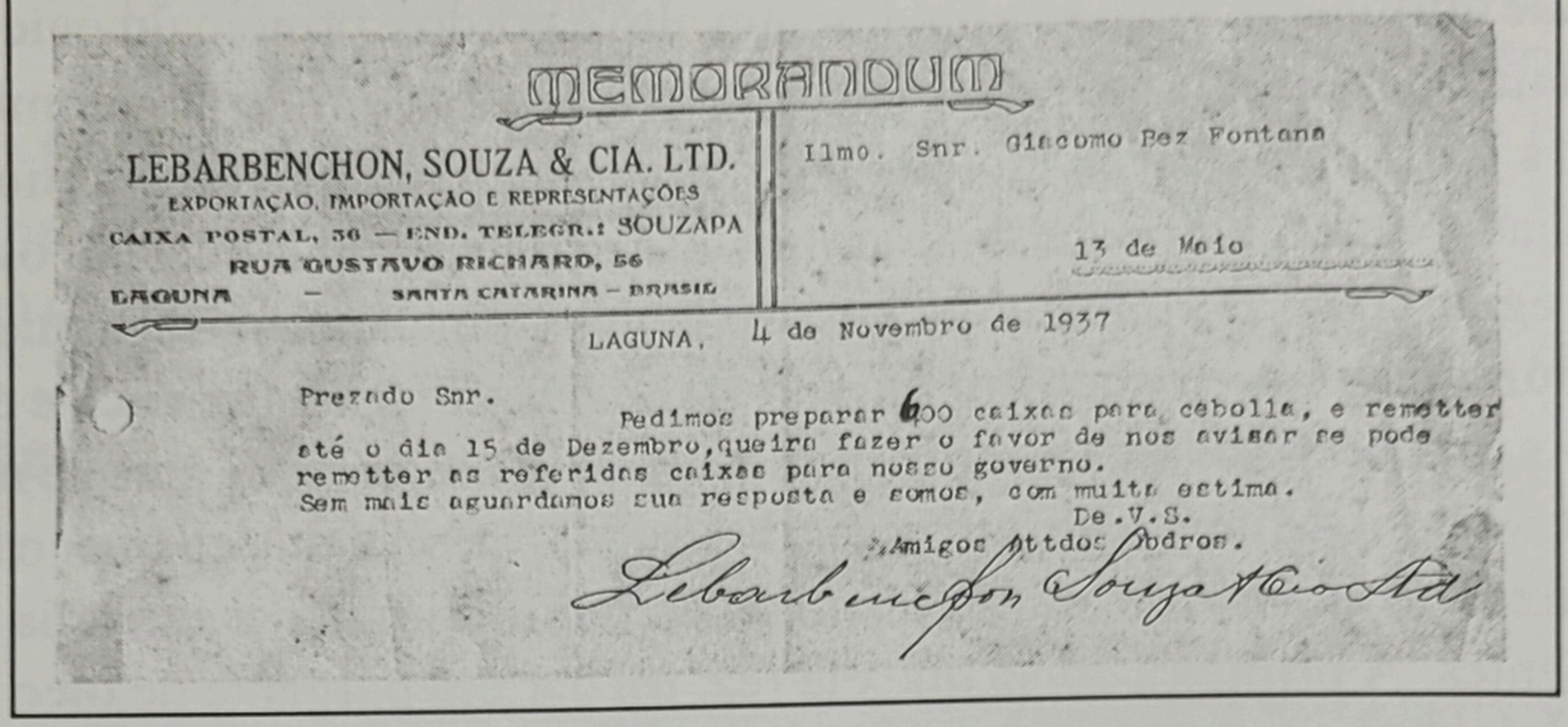
onde dormia e comia. Era um homem alto e gordo e principalmente de muita comida. Minha mãe sempre se preocupava em fazer a comida para ele. Um dia, ele veio na nossa casa e meu pai não estava, tinha viajado. Então, ele pediu a minha mãe que cozinhasse uma dúzia de ovos na água, com sal e pimenta e fizesse polenta. Comeu polenta à vontade, a dúzia de ovos e bebeu um litro de vinho. Descansou um pouco e depois foi dormir. Não demorou muito, chamou minha mãe, porque não estava bom. Minha mãe, um pouco assustada, me mandou chamar o Sr. Luiz B. Fontana, que era um homem de muita coragem e entendia de doentes. A primeira coisa que ele fez, foi dar um purgante de óleo de rícino. O homem quase morreu de congestão. Só conseguiu melhorar um pouco, perto da meia noite. Também, tudo o que comeu, era para morrer mesmo.

Falência

Meu pai continuava mandando madeira para a firma "Lebarbenchon e Cia", do Sr. Lebarbechon e ele começou a atrasar com os pagamentos, até que um dia abriu falência. Deu um prejuízo na época ao meu pai, de três contos de réis (3.000$0000), que naquele tempo era muito dinheiro. Bem dizia meu avô, que vender para gente de colarinho branco era perigoso e foi o que aconteceu.



	Lebarbenchon			L. B. Laguna			
11-11	400	caixa	camarão	a 1,800	720	000	
18-12	200	"	cebola	a 2,400	480	000	
27-12	250	"	"	a 2,400	600	000	
6-1	260	"	"	a 2,400	624	000	
" 2	50	"	camarão	a 1,800	90	000	
27-1	290	"	cebola	a 2,400	696	000	
12-2	50	"	camarão	a 1,800	90	000	
					3.300	8000	



MEMORANDUM

LEBARBENCHON, SOUZA & CIA. LTD.
EXPORTAÇÃO, IMPORTAÇÃO E REPRESENTAÇÕES
CAIXA POSTAL, 36 — END. TELEGR.: SOUZAPA
RUA GUSTAVO RICHARD, 56
LAGUNA — SANTA CATARINA — BRASIL

Ilmo. Snr. Giacomo Bez Fontana

13 de Maio

LAGUNA, 4 de Novembro de 1937

Prezado Snr.

Pedimos preparar 600 caixas para cebolla, e remetter até o dia 15 de Dezembro, queira fazer o favor de nos avisar se pode remetter as referidas caixas para nosso governo.
Sem mais aguardamos sua resposta e somos, com muita estima.
De.V.S.
Amigos Attos Obdros.

Lebarbenchon Souza & Cia Ltd

Caixa para banha e cebola

Nós fazíamos muitas caixas para encaixotar banha no inverno e cebola no verão. As caixas para banha, nós fazíamos com as tabuinhas aplainadas no comprimento certo e eram levadas soltas para as fábricas do Sr. Vicentini e do Sr. Ilário. As de cebola eram feitas com três cabeceiras e de sarrafo, para passar a ventilação e mandávamos as tabuinhas enfardadas para Laguna. Os exportadores embarcavam depois a cebola de navio.

Carreteiro

Quando tínhamos muito frete para o porto de Cubículo, meu pai me mandava na Caipora, arrumar carreteiros. Eu ia à cavalo ou de bicicleta. Chegava no seu Joãozinho, eu me atrapalhava e não sabia como ia falar com ele, pois eu falava muito mal o português. E aí eu dizia:

- O Sr. não quer puxar duas carradas de tábuas para Cubículo, amanhã cedo?

- Sim-dizia ele.

- Mas garantido?

- Sim, garantido, duas carradas.
Eu não sabia dizer que queria certeza.

Pendão de milho

Minha mãe, quando queria uma mulher ou moça para tirar pendão de milho, para as criações, pedia que eu fosse lá conversar com elas. Chegando na casa da mulher ou moça, eu dizia:

- A senhora não quer trabalhar com minha mãe amanhã cedo, para tirar ponta de milho?

Aí ela dizia:

- Pendão?
- Não sei-respondia eu-é a ponta do milho.
- Sim, eu vou.
- É garantido?
- Sim, é garantido.

Eu me atrapalhava em falar português.

Capítulo 11

Tubarão - primeira viagem

Meu tio Pinto Trento e o Sr. Arcângelo Nandi, tinham carregado dois carros com tábuas de primeira de peroba branca, que meu pai tinha vendido para uma fábrica de móveis em Tubarão, pois naquele tempo eram muito usados móveis de peroba branca. Meu tio então, me convidou par ir junto. Fui pedir para meu pai e ele deixou. Eu devia ter nessa época uns onze anos, era por volta de 1926. Partimos de tardezinha e quando chegamos na divisa de Tubarão com a Vila de Treze de Maio, no Sertão dos Mendes, lugar de descanso, descangamos os bois, demos água e pendão de milho a eles e tiramos uma soneca até de madrugada. Depois seguimos viagem, chegando em Tubarão ao amanhecer do dia e próxima à venda do Sr. Antônio Bez Fontana, tio de meu pai, descangamos os bois e amarramos na beira do rio, que tinha muito capim, para que eles pastassem. Enquanto esperávamos para abrir o comércio, fomos até o centro da cidade e atravessamos a rua da Igreja, a rua São Manuel (hoje calçadão); na época, da rua da Igreja até a rua São Manuel era calçada com pedra bruta cheia de buracos e apelidada de rua do Mar Grosso. No fim da rua calçada, a esquerda, na beira do rio, tinha um açougue, construído de tijolos e pau-a-pique, rebocado e pintado de branco. Estávamos a uns 3 quilômetros do ponto onde deixamos o carro de boi, mas

ainda era cedo e só tinha movimento no açougue. Ali paramos para olhar, pois eu nunca tinha visto um açougue. Nós levamos junto, no nosso passeio na praça, o cachorro de estimação do Sr. Arcângelo Nandi, nosso companheiro. Acontece que um senhor de idade, comprou um osso caracu e o colocou num canto do açougue, encostado à parede. Depois, voltou ao balcão para comprar mais alguns quilos de carne. Enquanto o homem estava olhando o açougueiro pesar a carne, o cachorro do nosso companheiro de viagem passou a boca no osso caracu e mandou-se para a direção dos nossos carros de boi. O dono do osso saiu atrás do cachorro, gritando para o atacarem, mas ninguém chegou perto, do medo, porque ele era grande. Nós três saímos dali e ficamos quietos. Ninguém percebeu que o cachorro era nosso. Demos uma volta até a Igreja e depois nos dirigimos para onde estavam os carros. Ao chegar perto, vimos o cachorro tranqüilo nos esperando. Descarregamos os carros na fábrica e partimos, chegando em casa à noite. Esta foi a minha primeira viagem a Tubarão.

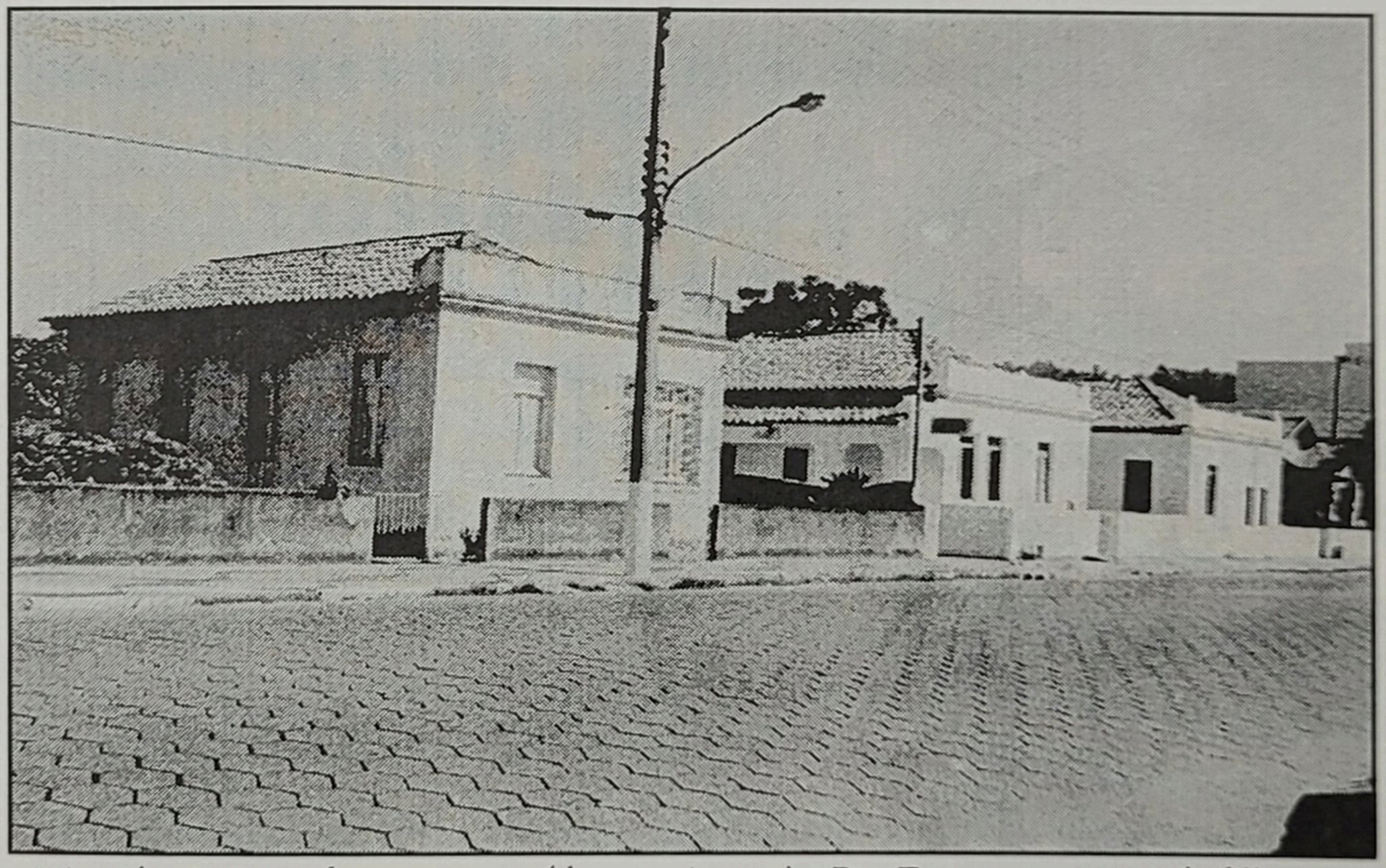
1º avião a sobrevoar Tubarão

Neste dia, carreguei o carro à tarde com tábuas aplainadas e cantilhadas para assoalho, que seriam destinadas para as três casas, que o Sr. Antônio Bez Fontana estava fazendo para suas três filhas. As casas existem ainda hoje. Partimos de madrugada, eu e meu irmão Alfredo. Levamos comida para a viagem e cana para os bois. Passamos no Sertão dos Mendes e Sertão dos Corrêa de noite e amanhecemos em Tubarão. Descangamos os bois, amarramos na beira do rio e demos a cana que tínhamos levado. Lá pelas oito horas, descarregamos o carro. Fizemos a viagem mais acertada do tempo, pois lá pelas 10 horas, escutamos um ronco e apareceu o primeiro avião a sobrevoar a cidade de Tubarão. Nossa viagem ficou na história. Tubarão parou por mais de uma hora, pois o avião sobrevoou a cidade por um bom tempo e depois sumiu. As indústrias, comércio

e a oficina da estrada de ferro, pararam. Nós, que nos encontrávamos perto da oficina da estrada de ferro, vimos o pessoal sair para a rua, inclusive gente com a metade da barba por fazer, pessoas que estavam engraxando o sapato correram, com um sapato engraxado e outro não; todo mundo prestando atenção e comentando o que poderia acontecer, pois nunca se tinha visto um avião. Eu e meu irmão Alfredo escutamos quando uma moça disse:

- Aquele maquinista está doido, ele vai cair. (chamou o aviador de maquinista).

Dentro da cidade tinha muito potreiro e o avião voava baixo, as criações se assustaram disparando, pulando cercas, enfim, era uma correria. Depois, preocupados, cangamos os bois para voltar, pois íamos chegar tarde da noite em casa. Eu tinha, nesta viagem, os meus 12 anos de idade.



As três casas que foram construídas por Antonio Bez Fontana para as três filhas:
Luiza Bez Fontana casada com Elias Benedet;
Catarina Bez Fontana com Vicente Damiani;
Amalia Bez Fontana com Silvestre Damiani.
No dia em que eu e meu irmão Alfredo fomos levar as tábuas do assoalho das casas, sobrevoou o primeiro avião em Tubarão

Capítulo 12

Cepa para tamanco

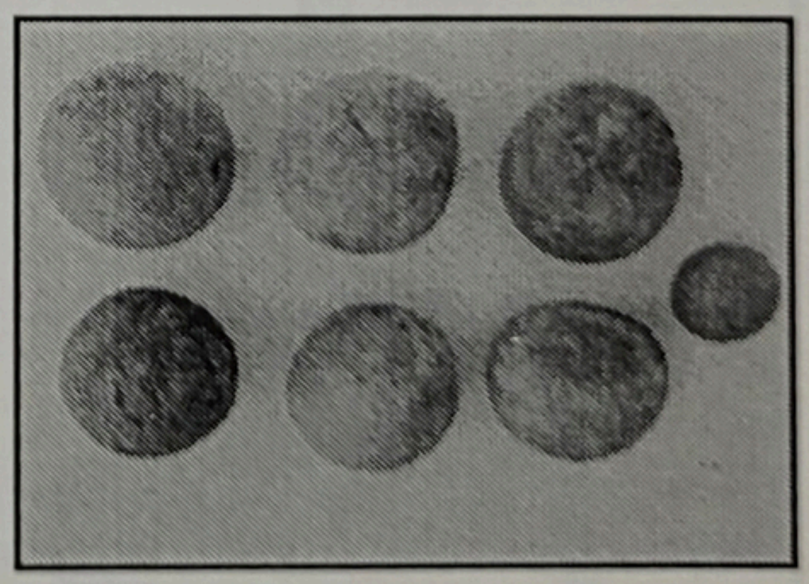
Naquele tempo, se usava tamanco no lugar de chinelo. Todos usavam, tanto homens, quanto mulheres e crianças. Eu fazia, nas horas vagas, quantidade de cepa na serra fita e vendia. Depois o sapateiro pregava o couro e o tamanco estava pronto.

Forma para sapato

Além dos tamancos, eu fazia também forma de madeira imitando os pés, para modelo de sapato, de vários tamanhos e depois vendia para os sapateiros da região. Naquela época, os sapatos eram feitos sob medida, pois eram poucos os sapatos de fábrica que chegavam aqui.

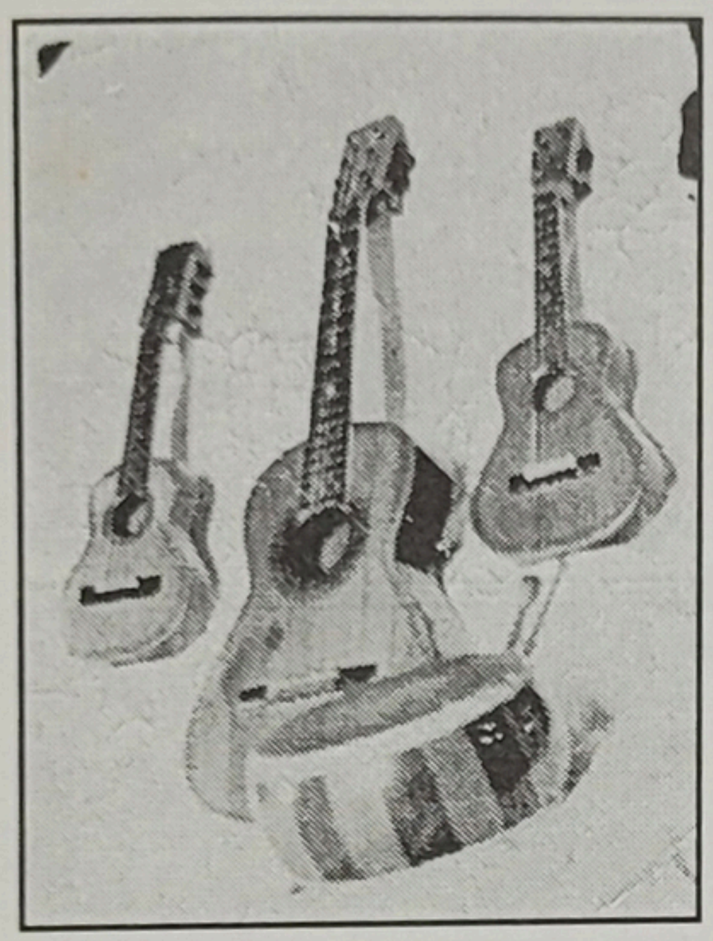
Bocha de madeira

Ainda hoje guardo como recordação, uma muda de bocha, que fiz quando tinha 15 anos. Foi feita com madeira de cerne de ipê, tirada debaixo do lodo num banhado.



Esta muda de bocha eu mesmo fiz em 1927 e guardo como recordação.

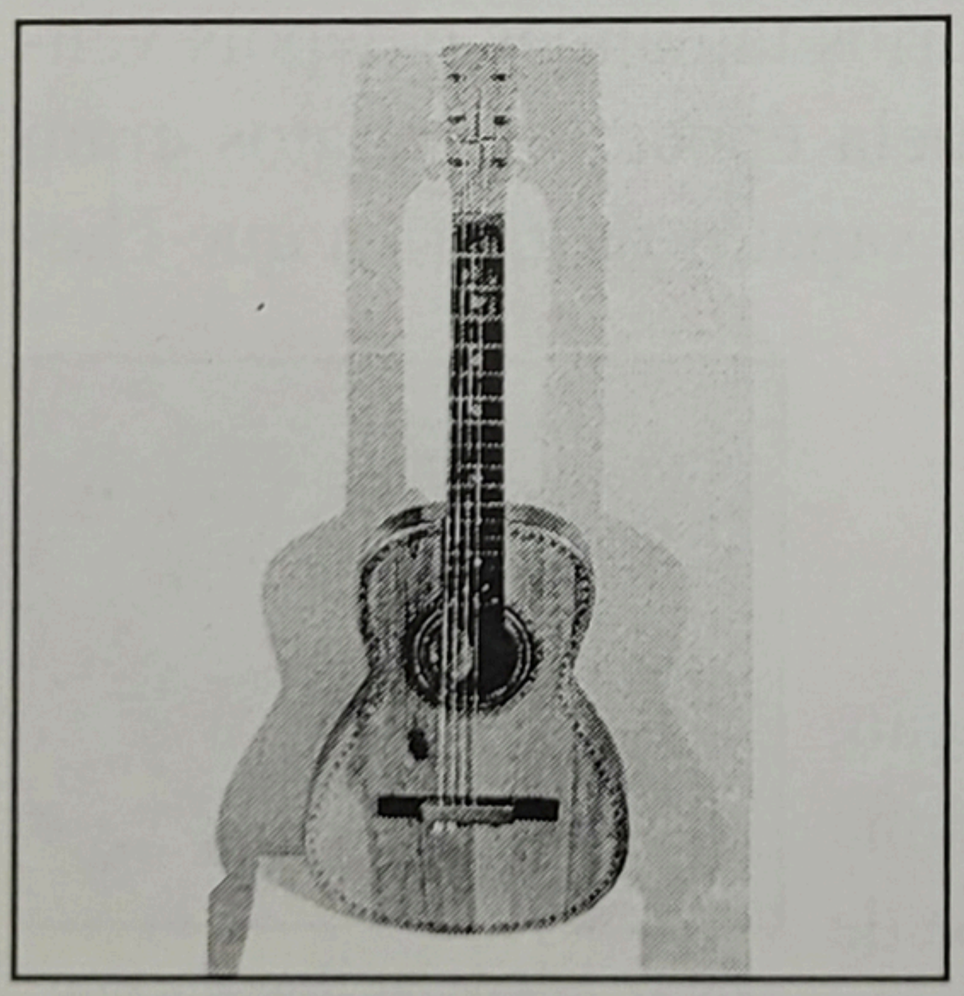
Cavaquinho



Da direita para a esquerda: cavaquinho de quatro cordas, violão com seis cordas, um cavaquinho de oito cordas e um tamborim. Os instrumentos de corda eu fiz com dezenove anos e o tamborim quando tinha vinte e dois anos, depois que voltei do exército.

De 1930 a 1935, nas horas vagas como à noite, ao meio-dia, dias santos e mesmo aos domingos, gostava de fazer alguma coisa para mim e mesmo aprender com experiência própria, sem ninguém me ensinar. Tudo eu fazia escondido e meu pai só via quando os brinquedos estavam prontos. Fiz o meu primeiro cavaquinho com quatro cordas e pouco tempo depois, um de oito cordas, que ficou um espetáculo. Tinha um som que dava gosto de tocar. Quando servi o exército em Lages, levei o cavaquinho de oito cordas. Lá, eu emprestei para tocar carnaval e me ofereceram um dinheiro que não podia recusar. Muito me arrependi depois, por não tê-lo trazido de volta e guardado como recordação.

Violão

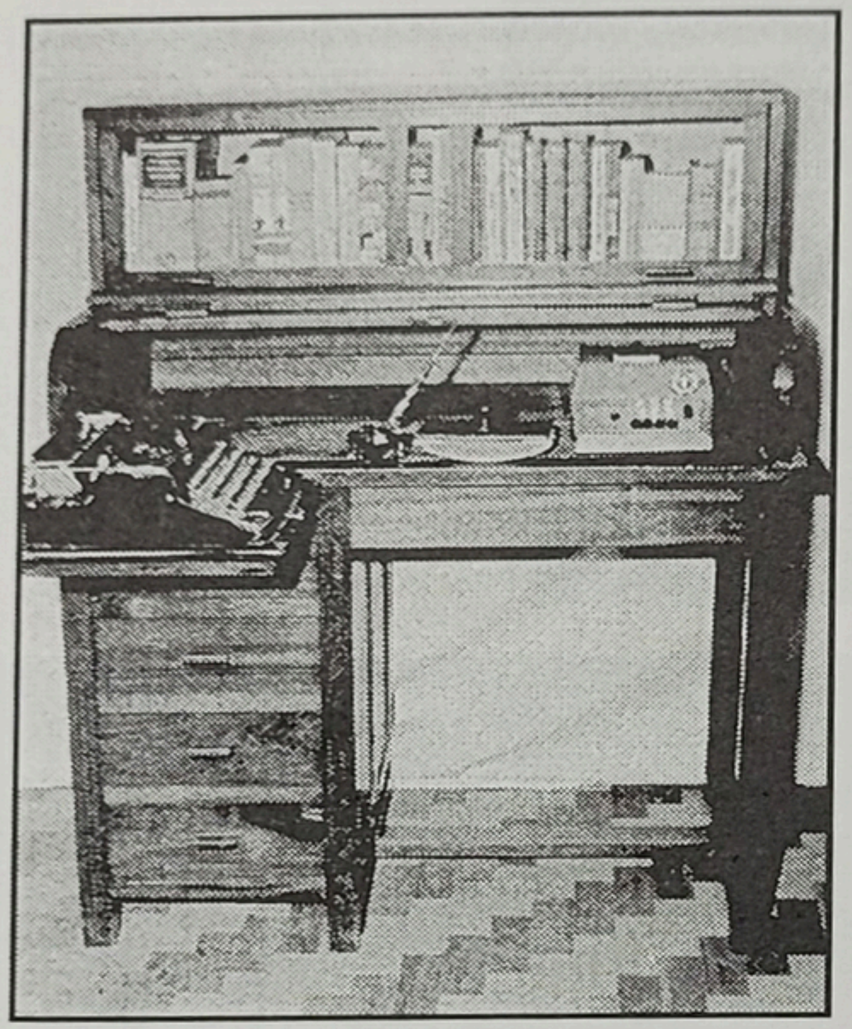


Violão feito por mim, quando eu tinha 19 anos.

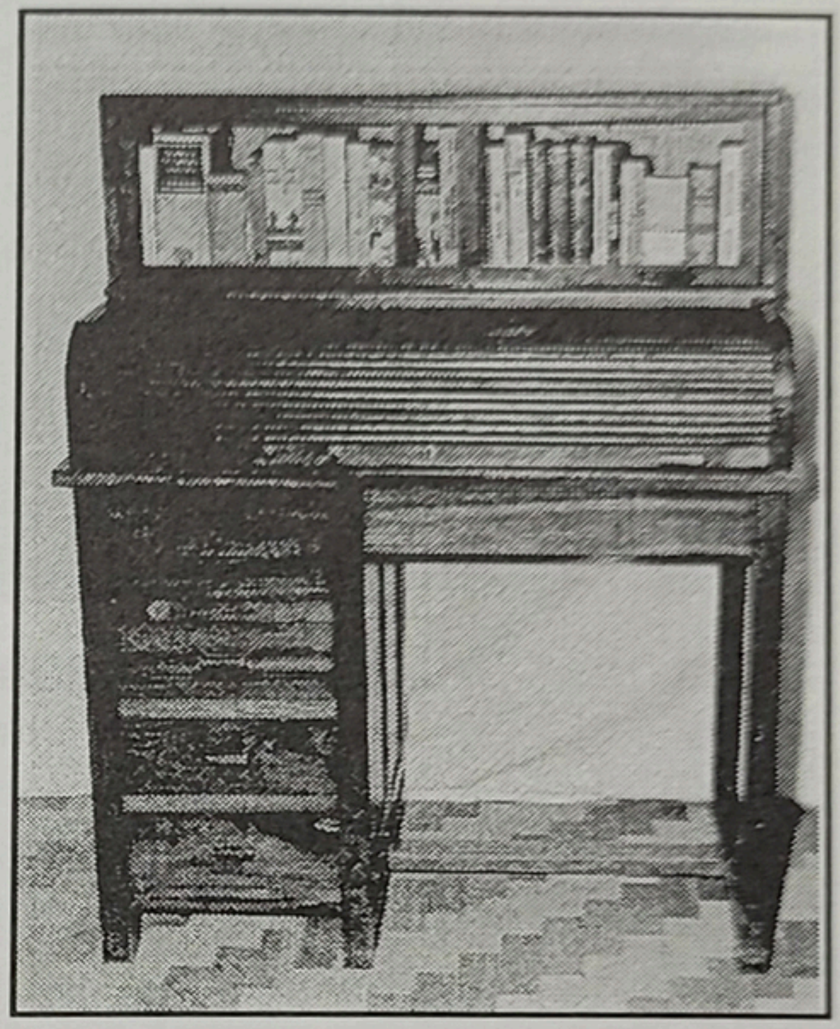
Fiz um violão com madeira de cedro da nossa região e na tampa do som, foi usada madeira de pinho da Europa. Eu desmanchei um caixão que vinha com mercadoria da Europa, aplainei a grossura necessária e fiz a tampa. O violão foi testado e não tem defeito Guardo-o até hoje com carinho, como recordação.

Bocal e outros

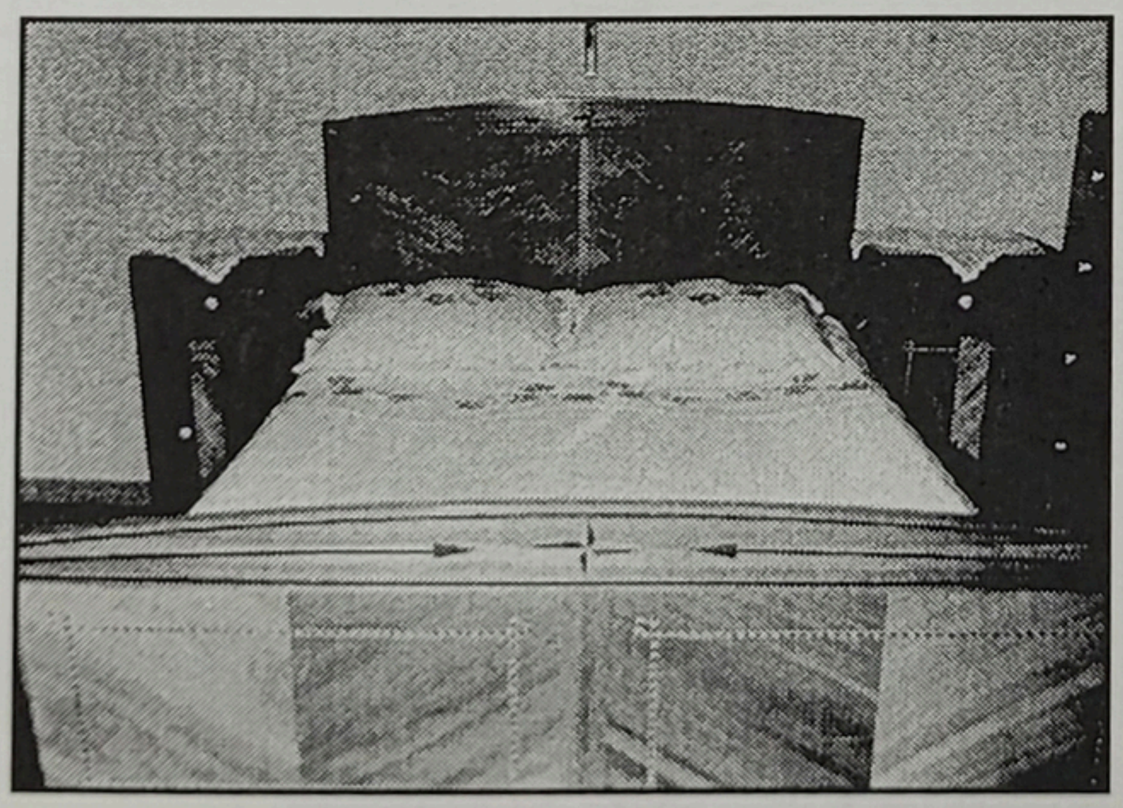
O meu divertimento era fazer de tudo. Fazia bocal de clarinete de madeira de cerne de louro, estojo para guardar clarinete, que tenho ainda guardado como recordação, pedal para bombo, tripé para jazz-band, pandeiro, tamborim e até caixinha para parafusar na garupa da bicicleta, para guardar ferramentas e outros.



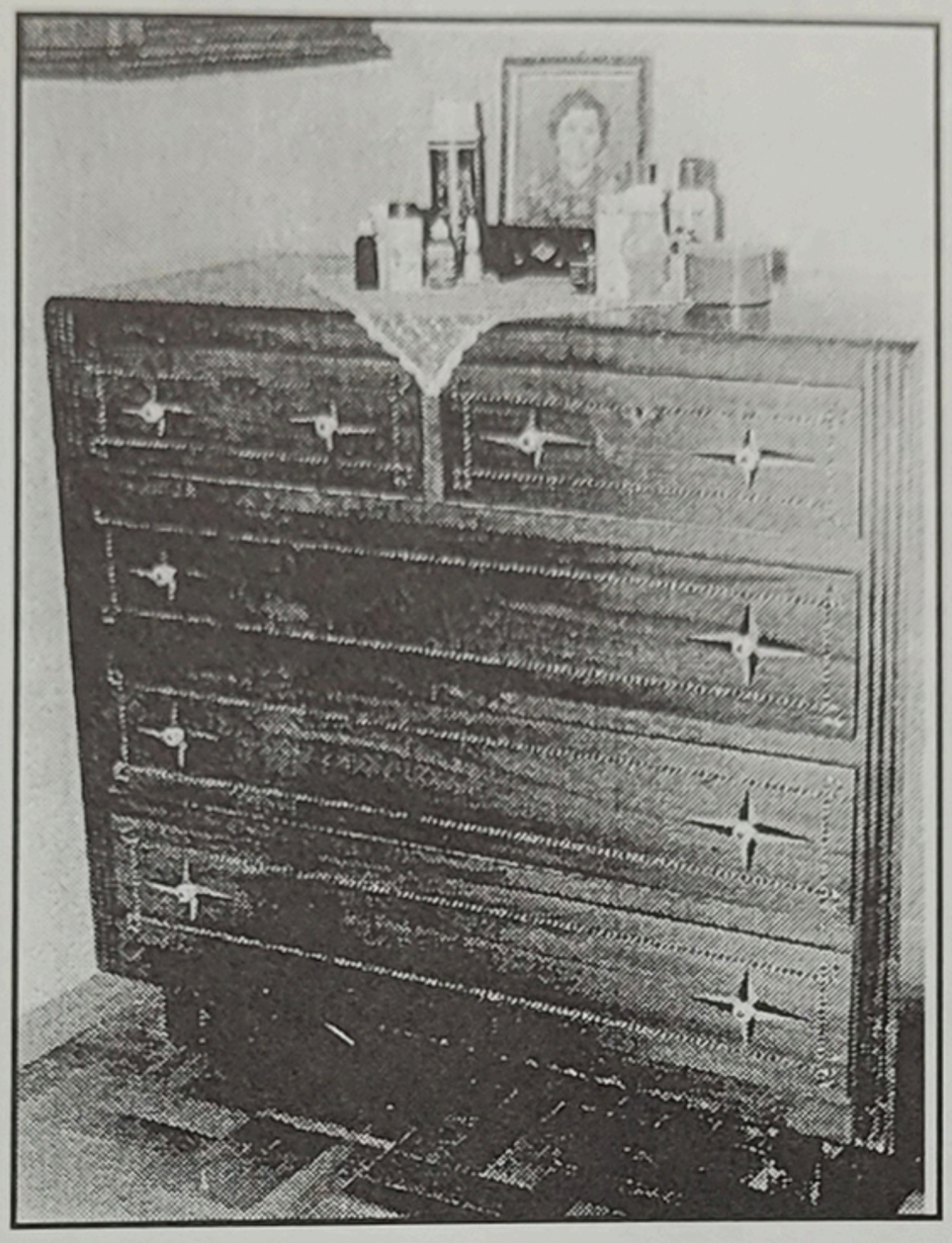
Esta escrivaninha também foi feita por mim, em 1940. sobre ela está a minha máquina de escrever, a caneta tinteiro, o mata-borrão e a máquina de calcular



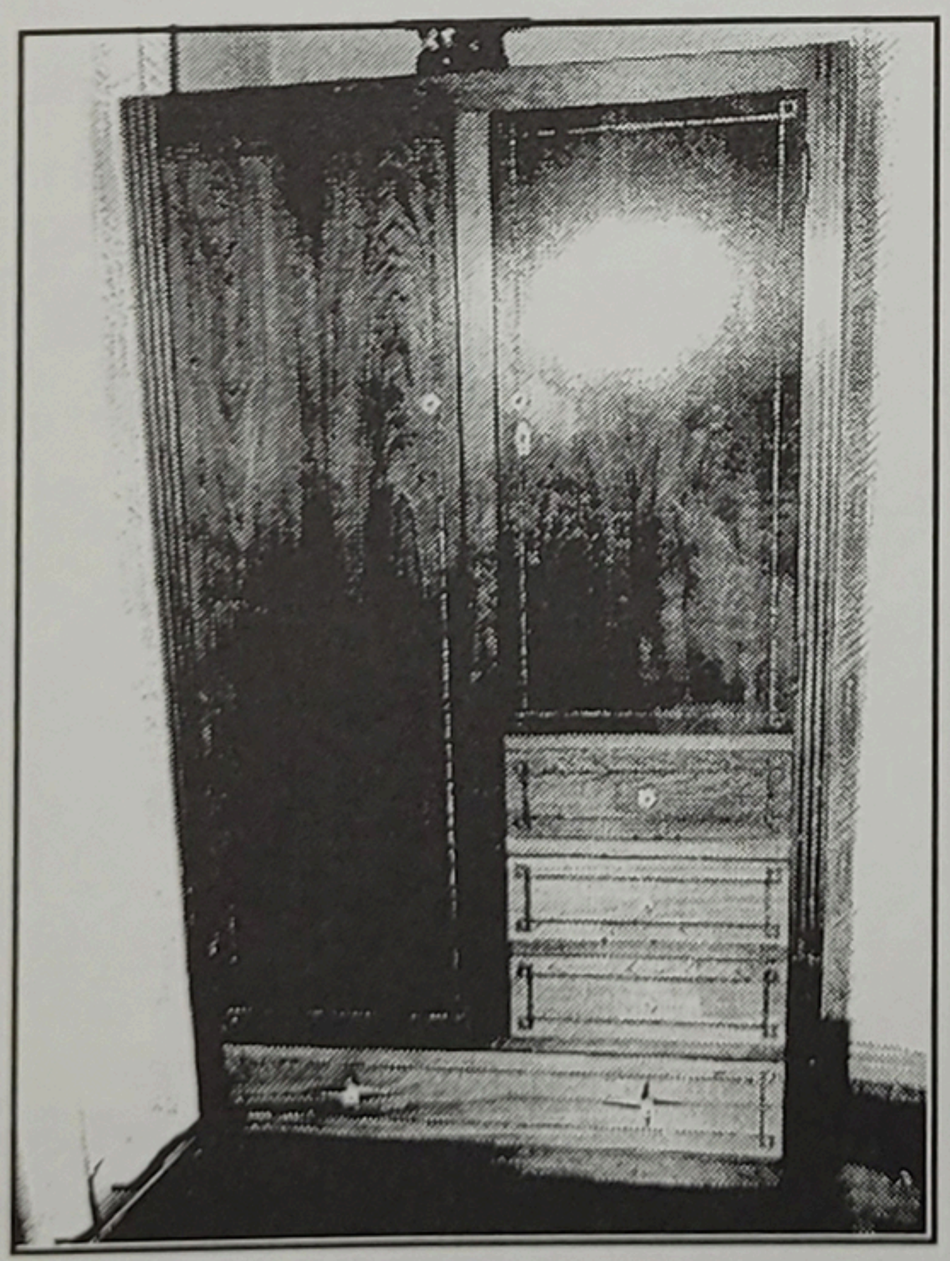
A mesma escrivaninha, só que fechada. Com uma só chave tranca-se tudo

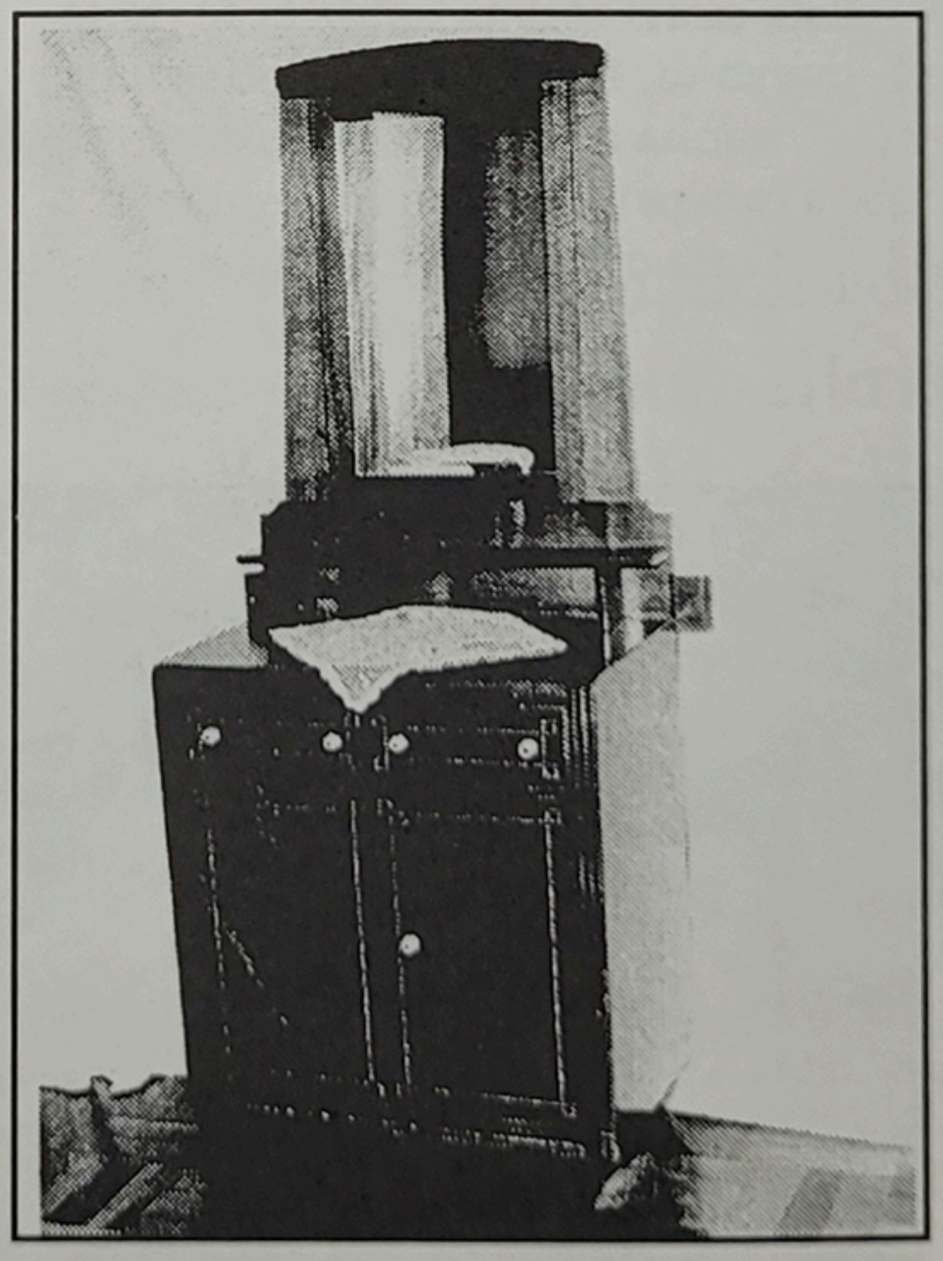


Mobília feita por mim quando casei, em 1940. Cama, bidês e mais outras peças que estão nas fotos seguintes.

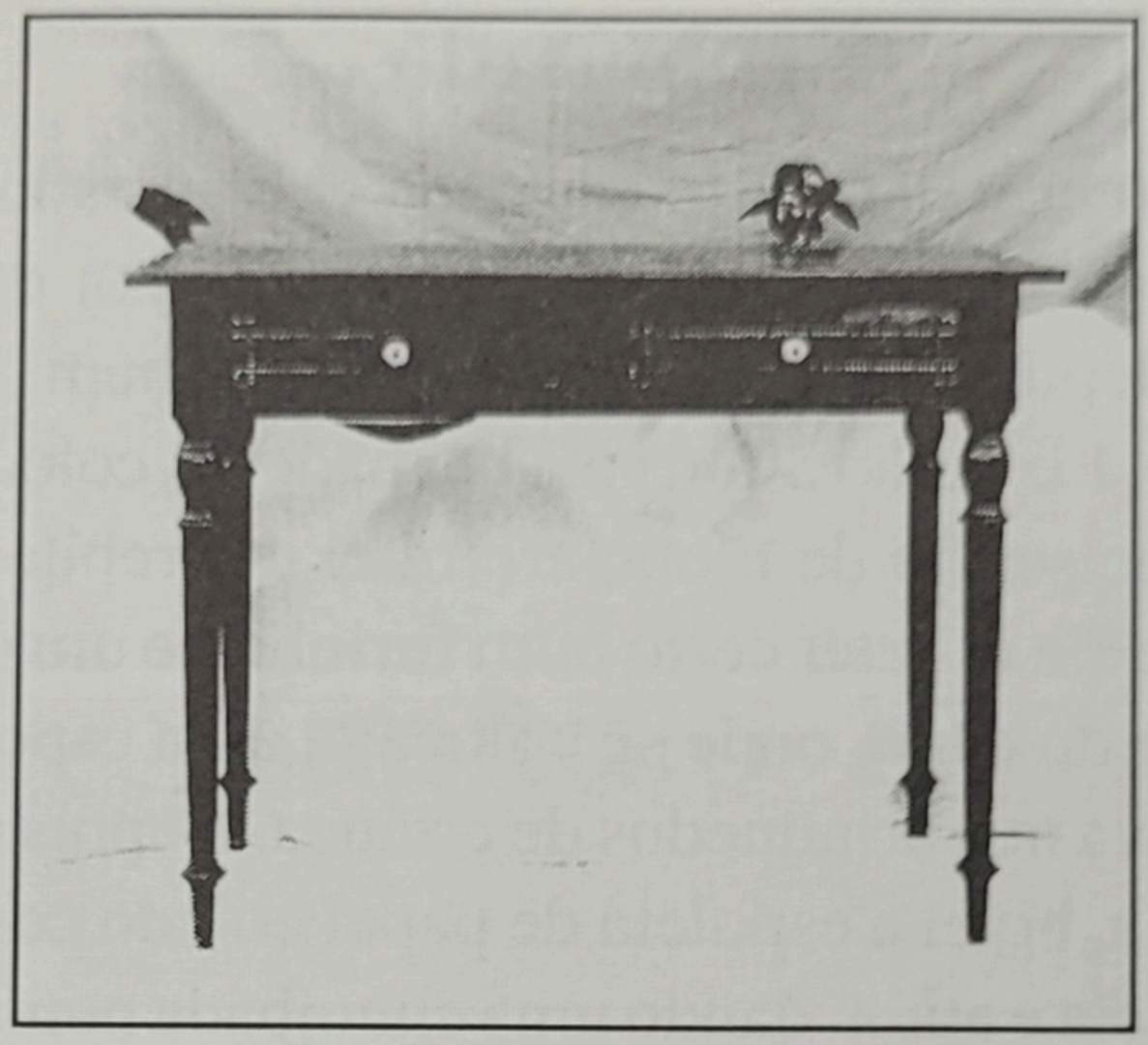


Esta cômoda é de madeira maciça e toda
marchetada en madeira clara e escura.
É um móvel de muita
mão-de-obra, com apenas uma fechadu-
ra que fecha todas as gavetas

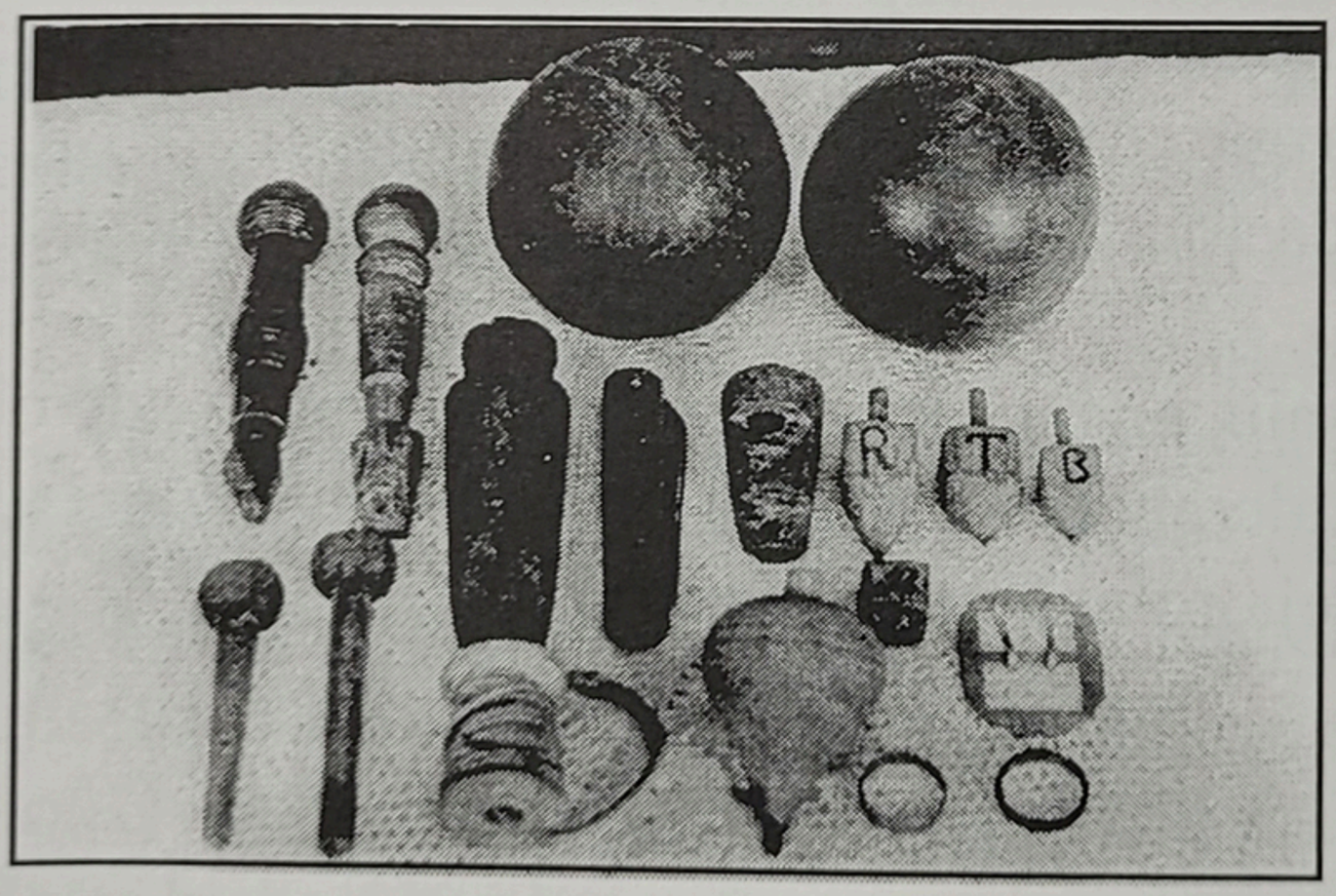




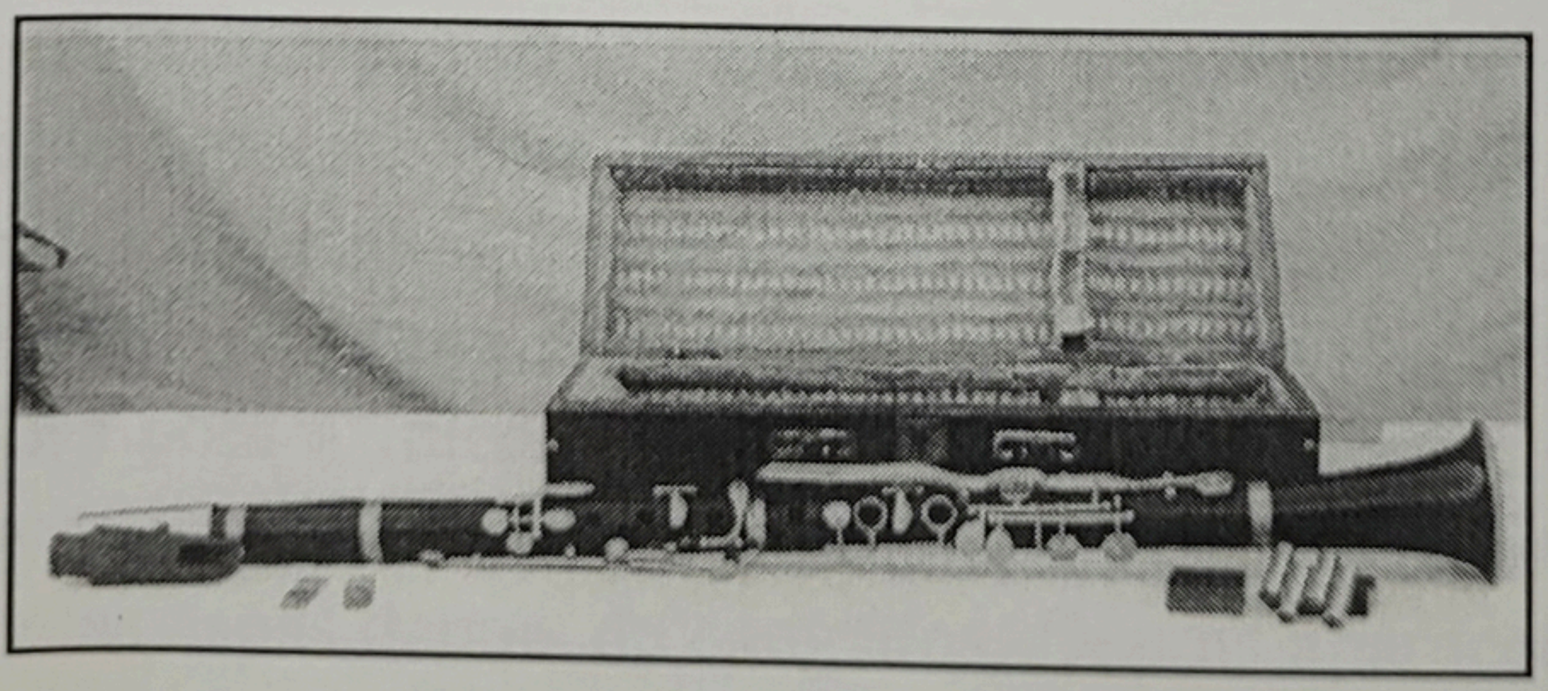
Guarda roupa e espelheira que também fazem parte do conjunto



Mesinha feita por mim em 1940.



Quando eu era criança fazia meus brinquedos e outros objetos. Eram fabricados: bolas de bilhar, cabos de punhal, bocais de clarinete, canivetes, apitos, rapas, tarrachas de cavaquinho e violão, fieiras, piões, dados, fivelas e anéis para as meninas.



Meu clarinete, quando eu era músico, em 1939. O bocal e o estojo eu mesmo fiz.

Espingarda

Um dia, encontrei um pedaço de cano galvanizado sem costura e me lembrei de fazer uma espingarda. Fiz a rosca por dentro do cano, com um macho. Depois fiz um tampão e atarraxei bem, ficando o cano tapado de um lado. Fiz então a coronha de madeira, coloquei uma lâmina de um lado, que serviu de mola, arrebitei um rebite na ponta, que serviu de gatilho e ele ia bater certo num furinho de um milímetro, que tinha feito ao lado do cano, onde se colocava uma espoleta, que era a mesma que se usava nos brinquedos de criança. Depois carreguei a espingarda pela boca, botei a espoleta de papel colado com cera de abelha, engatilhei a mola e atirei, dando uma chumbada numa tábua, igual a espingarda central. Um domingo de manhã, eu estava na serraria carregando a espingarda e por coincidência chegou meu tio José, de repente. Eu não tinha visto ele entrar e por isso não deu tempo de esconder a espingarda. Quando ele viu que eu estava carregando, me disse:

- Joga esta espingarda fora, pois o cano não tem resistência e pode estourar.

Depois que meu tio saiu, engatilhei e atirei numa tábua, onde o chumbo ficou preso. Considerando o que meu tio disse, abandonei a espingarda, que talvez esteja rolando por aí ainda.

Capítulo 13

Tamanduá 1

De tantos tamanduás que matamos, vou contar a história de três. Lembro-me que um dia, às 2 horas da madrugada, me acordei e escutei um cachorro acoando. Devia estar a uns 800 metros da nossa casa. Levantei juntamente com meu pai e ele me disse:

- É bom irmos ver, decerto é um bicho.

Eu peguei a espingarda central de dois canos, amarrei a cartucheira, carreguei a espingarda com dois cartuchos e também lanterna. Meu pai pegou uma foice e nos mandamos. Quando chegamos uns dez metros perto, iscamos o cachorro, o que foi um erro cometido. O cachorro avançou no bicho, que era um tamanduá. A defesa deste bicho é nos braços e nas unhas das mãos, sendo assim, abraçou o cachorro e com as unhas abriu a garganta dele, que saiu gritando pela capoeira afora. Quando chegamos ao local, o tamanduá estava entocado e sentado entre as pedras. Eu estava com a lanterna na mão e meu pai pegou a espingarda e atirou na sua cabeça. Puxamos para fora com a foice. De manhã tiramos o couro, que depois de seco aproveitávamos para fazer ajoujo, que serve para amarrar dois bois pelas aspas depois de cangados. Depois apareceu também o cachorro, com a garganta toda aberta e ensangüentada. Era uma piedade.

Não resistindo aos ferimentos, morreu dois dias depois. Perdemos, assim, os nosso cachorro de estimação.

Tamanduá 2

Outro dia de madrugada, novamente o cachorro coava a um quilômetro de casa. Eu e o Pedro B. Fontana nos levantamos e fomos ver o que era. Chegamos perto, subimos numa pedra e vimos o cachorro coando embaixo. Descemos pelo outro lado da pedra, com a lanterna. A pedra estava uns 40 centímetros mais alta que o chão e o tamanduá estava no fundo da toca, deitado, com os braços para fora, esperando o cachorro. Se ele avançasse, era outro cachorro que ia morrer. Pedro clareava com a lanterna e eu peguei a espingarda e dei um tiro na cabeça, para não estragar o couro. Puxamos o bicho para fora e o cachorro avançou, divertindo-se.

Tamanduá 3

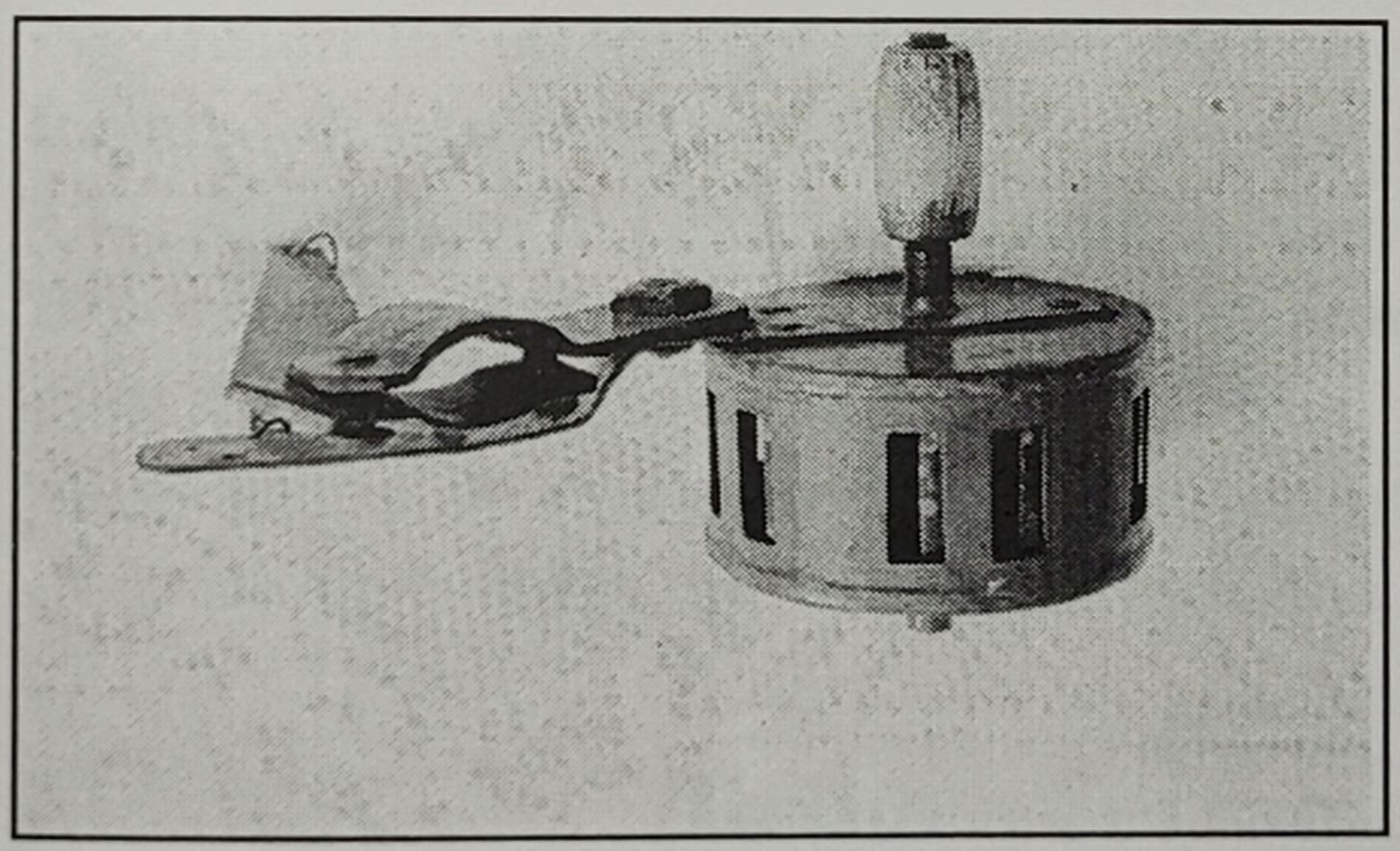
Um domingo, por volta da meia noite, o meu operário, Sr. Manoel Impólito Armandio, vinha da casa da namorada a pé. Disse ele que, de repente, um bicho se levantou, ficando em pé ao lado dele, dando uma soprada. Ele imediatamente puxou a faca que trazia na cintura e passou na garganta do bicho. Acertou em cheio e o bicho caiu. Ele riscou um fósforo e viu que era um tamanduá.

Na segunda-feira, o Sr. Manoel trouxe o tamanduá para mim e aproveitamos o couro.

Sirena e cérebro

Recordo-me que um dia, pensei de fazer uma sirena que tinha visto numa revista, instalada numa bicicleta. Trabalhei quase um mês, sempre à noite, sozinho, para ninguém ver. Meu pai e minha mãe não se importavam de eu ir na marcenaria trabalhar a noite. Isso era

muito comum. Peguei duas latas de conserva e comecei a trabalhar. Cortei uma lata, fazendo-a menor, para que coubesse dentro da outra e soldei com estanho. Enfim, fiz a sirena e adaptei na bicicleta. Já era meia noite, quando resolvi fazer o teste. Fui na praça, subi o morro com quase 1 quilômetro e soltei a bicicleta lá de cima, a toda a velocidade. De vez em quando ligava a sirena, que berrava, gemia, espantando qualquer um. Atravessei a praça e vim embora. Guardei a sirena e fui dormir. No outro dia de meio-dia, fui na praça ver a reação do povo. Era só o que o povo falava. Uns diziam que eram fantasmas, outros, que era o lobisomem, o guará. Imaginem aquele gemido de madrugada, com tudo quieto. Como eu queria ir outra vez, não contei para ninguém que fui eu, nem para a família. Desisti em seguida, pois fiquei com medo que alguém pudesse me dar um tiro. Guardo até hoje a sirena comigo, com recordação. Foi uma coisa semelhante a experiência daquele médico, que tirou o cérebro do cachorro e colocou no gato e o do gato colocou no cachorro. Logo após, prendeu os dois. O gato coava e o cachorro miava. Um dia, os dois escaparam. Pularam a cerca e foram na chácara do vizinho. Um da família viu o cachorro trepando numa árvore miando e o gato embaixo coando. Correu e chamou os outros, que quando viram aquilo, correram para a cidade, espalhando para todos que aquilo era coisa de outro mundo. Foram contar para o médico que tinha feito a troca de cérebros e ele escutou como se não soubesse de nada.



Esta sirena eu fiz, em 1935, para adaptá-la à minha bicicleta. Depois eu fui na praça de madrugada, para assustar o povo, que nunca tinha visto um ruído desta natureza.

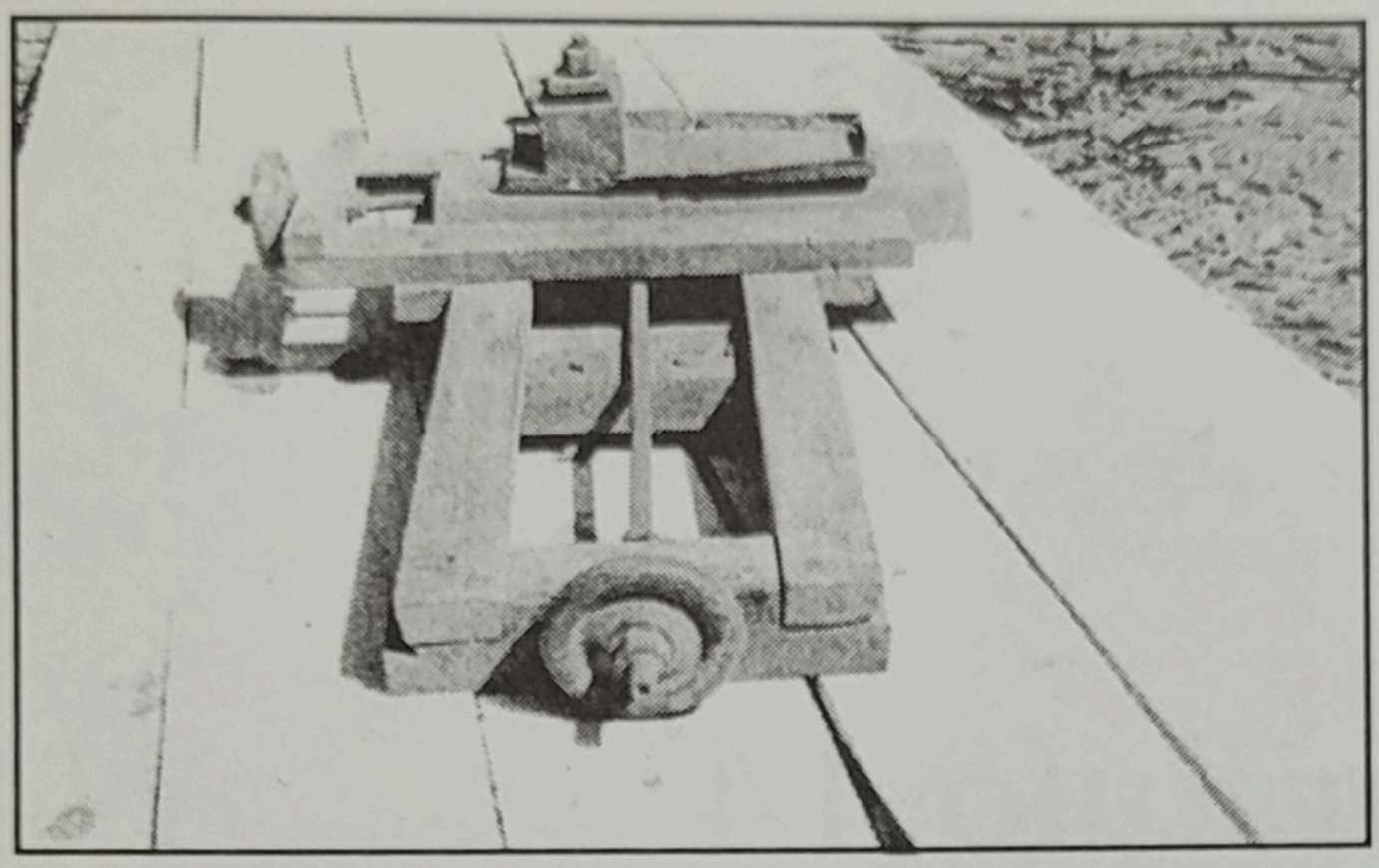
Capítulo 14

Primeira aranha - 1935

De tanto procurar, arrumei um eixo dianteiro de um Ford Bigode, que devia ser de fabricação de 1924, de raios de madeira. Como era difícil de encontrar pneu, desmontei os raios e fiz maior, todo torneado, com cambota de madeira e ferrado com argola de ferro de 1/4", e roda de de 1,20m de diâmetro. O eixo foi cortado 30 centímetros no meio, para ficar na largura de um carro de boi e emendado com chapa e rebite. Solda não se tinha. O assento e os paralamas eram todos de madeira. Depois de pronta, logo achei comprador, pois era novidade: era a primeira aranha do lugar.

Torno e Ferramentas

Era preciso, primeiro, preparar as ferramentas. Faltava tudo, como torno mecânico, tarraxa de rosca fina direita e esquerda, etc. Em primeiro lugar, fiz um torno mecânico de madeira, para tornear as pontas de eixo. Faltava a tarraxa e lembrei que meu pai fazia os cossinetes e o macho, para fazer parafuso de madeira para banco de carpinteiro e fuso de madeira para prensa de tipiti, nos engenhos de farinha de mandioca. Peguei duas pontas de eixo dianteiro do Ford Bigode, fiz a ponta no esmeril, temperei-a bem dura no sebo e esfriei



Com esta peça, presa no torno de madeira, eu torneava ferro, como por exemplo, eixos de aranha.

na água. Fiz o cossinete da tarraxa de aço e com as pontas do eixo do Ford já esmerilhadas e temperadas, fiz a rosca no cossinete, um direito e outro esquerdo. O cossinete, depois de feita a rosca, também foi temperado. Estava pronta a tarraxa e o torno mecânico. Pegava um eixo de Ford Bigode, cortava as pontas e depois arredondava e torneava na ferraria, fazia a rosca direita e esquerda e o eixo estava pronto.

Eixo

Naquele tempo, não era fácil conseguir um eixo de carro Ford Bigode, que era o mais leve. Para ir a Florianópolis ou a Porto Alegre, só a pé, ou a cavalo. Não tinha estradas. O único transporte de passageiros era o navio, que atracava uma vez ou outra. Tudo era difícil.

Segunda aranha

O Sr. Dante Ghisi, nosso escrivão de paz aqui na Vila de Treze de Maio, conseguiu um eixo de Ford Bigode, bem como o assento e o encosto e trouxe para que eu fizesse uma aranha para ele. Eu cortei logo as pontas do eixo, esquentei-as no fogo, na ferraria que nós tínhamos, arrredondei-as e torneei no torno que eu mesmo tinha feito. Fiz a rosca direita e esquerda e aproveitei as porcas originais do eixo, Depois, montei os cubos com rolamento tirei os raios originais que eram de madeira e os fiz mais compridos, torneados no torno, com

as cambotas de madeira e roda de 1,20 metros de diâmetro, ferradas com ferro de 1" x 1/4" colocado na roda bem quente e logo em seguida esfriado com água, para não queimar as cambotas de madeira. Depois de montar tudo, assento e encosto de mola, fiz uma boa pintura. Era a primeira aranha de luxo aqui na nossa região. Era novidade. Quando entreguei a aranha, lembro-me que o Sr. Dante escreveu atrás do encosto, com letra bem grande: USO PARTICULAR.

Automóvel Ford Bigode

O engenheiro Júlio Boppre veio morar na Madre, em Tubarão e trouxe um automóvel de marca Ford Bigode. Não tinha caixa de troca, nem bateria. A bateria era carregada com líquido em diversos vasos e transformava em corrente elétrica. O carro era virado a manivela, a caixa de troca eram três pedais. Quando se pisava num, era a primeira, no outro, era a segunda e no terceiro pedal, era a marcha a ré. Havia um outro pedal que era o freio. O pára-brisa era dividido em dois, numa altura de 60 centímetros. A cobertura era de lona, bem alta, pois cabia um homem em pé dentro do carro. O prefeito de Tubarão, nessa época, era o Sr. Marcolino Martins Cabral. O engenheiro pediu ao prefeito que arrumasse a estrada da madre, que era cheia de buraco e atoleiro, para que ele pudesse ir à cidade de automóvel. Segundo conversa de rua não se acertaram e brigaram. O engenheiro arrumou, então, quatro caixões de querosene vazios e colocou o automóvel em cima deles, para não estragar os pneus. Anos depois, o filho do prefeito, que se chamava Sílvio, comprou o automóvel por quatrocentos mil réis (400$000) e vendeu para mim, pelo mesmo dinheiro. Eu faria, em troca, uma aranha para ele com rodas de pneu, assento e encosto de mola. Seria a primeira aranha deste tipo, bem baixinha, que nós chamávamos de petiça.

Combinei com o meu cunhado, Humberto Guarezi, para ele ir à Tubarão com uma junta de boi, o carretão de quatro rodas e duas plan-

chas, para colocar o automóvel em cima do carretão. Eu fui de moto para ajudá-lo. Levei uma ordem do Sr. Sílvio, para que o engenheiro me entregasse o automóvel. Chegando lá na casa do engenheiro, Sr. Júlio, entreguei o bilhete e o engenheiro me disse:

- A melhor ordem é o dinheiro.

Isto porque o automóvel ainda não tinha sido pago pelo Sr. Sílvio. Aí eu puxei o dinheiro e paguei. O engenheiro ainda falou:

- Carreguem o automóvel bem depressa, que eu ainda tenho que prender as criações.

Quando acabamos de carregar, já era de noite. Abrimos as portas do automóvel para botar os pneus para dentro e ele parecia um avião com as asas. Eu vinha na frente de moto, e o meu cunhado, atrás, devagar, pois tinham muitos buracos na estrada. Ele não tinha pressa, pois fazia hora para passar mais tarde no centro de Tubarão, para que o trânsito não atrapalhasse. Diz meu cunhado que, lá pelas onze horas, vinha descendo a rua da catedral e muitas pessoas se assustaram vendo aquele automóvel, daquela altura, puxado com os bois e ainda em cima do carretão. Chegando em casa, fomos botar na garagem e não entrou. Tivemos que desmanchar a tolda. Eu devia tê-lo conservado até hoje. Tinha sete pneus: os dois atrás do automóvel, com garradeira, os dois na frente, sem garradeira, o estepe e dois outros eram novinhos em folha, embrulhados com papel por dentro e por fora, com fazenda apropriada. Os pneus era de fábrica, de marca GOOD YEAR 75/610 - Ated To 55 LBS - Or 40 K6S MADE IN CANADA. No diferencial do carro tinha uma plaqueta. Era o quarto carro de fabricação.

Capítulo 15

Cavalo Marchador

Nós tínhamos um cavalo preto que tinha a garupa bem caída, marchador e parecia que a gente estava sentado numa cadeira. Era muito inquieto, por qualquer coisa ele se virava para trás dava meia volta, mas a gente não caía. Toda vez que íamos passar com ele numa ponte de planchão, ele empacava. Não era fácil. Então tínhamos que trazê-lo de ré, puxando nas rédeas, até ele pisar na ponte com as quatro patas. Depois o virávamos e ele atravessava o resto da ponte, marchando até dois quilômetros sem parar. Era um cavalo interessante, pois mesmo vivendo no meio dos carros de boi, quando nós viajávamos com ele na estrada, tinha medo. Para que os carros de boi passassem na estrada, tínhamos que puxá-lo para a beirada e ainda deixá-lo com o traseiro virado para o lado do carro. Num certo dia, não sei se a pessoa que viajava no carro mexeu nas pernas dele, só sei que ele tocou as duas patas na roda do carro, que chegou a rachar a madeira do rodado. Eu até pensei que ele tinha quebrado as patas, pelo estouro que deu, mas nada aconteceu. Não tinha trote só marchava. Nós fizemos um varandão baixinho para prendê-lo à noite e ele tinha que abaixar a cabeça para entrar. Um dia de muito calor, ele entrou no varandão e virou-se de frente. As pessoas que trabalhavam perto, contaram que ouviram o cavalo soltar um peido, sendo que ele mesmo assustou-se, levantou a cabeça, fez a arrancada,

mas bateu com a cabeça no caibro, derrubando o barraco e saindo em disparada. De noite, quando fomos prendê-lo, ele estava todo ensangüentado. Tinha um corte de 5 centímetros na cabeça e tivemos que fazer um curativo.

Cavalo baio

Meu pai comprou um cavalo baio, que tanto marchava, quando trotava. Depois descobrimos que era de corrida. Então, todas as noites eu levava o cavalo na areia dos Formentin que ficava a uns 2 quilômetros de nossa casa e o treinava. Um dia, meu pai pegou o cavalo e botou um pelego para ir até a sede, de noite. Logo que passou a porteira do nosso potreiro, o cavalo disparou. Quanto mais meu pai puxava na rédea, mais ele corria. Perto da sede, numa subida, meu pai jogou-se de cima do cavalo e a sorte é que nada aconteceu. Aí o cavalo parou. Meu pai não desistiu. Voltou, montou e novamente o cavalo disparou, só parando próximo a porteira. No outro dia meu pai perguntou:

- O que é esse que esse cavalo tem que só dispara?

Eu então fiquei quietinho, não disse nada. Tempos depois, o cavalo foi vendido.

Cavalo de Aranha

Compramos um cavalo vermelho, domado de aranha e de trote. Muito manso adiantava bem a viagem, mas tinha um defeito. Quando o cangávamos na aranha e seguíamos viagem, na primeira subida ele empacava. Ele chegava a tremer quando sovávamos, mas dali não saía. Tínhamos que desembarcar da aranha, puxá-lo pelo cabresto e aí ele arrancava, sendo que dali para a frente, ele não empacava mais. Podíamos viajar vinte ou mais quilômetros, que não tinha mais problema. Tinha um trote longo que valia a pena.

Acidente com a aranha - Tubarão

Um dia, canguei o cavalo vermelho na aranha e fui para Tubarão. Na volta, depois de passar a ponte do rio Corrêa, já noite, levantou umas nuvens e deu um aguaceiro. Era época de enchente e eu vesti a capa de montaria. O Estado estava abrindo a estrada nova e tinha feito valos na beirada, pelo lado de cima com dois metros de largura e um de fundura. Eu tive, então, que passar sobre um bueiro antigo, que era coberto com achas de coqueiro.

Quando o cavalo estava no meio do bueiro, não sei porque motivo assustou-se. Deu um pulo para o lado direito, pisou na beirada do bueiro e a plancha quebrou, pois estava podre. O cavalo caiu da ponte, a aranha emborcou com as rodas para cima e eu que estava com a capa, pulei pelo lado do valo e caí dentro dele, com a água pela barriga. Custei a arrancar os sapatos, que estavam atolados. Depois pulei para fora do valo, tirei a capa e tratei de salvar o cavalo, que estava de pernas para cima dentro do valo, quase se afogando, todo amarrado na aranha. Desamarrado, ele pode, então, colocar-se de pé dentro do valo. Eu e o cavalo, graças a Deus, estávamos salvos, mas a gaveta da aranha se abriu e lá se foi pelo bueiro abaixo, a pasta com os documentos e muitas compras que havia feito em Tubarão. A pasta, de tanto procurar, consegui achar. Tentei tirar o cavalo do valo, mas não teve meio. Resolvi procurar recurso. Vesti a capa outra vez, toda cheia de lama e me dirigi para as costas do morro, onde morava o Sr. Albino Vitorassi. Chegando na sua casa, bati na porta e quando ele abriu e me viu, assustou-se, vendo o meu estado. Aí ele disse:

- O que aconteceu, Fontana?

Passei a contar o acontecido e pedi a sua ajuda para tirar o cavalo, que estava atolado. Pegou a lamparinha e fomos. Para que pudéssemos tirar o cavalo, tivemos que puxá-lo uns 300 metros dentro do valo. Depois tiramos também a aranha. Cangamos o cavalo. O sr. Albino, queria por força que eu dormisse na casa dele, mas eu

tinha que vir embora, pois fiquei de voltar no mesmo dia de Tubarão e minha família poderia ficar preocupada. Cheguei em casa tarde da noite. Descanguei o cavalo, alimentei-o e depois entrei em casa. Acendi a luz e olhei para a minha roupa: era só lodo. Abri a pasta, tirei os documentos e coloquei no meio da farinha de mandioca. No outro dia, os documentos estavam enxutos e perfeitos. Tomei um banho, jantei e fui dormir, só no outro dia a família passou a saber do que aconteceu e a roupa era o testemunho

Acidente de aranha - Boa Vista

Era um dia de festa na Boa Vista, em Treze de Maio e a tarde tinha domingueira (baile). O comércio de Tubarão estava aberto. Eu convidei o meu primo Otávio para irmos a Tubarão e depois na volta passarmos por Boa Vista para dançarmos na domingueira. Fomos para Tubarão de aranha. O cavalo era bem domado na aranha, mas era um cavalo treinado de corrida. Saímos de manhã cedo, fizemos compras em Tubarão e viemos para Boa Vista. Já eram duas horas da tarde. Dançamos até perto da noite e depois embarcamos na aranha para voltar para casa. O Sr. Armogenio, que era manco de uma perna, pediu carona e embarcou conosco. Viemos os três. Depois de viajarmos uns 2 quilômetros, numa estrada em que fazia tempo que nós não passávamos mais, em uma descida, quando já ia entrar na estrada geral, havia um buraco e como era noite nós não o enxergamos. A roda do lado direito, do meu lado, caiu no buraco e a aranha virou. Pulamos fora os três e caímos todos num monte. O cavalo, assustado, arrancou-se a toda. Ao entrar na estrada geral, virou a direita, a aranha endireitou-se e o cavalo continuou em disparada. Nós tivemos que juntar os embrulhos das compras que tínhamos feito em Tubarão e vimos a pé, atrás. O nosso companheiro, que tinha pedido carona, além de vir a pé, ainda nos ajudou carregando embrulhos, a capa e o pelego. Caminhamos cerca de 1 quilômetro, quando, no meio do mato, avistamos o cavalo de pernas para cima, com a aranha

encalhada numa árvore que tinha caído na estrada. O cavalo não podia se mexer. Estava todo amarrado. Tratamos de desamarrá-lo e quando o cavalo se levantou, arrumamos a aranha, cangamos e o puxamos para fora do mato. O que estava quebrado, conseguimos arrumar com o cipó. Depois embarcamos e deu para chegar em casa. Graças a Deus que ninguém se machucou. O cavalo também não sofreu nada.

Capítulo 16

Serviços em outros Estados

Aqui em Santa Catarina, no inverno, os colonos não tinham serviço em casa e os moços iam procurar serviço em outros Estados. Os meus parentes, o Ercílio, Frederico, Pedro, Elizeu B. Fontana e outros, foram para Porto Alegre. Naquela época, haviam duas opções: de navio ou pela praia, pois não tinha estrada. Eles foram a pé, pela praia de Torres e pelo campo, numa caminhada de seis dias contínuos, com uma mala nas costas, roupa e comida para os seis dias e a noite dormindo sempre embaixo de alguma figueira. Chegando em Porto Alegre, separaram-se: um trabalhava de motorneiro nos bondes, outro de guarda civil e outros foram para Muçum abrir uma estrada. Conta o Pedro Fontana, que faziam furo na rocha de até 5 metros de fundura e que era preciso um broqueiro e dois marreteiros para cada furo. Conta também o Pedro, que um dia deu uma doença no alojamento, o tifo e muitos morreram. Os que se escaparam da morte, com quarenta dias de febre, não se reconheciam mais, ficando só no osso. Levaram muito tempo para se recuperar, pois na época tinha pouco recurso, sem cômodo no alojamento e como era uma doença contagiosa, nem visita recebiam. Diz o Pedro que estava só na espera da morte e deu graças a Deus quando escapou com vida.

Tropa de peru

Um dia, conversando com um homem lá do Sombrio, município à beira-mar, vizinho de Araranguá, contei a história dos meus parentes que foram para Porto Alegre a pé, porque não tinha estrada para caminhão e levaram seis dias de viagem. Ele me disse que para ele, aquilo não era nada, pois tocava uma tropa de cento e cinqüenta perus pela praia e campo, até Porto Alegre e levava vinte e quatro dias de viagem. Levava também um cavalo com um saco de milho para tratar os perus e roupa e comida para ele. Eu perguntei como é que ele fazia com aquele bando de perus à noite e ele me respondeu que era a coisa mais fácil, pois ao anoitecer eles se jogavam no chão, em qualquer lugar, dormindo até o amanhecer, sem se mexerem. Então ele se levantava, dava de comer e partiam de novo. Ele me disse que chegavam lá mais gordos porque eram tratados a milho. Ao chegar em Porto Alegre, que naquele tempo tinha pouco movimento, todo mundo chegava na calçada, para ver aquele bando de perus passar até o centro da cidade, para o mercado, ainda hoje existente. Na volta vinha montado no cavalo e levava seis dias. Na época, à beira-mar, criava-se muito peru e eles se alimentavam com tatuíras e outros frutos do mar e estavam sempre gordos. Este senhor comprava os perus a oito mil réis (8$000) e vendia a doze mil réis (12$000) em Porto Alegre, lucrando quatro mil réis (4$000) em cada peru, ou seja 600$000 por viagem. Diz ele que fez três viagens por volta de 1934, a pé, mas que depois começou a trafegar de caminhão de pequeno porte, levando os perus em apenas dois ou três dias de viagem. Eram comuns também, tropas de boi e de porco que desciam da serra do doze(Rio do Rastro).

Primeira viagem a Porto Alegre

Eu que nasci em Urussangua, no meio das matas e fui criado em Treze de Maio (Quadro), também no meio das matas virgens, só enxer-

gava céu, matas virgens, trabalho, comer e dormir. Não se tinha rádio, muito menos televisão, também não tinha estrada, condução e nem jornal e uma vez ou outra, a gente ia para Tubarão. Quando eu estava perto de completar vinte e um anos e tinha guardado um pouco de dinheiro com meu trabalho nas horas vagas, resolvi fazer uma viagem para conhecer outro pedaço do Brasil. Eu e mais seis companheiros: meu primo Otávio Bez Fontana e os amigos Frederico Cataneo, Pedro Giroma Matias, Lino Raldi, Pedro João Cândido e Antônio Francesconi, resolvemos ir para Porto Alegre (Rio Grande do Sul), pois muitos catarinenses já trabalhavam lá. Meu pai e minha mãe não queriam me deixar ir e meu pai estava carregado de serviço, mas eu tinha dinheiro que dava para garantir ida e volta. Resolvi ir sem me despedir, porque sabia que minha mãe ia chorar e para mim era uma tristeza, pois minha mãe era muito querida e meu pai também. De madrugada, levantei e arrumei a mala e ia saindo devagarinho, mas eles me escutaram e na hora que abri o portão da cerca, meu pai me chamou e me deu duzentos mil réis (200$000) para ajudar na viagem, mas disse que eu fizesse o passeio e voltasse logo.



Esta foto foi tirada em Porto Alegre, em setembro de 1936. Da esquerda para a direita: Otávio Bez Fontana, Antonio Francisconi, Germano Bez Fontana e Frederico Cataneo.

Às 6 horas, horário combinado, estávamos os sete reunidos na sede da Vila de Treze de Maio: era dia 9 de setembro de 1936.

Partimos a pé para a estação da estrada de ferro mais próxima, que ficava em morro Grande e eu levava uma mala e um violão que eu mesmo havia feito. Chegamos às 10 horas na estação, embarcamos às 14 horas e desembarcamos às 20 horas em Araranguá. Atrasamos devi-

do a um trem que vinha carregado de carvão e que descarrilou, espatifando os vagões e o trilho também. Tivemos que esperar outro trem do outro lado, para fazer baldeação, já começando mal no primeiro dia. No dia 10, descansamos em Araranguá e tiramos a passagem na empresa Labes, transportadora de cargas e passageiros, a única na época, que custou quarenta mil réis (40$000). Partimos para Porto Alegre às 7 horas da manhã, num caminhão internacional com roda raiada. Da metade para a frente, tinha bancos de madeira e da metade para trás, era fechado com sarrafo, tipo grade, que nós chamávamos de jaula e que servia para carregar carga. Como não havia lugar na frente, pois estava lotado, nós fomos no depósito de carga, sentados em cima das malas. A estrada era a praia, quando estava boa e quando estava ruim, tínhamos que parar e esperar. Em Palmares, entramos pelo campo, sem estrada. O motorista do caminhão pagava dois peões, que embarcavam um de cada lado, em cima do paralama dianteiro do caminhão e guiavam o motorista. Quando o caminhão atolava, nós tínhamos que arregaçar as calças e puxar por uma corda, até que o caminhão saísse. Isto acontecia de vem em quando. Chegamos às 4 horas da tarde numa fazenda e tivemos que pousar ali, porque outra fazenda ficaria muito longe e não podíamos viajar de noite. Compramos alguma coisa para comer e dormimos dentro do caminhão, na jaula, como nós apelidamos, igual aos leões.

No outro dia, partimos às 7 horas da manhã, entramos por Viamão e chegamos em Porto Alegre às 2 horas da tarde, do dia 12 de setembro de 1936, um sábado.

Arrumamos uma pensão na rua Voluntários da Pátria e já nos separamos para procurar serviço. Eu dei uma volta na mesma rua e vi uma serraria com beneficiamento de madeira; entrei e fui falar com o patrão, para saber se precisava de um operário. Ele me perguntou se trabalhava com máquinas e eu respondi que sim. Quis saber de onde eu era e respondi que era de Santa Catarina (já tinha sido avi-

sado que muitos gaúchos, naquele tempo, não gostavam de catarinenses), Ele foi logo me falando que catarinense não comia feijão, só comia coruja, que era o tal rosca de polvilho e então eu disse que além de comer feijão, comia polenta e macarronada também. Mas, o jeito era aturar, pois pensei que o meu dinheiro podia acabar e trabalhando todos os dias, à tarde sobraria tempo para procurar alguns amigos que também moravam em Porto Alegre e ao mesmo tempo, arrumar algum serviço melhor. Acertei com o patrão e ele me pagaria sete mil réis (7$000) por dia. Perguntou se eu tinha carteira profissional, falei que só tinha a certidão de nascimento e ele disse que eu tinha que tirá-la. Comecei no serviço terça-feira, dia 15 de setembro de 1936 e trabalhei cinco dias, até o sábado, dia 19, quando completava vinte e um anos. O pagamento saía toda semana e recebi os meus cinco dias, num total de trinta e cinco mil réis (35$000). Não perdi tempo e pedi aumento, mas ele me disse que na primeira semana não iria me aumentar e que no fundo da serraria tinha um quarto com água encanada e luz se quisesse, podia ocupá-lo, ao invés de pagar a pensão. Respondi que iria resolver. Saía em direção à pensão e me deu vontade de chorar, pois era o dia do meu aniversário e eu estava lá sozinho. Me lembrei de minha mãe e meu pai, que podíamos estar juntos festejando o meu aniversário e que minha mãe fazia uma "fugassa" em dias de festa. Naquele tempo, até a idade de vinte e um anos, os filhos tinham que pedir para o pai, para sair de casa e aquele dia eu completava 21 anos. Entrei num bar, tomei um copo de refresco e aliviei: a festa foi aquela mesmo, depois fui para a pensão.

Fábrica - instrumentos de corda

Na rua Voluntários da Pátria, havia a casa das Gaitas e nos fundos, uma fábrica de instrumentos de corda (hoje a loja ainda existe no começo da Avenida dos Farrapos). Tanto a loja, quando a fábrica, eram do Sr. Augusto Caziliani, aonde trabalhava o nosso amigo, da

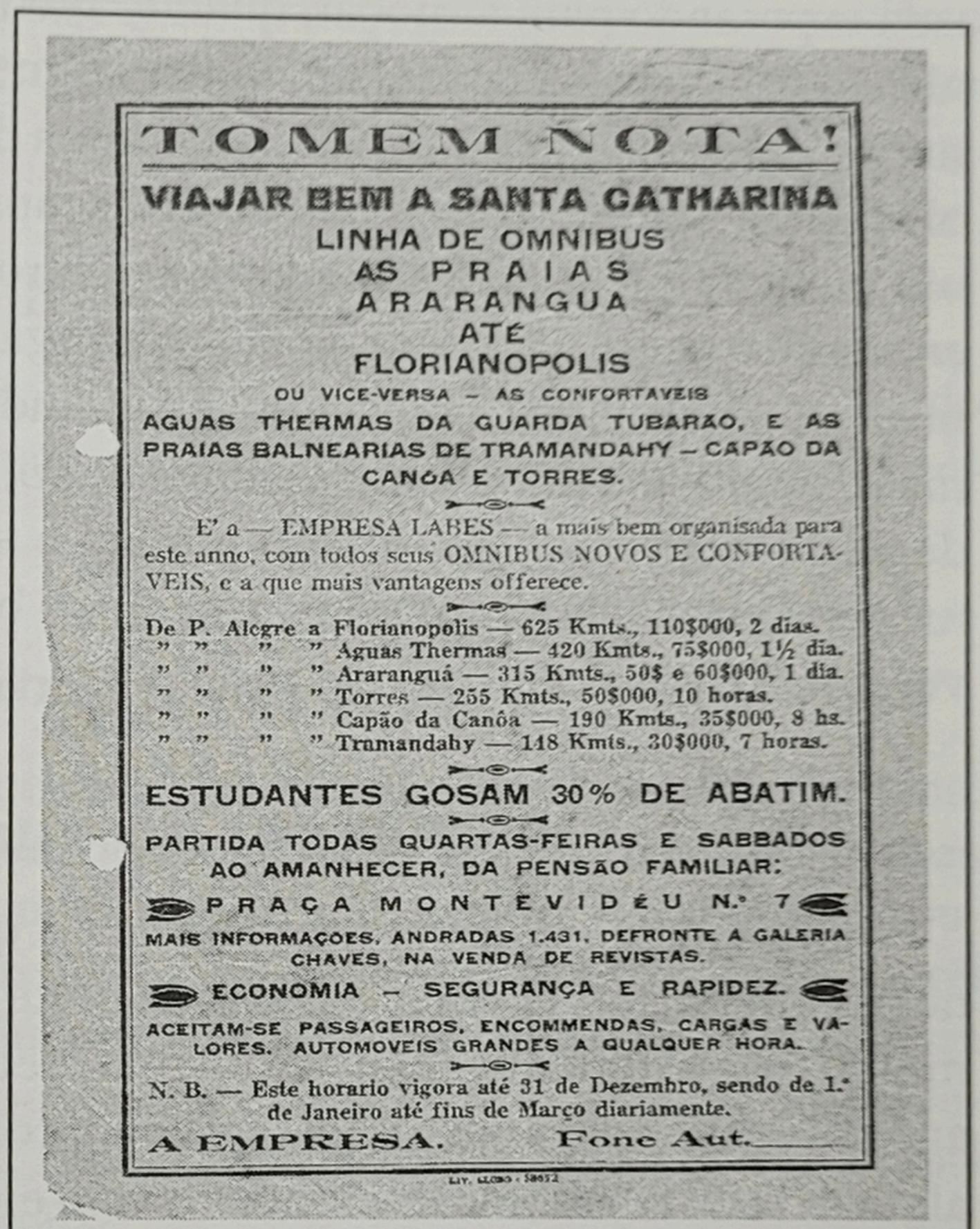
Vila de Treze de Maio, o Sr. Antônio de Pieri (conhecido por Antônio Tabaquim) que afinava gaitas. Durante a semana que eu trabalhei na serraria, um dia à tarde, depois de largar o serviço, fui na casa das gaitas do Sr. Augusto Caziliani. Disse a ele que morava na Vila Treze de Maio, perto do Sr. Antônio de Pieri e fui ali para ver se ele me arrumava serviço, na fábrica de instrumentos de corda. Ele me perguntou se eu sabia trabalhar com instrumentos e eu respondi que já havia feito cavaquinho e violão em casa e que tinha trazido um violão comigo. Pediu que eu trouxesse o violão e eu levei no outro dia à tarde. Ele testou o violão, disse que estava tudo correto e que me arrumava serviço. Perguntei o preço que ele me pagaria e ele disse, que como eu era aprendiz, iria me pagar cinco mil réis (5$000) por dia. No começo, eu disse que ganhava sete mil réis (7$000) na serraria, mas ele acabou me convencendo, ao dizer que na serraria eu ficaria sempre naquilo e ali, eu poderia crescer. Acabei concordando, pois embora já fizesse violão, queria aprender mais ainda. Comecei a trabalhar numa segunda-feira, dia 21 de dezembro de 1936. Na primeira semana ele me pagou cinco mil réis (5$000)como tinha combinado; na segunda semana, seis mil réis (6$000); na terceira semana, sete mil réis (7$000) e na outra tirei uma saída e vim embora, à pedido de meu pai. O sr. Augusto Caziliani tinha uma filha que tocava gaita e quando o técnico afinava as gaitas, ela vinha na fábrica testá-las e tocava cada valsa que nós até parávamos de trabalhar.

Meu peso

Nos dias 12 e 27 de setembro de 1936, fui me pesar numa balança automática que dava o cartão com o peso, na Gruta Indígena, bem no centro de Porto Alegre. Eu tinha 21 anos e pesava 64 quilos.

Quando fui na Europa, me pesei em Gênova, no mesmo tipo de balança, em 28 de abril de 1980 e pesava 75 quilos.

Discussão na pensão



A empresa Labes, que transportava cargas e passageiros de caminhão, de Araranguá a Porto Alegre, tinha um escritório na praça dos Bombeiros. Quem cuidava do escritório era uma velhinha, muito querida (não lembro se era dona ou mãe do dono da empresa). Eu a conheci no dia que chegamos à Porto Alegre e desde então, nos tornamos amigos. Contei a ela que era de Santa Catarina e ela perguntou onde eu parava. Eu respondi que morava numa pensão, na rua "Voluntários da Pátria". Ela me convidou, então, a parar na pensão "Porto Alegre", na rua Sarmento Leite, dizendo que era uma pensão muito boa, o dono de confiança e a cozinheira de São Pedro, Urussangua-SC. Nesta pensão, a maior parte dos pensionistas eram estudantes e ela ficava perto da Estação dos Bondes.

Fui até lá para ver se tinha lugar e o dono me disse que, dentro de poucos dias, desocupava um quarto no terceiro andar. A maioria dos que ocupavam o terceiro andar, eram jovens como eu. Falou-me ainda o dono, que se eu quisesse ir para a pensão no outro dia, podia dormir provisório num quarto onde parava um marinheiro, que trabalhava de noite e dormia de dia, de forma que de noite eu podia dormir sozinho. Concordei, já que cada um tinha a sua cama, o que foi por poucos dias, pois logo passei para outro quarto. Aí a coisa melhorou.

Lembro-me que um domingo, lá pelas onze horas, eu estava na sala esperando para almoçar, quando um negro alto e gordo e o marinheiro em mesas separadas, começaram a conversar. Não demorou muito, se desentenderam e começaram a discutir. Levantaram-se e eu olhei para a porta, com intenção de escapar. O marinheiro puxou por um punhal, que estava enfiado por dentro do seu bolso e em seguida encostou o negro na parede. O negro arregalou tanto os olhos, que metia medo. O marinheiro continuou desafiando com o punhal na barriga, mas o negro não falou mais. O marinheiro, então, se aborreceu de tanto desaforo que disse, guardou o punhal e sentaram-se novamente nas mesas. Durante esse tempo eu não abri a boca. Almocei e saí para não ver mais o que ainda poderia acontecer.

Aperto no quarto

No mesmo domingo, em que vi o que o marinheiro fez com o negro, fui dormir lá pelas 8 horas da noite. Como de costume, nos domingos, os estudantes iam ao cinema e eu ficava sozinho no terceiro andar. Estava lendo um jornal que havia comprado, quando percebi que alguém estava subindo as escadas e veio em direção ao meu quarto. No início eu pensei que era um estudante, mas o sujeito veio e bateu na porta do meu quarto. Aí me subiu o sangue na cabeça, pois pensei no marinheiro. Abri a mala, puxei a navalha e apaguei a luz. Ele continuou batendo na porta e como eu não abria, falou:

- Estais com medo?

Eu não abri a boca. Continuava com a navalha na mão e com o pé esquerdo segurando a porta. Eu pensei: se ele empurra a porta, eu passo a navalha nele, custe o que custar. Naquela hora a gente tem que ter coragem mesmo. Ou matar ou morrer. Mas o cara se aborreceu de bater, ou ficou com medo de empurrar a porta e em seguida desceu as escadas. Eu não podia chamar ninguém, pois me encontrava sozinho no terceiro andar. Só descansei lá pelas onze horas da noite, quando os

estudantes começaram a chegar. Eu desconfiei do marinheiro, pela voz. No outro dia, eu me informei com a cozinheira e ela me disse que ele havia entrado na pensão, naquela hora. Daí comprovei que era ele mesmo.

Revolução

Lembro-me que em 1936, eu estava em Porto Alegre, quando houve um levante, ficando tanto o exército, como a marinha, em prontidão. Eu fiquei com medo.

Visita do Perdoná

De noite eu estava na pensão, quando apareceu um tal de Perdoná, que andava no mundo, dizendo que era da Vila de Treze de Maio, mas eu não o conhecia. Disse-me que estávamos no perigo, pois podia estourar uma revolução e me convidou para sairmos de Porto Alegre. Falou que se estourasse uma revolução, nós não poderíamos mais vir embora e que era bom escaparmos pela serra á pé, pois se viéssemos embarcados, poderíamos ser presos. Eu lhe disse que não, pois esperaria mais um dia para tomar uma decisão.

No outro dia, depois de largar o serviço, fui em casa de um amigo, Luis Rosa que era daqui de Treze de Maio. Saí às 7 horas da noite e me dirigi à pé parra a sua casa, que era longe. Muito preocupado, passei direto pela travessa que tinha que quebrar à direita. Quando percebi que estava errado, já estava longe. Voltei, encontrei com um guarda e perguntei pela travessa, dando a ele o nome. Ele me disse que eu já estava quase fora da cidade e que teria que voltar muitas quadras. Procurei então a rua, até que a encontrei. Após subir um morro, cheguei à sua casa. Ele morava no porão de uma casa de material. Já eram, naquelas alturas, 11 horas da noite. Chamei, ele me atendeu e mandou que eu entrasse em sua casa. Perguntou o que tinha acontecido para estar ali naquelas horas da noite. Eu contei a ele a história do Perdoná e ele confirmou que de fato havia um levante

nos quartéis. Mesmo assim, aconselhou-me a permanecer em Porto Alegre, trabalhando, pois se eu tentasse escapar, poderia ser preso na divisa. Disse ainda, que se estourasse uma revolução, iríamos enfrentá-la juntos. Quando resolvi voltar para a pensão, já passava da meia noite. A esta altura, os bondes não pegavam mais passageiros e eu tive que voltar à pé. chegando a pensão onde parava, às 2 horas da madrugada.

Visita a Zapelini

Uma noite, apareceu na pensão para me fazer uma visita e bater um papo, um tal de Zapelini, que também era daqui de Pedras Grandes-SC. Aí eu contei a ele que tinha trabalhado numa serraria, com beneficiamento de madeira e que naquele momento, encontrava-me trabalhando numa fábrica de instrumentos de corda. Ele perguntou quanto eu ganhava e eu respondi que tirava sete mil réis (7$000) por dia. Zapelini me falou, que se ele pegasse um emprego deste, não saía mais de Porto Alegre. Eu lhe falei que de fato estava bem, em vista dos meus companheiros, pois a metade já tinha voltado sem conseguir arrumar emprego, fora aquele que não tinha nem dinheiro para voltar, mas meus pais já tinham me telegrafado diversas vezes, para que fosse embora. Disse a ele ainda, que por esse motivo, mas o fato de que com 21 anos, poderia ser sorteado para servir o exército, tendo que me ausentar de casa novamente, tinha tomado a decisão de ir embora. Naquele momento a revolução estava calma e eu aproveitei, arrumei a mala e vim para casa. O Perdoná, que como já falei anteriormente, andava no mundo sem rumo, quis voltar junto comigo. Como não tinha dinheiro, me pediu emprestado, dizendo que me pagava em seguida, sendo que até hoje não recebi.

Volta de Porto Alegre

Em outubro de 1936, tirei a saída, na fábrica de instrumentos de corda, onde eu trabalhava. No outro dia, comprei a passagem e par-

timos de caminhão, da mesma Empresa Labes. Viemos pelo campo, de novo, chegando em Torres à tardinha. Ali dormimos no Hotel Farol, que era uma casa de madeira e quem cuidava era uma mulher. Ela me falou que uma semana antes, deu uma tormenta e caiu um raio no hotel, rachando as tábuas da parede do quarto onde eu dormi, mas que não tinha machucado ninguém. Ao lado do hotel tinha o correio e eu aproveitei para passar um telegrama a meu pai, dizendo que estava voltando. No dia seguinte, seguimos viagem, dormimos em Araranguá e no outro dia, embarcamos no trem com destino a Morro Grande. Dali segui à pé, com a mala nas costas. Ao chegar na Rua do Fogo, hoje distrito de Sangão, tive a sorte de encontrar um parente, o Sr. Antônio B. Fontana, que me perguntou de onde eu vinha com aquela mala.

- Venho de Porto Alegre, respondi.

Como ele estava à cavalo, pediu a mala e colocou a sua frente e eu o acompanhei a pé. Foi bom, pois ele carregou a mala até perto da minha casa. Minha mãe, quando me viu, não sabia o que fazer de tanta alegria. Naquele tempo, ir para Porto Alegre, é como hoje ir para a Europa.

Capítulo 17

História no exército

Naquele tempo, o exército fazia um sorteio entre os moços que completavam 21 anos e os que eram sorteados, tinham que servir o exército durante um ano. No mês de janeiro de 1937, eu fui em Urussanga, em casa do meu avô, para servir o exército em abril de 1937, no 2º Batalhão de Sapadores, sediado em Lages-SC. Todos os sorteados de Urussanga tinham que servir em Lages. Os soldados trabalhavam na abertura da estrada, que vai de Lages até o rio Pelotas, divisa com o Estado do Rio Grande do Sul. Eu estava muito animado de servir o exército, pois pelo menos iria conhecer mais um pedaço do Brasil. Pensei comigo: lá sim haverá honestidade, justiça, ninguém mexerá na mala dos outros, nem roubará, pois se roubar, será punido. O exército tem o poder máximo para prender qualquer um que não cumpra ordens. Lá, certamente pode-se deixar dinheiro em cima da mala, que ninguém mexe. Este era o meu pensamento, quando saí de casa. Pobre de mim, como estava enganado.

Partida para o exército

No dia 15 de abril de 1937, quinta-feira, saí da Vila de Treze de Maio, de aranha, juntamente com meu pai e fomos para Urussanga,

em casa do meu avô. Dia 17 de abril de 1937, dia da partida para o exército, um sábado, nos encontramos na estação da estrada de ferro, em 18 moços, todos com 21 anos, de origem italiana. Nos cumprimentamos, uns alegres, outros tristes, pensando na mulher que ficava em casa, pois eram casados. Enfim, embarcamos no trem e partimos com destino a Laguna. Lá, desembarcamos do trem. Eu já conhecia Laguna, mas a maioria via pela primeira vez. Caminhamos todos juntos, pois estávamos sob ordem. Ao meio-dia, fomos chamados para o almoço. Sentamos juntos numa mesa comprida, onde nos foi servido arroz, feijão, farinha de mandioca, carne e camarão à vontade. Comemos feijão, arroz e carne. A mulher que nos servia, estranhou que nós não tínhamos comido camarão e perguntou:

- Vocês não gostam de camarão?

Ninguém respondeu. Nós nunca tínhamos comido camarão em nossas vidas e quando olhamos aqueles bichos, achamos que eram parecidos com os corós que dão nos paus podres. Nós éramos italianos que só sabiam comer polenta, radicho, queijo, salame e macaronada. Hoje, quando me lembro do prato que perdemos, fico com pesar. Aquele camarão bem preparado, hoje dava de fechar as portas.

Laguna - Cadeia

No mesmo dia, 17 de abril de 1937, estávamos na praça de Laguna, quando apareceu um soldado pedindo que nós o acompanhássemos. Ele iria nos mostrar onde iríamos dormir aquela noite. Nós o seguimos e fomos parar na cadeia, que estava com dois quartos vazios. Aí ele nos disse:

- Vocês podem dormir aqui.

Olhamos para os quartos com o piso de cimento e sem cobertor. Na época, em abril já era muito frio e então nosso companheiro Padini disse ao soldado, que aquele lugar era para os porcos dormirem e não para gente.

Nós que estávamos acostumados, naquele tempo, a dormir num bom colchão de palha de milho e acolchoado de pena de ganso, concordamos com o nosso companheiro e saímos dali desanimados. Primeiro, por causa do almoço em que apareceu o prato que julgávamos que era coró, depois por ter que dormir no cimento sem cobertor. Fomos para a praça de novo, todos juntos. Não demorou, veio até nós um cabo e perguntou:

- Vocês são os sorteados?

- Sim, dissemos.

- Então me acompanhem todos juntos.

E levou-nos para a presença do capitão. O capitão, meio soberbo, nos perguntou:

- Qual de vocês falou que aqueles quartos eram para porcos dormir?

Ninguém abriu a boca. Mas o cabo apontou para o Padini e disse:

- É este aí capitão.

O capitão chamou o cabo para o escritório dele e não demorou o cabo saiu e nos disse:

- Me acompanhem.

Ele ia na frente e nós todos atrás. Mas enquanto os seguia, eu ia pensando comigo mesmo: ele vai nos colocar a todos na cadeia. Comecei a ficar para trás até que quebrei numa esquina e me mandei para a praça do mercado onde parávamos. Os outros continuaram. Não demorou muito, apareceram na praça novamente e me perguntaram porque eu tinha escapado. Eu falei do meu medo de ir para a cadeia. Então eles me falaram que ao chegar na cadeia, o cabo mandou Padini entrar no cubículo e o trancou à chave. Depois, virando-se para eles falou:

- Vocês fiquem á vontade.

Aí eu falei:

- No primeiro dia, começamos bem.

Laguna - pensão

Eu que conhecia uma pensão, lembrei-me de ir lá saber se tinha lugar para dezessete pessoas pois um já estava preso. O dono disse que podia arrumar para todos, só que alguns teriam que fazer cama no chão. Nós falamos que servia, pois o pior seria dormir no chão de cimento sem cobertor. Domingo de manhã soltaram o Padini e aí dormimos os dezoito juntos, se não me falha a memória.

Despedida de Laguna

Segunda-feira, 19 de abril de 1937, ,fomos fazer os exames de saúde pela manhã. Ao término dos exames, o médico chamou-nos todos juntos e fez uma palestra. Vendo que éramos moços de saúde e de trabalho, deu muitos conselhos como se fosse um pai. Pediu muito que cuidássemos de nossa saúde. Gostamos da palestra do médico.

Navio - Max do Hoepcke

Não tinha estrada para caminhão de Laguna para Florianópolis e o jeito era irmos mesmo de navio. Eram duas horas da tarde, do dia 19 de abril de 1937, segunda-feira, quando embarcamos no navio "Max do Hoepcke". Como não tinha lugar dentro do navio, tivemos que ficar em cima, ao ar livre. Meu avô tinha me explicado que no navio, a gente embarca no meio, que dá menos balanço e foi o que eu fiz. Os outros italianos sentaram num barco bem na traseira e canta-vam em italiano que dava gosto de ver. Quando o navio saiu da barra e pegou o mar grosso, começou a dar pinote. Balança daqui e balança dali, a cantoria parou e a italianada começou a vomitar, era uma piedade. Chegamos em Florianópolis às 10 horas da noite. Os navios só podiam atracar até às 9 horas e nós soubemos que teríamos que dormir ali mesmo, no convés. Este era o tal do "Hotel Sereno". Toda

a italianada estava com a barriga vazia. Não foi fácil, era pior que a cadeia de Laguna. Pelo menos lá, estávamos dentro de casa. O que fazer? Tinha um vento sul frio e resolvemos nos sentar no assoalho, perto do chaminé, que era quente; todos num monte, tentamos dormir. Mas o navio com o balanço, virava de posição e nós tínhamos que levantar de vez em quando e passar pelo outro lado do chaminé, para escaparmos do vento. E assim foi, a noite toda. De manhã, deram-nos uma xícara de café com biscoitos, comida de doente, mas naquelas alturas era bom, pois alguns não tinham nada no estômago.

Florianópolis

Dia 20 de abril de 1937, terça-feira, desembarcamos de navio, às 7 horas e 30 minutos de manhã, comandados por um cabo. Entramos na cidade e ele nos levou de um lado ao outro, certamente para nos mostrar a cidade. Depois fomos para o Estreito, até o quartel, sempre a pé. Já era 1 hora da tarde e não tinha comida pronta. Fomos almoçar às 2 horas da tarde. Dali nos levaram para o alojamento. Cada um tinha o seu guarda-roupa, a sua cama. Dia 22, trabalhamos. No dia 24, sábado, fui entregar uma carta de recomendação do prefeito de Tubarão, Sr. Marcolino Martins Cabral, para o Sr. Altamiro Guimarães, para que ele solicitasse ao comandante permissão para que eu pudesse permanecer em Florianópolis. Dia 27, terça-feira, fui saber o resultado. Acontece que o Sr. Altamiro não estava em casa e como dali para a frente não podíamos sair mais do quartel, não pude mais saber o resultado da carta. Eu mesmo não queria ficar em Florianópolis, mas seguir em frente, para conhecer mais um pedaço do Brasil.

Lages

No dia 3 de maio de 1937, segunda-feira, às 7 horas e 30 minutos da manhã, num caminhão toldado e com banco de madeira, partimos de

Florianópolis para Lages. Chegamos ao nosso destino à 1 hora de madrugada. Levaram-nos para o quartel, mas lá não tinha lugar para dormirmos. Demos uma volta com o caminhão, sendo que o motorista encostou o caminhão no meio-fio, perto de uma casa de dois pavimentos e sumiu. Nós ficamos dentro do caminhão, tiramos os bancos para dormir no assoalho, mas desistimos, pois não deu certo. Tornamos a recolocar os bancos. Assim passamos a noite, sem dormir, sempre em movimento para não encarangar. De manhã tinha geada. Passou por ali um vendedor de pão e nós todos compramos. Depois uma mulher de um prédio vizinho desceu as escadas, com uma cesta de xícaras e um bule de café, nos servindo a cada um. Para nós, esta senhora de bom coração foi como uma mãe. Ficamos tão contentes e agradecemos muito. Ela tornou a oferecer mais café, mas nós dissemos a ela que já estávamos muito satisfeitos.

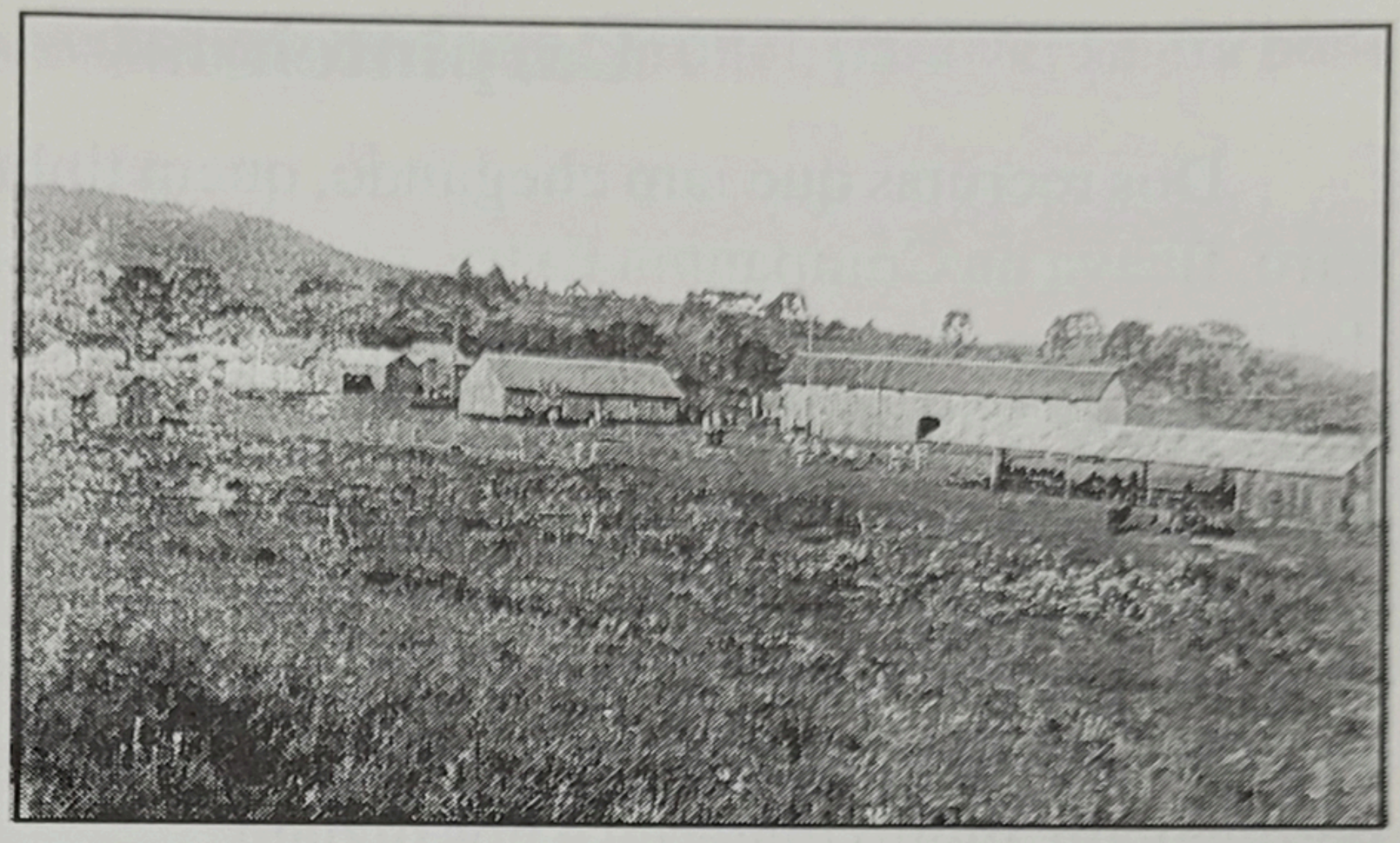
Primeiro dia em Lages

No dia 4 de maio de 1937, terça-feira, lá pelas 8 horas, chegou um cabo, que nos levou em diversas repartições para anotar alguma coisa. Fomos vacinados, batemos foto e às 2 horas da tarde ele nos levou para almoçar. Nós estávamos mortos de fome e a comida era boa, carne à vontade.

Regulamento no exército

O 2º Batalhão de Sapadores, era um batalhão de engenharia e além da instrução militar, os soldados eram divididos em turmas e trabalhavam na construção da rodovia de Lages ao rio Pelotas-RS. Eram divididos em três companhias: a Primeira Companhia estava a 100 quilômetros de Lages, na divisa com o Estado do Rio Grande do Sul, perto do rio Pelotas. A Segunda Companhia, estava a 80 quilômetros e a Terceira Companhia, a 60 quilômetros, num lugar chama-

do Escurinho. No meu tempo, a Primeira Companhia terminou o serviço próximo ao rio Pelotas e veio par ao lugar chamado Caveira, a 20 quilômetros de Lages. Na cidade de Lages tinha a Companhia Extra. Onde eu parava, tinha o comando do Batalhão. Conforme os recrutas iam chegando, eram encaminhados à sua Companhia, pela Companhia Extra. O Batalhão era novo, fazia só um ano que tinha vindo de São Paulo. Os alojamentos eram construídos de madeira, provisórios, de vez em quando tinham que ser mudados.



Alojamento da 2ª Cia do 2º Batalhão de Sapadores de Lages, em 1938.

Companhia Extra

A Companhia Extra estava na sede, perto da Catedral. Era uma casa alugada, tinha um alojamento construído de pinho de dois pavimentos. Embaixo situavam-se os escritórios e em cima era dormitório, onde paravam os soldados. Além desta casa, tinham mais dois barracões para escritórios, depósitos de armas, um galpão que servia de garagem para os caminhões, mais um galpão comprido dividido no meio, sendo que num lado funcionava a mecânica e no outro, a carpintaria e marcenaria. Do outro lado, tinha mais uma casa alugada para o almoxarifado. Rancho não tinha e no começo, comíamos no mercado e se não me engano, eram civis que faziam a comida. Esta era muito boa e nós, como tínhamos fome, só engordamos.

Carpinteiros

Dos recrutas que iam chegando, quem tinha profissão de carpinteiro, ficava na Companhia Extra, na cidade de Lages. Dos que vieram de Urussanga, ficaram na Companhia Extra, eu e o Aurélio Trento. Ao todo, éramos uns dez carpinteiros. Eu e o Aurélio Trento trabalhávamos quase sempre juntos. Ele era casado. Começamos a fazer galpões, tudo na base da economia, como éramos acostumados. Não desperdiçávamos um prego e as tábuas eram aproveitadas (a madeira era pinho). Os carpinteiros engajados, que trabalhavam conosco, ao contrário, desperdiçavam muito material e nos diziam:

- Aqui não adianta economizar, caprichar, o que eles querem, é que se faça ligeiro, pois muitas vezes, dentro de duas semanas, eles mandam desmanchar o mesmo galpão e mudar para outro lugar, Para nós aquilo era uma ofensa, esbanjar tanto material, mas o jeito era obedecer as ordens.



Esta foto foi tirada no 2º Batalhão de Sapadores, com sede em Lages, na frente da carpintaria.
1 - Sargento Carrer, chefe da carpintaria; 2 - Soldado nordestino engajado, carpinteiro; 3 e 4 - Dois reservistas mecânicos, de origem alemã; 5 - Eu, Germano Bez Fontana, especialista carpinteiro; 6 e 7 - Dois reservistas que serravam pranchas braçalmente.

Rancho

Nós comíamos no mercado público, como já falei, a uns 200 metros do nosso quartel, que não tinha rancho. O comandante mandou então, que o construíssemos. Fizemos um galpão grande, com cozinha, despensa e bastante mesas. Aí sim, comíamos no rancho e a comida era feita pelos próprios soldados. Antes de comermos, um

prato de comida era levada à presença do coronel, para ver se era bem temperada.

Almoxarifado

O chefe do almoxarifado era o tenente Fontinelli e ele pediu que fizéssemos, eu e o Aurélio, prateleiras, para que ele pudesse selecionar as mercadorias que iam chegando. Elas foram feitas de madeira, numa casa alugada de material.

Baia

Fizemos um galpão para as baias, onde se tratavam as mulas e os cavalos do exército. Eram feitas divisões para cada animal, depósito para ração e cocheira.

Caixa d'água

Levantamos um prédio de madeira 5x5 com 9 metros de altura, para a caixa d'água. No primeiro andar, térreo, foi instalada uma bomba, para tirar a água do poço que estava ao lado e a levar para o terceiro andar, onde foram instalados dezesseis tambores de óleo vazio, com capacidade de 200 litros de água cada um. Estes dezesseis tambores eram unidos por meio de cano e suficientes para abastecer o quartel. Por fora, fizemos escadas que davam para o segundo e terceiro andares. O segundo andar que ficou desocupado era chamado de pinga pinga.

Pinga Pinga

Giovani Fornari, era um colega com quem eu me dava muito bem. Ele tinha estudado para padre e era um moço muito honesto e inteligente. Nós não gostávamos muito de bagunça, éramos mais

MINISTERIO DA GUERRA

5.ª Região Militar
2.º Batalhão de Sapadores
1.ª COMPANHIA

Em 10 *de* Setembro *de* 1937
N. 288
Do Asp.Off.resp.pelo Cmt.da 1a. Cia.
Ao Snr.Major Sub-Cmt.
Assunto: resultados de sabbatina

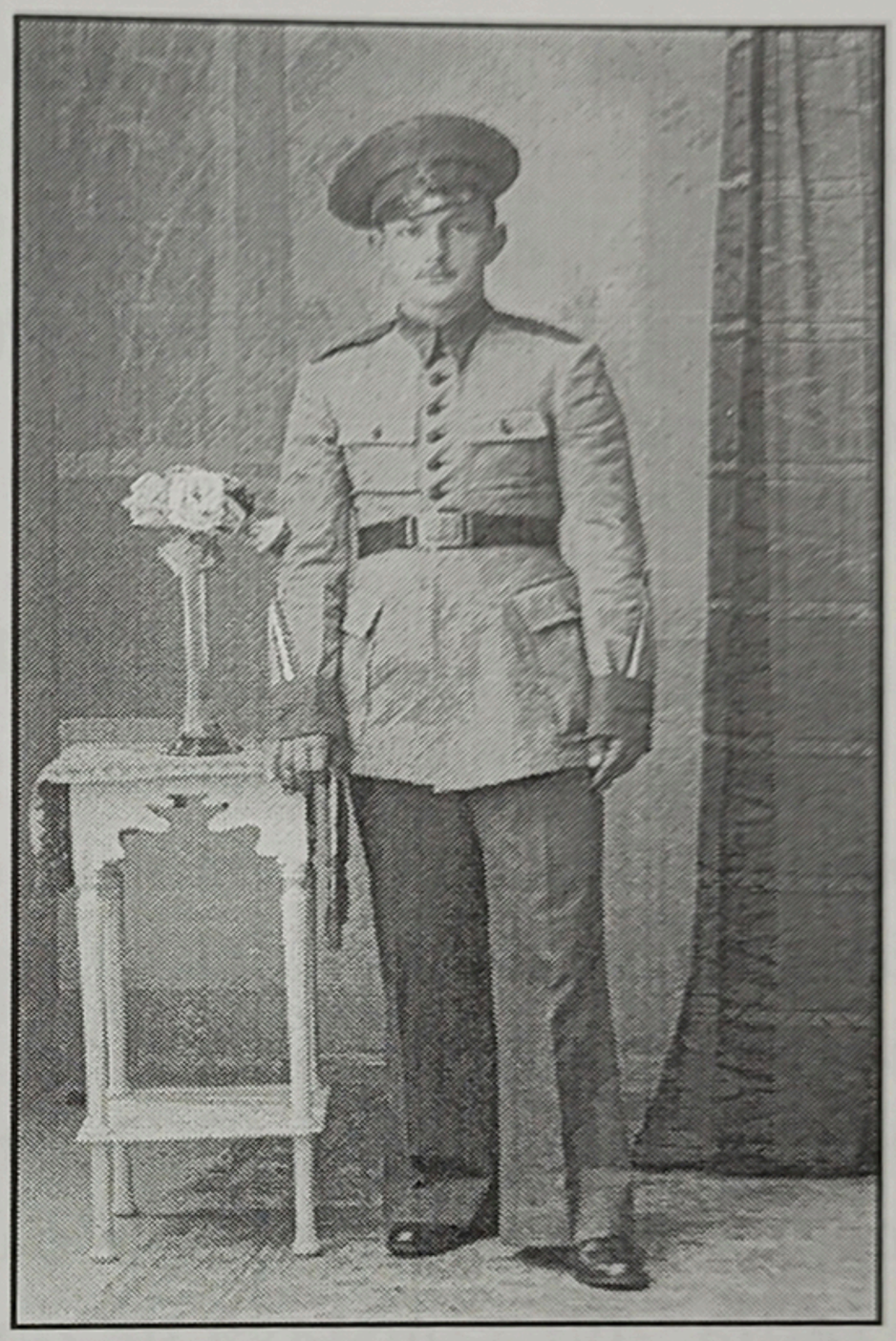
PARTE

I-Communico-vos que o resultado da sabbatina de Historia do Brasil,realisada no dia 6-IX-937,no C.F.de Cabos,foi o seguinte:

Solds.	n.s.	174	Wandelino Corrêa de Mello-Grão	3
"	"	227	Remeu Picelli.....	" 3,5
"	"	40	Vergilio Kani.....	" 4
"	"	205	Gaspabino Silva Moraes....	" 4,5
"	"	192	Herculano José de Oliveira	" 5
"	"	31	Osmar Tonon Sgaria.....	" 6
"	"	136	Anester Luiz de Barros...	" 6,5
"	"	211	Attilio Fenillo.....	" 7
"	"	140	Felicio Mazzini.....	" 7
"	"	137	Joaquim Seraphim Nunes...	" 7
"	"	222	Satyro Bittencourt.....	" 7
"	"	158	Manoel da Silva Goulart..	" 7,5
"	"	204	Francisco Pereira de Oliv.	" 7,5
"	"	77	Fenteura S.Maia.....	" 8
"	"	147	Leopoldo Nicelledeli.....	" 8
"	"	223	Jose Costa Pereira.....	" 8
"	"	146	Giovanni Fermari.....	" 10

II-Annexo as provas dos candidatos.

Antonio Pendo Lopes
Asp.Off.respondendo pelo Cmt.da 1a.Cia.



1º Cabo Giovani Fornari



Foto tirada quando eu estava no exército, em 1938.

Honestidade

Repito aqui o que falei anteriormente. Eu fui acostumado numa família onde se falava a verdade, não se mexia no que era dos outros, não se lograva ninguém, tudo era feito na base da honestidade. Quando saí de casa, estava contente de ir para o exército, pois pensava comigo: lá deve haver honestidade, pois se alguém tirar alguma coisa dos outros, eles prendem na hora. Pobre de mim. Com poucos dias no exército, o meu pensamento mudou. Era bem diferente do que eu imaginava.

Primeira farda

Até dia 14 de maio de 1937, sexta-feira, nós ainda estávamos a paisano. O exército neste dia, entregou a farda para todos os recrutas. Eu, que naquele dia estava viajando pelo campo de caminhão, a serviço, não recebi a farda. No outro dia, 15 de maio, um 1° cabo da Companhia Extra, que era nortista, chamou-me para entregar o fardamento. Eu fui com ele até o depósito. Enquanto ele me entregava a farda, que constava de duas peças de cada, aconselha-me: tu cuidas bem da tua roupa, colocas na chave, pois se facilitares, os outros te roubam. Eu agradeci pela advertência e ele ajudou a levar minha roupa até o alojamento. Largamos a roupa em cima da cama e eu virei as costas para abrir a mala. Quando virei outra vez para apanhar a roupa, notei que faltava um par de sapatos. Desci rápido pela escada e alcancei o cabo com o meu sapato na mão. Gritei para ele que o sapato era meu. Aí ele virou e disse:

- O sapato é teu?

- Claro que é meu, pois o senhor mesmo me entregou dois pares e lá no alojamento só tem um.

- Então leva o sapato, disse ele.

Aquele 1° cabo era sem-vergonha, pois tentou roubar-me. Se eu

demorasse mais um pouco, não poderia provar que tinha sido ele, porque naquela hora estávamos só nós dois no alojamento e eu teria perdido o sapato.

Diversos - maio de 1937

Dia 02 - de Florianópolis escrevi carta e telegrafei para papai.
Dia 09 - De Lages escrevi carta para papai.
Dia 24 - Dia de festa.
Dia 25 - Tivemos a primeira instrução no campo de futebol.
Dia 27 - Festa, depois das 16 horas.
Dia 29 - Recebi a primeira carta de papai e pela primeira vez fui escalado para plantão.

Diversos - junho de 1937

Dia 02 - Despachei pelo correio, para casa, a roupa civil.
Dia 04 - Escrevi carta à papai, registrada.
Dia 11 - Recebi capote, culote e túnica de lã.
Dia 12 - Inauguramos o rancho que tínhamos feito.
Dia 15 - Entrei no curso para cabo.
Dia 22 - Recebi carta de papai.

Emprestei capote

No dia 16 de junho de 1937, quarta-feira, chegou na nossa Companhia Extra, um soldado da Terceira companhia, doente, que ia ser operado em Curitiba. Como ele não tinha capote na hora, o capitão da Terceira Companhia pediu a um cabo que procurasse, ali na Companhia Extra, um soldado que fosse da mesma Terceira Companhia, para pedir o capote emprestado. O cabo deu comigo, que era da Terceira Companhia e transmitiu o recado do capitão. Disse ainda, que na volta

o soldado me devolveria o capote. Eu achei ruim, pois havia cinco dias que tinha recebido o capote e enfrentar o frio do mês de junho em Lages não era muito agradável. O cabo levou-me à presença do capitão. O capitão perguntou porque eu não entregava o capote e eu respondi que tinha medo que ele não fosse me entregar mais. Ele me disse:

- Entrega o capote, tu não conheces o teu capitão?

Eu levei um susto, pois não o conhecia. Explico porquê. Todos os soldados recrutas, nos primeiros seis meses, são obrigados a servir na Companhia dele. No meu caso, eu deveria estar na minha Terceira Companhia, que ficava a uns 60 quilômetros da cidade, mas devido a minha profissão de carpinteiro e marceneiro, eu era o único da Terceira Companhia que ainda permanecia na Companhia Extra, aguardando qualquer ordem para embarcar para o mato.

Não me entregou o capote

O moço, após voltar de Curitiba, não me entregou o capote. E eu enfrentando o frio de Lages. Como eu era muito responsável, fiquei também preocupado, pois sabia que que na hora da baixa, teria que entregar o capote. Um dia de tarde, aproveitei um caminhão que ia para a Terceira Companhia, pedi licença para o sargento e me mandei para o mato. Chegando lá, procurei o moço e perguntei a ele porque não me entregou o capote quando voltou. Ele ficou pensando. Queria me entregar um bem velho. Desconfiei que tinha vendido o dele e ficado com o meu. Eu disse a ele que de qualquer forma eu queria o meu capote e tinha que ser naquela hora, senão eu ia falar com o capitão. Aí ele tirou o meu capote e me entregou. Eu sabia que emprestando eu iria me incomodar, mas como era ordem do capitão, tinha que cumprir.

Saída dos carpinteiros

Como falei anteriormente, éramos em dez carpinteiros, que ficamos na Companhia Extra para construir os galpões. Como já estava quase todo o serviço terminado, tinha carpinteiro de sobra e o jeito era ir cada um para a sua Companhia. Assim, de vez em quando, um saía para a sua Companhia, até que sobrou eu e o Aurélio Trento, ambos de Urussanga. Ficamos pensando qual de nós dois seria o próximo. Um dia chegou a ordem para o m eu companheiro ir para o mato. A sua Companhia era a Primeira e ficava a uns 100 quilômetros de Lages. Dos recrutas, eu fiquei sozinho, junto com os soldados velhos engajados e pensei: agora o próximo serei eu. Fui à cidade comprar tudo o que julgava necessário para o embarque, como: pasta de dentes e de barbear, caneta, papel para carta, envelope e fiquei aguardando a ordem para me encaminhar à Terceira Companhia, que ficava no Escurinho, a 60 quilômetros de Lages. Como não tinha mais serviços nas novas construções, passei a trabalhar na carpintaria com os soldados antigos. O mestre da carpintaria era um civil e tinha o apelido de Pinchim. Eles estavam montando máquinas novas para trabalhar com móveis e eu que tinha muita prática de montar máquinas e fazer qualquer tipo de móveis, até violão e cavaquinho, passei a ajudá-los no serviço. O mestre e o sargento da carpintaria gostaram muito do meu trabalho, mas eu ainda estava sujeito a ir para a minha Companhia, pois havia uma lei no exército, que durante os primeiro seis meses nós poderíamos ser removidos para o mato. Para escapar de ser mandado para a Terceira Companhia só havia uma saída: entrar no curso de cabo, para estudar na cidade.

Curso para cabo

Abriu o curso para cabo e no dia 15 de junho de 1937, terça-feira, eu entrei. No dia 25 de junho, chegaram os outros candidatos da Primeira, Segunda e Terceira Companhia, para estudar. Éramos em cin-

qüenta candidatos e todos os dias, juntos, íamos estudar no colégio. Eu especialmente estava muito contente, pois só assim escapei de ir para o mato.

Briga com a polícia

Os soldados do exército e a polícia eram igual a cachorro e gato. Nunca davam certo. No dia 28 de junho de 1937, uma segunda-feira às 21 horas, hora habitual da revista, já estávamos em forma para o sargento ler o boletim diário, quando apareceu de surpresa, o capitão Gomes. Ele separou os soldados e cabos antigos engajados, dos recrutas reservistas do primeiro ano. Fizemos duas filas. Nós ficamos assustados e pensamos: o que terá acontecido. Aí o comandante começou a falar, dizendo que tinha separado os soldados e cabos antigos, para dizer que ele sabia que eles tinham uma briga com a polícia e que os recrutas não eram culpados, pois entravam na briga inocentes. Pediu aos soldados e cabos antigos, que acabassem com a questão que havia na cidade com a polícia e que tivessem paciência e respeito. Depois de uma longa palestra, como de costume, fez a chamada dos presentes, leu o boletim diário e fomos dormir.

Tiroteio de madrugada

Dia 29 de junho de 1937, terça-feira, às 2 horas da madrugada, ouvimos o tiroteio. Eram centenas de tiros e a gente ouvia o gemido das balas que passavam por cima do nosso quartel. Os cabos gritavam para que levantássemos todos e fossemos para o pátio. Foi uma correria. Entramos todos em forma, aguardando ordem para enfrentarmos a polícia. Chegou o major e pediu calma. Os cabos e sargentos pediram ao major que abrisse o depósito de armas, para que pudéssemos enfrentar a polícia. Não demorou, começaram a chegar os soldados feridos. Enquanto isso, um capitão, com os soldados de

guarda armados com FM e fuzis, foram até o quartel de polícia, que ficava a uns 500 metros do nosso. Ao chegarem lá, o chefe de polícia perguntou:

- Quem vem aí?

E o nosso capitão respondeu:

- É o capitão do exército.

A polícia deu uma rajada de FM. O nosso capitão mandou que todos se jogassem ao chão. Acontece que um recruta ficou em pé, recebendo uma bala em cada perna, acima do joelho. O nosso capitão ainda levantou-se, chegou na porta do quartel da polícia, falou com o comandante e depois voltaram ao quartel. Os nossos cabos e sargentos continuavam pedindo que o major abrisse a porta da casa das armas, pois queriam tirar as metralhadoras pesadas e queriam ordem para derrubar o quartel da polícia. O major tanto não consentiu, como também pedia calma. Três soldados nossos estavam feridos. Um levou um tiro no rosto, outro quebrou uma perna e o terceiro foi atingido nas duas pernas. Onde a bala saiu, levou um pedaço de carne. Ficaram três meses na enfermaria e nós fomos impedidos de sair do quartel por oito dias. Pra ir ao colégio, onde estávamos fazendo o curso de cabo, tínhamos que ir e voltar em forma.

Acordo: Polícia e exército

O comandante do exército e o comandante da polícia fizeram o seguinte acordo: se os policiais puxassem briga com os soldados do exército, eles seriam entregues no quartel do exército, onde ficariam presos e se, ao contrário, quem puxasse as brigas fossem os soldados, estes seriam entregues à polícia. No dia seguinte, apareceram no exército dois policiais presos. Como não tinham cadeia, eles ficaram presos no quarto da bomba d'água. No outro dia os soltaram, sendo vaiados pela nossa turma. Depois desse dia acabaram-se as brigas, pois ninguém queria ir para a cadeia do outro.

Balsa com saco

No dia 15 de julho de 1937, uma quinta-feira, nós todos que freqüentávamos o curso para cabo, saímos de caminhão, levando sacos de lona à prova d'água, de uns 2x2 metros. Cortamos o capim no campo e enchemos os sacos, levando-os até o rio Caveira. Os sacos foram jogados no rio para praticarmos, fazendo balsas e pontes. Quatro sacos davam uma balsa e se botássemos secos, um atrás do outro, fazíamos uma ponte e atravessávamos para o outro lado do rio. Depois esvaziamos os sacos e os trouxemos de volta.

Desisti do curso de cabo

No dia 19 de julho de 1937, segunda-feira, eu fui informado que não tinha vaga para cabo carpinteiro e sim, só uma vaga para especialista. Mesmo que eu parasse no curso, não seria promovido, porque não tinha vaga e eu não ia engajar para esperar a vez. Por outro lado, veio uma ordem para que aqueles que estavam fazendo o cursinho para cabo voltassem e o terminassem na sua própria Companhia. Era a vez de eu pegar o mato. Fiquei com pena de não ter vaga, pois eu passava facilmente no curso de cabo carpinteiro. Mas eu não queria ir para o mato. Então pensei: vou fazer uma arriscada. Desisto do curso e tento trabalhar de novo na carpintaria. Seja o que Deus quiser. O tenente que dava aula para nós, tornou a falar que tinha 50 candidatos e só dezesseis vagas, sendo que nenhuma para cabo carpinteiro. Depois falou que quem quisesse desistir, podia, que era em tempo. Mandou levantar a mão, quem estava desistindo. Além de mim, desistiram outros, que foram cada um para a sua Companhia. Eu fiquei na Companhia Extra, não sabendo o que podia me acontecer.

Tentei voltar na carpintaria

No mesmo dia, 19 de julho de 1937, uma segunda-feira à tarde, cheguei no quartel e fui me apresentar ao tenente Marchetti, que era chefe da oficina dos carpinteiros e disse a ele que tinha desistido do curso de cabo, porque tinha muitos candidatos e poucas vagas. Falei que gostava mais era de trabalhar na carpintaria e perguntei a ele se podia arrumar de novo um lugar para mim. Ele me disse que seria difícil, que achava que eu teria que ir para a minha Companhia. Mas ficou de arranjar a situação para mim. Depois, ele mandou que eu fosse na carpintaria falar com o mestre, para fazer uma grade de sarrafo para ele, em casa, colocar os sapatos em cima. Eu sabia que na oficina não se podia fazer nada sem a assinatura do comandante, mas como o tenente mandou, eu fui. Falei com o mestre, arranjei umas sobras de madeira e já estava fazendo a grade, quando por coincidência, chega o major. Ele costumava quase todos os dias fazer uma vistoria na carpintaria, mas sempre de manhã e aquele dia foi à tarde. Logo veio na minha direção e perguntou:

- Tu não estavas no curso de cabo?

- Estava, seu major, mas o tenente, nosso professor, disse que em vista de ter muitos candidatos e poucas vagas, podíamos desistir. Eu então desisti, porque gosto mais de trabalhar na carpintaria.

- E o que estavas fazendo com aqueles sarrafos?

Eu expliquei que o tenente Marchetti tinha me pedido para fazer o serviço para ele. Ele virou-se para o mestre da oficina e perguntou:

- Tens ordem para fazer este serviço?

O mestre respondeu que não. O major mandou ele guardar a grade no armário e não entregar para ninguém. Depois perguntou-me qual seria a minha Companhia e eu respondi que era a Terceira. Então o major falou:

- Vai lá no sargento Zacarias, arruma condução e vai para o mato.

E eu pensei: estou fuzilado, depois de me escapar tantas vezes, agora chegou minha vez. É um azar.

Despedida: ir para 3ª Companhia

No mesmo dia, 19 de julho, fui falar com o sargento Zacarias, para ver se tinha condução para ir para o mato . Ele me falou que tinha condução só no outro dia, às 13 horas. O sargento perguntou porque eu ia para o mato. Eu contei a história para ele. Ele me disse:

- Quem sabe se nós não podemos arrumar para ficares aqui.

Aí eu falei:

- É difícil, porque o major já cismou com a minha cara e não vai concordar. Em seguida, arrumei a minha mala, fui na cidade e comprei o que precisava, aguardando a hora da saída.

Escalado de guarda

No dia 20 de julho de 1937, terça-feira, às 11 horas, fui na guarita e vi meu nome na lista para montar guarda, coisa que nunca tinha acontecido antes, pois os carpinteiros não eram escalados para este trabalho. Aquela ordem tinha que ser cumprida, por isso, na mesma hora peguei o fuzil e a munição e fui para o quarto da guarda, com mais dois soldados. Nós tínhamos que dar guarda até o outro dia, ao meio-dia e nós nos revezávamos de duas em duas horas. Acontece que no outro dia de manhã, das 8 horas às 10, tocava para mim estar na guarita e era a hora em que entravam no quartel os oficiais, inclusive o major. Daí o meu medo, pois não sabia como me comportar diante dele, ao apresentar a arma. A guarita ficava na esquina e no fim da rua morava o major. Vi, pois, quando ele saía de casa e vinha a pé, com aquelas botas compridas. Era um homem alto, o mais alto de todos. Chegou perto de mim e apresentei arma. Ele olhou-me, fez continência e disse:

- Fontana, estais aqui ainda?

Então eu falei:

- Major, condução só tinha às 13 horas e às 11 horas eu estava escalado para montar guarda, mas na primeira condução eu vou.

Ele ainda falou:

- Tu vais, senão te boto na cadeia e hoje mesmo.

Eu estava tremendo de medo. Acontece que na hora que o major entrou, estava lá no quartel o tenente Marchetti, o sargento Zacarias, o sargento Carrer e o mestre da oficina. Sem eu saber, falaram com o major e com pouca demora saí o sargento Zacarias e me pergunta:

- Fontana, tu queres ficar aqui ou ir para o mato?

- Ficar aqui -respondi- mas o major cismou com a minha cara e vai me botar na cadeia se eu não for para o mato.

- E se nós acertarmos com ele?

- Aí eu fico.

O sargento entrou no quartel, voltando em seguida para me comunicar que estava tudo acertado. Eu Falei:

- Muito obrigado sargento, Deus lhe pague.

Voltei para a carpintaria

Numa quinta-feira, 22 de julho de 1937, voltei a trabalhar na carpintaria. O mestre contou-me que foram eles que arrumaram para que eu ali permanecesse. Estava trabalhando tranqüilo, quando lá pelas 10 horas olhei pela vidraça e vi que o major vinha em direção à carpintaria. Eu comecei a tremer de medo. O major entra na carpintaria e logo me chama, dizendo:

- Fontana, pega estes dois mancais que estão aí e leva para o almoxarifado. Sabe por que?

- Não, seu major.

- É para não ficar aqui.

Eu levei os mancais e quando voltei, ele já tinha saído para a oficina mecânica.

Garganta inflamada

Dia 27 de julho de 1937, terça-feira, estando eu com a garganta inflamada, fui ao médico, que era um oficial vindo de São Paulo, no ano anterior. Olhou minha garganta e disse que estava inflamada e perguntou se costumava inflamar. Eu falei que quando eu era pequeno e ia para a escola, minha garganta de vez em quando inflamava e doía. Eu parava na casa do meu avô e minha avó sempre estava preocupada com a minha garganta. Ele me disse que era preciso operá-la. Eu não concordei e ele falou:

- Aproveita Fontana, aqui não te custa nada, é tudo de graça, é uma operação fácil, em poucos dias tu fica bom.

Eu respondi que não ia querer operar, porque eu achava que se tirassem alguma coisa da minha garganta, mais tarde iria me fazer falta. Hoje estou com 75 anos e não fui operado ainda, graças a Deus.

Trabalhei no torno

Dia 17 de agosto de 1937, terça-feira, torneei no torno, madeiras, sarrafos colado um de madeira branca e outro de madeira preta, formando um diâmetro de 30 centímetros, cortado num comprimento de 20 centímetros e envernizado. Após, era preparado couro de carneiro úmido, que depois de secar fica um tamborim de primeira. Torneava também bola de bilhar, feita de nós de pinho, que ainda guardo no meu baú como recordação.

Ganhava diária

A ordem que veio, no dia 23 de agosto de 1937, era de que quem ganhava diária na Companhia Extra, teria que ir para o mato, cada qual para sua Companhia. Eu, que ainda não estava transferido para a Companhia Extra, mas que ali permanecia, estava portan-

do, enquadrado na ordem. Fiquei aguardando o resultado, mas não me aconteceu nada. A ordem era para aqueles que não tinham profissão.

Baixei no hospital

Numa quarta-feira, dia 25 de agosto de 1937, dia do soldado não tinha expediente. À tarde, eu com mais três colegas, fomos jogar bocha numa bar, onde tomamos algumas garrafas de cerveja. De noitinha fui cedo para o quartel. Às 21 horas, como é obrigatório, respondi a revista e fui dormir. No dia 26, às 2 horas da madrugada, me acordei com uma forte dor de barriga, que não podia agüentar. Como tinha laranja na minha mala, apanhei uma e fui para a rua, no sereno. Ali chupei a laranja, que parecia que me aliviava a dor e fui deitar novamente. De manhã, ainda doía um pouco. Naquele dia trabalhei normalmente, mas sentindo um pouco de dor à tarde. À noite, passei mais ou menos. Quando amanheci, a dor estava concentrada mais para o lado direito. Fui ao médico e ele mandou que eu deitasse na mesa. Bateu na minha barriga com os dedos e disse:

- Fontana, é preciso cortar a tua barriga.

Eu perguntei:

- Por que, doutor?

- Porque você está com apendicite.

O médico mandou que eu deitasse e se a dor aumentasse, que fosse lá de novo. Às 10 horas ele mandou o enfermeiro medir a febre. O enfermeiro constatou que eu já estava com febre e mandou que me levassem para o Hospital de Caridade de Lages, para ser operado à tarde. Mas, como me informaram as irmãs, o médico que era operador, era civil e a tarde ele bebia e não estava em condições de operar. Deixaram a operação para o outro dia de manhã. Na enfermaria, eu pensava na família. Ali eu não tinha ninguém. Se eu mandasse avisar meu pai, era só para assustar. Depois para chegar a Lages, levaria mais de cinco dias,

isto se a viagem corresse bem, e se eu morresse, nada adiantaria e se melhorasse, não precisava ninguém se preocupar. Olhei para o lado do hospital, onde tinha um cemitério e pensei: se eu morrer, descansarei ali e alguém comunicará a família. Seja o que Deus quiser.

Operação

No dia 28 de agosto de 1937, um sábado, lembro-me que lá pelas 7 horas, uma irmã veio na enfermaria do andar térreo, onde eu estava e me levou para o segundo andar, para a sala de operação. Mandou que eu deitasse em cima de uma mesa e contasse de um até cem. Depois colocaram-me uma máscara no nariz. Eu contei até cem e parei. A irmã pediu que eu continuasse a contar, mas eu não conseguia mais, só escutava o que as irmãs falavam entre elas. Escutei quando uma irmã falou para a outra que eu era um moço calmo. Depois não lembro-me mais de nada. A irmã falou-me que o médico cortou e veio pus. A apêndice supurada, estava arrebentada. Aí me botaram uns pedaços de mangueira, fecharam o corte, me enfaixaram e levaram para um quarto de segunda classe, no mesmo segundo andar. Lá pelas 10 horas acordei e vi que não estava mais na enfermaria. Passei a mão na barriga. Estava tudo enfaixado. Assim, passei o dia dormindo e acordando. Duas irmãs cuidavam de mim, como se eu fosse um filho. Uma chamava-se Laurelina e era de origem alemã, natural de Braço do Norte- SC. A outra, italiana, tinha vindo da Itália fazia pouco tempo. Só sabia falar em italiano e eu com ela me entendia bem. À noite tive 40 graus de febre. Eu variava e tinha a impressão que eu chamava e gritava durante toda a noite. As irmãs, preocupadas, se revezavam ao lado da minha cama. Fiquei dezoito dias de barriga para cima, sem me mexer. As irmãs falaram-me que de mil escapa um, na condição que eu estava. Nestes dezoito dias, eu ficava com uma bolsa de gelo contínua em cima da barriga. O quartel escalou dois soldados para procurar gelo dia e noite nos bares da cidade. Naquele tempo era difícil

encontrar gelo, a não ser que houvesse neve, pois não tinha fábrica. A minha sorte é que depois daquela noite, não tive mais febre de 40 graus e ela praticamente sumiu. Foi o que me salvou.

Primeira companhia do 14BC

14 de setembro de 1937, terça-feira. Me contaram no hospital, que tinha chegado a Primeira Companhia do 14BC de Florianópolis, para reforçar o quartel de Lages, que estava com todas as companhias espalhadas pelo mato, numa distância de 60, 80 e até 100 quilômetros da cidade de Lages.

Sentei na cama

Depois de dezoito dias deitado de barriga para cima, com uma bolsa de gelo contínua dia e noite, consegui sentar na cama. Estávamos no dia 15 de setembro de 1937 e era uma quarta-feira. Pedi à irmã que tirasse o dinheiro que estava na gaveta do bidê, ao lado da minha cama. Após, pedi que ela me fizesse o favor de mandar comprar papel, envelope, tinta e caneta pois eu queria escrever uma carta para a família. Só então comuniquei que tinha sido operado da apendicite, já faziam dezoito dias e passava bem, mas que aguardava no hospital uma segunda operação, porque na primeira não tiraram o apêndice, porque estava supurada e arrebentada.

Visitei o quartel

Dia 26 de setembro de 1937, domingo, já conseguia andar e fui fazer uma visita ao quartel, que ficava a duas quadras do hospital. Conversei com meus colegas e escutei quando um oficial disse para o outro:

- Este soldado aí se escapou da morte. Ele ainda está internado aguardando a segunda operação, se for preciso.

Primeira remessa de dinheiro

Dia 27 de setembro de 1937, segunda-feira, recebi carta do meu pai, dizendo que a família estava bem, mas que estavam preocupados com a minha operação. Disse ainda que tinha remetido pelo correio registrado a importância de cem mil réis (100$000), embora eu não tivesse pedido, mas ele imaginou que eu pudesse precisar. Falou ainda que no distrito, Vila Treze de Maio, nunca se ouviu falar em apendicite. Naquele tempo, dava aquela dor forte e a pessoa morria sem saber o que era. Em Lages a situação era diferente, pois esta operação era comum.

Segunda carta a papai

Dia 29 de setembro de 1937, quarta-feira, ainda no hospital, escrevi a segunda carta ao meu pai, dizendo que tinha recebido a sua missiva, datada em 27-09-37, mas que o dinheiro ainda não tinha chegado. Participei também a ele que eu estava me recuperando bem, já estava caminhando e que tinha ido até o quartel visitar meus companheiros.

Pedi alta no hospital

Dia 5 de outubro de 1937, terça-feira, falei com as irmãs para que pedissem ao médico que me desse alta. Eu já estava bom e queria ir na carpintaria trabalhar. O médico me deu alta condicional. Se piorasse voltava para operar.

Diversos-outubro 1937

Dia 06 - Escrevi carta para o papai, dizendo que tinha recebido alta e fui trabalhar na carpintaria.

Dia 10 - Escrevi carta à Felícia e Onizia.

Dia 17 - Trabalhamos o dia todo para aprontar a frota de caminhões.

Dia 18 - Eram ao todo, doze, entre caminhões e auto, em prontidão, enfileirados.

Dia 19 - Recolhemos todos os caminhões na garagem.

Dia 23 - Tirei fotografia no Barroso (Fotógrafo)

Segunda remessa de dinheiro

Dia 27 de outubro de 1937, quarta-feira, recebi carta do meu pai participando-me que tinha remetido mais cento e cinqüenta mil réis (150$000) e que com este dinheiro eu podia fazer um bom tratamento para melhorar mais depressa. Dizia também, que todos da família estavam bem. Eu respondi no mesmo dia que tinha recebido alta no hospital, pois já me sentia bem e queria trabalhar na carpintaria. Falei ainda que o dinheiro que ele havia mandado antes, eu ainda não havia recebido.

O primeiro dinheiro

Dia 2 de novembro de 1937, terça-feira, recebi pelo correio a segunda remessa de dinheiro que meu pai remeteu. A primeira remessa não tinha vindo ainda.

Carpintaria

Eu me dava bem na carpintaria, o mestre gostava muito de mim e o 3º sargento nem falar, era um grande amigo. Ele gostava de beber cerveja e quando ia com o caminhão buscar madeira na serraria que ficava perto, dentro da cidade, levava sempre eu junto, que era o mais honesto. Lá na carpintaria era assim: vinha a ordem para fazer uns móveis, então a gente fazia um orçamento de tudo o que precisava, como lixa, madeira, cola, verniz, prego, etc. e o 3º Sargento Carrer convidava-me para fazer as compras com ele. Nós saíamos com o caminhão,

passávamos na lojas, onde eles nos davam os preços das mercadorias. No fundo da loja tinha também uma salinha, onde eles forneciam bebida. O Sargento Carrer me levava para o reservado e pedia uma cerveja para nós dois. Se tivesse outra pessoa no caminhão, ou mesmo o motorista, ele não deixava entrar. Depois íamos para a serraria comprar madeira. Na volta, tínhamos que parar na loja para pegar o material e assim ele me chamava para tomar mais uma cerveja. Ele gostava de tomar, mas eu bebia pouco. Ele não tomava no bar durante a semana, era vivo, sabia que era hora de expediente e não podia. Aos sábados e domingos, quando os outros sargentos eram escalados para dar serviço, pagavam ele para trabalhar no seu lugar, de forma que todo o fim de semana ele dava serviço no quartel. Ele era como eu e o Fornari. Não saíamos de perto do quartel. Às 9 horas, na revista, eu podia faltar, que ele marcava presença, mas eu sempre respondia. Quando ele chamava o meu número e eu respondia, ele dizia:

- Este Fontana mesmo, não sai de perto do quartel.

Datilógrafo

Quando o 3° Sargento Carrer dava serviço no quartel, pelo menos nos fins de semana, dias santos e feriados, eu ia fazer companhia a ele à noite e pedia a máquina de escrever. Comprei um guia, treinava com a máquina e aprendi datilografia sem gastar nada.

Telegrafista

Um 1° cabo telegrafista, natural de Criciúma, que agora não lembro o nome, só sei que sua família era proprietária do antigo Hotel Brasil, convidou-me para trabalhar com ele, que tinha vaga. Ele falou que me ensinava o serviço, mas eu não quis, porque eu não ia engajar e serviço em casa não me faltava. Pensei que pouco me servia a profissão de telegrafista em casa, só se ficasse lá, aí seria uma boa oportunidade.

Motorista

Lembro-me que muitos sábados, eu com um colega, que era de Lages, alugávamos um Fordeco Bigode, enchíamos o tanque de gasolina e saíamos treinando pela estrada afora. Íamos para o interior, guiando um pouco de cada um. Era uma farra. Quando acontecia de furar um pneu, que era muito velho e careca, se tinha mechelim e remendo, nós o arrumávamos na estrada mesmo. Era costume. Naquele tempo não tinha borracheiro. Acontece que um dia furou o pneu, faltou remendo e nós ficamos na estrada. Aí começamos a pensar o que fazer, para trazermos o carro para casa e não danificar o pneu.

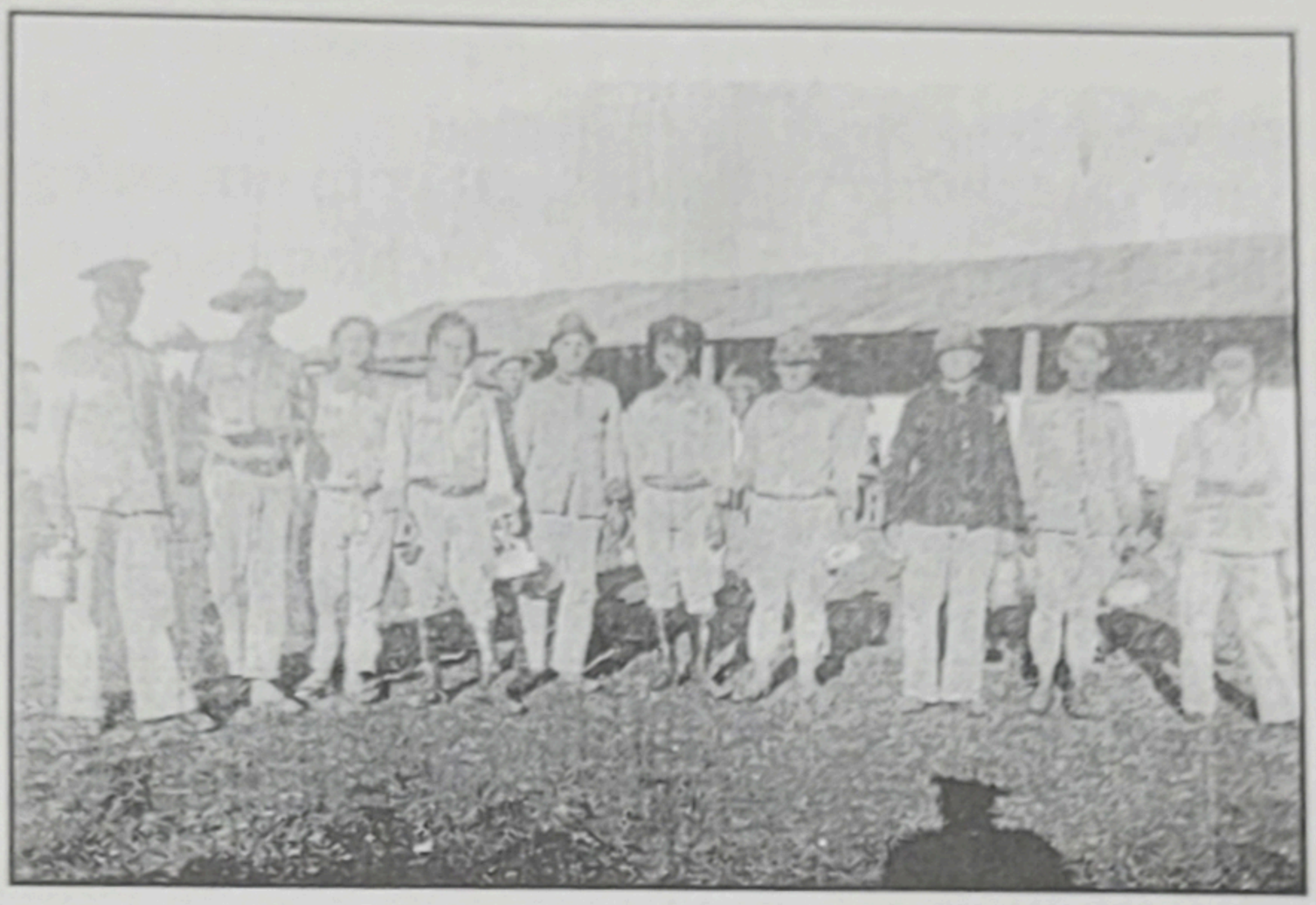
Logo veio a idéia de cortar um feixe de capim, com um canivete que nós tínhamos e encher o pneu. Deu certo e levamos o carro para casa. O aluguel de um carro novo, na época, era de vinte mil réis (20$000) por hora, motocicleta de três rodas era de dez mil réis (10$000) por hora e o fordeco que estava encostado na oficina, nós dávamos uma gorjeta ao patrão e tínhamos que botar gasolina.

Fotografia



Turma à paisana, trabalhando na estrada de Lages ao rio Pelotas, comandada pelo 2º Batalhão de Sapadores.
Esta foto eu tirei em 1938.

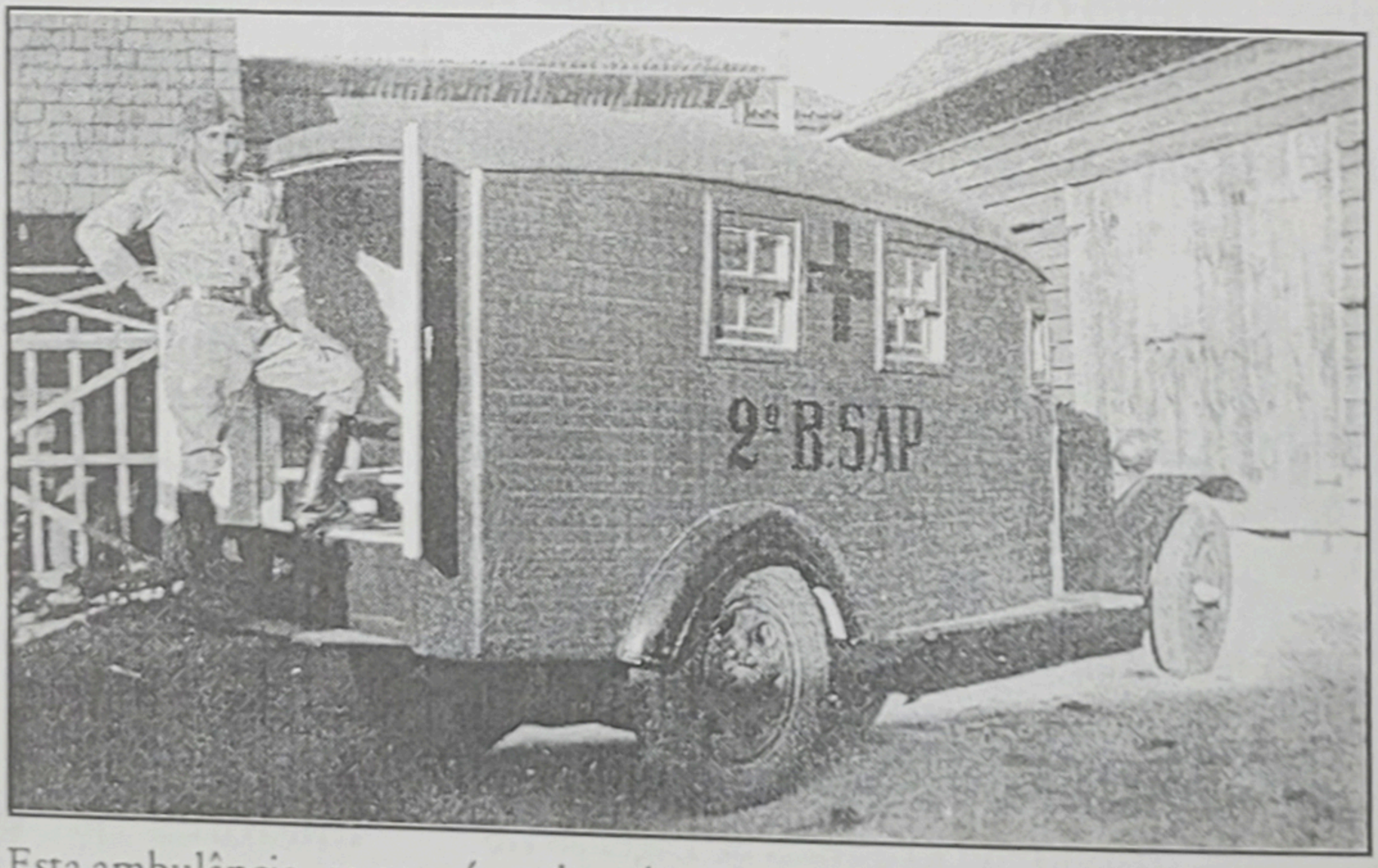
Um dia peguei uma carona e fui para o mato bater foto nas Companhias. Aproveitei e bati foto também da turma dos civis, que era na época administrada pelo Sr. Delírio Falchetti, natural de Urussanga. Conta ele ainda hoje, que custou a acostumar os trabalhadores da região de Lages a comerem polenta.



Turma de reservistas voltando do serviço.

Carpintaria

Na carpintaria nós fazíamos de tudo: carreta para cavalo, galhota para transportar terra, ambulância para o transporte de doentes, carrocerias para caminhão e enfim, móveis de todos os tipos.



Esta ambulância, como nós a chamávamos, servia para transportar doentes.
A carroceria nós fazíamos na carpintaria.
No dia em que a entregamos pronta tirei esta foto.



Caminhões do exército, em Lages, 1938. As carrocerias e cabinas nós fazíamos na carpintaria. Lembro-me que as cabinas de madeira eram grandes e cabiam sete pessoas dentro: uma pessoa no lado esquerdo do motorista e cinco do lado direito.

Baratinha

O tenente Fontinelli tinha comprado uma baratinha. Era um automóvel para duas pessoas, mas quando abria o porta-malas atrás, ficava com assento para mais duas pessoas, ao ar livre. Só tinha o chassis de ferro, pois o esqueleto da carroceria era de madeira e estava tudo podre. O tenente falou com o mestre da carpintaria, para fazer a carroceria de madeira nova. O mestre, por sua vez, me encarregou do trabalho. Fiz a relação de tudo o que precisava, inclusive a madeira de canela, que em Lages não tinha. Depois, eu e o sargento Carrer fomos comprar o material. Em seguida comecei a desmontar a lataria, quando chegou o tenente Fontinelli. Eu vi quando ele perguntou para o mestre da oficina, se eu dava volta de montar tudo aquilo direitinho. O mestre disse que sim, mas o tenente não saia de lá. Todos os dias ele vinha ver o trabalho. Eu preparei a madeira, montei o esqueleto, preguei toda a lataria e depois o tenente levou a baratinha para Blumenau para fazer a pintura, sendo que ficou novinha em folha.

Fichário

O major trouxe uma ordem para fazer um fichário para ele, de madeira, com três gavetas grandes e duas pequenas. Como sempre os móveis mais importantes o mestre dava para mim fazer. Eu fiz o orçamento e em seguida fui com o sargento Carrer comprar o material, não deixando de tomar a cervejinha. Comecei o trabalho e o major chegou perguntando pelo fichário dele. O mestre disse:

- O Fontana está fazendo.

E ele falou:

- É só o Fontana que sabe trabalhar aqui?

O mestre falou que eu era mais prático, que fazia até violão e cavaquinho. Terminei o fichário, envernizei com a boneca e o major ficou muito satisfeito.

14BC

No dia 25 de novembro de 1937, quinta-feira, a 1ª Companhia do 14BC voltou para a sede em Florianópolis.

Reclamei no correio

No dia 02 de dezembro de 1937, quinta-feira, fui no correio reclamar que o dinheiro que meu pai havia remetido ainda no mês de setembro, não tinha chegado. Expliquei que aquele que tinha sido remetido depois, eu já havia recebido. O chefe do correio disse que eu escrevesse para meu pai, pedindo o número de registro do correio e a data que foi remetido. Neste mesmo dia escrevi.

Promoção e baixa

Dia 06 de dezembro de 1937, foram promovidos os 1°s cabos.

Dia 22 de dezembro de 1937, deu baixa a segunda e terceira turma. Estas turmas serviram o exército por 20 meses, pois não puderam dar baixa nos doze meses, devido o exército estar em prontidão.

Dia 15 de dezembro de 1937, deu baixa a quarta turma.

Missa de natal

Dia 25 de dezembro de 1937, sábado, dia de natal, já que não houve mesada no quartel, fui à missa do galo, que começou à meia-noite e terminou de madrugada, quase ao amanhecer. Os fiéis saíam todos pela sacristia, nos fundos da Igreja, um por um, beijando o Santíssimo. Nunca foi visto por mim em Lages, tanta gente como aquela noite.

Pulga

No exército, os pulgueiros no verão eram fora do comum. Não havia quem agüentasse. Os assoalhos eram de madeira e não se podia lavá-los, porque embaixo tinham muitos escritórios. Nós deitávamos com a roupa branca e limpa e de manhã, quando nós levantávamos, parecia que tínhamos levado um tiro de espingarda de chumbo fino. A roupa estava toda manchada de sangue. Os oficiais passavam trabalho. Tinha dia que eles paravam para tirar suas botas, para matarem as pulgas. Naquele tempo não tinha veneno para pulgas, então procurávamos uma erva que se chamava "mata pulga", mas não adiantava. O jeito era agüentar os poucos meses em que elas apareciam. Hoje, com os venenos que tem, elas não agüentam 24 horas.

Classificado especialista

Dia 31 de dezembro de 1937, sexta-feira, o último dia do ano fui no almoxarifado onde trabalhava o tenente Fontinelli, pedir material para a carpintaria. Eu já era conhecido do tenente, porque havia feito as prateleiras do almoxarifado e também havia reformado a baratinha dele. Ele olhou para mim e disse:

- Fontana, tu não está classificado ainda?

- Não, disse.

Aí ele me perguntou.

- Não tem vaga?

- Tem -disse eu- mas é apenas uma vaga e como vejo tantos colegas esperando, eu sei que não vai tocar para mim.

Ele me respondeu:

- Aqui não tem preferência e nem padrinho, Fontana. A vaga se dá para quem merece, quem tem competência. Às 13 horas tu vem aqui lembrar-me da vaga.

Eu peguei o material e fui para a carpintaria, sempre pensando no fato. Às 13 horas pedi licença ao meu mestre, fui lá no almoxarifado e disse ao tenente que estava ali para lembrá-lo da minha classificação. Ele falou que era para ir com ele na chefia. Chegando lá, perguntou para o sargento encarregado do boletim diário, se tinha vaga para especialista carpinteiro. Ele falou que tinha uma. Então esta vaga será para o Fontana e quero que seja publicado ainda no boletim de hoje, inclusive a transferência dele da 3ª Companhia para a Companhia Extra. Está pronto, Fontana, disse o tenente Fontinelli. A partir daí eu fiquei tão ansioso, que me parecia que não anoitecia mais. Às 21 horas, hora da revista, depois da chamada, o sargento do dia em serviço, começou a fazer a leitura do boletim e numa certa altura ele leu: "O soldado de nº 529, Germano Bez Fontana, foi classificado Especialista Carpinteiro. A partir de hoje é também transferido da 3ª Companhia para a Companhia Extra. Que sorte. A partir deste dia estava garantido, pois não iria mais para o mato. Tinha ainda o direito de comer e dormir fora do quar-

tel e passava a ganhar igual a um 2º cabo, além da diária da carpintaria. Foi um bom presente no fim do ano de 1937. De todos os reservistas do Batalhão, eu fui o único que não foi para o mato nem um dia.

Fim da briga do correio

Dia 21 de janeiro de 1938, sexta-feira, recebi carta do meu pai dizendo que a família ia bem e que junto remetia o recibo, com data de setembro, da quantia que me havia mandado e que eu não tinha recebido ainda. Fui ao correio, apresentei o recibo ao chefe, que o pegou e foi para dentro. Depois de muita demora ele veio e me mostrou o livro com a assinatura do Brigada Oficial do Quartel. Eu já tinha contado esta história do dinheiro ao Sargento Carrer, ainda no mês de dezembro de 1937. Então, ao sair do correio neste dia, fui ter com o sargento Carrer e ele me disse:

- Vamos lá falar com o Brigada, ele vai ter que dar um jeito. Fala-mos com ele que disse franco, que o dinheiro estava na sua casa e que de tarde trazia. Não demorou uma hora e ele há estava entregando-me o dinheiro na carpintaria. Aquele velhaco, sem-vergonha, se eu fosse fa-lar com o comandante ele pegaria um castigo. Certamente ele pensou que eu ia morrer e ele ficava com o dinheiro. Com boa fé e calma, a gente sempre vence.

Gorjeta do major

Dia 24 de janeiro de 1938, segunda-feira, o major chegou na carpintaria e pediu ao mestre que me mandasse para a casa dele, encaixotar toda a sua muamba, como: móveis desmontados, louças e outros objetos miúdos. Fui na serraria com o sargento Carrer com-prar madeira e prego, para fazer os caixotes. No dia 25, de tarde, toda a muamba já estava encaixotada, pronta para o embarque. A baga-gem tinha que ser levada para Florianópolis primeiro, para depois ser

despachada para o Rio, de navio. O major tinha sido transferido para lá. Depois fui participar ao major que já estava tudo encaixotado. Ele me pediu que no outro dia de madrugada, eu fosse junto com o motorista do caminhão, para ajudar no carregamento dos caixotes. No dia 26 de janeiro de 1938, quarta-feira, levantei-me às 4 horas da madrugada e fui com o motorista carregar os caixotes no caminhão. A seguir, o motorista partiu para Florianópolis. O major ia atrás, de automóvel, mas antes de eu sair, o major me chamou e deu uma gorjeta de quinze mil réis (15$000). Eu não quis pegar, mas ele insistiu. Desejei a ele uma boa viagem e parti para o quartel contente. Interessante é que no começo, ele queria me botar na cadeia, depois fiquei gostando dele.

Automóvel para o quartel

Uma noite de carnaval, mês de fevereiro, eu estava no centro da cidade, na beirada da calçada, quando passou um capitão com o seu automóvel, um BUICH, que tinha uma máquina com uma potência de mais de cem cavalos e parou perto de mim. Eu fiz continência e ele respondeu. Depois perguntou se eu não tinha visto algum motorista do quartel por ali. Eu falei que não. Ele me pediu que se eu visse algum, que o avisasse, porque ele queria mandar seu carro para o quartel. Eu falei:

- Se o senhor quiser, eu levo o carro.

Ele me olhou e disse:

- Tu, Fontana, sabe trabalhar é com serrote e o martelo.

E saiu. Deu uma volta e passou novamente onde eu estava e perguntou:

- Tu sabes mesmo guiar, Fontana?

- Sei seu capitão.

Então ele colocou o carro na direção do quartel e mandou que eu embarcasse. Depois de embarcar, engatei a primeira, arranquei o carro, passei uma segunda e fui até o quartel nesta marcha, tudo morro acima.

Cheguei no portão, buzinei, veio o guarda, abriu e eu entrei. A garagem ficava morro acima e para colocar o carro tinha que fazer uma vereda e no fim frear. Eu colocava o carro e ele voltava um pouco e como a garagem era curta, a porta não fechava. Procurei algum motorista por ali, mas não achei. Fiz outras tentativas, até que consegui. No outro dia de manhã cedo, o capitão chegou, pediu a chave para o guarda e foi ver como estava o carro. Encontrou tudo certinho. Dali para a frente, eu era motorista do quartel, na falta de outro.

Bloco de Carnaval

Um domingo de fevereiro de 1938, estava eu no centro da cidade, na calçada, com uma máquina fotográfica na mão (Kodak), quando vi um bloco de moças, passando do outro lado da rua. Era carnaval e eu aproveitei para bater uma foto. Depois da foto revelada, por coincidência, saiu junto um cachorro, que estava na hora fazendo xixi numa árvore.

Patrulha

Os soldados que trabalhavam na carpintaria e na mecânica, depois de passar a pronto (de recruta para soldado), não davam mais guarda. Mas quando tinha muito movimento ou circo na cidade, nós também dávamos patrulha até às 23 horas e às vezes até a meia-noite. A patrulha era formada por um cabo e três soldados e nós podíamos entrar em qualquer repartição pública sem pagar nada, como cinema, circo e teatro. Tínhamos que vestir o cinto e o sabre. Um dia apareceu um circo bom na cidade e nós demos patrulha. Combinamos com outros colegas que eles esperassem do lado de fora do circo, enquanto nós entraríamos e depois de subir na arquibancada, jogaríamos o cinto pelo lado de fora, para que eles vestissem e ent rassem também. Quando dentro, eles nos entregariam o cinto novamente. No cinema, a turma no inverno

pinteiro. Fomos promovidos, mas continuávamos a dormir naquele mesmo quarto, que usávamos quando éramos ainda recrutas.

Três fatos lamentáveis

O primeiro, foi quando o meu companheiro Giovani Fornari deu falta de trezentos mil réis (300$000), que tinha na mala. O ladrão deveria ter duas chaves iguais a dele: uma da porta do quarto e outra da mala, porque não danificou nem a porta, nem a mala. Houve muitos suspeitos, mas o ladrão não foi descoberto.

O segundo fato foi que um alemão, nosso amigo, que trabalhava na oficina mecânica ao lado a carpintaria, fez uma grande economia durante o ano. Comprou com este dinheiro, roupas como: camisas, terno de casimira, gravatas, meias e também sapatos e colocou tudo dentro da mala, além de outros objetos. Depois botou uma tábua em cima da linha do alojamento e guardou a mala bem em cima da cama dele; tanto que para tirá-la dali, tinha que pisar em cima da sua cama. Acontece que um dia, a mala sumiu e lá se foi a sua fortuna. O alemão chorava e não era para menos. Dava pena, todo mundo lamentava o acontecido. Nunca mais descobriram e ele teve que ir para casa com uma roupa velha de farda.

O terceiro fato passarei a narrar em seguida.

Terceiro fato lamentável

Dia 15 de abril de 1938, sexta-feira Santa, demos baixa. Eu fui a casa do mestre da carpintaria, buscar a minha mala, que ele tinha guardado. Agradeci e me despedi dele. Levei a mala para o meu quarto no pinga pinga. No quartel, abri, olhei e estava tudo direitinho como tinha deixado. Guardei-a então, embaixo da cama. Depois puxei a outra mala e fui arrumando tudo o que precisava para a viagem. Após, coloquei junto com a outra debaixo da cama. Fui a cidade e com-

prei mais alguns objetos que me faltavam. À noite, fui fazer a última janta na casa do meu amigo, cabo Durval, pagando em seguida, a minha dívida e me despedindo da família. Como despedida da cidade de Lages, fui à catedral assistir a cerimônia da sexta-feira Santa, sendo que acompanhei a procissão, que partia da Catedral, passava na frente do quartel e retornava pelos fundos. Muita gente, igual a noite de natal. A procissão era de noite, muito linda, toda iluminada com velas. Terminada a cerimônia fui para o quartel descansar. Deitei e apaguei a luz. Quando já estava deitado, lembrei-me das malas, passei a mão debaixo da cama e notei que faltava uma. Levantei, acendi a luz e notei que a mala que faltava, era justamente aquela que tinha feito na carpintaria, aquela em que eu tinha guardado os objetos mais importantes. Botei a mão na cabeça e pensei estou roubado. Apanhei uma caixa de fósforos e sai no pátio a procura. Lembrei que devido a procissão passar em redor do quartel, o ladrão não podia ter saído do pátio com a mala. Procurei por tudo, até dentro das fossas dos banheiros, que eram de madeira e não achei. Desconfiei de um tal de Gaúcho (apelido). Ele serrava as toras de madeira com uma serra braçal, num estaleiro perto da carpintaria e também planchas para a carpintaria e morava ao lado do quartel. O sargento Carrer, da carpintaria, era o sargento do dia. Eu já tinha me despedido dele, mas como estava em serviço, fui falar com ele novamente. Eu disse a ele que tinha uma notícia triste. Ele perguntou:

- O que houve, Fontana?

Contei a história a ele, da mala e disse que tinha desconfiança de que a mala podia estar na casa do Gaúcho, o único lugar perto que eu ainda não tinha procurado. Ele me deu ordens para pegar os guardas e revistar a casa dele. Falei com os guardas, pulamos o muro no lugar onde ele sempre pulava e não o achamos em casa. Perguntamos à mulher dele, se podíamos revistar a sua casa, com ordens do sargento e ela foi franca conosco: podem revistar. Não encontramos nada ali. Depois eu disse ao sargento, que eu tinha dado uma perdida, pois não encontramos nada.

- E agora? - disse o sargento.

- O jeito é eu perder a minha fortuna, o sacrifício de um ano.

Agradeci a ele e fui para o meu quarto. Deitei, apaguei a luz, mas não podia dormir. Lembrei que a gente tem que tentar três vezes antes de desistir. Levantei de novo. Acendi a luz e apanhei a caixa de fósforos e fui para o pátio. Procurei até em cima dos telhados e nada. Mas, perto da carpintaria e a mecânica, tinha uma carroceria de aço emborcada. De um lado, estava encostada na parede da carpintaria e os outros três lados se encostavam no chão. Não tinha buraco embaixo, mas como o diabo ensina a fazer, mas não esconder, notei que perto da parede tinha terra mexida recentemente. Experimentei cavar com a mão, era terra mole, continuei cavando, até que fiz um buraco, igual a tatu. Acendi um fósforo, olhei por baixo da carroceira e lá estava a minha mala. Então, lembrei-me de deixá-la ali, esconder-me numa garagem e ficar espiando, pois certamente de madrugada, o malandro viria buscá-la. Só assim poderia descobrir quem era o ladrão. Mas, em seguida, desisti da idéia. Pensei: é capaz de eu pegar no sono e ele me carregar a mala. Levei a mala para o meu quarto e fui comunicar o sargento Carrer do achado e ele me falou:

- Com fé Deus ajuda.

Depois fui dormir. À meia-noite, quando chegou o meu companheiro, Giovani Fornari, contei-lhe a história da mala e lhe disse ainda:

- Este ladrão é o mesmo que te roubou o dinheiro e ele tem uma chave igual a nossa. Deve ser alguém da carpintaria, porque roubou justamente a mala que fiz lá.

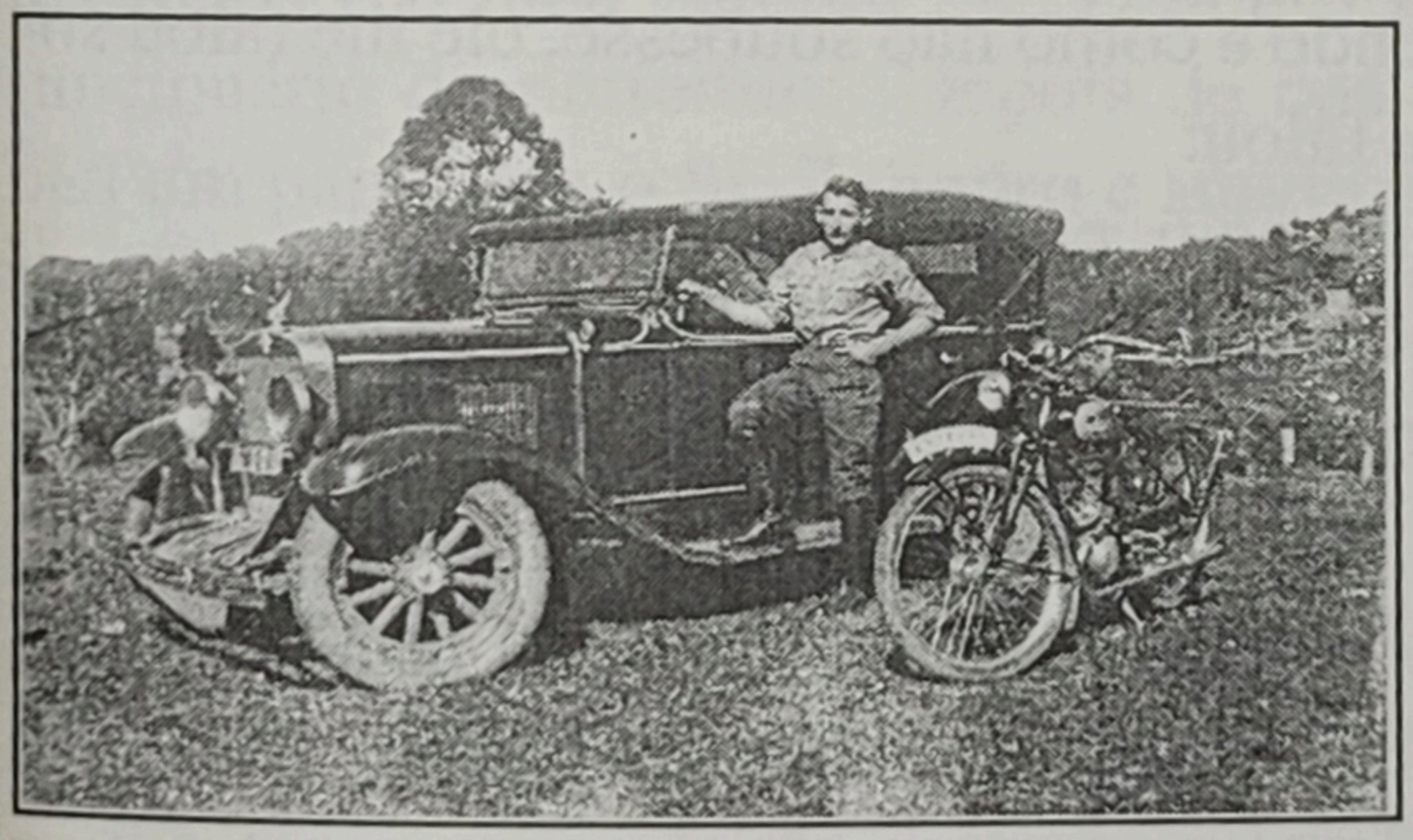
Despedida de Lages

Dia 16 de abril de 1938, sábado, às 11 horas, partimos de caminhão lotado, almoçamos no Rio Bonito e dormimos em Taquara. De

Capítulo 18

1ª motocicleta no distrito

Por volta de 1936, meu pai comprou uma motocicleta de marca Mielle. Era tocada a pé, também com freio na roda traseira, igual a uma bicicleta no torpedo, motor de 2, 1/4 HP magnético. Como éramos em quatro pessoas, sempre tinha um para dar uma volta com ela. Era o nosso cavalo. Ficou mais de cinco anos na nossa mão. Pagamos por ela dois milhões e quarenta mil réis (2.040$000) e depois a vendemos por seiscentos cruzeiros (600,00).



Primeiro licenciamento

Em 1938, foi feito o primeiro licenciamento na Vila de Treze de Maio, pela prefeitura de Tubarão. Os colonos, naquele tempo, tinham medo de declarar os bens que possuíam e se combinavam em grupo para não fazê-los. Eles temiam que fosse para pagar impostos. O

Sr. Zelindro Fontana Damiani era o encarregado de fazer o licenciamento e eu, que conhecia bem a Vila de Treze de Maio, saía junto para mostrar-lhe as casas dos colonos. Nós saíamos bem cedo, levando a comida para o dia preparada pela minha mãe, que constava de polenta, queijo, salame e bolinho na banha. Zelindro levava, também, uma mala de couro que meu pai tinha, com o material, isto é, com os documentos dentro. O licenciamento era feito de casa em casa. Só fomos numa família que concordou em declarar os seus bens na sinceridade; isto porque eles falaram que na Itália, também faziam o licenciamento. Na localidade de Boa Vista, por exemplo, fomos informados que eles tinham combinado de não cooperar no trabalho, mas quando chegamos lá, a maioria colaborou, só que declararam os seus bens pela metade. Exemplo: davam a metade da superfície do terreno que tinham de vinte gansos declaravam dez, etc. Outros dois fatos merecem ser registrados. Chegamos em casa de uma família em que o dono não estava em casa e sim, roçando capoeira. Foram chamá-lo e ele veio bravo, com a foice na mão. Quando chegou perto, o Sr. Zelindro perguntou a ele se sabia o que estávamos fazendo e como não soubesse, ele lhe falou sobre o licenciamento. Aí ele falou:

- Se é por isso que estão aqui, podem ir embora.

O Sr. Zelindro tentou ainda explicar-lhe mais alguma coisa e dizer também que se ele não quisesse fazer, não era obrigado, mas não adiantou. Continuava com a foice na mão e tremia igual a uma cobra atiçada. No outro caso, o homem chegou a nos perguntar:

- Vocês querem saber também quantas vezes evacuamos por dia?

Por causa disso, foi intimado e pegou cadeia. Não quis fazer o licenciamento.

Capítulo 19

Fundação do 1º Clube

Estávamos em junho de 1938, meu pai era intendente da Vila de Treze de Maio e o Sr. Marcolino M. Cabral era prefeito de Tubarão. Eu fui em Tubarão um dia e como era de costume, fui fazer uma visita ao prefeito. Lá estava também o secretário, Sr. Francisco Carlos Regis e o meu parente, Sr. Zelindro Fontana Damiani, que era funcionário da prefeitura. Depois de conversar com o Sr. prefeito, bati um papo com o Sr. Zelindro e surgiu a idéia de fundar um clube na Vila de Treze de Maio. Marcamos um domingo para tratarmos sobre o assunto. Quando nos reunimos de novo, escolhemos o nome do clube, Clube Recreativo "7 de Setembro", e fizemos um rascunho do Estatuto, que depois foi datilografado por Zelindro. Pronto o estatuto, faltava a casa. Convidei o meu primo Otávio Bez Fontana e fomos em casa do Sr. Francisco Morona (o Momo), pois ele tinha nesta vila, uma casa de alvenaria desocupada. Perguntamos a ele se não queria alugá-la, para fundarmos um clube. Ele nos disse:

- Para vocês eu alugo. Só quero que façam uma pequena reforma na casa.

Tudo acertado, fomos para casa. Depois, trabalhamos eu e o meu primo uma semana, para deixar a casa pronta. Já tínhamos o estatuto, a casa e agora faltavam os sócios. Todas as noites e domin-

gos, com a moto, eu saía para o interior convidando as famílias para serem sócios e para a reunião marcada para o dia 14 de agosto de 1938, data da fundação do clube. O Sr. Francisco Carlos Regis, que era secretário do prefeito de Tubarão e também nosso amigo, nos fez o modelo da ata.

Na reunião do dia 14 de agosto de 1938, compareceram os seguintes chefes de família e moços: Germano Bez Fontana, Tomaz Damian Preve, Lourenço Dandolini, Giácomo Bez Fontana, Frederico Cataneo, José Bez Fontana, Otávio Bez Fontana, Pio Trento, Frederico Damian Preve, Vergínio Moreira Matos, Olindo Nandi, João Carara, Felix Simon, Jacinto Salvan, Antonio Guarezi, Inácio Nandi, Luís Magagnin, Marcelo Cataneo, João Nandi, Antonio Perdoná, Sebastião B. Fontana, João Réchia, Rosalina de Oliveira Nunes, Humberto Guarezi, Eugenio Margoti, Sebastião Formentin, João Urbano Paris, Domingos Gislon, Augustinho B. Fontana, Pedro B. Fontana, Luiz Bardini, Domingos Boneli, Carlos Nogaredo, Mansueto Fragnani, Cesário de Valério e Divino Guarezi.



Germano Bez Fontana, agosto de 1938 - Fundador do Clube



Primeira diretoria do ClubeRecreativo
"7 de Setembro", fundado em 1938.
Da esquerda para a direita:

Primeira fila
Germano Bez Fontana - fundador
Felícia Dandolini - rainha
Silvina Magagnin - princesa
Tomaz Damian Preve - presidente

Segunda fila
Lourenço Dandolini - tesoureiro
Olíndo Nandi - 1º secretário
José Bez Fontana - vice - presidente

Terceira fila
Frederico Damian Preve - procurador
Otávio Bez fontana - 2º secretário
Verginio Moreira Matos - orador
Frederico Cataneo - 1º Fiscal
Pio Trento - 2 Fiscal

Primeira Diretoria

Neste dia, 14 de agosto de 1938, foi eleita a primeira diretoria do Clube Recreativo "7 de Setembro", como segue:

Sócio fundador: Germano Bez Fontana
Presidente: Tomaz Damian Preve
Vice presidente: José Bez Fontana
1º Secretário: Olindo Nandi
2º Secretário: Otávio Bez Fontana
Tesoureiro: Lourenço Dandolini
Procurador: Frederico Damian Preve
1º Fiscal: Frederico Cataneo
2º Fiscal: Pio Trento
Orador: Vergínio Moreira Matos

Portugueses, açorianos, italianos e outras raças, se encontraram num terreno medido e reservado pelo governo para uma futura sede, que foi conhecida como "Quadro". Esse encontro deu-se exatamente no dia 13 de maio de 1888. Os colonos se abraçaram fraternalmente e festejaram aquela data, olhando para o rio com aquela água límpida, vinda das matas virgens que cobriam toda a região.

Cinqüenta anos depois, em 1938, aqueles bravos colonos, juntamente com seus filhos, fundaram o Clube Recreativo "7 de Setembro" (Clube dos Imigrantes), 1888-1938.

Secretaria do Clube Recreativo "7 de Setembro"
13 de Maio

Em 13 de Janeiro de 1947

Exmo. Snr. Germano Bez Fontana.

Tenho a subida honra de levar ao conhecimento de V. Exa. que, em Assembleia Geral realisada hontem, a Diretoria em consideração a vossa valiosa contribuição resolveu por unanimidade de votos, conceder-lhe o titulo de socio benemerito, de acordo com o art. 6º. dos estatutos do nosso Clube.

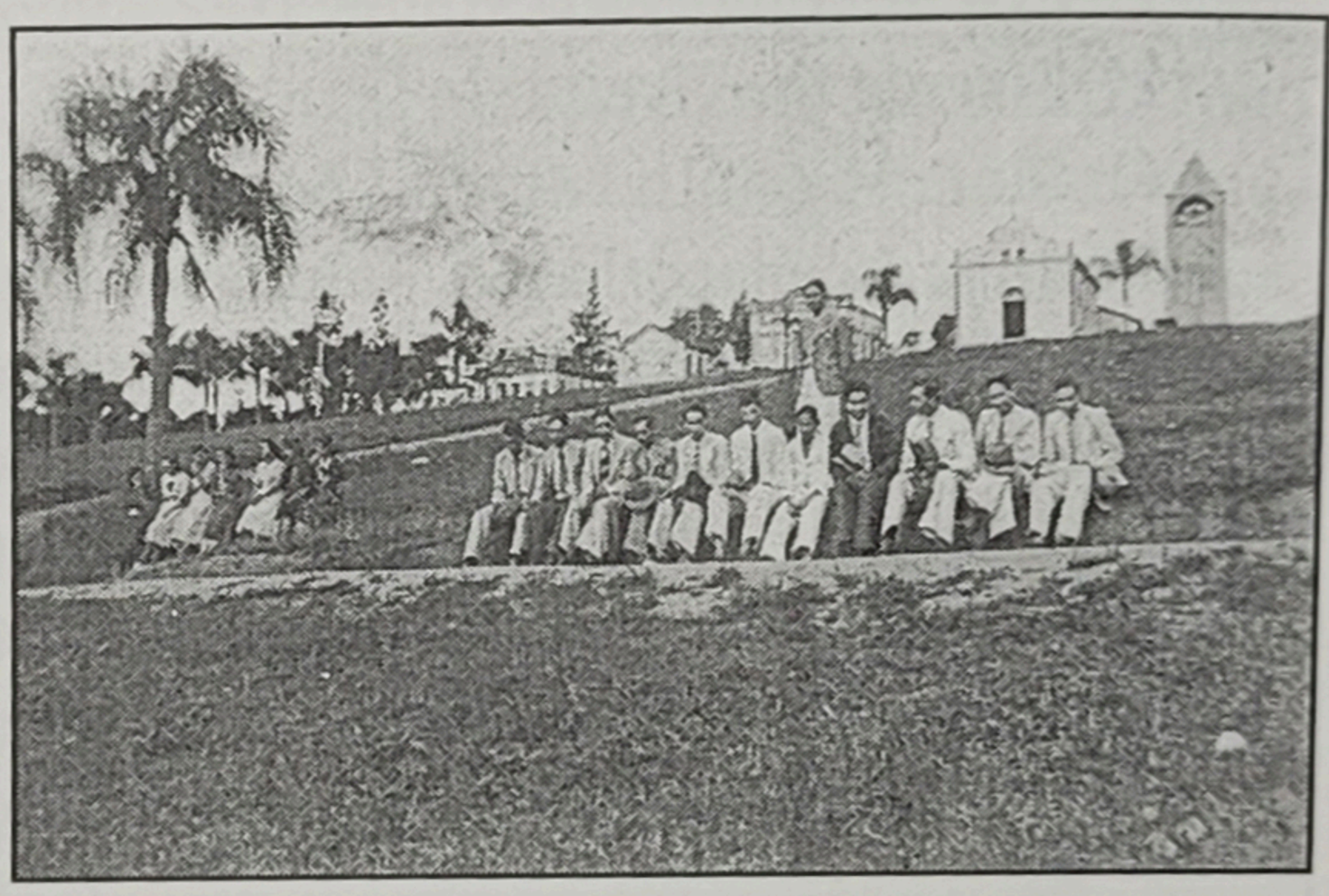
Congratulando-me sinceramente com os demais membros de direção por tão justa homenagem que ora lhe é prestada e certo de que continuará a prestar á nossa Sociedade o seu valioso prestigio como até agora, apresento-lhe as homenagens dos meus respeitos e a estima de todos os demais consocios e os votos que fazemos pela sua felicidade.

Domingos Guarezi
VICE - PRESIDENTE

Frederico Cataneo
1º. SECRETARIO



Nesta casa branca foi fundado o Clube Recreativo "7 de setembro", em 1938. Os moços estavam esperando as moças para iniciar a domingueira.



Dia de domingueira no Clube Recrativo "7 de Setembro ", em Treze de Maio. Quando os moços estavam tirando esta foto, as gatinhas chegaram perto. Nos fundos se vê a 1ª Igreja de Treze de Maio.



Algumas moças de Treze de Maio num carnaval animado. Esta foto eu tirei em 1939.
Da esquerda para a direita:
4ª - Nair Fretta Ghisi
Última - Natália Fretta Ghisi.



1º aniversário do Clube Recreativo "7 de Setembro"
de Treze de Maio.1939.



Nesta Casa foi fundado, em 1938, o Clube Recreativo
"7 de Setembro", Clube dos Imigrantes.

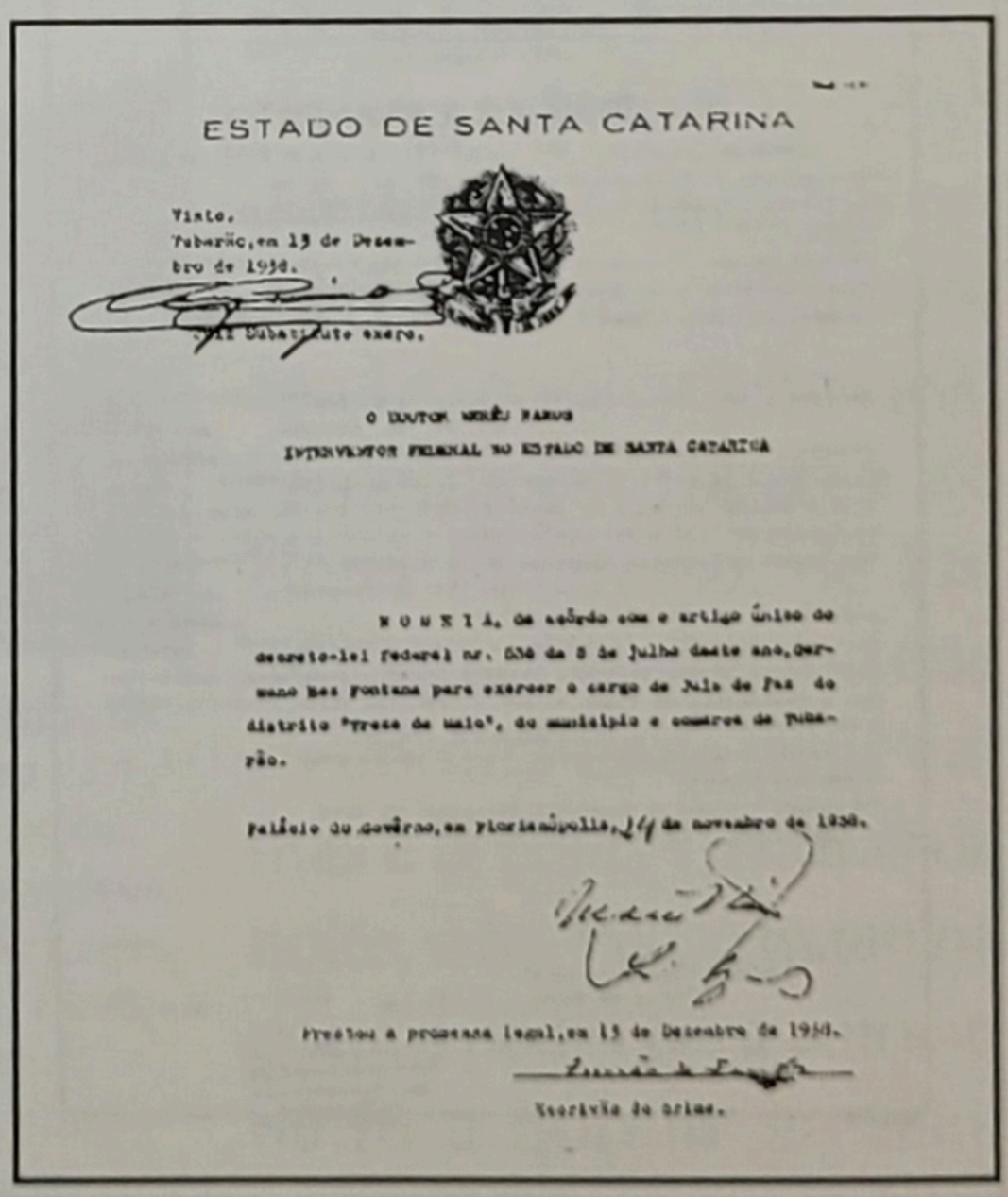
Orquestra -

Da esquerda para a direita, sentados: com o violino Otávio Bez Fontana; com a bateria, Olavio Damian Preve.
Em pé: com o pandeiro, Ismael Damian Preve; com o violão, eu; com o requinta, Braz Francisco de Assis; com o cavaquinho, Alfredo Bez Fontana e com o violão, Tibério Nandi. Na frente, o menor com as notas musicais.

Capítulo 20

Juiz de Paz

Dia 24 de novembro de 1938, fui nomeado Juiz de Paz. Prestei a promessa legal, em 13 de dezembro de 1938. Depois de mais de um ano e meio, descobrimos que eu não podia ser Juiz de Paz, porque não tinha idade, pois um Juiz só podia ser nomeado com mais de 25 anos de idade e eu estava com 23 anos. O jeito foi arrumar outro. Enquanto Juiz de Paz, acompanhei o escrivão, Sr. Dante Ghisi, em muitos casamentos que ele fazia. Num desses casamentos, após a assinatura do livro e os noivos estarem casados, o dono da casa nos convidou para o almoço. Naquele tempo não se usava fazer churrasco, mas sim almoço. Fomos almoçar e veio uma sopa com arroz. Eu que gostava muito de sopa, peguei um meio prato e comecei a tomar e na primeira colherada custei a engolir, pois tinha um gosto diferente das sopas comuns. Para deixar a sopa no prato, achei que fazia des-



ESTADO DE SANTA CATARINA

Visto.
Tubarão, em 13 de Dezembro de 1938.

O DOUTOR MERÉU RAMOS
INTERVENTOR FEDERAL NO ESTADO DE SANTA CATARINA

NOMEIA, de acôrdo com o artigo único do decreto-lei federal nr. 536 de 8 de julho deste ano, Germano Bos Fontana para exercer o cargo de Juiz de Paz do distrito "Praia de Naia", do município e comarca de Tubarão.

Palácio do Govêrno, em Florianópolis, 24 de novembro de 1938.

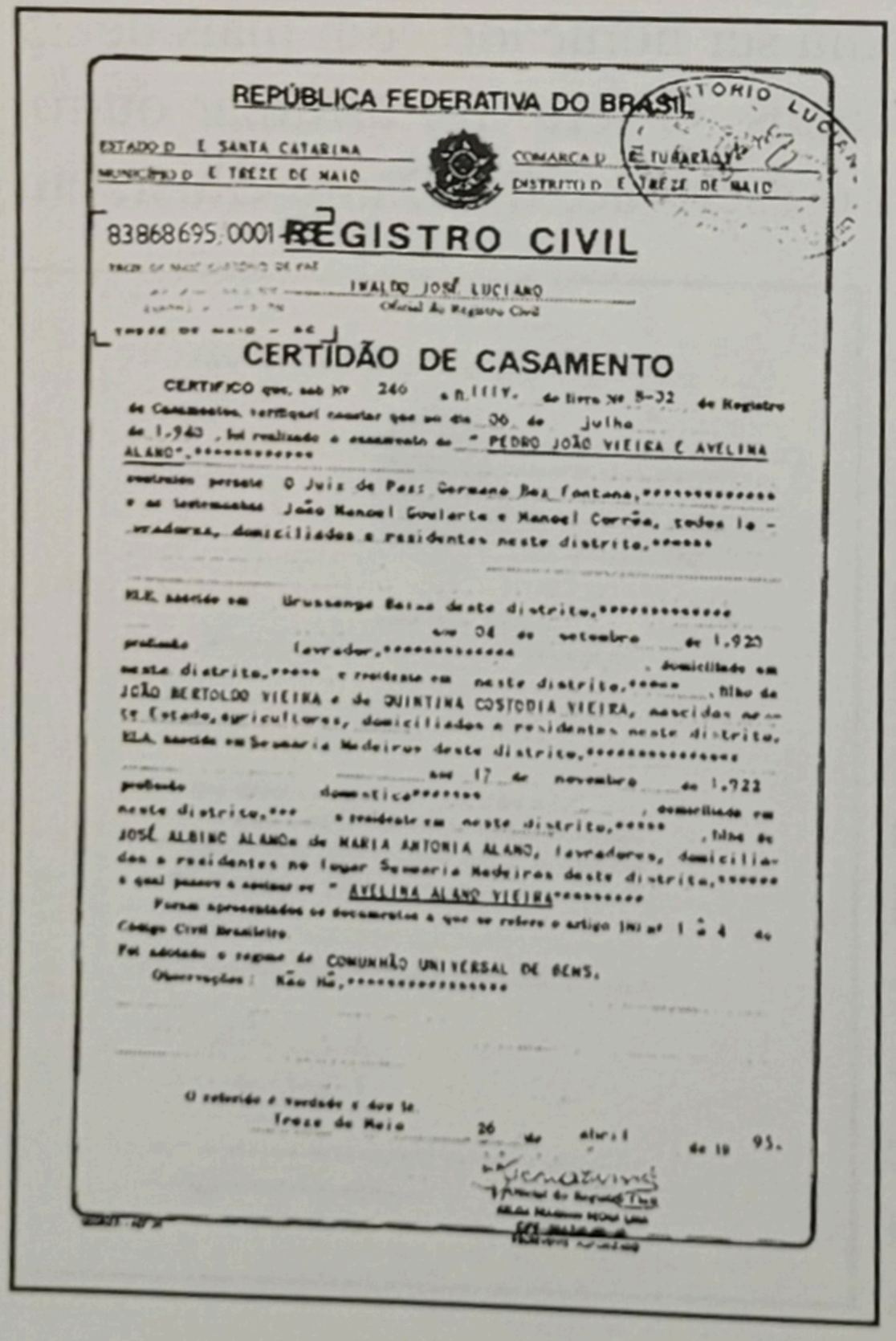
Prestou a promessa legal, em 13 de Dezembro de 1938.

Escrivão do Crime.

feita e então, tomei. Fiquei com o estômago embrulhado de tal maneira, que não sabia o que fazer. Na sopa, notei que tinha uma sementinha, mas não sabia o que era. Terminado o almoço, eu com o Sr. Dante Ghisi, montamos à cavalo e viemos embora. Na estrada, contei ao Sr. Dante que estava com o estômago embrulhado e que foi por causa daquela sopa que tinha uma sementinha dentro. Ele me falou que aquela sementinha, era um tal de cominho e depois daquela vez, quando viajava e ia almoçar num restaurante que tinha comida temperada com o tal cominho, eu pagava o almoço e saía pela porta afora. Depois procurava outro lugar par almoçar. Até hoje, não posso sentir o cheiro da dita sementinha.

História de dois Juizes de Paz

Eu, autor do livro, como Juiz de Paz, casei o jovem Pedro João Vieira, em 6 de julho de 1940.



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

ESTADO DE SANTA CATARINA — COMARCA DE ITUPORANGA

MUNICÍPIO DE TREZE DE MAIO — DISTRITO DE TREZE DE MAIO

83868695 0001 REGISTRO CIVIL

IVALDO JOSÉ LUCIANO
Oficial do Registro Civil

Treze de Maio - SC

CERTIDÃO DE CASAMENTO

CERTIFICO que, sob Nº 240 a fls. 111v. do livro Nº B-32 do Registro de Casamentos, certificou constar que em dia 06 de julho de 1.940, foi realizado o casamento de " PEDRO JOÃO VIEIRA E AVELINA ALANO".

contraentes presente O Juiz de Paz: Germano Boz Fantana,
e as testemunhas João Manoel Goularte e Manoel Corrêa, todos lavradores, domiciliados e residentes neste distrito,

ELE, nascido em Urussanga Baixa deste distrito,
em 04 de setembro de 1.920
profissão lavrador, domiciliado em
neste distrito, e residente em neste distrito, filho de
JOÃO BERTOLDO VIEIRA e de QUINTINA COSTODIA VIEIRA, nascidos no
Estado, agricultores, domiciliados e residentes neste distrito,
ELA, nascida em Sumaria Medeiros deste distrito,
em 17 de novembro de 1.923
profissão doméstica, domiciliada em
neste distrito, e residente em neste distrito, filha de
JOSÉ ALBINO ALANO de MARIA ANTONIA ALANO, lavradores, domiciliados e residentes no lugar Sumaria Medeiros deste distrito,
e qual passou a assinar se " AVELINA ALANO VIEIRA"

Foram apresentados os documentos a que se refere o artigo INI nº 1 a 4 do Código Civil Brasileiro.

Foi adotado o regime de COMUNHÃO UNIVERSAL DE BENS.

Observações: Não Há,

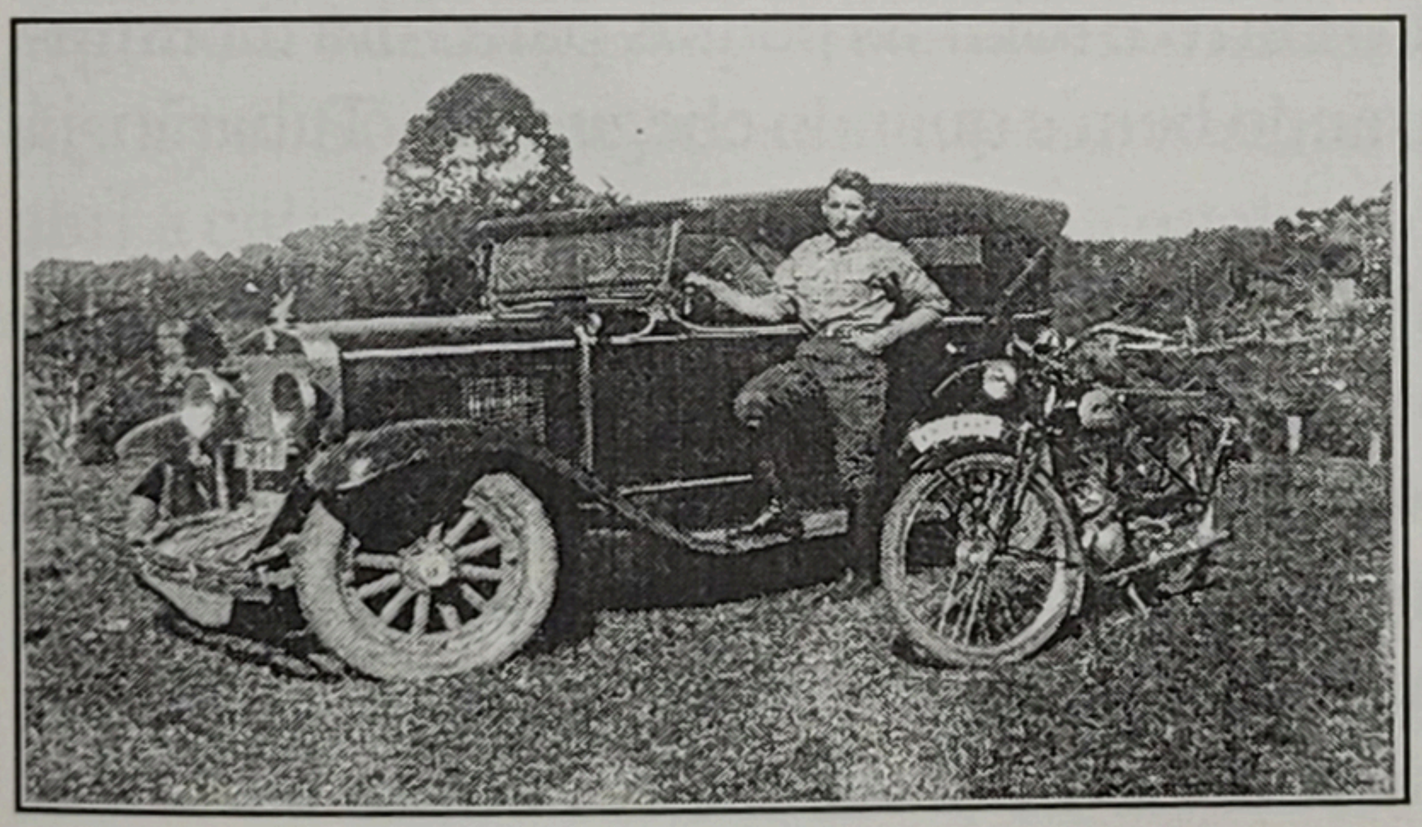
O referido é verdade e dou fé.
Treze de Maio 26 de abril de 19 93.

O pai de Pedro, Sr. João Bertoldo Vieira, como Juiz de Paz, me casou em 10 de julho de 1940, no mesmo cartório em Treze de Maio.

Capítulo 21

Compra de automóvel

Lá pela metade do ano de 1938, meu pai entrou em negócio com um automóvel de marca Chevrolet Ramona, motor 6 cilindros, fabricação 1929, rodas com raios de madeira, coberto com tolda, pela importância de quatro milhões e quinhentos mil réis (4.500$000). Eu, que já tinha aprendido a ser motorista lá no exército, um dia fui em Tubarão com meu pai, fechar o negócio. Como a transferência só podia ser feita no dia seguinte, meu pai resolveu deixar o dinheiro comigo e voltar para casa. Eu dormi em Tubarão, no Hotel Progresso, de Pedro Simon. No quarto que eu dormia tinha duas camas e lá pelas 10 horas da noite, o Sr. Pedro bateu na porta e pediu para colocar outro a dormir no meu



A primeira moto que meu pai comprou para a família, de marca Mielle, fazia 60 quilômetros com um litro de gasolina e era também tocada a pé. Era o nosso cavalo. O autmóvel, chevrolet Ramona, modelo 1929, 6 cilindros, meu pai comprou para a família quando eu voltei de Lages, do exército em 1938. A partir de 1942, o autómel ficou parado para por falta de gasolina, até terminar a 2ª Guerra Mundial, em 1945. Na foto eu estou com a farda do exército, do 2º Batalhão de Sapadores.

quarto, alegando que não tinha mais lugar. Disse-me ainda que era pessoa de confiança. Eu não achei bom, pensando no dinheiro, mas aceitei. Naquele resto de noite não dormi. No outro dia, fizemos a transferência do carro, encostei o Chevrolet na bomba manual de gasolina, que era do Sr. Severiano e estava instalada na beira do rio Tubarão, na rua Marechal Deodoro, enchi o tanque e vim embora.

Pedra na estrada

Todas as semanas, eu tinha doente para levar a Tubarão, ou mesmo buscar parteira e muitas vezes levar casamentos. Lembro-me de dois fatos lamentáveis. O primeiro, foi numa noite de sexta feira Santa, ao amanhecer para sábado. Eu fui levar o filho de Severo Cataneo, que estava doente, para Tubarão. Fui pela estrada do Sertão dos Corrêa e como era sexta-feira Santa e de costume, era noite de bagunça, encontrei centenas de pedras desde o Sertão dos Mendes até o Sertão dos Corrêa, pela estrada, cerca de 5 quilômetros, que a rapaziada tinha rolado. Foi a viagem mais trabalhosa que fiz. Eram duas horas da madrugada e eu tinha sempre que parar o carro e rolar as pedras para fora da estrada. o menino não estava passando bem e quando cheguei em Tubarão, já era dia.

Outro fato, foi quando precisei ir buscar a parteira, Sra. Antonina Búrigo Corbeta. Desta vez, pela estrada de Cubículo. Era um dia de chuva e as estradas estavam lisas. Foi preciso acorrentar as rodas do carro. Numa subida brava e lisa, fiz uma embalagem na segunda e o carro não venceu. Passei, ou melhor, tentei passar para a primeira, mas com a caixa seca, a marcha não entrou e o carro recuou. Encostei no barranco e os passageiros saltaram. Engatei numa primeira, arranquei o carro e subi o morro. Mas ao encostar no barranco, a corrente pegou no paralama e o arrancou fora, fazendo uma barulheira do diabo. O passageiro, meu companheiro, um tal de Vicentim, não queria mais embarcar, pois estava com medo. Então a Sra. Antonina falou para ele:

- Que nada, senhor, vamos embarcar, o motorista é prático, vamos salvar a sua nora.

E assim salvou a mulher. De madrugada, quando fui levar a Sra. Antonina de volta, foi conosco o Sr. Martinho Guarezi, para companhia. O tempo continuava de chuva. O carro tinha freio de varão, às vezes freava só numa roda. A gente muitas vezes arriscava a vida, para salvar os outros. Com o bom tempo as estradas eram boas, mas com a chuva era arriscado sair com o automóvel.

Caixa de Troca

Um dia fui a Tubarão com mais cinco passageiros. Na volta chovia muito e fui obrigado a acorrentar as rodas do carro. Quando cheguei no Cubículo, vi um atoleiro e em seguida tinha uma subida. Eu engatei uma primeira e sentei o pé no acelerador. Escutei um estouro e não pude mais engatar a primeira, só a segunda e a terceira. Dali para a frente, toda vez que chegava num morro os meus cinco passageiros tinham que descer do carro e eu embalava e subia na segunda. Meus passageiros, infelizmente, tinham que subir os morros a pé. Só assim consegui levar o carro até em casa. No outro dia, abri a caixa de troca e vi que tinha quebrado um dente da engrenagem da primeira. E agora? Ir buscar a peça aonde? Se fosse hoje, enchia de solda. Naquele tempo não tinha solda, não tinha mecânico, então, tentei fazer o dente eu mesmo. Comprei uma dúzia de serras para ferro e fiz um encaixe com elas. Gastei quase todas, pois o aço era muito duro. Encaixei um pedaço de aço e rebati dos dois lados para não se mexer e com a lima, fiz o dente. Montei a caixa e pronto. Nunca me incomodei.

Última viagem

Por causa da Segunda Guerra Mundial, não recebíamos mais gasolina e por isso o carro estava parado. Um dia vieram me chamar

para levar uma parente minha, que estava para ganhar família, para Tubarão, pois as parteiras daqui não tinham dado volta. Eu falei que não podia ir, porque só tinha gasolina para a ida. De meio dia eles voltaram novamente, pedindo por favor, que eu levasse a mulher para salvá-la. Ai eu falei:

- Vocês me arrumem gasolina que eu vou, senão meu carro terá que ficar em Tubarão.

E eles falaram:

- Leva a mulher e se não acharmos gasolina, nós o puxaremos com os bois, até em casa.

Eu disse:

- Vamos tentar.

Eu levei a mulher e ela foi salva. O doutor Otto ainda me arrumou um atestado, para que eu conseguisse um pouco de gasolina para a volta. Fui na prefeitura e lá não tinha gasolina, mas mandaram que um fiscal me acompanhasse nas casas, onde algumas famílias tinham guardado gasolina para o isqueiro e conseguimos arrumar uns dois litros. Tentaria voltar e se a gasolina não fosse suficiente, teríamos que puxar o carro com os bois. Mas, graças a Deus, deu para chegar em casa. Esta foi a última viagem que fizemos com ele. Depois, foi botado o carro em cima de quatro caixões, para não estragar os pneus. Ele ficou ali na garagem até o fim da guerra, em 1945, quando o vendemos por CR$ 6.000,00.

Músico

Em janeiro de 1940, combinamos com uma turma de moços formar uma pequena banda de música. Cada um comprava seu instrumento, que eram os seguintes: um trombone, um pistom, um clarinete, cavaquinho, violão, uma requinta, um bombo e um tamborim. Contratamos um mestre de Tubarão, o Sr. Bertoldo Brodbeck, para nos ensinar a música. Todos os domingos ele vinha para Treze de Maio,

até que um dia, foi marcado para nós irmos a Tubarão. Eu, por motivo particular, não pude ir, mas os outros foram. O pagamento para o mestre, nós dividíamos em partes iguais, mesmo que não fôssemos à aula. Na segunda-feira, à noite, como era de costume, fomos ensaiar juntos. Acontece que um dos meus companheiros, Ismael Preve, negou-se a me entregar a nota que o mestre me mandou. Eu tocava clarinete e sem a nota não podia ensaiar. Houve então discussão, pois insisti para que me entregasse a nota, já que os pagamentos eram iguais. Ele não me entregou e foi contra os companheiros que queriam que ele me desse a nota. Aí o jeito foi eu me retirar e sair do grupo.

Orquestra

Depois de sair da banda de música, eu, meus irmãos Gentil e Alfredo, meu primo Hugo Trento, o Sr. Vergínio e o filho Braz Moreira, resolvemos formar uma orquestra. Eu com meus irmãos compramos os instrumentos que nos faltavam, como bombo, rufo e um par de pratos de bateria, um pandeiro com tarraxa, um banjo cavaquinho com estojo, tudo niquelado, pela importância de seiscentos e trinta mil e trezentos réis (630$300). Além desses instrumentos, tínhamos ainda um clarinete, um requinta, violão, cavaquinho e tamborim, que eu mesmo fazia. Tocamos em muitos bailes, depois eu e meus irmãos casamos e vendemos alguns dos instrumentos. Eu fiquei com o clarinete e um violão que

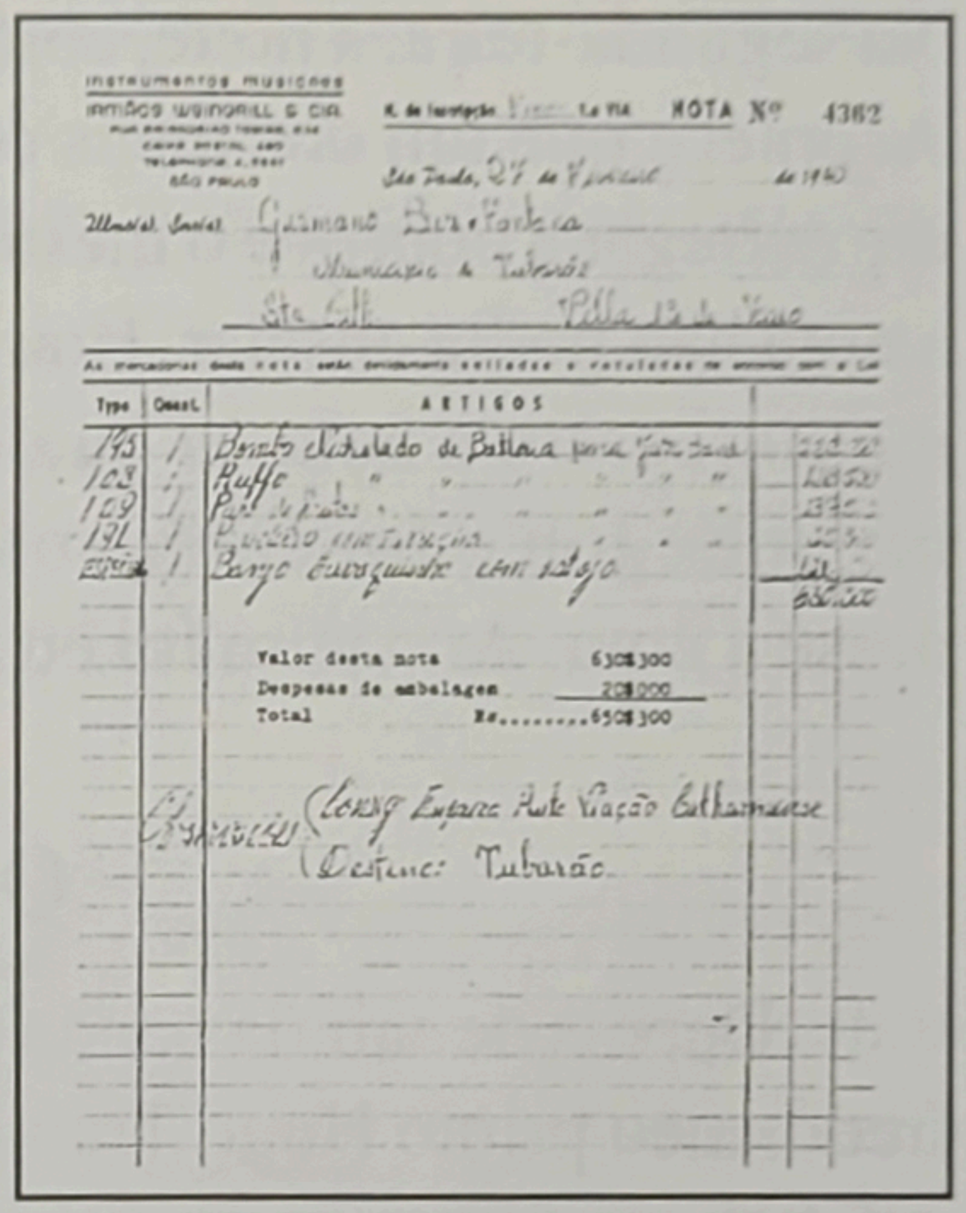


Jazz-Band Cacique, a segunda orquestra de Treze
de Maio. Da esquerda para a direita: de banjo cavaquinho, Hugo Trento; na bateria, Alfredo Bez Fontana; de banjo cavaquinho, Gentil Bez Fontana e de clarinete, Germano Bez Fontan.

ainda guardo como recordação. O nome do conjunto era Cacique e quem escolheu o nome foi Walter Zumblick, sendo que seu irmão Willy Zumblick foi quem o pintou, não cobrando nada por seu trabalho.



DEPARTAMENTO DOS CORREIOS E TELEGRAPHOS
SERVIÇO POSTAL
dos Correios e Telegraphos de
NOTA DE ENCOMMENDA
REGISTRADO N. PAGOU $
O abaixo assignado Irmãos Weingrill & Cia envia para
o Correio de Vila Treze deMaio Estado de Santa Catharina
ao Sr. Germano Bez Fontana
o seguinte Uma Clarineta sib.n-7 D.M.
(Assignatura e residencia do remettente) S.Paulo 24 de Julho de 19 39
Irmãos Weingrill & Cia
Rua Brigadeiro Tobias,634 n



INSTRUMENTOS MUSICOS
IRMÃOS WEINGRILL & CIA.
CAIXA POSTAL 490
TELEGRAMMAS "WEINGRILL"
SÃO PAULO
N. de inscripção 1ª VIA NOTA Nº 4362
São Paulo, 24 de Julho de 1939
Illmo.(a) Senhor(a) Germano Bez Fontana
Municipio de Tubarão
Sta Cath. Praça 13 de Maio
As mercadorias desta nota serão devidamente collados e rotuladas na entrega aos Srs. Correios

Type	Const.	ARTIGOS	
193	1	Bonito Sibelado de Bellara para [illegible]	210$000
103	1	Ruffo " " " "	140$000
109	1	Pé de prato " " " "	130$000
191	1	Pandeiro Internacional	20$000
Extra	1	Banjo Europeu com estojo	150$000

Valor desta nota 650$000
Despesas de embalagem 200
Total Rs..... 650$300

Via Estrada Rodagem Viação Catharinense
Destino: Tubarão

Casamento: como nos conhecemos

A Felícia morava na sede de Treze de Maio e eu morava a 1 quilômetro de distância. Eu a conheci na escola noturna, que era paga pelos nossos pais, escola esta que durou apenas duas semanas, pois os pais das meninas não deixaram mais elas freqüentarem a escola. A Felícia tinha doze anos e eu, dezenove. Nós conversávamos muito, como amiguinhos. Quando ela fez dezesseis anos, uma comissão de senhoras a escolheu para ser a primeira rainha do Clube Recreativo "7 de Setembro", que foi fundado em 7 de setembro de 1938. Depois, foi tirado uma foto da primeira diretoria do clube, junto à primeira rainha. Era também a primeira rainha escolhida no distrito. Eu, como fundador do clube, tirei a foto ao lado dela e a nossa amizade foi aumentando. Mas para ela não faltava namorado e também para mim, não faltava namorada. De vez em quando ela dava uma escapadinha com outras amigas, para dar um passeio com o meu automóvel Chevrolet Ramona, modelo 1929. E a amizade continuava

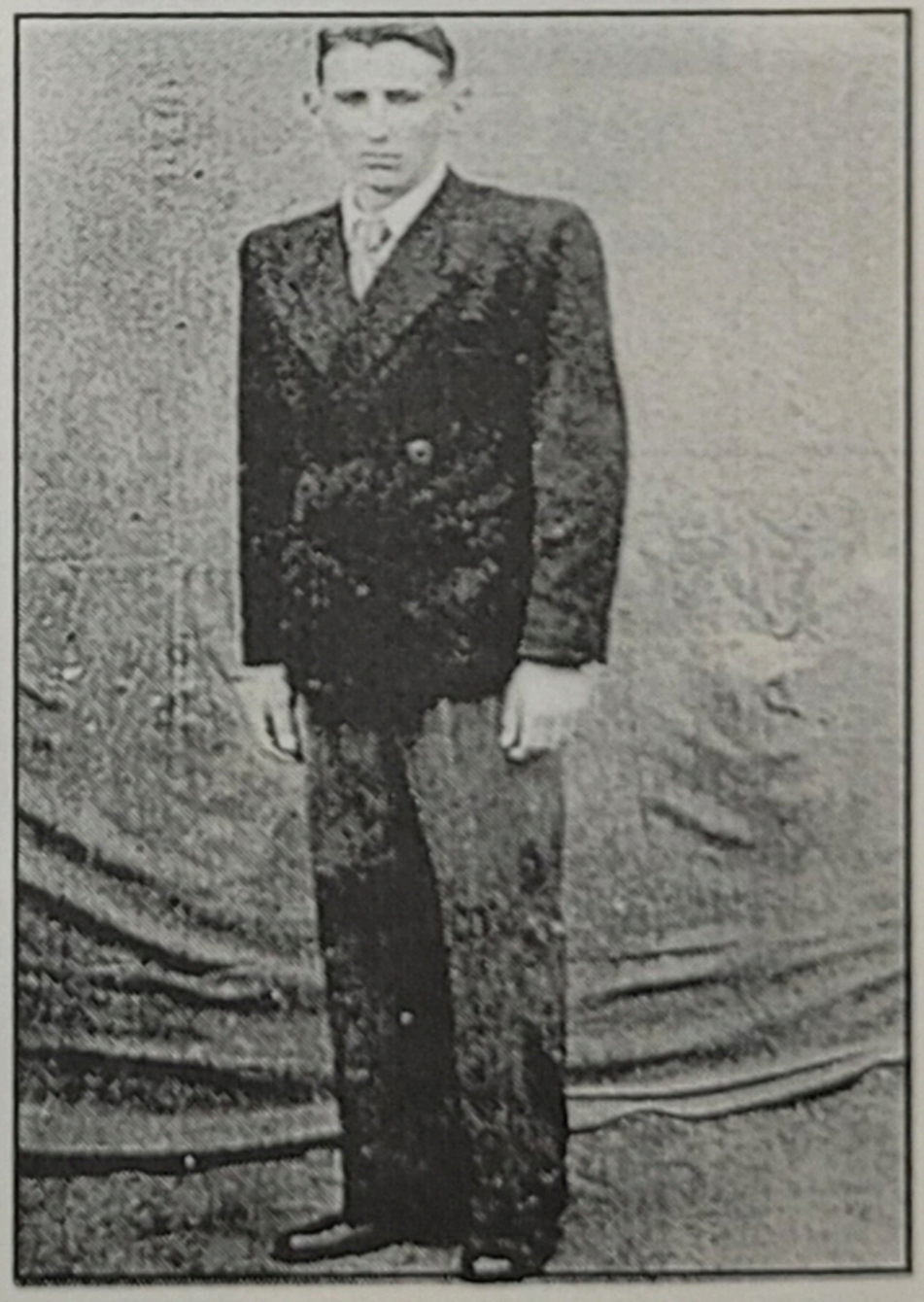


Felícia Dandolini fez 15 anos em 31-07-1937, sábado. No domingo bati esta foto atrás do salão e bar do meu tio Pio Trento, onde hoje está o clube. A árvore, nos fundos era um grande espinheiro e eram 6 horas da tarde

aumentando cada vez mais, até que no domingo, dia 14 de janeiro de 1940, firmamos namoro. Dia 10 de fevereiro, um sábado, fui a um circo com ela e no dia 13 do mesmo mês, um cinema no clube, onde houve um pequeno incêndio. Por acaso, um funcionário do cinema tocou com um cigarro nas fitas que estavam em cima da mesa e elas pegaram fogo, levantando uma labareda que foi até no forro da casa. A máquina virava a carboreto e o Sr. Luiz B. Fontana, que estava perto, pegou o balde do carboreto com água e jogou em cima do fogo, apagando-o. Ficamos todos no escuro, houve gritos e correria. Quando voltou tudo ao normal, o Sr. Luiz B. Fontana disse:

- Os idosos correram, mas a rapaziada que estava com as namoradas, aproveitou a escuridão.

No dia 21 de abril, já passeava em sua casa. No dia primeiro de junho noivamos e em julho, casamos na Igreja de Pedras Grandes. O casamento no civil foi feito no dia 10 de julho. Quando casamos, ela estava com dezessete anos e eu com 24. Em 1965 fizemos o Jubileu de Prata, 25 anos de casados. A festa aconteceu em minha casa, com trezentos convidados. Foi rezada uma missa em São Gabriel. Em 7 de julho de 1990, sábado, fizemos a comemoração das Bo-



Quando completei 22 anos, em 1937, tirei esta foto. Eu não pensava que ia casar-me com a Felícia. Eramos apenas amigos

das de Ouro (50 anos de casados), com uma missa na Igreja Matriz de Treze de Maio e com um banquete no salão de festas da Igreja Matriz, com trezentos e trinta convidados. Toda a família esteve reunida: filhos, genros, noras e netos. Uma belíssima festa, que foi filmada.





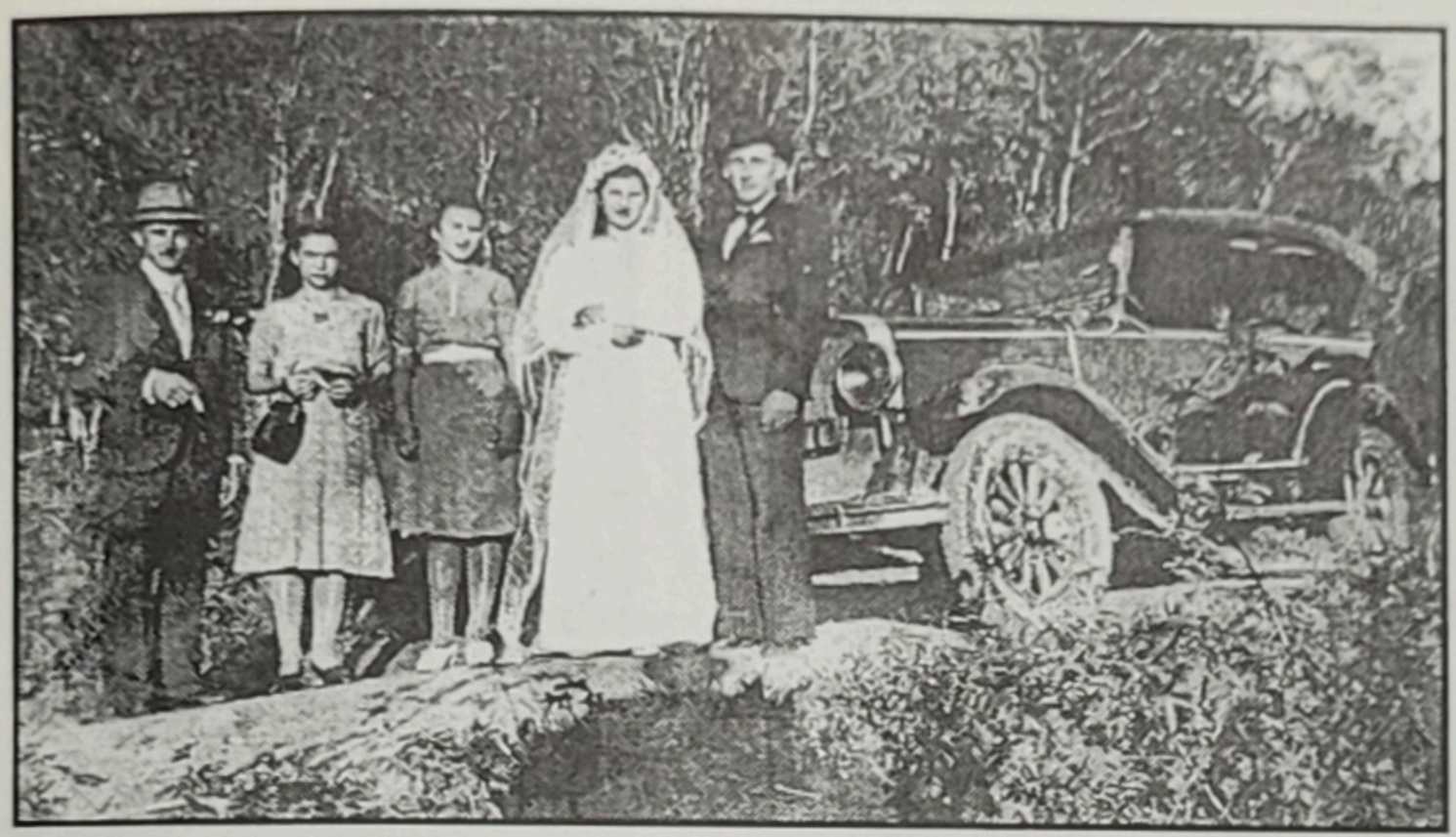
Aos domingos, quando tirava o automóvel da família da garagem e ia dar uma volta com a Felícia, junto com as amigas dela, eu levava a minha máquina fotográfica e nós dois batíamos uma foto. Nas duas ocasões acima, nós éramos apenas amigos.



Eu, Felícia Dandolini, Unizia Bez Fontana e Divino Guarezi



Otília Carara, Felícia Dandolini e Amabilie Carara



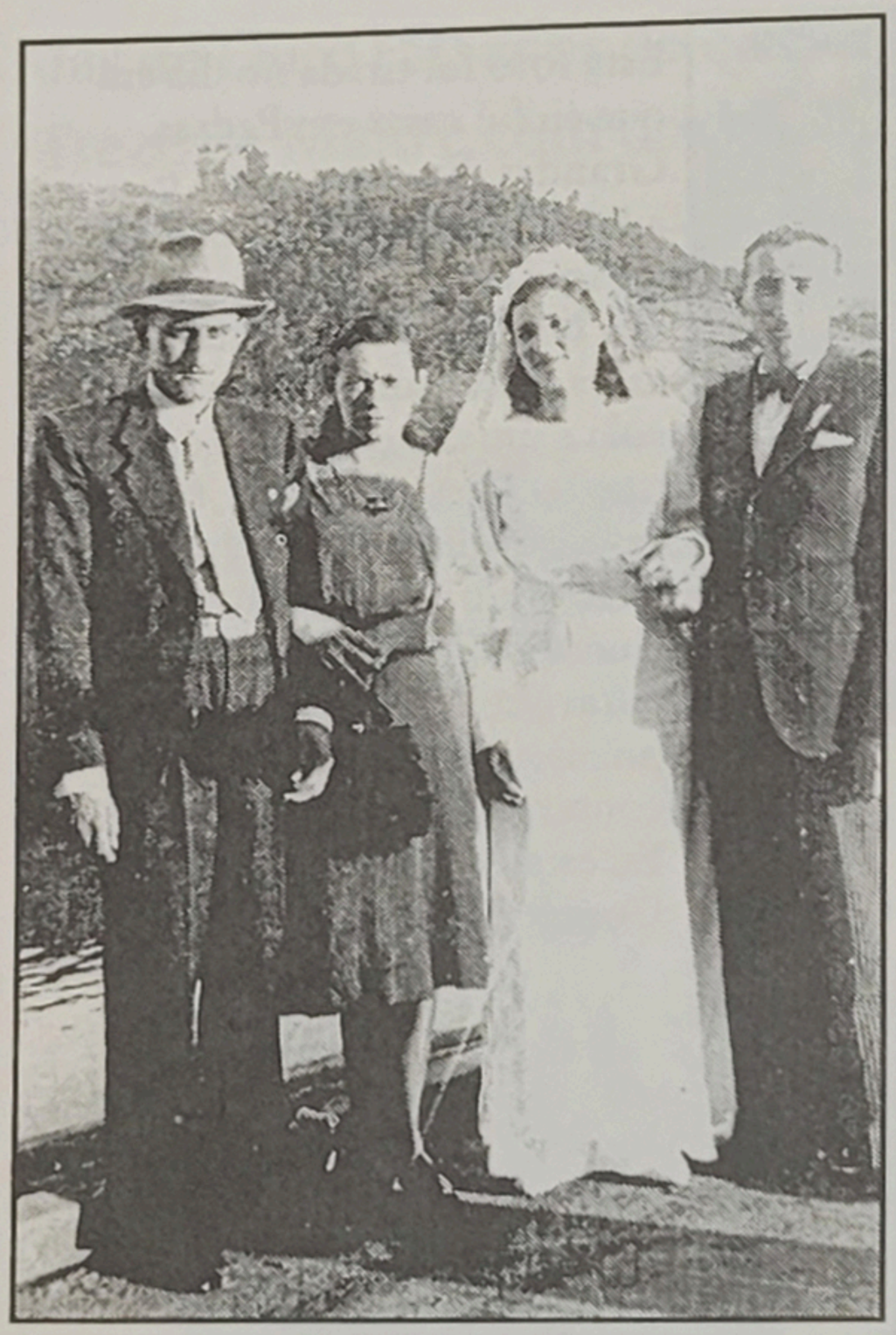
Esta foto foi tirada no dia em que eu fui casar em Pedras Grandes. Eu estava com o automóvel da família, onde eu mesmo era o motorista. Antes de sair botei dentro do carro uma caixa de ferramentas, remendos, cola e uma bomba para encher os pneus. Tinha que levar tudo de casa, porque na época, nas estradas, não se encontrava ajuda, a não ser buracos que não faltavam. Se furasse um ou dois pneus, tinha-se que fazer o conserto lá na estrada mesmo. Eu estava preparado para isto. Coragem não faltava.



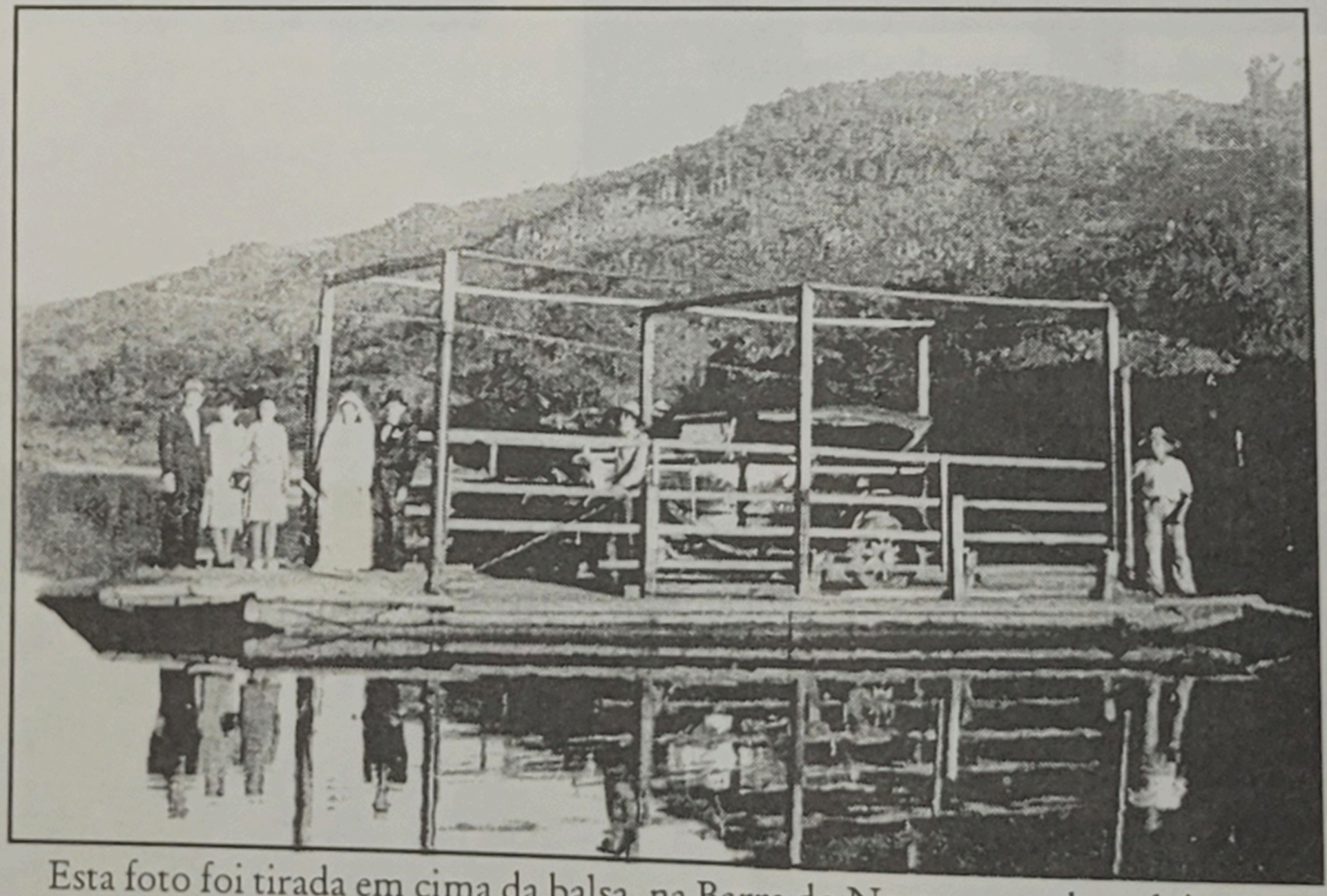
Esta foi foi tirada depois do meu casamento na Igreja, em Pedras Grandes



Foto tirada após o meu casamento. Da esquerda para a direita: Hugo Trento, Otávio Bez Fontana, Silvina Magagnin, Felícia Dandolini Bez Fontana, eu e Aulina Dandolini



Depois do casamento, junto com meu
primo Otávio Bez Fontana e
sua namorada Silvina Magagnin.



Esta foto foi tirada em cima da balsa, na Barra do Norte, quando voltávamos do meu casamento. Interessante é que nossa imagem ficou refletida na água. Na ida fomos pela estrada da Guarda, que era quase intransitável e na volta, aconselharam-nos a atravessar o rio Tubarão pela balsa da Barra do Norte e descer pela margem esquerda até Tubarão.



Felícia e eu, em 1965.
25 anos de casamento



Eu, minha mulher Felícia e os filhos, no dia da comemoração das Bodas de Prata. Da esquerda para a direita: Gilberto, Valfrido, Germano (no sofá), Valmíria e Neiva.

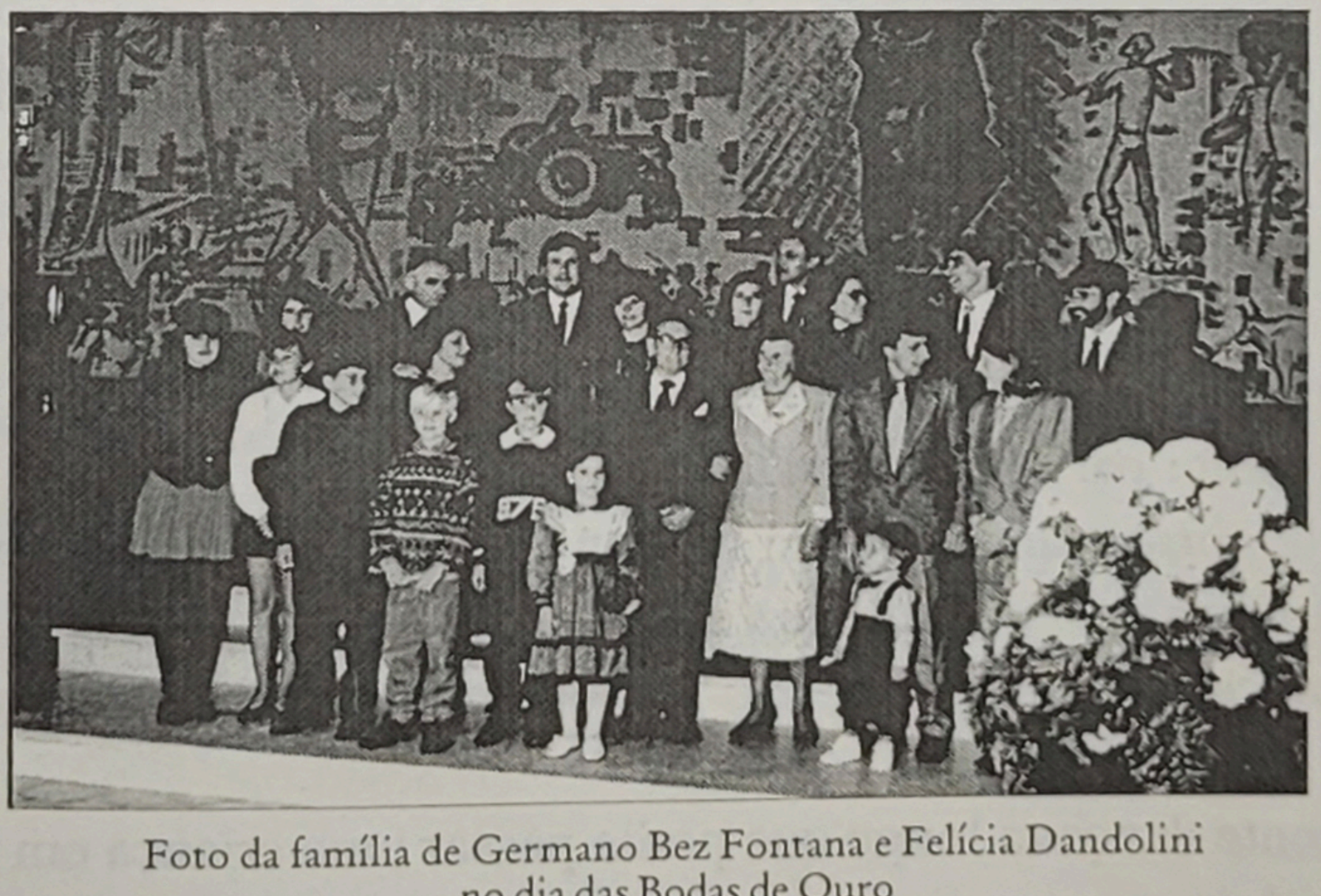


Foto da família de Germano Bez Fontana e Felícia Dandolini
no dia das Bodas de Ouro

Como a gente namorava

O animador Sílvio Santos, na tevê de hoje, dá o binóculo para os moços e moças namorarem.

Naquele tempo, nós namorávamos sem binóculo. Nós íamos aos bailes ou domingueira, ficávamos num canto da sala e as moças no outro.Quando a música tocava nós tirávamos as moças para dançar. Depois quando arreávamos o par, nós íamos para o nosso lado e as moças para o lado delas. Não podíamos ficar conversando no meio do salão.

Quando a gente arreava o par, ficávamos olhando para as moças e elas faziam o mesmo. De vez em quando a gente achava uma que queria namorar. Aí a gente ia tirar ela para dançar, mas não podíamos dançar só com uma moça, tínhamos que dançar com outras também.

As moças também não podiam negar par, mas uma ou outra negava. Quando o moço ficava quieto, não acontecia nada, mas se ele botava bronca, o baile acabava até que acabasse a discussão. Se a moça negava par duas ou três vezes, estava sujeita a ser retirada do salão, dependendo do dono da casa. A gente tinha que dançar com respeito, senão o dono da casa botava a gente para fora do salão.

Eu lembro quando fui um baile na casa de Virginio Vitorassi. Ele comandava o baile e de vez em quando dizia:

- Dançar com respeito, não se pode encostar nas tetinhas das moças.

A gente dançava longe que podia passar uma criança em pé no meio dos dois.

Eu ainda lembro quando dançamos um carnaval em 1939, o baile foi no Clube Recreativo 7 de Setembro. Nós éramos em dez moços e dez moças, cada um com seu par. Não lembro a



Carnaval, em 1939, em Treze de Maio

moda que cantávamos, só que estávamos fantasiados conforme mostra na foto.

Lá do Lageado o Salvato trouxe vinte moços, todos fantasiados. O Salvato cantava um verso e nós respondíamos todos juntos, assim:

- Vamos começar de novo, vamos começar de novo, que esta não prestou. Assim o baile amanheceu e ainda desfilamos na praça, já com o sol brilhando. Foi o carnaval mais animado de Treze de Maio.



Lança-perfume, usado no carnaval de 1935 a 1940.

Outras modas

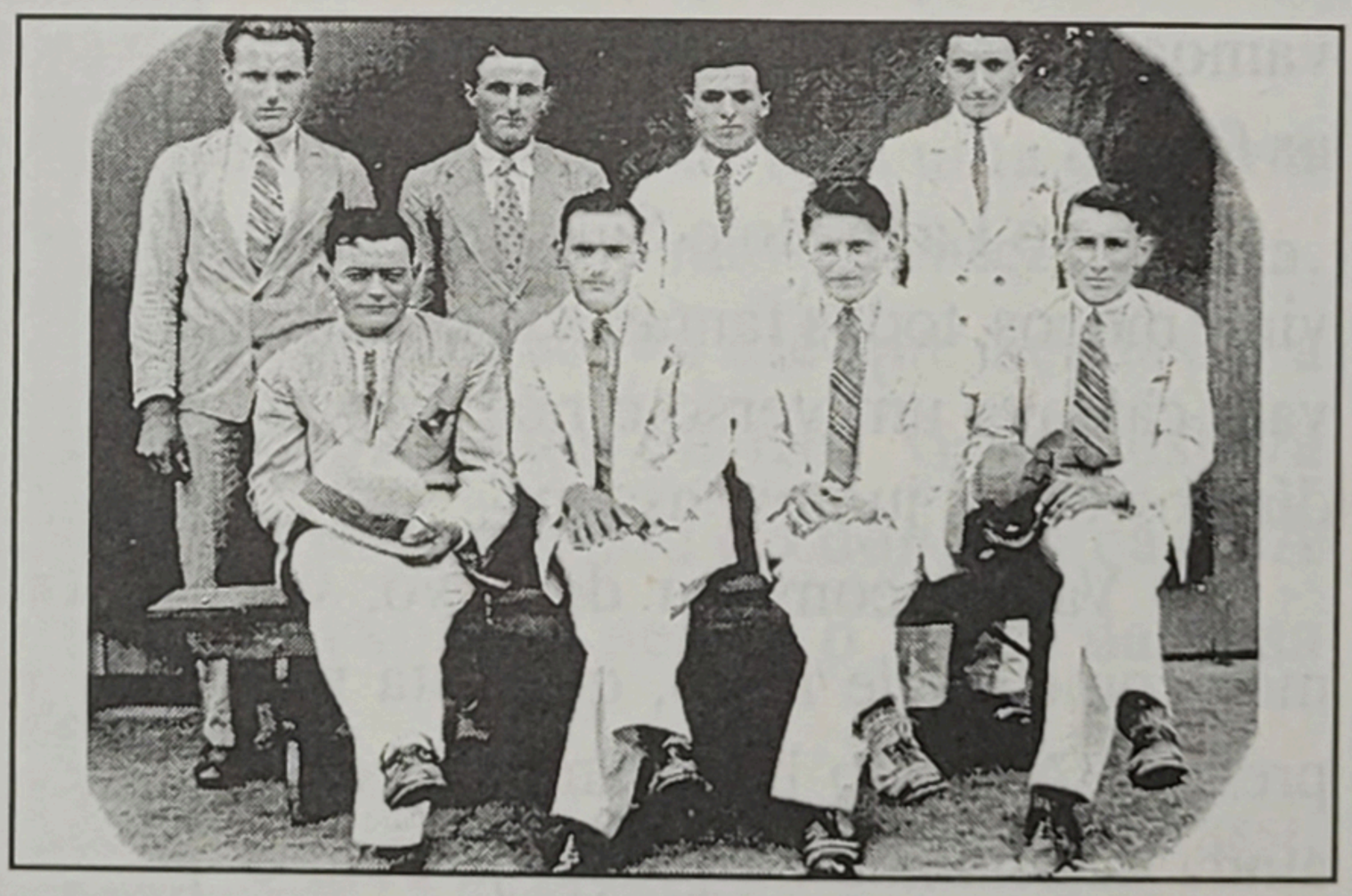
No carnaval de Lages, em 1938, os blocos de lá cantavam: a tiroleza, a catalunha, a columbina, a camélia caiu do galho.

Aqui no nosso lugar eu recordo que os gaiteiros tocavam aquela moda bonita: "quebra quebra gabiroba, quero ver quebrar, quebra lá que eu quebro cá, quero ver quebrar". E a gente arrastava o pé até amanhecer.

Tempo das namoradas

Apesar de eu trabalhar com meu pai em média 12 horas por dia e no inverno até 18 horas, seis dias por semana, sempre sobravam os sábados a noite, domingos e dias santos de guarda, para ir a bailes, domingueiras e festas.

Na época era costume dos italianos quando casava um filho, convidar parentes e amigos para o casamento e em geral só os casais. Mas os noivos convidavam moços e moças para o baile, onde geralmente amanheciam.



Um grupo de amigos. Da esquerda para a direita, sentados: João Simoni, Severo Cataneo, Otávio Bez Fontana e eu. Em pé: Frederico Cataneo, Frederico Damian Préve, do terceiro não lembro o nome e Gildo Bez Fontana.

Depois da janta eu saía. Nos primeiros tempos eu saía a cavalo, depois de aranha, de bicicleta(ela tinha uma lanterna a carboreto dava para viajar bem de noite), depois de motocicleta, muitas vezes a pé e até de automóvel. Eu ia a quase todas as festas, pois naquele tempo haviam poucas. Eram tempos bons, que para mim não voltam mais.

Eu lembro que quando tinha festa lá em São Pedro, Urussanga, depois da missa o pessoal vinha todo para o salão do Cechinel, que ficava entre São Pedro e Urussanga Baixa, na margem esquerda do rio Urussanga.

Lá a gente almoçava um prato de macarrão com caldo de galinha tipo sopa, com queijo serrano ralado e tomávamos um copo de vinho colonial. Às duas horas começava a domingueira que ia até a noite, no mesmo salão. De vez em quando também aconteciam bailes e eu perdia poucos deles.

Lá eu namorava de começo com uma moça da família Cechinel, depois passei a namorar com uma moça que descia de São João, da família de Bona Portão, uma moça bem alta.

Quando tinha baile na Urussanga Baixa eu levava o meu cavaquinho de oito cortas que eu mesmo fiz e que tocava junto com a gaita para animar o baile. De vez em quando também tirava uma folga para dançar e aí eu namorava com outra moça da família Bergmann, que vinha de Cocal.

Certa ocasião fui tirar uma amiga dançadeira, começamos a dançar e a uma certa altura do baile animado, ela parecia que recebia um choque elétrico e se afastava de mim. Eu desconfiei que alguma coisa estava acontecendo, pois ela não costumava dançar assim.

Arriei o par e fui tocar cavaquinho junto com a gaita. Passei a mão por baixo do bolso da minha calça e levei uma espetada na mão que chegou a sair sangue. Fui verificar e descobrir que era uma corda de aço do meu cavaquinho, que eu tinha no bolso direito da minha calça. Saiu uma ponta para fora da calça e espetava na perna da moça.

Mais tarde fui tirar a moça de novo para dançar, contei o fato e pedi desculpas.

Quando ia ao baile no rio Coruja, namorava com a Vitorassi, que era uma moça alta e na Vila Maria eu namorava com uma De Pieri.

Em Boa Vista tinha a Marcon, uma moça baixinha e gorda. Esta até namorei muito tempo. No morro das Pedras eu namorava com a Spader, também alta. Eram todas de famílias muito amigas de meu pai.

No Lageado eu namorava com uma De Stefani, moça baixinha e muito bonita e com esta até fiz um carrete, como nós falávamos na época. Naquele tempo, depois da domingueira, a gente acompanhava a namorada até em casa, andando e batendo um papo. Muitas vezes quando era longe, a gente ia só até a metade da viagem, se despedia e voltava. Ela seguia em frente com as companheiras dela, a gente voltava e namorava com outra.

Naquele tempo, um moço que conseguisse comprar uma bicicleta era fácil de arrumar uma namorada. Para mim, que além da bicicleta tinha motocicleta e até automóvel, não faltava namorada.

Era, um tempo em que a gente não podia dar um beijo na namorada, pois se arriscasse não estava escape de ganhar um soco na cara. Naquele tempo, as moças que eram beijadas ficavam sujeitas a não poder entrar no clube. Mas com o tempo as coisas mudaram. Hoje beijo é moda.

Com estas oito moças que eu namorei, tenho certeza que podia ter dado em casamento, pois todas as meninas eram filhas de boas famílias.

Na sede, Núcleo Treze de Maio eu namorei primeiro com a Leni, filha de uma professora. Com ela fui até um cinema em Tubarão.

Em São Sebastião (antigo), que ficava embaixo dos morros na cabeceira aonde nasce o rio Caipora, a minha mãe não deixava eu ir as festas, porque na época era um lugar de muita briga.

Na Azambuja eu nunca fui uma festa, porque alguns colegas meus me contaram que as moças de lá reparavam muito nos moços que vinham de fora. Se não fossem bem trajados elas botavam um apelido e matavam o cara de pagode.

Na Santa Cruz, que a Igreja ficava no distrito de Treze de Maio e o salão de baile ficava numa residência no distrito de Azambuja, eu fui só uma domingueira. Como era perto da divisa, dançavam moços e moças de Treze de Maio e de Azambuja misturados. Foi uma do-

mingueira animada, a sala estava cheia de par dançando.

Na hora em que a gaita parou e nós arriamos o par, no meu lado esquerdo estava um Nandi, um moço de Boa Vista (distrito de Treze de Maio). Não lembro o nome dele, mas era da minha idade. A moça que estava dançando com ele, quando pararam de dançar, deu um soco na cabeça dele que quase caiu em cima de mim. Eu até levei um susto. Aí eu vi que as colegas seguraram a moça pelos braços, pois ela queria ainda avançar nele. Escutei quando ela disse:

- Foi pouco, precisava mais uns dois socos para ele aprender a me respeitar.

Não sei o motivo, o Nandi se retirou. Foi um exemplo para a gente se manter na linha. Eu dancei mais umas duas marcas e tratei de ir embora. Onde pertencia a Azambuja não estava para brincadeira.

Processado por não ter casado

As leis: as leis naquele tempo, para namorados, não eram brincadeira. Se um moço deixasse a namorada e ela fosse na justiça, mesmo sem prova, dizer que o moço devia casamento, ele tinha duas formas para resolver o problema: casar ou ir para a cadeia. Não tinha perdão. A maioria casava, alguns preferiam a cadeia. Hoje é tudo diferente, mesmo que a moça fique grávida, casa se quer.

Aqui na sede eu tinha outra namorada que por força queria casar comigo. Eu até namorei bastante tempo, mas não gostava dela. Conversava com ela na janela da casa, eu pelo lado de fora e ela pelo lado de dentro, sempre com respeito. Abraço e beijo nem falar, naquele tempo era assim. Mas ela fazia gato e sapato com os outros e eu não sabia de nada, era inocente. Pensava que ela, como menor de idade, usasse o mesmo respeito. Pobre de mim, como estava enganado. Era uma menina viva.

Um dia uma amiga minha, não suportando o que a minha namorada fazia escondida, alertou-me para o fato. Disse-me que eu me

cuidasse com minha namorada, que ela tinha amantes. Eu perguntei a minha amiga:

- Pode me dizer o nome deles?

- Posso, disse ela, se tu jurar de não dizer que fui eu que contei. Eu jurei e ela contou: são três os amantes que eu seu que ela tem. Um é um camarada da família, o outro é da própria família e o terceiro é um religioso. Eu até custei a acreditar. Mas ela me disse até o nome deles.

Primeiro encontro: o primeiro encontro que tive com minha namorada, após a conversa com a minha amiga foi no dia 31 de dezembro de 1939, domingo, na janela da casa, como era de costume. Eu, então, apurei a minha namorada de uma maneira que ela acabou falando a verdade: Deus deixa fazer, mas não ensina a esconder. Disse que era verdade o encontro com os três amantes, contou como fazia e até o lugar onde se encontrava com eles. Naquele dia eu não disse nada de vergonha. Esperei para esfriar um pouco a cabeça, me despedi dela e fui embora para casa pensando: eu não gosto dela. Agora apareceu o motivo para eu deixar dela.

Último encontro; dia 3 de janeiro de 1940 - quarta-feira. Eu falei para ela que tinha resolvido acabar com o nosso namoro e ela francamente concordou. Eu devolvi as cartas que ela me escreveu e ela também devolveu as cartas que eu escrevi durante o tempo do namoro. Me despedi pela última vez como namorado.



Felícia Dandolini, agosto de 1938.

No dia 14 de janeiro de 1940, firmei namoro com a Felícia Dandolini. Nós, como nos conhecíamos a mais de quatro anos, tirávamos muitas fotos juntos como amigos. A casa de Felícia ficava perto da casa da minha antiga namorada, de forma que uma podia ver a outra, de dentro de suas próprias casas. As duas eram muito amigas.

Nos dias 10 e 11 de fevereiro de 1940, eu com a Felícia e uma irmã dela fomos num circo que estava instalado na sede de Treze de Maio. No dia 13 do mesmo mês eu, Felícia e uma amiga fomos a um cinema no Clube Recreativo "7 de Setembro".

Pasquim: Aí começaram a fazer pasquim de cinco famílias que tinham moças e moços na sede, sendo que falavam de todas as moças da praça, menos da minha antiga namorada. Esta era uma santa para aqueles que faziam os pasquins. Eu calculo que fizeram isto para fazer eu voltar a namorar com ela.

Um dia vem a verdade: como diz o ditado "segredo de dois só matando um" alguém contou a verdade e espalhou-se na praça aquela conversa da minha antiga namorada com os três amantes, chegando no ouvido da família. Aí os pasquins pararam. O tiro saiu pela culatra. As conversas caíram fatalmente na família que fazia os pasquins.

Noivado: cinco meses depois, ou seja, em junho de 1940, acabei de noivar com a Felícia e marcamos a data para casar, isto em julho do mesmo ano. Quando o padre veio fazer uma visita na nossa Igreja "São José", em Treze de Maio, na hora da missa anunciou os pregões, onde eu e a Felícia íamos casar.

Em seguida: depois que correram os pregões na Igreja, que eu ia casar, contou o meu amigo Domingos Guarezi, que estava na cozinha da mãe da minha antiga namorada, onde ela, sabendo das conversas sobre sua filha com o camarada da família, teria dito para seu Domingos:

- Se a conversa fosse com o antigo namorado não era vergonha, mas com o camarada era uma vergonha.

Era mais uma prova que eu não devia nada. Diz também no processo contra mim movido, que o próprio pai quando perguntou para a filha se eu devia casamento, ela respondeu que não. Mas, dias depois, certamente a obrigaram a dizer que eu devia casamento, querendo assim limpar as conversas da filha e me assustar, para ver se

ainda me convenciam a casar com ela. Foi o último recurso que usaram.

O pai da minha antiga namorada foi em nossa casa falar comigo. Ele me disse que eu devia casamento para a filha dele e que eu devia casar com ela para acabar com as conversas. E se eu não quisesse casar, então ele movia um processo contra mim. Eu falei a ele que faziam mais de cinco meses que eu tinha terminado o namoro e nada devia para a filha dele. E que para casar, eu tinha a minha noiva. Ele montou a cavalo e saiu em disparada.

Exame no médico: no dia 19 de julho de 1940, levaram a moça para fazer exame com dois médicos, delegado, escrivão e duas testemunhas.

Minha intimação: no dia 20 de junho de 1940, eu fui intimado a depor na delegacia. Lá eu disse que nada devia para minha antiga namorada e que eu a deixei no princípio do mês de janeiro de 1940. Portanto, já faziam mais de cinco meses que eu tinha terminado o namoro com ela.

Testemunhas: no dia 24 de junho de 1940, levaram seis testemunhas a depor na delegacia, a maioria era camarada da própria família e nenhum provou que eu devia casamento. Alguns disseram que ouviram dizer, mas não se lembram de quem, um disse que fui eu que contei para outro, mas não tinha prova. Prova não tinham e faziam mais de cinco meses que eu tinha deixado dela e não devia nada. Depois que eu deixei dela, ela ainda namorou com outros moços.

Inquérito: no dia 26 de junho de 1940, o pai da minha antiga namorada requereu abertura de inquérito contra mim. O processo ficou transitando na justiça até o dia 30 de setembro de 1940.

Casamento: no dia 8 do mês de julho de 1940, data marcada, fui de automóvel em Pedras Grandes, casar com minha noiva Felícia Dandolini e no dia 10 da mesma semana casei pelo civil em Treze de Maio.

Mandado de prisão: no dia 30 de setembro de 1940, o Juiz assi-

nou o mandado de prisão e eu nem esquentei a cabeça. No dia 2 de outubro de 1940, fui me apresentar voluntariamente. Pensei: a cadeia é feita para homem. Lá só tinha um preso e ficamos batendo um papo. Pobre do Germano, passar a lua de mel na cadeia e ainda ser processado por ser querido. Mas não haveria de ser nada, um dia acabaria a minha sentença.

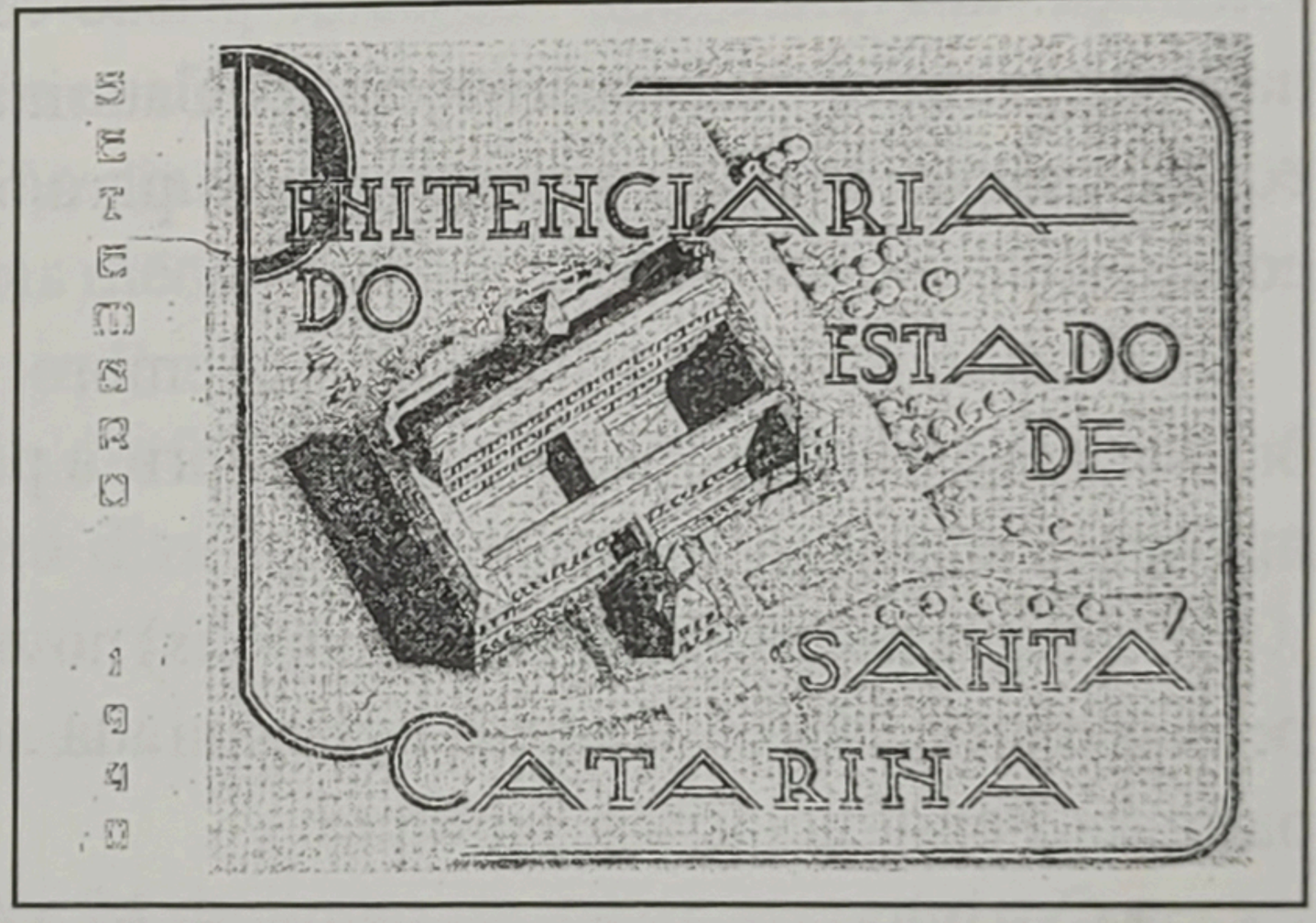
Sentença: no dia 30 de outubro de 1940, o Juiz deu a minha sentença: um ano e dois meses de prisão celular, para ser cumprida na Penitenciária do Estado de Santa Catarina. Dois meses a mais por eu ser casado. Mas há males que vem para bem. Foi o que aconteceu comigo.

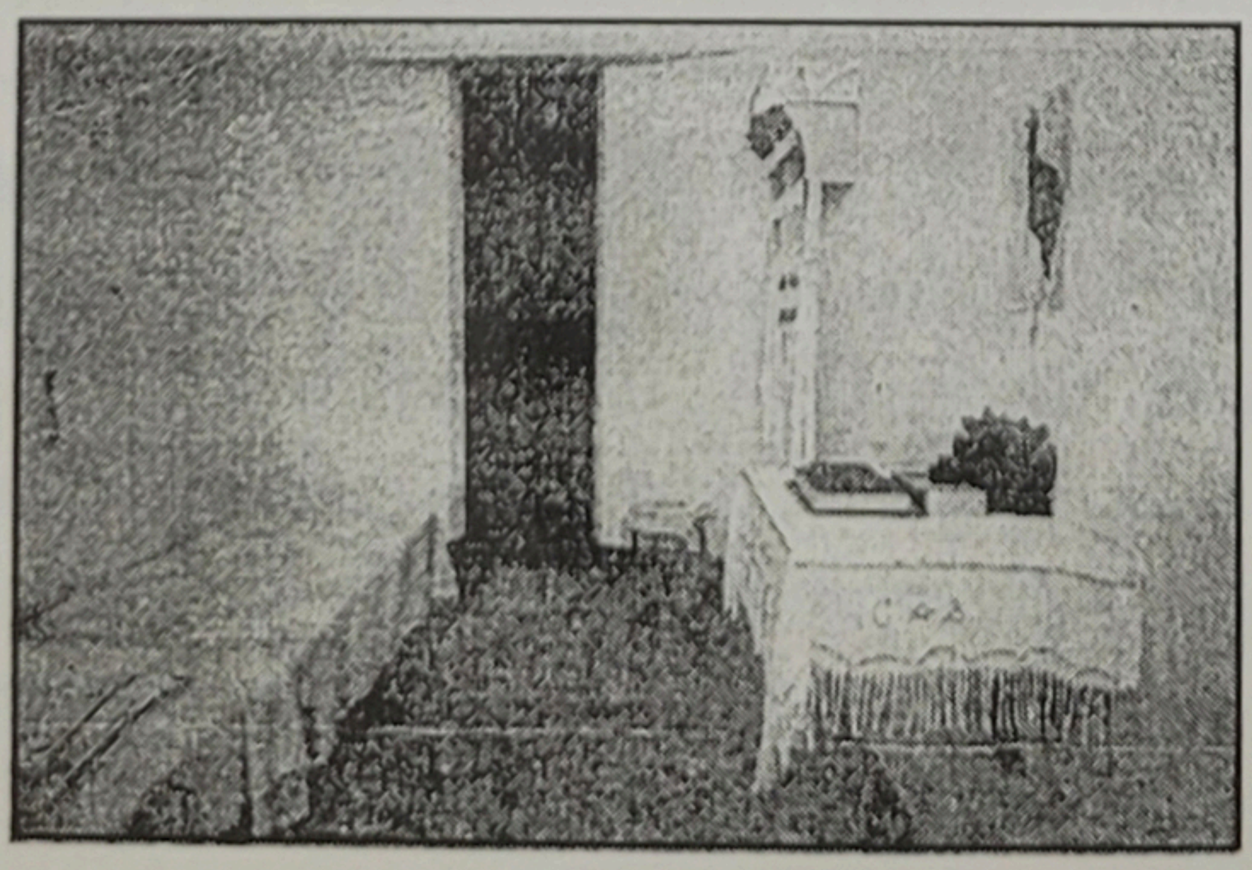
Florianópolis: no dia 14 de novembro, um soldado me levou de ônibus para Florianópolis, para cumprir a pena na Penitenciária. Ali melhorou e peguei o número 706.

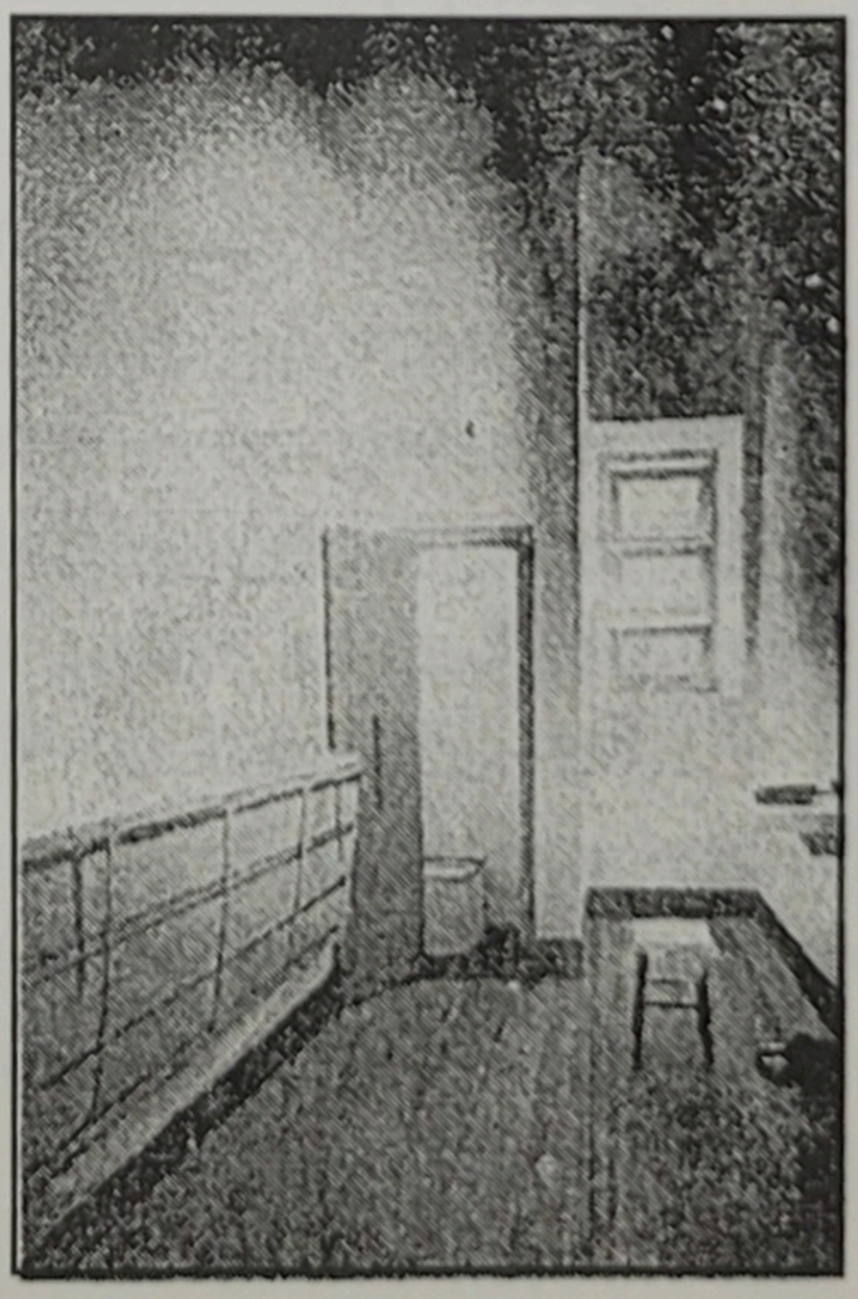
Uma penitenciária (Florianópolis) novinha em folha, construída pelo governo Nereu Ramos, toda murada ao redor. Veja foto. Fazia parte da Penitenciária o seguinte:

- Cozinha
- Padaria
- Farmácia
- Gabinete dentário
- Gabinete médico
- Gabinete de identificação
- Escolas
- Assistência espiritual
- Marcenaria
- Vassouraria
- Sapataria
- Oficina de vime
- Alfaiataria
- Encadernação
- Colchoaria

• Pátios de recreio
• Pavilhão penal (veja foto)
• Celas (quartos individuais onde tinha uma cama, uma mesa, uma cadeira, uma pia, cabide, um banheiro, duas janelas e assoalho todo de peroba e canela de primeira)
• Lavanderia
• Pedreira
• Vigilantes
• Vila operária
• Seção Agrícola
• Uma sala para o Diretor
• Uma sala para o Subdiretor
• Uma sala para o Secretário
• Copa para os funcionários almoçarem e outras coisas que não lembro.







No começo fui trabalhar na fábrica de vime. O mestre era um boa pessoa, muito companheiro e eu estava gostando muito do serviço. Era um passatempo, trabalhar junto com outros presos, cada um contava a sua história e lá todos eram inocentes.

No dia 13 de janeiro de 1941, veio uma ordem de surpresa para mim. Eu tinha que me apresentar na sala do Subdiretor e até levei um susto. O que será que tinha acontecido? O funcionário levou-me então à presença do Subdiretor, ele me cumprimentou e disse: - "Agora tu vai trabalhar aqui comigo como auxiliar de escrita". O nome do Subdiretor era Rubens Ramos e éramos todos do PSD. Aí sim, tinha carta branca para ir em qualquer lugar à serviço, dentro do muro. Eu era mais bem tratado ali do que nos três primeiros meses quando estive no exército.

Outra vantagem foi que eu passei a almoçar na copa junto com os funcionários. O meu serviço contínuo era cuidar da biblioteca. Eu tinha uma lista de todos os livros ali existentes e esta lista eu remetia aos presos, eles escolhiam um livro para ler durante a semana e mandavam para mim um bilhete, dizendo o número do livro escolhido. Aí eu tirava o livro da biblioteca e anotava num caderno. Eu remetia ou levava pessoalmente o livro para o preso. Quando acabavam de ler o livro, me devolviam e eu dava baixa. Depois eles podiam receber outros livros. Assim eu fazia com todos os presos.

Outra tarefa: eu tinha um estoque de selo de Correio na gaveta da minha mesa e todas as cartas que os presos remetiam para seus familiares e amigos, passavam pelas minhas mãos, abertas. Em seguida eu as entregava para o secretário, ele as lia e depois me devolvia. Após eu fechava as cartas, selava e remetia para o correio. As cartas que vinham do correio para os presos passavam também pelas minhas mãos. Eu abria as cartas e as entregava para o secretário ler. Em seguida ele me devolvia e eu fechava as cartas e mandava para os presos ou eu mesmo as entregava.

Quando o Subdiretor chegava, eu o atendia, levava e trazia

papéis. Muitas vezes eu saia fora da Penitenciária e ia fazer compras para ele, no almoxarifado e também podia comprar alguma coisa para mim. Lá no almoxarifado eu tinha uma reserva de dinheiro que eu ganhava com o meu serviço e que chamavam de pecúlio.

Junto comigo na mesma sala trabalhavam mais dois presos. Do meu lado direito trabalhava um alemão bem alto. A tarefa dele era copiar processos. Ao lado do alemão trabalhava um padre também preso e que também era alemão. Este era engenheiro, fazia plantas e orçamentos. Ele até fez uma planta do nosso Clube Recreativo "7 de Setembro" deTreze de Maio, para que pudéssemos fazer a nova sede quando eu voltasse.

O padre foi processado porque desenhou uma máquina para cunhagem da moeda "Centenário". Ele deu a planta para outro alemão que tinha uma oficina, para fazer a máquina escondido. Ele fez e levaram a máquina para um lugar reservado onde os dois cunhavam a moeda "Centenário" e trocavam no comércio. Isto até o dia em que foram descobertos e aí prenderam os dois alemães. O padre foi condenado a quatro anos e o alemão, mecânico, a dois anos.

Sala do Diretor: na sala do diretor trabalhava como auxiliar um colega meu, preso também por causa de uma namorada. Só que ele pegou um ano de prisão por ser solteiro e eu, por ser casado, peguei um ano e dois meses. Ele então gozava de mim, dizendo.

- Paga aí mais dois meses, por ter casado com a outra.

Nós não conhecíamos as leis, que diziam assim: até um ano de prisão tem que cumprir a pena. De um ano a dois meses tem direito de livramento condicional. E foi o que aconteceu comigo.

No dia 25 de maio de 1941, o Subdiretor deu informação favorável para o meu livramento condicional.

No dia 25 de junho de 1941, reuniu-se o Conselho Penitenciário e foi apresentado o parecer do meu livramento condicional, pelo Relator, posto em votação e eu fui absolvido por unanimidade, pelos cinco conselheiros presentes.

Aí eu me diverti e fui logo chatear o meu colega, dizendo:

- Não quisestes casar com a outra namorada, agora paga aí os teus doze meses.

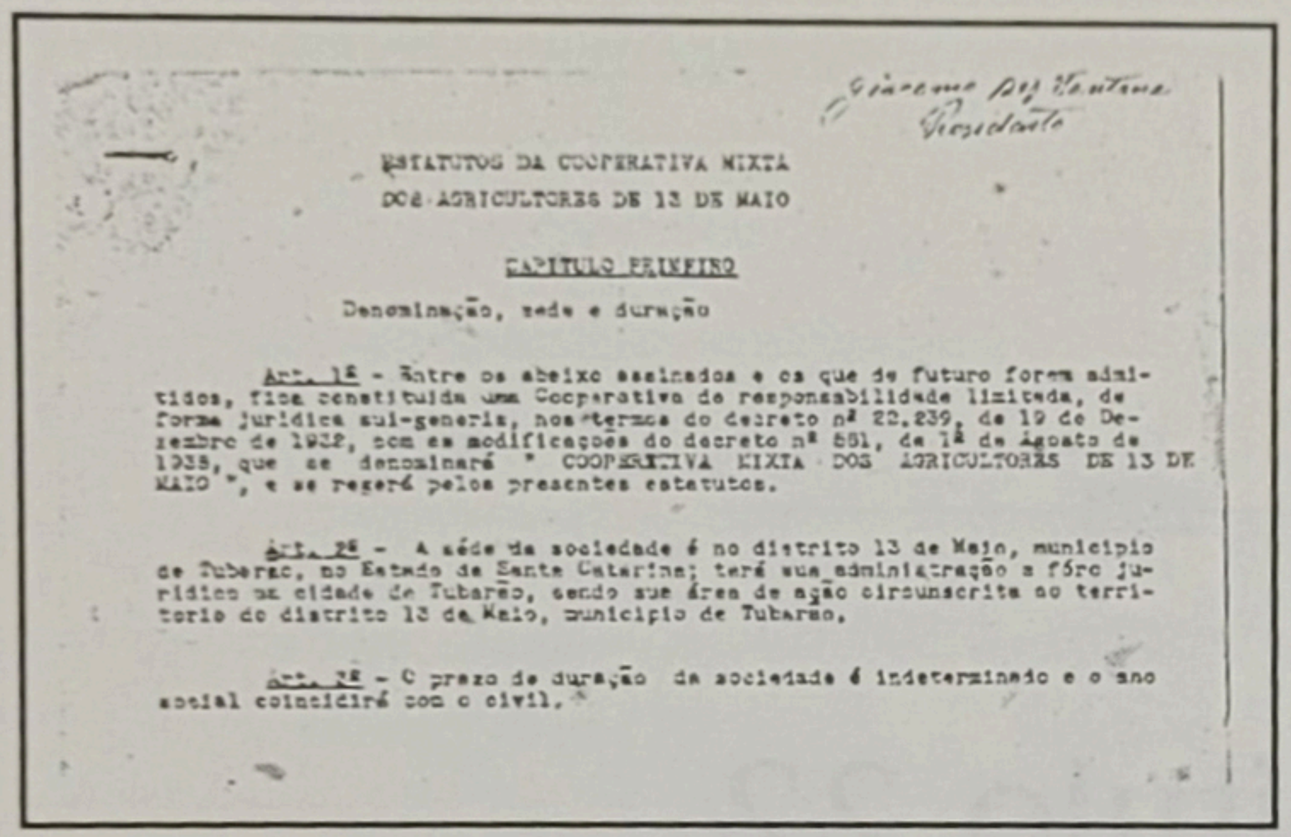
No dia 27 de agosto de 1941, fui posto em liberdade condicional, sendo que a minha pena terminaria em 2 de dezembro de 1941. Foi uma vitória.

No dia 28 de agosto de 1941, já estava em casa, junto com a família.

Capítulo 22

Cooperativa e Fecularia

No começo de junho de 1940, meu pai entrou em negócio para a compra de um terreno com uma queda d'água, situada no Rio Caipora. O terreno ficava na Sesmaria Medeiros, Vila de Treze de Maio. A proprietária era a Sra. Etelvina Carolina Pereira de Medeiros. No dia primeiro de julho de 1940, eu com meu pai medimos a queda d'água, que deu 12 metros de altura. No dia dois de julho de 1940 eu e meu pai fechamos negócio com o terreno, medindo 60.000m2 (sessenta mil metros quadrados) pelo preço de 15.000$000 (quinze contos de reis). Entravam no negócio o terreno, a queda d'água e um engenho velho. Este terreno era para fundar uma Cooperativa Mista de Agricultores de Treze de Maio. Meu pai já tinha assinado o Estatuto como gerente e eu ia administrá-la, mas não foi possível encontrar sócios suficientes e o Estatuto não chegou a ser registrado. Surgiu outra sociedade, com a finalidade de instalar ali, naquele terreno, uma pequena fecularia. Os sócios eram os seguintes: Giácomo Bez Fontana, Pedro Manoel Serafim e Antônio Batista Rocha. Eu seria o gerente industrial e o sr. Pedro Manoel Serafim, gerente comercial. Foram contratados para roçar o terreno, onde seria instalada a pequena indústria, quatro camaradas: Francisco Ezidio Borges, Ciro Pereira de Medeiros, Manoel Altismo Custódio e Otávio Roldão da Rosa,



ESTATUTOS DA COOPERATIVA MIXTA
DOS AGRICULTORES DE 13 DE MAIO

CAPITULO PRIMEIRO

Denominação, sede e duração

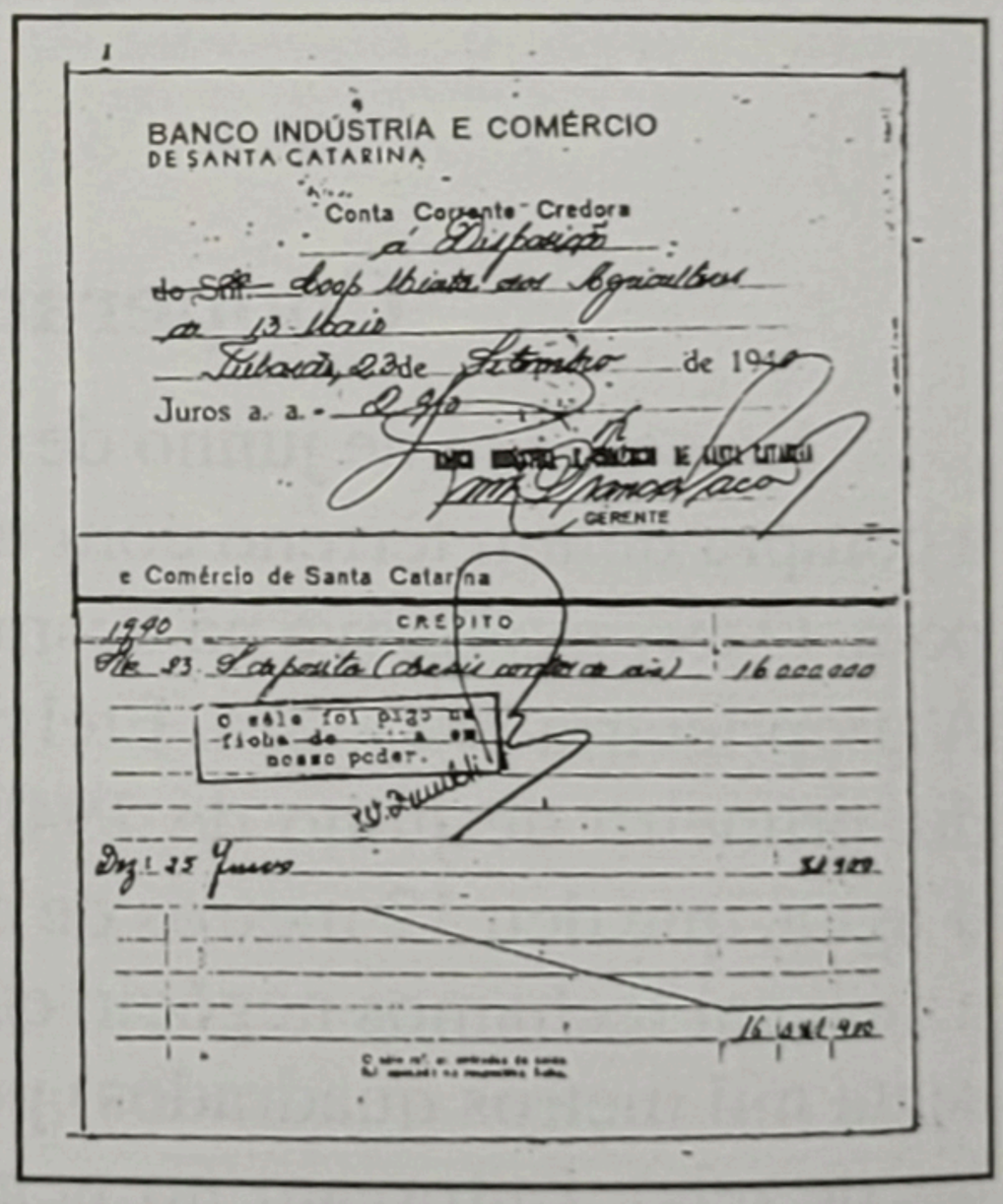
Art. 1º - Entre os abaixo assinados e os que de futuro forem admitidos, fica constituida uma Cooperativa de responsabilidade limitada, de forma juridica sui-generis, nos termos do decreto nº 22.239, de 19 de Dezembro de 1932, com as modificações do decreto nº 851, de 7 de Agosto de 1938, que se denominará " COOPERATIVA MIXTA DOS AGRICULTORES DE 13 DE MAIO ", e se regerá pelos presentes estatutos.

Art. 2º - A séde da sociedade é no distrito 13 de Maio, municipio de Tubarão, no Estado de Santa Catarina; terá sua administração e fóro juridico na cidade de Tubarão, sendo sua área de ação circunscrita ao territorio do distrito 13 de Maio, municipio de Tubarão.

Art. 3º - O prazo de duração da sociedade é indeterminado e o ano social coincidirá com o civil.

ganhando 5$500 (cinco mil e quinhentos réis) por dia.

No dia 9 de setembro de 1941, foi dado início à construção do açude e do valo que conduziria a água para a roda d'água, que movimentaria a pequena fecularia. Eu desenhava e comandava o trabalho. O feitor era o sr. Pedro B. Fontana, que ganhava 10$000 (dez mil réis) por dia e os camaradas eram Francisco Ezidio Borges, Rodolfo Roldão da Rosa, ganhando 6$200 (seis mil e duzentos réis) e Antônio João Fontana, Manoel Altismo Custódio, ganhando 5$500 (cinco mil e quinhentos réis) por dia, conforme consta na caderneta de ponto original, deixada pelo feitor Pedro B. Fontana.



BANCO INDÚSTRIA E COMÉRCIO
DE SANTA CATARINA

Conta Corrente Credora
à Disposição
Loop Mista dos Agricultores
de 13 Maio
Tubarão, 23 de Setembro de 1940
Juros a. a. - 6 %

GERENTE

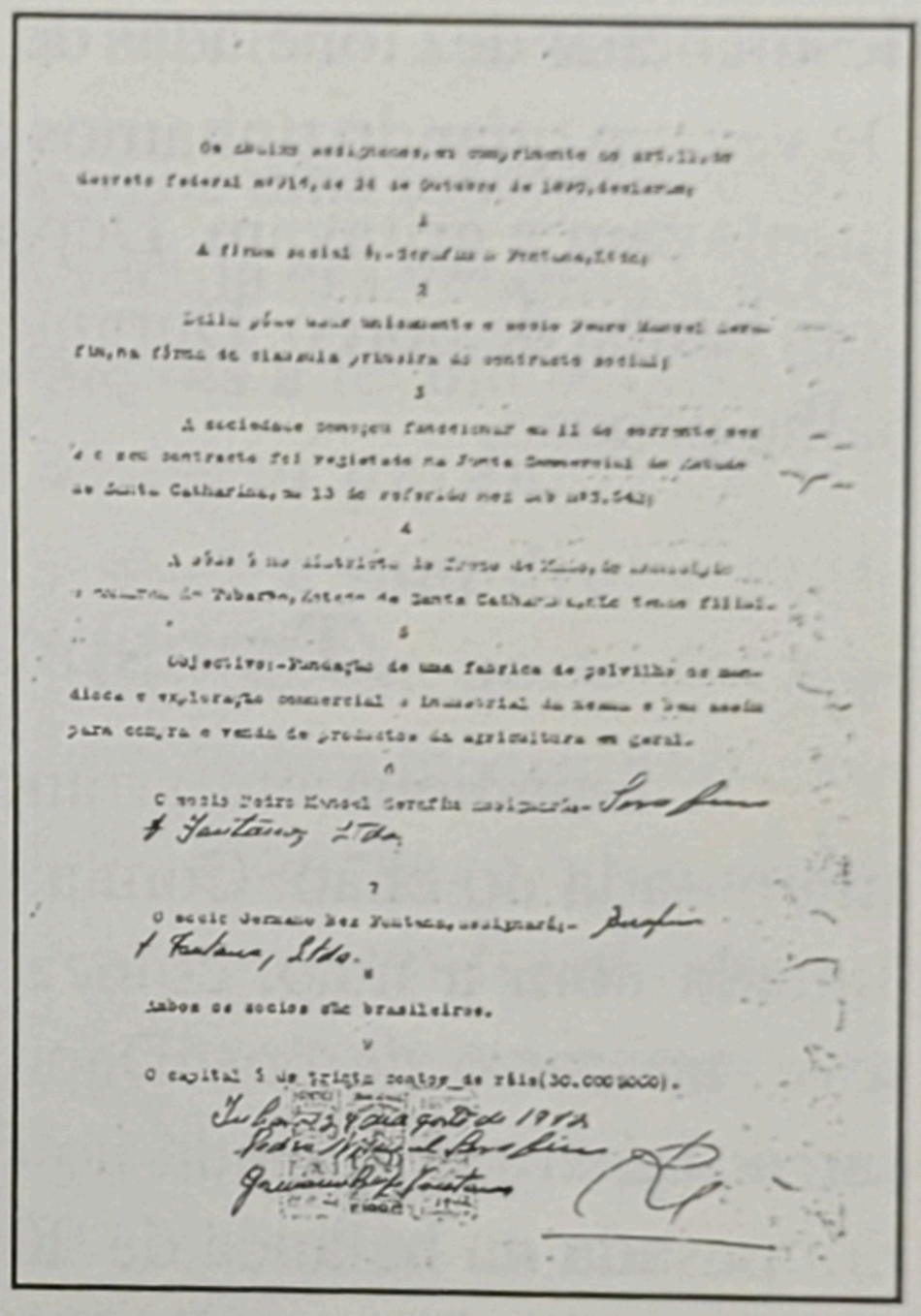
e Comércio de Santa Catarina

1940 CREDITO
23 Deposito (Cheque contra o ais) 16 000 000
O sêlo foi pago em fiolha de ... a ... em nosso poder.
Dez! 25 Juros 51 920

Firma provisória

De setembro de 1941 a 11 de agosto de 1942, as notas de compra de material eram tiradas em nome dos sócios e apresentadas para a firma. Nome provisório da firma: Fecularia Rocha, Serafim & Fontana. Por motivo do irmão do Sr. Antônio Batista Rocha, Sr. Alcides Batista Rocha, se encontrar com problemas de saúde, ele afastou-se da sociedade. Vendeu a sua parte para seus sócios: Giácomo e Pedro. Mais tarde, soubemos que o Sr. Alcides Batista Rocha veio a falecer.

Em setembro de 1942, meu pai mandou que eu e o sócio Pedro Manoel Serafim, registrássemos um contrato social. A assinatura deu-se em 11 de agosto de 1942. A nova firma: Serafim & Fontana Ltda, seria gerenciada por Pedro Manoel Serafim e administrada internamente por mim. Todos os sócios poderiam assinar pela firma. Após, tudo pronto: contrato e fábrica.



Os abaixo assignados, em cumprimento ao art.11,do Decreto federal nº114,de 16 de Outubro de 1890,declaram:

1

A firma social é:-Serafim e Fontana,Ltda;

2

Sede fica nesta localidade e sede para Nacional Serafim,na firma de clausula primeira do contrato social;

3

A sociedade começou funccionar em 11 de corrente mez e o seu contracto foi registado na Junta Commercial do Estado de Santa Catharina, em 13 do referido mez sob nº3.542;

4

A séde é no districto de Cruz de Rocio, do municipio e comarca de Tubarão, Estado de Santa Catharina,sem filiaes.

5

Objectivo:-Fundação de uma fabrica de polvilho de mandioca e exploração commercial e industrial do mesmo e bem assim para compra e venda de productos da agricultura em geral.

6

O socio Pedro Manoel Serafim assignou:- Serafim
& Fontana Ltda.

7

O socio Germano dos Santos,assignou:- Fontana
& Fontana, Ltda.

8

Todos os socios são brasileiros.

9

O capital é de trinta contos de réis(30.000$000).

Tubarão, 8 de agosto de 1942.
Pedro Manoel Serafim
Germano dos Santos

Fábrica - 2ª Guerra Mundial

Atravessamos os anos mais difíceis da história do Brasil. Estávamos na força da segunda Guerra Mundial. Não se encontrava mais nada no comércio: rolamento, ferro, correia, etc. A transmissão, nós fazíamos de cano, com mancais de madeira ou de metal patente, fundido no próprio lugar. Tela de bronze tinha que rezar para achar alguns pedaços. Transporte, só de carro de boi ou de cavalo. Gasolina, querosene, nem para remédio. Motor, não tinha óleo diesel. O jeito era fazer fabriquetas numa distância de uns dez quilômetros uma das outras, para poder transportar a mercadoria de carro de boi. Nós embarcávamos a mercadoria para o Porto de Cubículo, que ficava a uns cinco quilômetros de distância, ou então para a estação da Estrada de Ferro de Jaguaruna, que ficava a uns doze quilômetros.

Início da safra

Em junho de 1942, começamos a trabalhar com a pequena fábrica, fecularia, movida por uma roda d'água, com capacidade para

desmanchar dez toneladas de raiz de mandioca em vinte e quatro horas. De vez em quando tínhamos que parar os mancais de madeira, pois esquentavam e gritavam. Depois de parados e frios, nos engraxávamos com banha de porco. Durante a segunda guerra tivemos que aturar trabalho penoso.

Transporte de mandioca

A mandioca era arrancada manualmente, quebrada da cepa e amontoada no chão. Com a chegada do carro de boi, a mandioca era juntada com a mão, colocada no balaio e do balaio era jogada na seve, no carro de boi. Depois era transportada até a fábrica com o carro. Lá era despejada no chão, e novamente colocada no balaio. Era pesada na balança de 200 quilos e despejada outra vez no chão. Em seguida, era escolhida, colocada no balaio e depois jogada no raspador.

Fabricação da fécula

A mandioca vai para a cevadeira, onde fica uma pessoa cuidando, em seguida para a peneira e depois para a calha de decantação. Após, é juntada com pás de madeira braçal e transportada nas costas,em caixas de madeira até uma tina de cimento, onde é misturada com água limpa e depois de passar novamente na peneira, volta para a calha. Ali é juntada mais uma vez e levada para um depósito. Então é colocada num esfarelador com a pá e depois num tabuleiro de pano e levada para a estufa, onde permanece por vinte e quatro horas em média. Quando já seca, é colocada num caixão para esfriar e aí ensacada e empilhada. Antes do embarque, a fécula é jogada no moinho, moída e ensacada novamente. Hoje a maioria das fecularias trabalham com máquinas modernas, onde o caminhão despeja as raízes no funil e a fécula já sai ensacada sem ninguém botar a mão.

Preço

Quando começamos a trabalhar, o preço de uma tonelada de mandioca era de 60$000 (sessenta mil réis). A fécula era vendida a 1$600 (um mil e seiscentos réis), o quilo. Dias depois a fécula baixou para $800 (oitocentos réis), a metade do preço e aí paramos de trabalhar. Nós estávamos, no entanto, com a mandioca comprada e os colonos queriam embarcar. A nossa sorte foi que ao comprar o terreno, compramos também um engenho velho, prensa de madeira com tipiti feita de taquara. Só não tínhamos correia e pedimos emprestada a Sra. Etelvina, pois foi ela que nos vendeu o engenho. Ela nos emprestou, para quebrarmos um galho. Num sábado, eu e o feitor Pedro B. Fontana, deixamos o engenho pronto e na segunda-feira de madrugada começamos a trabalhar.

Engenho

Segunda-feira cedo, o encarregado Pedro B. Fontana foi colocar o engenho para funcionar, pois já tinha mandioca e os camaradas já estavam esperando, quando notaram que faltava uma correia do rapador. Esta correia era comprida, tinha uns 12 metros e era de couro cru. Era de estranhar, pois naquele tempo não tinha ladrão. O jeito foi ir lá na Sra. Etelvina e pedir outra emprestada. Com este engenho desmanchamos toda a mandioca que tínhamos comprado e depois paramos. Vendemos a farinha para a firma Sady Candemil & Cia, em Laguna, ao preço de 21$500 (vinte e um mil e quinhentos réis) o saco, no dia 4 de setembro de 1942. Foi levada de carro de boi até Cubículo e dali de canoa até Laguna. Quanto a correia, ela foi encontrada pelos camaradas a uns 100 metros do engenho, numa capoeira, na beira do rio. Os cachorros tinham sido os ladrões. Já tinham comido quase a metade da correia.

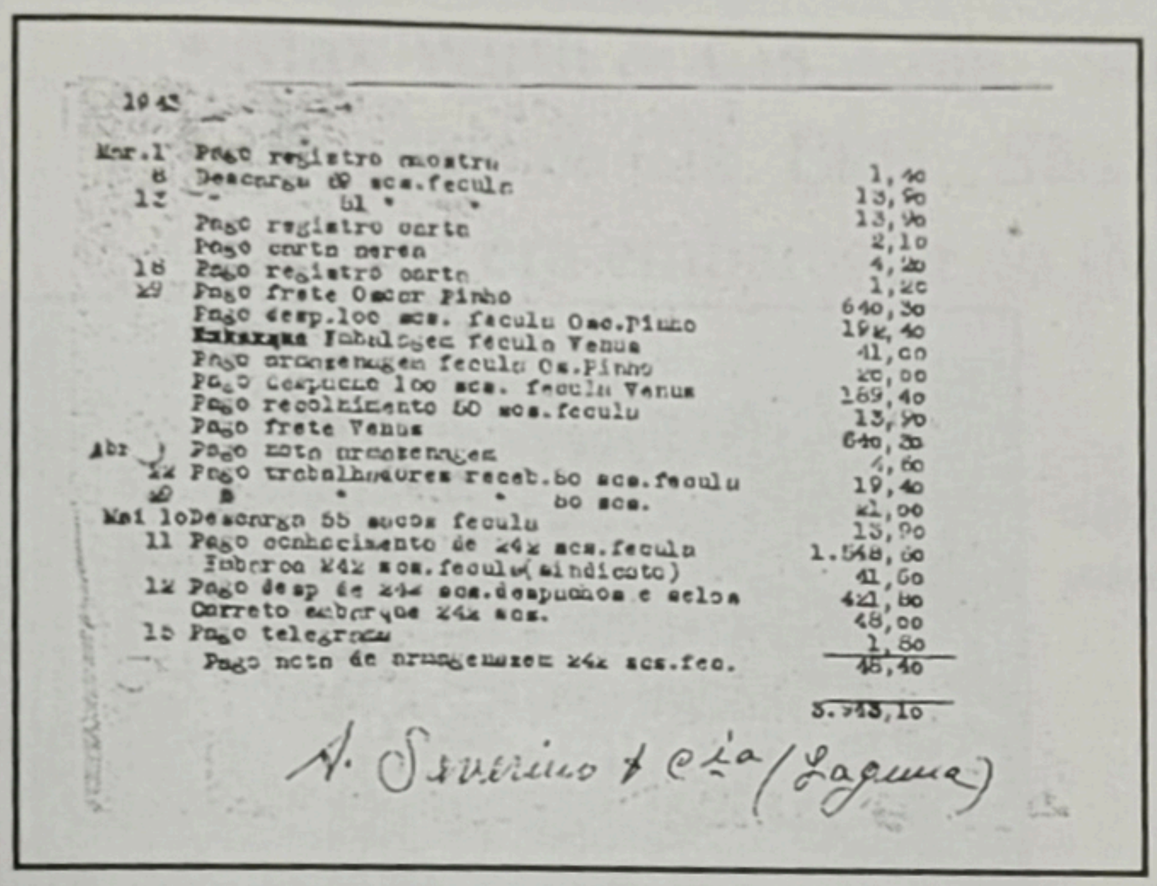
Novo engenho

No fim de 1942, começamos a construir um engenho novo. Trabalhamos duas safras com farinha: 1943 e 1944. Tanto fabricávamos a farinha, quanto comprávamos de outros engenhos. Exportávamos 15.000 sacos por safra. Caminhão não existia, gasolina nem falar. O transporte era todo feito de carro de boi para o porto de Cubículo, ou para a estação da Estrada de Ferro de Jaguaruna. Os carreteiros se negavam muitas vezes a transportar farinha para a estação da Estrada de Ferro, porque a praça de Jaguaruna era areia pura e os bois apanhavam. Muitos tinham que descarregar a metade da carga e fazer duas viagens até a estação, que ficava a uns 500 metros. Tinha dias de carregar quarenta carros de boi, numa média de dezoito sacos para cada carro. No máximo eram vinte e quatro sacos. A junta de boi tinha que ser boa, muito bem escolhida. No engenho novo eu não tinha encarregado. Eu mesmo fazia os consertos, cuidava do engenho, recebia a farinha de outros engenhos e depois despachava para o porto, ou a estação. Eu deitava à meia-noite e as duas horas da madrugada já iam chegando os carreteiros para carregar a farinha. Aí eu tinha que levantar. Eu queria agradar e atender a todos, mas não dava para agüentar. Chamei o meu sócio e pedi para mudarmos o horário para às quatro horas da manhã. Só assim eu poderia dormir quatro horas por noite, durante a safra. No verão eu no me importava de atender a qualquer hora da noite.

Venda da fécula

A fécula que fabricamos na safra de 1942, só conseguimos vender a partir de 1943. O preço da fécula em 1942 era de 1$600 (um mil e seiscentos réis) o quilo. Como a moeda em 29-10-1942, passou de mil réis para um cruzeiro, ficou sendo o preço de 1,60 (um cruzeiro e sessenta centavos). Nós conseguimos, com muito custo, vender cem sacos por vez para o Rio de Janeiro, ao preço de 0,75 (setenta e cinco

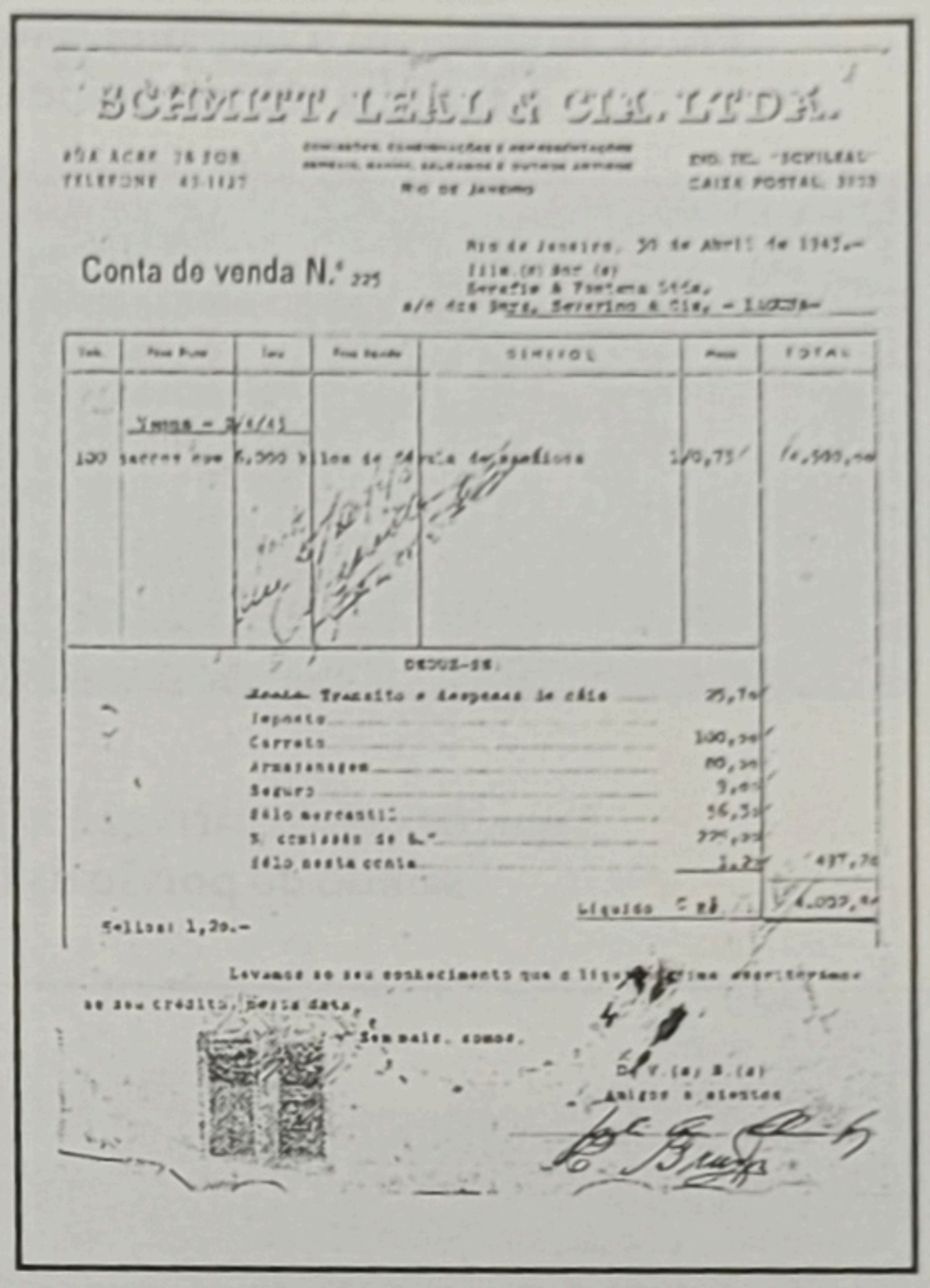
centavos) e em alguns casos alcançamos 0,80 (oitenta centavos), pois a fécula abaixou em 1943. Tínhamos



1943

Mar.1	Pago registro amostra		1,40
8	Descarga 60 scs.fecula		13,90
12	" 61 " "		13,90
	Pago registro carta		2,10
	Pago carta carga		4,20
18	Pago registro carta		1,20
29	Pago frete Oscar Pinho		640,30
	Pago desp.100 scs. fecula Osc.Pinho		194,40
	Embalagem Embalagem fecula Venus		41,00
	Pago armazenagem fecula Os.Pinho		20,00
	Pago despacho 100 scs. fecula Venus		169,40
	Pago recolhimento 60 scs.fecula		13,90
	Pago frete Venus		640,30
Abr	Pago soto armazenagem		4,60
12	Pago trabalhadores receb.60 scs.fecula		19,40
20	" " " 80 scs.		21,00
Mai 10	Descarga 55 sacos fecula		13,90
11	Pago conhecimento de 24x scs.fecula		1.548,60
	Embarco 24x scs.fecula(sindicato)		41,60
12	Pago desp de 24x scs.despachos e selos		421,80
	Correto embarque 24x scs.		48,00
15	Pago telegrama		1,80
	Pago nota de armazenagem 24x scs.fec.		45,40
			5.943,10

A. Severino & cia (Laguna)



BOEMIT, LEAL & CIA. LTDA.

Rio de Janeiro

Conta de venda N.º 225

Rio de Janeiro, 30 de Abril de 1943.

Ilmo.(s) Snr (s)
Serafim & Fonteura Irmãos,
a/c dos Snrs. Severino & Cia. - Laguna

Sob.	Nos Pcts	Kgs	Nos Sacos	SIMBOLO	Preço	TOTAL
	Venda - 30/4/43					
100	sacos com	5.000	kilos de fécula de mandioca		2/0,75	4.375,00

DEDUZ-SE:

Frete Transito e despesas de cais	25,70
Imposto	
Carreto	100,00
Armazenagem	80,00
Seguro	9,00
Selo mercantil	56,30
5% comissão de B.ª	220,00
Selo desta conta	1,20
	497,70
Liquido a nós	4.099,30

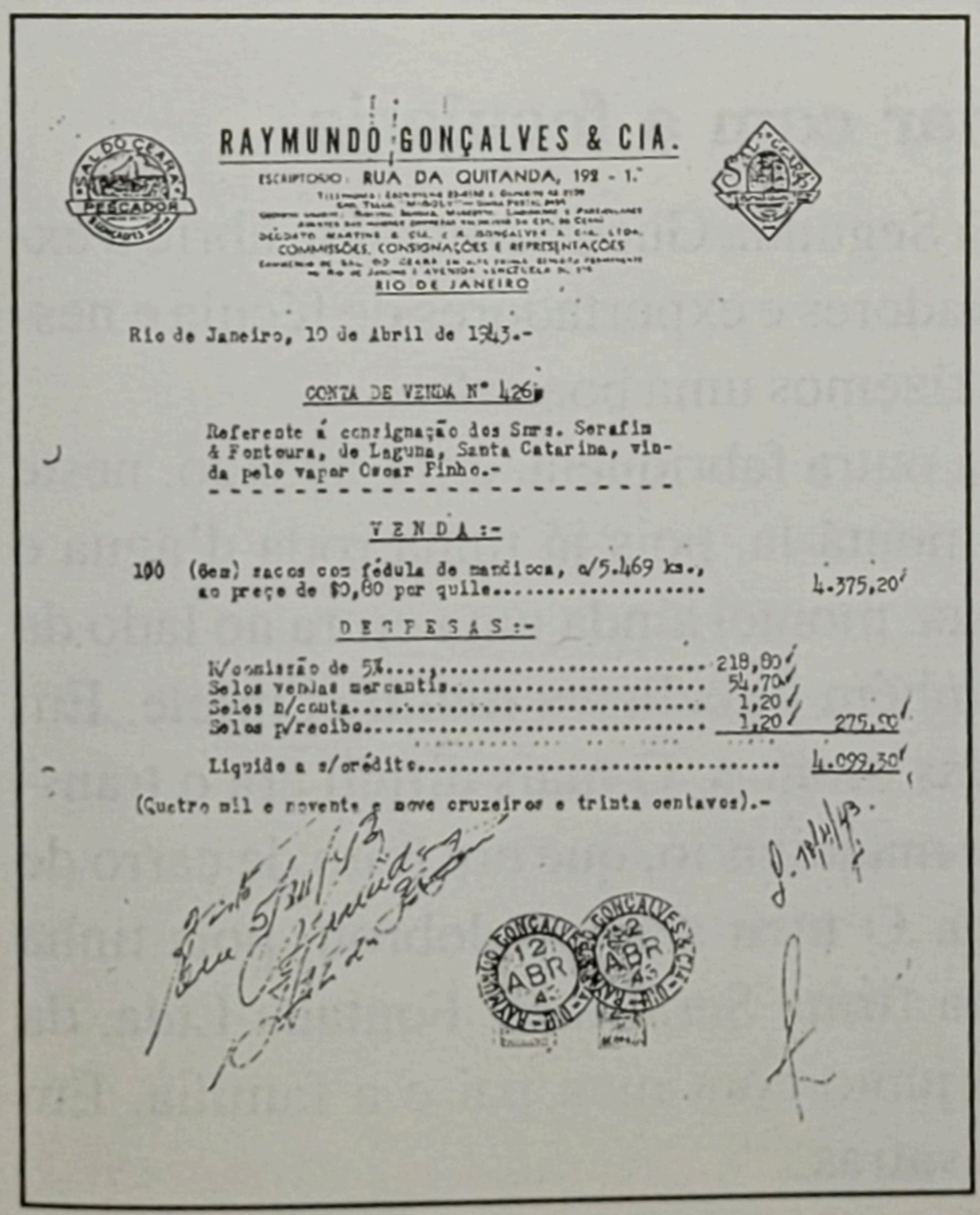
Selos: 1,20.-

Levamos ao seu conhecimento que a liquidação acima descriminada foi lançada a debito de sua conta corrente, nesta data.

Sem mais, somos

Atenciosamente

B. V. (a) S. (a)



RAYMUNDO GONÇALVES & CIA.

ESCRIPTORIO: RUA DA QUITANDA, 192 - 1.º

DECIATO MARTINS & CIA. e R. GONÇALVES & CIA. LTDA.
COMMISSÕES, CONSIGNAÇÕES E REPRESENTAÇÕES
RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro, 10 de Abril de 1943.-

CONTA DE VENDA Nº 426

Referente á consignação dos Snrs. Serafim & Fonteura, de Laguna, Santa Catarina, vinda pelo vapor Oscar Pinho.-

VENDA:-

100 (Cem) sacos com fécula de mandioca, c/5.469 ks., ao preço de $0,80 por quilo..... 4.375,20

DESPESAS:-

5% comissão de 5%.....	218,80	
Selos vendas mercantis.....	54,70	
Selos s/conta.....	1,20	
Selos p/recibo.....	1,20	275,90
Liquido a s/crédito.....		4.099,30

(Quatro mil e noventa e nove cruzeiros e trinta centavos).-

12 ABR 43

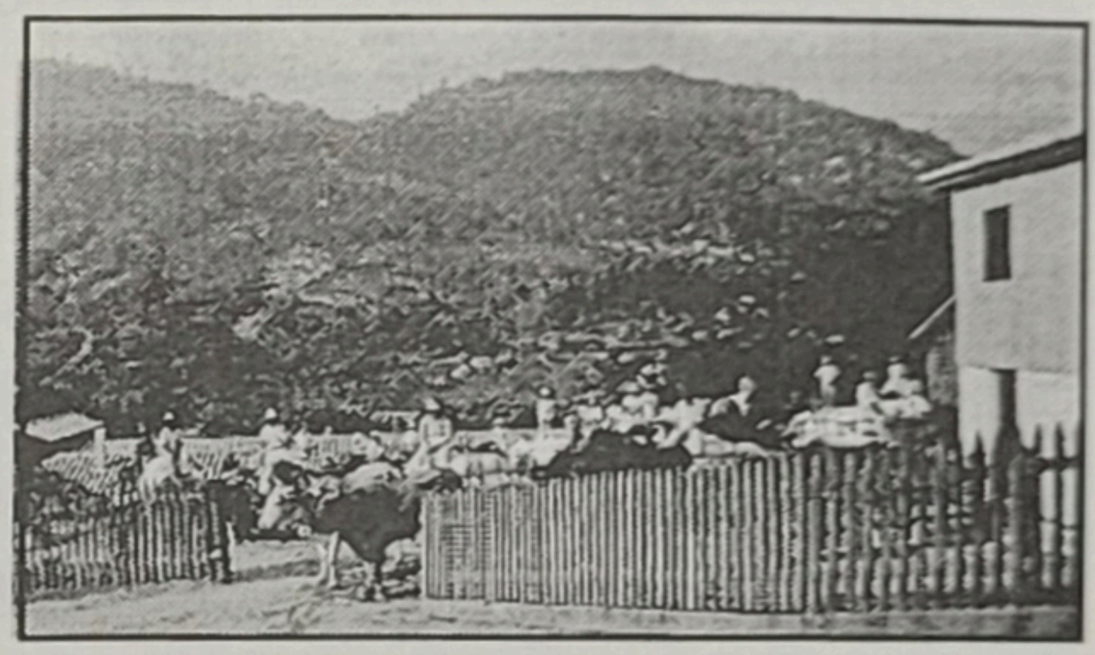
12 ABR 43

que embarcar a fécula de carro de boi até Cubículo, depois seguia de canoa até Laguna, de trem até o porto, e de navio até o Rio de Janeiro. E aí, de carroça até o destinatário. Isso tudo por nossa conta e pouco nos sobrava. Muitas vezes chegava no Rio com muitos sacos rasgados e com falta de peso era descontado. Hoje, com boas estradas, carrega-se aqui um caminhão de manhã e no outro dia de tarde já esta no Rio de Janeiro. Como ficou fácil.

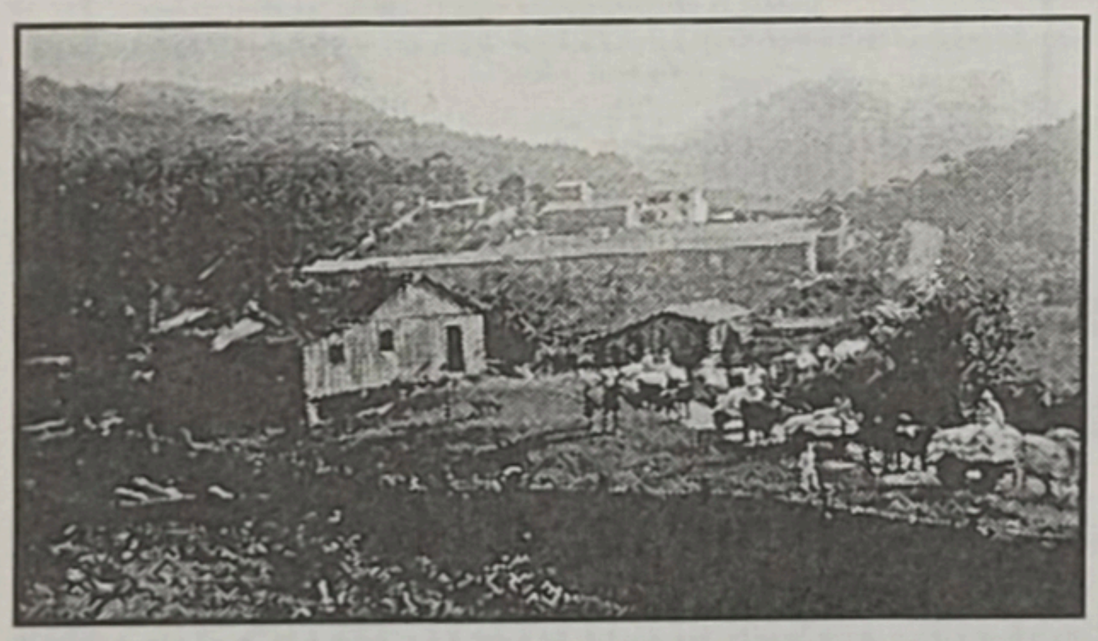
Fotos tiradas em 1944, mostrando como era feito o transporte da fécula e farinha de mandioca, produzida na minha fecularia.



Esta foto mostra alguns carros já carregados. Nos fundos, vê-se a minha casa, de dois pavimentos.



Aqui, os carros carregados já estão saindo do portão da fábrica.



Agora os carros já estão em viagem, com aquela música sonora, alegre, transmitida pelo eixo do carro de madeira, nas cantadeiras, costume dos açorianos. Pedro Manoel Serafim, à cavalo, acompanha os carreteiros

Volto a trabalhar com a fecularia

Em 1945, quando acabou a Segunda Guerra Mundial, abriu a exportação. Apareceram os compradores e exportadores de fécula e neste ano começamos a trabalhar e fizemos uma boa safra.

Em 1946, montamos uma outra fabriqueta, em Lageado, neste mesmo distrito. Acabamos de montá-la, pois já tinha roda d'água e um pedaço de galpão. Além desta, montei ainda uma outra ao lado da serraria do meu pai, pois eu também trabalhava muito com ele. Em três meses deixei as duas fábricas prontas. O mais difícil era o transporte de tijolos, telha, madeira e maquinário, que era feito de carro de boi e chovia muito nesta época. O meu serviço dobrou, pois tinha que cuidar das duas fábricas, da firma Serafim & Fontana Ltda, da escrita da fábrica que eu tinha junto com meu pai e a família. Em 1946 e 1947 fizemos duas boas safras.

Firmas compradoras de fécula

- Stein, Hall & Co. Inc., New York, Ny., USA.
- Ernesto Riggenbach & Cia. Ltda, Florianópolis.
- Max Wirth & Cia. Ltda., Santos, São Paulo.
- Geismar & Cia. Ltda., São Paulo.

A fécula era embarcada no Porto de Imbituba - Santa Catarina.

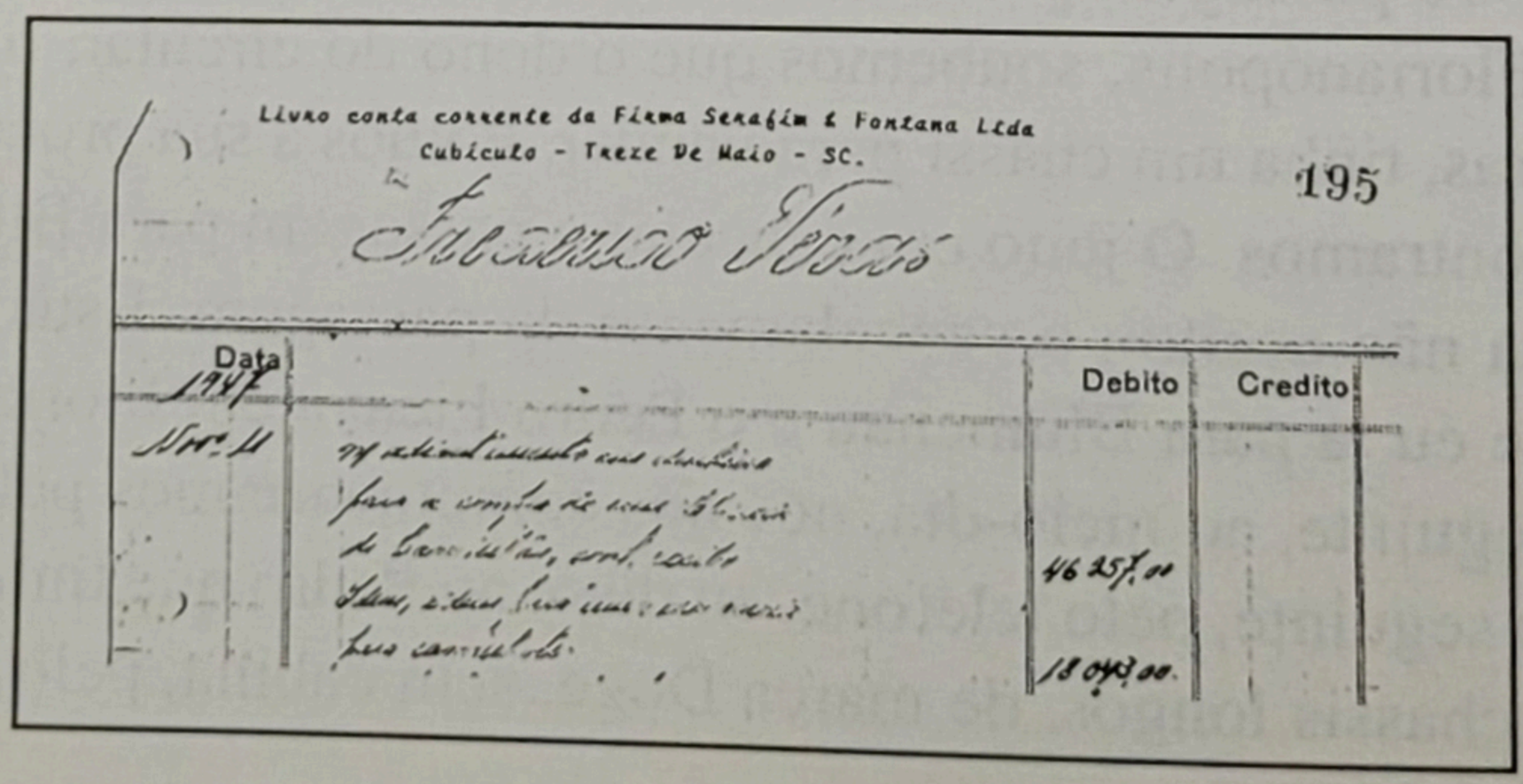
Capítulo 23

Compra de ônibus

No mês de outubro de 1947, eu, com meu sócio Pedro Manoel Serafim, combinamos de comprar um ônibus, para fazer linha de Treze de Maio a Tubarão. A nossa idéia era de comprar um chassi e mandar fazer uma carroceria para dezoito passageiros, de preferência da marca Chevrolet e a gasolina.

Dia 10 de novembro de 1947, segunda-feira, colocamos 60.000,00 (sessenta mil cruzeiros) no bolso e saímos a procura do chassi. Fomos para Florianópolis, na Hoepke e eles nos falaram que não seria fácil encontrarmos. A guerra tinha acabado, mas estavam vindo poucos veículos. Fomos na Empresa de ônibus Catarinense e compramos a passagem para Blumenau, à tarde. Dando uma volta na praça de Florianópolis, soubemos que o dono do circular, o Sr. Frederico Veras, tinha um chassi para vender. Fomos a sua procura, mas não o encontramos. O jeito era cancelar a passagem para Blumenau. A empresa não aceitou o cancelamento da passagem. Estão combinamos que eu ia para Blumenau e o Pedro Ficava em Florianópolis, e no dia seguinte, ao meio-dia, nós nos comunicaríamos pelo telefone. No dia seguinte, pelo telefone, eu disse ao Pedro que tinha encontrado três chassis longos, de marca Doge, sem cabina, pelo preço de

52.000,00 (cinqüenta e dois mil cruzeiros) cada. Mas nós queríamos chassis curto. Pedro me disse que tinha falado com o Sr. Frederico Veras e ele disse que tinha um chassis de marca Chevrolet Tigre, zero quilômetro e estava fazendo a carroceria para ônibus, com capacidade para dezoito passageiros. Ficava pronta em quinze dias e o Sr. Frederico queria 60.000,00 (sessenta mil cruzeiros) pelo chassis. Era exatamente o dinheiro que tínhamos no bolso. Eu falei para o Pedro fechar o negócio, pois estava tudo certo, como queríamos. Mas o Pedro me disse que queria que eu voltasse logo, para primeiro dar uma olhada. Voltei e fomos ver o ônibus na carpintaria aonde estavam fazendo a carroceria de madeira e estava tudo certo. A carroceria era para dezoito passageiros, como queríamos. Já o chassis, em vez de ser Tigre, era comercial, mas com pneu duplo na traseira e motor de 96 cavalos. Fomos fechar negócio. O Pedro queria diferença no preço, porque o chassis não era Tigre e sim comercial. Mas o Sr. Frederico não aceitou, argumentando que nós tínhamos saído para comprar um ônibus para dezoito passageiros e o encontramos quase pronto, o que já era uma sorte. O jeito foi fecharmos negócio pelos 60.000,00 (sessenta mil cruzeiros), sendo 46.257,00 (quarenta e seis mil, duzentos e cinqüenta e sete cruzeiros) pelo chassis, 3.743,00 (três mil setecentos e quarenta e três cruzeiros) de gorjeta e 10.000,00 (dez mil cruzeiros) pela carroceria. Depois tivemos mais despesas com pintura e vidro.

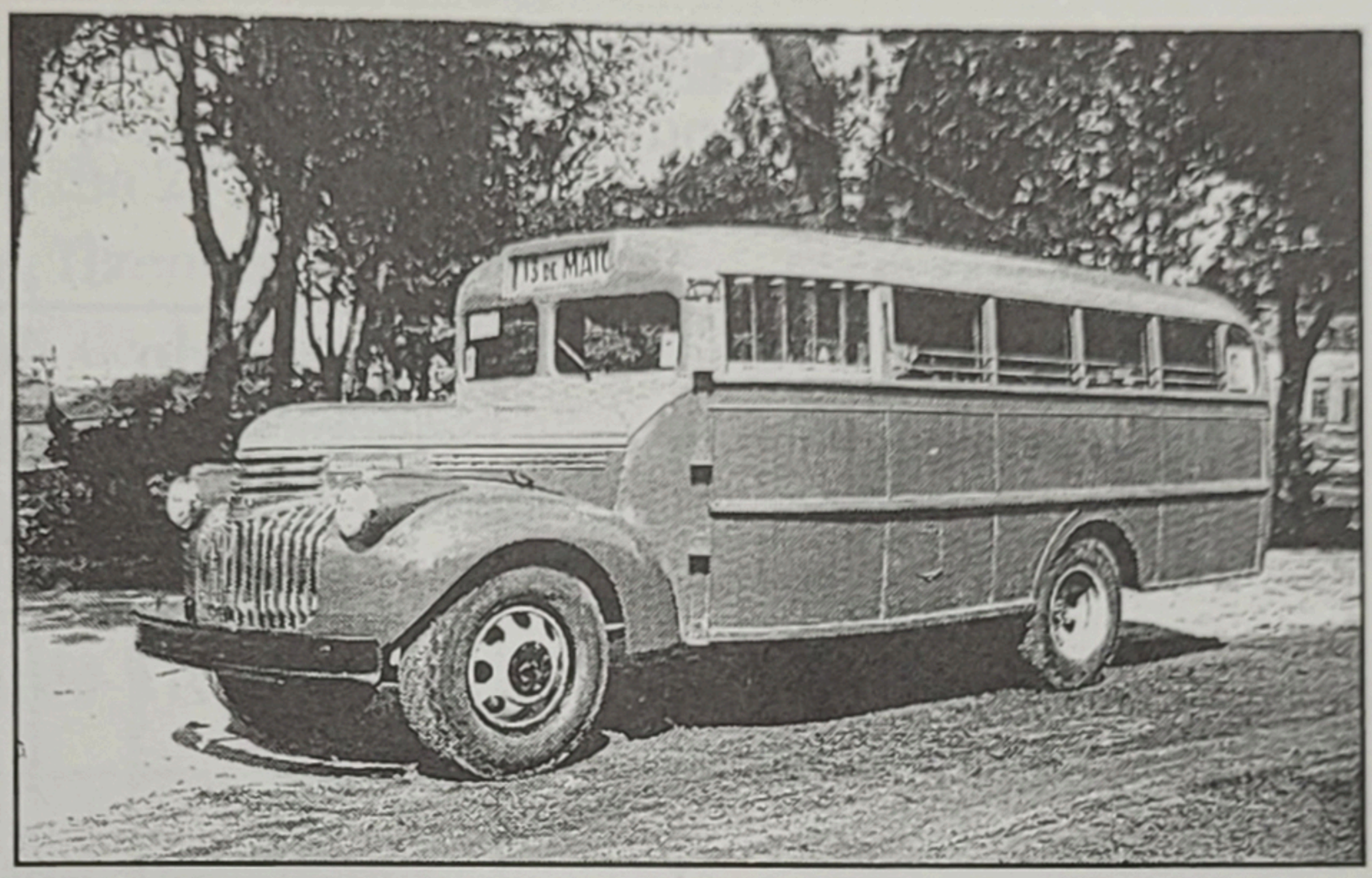


Livro conta corrente da Firma Serafim & Fontana Ltda
Cubículo - Treze De Maio - SC.

195

Data 1947

Data 1947		Debito	Credito
Nov. 11	Pg. ao Sr. Frederico [illegible]		
	para a compra de uma Chassis		
	de Caminhão, conf. conta	46.257,00	
	Veras, e mais Cr$ [illegible]		
	para carroceria.	13.743,00	



1º Ônibus do município de Treze de Maio, da Empresa Auto Viação "São José", fundada em 1947. Sócios fundadores: Pedro Serafim e Germano Bez Fontana

Eleição

No dia 23 de novembro de 1947, tinha eleição para prefeito de Tubarão. O candidato do nosso partido era o Dr. Francisco Carlos Régis. Para vereador em Treze de Maio, o candidato era o Sr. Frederico Cataneo. Nós tínhamos, então, o compromisso de transportar eleitores neste dia, com o ônibus.

Fomos buscar o ônibus

No dia 22 de novembro de 1947, sábado, eu, mais o meu sócio Pedro Manoel Serafim e meu irmão Gentil, saímos cedo para Florianópolis, para buscar o ônibus. Lá chegando, acertamos tudo, enchemos o tanque de gasolina e nos mandamos de volta. Eu trazia o ônibus. Já em Tubarão, procuramos o delegado para obter dele uma licença para trabalharmos no dia da eleição e como era sábado, não o encontramos. Estavam todos em campanha. Por um acaso nos esbarramos com o chefe político, Sr. Manoel Brízido Costa e contamos a ele nossa história. Ele então nos disse:

- Vocês estão perdendo tempo, vão para casa já, se preparar para amanhã. Aqui em Tubarão quem manda somos nós mesmos, não precisa licença.

43 a 0 foi a vitoria expressiva das forças pessedistas locais, sobre a minguada U. D. N. Nenhum municipio de Santa Catarina e talvez mesmo do Brasil, pode registar tão espetacular triunfo eleitoral como Tubarão.

Das 43 urnas eleitorais do nosso Municipio, a U. D. N. não conseguiu vencer em uma única, o que vem provar a pujança do Partido Social Democrático e o nenhum valor politico dos que cheflam a U D N neste recanto da terra Brasileira.

43 a Zero é a última pá de cal sobre um partido de nome tão bonito e tão pobre de eleitores.

TRIUMFO EM SANTA CATARINA

Dos 45 Municipios de que se compõe o Estado de Santa Catarina a UDN só conseguiu vencer em 5 deles.

O Partido Social Democrático, saiu vitorioso em 40 Municipios.

A UDN apenas venceu em Blumenau, Araranguá, Joinvile, Caçador e Camboriú.

As forças politicas que em Santa Catarina obedecem o comando seguro do sr. dr. Nerêu Ramos, esmagaram, de modo espetacular, as hostes udenistas.

IMARUI, municipio sulino ligado á comarca de Laguna, o PSD elegeu o Prefeito, sr. Pedro Bittencourt e todos os vereadores. A UDN obteve apenas 208 votos, não conseguindo eleçer nem um vereador. As urnas, num total de 12, deram ZERO ao partido do sr. Irineu Bornhausen.

Resultado do

Damos abaixo, o resultado do pleito municipal pela União Democrática Nacional, nesta terra.

Depois de 1930, foi esta a maior vitoria eleitoral dos comandados do sr. Dr. Nereu Ramos, neste municipio. — Tubarão 29-11-1947.

DISTRITO DA CIDADE

Nº.			Dr. Nereu P.S.D.	S. Pedro U.D.N.
1	—	Cidade	273	82
2	—	"	136	56
3	—	"	124	89
4	—	"	Anulados	
5	—	"	82	31
6	—	"	211	145
7	—	"	145	124
8	—	"	139	146
9	—	"	146	139
10	—	"	111	111
11	—	"	111	111
12	—	Dona Eugenia	111	111
13	—	"	111	111
14	—	Santa Cecilia	111	111
15	—	Congonhas	111	111
16	—	São Martinho	111	111
17	—	Rio dos Pinheiros	111	111
18	—	Madre	111	111

Distrito de Braço do Norte

19	—	Braço do Norte	278	111
20	—	" " "	152	111
21	—	" " "	206	111
22	—	" " "	176	111
23	—	" " "	244	111
24	—	" " "	208	111

Distrito de Gravatal

25	—	Gravatal	Anulado	
26	—	"	141	111
27	—	"	82	111
28	—	"	178	111

Distrito de Pedras Grandes

29	—	Pedras Grandes	111	111
30	—	" "	76	111
31	—	" "	Anulado	

Distrito de Armazena

32	—	Armazena	117	111
33	—	"	119	111
34	—	"	118	111

Distrito de 13 de Maio

35	—	Treze de Maio	111	111
36	—	" " "	114	111
37	—	" " "	78	111

Distrito de Azambuja

38	—	Azambuja	111	111
39	—	"	42	111

Distrito de Rio Fortuna

40	—	Rio Fortuna	111	111
41	—	" "	111	111
42	—	" "	111	111
43	—	" "	111	111

Diferença a favor [illegible] — 461

NOTA: [illegible]

SERAFIM & FONTANA LTDA.

ESTABELECIDOS COM COMERCIO E INDÚSTRIA

TREZE DE MAIO — TUBARÃO — SANTA CATARINA

Treze de Maio, 2 de dezembro de 1947

NOTA:

Despesa de Onibus da eleição de 23 de novembro em 13 de Maio.

	5 viagem de Caipora a 13 de Maio	
	4 de 13 de Maio, ao Morro da Pedra	
	3 de 13 de Maio, a Linha Caipora	672,00
3	Passagem de Tubarão a 13 de Maio	18,00
Total	Cr$.	690,00

Seiscento e noventa cruzeiros.

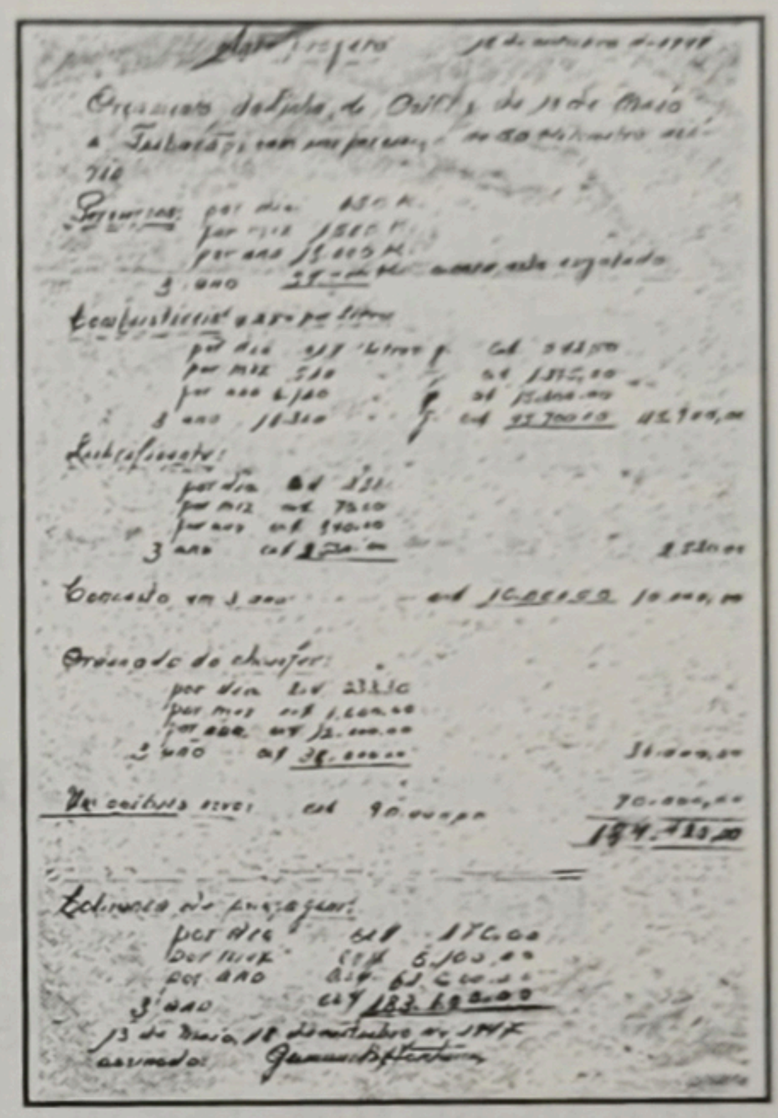
[signature]

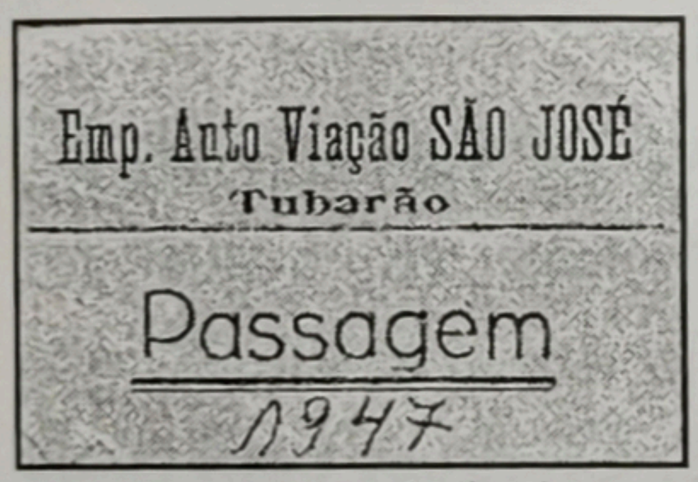
Inauguração do ônibus

Dia 23 de novembro de 1947, domingo, dia da eleição, inauguramos o ônibus. Comecei cedo, fui para Urussanga Baixa, Boa Vista e Cubículo, sempre carregando eleitores. Como o ônibus era novidade em Treze de Maio, todo mundo queria embarcar: era o eleitor, a mãe do eleitor, o pai do eleitor, o filho, etc. Ele saia sempre superlotado e chegava até a levantar as rodas dianteiras. Mas valeu a pena. Ganhamos a eleição com uma vantagem de 4x1. A urna de Urussanga Baixa só teve um voto contra e até hoje ninguém sabe quem foi. Julga-se que foi um engano, pois era para dar zero.

Primeira linha de ônibus

No dia 24 de novembro de 1947, segunda-feira, fizemos a primeira linha de ônibus de Treze de Maio a Tubarão. As passagens eram vendidas de acordo com os bancos numerados. Desde cedo, o ônibus já estava lotado, sobrando gente. O horário era o seguinte: saia de Treze de Maio às 7 horas, às 11 horas voltava para Cubículo, às 13 horas ia para Tubarão e às 16 horas voltava para Treze de Maio.





1 ª passagem de ônibus vendida em Treze de maio. 1947.

Motor pifava

Lembro-me, que um dia, o motor do ônibus começou a pifar e o Pedro arrumou um motorista de táxi de Tubarão, que também era mecânico, para acompanhar o ônibus e descobrir o defeito. O motorista disse logo para o Pedro que vinha, mas não botava a mão no volante. Segundo ele, a estrada de Treze de Maio a Tubarão não era própria para viajar de ônibus. O Fontana tem prática, mas a estrada e muito perigosa e por qualquer chuvinha o ônibus pode ir para a grota. Ele acompanhou o ônibus, mas sempre com o pé na porta, de medo. Eu não tinha medo, pois já estava acostumado. O defeito foi logo descoberto: era pó de serra no tanque. Certamente, ao fazerem a carroceria, deixaram o tanque aberto e entrou pó. Limpamos o tanque e pronto. Eu trabalhei por três meses de motorista e depois arrumamos outro, pois eu tinha que cuidar das três fecularias.

Ônibus - Circular

Aos domingos, eu com o Pedro, íamos de ônibus a Tubarão e ele funcionava como um CIRCULAR. Saíamos do centro, dávamos a volta na oficina da estrada de ferro e voltávamos ao centro novamente. Fazíamos durante o dia, trinta e três voltas. Isto todos os domingos, para fazer um teste, pois nos queríamos adquirir outro ônibus para servir de CIRCULAR diário, em Tubarão.

Lotação para a praia

Um domingo, fizemos uma lotação de Tubarão para a praia do Arroio Corrente, em Jaguaruna, para voltar às 17 horas. Eu, que tinha folga neste dia, peguei uma carona num jipe e fui até o farol. Acontece que o jipe enguiçou e eu tive que voltar a pé. Cheguei com mais de meia hora de atraso e o pessoal da lotação já tinha ido a minha procura e ninguém dava informação. Por isso, as senhoras que estavam ali, prometeram que iam me dar uma surra. Eu tive que ficar quieto, pois errado estava eu, que não tinha comparecido no horário combinado.

Empresa São José

A nossa empresa de ônibus foi registrada: "Empresa São José" de Treze de Maio - SC, em homenagem ao padroeiro da Igreja de Treze de Maio: São José.

Primeira churrascaria - Tubarão

A primeira churrascaria na cidade de Tubarão estava instalada provisoriamente num terreno pertencente a Empresa Santo Anjo da Guarda Ltda, ao lado do antigo Banco Inco, hoje calçadão. O nome era "Churrascaria Urca". Quem cuidava era um cunhado do meu

sócio. Ele pedia para que levássemos os passageiros do ônibus para almoçar lá. Churrascaria era novidade naquele tempo, mas dai para a frente foram se instalando churrascarias pelas estradas afora. Quando a gente via na beira das estradas um barraco fechado com costaneiras ou bambus, já se podia imaginar que era uma churrascaria. Tornou-se muito comum aqui em Santa Catarina, em 1947.

Segundo ônibus

No fim de 1947 fizemos pedido no Hoepke, de mais um chassis de marca Chevrolet Gigante, sem cabine, para fazer um ônibus destinado a uma linha circular diária, na cidade de Tubarão.

Divisão da firma

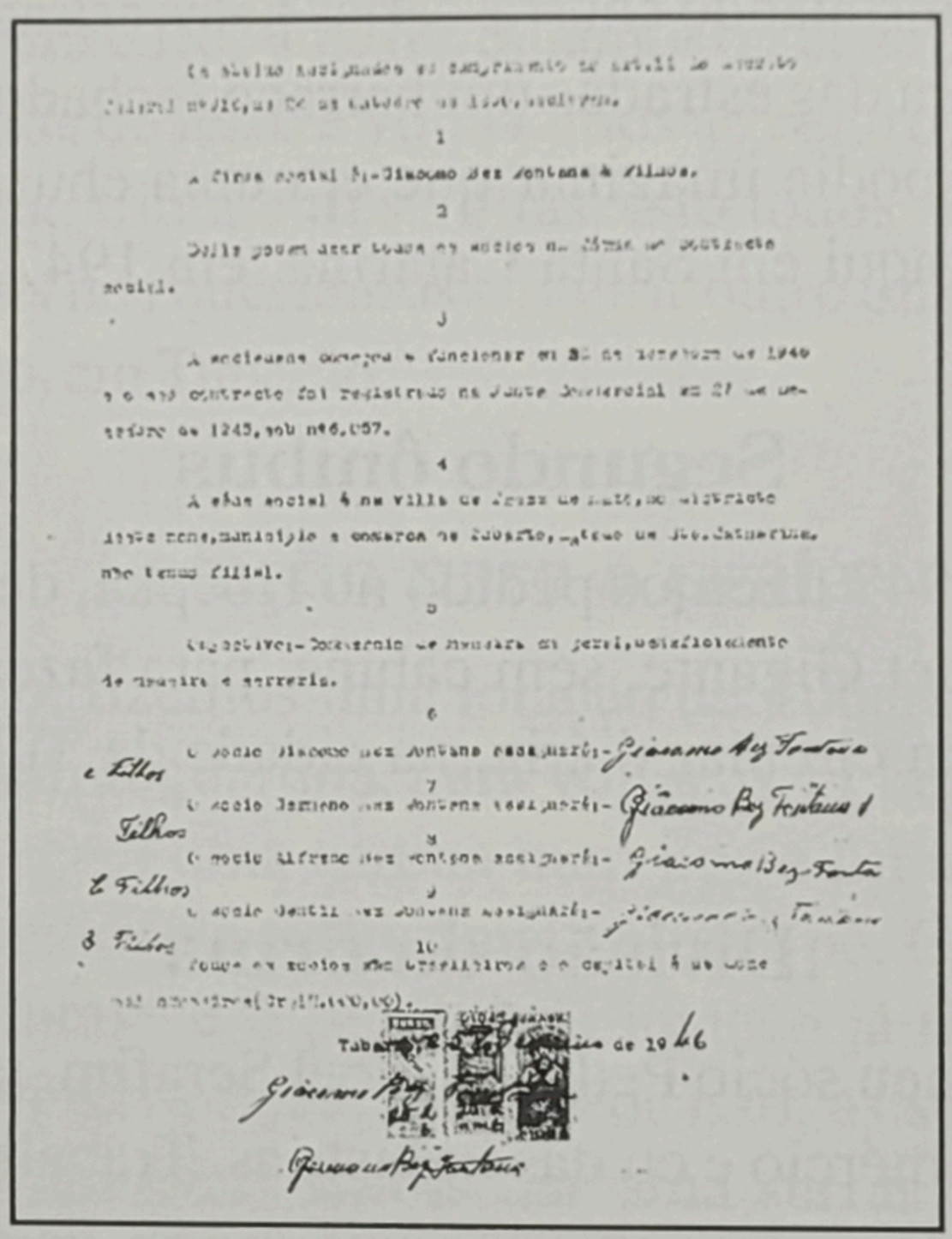
Eu, com o meu sócio Pedro Manoel Serafim, íamos muito bem. Ele cuidava do comércio e eu das indústrias. Trabalhávamos já a sete anos juntos, mas ele gostava mais de ônibus e eu, das indústrias. Então fizemos igual a filhote de tico-tico: criamos as asas, voamos e nos separamos.

A divisão dos bens da firma foi fácil. Com pouca conversa decidimos que meu sócio ficaria com os ônibus e mais uma pequena fecularia, instalada no Lageado, e eu com a fecularia que estava morando, com todos os terrenos de propriedade da firma Serafim & Fontana Ltda. Encerramos a sociedade em 30 de outubro de 1948. Depois a firma Giácomo Bez Fontana & Filhos assumiu o ativo e passivo.

Giácomo Bez Fontana & Filhos

A partir de 30 de outubro de 1948, continuei como gerente da firma Giácomo Bez Fontana & Filhos. Cuidava da escrita das duas fecularias, da serraria e também dos negócios junto com a família. Isto

até 11 de dezembro de 1952, quando registrei uma firma no meu nome: Germano Bez Fontana.



Tubarão, 11 de dezembro de 1946

Germano Bez Fontana

Junto com meu pai e irmãos

De 1948 a 1952, meu pai e meus irmãos Alfredo e Gentil, cuidavam da serraria, da pequena fecularia junto a serraria e eu da fecularia onde morava, em Cubículo (hoje distrito de São Gabriel) e também da escrita das duas fecularias e serraria, junto ao guarda-livros que morava em Tubarão.

Capítulo 24

Usina do Arroio Corrente

No começo do ano de 1950, compramos um terreno na praia do Arroio Corrente, em Jaguaruna, com a área de 9.493 m2. O terreno foi escriturado em 02 de junho de 1950 e era cortado pelo Arroio Corrente.

Orçamento

Em 08 de abril de 1950, fizemos um orçamento para a construção de uma usina que forneceria luz, para as residências já construídas naquela praia.

Contrato assinado

Em 08 de maio de 1950, fizemos um orçamento para a construção da usina. O prazo de entrega: 30 de novembro do corrente ano. O valor da construção seria de Cr$25.000,00 (vinte e cinco mil cruzeiros).

[illegible]

3º-No ato do contrato será pago o terço do custo da construção, e terço quando estiver pronto todo o material e o restante quando a usina estiver entregue e pronta a funcionar.

4º-O preço da obra acima é o de Cr$ 25.000,00 (vinte e cinco mil cruzeiros) por kilowatt.

5º-Fica o de custo especificado em Cr$ 25.000,00, e o seu pagamento será feito na forma do item 1º.

6º-A construção obedecerá o esquema do material constante do projeto que faz parte integrante do presente contrato.

7º-Fica ainda combinado com o contratante o direito de instalar uma pequena industria aproveitando para tal fim a força da usina durante o dia.

8º-A usina será construida em terreno pertencente a firma contratora sem qualquer indenização nos danos e pelo tempo que existir a firma do contrato e, em caso de venda ou inventario do terreno, será sempre respeitado o presente contrato.

E por estarem justos e contratados, assinam o presente contrato em 3 (três) vias de um só teor e valor, na presença de duas testemunhas.

Tubarão, 3 de maio de 1950

Giovanni Battista Giacomo Bortolotto

Francisco Salgado

Testemunhas:

Sarquinio Sabino Junot

Ascendino Jorge do Carmo Da Fontana, Waldemiro Da Fontana, Nilo, Francisco Salgado, Waldemiro Tolelli, Benjamin Farias, Adelia da Silva Ledoux, Sarquinio Sabino Junior e Orlando Francisconi, todos maiores de idade e de [illegible] do Brasil.

Eu tabelião o datilografei.

Dilney Chaves Cabral
Tabelião de Notas
Comarca Tubarão - S. Catarina

TABELIONATO CABRAL
Carlos Chaves Cabral
TUBARÃO - S. CATARINA

ORÇAMENTO DA RODA DÁGUA DESTINADA A UZINA DO AROIO CORRENTE DE JAGUARUNA.

Um açude de madeira com sapata na caida		
da agua de pedro e semento,.....	2.000,00	
Uma casa de 3x3 de madeira retelhada		
com assoalho de tijolos e simento,.....	2.000,00	
80 metro de calha a 50,00 por m/		
corido toda montada,.....	4.000,00	
Madera para roda,.....	800,00	
Mão de obra,.....	2.500,00	
3 polias de madeira,.....	300,00	
tranca da agua,.....	100,00	11.700,00

FERRAGEM PARA A RODA COM O PREÇO MAI OU MANO!

Para fuso de ferro pequeno,.....	100,00	
" " " " comprido,.....	285,00	
Um eixo de 60 mm/ x 2 m/,.....	1.200,00	
2 nabo de ferro fundido,.....	2.000,00	
2 mancais SKF nº 22.518 de rolo com caixa,	2.400,00	
Um eixo de 50mm/ x 150,.....	260,00	
6 ~~fm~~ flange de ferro fundido,.....	200,00	
4 mancois SKF 50mm/ nº 1611,.....	1.300,00	
10 correia em V. c/,.....	2.500,00	10.245,00

SERVIÇO DE PEDRA:

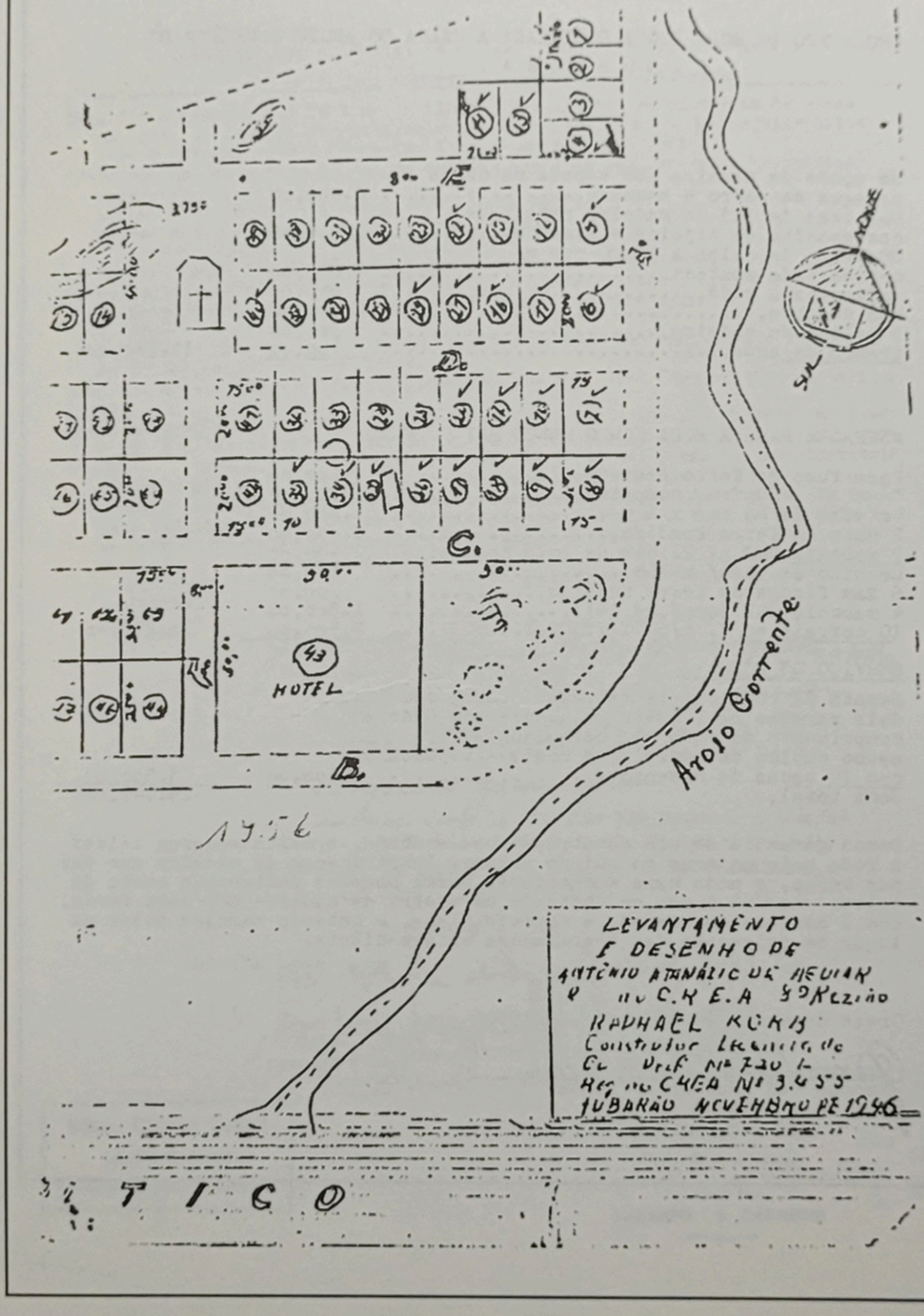
Sapata da roda com 12 metro quadrado, com dois paredão de 1 metro de altura com 6 de comprimento de cada um, calculado em 10 metro cubico de pedra, com areia e tijolos com 10 sacas de simento.....	3.500,00	3.500,00
Soma total,		25.445,00

Demos garantia de uma construção bem acabada, e muito moderna talvez a roda mais moderna no sul do estado, lubrificação da maquina uma vez por verão, e nada mais encomodara, porem podemos deminuir o custo da talvez uns Cr$.5.000,00 botando um mastro de madeira com dois ferão, com 2 mancais de bronze, e correia plana, e botando mancais selor na lugar de rolamento das tranmissoes entermediaria.

Preço de Maio ,8 de abril de 1950

Giacomo Bortolo Fontana & Filhos

Giacomo Bel Fontana & Filhos


Atoio Cotrente
HOTEL
LEVANTAMENTO
E DESENHO DE
ANTÔNIO ATANÁLIO DE MEDEIROS
E DO C.R.E.A 3ª REGIÃO
RAPHAEL KOCH
Construtor Licenciado
CL Prof Nº 720 L
REG. NO C.R.E.A Nº 3.455
TUBARÃO NOVEMBRO DE 1946
PLANTA

Pelo presente instrumento particular, os signatários dêste, de um lado como outorgante locador GONÇALO DIZ PONTES, brasileiro, casado, agricultor, residente e domiciliado na localidade de Cubículo, Município de 13 de Maio, e de outro, o dr. Walter Barros da Silva, brasileiro, casado e Torquinio Bolsini Junior, como outros ambos locatários, fica justo um contrato sob as seguintes condições:

1 - o outorgante é proprietário de um terreno, sito na localidade "Brain do Miroio Corrente", Município de Jaguaruna, com uma queda dágua e dá em locação, pelo prazo de um (1) ano a parte de terra necessária para nela ser construida uma picina natural, por conta exclusiva dos outorgados e outros que a êstes se associarem;

2 - o preço da locação de quinhentos cruzeiros ------ (Cr$500,oo) mensais;

3 - os outorgados aceitam êste contrato tal como se acha redigido e se obrigam, sob pena de perdas e danos e despesas judiciais, a devolver a posse da propriedade em aprêço, sem exigência de pagamento de qualquer benfeitoria, ao término do prazo marcado na cláusula 1a.

4 - E de como assim se acham justos e contratados, assinam o presente, para os efeitos legais com as testemunhas abaixo.

Tubarão, 22 de outubro de 1962

Testemunhas

Açude

O primeiro açude foi construído de madeira. O aterro era feito com a própria areia. Para conduzir a água até a roda, fizemos um valo na própria areia. Foi feita também uma muralha de pedras, para segurar a areia nos lados do valo e na cabeceira. Uma casa foi construída em cima de uma pedra dura, onde foi instalada a roda e o gerador.

Transporte

Nós tínhamos comprado uma caminhonete de marca Ford F-3, sem cabine e fizemos uma de madeira. Só tinha três marchas. A primeira era igual a uma segunda de outro carro. Perto da praia tinha um combro, subida muito em pé, e quando carregávamos a camionete de pedra em Jaguaruna, tínhamos que subir no morro. Se a camionete subia na terceira, tudo bem. Mas quando apanhava, nos voltávamos de ré e nem na primeira subia mais. Tínhamos que descarregar a metade da carga e levar depois em duas viagens.

Na areia

Estrada não tinha, só areia. Tínhamos que levar o capim para fazer a esteira, para podermos passar. Para fazer os aterros de areia, transportávamos, às vezes de camionete, ou então de carrinho de mão. Quando precisávamos trabalhar no valo, fechávamos o arroio na lagoa, distante cerca de um quilômetro. Nós, que estávamos acostumados a trabalhar com o barro, no primeiro tempo apanhamos na areia. Para fechar o arroio, nós botávamos uma tábua atravessada nele, depois jogávamos areia com a pá pelo lado de dentro da tábua, como se fazia com o barro. Só que na areia era ao contrário: tinha que jogar a areia pelo lado de fora da tábua e este serviço tinha que ser feito rapidamente, em duas pessoas, uma em cada lado do arroio. A lagoa, então, que tem uns três quilômetros de comprimento, agüentava a água durante o dia. À noite

nós a soltávamos. Era muito trabalho, mas para nós, que éramos novos, tudo era divertimento. Só corríamos do serviço em dia de vento, pois a areia vinha com tanta força no rosto da gente, que não dava para agüentar.

Montagem do gerador

A roda estava pronta. Montamos o gerador de marca "Marelli" italiano, de vinte cavalos e corrente alternada. Inauguramos a usina que forneceu luz a praia de Jaguaruna, durante seis anos. Depois as casas aumentaram e a força não dava mais, pois a carga baixava a voltagem. Após, veio a força da Celesc.

Chuveirão

Desmontada a usina, o açude e aquele mesmo valo, foram aproveitados para levar a água para o chuveirão, onde o banhista vem tomar banho de água doce, após o banho de mar.

Compra do terreno

Em abril de 1978, comprei a parte dos meus irmãos. Em seguida, eu, com a sociedade da praia, fizemos um açude novo de tijolos e concreto, com uma queda d' água de 6 metros de altura, a duzentos metros do mar. Só em Jaguaruna - SC, tem uma queda d'água desta natureza.

Loteamento

Os combros de areia eram tirados com a própria água do açude, através de calhas de madeira. Só assim os terrenos ficavam livres de toda aquela areia, sendo usados para fins de loteamento. Foi assim que se formou a praia do Arroio Corrente de Jaguaruna, hoje uma pequena cidade.

Lagosta

Um dia de manhã, antes de começarmos o trabalho de montagem da roda d'água da usina, pois o valo para escoamento da água já tínhamos feito, vimos no fundo da água do referido valo, uma bicharada que nós não conhecíamos. Chamamos o nosso operário que residia ali mesmo e perguntamos para ele se conhecia aqueles bichos. Ele falou que aqueles bichos, como dizíamos, eram lagostas de água doce, um prato de primeira e pulou logo dentro do valo, pegando-as. Ficamos com duas para experimentar, e ele nos ensinou como preparar. O resto ele levou, dizendo: já ganhei o dia.

Indústria

O terreno foi comprado, não só com a finalidade de montar a usina para o fornecimento da luz, mas também para montarmos ali um engenho, para fabricar farinha de mandioca. Fomos impedidos de realizar nosso outro projeto, pois causaria poluição na praia com a água e a casca de mandioca.

Fábrica de vidro

Surgiu a idéia de montarmos uma fábrica de vidro para aproveitarmos aquela areia abundante. Também não ia dar resultado, devido aos dias de vento forte, pois a areia poderia invadir a fábrica.

Venda do terreno

No dia 05 de janeiro de 1987, vendi o dito terreno para a Sociedade Amigos da Praia do Arroio Corrente (SAPAC), representada pelo presidente, Sr. João Luiz Bittencourt e Gilson João Goulart. Achei que aquele chuveirão devia ficar pertencendo a sociedade e ao público.

Capítulo 25

Lavoura de arroz

Em 21 de outubro de 1949, fiz uma sociedade com o Sr. Alexandre Burato, com o seguinte nome: Fontana, Burato & Cia Ltda, em Cubículo, distrito de Treze de Maio. Fizemos várias colheitas de arroz. As terras eram viradas com arado a boi e o corte do arroz era feito braçalmente. A trilhadeira nós mesmos fazíamos aqui e era de porte pequeno. Os banhados alagavam facilmente, pois o rio era fechado e não dava escoamento as águas. Tinha anos que colhíamos o arroz de canoa.

Criação de porcos

O sr. João Formentin e eu fizemos também uma criação de porcos a meia. Ele entrava com o pasto e a mão-de-obra e eu, com a massa da mandioca. Como não se podia jogar a massa da mandioca na água, eu depositava num tanque. No verão era puxada de carro de boi até o potreiro, onde estavam os porcos. Compramos três porcas de pelo duro e um cachaço de raça Duroc. Em pouco tempo já estávamos com mais de cem porcos. Fizemos duas engordas e vendemos no comércio. O restante repartimos. Paramos de criar os porcos, porque eu passei a torrar a massa no forno.

Porcos presos

Com a massa torrada e com o milho que colhia, comprava farinha de carne e farelo de trigo e fazia ração. Depois, separava os leitões da porca e os colocava no chiqueiro. Tratava-os só com ração e água. Em seis meses estavam prontos para serem vendidos no comércio. Pesavam em media 120 quilos cada um.

Inventário em vida

Em 1952, o meu pai, a exemplo do meu avô, quis fazer o inventário em vida. Sentamos na mesa e repartimos os bens com pouca conversa. Tocou para mim a fecularia onde eu morava, mais alguns terrenos e um pequeno estoque de arroz. Em seguida, registrei uma firma individual.



Minha primeira casa e o primeiro filho, Valfrido.
Foto tirada em 1944, com minha máquina.



Bicicleta que comprei para a filha Valmíria. Ao lado, a irmã Neiva, com sua boneca.



Quando eu comprei o primeiro jipe, a minha filha Neiva quis tirar esta foto.



Meu filho Valfrido no dia de sua primeira comunhão. Ao lado, sua irmã Valmíria.



Meu filho Gilberto no dia de sua primeira comunhão, junto com sua irmã Neiva, em 18-10-1959

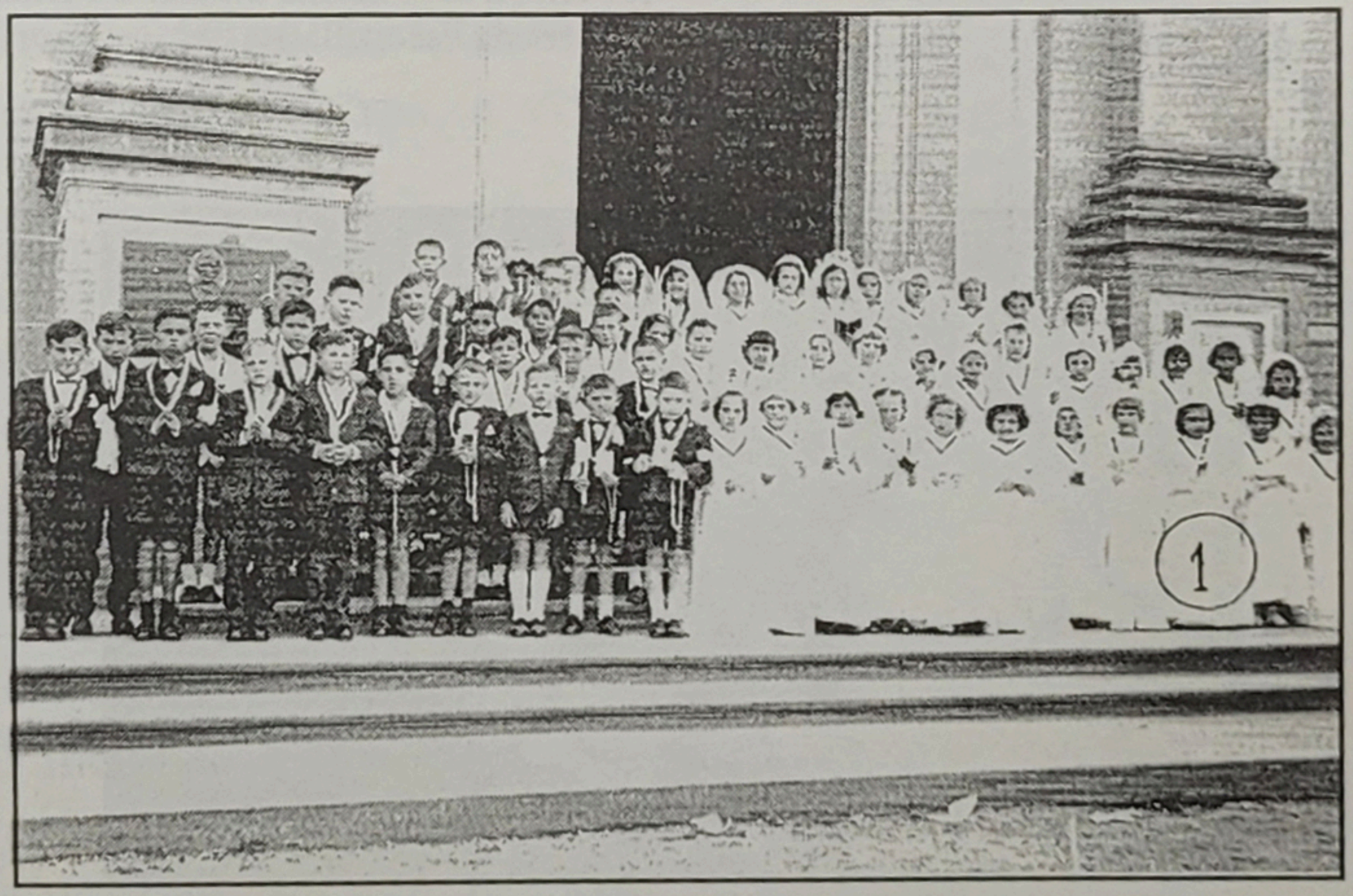
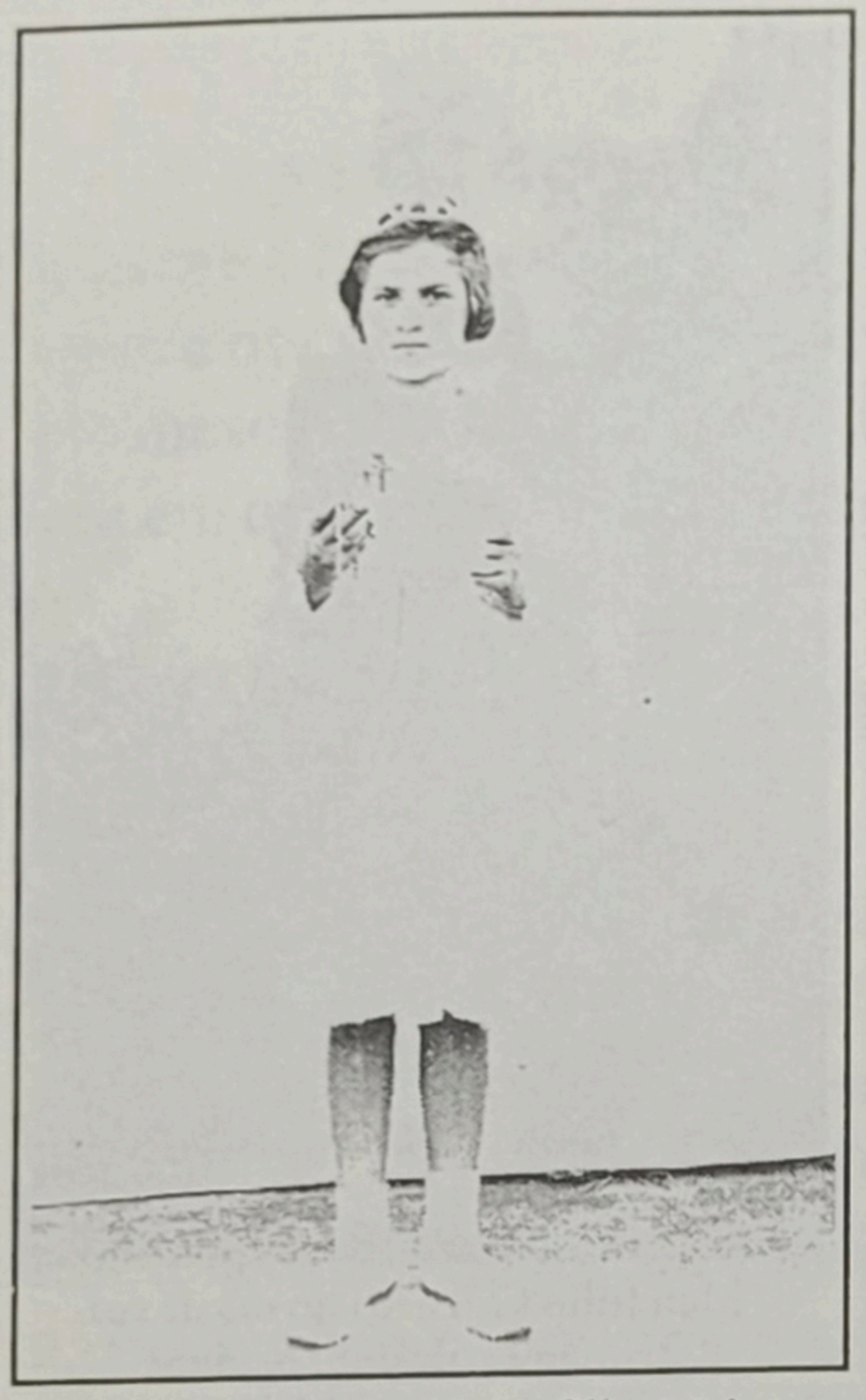


Foto tirada na frente da Igreja Matriz de Urussanga, no dia em que minha filha Valmíria fez sua primeira comunhão. Destacada no círculo.



1ª comunhão de minha filha Neiva.



Germano Bez Fontana Filho, no dia de sua 1ª comunhão. Minha filha, Valmíria, sua filha Karen, eu com minha mulher e a Irmã Regina, diretora da Escola Básica "Monsenhor Bernardo Peters".

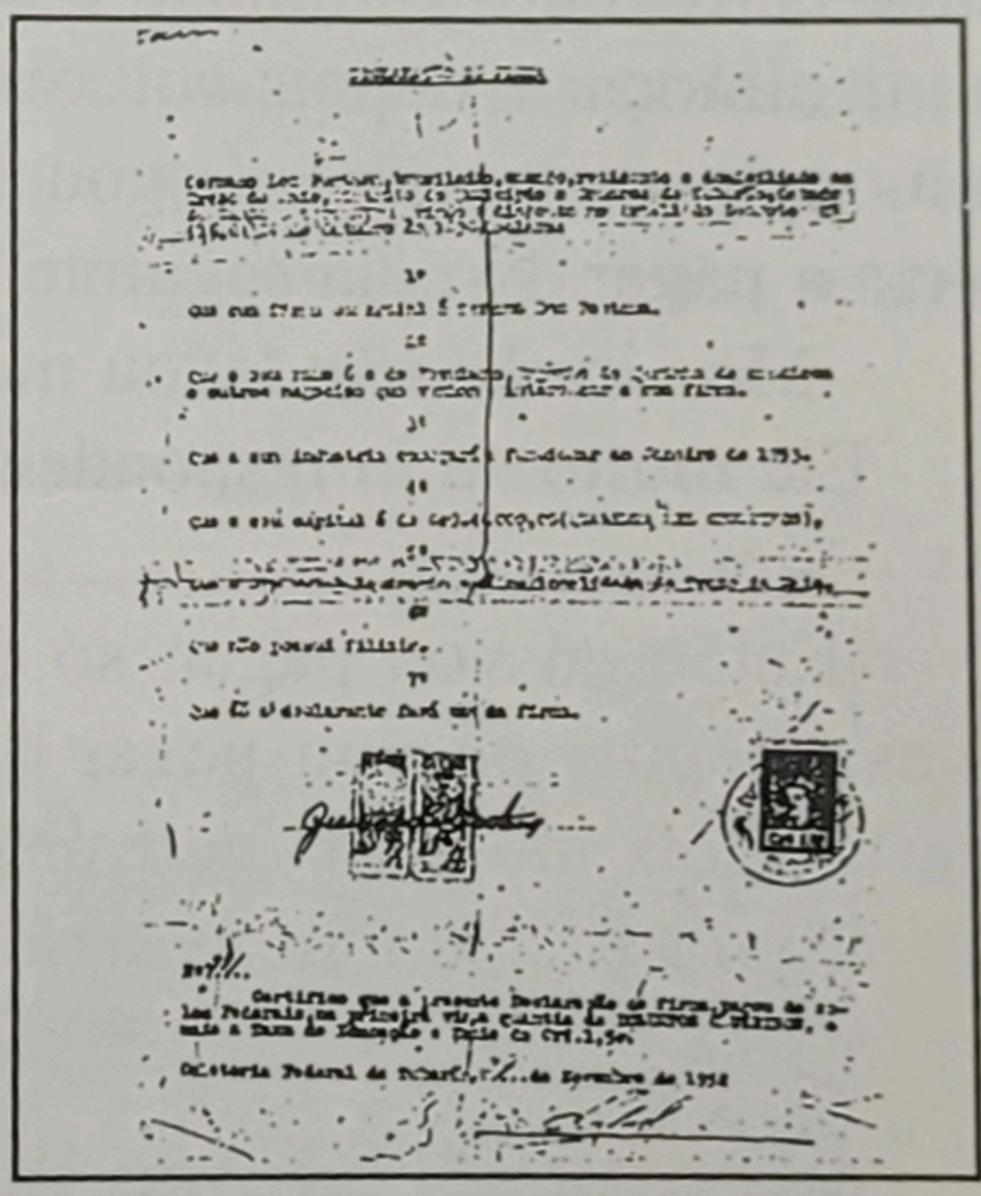


Gilberto Dandolini Fontana, quando recebia o diploma do ginásio em São Ludgero, das mãos da mãe, na presença do Padre José.

Capítulo 26

Firma individual

A partir de 11 de dezembro de 1952, comecei a trabalhar sozinho até 25 de março de 1974, quando a minha indústria foi soterrada por uma barreira, que deslizou de um morro vizinho. Esta catástrofe atingiu, entre outras, a vizinha cidade de Tubarão.



O primeiro negócio da nova firma

O meu primeiro negócio foi vender o arroz que eu tinha no estoque. Descasquei o arroz num descascador que tinha e depois o vendi a um comerciante, em Tubarão. Este negociante tinha um armazém num porão, embaixo do Hotel São José, na rua Lauro Müller, bem no centro da cidade. Depois que embarquei o arroz, fui receber

e o negociante disse que não tinha dinheiro e marcou para a próxima semana o pagamento. Na data marcada, fui buscar o dinheiro e ele novamente não tinha. E assim foi me enrolando por uns dois meses. Descobri que o homem estava falido, mas com boa fé, Deus ajuda.

Um dia, meu irmão Gentil foi em Tubarão e entrou no dito Armazém. O comerciante ofereceu ao meu irmão muitas mercadorias baratas, inclusive fardos de sacos vazios. Meu irmão então falou que ia resolver. Na volta para casa, passou na minha residência ofe-
recendo-me os sacos, não sabendo que eu tinha conta para receber do dito comerciante. Aí contei a história para o meu irmão, combinei com ele para que fosse no dia seguinte de caminhão e comprasse mercadoria a mais do que ele devia para mim. No outro dia, meu irmão carregou o caminhão e ao meio dia ele disse ao comerciante que ia almoçar e depois voltava para pagar a conta. Só que ele veio para minha casa e me entregou as mercadorias, com a nota da importância a pagar. No dia seguinte eu fui no comerciante e perguntei:

-Meu irmão não levou mercadorias daqui ontem?

Ele muito sério respondeu:

-Sim.

-Então eu vou pagar, só que tu tens que descontar o que me deves. Depois eu vou pagar o restante. Eu pago a vista e tu me levastes dois meses na conversa.

Com velhaco é necessário agir assim

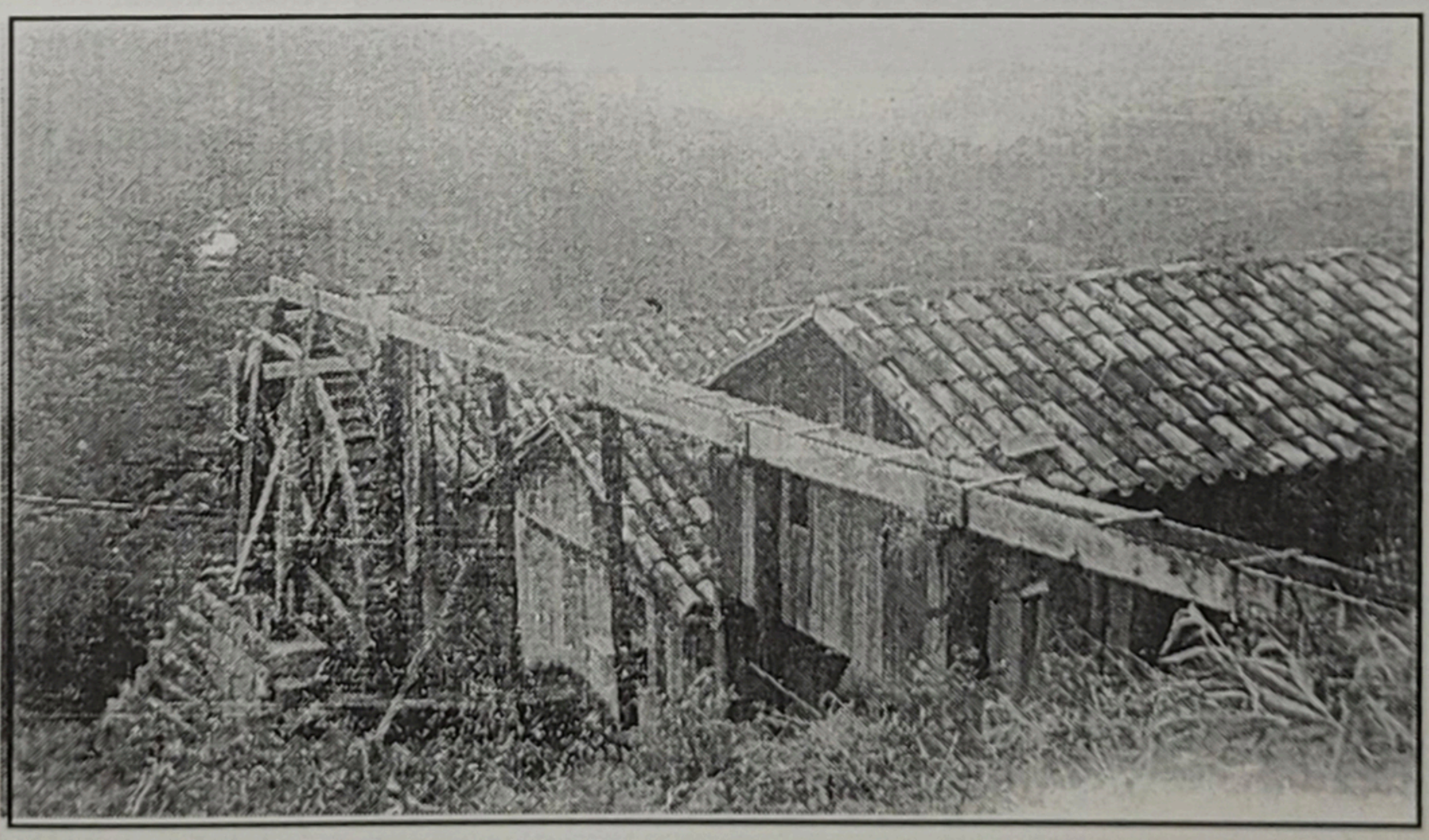
Fogo no armazém

Poucos dias depois, de madrugada, pegou fogo no armazém. Como tinham foguetes armazenados, eles começaram a estourar. Os hóspedes do hotel se arrancaram de pijama. Não houve vítimas, mas o hotel e o armazém foram destruídos pelo fogo. Só deu tempo de cobrar minha conta, pois se esperasse mais uns dias, perdia tudo. Tem um ditado que diz: quando um negócio começa mal, acaba bem.

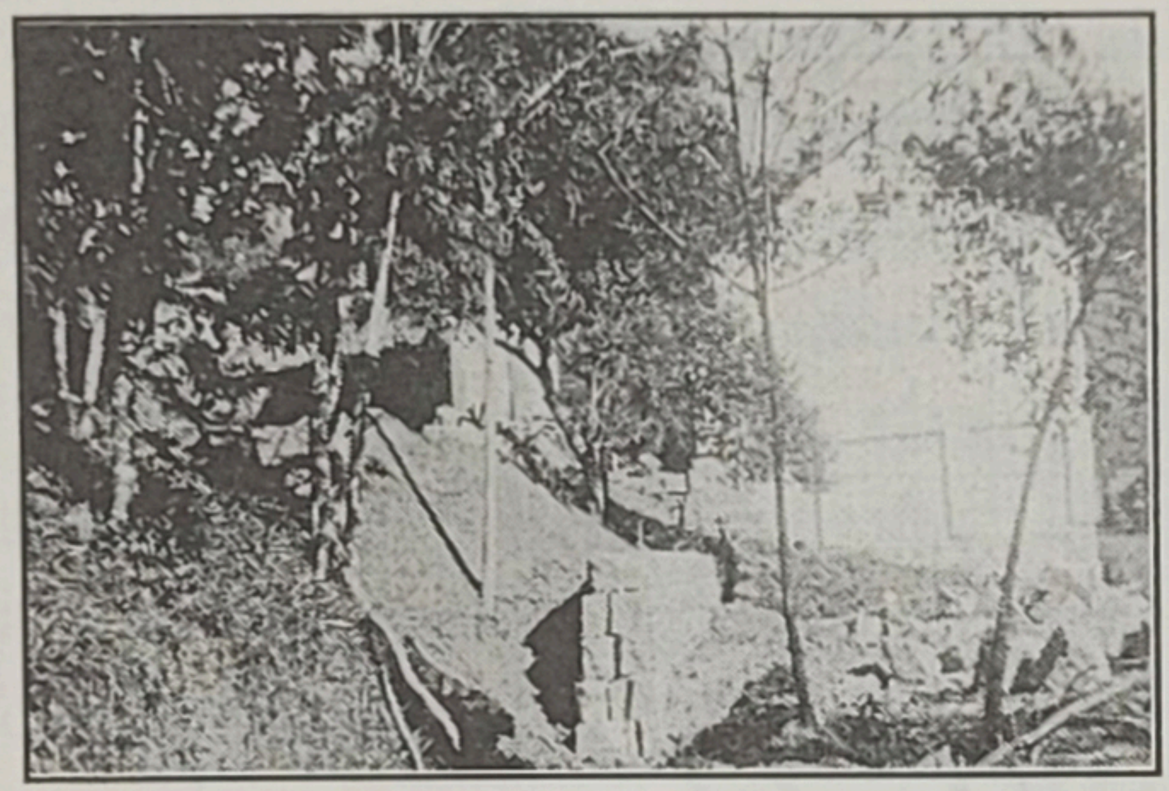
Capítulo 27

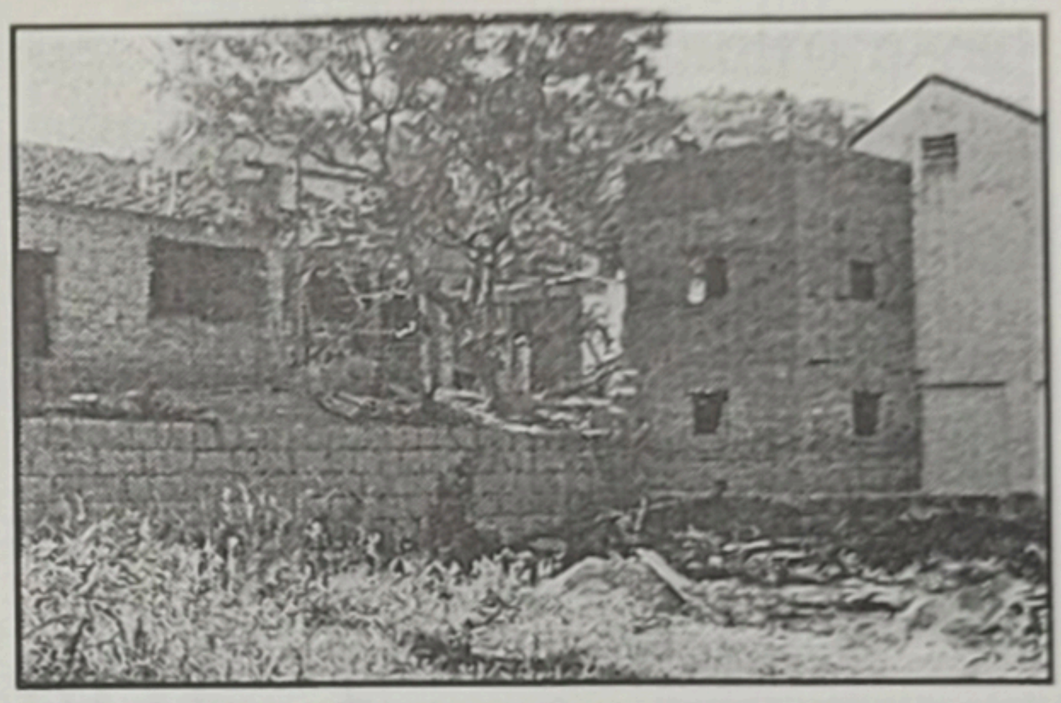
Reforma da fecularia

Como expliquei anteriormente, na época das firmas Serafim & Fontana Ltda e de Giácomo Bez Fontana & Filhos, a fecularia era uma indústria de muita mão de obra. Era necessário, portanto, melhorar e aumentar a produção.

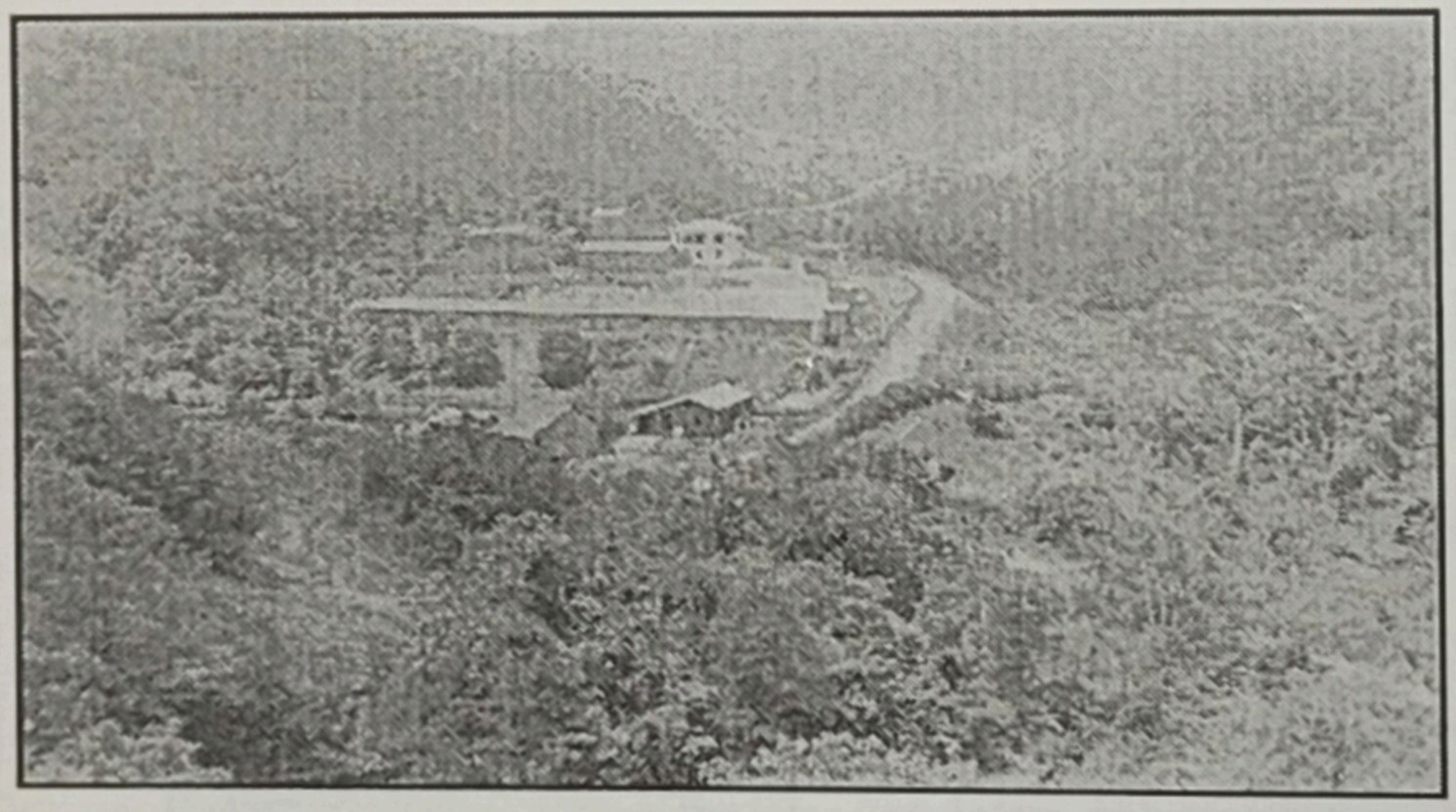


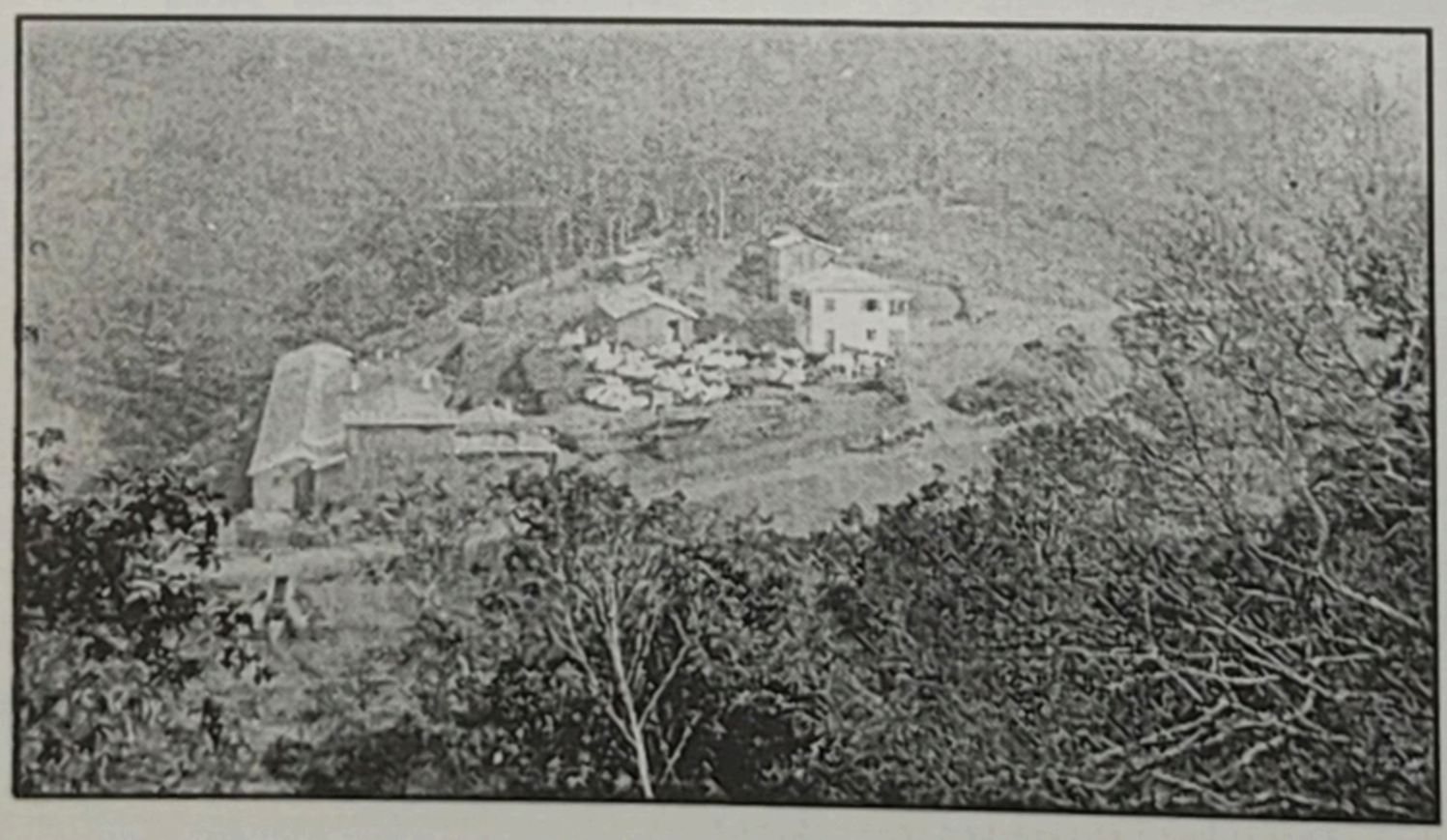
A roda d'água que tocava a fecularia "Serafim e Fontana Ltda", de Lageado, durante a Segunda Guerra Mundial.





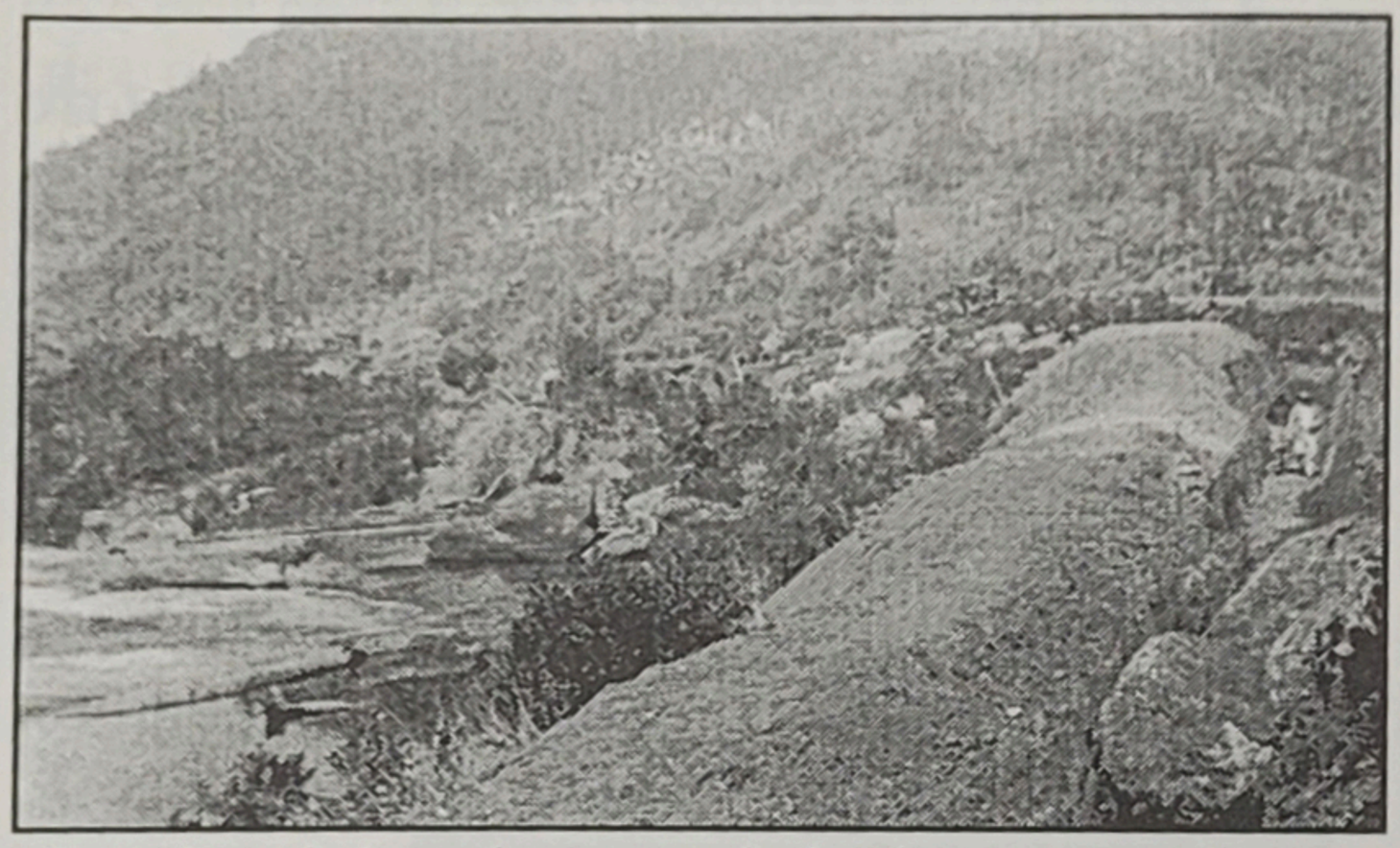
Os muros na minha fábrica eram reforçados. Começavam embaixo com 1,00 metro e terminavam em cima com 70 centímetros, como se vê nas duas fotos de 1958.





Em 1944 data destas fotos, esta fecularia ainda pertencia a firma Serafim & Fontana Ltda., de Pedro Manoel Serafim e Germano Bez Fontana. Era movida por uma roda d'água.
Em 1941, devido ao preço baixo da fécula, nós montamos um engenho de farinha de mandioca e também comprávamos farinha de outros engenhos. Estávamos na Segunda guerra mundial. Não tinha mais caminhão, muito menos gasolina. Todo o transporte era feito com carros de boi. Tinha dias de carregar-mos quarenta carros para a Estação da Estrada de Ferro de Jaguaruna. Na foto, alguns carros carregados, prontos para seguirem viagem.

Mais uma roda d'água



Quando eu fazia a vala para conduzir a água para a turbina, o problema eram as pedras, que tinham que ser detonadas.

Eu estava trabalhando com apenas uma roda d'água, com dez cavalos de força. Desmontei aquela roda e fiz duas maiores com os mesmos 5 metros de diâmetro, só que mais larga. A água que saía da primeira, tocava a segunda. Aí melhorou um pouco, pois me dava trinta cavalos de força. As luzes da fábrica e da minha residência, eram geradas por meio de dois dínamos de caminhão de seis volts e duas baterias de 17 placas.

Novo gerador

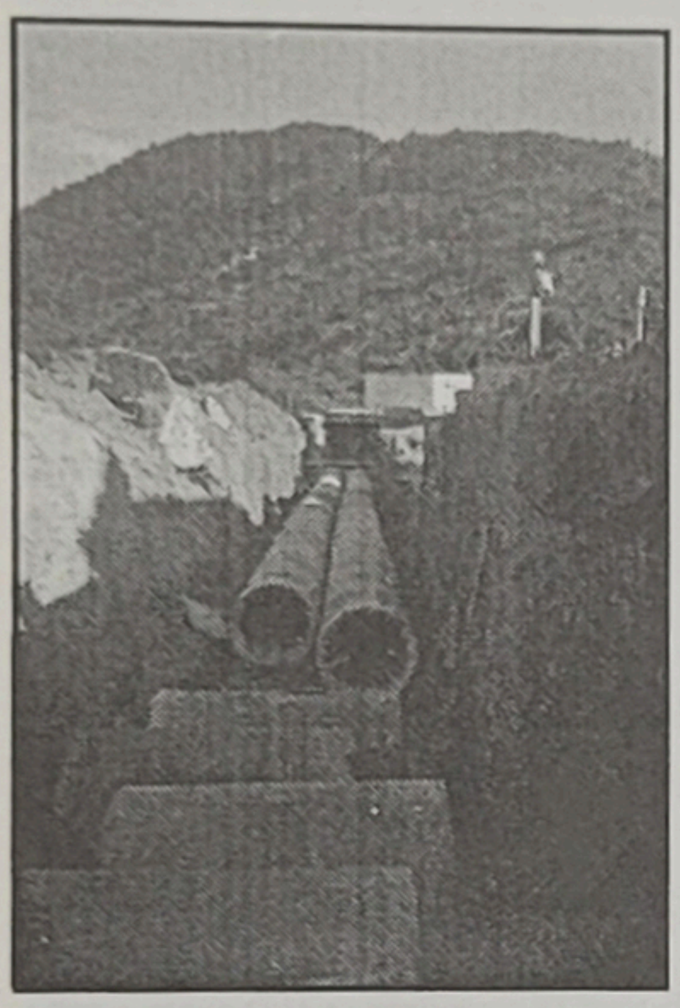
Comprei um hidroelétrico, da fábrica Bambozzi, no município de Matão - Estado de São Paulo, com capacidade de 3000 volts, turbina hidráulica com gerador acoplado e com regulador automático. Aí, tinha luz abundante.

Turbina no lugar das rodas

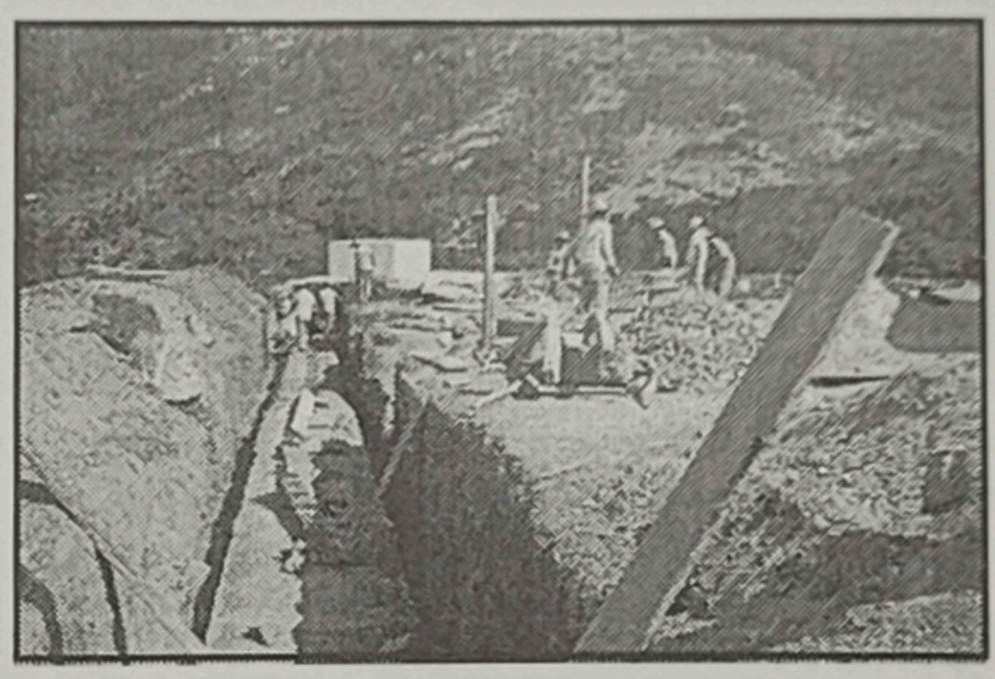
Precisa de mais força na indústria, por isso resolvi encomendar uma turbina hidráulica, para substituir as duas rodas d'água que me davam trinta cavalos e que nunca tinham rotação certa. A turbina me dava quarenta e oito cavalos de força, era automática e com pouca manutenção.

Segunda turbina

A indústria foi aumentando a cada ano e eu precisa de mais força. Vendo que a água do rio estava sobrando, resolvi aumentar a turbina. Vendi a primeira e encomendei outra maior que me fornecia setenta e cinco cavalos.



Aqui estão os tubos que conduzem a água pára a turbina, antes de receber o concreto.



Aqui os tubos de cimento unidos, já concretados.

Cooperativa de Eletrificação Rural

Foi fundada aqui em Treze de Maio, a Cooperativa de Eletrificação Rural e passei a usar esta energia para ajudar a turbina. Mas, por mais barato que fosse essa energia, no fim do mês tinha que pagar e encarecia o custo dos produtos que fabricava.

Terceira turbina

A minha indústria virava com a ajuda da energia da Cooperativa e também da turbina. Dentro do meu terreno, além da cachoeira em que tinha a turbina de setenta e cinco cavalos, tinha outra queda que daria duzentos e oitenta cavalos e eu não podia desperdiçar. Fui em São Paulo, corri os ferros velhos e encontrei em São Bernardo tubos apropriados, que nunca foram usados, com 60 centímetros de diâmetro e comprimento de 6 metros. Como eram baratos, fechei negócio

comprando trezentos metros e despachando em oito caminhões. Mandei fazer um orçamento da turbina, que seria acoplada com um gerador de duzentos e oitenta cavalos e passaria a trabalhar só com energia própria. Mas não era só isso, a indústria também tinha de ser modernizada.

A estufa de secagem

A estufa de secagem da fécula era de fogo direto por meio de uma fornalha e de dois tubos feitos de tijolos, que cada repartição continha. Bem no alto eram estendidos os tabuleiros. Repartição muito perigosa, do fogo com a caloria dos tubos de tijolos, que chegavam a envermelhar, de forma que as Companhias de Seguro, não aceitavam mais fazer o seguro contra o fogo das nossas estufas. Ela foi inventada na época da Segunda Guerra Mundial desta maneira, porque não se encontrava material para fazer de outro tipo.

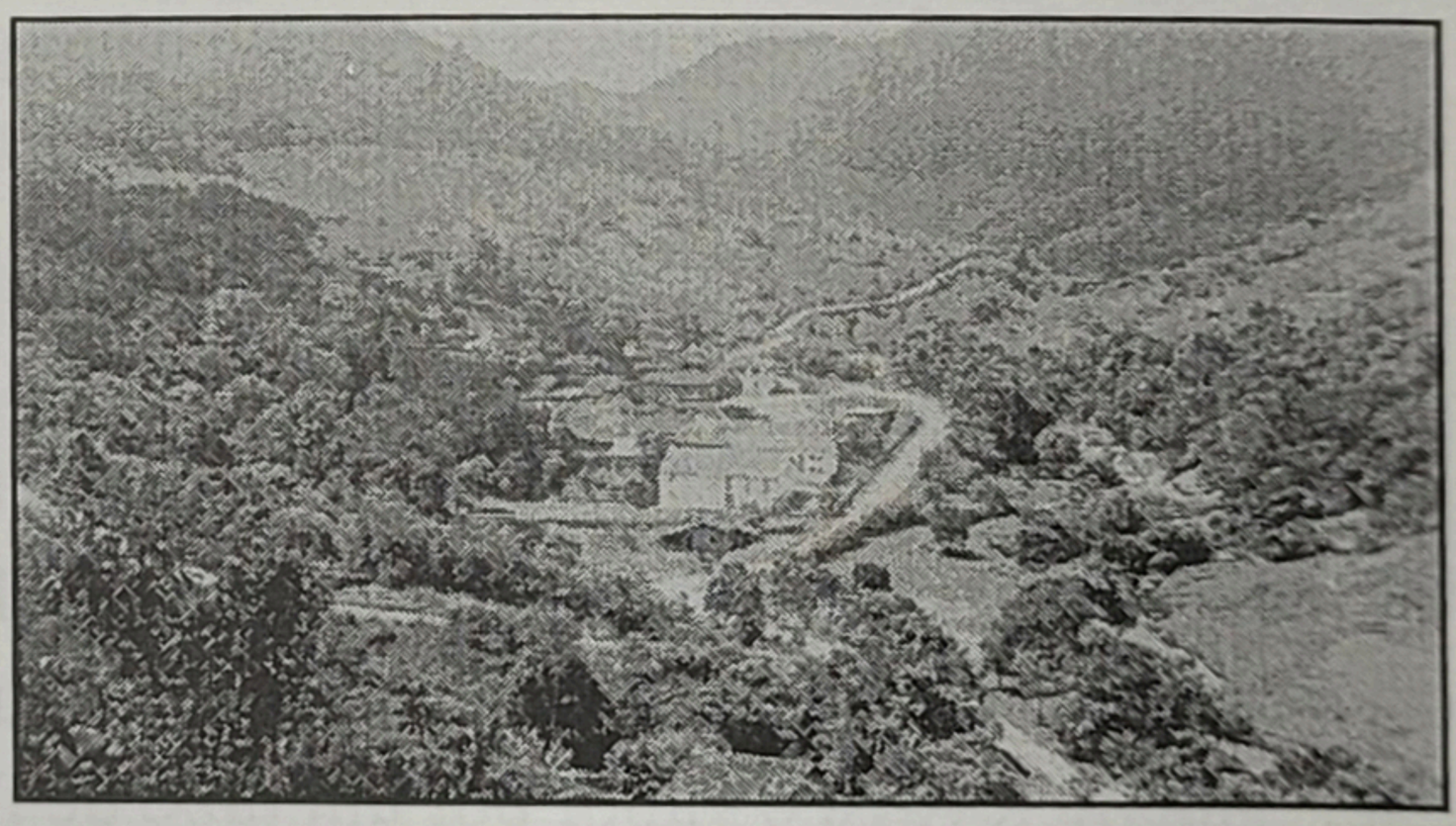
Caldeira a vapor

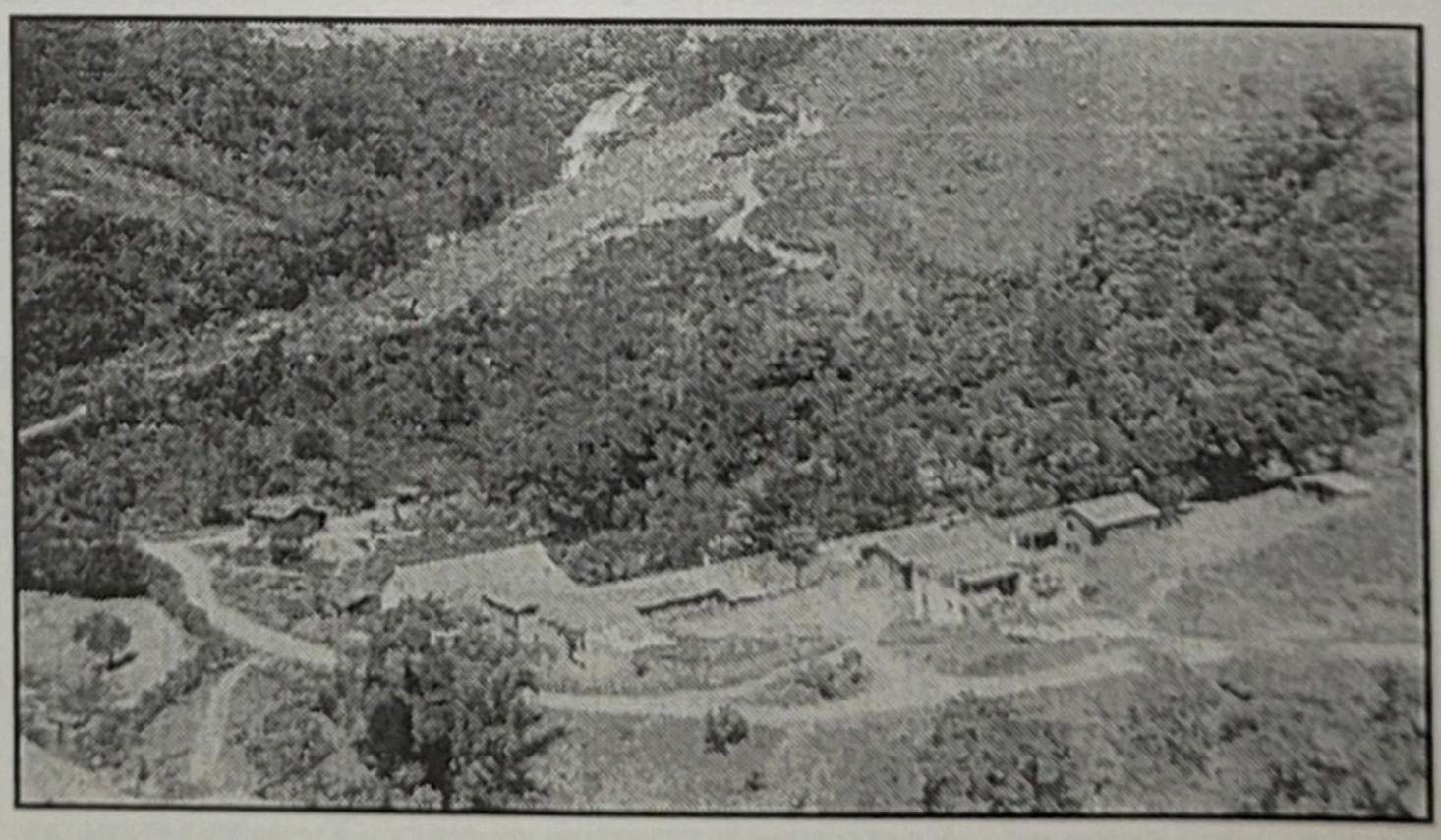
A primeira melhora na secagem da fécula deu-se, quando encomendamos em sete de fevereiro de 1958, uma caldeira a vapor. Esta caldeira levava o vapor por um tubo de ferro galvanizado, de uma polegada, por entre os tabuleiros, tudo serpentina. Eram cerca de mil metros de tubo espalhados em três repartições, com caloria suficiente para a secagem da fécula, substituindo as fornalhas de fogo direto. Acabou assim com o perigo de fogo nas estufas e além disso, agora só precisávamos colocar fogo numa fornalha, ao invés de seis. Outra melhora precisaria ser feita na parte do transporte dos tabuleiros, pois ainda contava com muita mão-de-obra.

Incêndio

O meu amigo, Sr. João Quarezimim, me contou sobre um incêndio que ocorreu na sua fécula, porque ao levar o tubo de vapor para dentro da estufa, precisava-se colocar um registro na rua, para regular a pressão do vapor. O encanador enganou-se e botou o registro de metal dentro da estufa. Um dia, por descuido, o foguista da caldeira esqueceu de botar água nela. A caldeira, em vez de colocar vapor pelo tubo, colocou fogo e derreteu o registro de metal que estava dentro da estufa. Aí pegou fogo na estufa, além de prejudicar a caldeira, que ficou sem água. A gente aprende assim. Outra vez se coloca o registro de metal pelo lado de fora.

Nova construção





Fotos tiradas da minha fecularia em 1967. Na 2ª foto, nos fundos, aparece a cachoeira do rio Perdoná. Na primeira casa embaixo, morava Reditário Frécia e em seguida a ferraria, dentro da nossa propriedade. Depois vem a fecularia e em seguida a minha casa pintada de branco

Precisava ampliar a fecularia. Construí uma casa de alvenaria, de 7x27metros, um depósito de 9x18metros, sendo que a metade era de dois pavimentos. Dentro do depósito fiz um silo para armazenar a fécula a granel e um depósito de dois pavimentos de 6x16metros. Reformei toda a casa da fábrica, substituindo as paredes de madeira por tijolos. Além disso, fiz uma casa para a balança e uma garagem para o caminhão. Comprei uma balança, com capacidade de peso para trinta toneladas. Estava com a fábrica reformada.

Início da safra

No dia 10 de marco de 1974, iniciei a safra. Tinha mandioca a vontade, os puxadores e os donos da mandioca estavam contentes porque a safra tinha começado cedo. Eu já tinha feito embarque de fécula nova para São Paulo e Rio de Janeiro. Tudo ia bem, na maior das maravilhas. Com o dinheiro que recebi da fécula vendida, paguei as minhas contas nos bancos. Mas há um ditado que diz: quando se começa bem, mal se acaba. Dito e feito.

Viagem para Porto Alegre

No dia 20 de março de 1974, quarta-feira, fui para Porto Alegre com o meu fusca. Na estrada, notei uma coisa fora do normal. Saí de casa com tempo bom. Após cinqüenta quilômetros, deu um aguaceiro. Daí a pouco limpava. Mais adiante, chuva de assustar e assim foi até Gravataí. Fui na casa do meu cliente e amigo, Sr. Roberto Vinter, em Morungava, fazer-lhe uma visita e contei a ele sobre o tempo. Ele me falou que já fazia uma semana que o tempo estava assim. Chovia e limpava umas dez vezes ao dia. Dali, segui viagem para Porto Alegre e no outro dia, quando voltei, o tempo continuava do mesmo jeito. A chuva vinha do mar.

Rio Tubarão

Dia 22 de março de 1974, sexta-feira, fui para Tubarão, no Banco do Brasil, que ficava situado num prédio próximo ao rio. Olhei para o rio e vi que estava cheio, querendo transbordar. Virei para o guarda do banco e disse brincando:

-Com mais um pouco que chove, vocês tem que levantar o cofre do dinheiro.

A chuva continuava

Dia 23 de março de 1974, sábado, as nuvens que vinham do mar descarregavam as chuvas nas costas da serra e em conseqüência o rio Tubarão continuava subindo tanto, que alagou a metade da cidade de Tubarão. Domingo de manha as águas já tinham baixado um pouco.

Fui ver Tubarão

Dia 24 de março de 1974, domingo, fui ver a cidade de Tubarão, que estava inundada e o rio ainda querendo transbordar. Ao voltar para Treze de Maio, soube que já tinha caído o primeiro aguaceiro fora do normal, mas o tempo já estava bom novamente. Os nossos rios nascem aqui em Treze de Maio mesmo, de forma que a chuva na serra não nos prejudica, o que não acontece em Tubarão e Urussanga. Portanto, aqui em Treze de Maio estava tudo normal, apesar dos pequenos aguaceiros que caíam. Estávamos até contentes, que se passasse por isto nada aconteceria.

Tromba d'água - Enchente 1974

Neste mesmo domingo, dia 24 de março, às cinco horas da tarde, começou uma tromba d'água de assustar em Treze de Maio. Eu, com meu filho Valfrido, fomos logo a um potreiro que tinha a um

quilômetro de distância, para soltar as criações, já imaginando que ficaria alagado. Com a ajuda voluntária de alguns vizinhos, soltamos as criações que vinham pela estrada afora. Porém, numa certa altura, devido a forte chuva que era de assustar, abandonamos as criações. Eu e o Valfrido procuramos atravessar a ponte sobre o rio Perdoná, antes que a água invadisse e nos ficássemos presos, sem poder voltar para casa. Algumas criações depois apareceram e nós as prendemos no piquete, enquanto que outras ficaram espalhadas na beira das estradas.

Chegada de carro

Vindo de Tubarão, passou pela minha casa o Sr. Antonio Rezim da Silva, em direção a Treze de Maio, com um fusca. Não demorou e ele voltou, dizendo que a dois quilômetros dali tinha caído uma barreira, fechando a estrada. Estávamos conversando, quando chegou o padre com um jipe. O Sr. Antonio Rezim da Silva deixou o fusca na minha casa e foi com o padre, de jipe, tentar chegar em Treze de Maio, por outra estrada. Ali só subia carro com tração nas quatro rodas. Não demorou muito, passou o ônibus que também teve que voltar para minha casa, sendo que alguns dos passageiros seguiram a pé. E assim, aos poucos foi amontoando gente na minha casa, impossibilitados de seguir viagem. A noite os homens dormiram no ônibus e as mulheres na minha residência

Luz própria

Eu tinha energia tanto própria, quanto da Cooperativa. A da Cooperativa falhou e a minha, tínhamos que ir de 20 em 20 minutos limpar a grade da turbina, para que a água fluísse normalmente, pois as folhas tapavam de vez em quando. Esta limpeza fizemos até à meia-noite, quando desistimos e ficamos no escuro. Ficamos apenas com uma lâmpada a pilha, para ir na rua. O vento leste soprou a noite inteira, a tromba d'água durou até as nove horas da noite e a chuva diminuiu.

Água perto da fecularia

Às dez horas da noite, meu filho Valfrido foi ver como estava a fábrica. Abriu a porta pelo lado de baixo e notou que faltavam 40 centímetros para a água entrar no assoalho, onde era o depósito. Ali tínhamos fécula ensacada, pronta para o embarque. Depois ele veio me chamar e eu fui lá também. Resolvemos, a exemplo do que meu pai fez na enchente de 1920, levantar as coisas miúdas como balança, sacos vazios, etc. À meia-noite fomos dar outra espiada e a água continuava estacionada. Assim fizemos às duas e às quatro horas da madrugada, quando constatamos que a água já tinha baixado uns oitenta centímetros. Diante do quadro ficamos mais contentes, pois já estávamos fora do perigo, apesar da ferraria que estava do lado de baixo já estar com água pelo telhado. Lá também só tinha ferro e pouco nos prejudicava. Voltamos para casa e fomos descansar um pouco.

De manhã, a minha mulher levantou cedo, como de costume e fez café para todos que ficaram presos em minha casa. Após o café, todo mundo ficou a vontade, mas a chuva continuava.

Segunda tromba d'água

Eram 7 horas do dia 25 de março de 1974, segunda-feira. Na frente da minha casa, as águas do rio desciam pela estrada, prejudicando-a. Convidei os operários da prefeitura que tinham ficado em minha casa, para juntos abrirmos um valo na estrada e evitar mais prejuízos. Na hora que começamos o serviço, estourou outra bomba d'água, pior que aquela de domingo. Aquilo não era mais chuva, era água despejada. Então eu disse para os operários:

-Vamos largar, porque não adianta mais nada.

Estávamos muito assustados, pensando no que poderia acontecer. Ainda por cima estávamos presos, não tendo por onde escapar.

Eu estava com cem toneladas de mandioca no funil da fábrica, pronta para ser desmanchada e quando olhei, vi uma vaca solta no pátio

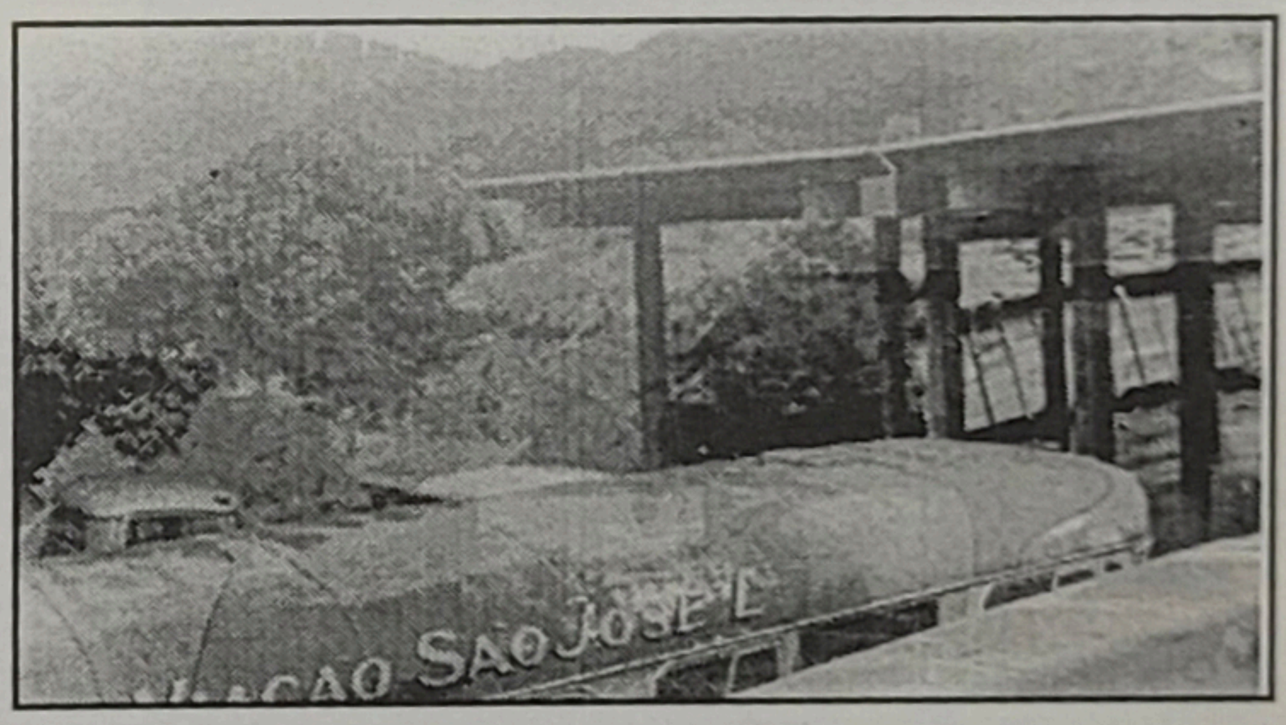
comendo-a. Com medo que fizesse mal, por ser mandioca verde, eu toquei a vaca pelo lado de baixo da fécula. Ela não queria ir, mas eu insisti até que ela foi e acabou de morrer a um quilômetro de distância. Depois o motorista do ônibus e outro companheiro queriam ir embora. Eu ensinei um atalho para eles irem a pé, mas aconselhei que não prosseguissem, só se tivessem muita coragem, pois era muito perigoso, podendo rolar alguma pedra. Mas eles foram e se escaparam, por poucos minutos , da catástrofe que ia acontecer.

As 8:30 horas, meu filho Valfrido, protegido da chuva por uma capa, se encontrava em cima da caixa d'água da turbina, olhando um transformador da Cooperativa de luz, que estava caído. Eu e o Sr. Dionel Cândido, estávamos na porta do escritório olhando aquele dilúvio d'água. Meu companheiro me disse:

-Vai chamar o teu filho, porque um poste na frente dele vai cair e certamente cairá em cima dele. Eu corri para chamá-lo, mas ele não me ouvia, por causa do barulho que a água fazia. Cheguei então perto, chamei e ele virou-se para mim, ficando de frente para o morro e gritou:

- Os morros estão descendo.

Eu me virei e vi pedras, terras, eucaliptos rolando morro abaixo. Parecia o fim do mundo. Gritei, chamando todo o pessoal para correr. Dos três que estavam dentro do ônibus, um pulou a janela e os outros dois saíram pela

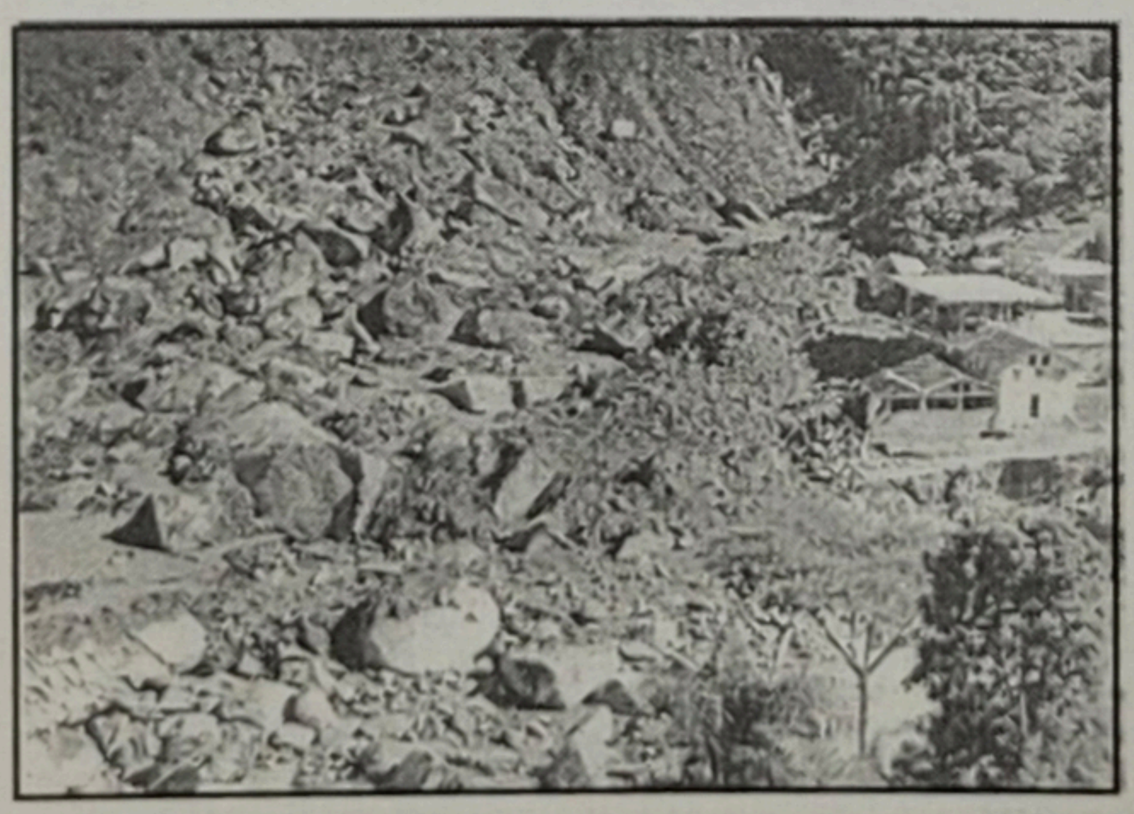


Nesta foto vemos a cobertura de dois ônibus da Empresa "São José Ltda", a cabine do caminhão-caçamba da Prefeitura de Treze de Maio, pouco atrás a cabine de um caminhão mercedes, além de um fusca que não aparece na foto, veículos estes que ficaram aqui na minha casa, devido a estrada para Treze de Maio estar interrompida por deslizamento de uma barreira no km 3. Os homens dormiram dentro do ônibus. Ninguém podia prever a catástrofe do dia seguinte, numa segunda-feira, 25 de março de 1974, às 8 horas e 30 minutos da manhã, quando deslizou um morro vizinho e levou a minha indústria inteira até o rio Caipora, onde a fúria das águas da grande enchente a desmontou e carregou. Foi um milagre, pois ninguém perdeu a vida. Escapamos por poucos metros.

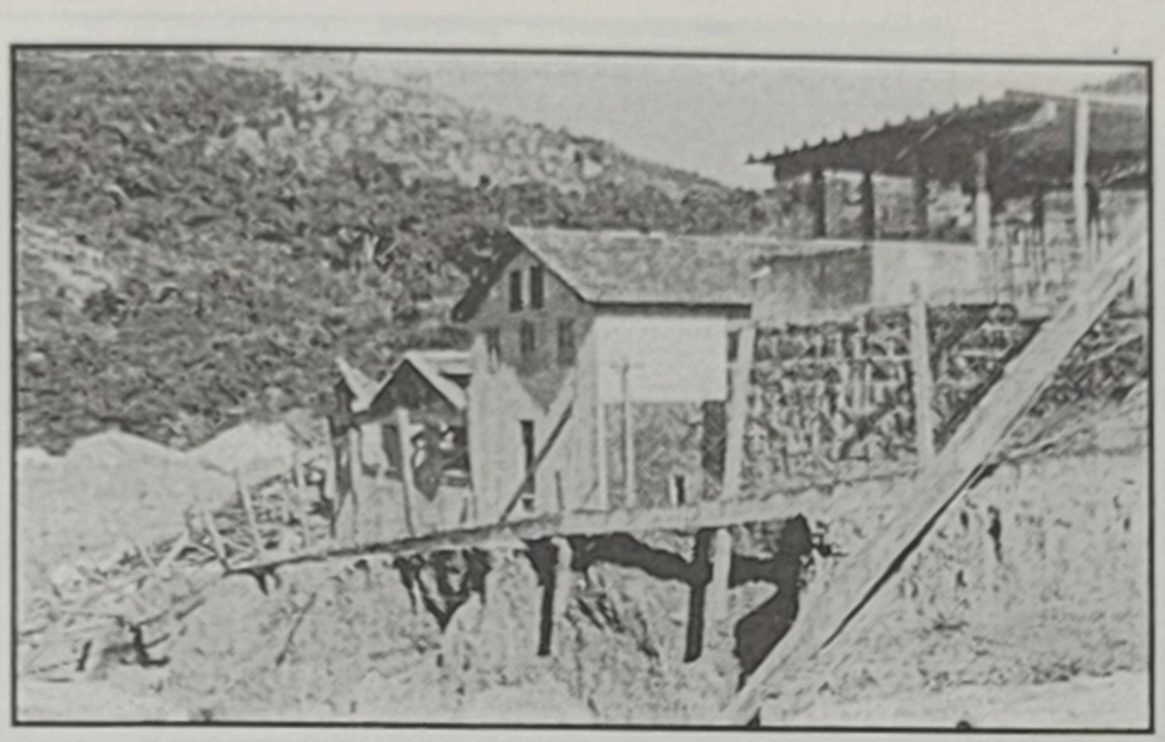
porta. Meu filho entrou em casa para apressar o pessoal e eu na frente continuava chamando e olhando para o morro. Assim corremos uns cem metros e depois paramos. Aí o pessoal perguntou porque tínhamos mandado que todo mundo corresse. Eles nada tinham visto, só eu e o Valfrido. Aquilo era uma catástrofe. Foi calculado pelos geólogos, que desceram do morro mais ou menos quatrocentas mil toneladas(400.000) entre pedras, matos e terra. Algumas dezenas de pedras tinham até vinte metros de comprimento. O morro desceu, levando a fábrica inteira até o rio e o volume de água era tão grande, que desmontou tudo. Lá se foi a minha fortuna, adquirida em trinta e quatro anos de luta. No lugar da fábrica ficou só um monte de pedras e terra.



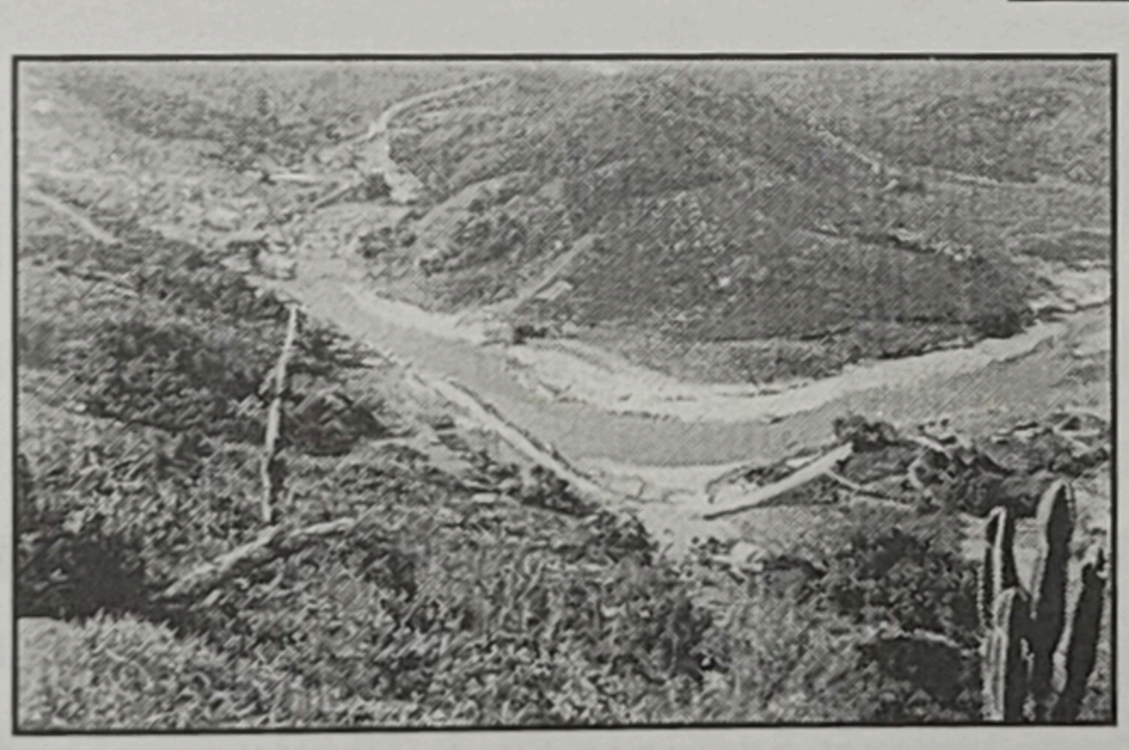
No dia da enchente, 25 de março de 1974, às 8 horas e 25 minutos, a fábrica estava assim, como mostra a foto.



No dia da enchente, 25 de março de 1974 segunda-feira às 8 horas e 30 minutos, a fábrica ficou assim, como mostra a foto.







Esta três fotos mostram como ficou a fábrica depois da enchente de 1974.

Além do prédio, ainda perdi: seis moinhos a martelo, cinco secadores de fabricação Andréa - SP, centenas de rolamentos estocados, uma máquina de prensar uva de fabricação de Caxias do Sul, novinha em folha, um torno mecânico que ainda não tinha montado, uma ferraria completa com malho, tocada por duas rodas d'água, toda a cerca dos potreiros com moirão de pedra, criações e pastagem, que ficou coberta de areia, cem toneladas de mandioca que estavam no funil da fábrica, oitocentos sacos de fécula prontos para embarque, dez mil (10.000) sacos de papel vazio, uma máquina de costurar sacos, com motor e

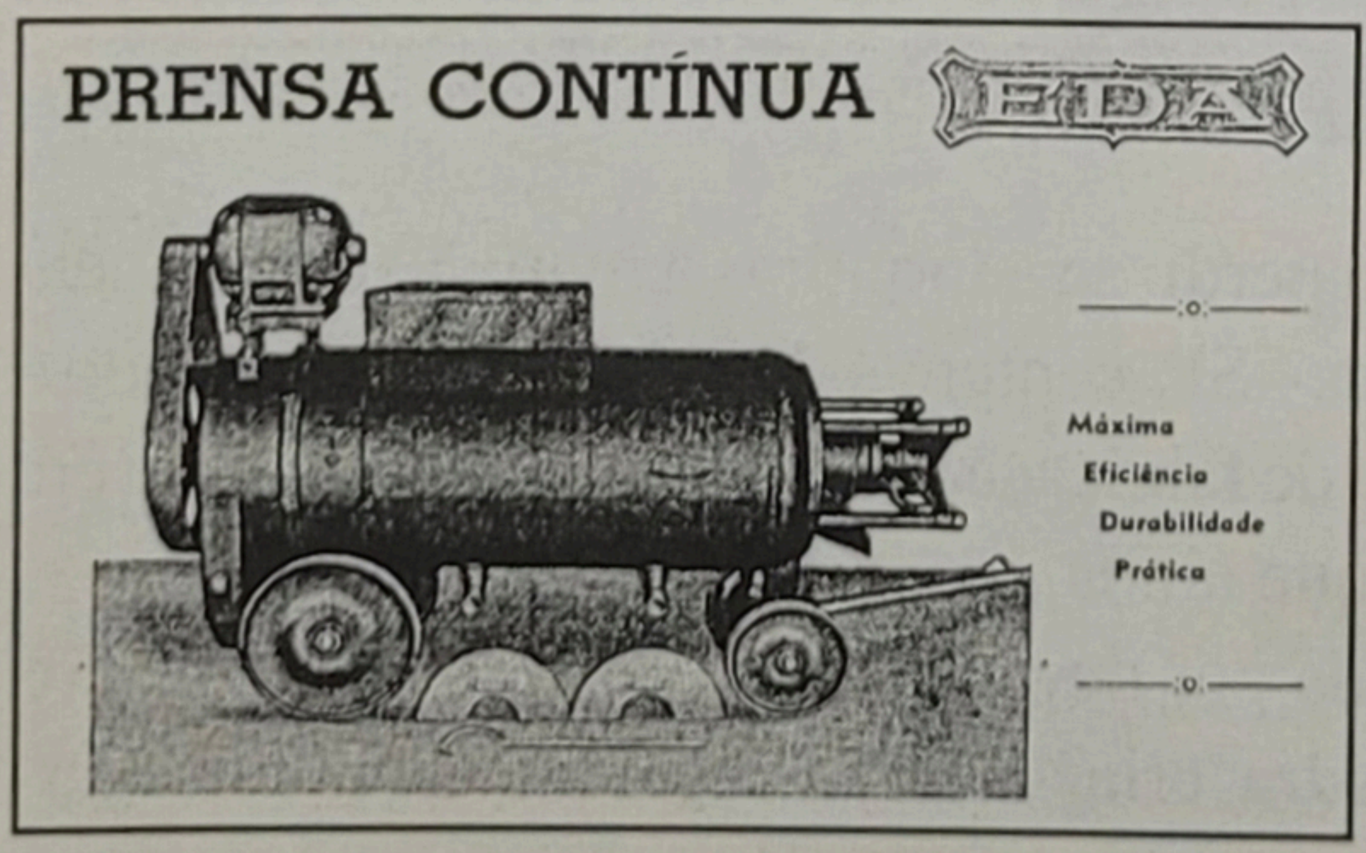


Este paiol de 6x12 metros, era revestido de tijolos por fora e por dentro forrado de madeira para despejar farinha e fécula a granel. Com a pressão da barreira ele foi jogado uns 10 metros longe e nem caíram as telhas. Só caiu a parede de tijolos por fora. Atrás do paiol (prolongamento), tinha 3x6 metros só de material, aonde tinha, além de outras coisas, dez mil sacos de papel para fécula de 50 quilos, vazios, como se vê na foto, embaixo do forro da casa desmontada.



Depois da enchente, ficaram enterrados ou desaparecidos 300 metros de tubo, como também chapas de 1/2 polegada com 60 centrímetros de diâmetro. Atrás, na foto, há parte de uma carroceria de caminhão, que estava em cima de 4 tambores de óleo de 200 litros. O peso da barreira empurrou-a, com o terreno junto, uns 80 metros do local que ela estava, sendo que nem caiu dos tambores. Se alguém estivesse sentado na carroceria , viajaria e nem perceberia.

esteira rolante, cinco balanças pequenas de duzentos quilos, estoque de peças, ferramentas em geral, uma caldeira a vapor que ainda não tinha montado e outra já montada e dois mil (2.000) metros de lenha. Além disso, eu tinha mercadorias em casa do meu irmão Gentil, entre máquinas e madeira que tinha comprado e que a água do rio passou por cima, molhando tudo e enchendo de lodo, bem como um caminhão Mercedes Benz que estava na oficina em Treze de Maio e que também foi atingido pela água. Isso tudo sem contar a dívida que tinha com meus fornecedores.



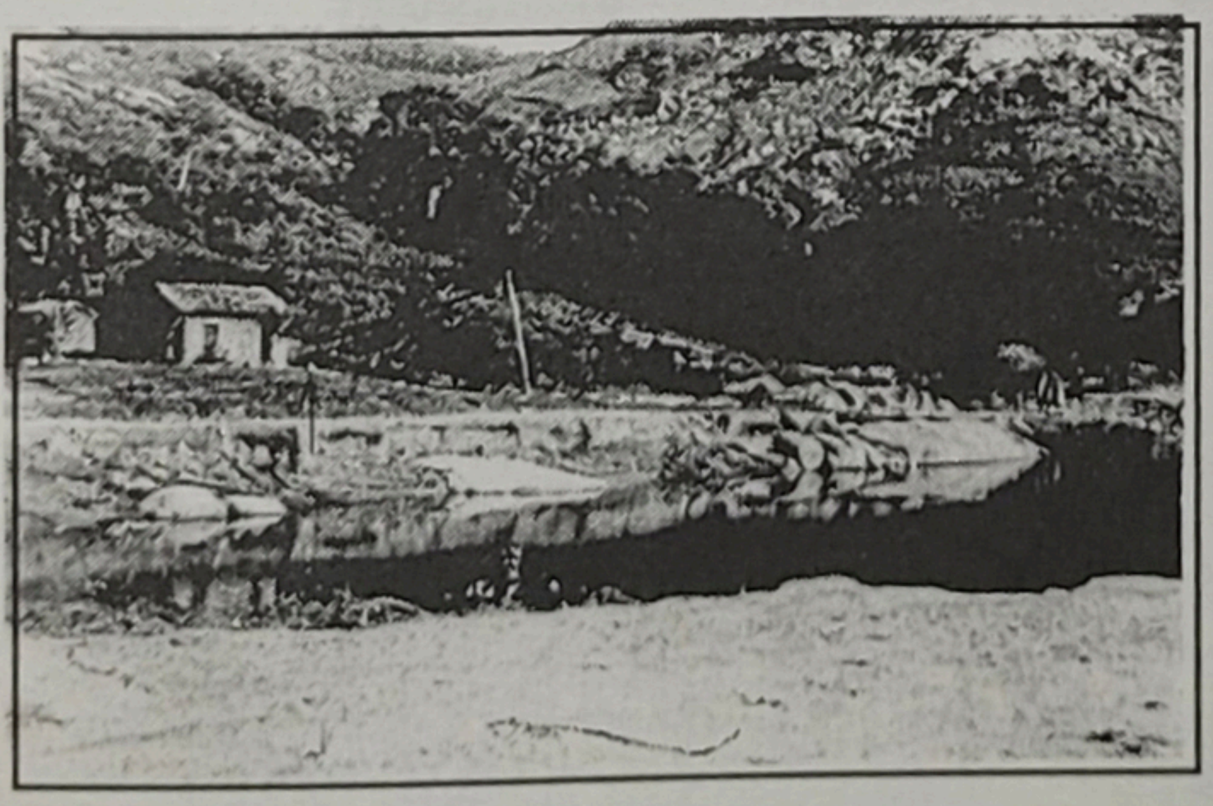
Esta prensa, usada para emprensar bagaço de uva, foi soterrada pela barreira de 1974, e até hoje não foi encontrada. Também foi soterrado um torno mecânico



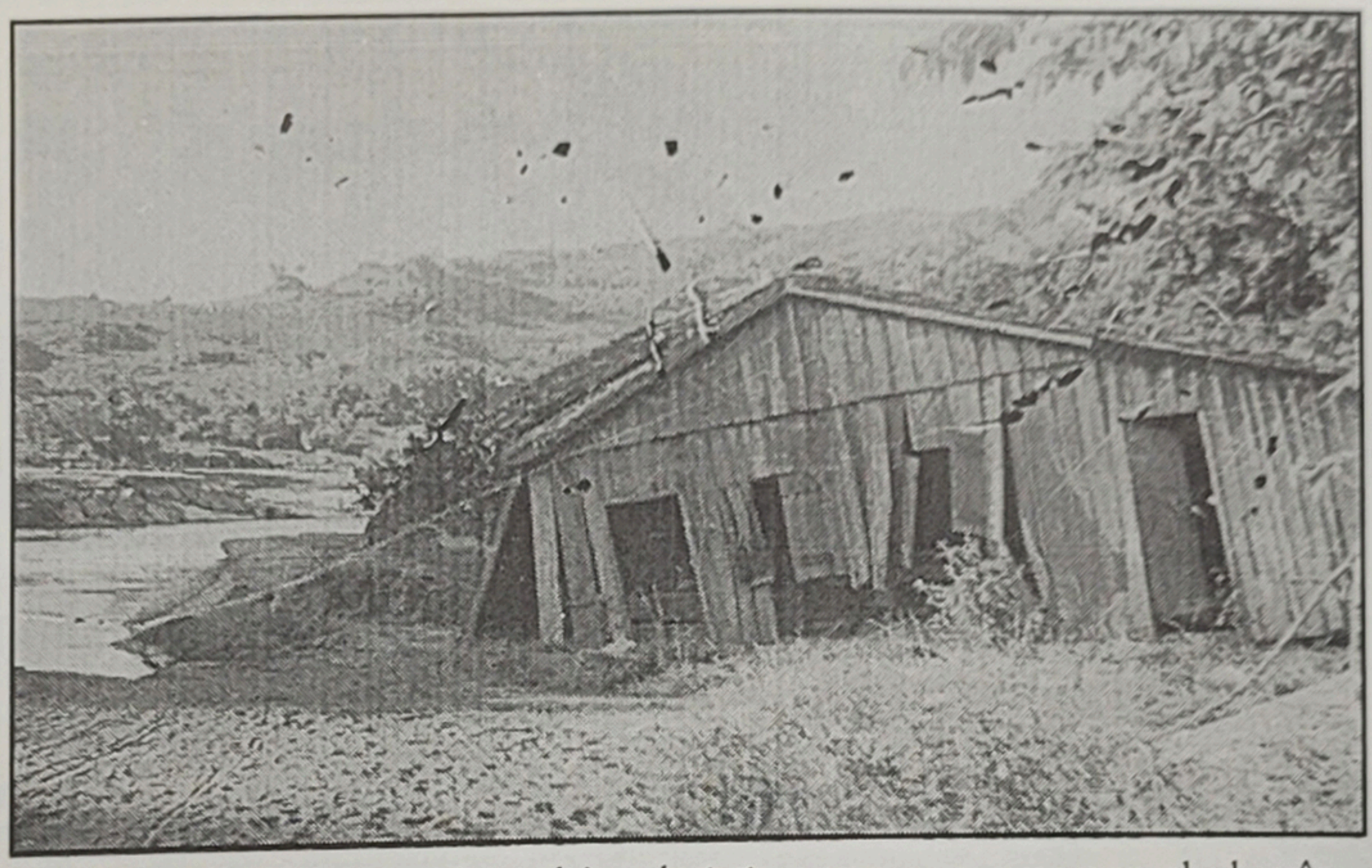


Estas fotos mostram como ficou o depósito, na enchente de 1974, que meu irmão Gentil tinha me alugado. Na primeira foto vemos um caminhão-guincho de meu irmão, que ficou dentro de um buraco, pois a água cavou por baixo dele. Na segunda foto vêem-se caixotes que continham silos metálicos importados e do lado esquerdo, dois caminhões de tábuas empilhadas de canela de primeira. Todas estas mercadorias escaparam da fúria das águas por um milagre.

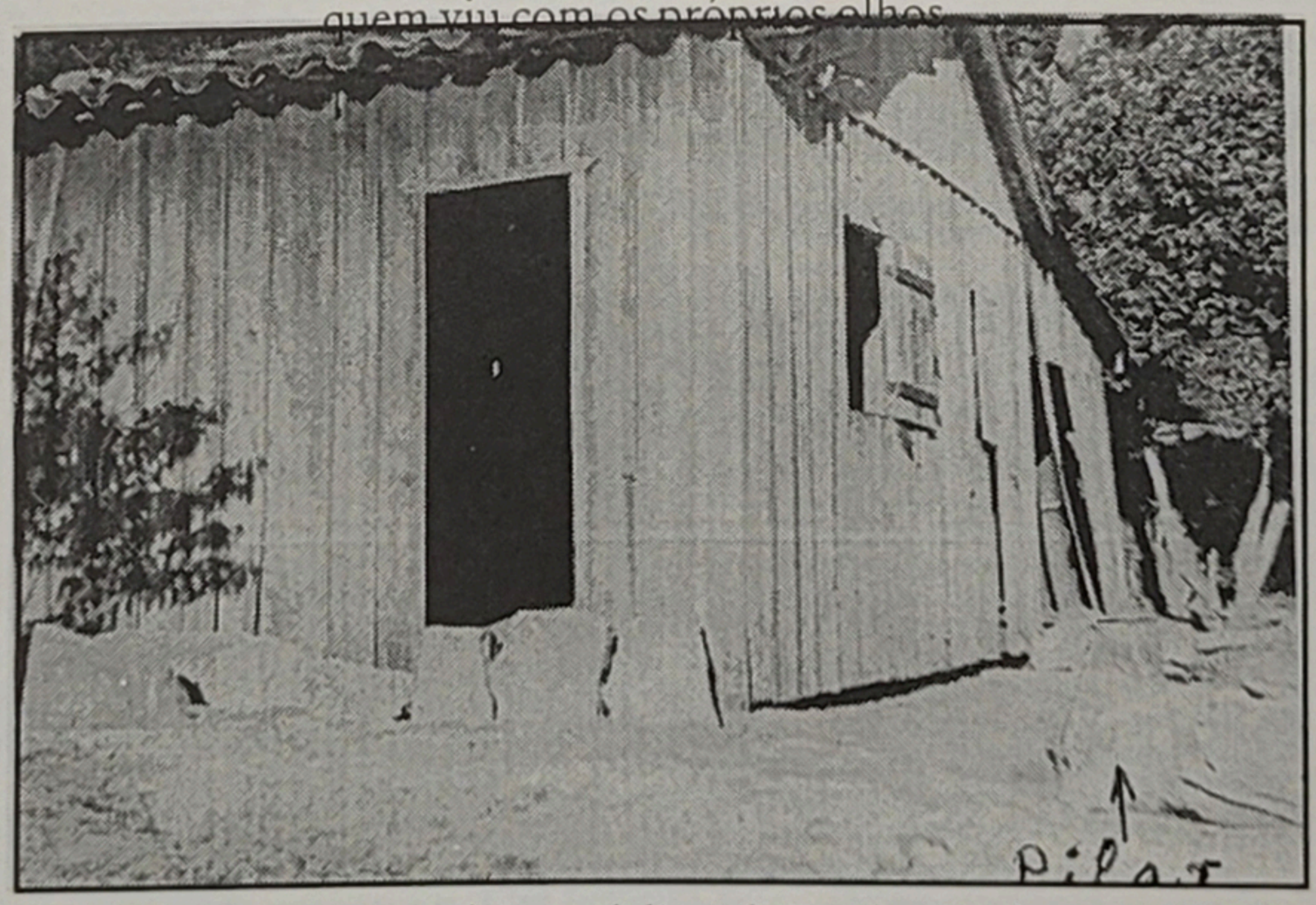
As únicas coisas que se salvaram: um caminhão que não estava em casa, um fusca e a minha residência, que ficou sem água, porque a fonte que a abastecia foi atingida pela barreira. Não dava mais coragem de morar ali, pois nem estrada para Tubarão tinha mais. Fiquei três meses morando na casa do meu genro Fanor e da filha Valmíria. De dia, quando eu e a mulher vínhamos ver a nossa casa, dava vontade de chorar, pois só se via destruição.



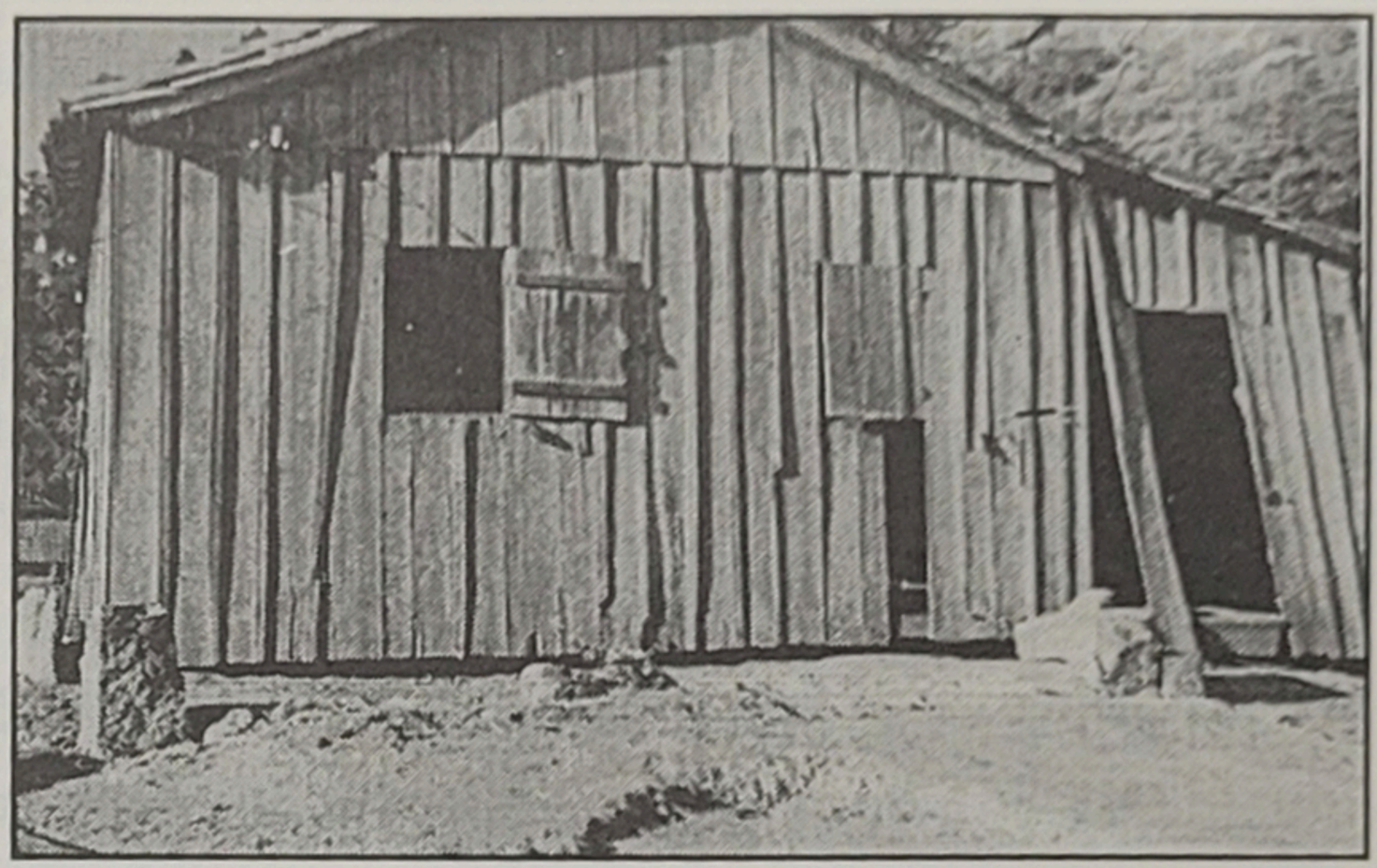
Nesta foto se vê parte do deslizamento do morro, bem como a primeira e a segunda casa, onde morava Adelino da Rocha e como ficou a casa ao cair no chão. A seta, mostra aonda estava o pilar do canto da casa.



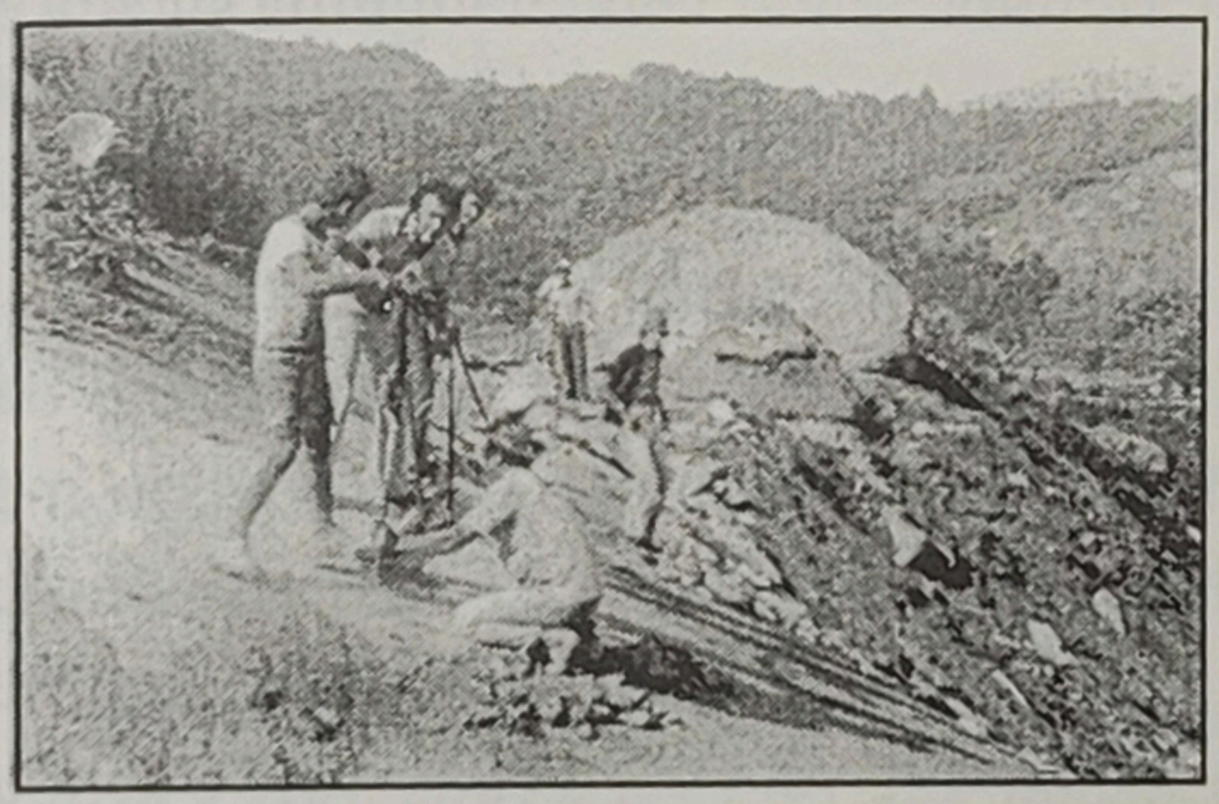
Estas minhas três casas de madeira, de 6x6 metros, com uma varanda de três metros, estavam localizadas assim: a primeira a uns 100 metros de distância do morro que deslizou e enterrou a minha fecularia. A segunda a uns 200 metros e a terceira a uns 300 metros, mais ou menos. Todas as três casas estavam a uns 20 metros da margem do rio Caipora e não foram atingidas pelas águas do rio. Mas, com o deslocamento do ar no deslizamento do morro, a pressão foi tão forte, que o ar levantou todas as três casas inteiras e as transportou 1,50 metros paa a frente, caindo fora dos pilares e esborrachando-se, como mostra a foto. A pressão do ar veio pelo lado do rio, porque na frente foi transportada 1,50 metros e a parte de trás, na varanda, apenas 1,00 metro. Todas as casas por igual. Para acreditar, só quem viu com os próprios olhos.



Na segunda casa morava o meu operário, Adelino da Rocha. Na hora que o morro começou a deslizar ele estava na janela e gritou para a mulher correr com os filhos para a rua.
Ele disse que só deu tempo de sair da casa, pois em seguida ela foi levantada inteira e jogada a 1,50 metros fora do pilar. Viu a casa se esborrachar. Diz Adelino que quase caíram todos no chão.
Aí ele disparou com a família morro acima, juntando-se com outro operário meu, Luis Mateus. Foram procurar socorro em casa de Luiz Perdoná, a cerca de um quilômetro dali.



A terceira casa teve o mesmo destino, só que não tinha morador, estava vazia.



Abertura da estrada do Rio Perdoná, destruída pela barreira, na enchente de 1974.



Foto da tristeza, tirada no dia 26 de março de 1974, um dia depois da enchente, pela manhã. Primeiro grupo: Bortolo B. Fontana, com a mulher e filhos, junto com minha mulher, a última da fila. Segundo grupo: Antônio José Alano, com os filhos. Foram as únicas famílias que puderam chegar na minha casa. Os outros vizinhos ficaram isolados pela queda da barreira. Ficamos noventa dias sem estrada pelo lado sul.

Seguro

Eu tinha um seguro da minha fábrica, mas não me pagaram nada. Segundo informações que tive, catástrofes desta natureza o seguro não paga. Me devolveram apenas parte proporcional do dinheiro que eu tinha pago pelo seguro.

Ajuda

A primeira ajuda veio através da filha Valmíria e do genro Fanor, que colocaram a sua casa a nossa disposição, para que fôssemos morar com eles. Após a enchente, fiquei sem dinheiro, pois o pouco que tinha no banco não podia tirar, porque eles não abriram devido a enchente. Eu precisava ir para Criciúma tentar vender alguma sucata e como não tinha com que pagar a passagem, fiquei imaginando o que fazer. Foi quando minha nora Ivonete pegou 200,00 (duzentos cruzeiros) do seu ordenado de professora que ainda tinha e me deu, resolvendo o meu problema. Este gesto me comoveu. Outro auxílio veio da parte do prefeito de Treze de Maio, Sr. Nilson Nandi. Ele convidou-me para ir em Florianópolis, para falar com o chefe do DNOS, a fim de me mandar uma draga. Esta draga serviria para tentar recuperar alguma máquina, mesmo em estado de sucata. Ele veio ver a catástrofe e achou que a destruição era bem maior do que imaginava. Em seguida me mandou a draga com rodas de pneu, que ficou aqui cerca de um mês, mas só trabalhou quatorze dias, por falta de operador. Apesar de tudo, para mim ela foi de grande valia, pois arrancamos dali muita sucata e parte da turbina hidráulica.

Com a vinda da draga, eu e minha mulher voltamos para casa, pois tínhamos que dar cômodo e comida para o operador da draga e seu ajudante. Quando eles iam embora, ficávamos eu e a mulher sozinhos. As vezes olhávamos para toda aquela destruição e dava tristeza. Sempre que dava tormenta, minha mulher, já traumatizada, preparava a mala para sairmos de casa, de medo que a catástrofe se repetisse. Depois, com o tempo, fomos nos acostumando.

Bom, continuando, registro também o trabalho dos meus operários, ajudando-me a arrumar a cerca do potreiro e recuperar algumas sucatas. Mas, sem dúvida nenhuma, o trabalho do filho Gilberto foi de grande auxílio, pois nos ajudou a sair um pouco das dificuldades em que nos encontrávamos. Ele trabalhava com o caminhão, puxando mandioca dos nossos clientes para a fecularia dos irmãos Preve.

Lembrança da indústria

Hoje, dia 25 de março de 1990, fazem exatamente dezesseis anos que perdi a minha indústria, em questão de minutos. Fico com uma grande saudade e me lembro da luta que tivemos, eu e minha mulher, durante trinta e quatro anos, para construí-la. A perdemos justamente no ano em que ela estava toda reformada, novinha em folha, trabalhando com expectativas de uma boa safra.

Saudade da indústria

Os meses se passaram e a saudade da indústria voltou. Eu não tinha mais condições de reconstrui-la. Só pensava em pagar os meus fornecedores. O governo não dava dinheiro, só se ouvia falar dum empréstimo a longo prazo, com carência e juro razoável.

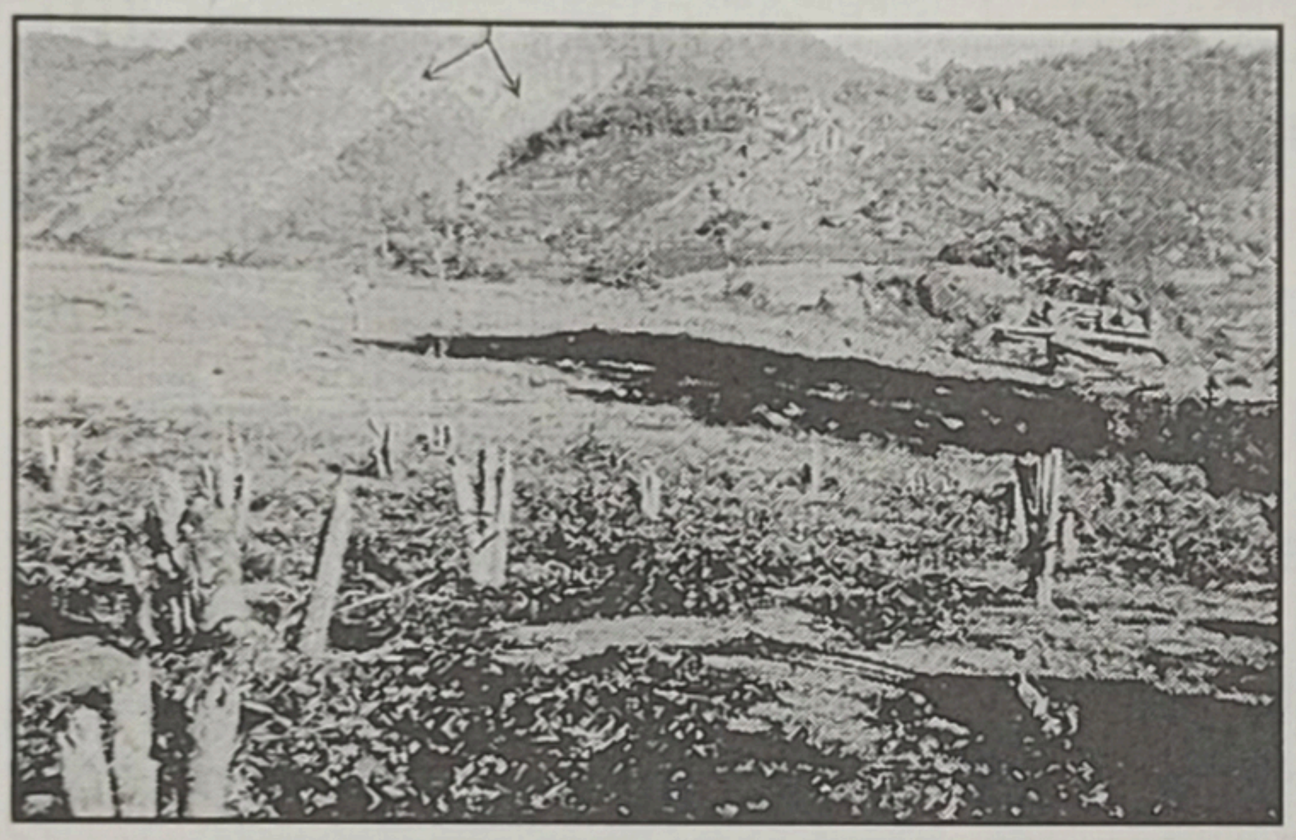
Firma nova

Veio a coragem e registrei uma nova firma: INDÚSTRIA DE AMIDO FONTANA LTDA, junto com os filhos Valfrido e Gilberto.

Orçamento e planta

Fiz uma coleta de preços das máquinas de construção civil e também um orçamento dos custos de uma nova fábrica. Depois, escolhi o

lugar onde iria construir a nova fábrica. Ficava a um quilometro da antiga, que foi destruída. Desenhei uma planta, de acordo com o terreno, sem a ajuda de ninguém.



Aqui neste local eu comecei, após a enchente, a nova fecularia, "Indústria de Amido Fontana Ltda". O trator esteira estava esperando para dar início a obra. O primeiro passo foi derrubar uma chácara de café.
Atrás, no morro, se vê aonde deslizou a barreira, que atingiu a minha fecularia. Ela se dividiu, conforme mostra a seta. Se a barreira tivesse vindo toda para o lado da fecularia, teria levado a minha casa também.



Depois da enchente de 1974, onde uma barreira soterrou a minha fecularia, fundada em 1940, registrei uma nova firma junto com os filhos Valfrido e Gilberto: "Indústria de Amido Fontana Ltda". Começamos neste local uma nova fecularia, na estaca zero, como mostra a foto. No início foi preciso detonar as pedras.

Projeto

O meu filho Valfrido, junto com o prefeito de Treze de Maio, sr. Nilson Nandi, elaboraram um projeto para apresentá-lo no Banco BRDE, para pedir um empréstimo.

Empréstimo

Fomos ao Banco BRDE, onde apresentamos o projeto. O economista nos liberou a importância de 3.500.000,00 (três milhões e

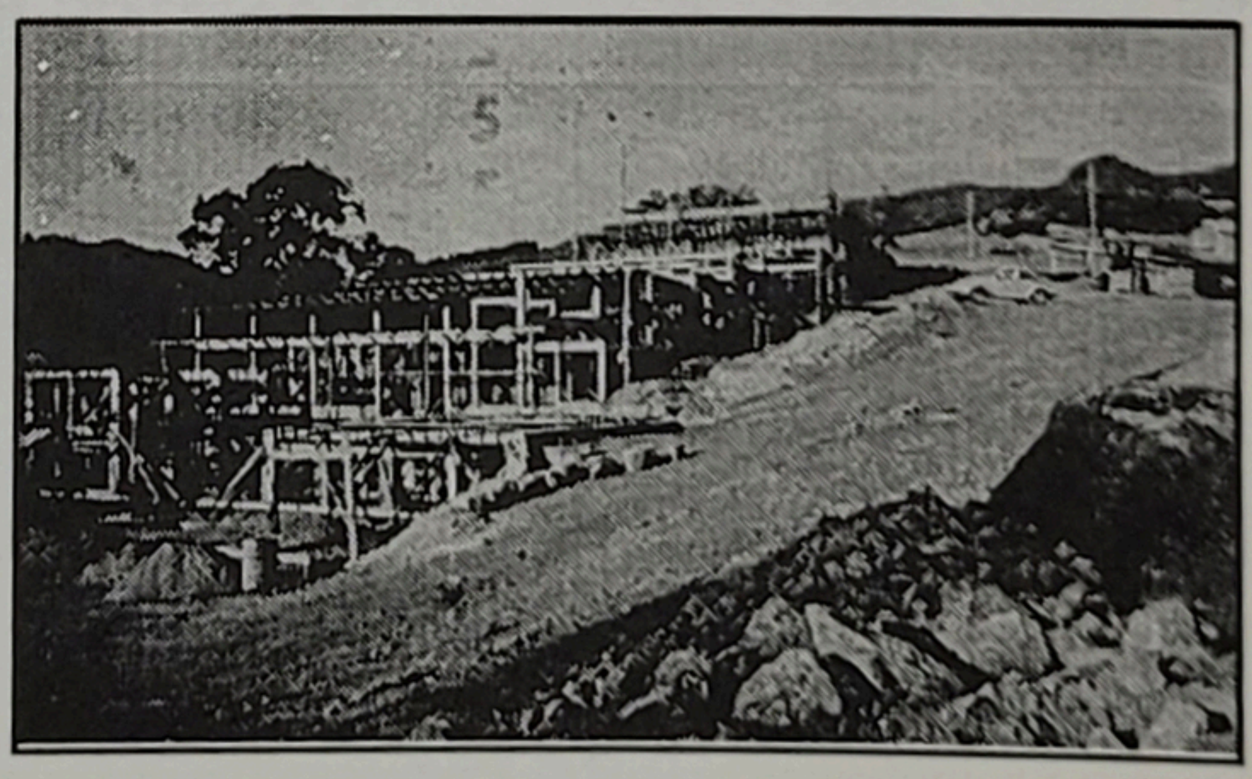
quinhentos mil cruzeiros), com carência e juro razoável e com oito anos de prazo. Deste dinheiro, retirei 200.000,00 (duzentos mil cruzeiros) para pagar os meus fornecedores e o restante, 3.300.000,00 (três milhões e trezentos mil cruzeiros) fiquei para construir a nova fábrica, começando pela terraplanagem, na estaca zero. O economista do Banco me disse que não acreditava que eu construísse a fábrica com aquele dinheiro, mas eu estava otimista e achava que sim.

Alfa Laval - Firma sueca

Queríamos importar máquinas modernas da Suécia. Consultamos os preços e eles estavam dentro do orçamento, mas o prazo de entrega seria de dezoito meses, se tudo corresse bem. Desistimos. Fizemos as máquinas aqui mesmo, pois era mais rápido, o prazo de entrega era certo e ainda saía mais barato. Precisávamos de seis maquinas, um filtro a vácuo, duas separadeiras e três tratores.

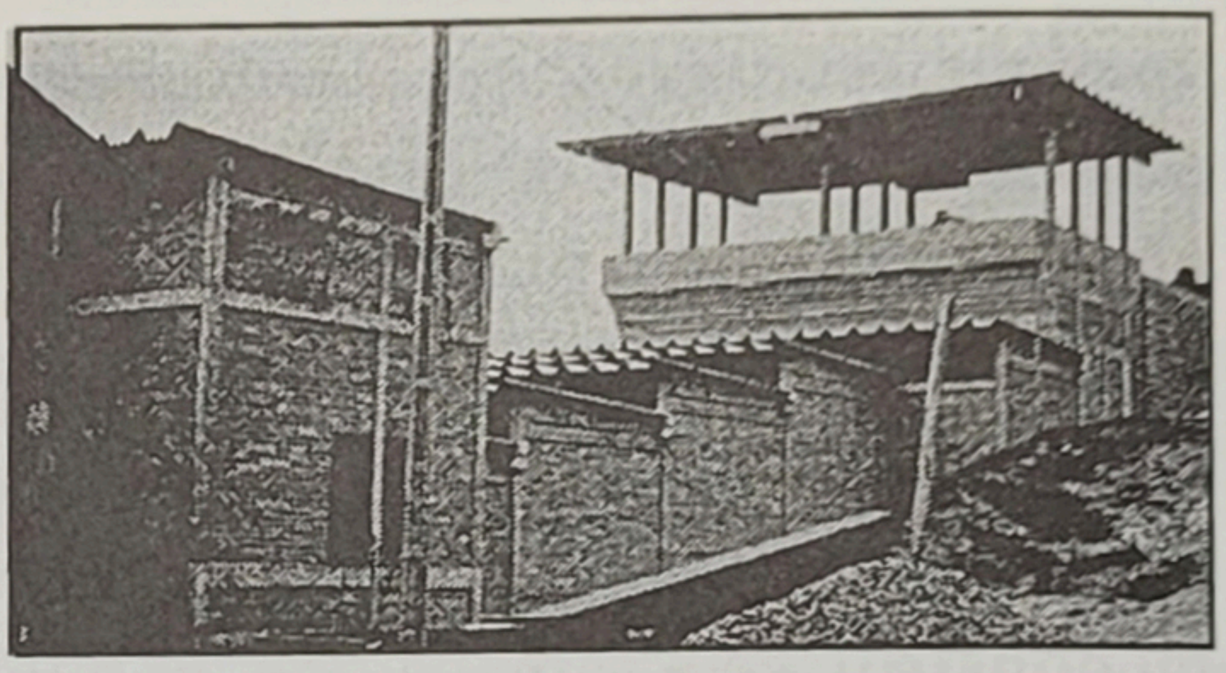
Construção da fábrica

Começamos a construir a fábrica com a família e os operários também colaboraram, pois queriam ver a fábrica pronta. Fizemos um encanamento com tubos PVC de quatro polegadas, numa extensão de 1200 metros, com a finalidade de trazer a água da cachoeira para a fábrica. Compramos o material e o maquinário a vista, com desconto especial, inclusive o

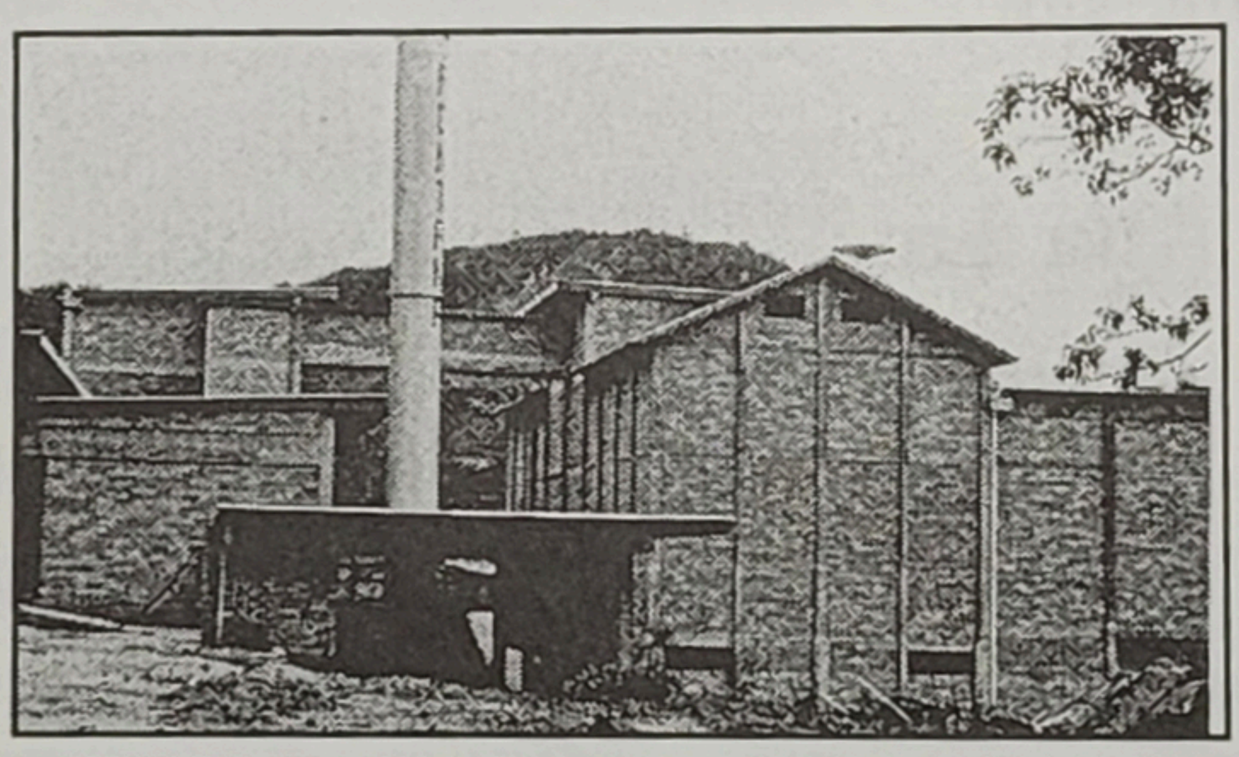


A nova fecularia em construção

cimento que trazíamos direto da fábrica. Em quatorze meses, deixamos a fábrica pronta, com capacidade para desmanchar cento e oitenta (180) toneladas de mandioca, em 24 horas de trabalho.



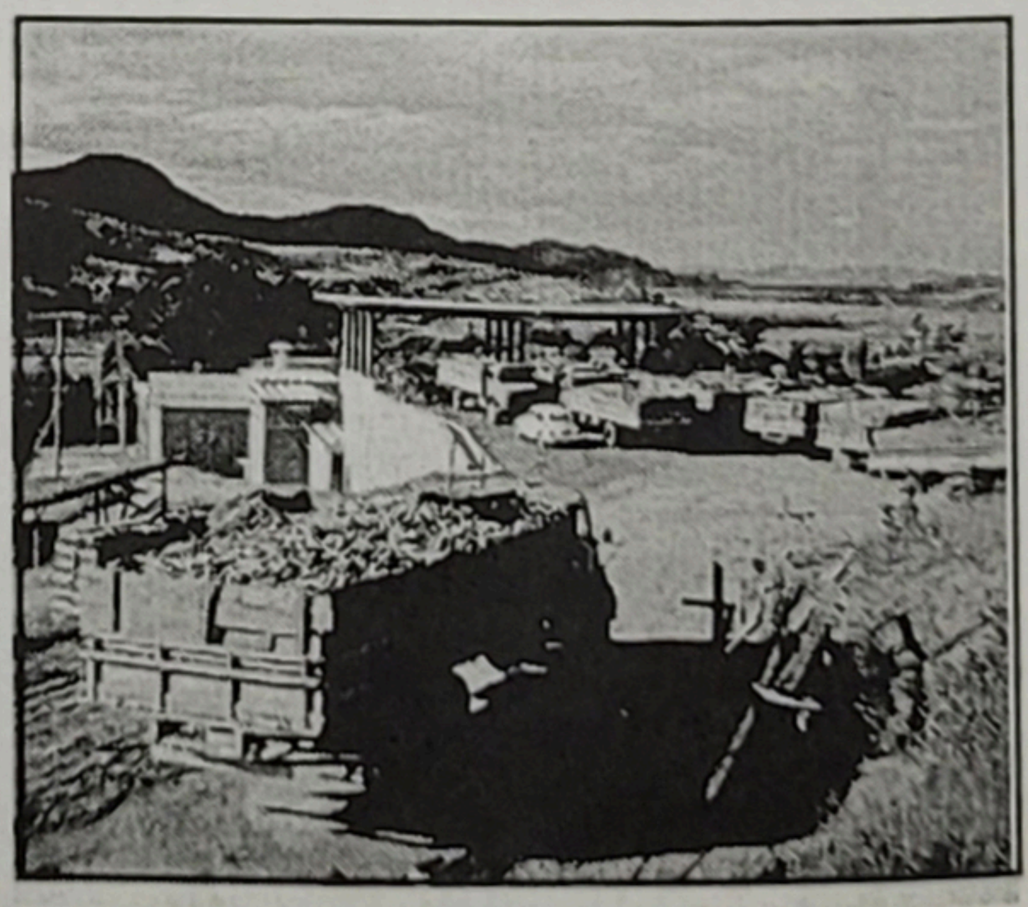
Fecularia pronta em 1976, lado oeste



Fecularia pronta, lado leste.

Início da fabricação

No começo os preços eram bons. A fécula se vendia a 1.600,00 (um mil e seiscentos cruzeiros) o quilo e a mandioca se comprava a 800,00 (oitocentos cruzeiros) a tonelada. Vendi uma quantidade de fécula e continuamos a trabalhar comprando a mandioca com preço garantido, só para uma semana, com medo dos preços baixarem. Dito e feito. Logo o preço da fécula caiu de 1.600,00 (um mil e seiscentos cruzeiros) para



Safra de 1977. Os caminhões aguardando na fila para descarregar a mandioca na fábrica

800,00 (oitocentos cruzeiros). Aí paramos de comprar mandioca. Poucas semanas depois, continuamos a comprá-la, já por 400,00 (quatrocentos cruzeiros). Fizemos a safra e ainda perdemos dinheiro. Não só nós, mas os outros feculeiros também. Nesse ano de 1977, alguns até faliram. Eu pensei: já vi que começamos mal, como no ano de 1941, quando os preços também caíram pela metade e vendemos a fécula com prejuízo.

Opinião do povo.

Quando fiz o empréstimo de 3.500.000,00 (três milhões e quinhentos mil cruzeiros), 10% do povo da redondeza dizia que eu tinha feito uma loucura. Chegaram mesmo a falar que eu morreria de velho e não conseguiria pagar o empréstimo. Outros me aconselhavam a desistir. Lembro-me, que um me disse que eu tinha coragem demais. Eu falei para ele que coragem era o que não faltava, só poderia escassear o dinheiro e eu tinha muita fé em Deus, pois quando ele fecha uma porta, depois abre duas.

Amigo e cliente

O sr. João Quarezimim, um grande amigo de muitos anos, já tinha desativado a sua fábrica de farinha de raspas de mandioca, mas muito colaborava com a nossa associação e sabendo da destruição de minha fábrica, quis me ajudar. Quando ficou pronta, ele se ofereceu para comprar e transportar mandioca para a fábrica. Aceitei, acertando o preço por semana. Numa noite de chuva, ele apareceu com um caminhão de mandioca, enfrentando a estrada nova da fécula, que era muito lisa, e graças a Deus, ele conseguiu subir, pois tinha muita prática. Trabalhamos várias semanas, depois os preços caíram e até faltou dinheiro, mas os meus fornecedores esperaram com paciência.

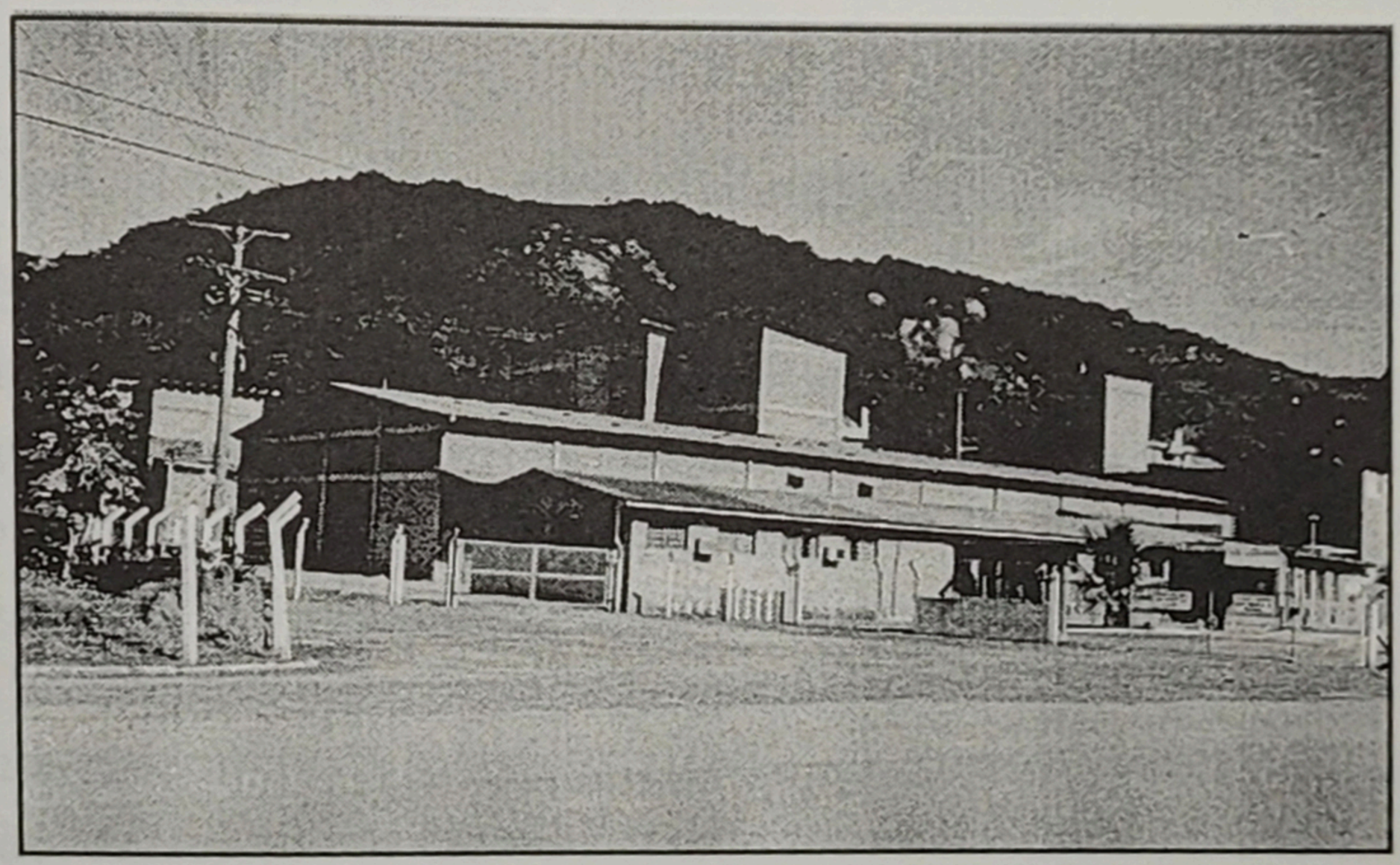
Venda da fécula

Precisava pagar os fornecedores de mandioca e por isso fiz uma venda de fécula no preço abaixo do custo, com prejuízo e a prazo. Faturei e fui descontar a duplicata no Banco do Brasil, como era de meu costume, antes da destruição da fábrica velha. Como já faziam três anos que eu não trabalhava mais com o Banco, faltava o limite. Aí o sr. Mário Guarezi, muito amigo, que conhecia a minha indústria nova, soube da história da limite, reuniu os granjeiros, explicou a situação e todos concordaram em me dar a sobra de limite, que eles tinham no Banco do Brasil. O Banco, vendo tanta gente querendo me ajudar, de imediato me arranjou um crédito de 300.000,00 (trezentos mil cruzeiros). Nesse ínterim, o prefeito, Sr. Nilson Nandi, me levou para Brasília, a fim de falar com o Diretor Geral do Banco do Brasil, que me prometeu 800.000,00 (oitocentos mil cruzeiros) e crédito para desconto de duplicata. Diante desse fato, não foi mais preciso ocupar o limite dos granjeiros e eu só agradeci a boa vontade de tantos amigos.

Viagem para Canoas

Um dia, eu e meu filho Valfrido fomos em Canoas, Rio Grande do Sul. Há muitos anos eu vendia fécula e farinha de raspa de mandioca para os moinhos de trigo e quando chegamos no escritório da Motrisa, o gerente, Sr. Lauro Kerber nos atendeu. Oferecemos a ele a fécula, como era de costume, e num bate papo entre amigos, ele acabou nos convidando para almoçar num restaurante. Aceitamos o convite, e durante o almoço o Valfrido contou a ele a história da nova indústria, toda moderna. Falou também das nossas dificuldades, pois não tínhamos capital de giro para fazê-la produzir e por isso precisávamos arrumar um sócio que entrasse com dinheiro. O Sr. Lauro se interessou e se encarregou de falar com o diretor, Sr. Henrique Thormann. Na primeira reunião, acertamos o negócio da sociedade. Trabalhamos juntos duas safras, ou seja, as de 1978 e 1979. Depois eles nos convidaram para

comprar mais um conjunto e dobrar a produção, passando para 360 toneladas, em 24 horas. Aí, eu com meus filhos tivemos a idéia de vender a nossa parte para eles. Nos reunimos e eles concordavam em comprar a nossa parte, se eu deixasse os dois filhos trabalhando na fábrica. Concordamos e vendemos a fábrica. Em seguida, montei para eles o outro conjunto e de 180 toneladas, a fábrica passou para 360 toneladas. Fiz ainda uma caixa d'água de concreto, com dois filtros de areia, com tratamento. Hoje a indústria é uma potência. Todos os maquinários são nacionais, sendo que 90% são catarinenses.



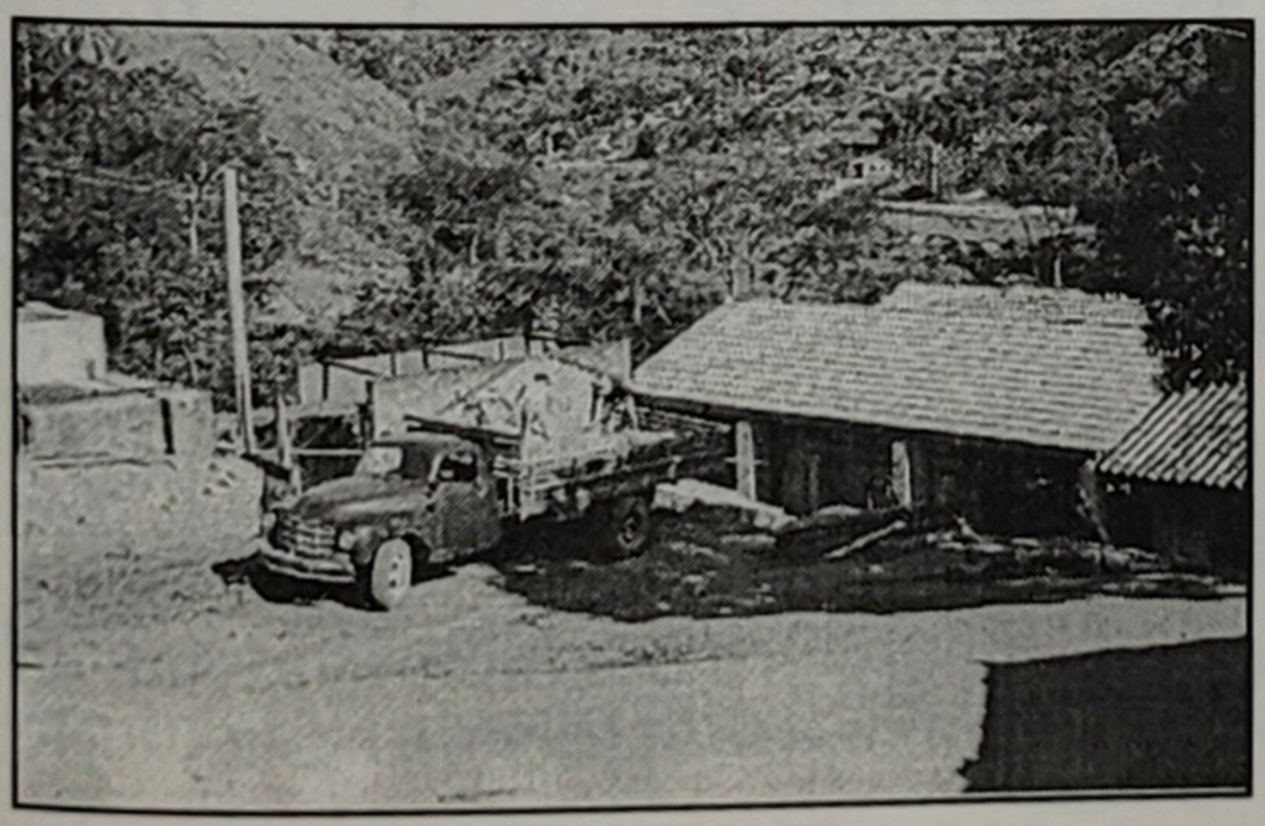
A "Indústria de Amido Fontana Ltda", atual Inquil " Indústria Química Indígena Ltda", hoje está assim.

Capítulo 28

Compra de caminhão

Em 1953, saí de casa para comprar um veículo, de preferência uma camionete Chevrolet. Fui para Florianópolis e depois para Blumenau, mas não encontrei. Voltei para Itajaí, onde encontrei a camionete que procurava, com pouco uso. Pediram-me 120.000,00 (cento e vinte mil cruzeiros) e aí não deu negócio.

Voltei para casa e dai segui para Tubarão, pois eu sabia que lá tinha um caminhão da marca Studebak, quase novo, para vender. Já em Tubarão, entrei no bar Guarani, onde me encontrei com o dono do caminhão. Entramos em negócio, ele me pediu 110.000,00 (cento e dez mil cruzeiros), eu ofereci 105.000,00 (cento e cinco mil cruzeiros) e



Este caminhão Studebak, ajudou-me durante 15 anos a transportar mandioca e lenha para a fábrica, além de fécula e farinha para o porto de embarque. Também transportava doentes, parteiras, casamentos e lotações para as festas, pois não tinha outro veículo na época, 1952, na comunidade de Cubículo, Treze de Maio.

ele concordou. Fechamos o negócio. Com este caminhão, eu puxava lenha e mandioca para a fecularia e fécula para Imbituba. Isto durante quinze anos.

O único caminhão

Na região de Cubículo, hoje distrito de São Gabriel, não tinha outro veículo, só o meu caminhão. Portanto, a partir daí, era o meu caminhão que levava os doentes para o hospital, que buscava a parteira quando preciso, que levava os casamentos para Jaguaruna, bem como os enterros. Enfim, o meu serviço dobrou, pois além de atender a fábrica, tinha que atender também os chamados, que em geral aconteciam à noite. Tinha vezes que eu ia para Tubarão até duas vezes na mesma noite.

Casamento de amigos

Os noivos, antes de marcar a data do casamento, falavam comigo, para saber se eu estaria desocupado naquele sábado. No dia do casamento, eu colocava os noivos na cabine do caminhão e os convidados iam sentados nos bancos de madeira, em cima da carroceria. Eu os levava para a Igreja e após casados, voltávamos e aí era só festa, com gaita e foguetes. Se os noivos casassem antes do meio-dia, tínhamos o almoço e se fosse à tarde, a janta. Depois, baile ate o amanhecer. Havia época em que todo o sábado acontecia casamento. Ninguém queria casar em Tubarão, por causa da grã-finagem. Lá a gente tinha que parar o caminhão na entrada da cidade e fretar automóveis de praça para levar o pessoal até a igreja. Muitas vezes, o casal era pobre e além de custar a pagar o padre, tinha ainda que pagar os automóveis. Em Jaguaruna não acontecia isso, pois lá a gente levava os noivos e os convidados até na porta da igreja, de caminhão.

Parteira

Naquele tempo, as mulheres, na sua maioria, ganhavam neném em casa. No hospital, só aquelas que realmente precisavam de médico. A média de filhos era de um para cada dois anos. Durante dez anos, sozinho, eu atendi mais ou menos cento e cinqüenta famílias na região. Só depois é que entraram outros veículos, como jipes rurais e alguns caminhões, e eu fiquei mais aliviado do serviço. Eu conhecia cinco parteiras em Tubarão e sabia onde elas moravam, de forma que, quando uma estava ocupada, eu ia nas outras. Conhecia outras duas que moravam a 8 quilômetros da minha casa, em Treze de Maio, outra em Lageado, a 10 quilômetros, uma em Jaguaruna a 15 quilômetros e outras duas a 20 quilômetros da nossa casa. A mestra das parteiras era a senhora Antonina C. Burigo. O meu caminhão estava sempre em forma, a espera de chamados. De centenas de viagens que fiz, relatarei três.



Cesare de Valério com a esposa Cândida, ambos intalianos. Ele era encarregado de bater os sinos da Igreja de Treze de Maio pela manhã, ao meio dia e a noite. Fez este trabalho a vida inteira. Ela era parteira

Primeiro fato

Um dia, à meia-noite, chamaram-me para ir buscar a parteira, Sra. Antonina Corbeta Búrigo, para levá-la a Sanga Grande Alta, via Jaguaruna. Quando chegamos na Sanga, já eram duas horas da madrugada. Eu fiquei na cabine do caminhão, para tirar uma soneca. Às 4 horas da manhã, chamaram-me para levar a mulher para Tubarão, pois precisava de médico. Embarcou no caminhão a parteira, o marido e a mulher. Chegamos em Tubarão já dia. Era um domingo e a mulher foi salva.

Segundo fato

Uma noite vieram me chamar para ir buscar uma parteira urgente, para atender uma mulher que morava no Areão, a 5 quilômetros da minha casa. Perguntei se tinham preferência pela parteira e eles responderam que não. Eu pensei de ir em Tubarão, pois lá tinha cinco parteiras e certamente uma eu acharia em casa. Assim fiz. Quando cheguei em Tubarão, fui na casa de uma delas, apertei a campainha e o marido veio me atender. Ele me disse que ela tinha saído naquele instante para atender uma mulher e só se eu quisesse esperar. Fui na segunda casa e a parteira não estava. Fui na terceira parteira e também estava ocupada. Na quarta, a mesma coisa. Aí eu pensei: se fosse primeiro de abril, dava para desconfiar. Restava a quinta parteira, a Sra. Antonina, que do mesmo modo estava ocupada. Botei a mão na cabeça e imaginei: como vou salvar a mulher de Areão? Me dirigi ao posto de gasolina Santo Anjo e lá encontrei o Sr. Orides Mendes Domingo, que era funcionário daquele posto, muito conhecido. Hoje ele é professor de auto-escola. Ele, quando me viu, perguntou:

-O que o senhor está fazendo aqui às 2 horas da madrugada?

Eu contei a história das cinco parteiras que eu havia procurado, sendo que todas elas estavam ocupadas. Aí ele me falou:

-Isto acontece muitas vezes aqui em Tubarão e eu sei disto porque eles batem aqui para tirar informações.

Eu disse:

-Tu me arranja uma outra parteira?

Ele falou que em Oficinas tinha uma parteira, que tinha atendido a sua mulher. Eu perguntei:

-Como vou achar esta mulher, a esta hora da madrugada?

Ele me pediu para cuidar do posto, que ele ia buscá-la. Não levou meia-hora, ele já estava de volta com a parteira. Ele embarcou no caminhão, eu me mandei de volta e mais uma vida foi salva.

Terceiro fato

Certa noite apareceu um colono, me pedindo para levar sua mulher ao hospital. O problema da mulher não estava em ganhar o filho, e sim, após o parto, quando precisava de cuidados médicos especiais. Por este motivo ele resolveu levar a mulher antes do prazo. Fomos para a sua casa buscar a mulher. Ele ia na frente a cavalo e eu atrás, de caminhão. A estrada era ruim e estreita e era uma serra para subir. O caminhão chegava a patinar. Quando chegamos em sua casa, a mulher embarcou no caminhão, acompanhada por uma amiga e pelo marido que ia na carroceria. Eu dirigia devagar, por causa dos buracos e valetas que existiam na estrada. Tudo ia bem até o estivado dos Corrêas, quando a mulher mandou que eu parasse o caminhão, pois já estava para ganhar o neném. Ela estava preocupada por ter que dar a luz no meu caminhão e eu falei que não tinha problema. Acendi a luz da cabine e fechei a porta. As duas mulheres se viraram, fazendo uma caminha para o neném no assoalho do caminhão, com as roupas que levaram. Seguimos viagem e quando chegamos em Tubarão, fui direto para os fundos do hospital. Chamei a Irmã e disse a ela que tínhamos saído de casa em quatro pessoas e chegado com cinco. A Irmã falou:

- Que beleza!

Tanto a mãe como o filho, passavam bem. Assim era a vida naquele tempo. Alguns me pagavam a gasolina, outros eram pobres e eu não cobrava nada. Atendia a todos, sem diferença, tanto de dia, como de noite. Hoje é serviço do Estado ou da Prefeitura e não de um particular como eu.

Capítulo 29

História da parceria agrícola

Em 15 de julho de 1957, fiz um contrato de parceria agrícola com dezesseis proprietários, envolvendo um total de 100 hectares de terra. Era um banhado alagado, que nunca tinha sido aproveitado para lavoura, na localidade de Cubículo, distrito de Treze de Maio. Pelo contrato, eu me comprometia de beneficiar o terreno, plantando milho e arroz pelo prazo de dez anos, pagando a renda de 5% da colheita para os proprietários. Comecei a fazer valos, mas era difícil, pois os terrenos estavam sempre alagados e não tinha onde esgotar a água. A única solução era a abertura de um canal. Falei com o deputado Joaquim Ramos para que ele nos mandasse uma draga e ele sempre prometia, mas a draga não chegava. Um dia, o deputado me mandou um diário oficial em que vinha publicada uma verba de 18.000,00 (dezoito mil cruzeiros) para dragar o rio Cará, em Lages e o rio Caipora, em Cubículo - Treze de Maio. Mas, muitas cartas e telegramas foram trocados e nada de draga.

Encontro de uma draga

Um dia eu vinha para casa, de caminhão e antes de sair da cidade de Tubarão, eu encontrei uma carreta transportando uma dra-

ga. Saí atrás para ver aonde eles a estavam levando. O motorista de carreta atravessou a ponte Nereu Ramos, a única ponte naquela época e foi até o Humaitá, perto do banhado, onde hoje temos a estrada asfaltada que vai para São Martinho, Gravatal e Braço do Norte. Perguntei ao motorista o que a draga estava fazendo ali e ele não soube me responder. Voltei para a cidade e fui procurar o engenheiro, Dr. Zeno Rizzo, muito amigo e sobrinho do deputado Joaquim Ramos. Quando me encontrei com ele, perguntei sobre o destino daquela draga. Ele me explicou que ela ia para Criciúma, mas que o Estado tinha dado o transporte para que a draga fizesse antes, dois valos no banhado, com a finalidade de fazer a estrada de São Martinho. Depois seria levada para Criciúma. Era uma draga novinha em folha. Eu perguntei ao engenheiro:

Senhor.
Deputado Joaquim Ramos
Rio de Janeiro.

Junto estou encaminhando um abaixo-assinado contendo 35 assinaturas,de proprietários de terrenos marginais ao Rio Caipora, começando na primeira cachoeira do Rio Legado,perfazendo um total de 546 hetares de terrenos considerados banhado e impropio para lavoura devido alagar facilmente devido a falta de canalização.

Os 35 proprietários constantes do abaixo-assinado com area calculada inaproveitavel de 546 hetares,comprometem-se pagar como auxilio pela abertura do rio e drenagem a razão de - - Cr$200,00 por hetar,ou seja a importancia de Cr$109.200,00.

Há ainda cerca de 1.000 a 1.500 hetares de terras que estão nas mesmas condições,sem nenhuma garantia para lavoura,de proprietários que ficam abaixo de Lauro Muller (Rio Laguna), onde terá desaguar a drenagem dos primeiros.

A drenagem do Rio Caipora não virá beneficiar somente os proprietários de mais de 2.000 hetares de terras,ainda um trecho de Estrada Tubarão-Porto Alegre que passa atravessando pelo meio numa extenção de um quilometro mais ou menos,que com as ultimas chuvas durante dois meses constantemente caminhões atolados.

Tem vindo pequenas verbas para abertura do rio (limpeza),os mais adiante porquanto o seu serviço insuficiente e nada resolverá a não ser uma drenagem de fóra a fóra para escoamento das aguas que ficam paradas.

Os serviços de abertura das matas que fecha o rio são feita com vagar e muito depressa que os serviço as matas fecham o curso da agua novamente,isto é antes de terminar já no começo se torna necessario a nova abertura.

Os assinaturas do abaixo assinado são de proprietários que contribuem com a importancia de Cr$200,00 por hetar porque as areas de terras inaproveitaveis devido alagar facilmente falta para desenvolvimento e garantia de seus gastos com o plantio,- porque como atualmente se encontra o escoamento das aguas ninguem poderá ter certeza de colher,salvo se der seca o tempo necessario até a colheita.

Tendo a certeza que V.Excia.na qualidade de um dos representantes que muito bem se interessado pela causa dos pequenos lavradores conseguira junto ao Governo Federal,verba para drenagem das areas de terras.

Sem mais,apresento em nome de todos os signatários do abaixo-assinado os meus agradecimentos e aproveito a ensejo para apresentar minhas

Saudações

Germano Lex Fontana
Vereador.

DRAGAGEM DO RIO CAIPORA

Os abaixo assinados, proprietarios de terrenos marginais ao rio Caipora, estão de pleno acôrdo em contribuir com Cr$.200,00 (duzentos cruzeiros), por cada hectare de banhado ou varzea, excluindo-se as terras de morro, para dragagem do referido rio, que cada ano, está prejudicando, cada vez mais, a lavoura e a criação, pelas constantes inundações, bem como terrenos molhados, que si fossem dragados, estariam enxutos para agricultura.

Treze de Maio, 27 de Março de 1954.

Nº	NOMES	hectare	importancia a pagar
	Germano Lex Fontana	1	
	Julio Pereira de Medeiros	14	
	Herondina de Medeiros Cardoso	14	
	João Isidro Borges	15	
	Antonio Manoel Salvador	2	
	~~Francisco de Assis Borges~~	2	
	Filomena Pereira de Medeiros	40	
(Hoje)	Idalina da Souza Medeiros	5	
	Apolonia Costa Medeiros		
	Manoel Pereira de Medeiros	42	
	João Honorio Coelho	20	
	Pedro Felicio Antunes	6	
	Luiz Cesarese	95	
	Serafim Roldão	24	
	Elias Calegari	14	
	Alberto Fontana	40	
	Antonio Vicente	5	
	Alexandre Durate	10	
	Otavio Rotelio Pra.	1	
	Augusto Brignani	5	
	Ricieri Francisconi	6	
	João Gabriel Rodrigues	6	
	Ermilio Dionizio	1	
34	José Saturno Costa	2	

CONTINUA

Câmara dos Deputados

Rio, 24 de maio de 1954

Ilmo. Sr. Vereador
Germano Lex Fontana
Itaipo

Prezado amigo,

Recebi seu ofício com as assinaturas dos proprietários dos terrenos marginais do Rio Caipora e já encaminhei o assunto às autoridades competentes. Esteja tranquilo que estarei vigilante, por se tratar de assunto realmente justo e que merece atenção.

Pegando-lhe o obséquio de comunicar aos demais signatários do ofício, a notícia de que tudo farei em seu benefício.

Sempre ao dispor de seus prezados ordens, subscreve-se, mui cordialmente,

Joaquim Ramos
Deputado Federal

- Será que eu não consigo esta draga para limpar o rio Cubículo?

O engenheiro Rizzo sabia que eu precisava da draga, pois tinha sido ele quem fez o meu contrato de parceria agrícola. Ele me orientou que eu escrevesse uma carta para o deputado Joaquim Ramos e entregasse para ele, pois na próxima semana ele iria para o Rio de Janeiro e falaria pessoalmente com o deputado. Ele ainda me falou que não garantiria nada. Eu escrevi a carta para ele entregar ao deputado.

Vinda do deputado

Poucos dias depois, veio para Tubarão o deputado Joaquim Ramos, juntamente com o diretor do D.N.O.S., o engenheiro Kleber. Mandou me chamar, bem como os representantes do rio Corrêa e do Lageado, para comparecermos a uma reunião na prefeitura. Nesta reunião, o deputado nos garantiu que mandaria dragar os três rios. Pediu que avisássemos a população e que apanhássemos as assinaturas de todos os proprietários das margens dos rios, que concordavam com a abertura do canal, sem indenização. Como fui eu que mais trabalhei, a preferência era de dragar primeiro o rio Caipora, pois eu precisava dele. Mas, antes de dragar este rio, nós precisávamos fazer um levantamento para retirar algumas curvas e fazer a roçada do faxinal. Por isso ficou resolvido na reunião, que a draga começaria seu trabalho no rio Corrêa e ficaria ali até o momento em que o levantamento do Rio Caipora estivesse pronto. Aí, passaria para o rio Caipora. Garantiu ainda o deputado, que a população ficasse descansada, pois a draga não sairia dali sem antes terminar o trabalho referente aos três rios.

Portanto, logo que o levantamento sobre o rio Caipora ficou pronto, as roçadas foram feitas e todos os proprietários na margem do rio assinaram concordando com a abertura do canal. A draga, que já tinha feito uns oitocentos metros no rio Corrêa, teria que vir agora para o rio Caipora, conforme o combinado. Os proprietários dos rios

Corrêa e Lageado, sabendo disso e não pensando no que o deputado tinha falado, que não se preocupassem, porque os três rios seriam dragados, quiseram impedir a saída da draga e falaram com o Sr. Carlos Cabral para ajudá-los. O Sr. Carlos concordou em auxiliá-los, impondo uma condição: que eles arrumassem cem homens, para que ele fizesse a draga voltar. Eu, que fiquei sabendo do fato, fui questionar o Sr. Carlos sobre a sua verocidade e ele me respondeu que sim e me falou mais ainda, que aqui no Brasil e assim, se vence as coisas a grito e a pau. Eu lhe respondi que sempre consegui as coisas com calma e com a razão. E ficou por ai a nossa conversa.

Decisão do engenheiro Kleber

Os cem homens apareceram quando a draga estava saindo do rio Corrêa, para seguir em direção a Cubículo. Quando já tinham avançado uns 200 metros com a draga, o operador encontrou pela frente tratores atravessados na estrada e ele mesmo foi ameaçado, tendo que voltar para o rio Corrêa. Os homens rodearam a draga, esperando uma decisão. Eu, que não sabia do movimento, resolvi naquele dia ir para Tubarão, com a documentação referente a dragagem dos rios para mostrar ao Sr. Cabral. Ao passar pelo local e vendo aquela gente toda reunida, perguntei o que era aquilo e me falaram que era para impedir que a draga saísse dali. Eu mostrei o documento em que o pedido da draga era para fazer o rio Caipora, em Cubículo, e só depois os outros dois. Eu é que tinha concordado que se fizesse um pedaço do rio Corrêa primeiro. Nesse instante chegaram os políticos, que ficaram contra mim, como o deputado federal Ademar Ghisi, bem como jornalistas e aí eu me escapei do bolo, seguindo viagem para Tubarão. Mais tarde, chegou em Tubarão o engenheiro Kleber. Foi ao juiz, requisitou a policia e foi para o local do movimento. Lá chegando, perguntou quem tinha mandado a draga voltar. Alguém respondeu que foram todos juntos. Aí ele falou:

-Amanhã de manhã vou dar a resposta, se a draga fica ou vai para Cubículo.

No outro dia veio a ordem para ela seguir para Cubículo e não apareceu mais ninguém para impedir. Aí então eu fui de caminhão buscar os paus que a draga usava para esteira. Aproveitei a máquina para colocá-los no caminhão e descarreguei próximo ao rio Caipora, em Cubículo. Era véspera de natal de 1959 e a vinda da draga foi o maior presente que ganhamos. Depois eu soube que um senhor de idade disse:

-Não admito que falem mais do Sr. Germano Bez Fontana, porque ele sozinho ganhou a parada contra nós, que estávamos em cem pessoas e ainda contávamos com o apoio de um deputado federal.

Valos e derrubada

Abri todos os valos necessários, comecei a derrubada do faxinal e além disso, foram feitas muitas queimadas. A terra era de primeira qualidade. Plantei vinte sacos de semente de milho híbrido Agroceres, além de outros.

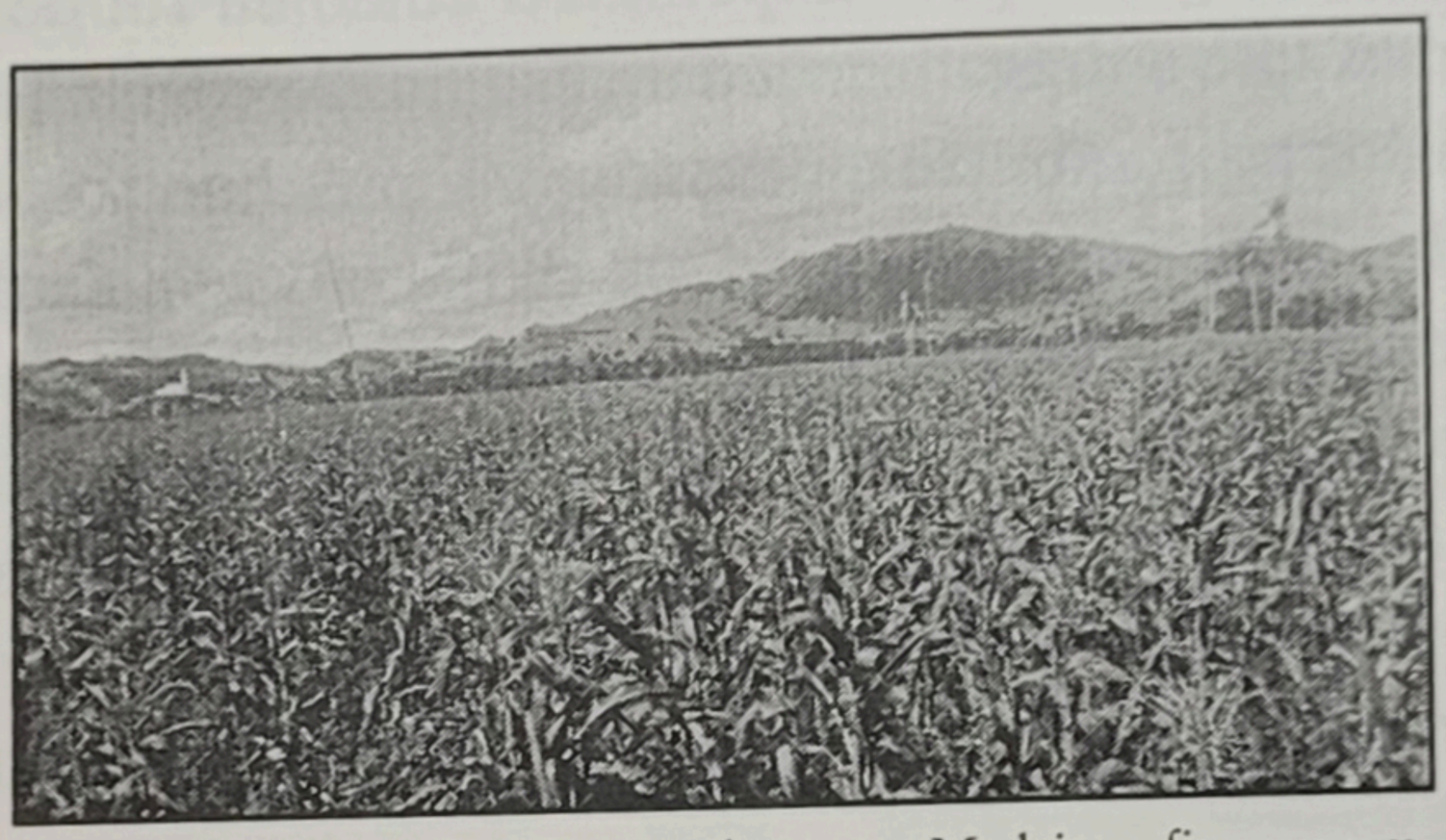
Colheita

Fiz um galpão de 16x20 metros e enchemos de milho até o telhado, sendo que ainda sobrou. Um caminhão e um trator trabalharam vários meses, para puxar o milho



Foto tirada do Sul para o Norte

para fora do banhado. Dito pelo Banco do Brasil, eu era o maior plantador de milho do sul do Estado de Santa Catarina, financiado por ele.



Em 1957, dezesseis famílias de sobrenome Medeiros, fizeram um contrato de parceria agrícola comigo. Arrendaram um banhadal por dez anos. Eu fiz os valos e as derrubadas do faxinal. Em 1961 eu fiz a maior lavoura de milho do sul do Estado de Santa Catarina, financiada pelo Banco do Brasil. Plantamos vinte sacas de semente
de milho híbrido "Agroceres" e outras marcas.
Foto tirada do Norte para o Sul: nos fundos, no morro, está a Igreja de Cubículo, hoje distrito de São Gabriel, município de Treze de Maio.

Política e inveja

Tudo bem enquanto o banhado estava alagado e nada produzia. Mas, a partir do momento que comecei a ter boas colheitas, veio a inveja. Quatro proprietários, orientados por político, foram a justiça para derrubar o contrato de parceria agrícola, feito pelo prazo de dez anos. A pedido de um proprietário, deixei de derrubar uns 5 hectares de faxinal e por causa disto perdi a questão parcial na comarca de Tubarão. Recorri ao tribunal e ganhei a questão. Continuei plantando até terminar o prazo de contrato. As plantações eram feitas no verão e no inverno eu trabalhava com a indústria de mandioca, fecularia e fabrica de raspa de mandioca, farinha panificável.

Associação Rural

Para conseguir comprar semente de milho híbrido mais barato, tive que fundar a Associação Rural, aqui em Treze de Maio. Fui eleito presidente. Instalei a Associação num prédio de uma antiga Escola Estadual, que tinha uma área de terra de 10.000 m2 (dez mil metros quadrados) e estava ainda no nome do proprietário, por falta do restante do pagamento. Eu acertei com o proprietário o restante da dívida que faltava e escriturei o terreno para a Associação. Ela funcionou até 1964, quando todas as Associações do Estado foram extintas e surgiu no lugar a Cooperativa dos Colonos.

RECIBO.

Cr$.50.000,00

Eu Anibal Guarezi, declaro que recebi da Associação Rural de Treze de Maio, a importancia de (50.000,00) cincoenta mil cruzeiros para saldo de pagamento restante de um terreno que vendi com a area de 10.000 m/2 a referida Associação, e cuja importancia recebi no ato do negocio que foi representada pelo presidente Germano Boz Fontana, e por ser certo acino o presente recibo.

Treze de Maio 8 de Setembro de 62.

Anibal Guarezi.

RELAÇÃO DOS ELEITORES DOS CARGOS ADMINISTRATIVOS

Cargo	Nome	Nacionalidade	Profissão Agraria	Municipio
Presidente	Germano Boz Fontana	Bras.	Agricultor	Treze de Maio
Vice-Presidente	Anibal Guarezi	Bras.	Agricultor	Treze de Maio
1º Secretário	Frederico Darien Preve	Bras.	Agricultor	Treze de Maio
2º Secretário	Frederico Mochio	Bras.	Agricultor	Treze de Maio
1º Tesoureiro	Guerino Menegali	Bras.	Agricultor	Treze de Maio
2º Tesoureiro	Pedro Boz Fontana	Bras.	Agricultor	Treze de Maio
Conselho Fiscal	Nelson Ghini	Bras.	Agricultor	Treze de Maio
" "	Luiz Mondi	Bras.	Agricultor	Treze de Maio
" "	Lucindo Fragnani	Bras.	Agricultor	Treze de Maio
Suplentes	Ernesto Guarezi	Bras.	Agricultor	Treze de Maio
"	Domingos Carara	Bras.	Agricultor	Treze de Maio
"	Olindo Mondi	Bras.	Agricultor	Treze de Maio

Treze de Maio, 25 de Março de 1962

Presidente

Frederico Damiani Preve
1º Secretario

RELAÇÃO DOS ASSOCIADOS DA ASSOCIAÇÃO RURAL DE MUNICÍPIO DE TREZE DE MAIO, FUNDADA EM 25 DE MARÇO DE 1962

Nome	Profissão Agraria	Nacionalidade	Residência
Germano Boz Fontana	Agricultor	Brasileiro	Treze de Maio
Anibal Guerezi	" "	" "	Treze de Maio
Frederico Darien Preve	" "	" "	Treze de Maio
Frederico Mochio	" "	" "	Treze de Maio
Guerino Menegali	" "	" "	Treze de Maio
Pedro Boz Fontana	" "	" "	Treze de Maio
Nelson Ghini	" "	" "	Treze de Maio
Luiz Mondi	" "	" "	Treze de Maio
Lucinho Fragnani	" "	" "	Treze de Maio
Ernesto Guerezi	" "	" "	Treze de Maio
Domingos Guerezi	" "	" "	Treze de Maio
Olindo Mondi	" "	" "	Treze de Maio
Genuil Boz Fontana	" "	" "	Treze de Maio
João Fragnani	" "	" "	Treze de Maio
Adelino de Piore	" "	" "	Treze de Maio
Alfredo Boz Fontana	" "	" "	Treze de Maio
Alexandre Pedro Perdoná	" "	" "	Treze de Maio
Otavio Formentin	" "	" "	Treze de Maio
Olivio Mondi	" "	" "	Treze de Maio
Felix Sicon	" "	" "	Rio Verde
Adelino Marcon	" "	" "	Treze de Maio
Domingos Guerezi	" "	" "	Treze de Maio
Gildo Boz Fontana	" "	" "	Treze de Maio
Abel Fragnani	" "	" "	Treze de Maio
Elias Fratoni	" "	" "	São Sebastião
Geruano Fragnani	" "	" "	Treze de Maio
Otavio Menegali	" "	" "	Treze de Maio
Gelindo Fragnani	" "	" "	Treze de Maio
Lino Modolon	" "	" "	Cubículo
Elias Titon	" "	" "	Lageado
Antonio Fiorevante Mondi	" "	" "	Boa Vista
Manoel Martins	" "	" "	Cubículo
Jaime Burigo	" "	" "	Urussanga Baixa
Valmor Miero	" "	" "	Urussanga Baixa
Antonio Cesos	" "	" "	Urussanga Baixa
Otavio Moldão da Mota	" "	" "	Cubículo
Dante Ghini	" "	" "	Treze de Maio
Hugo Trento	" "	" "	Treze de Maio
Santos Brecsan	" "	" "	Treze de Maio
Elias Calegari	" "	" "	Treze de Maio
Valdemar Boz Fontana	" "	" "	São Sebastião
Angelo Zanelato	" "	" "	Treze de Maio
João Bonelli	" "	" "	Treze de Maio
Adelino Marcon	" "	" "	Treze de Maio
Jair Mondi	" "	" "	Treze de Maio
Arrydesqui Magagnin	" "	" "	Treze de Maio
Jose Pedro Constante	" "	" "	Treze de Maio

Treze de Maio, 25 de Março de 1962

Presidente

Frederico Damiani Preve
1º Secretario

Assiraspas

Em 17 de novembro de 1957, fundamos a "Associação dos Industriários de Raspas de Mandioca do Sul do Estado" (ASSIRASPAS). Foi eleito presidente, Lourival Rodrigues, que permaneceu no cargo até 09 de junho de 1960, quando eu, Germano Bez Fontana, passei a ser o presidente. Permaneci no cargo até a revolução de 1964, quando foi suspensa a mistura da farinha panificável de mandioca a farinha de trigo. O jeito, nesse caso, foi desativar as nossas pequenas fábricas.

Representando a Associação

Durante o tempo em que fui presidente, tivemos uma reunião na Assembléia dos Deputados, de Porto Alegre. Nesta reunião contávamos com a presença dos presidentes das Associações de todos os Estados do Brasil, juntamente com dois funcionários do ministério da Agricultura, do Rio de Janeiro. Assisti ainda a várias reuniões em São Paulo, no escritório do nosso advogado. Tivemos uma audiência no Rio de Janeiro, com o ministro da Agricultura, que naquela época era o Sr. Ermínio de Morais. Em seguida, marcamos uma audiência com o presidente da República, sr. Jânio Quadros, mas não tivemos sorte, pois no dia que fui reservar a passagem de avião para Brasília, o presidente renunciou e perdemos uma excelente oportunidade de entrarmos em contato com ele.

Capítulo 30

Viagem a Campinas - SP

No dia 14 de maio de 1952, quarta-feira, compareceu na minha casa, às 18 horas, o Sr. Ernesto Riggembak, DD. Vice Cônsul Suíço, de Florianópolis. Viajava em sua companhia, o Sr. Amorim, representante da sua firma, "Ernesto Riggembak & Cia Ltda".

O Sr. Ernesto, como de costume, vinha visitar os feculeiros todos os anos, na véspera da safra da mandioca. Fiquei muito contente, pois além da visita, com certeza vinha também comprar fécula. Porém, desta vez trocou. Em vez de falarmos sobre fécula, me convidou para ir até Campinas, Estado de São Paulo, para assistir a uma reunião de agricultores e industriais de Santa Catarina. Os convidados do sul seriam eu, o Sr. Ismael Preve e Amélio Felipe, de Tubarão. Participariam ainda, outras pessoas de diversos municípios no norte do nosso Estado. Pagariam a viagem de ida e volta. Era preciso, portanto, ir no dia seguinte, de ônibus, até Itajaí, para tomarmos uma camionete, que já estava contratada. Ali, nos juntaríamos com pessoas de Itajaí e Rio do Sul e seguiríamos viagem na mesma camionete até Campinas. Os Srs. Ismael e Amélio seguiram no dia 15, para Itajaí, mas quando lá chegaram, os outros já tinham saído com a camionete lotada. Tiveram que permanecer por ali dois dias,

até domingo, dia 18, na espera do Sr. Ernesto Riggembak, quando seguiriam viagem de avião. Eu, que por motivo de força maior não pude acompanhar os colegas Ismael e Amélio, segui viagem no domingo, dia 18, com o avião da VARIG. Partiu de Tubarão às 11:30 horas, aterrisando somente em Florianópolis e Curitiba e chegando em São Paulo às 15 horas. Dali, tomei um automóvel até a estação do ônibus Cometa, que já estava partindo para Campinas. Nessas alturas já eram 15:30 horas e tínhamos que fazer 110 quilômetros. Cheguei em Campinas às 17 horas, tomei um automóvel e fui até o "Hotel Terminus", onde tínhamos combinado de nos encontrar. Ao chegar no hotel perguntei se já tinha chegado alguém de Santa Catarina e me responderam que não. Perguntei então, se o Sr. Ernesto Riggembak tinha reservado quartos para uma caravana de agricultores e industriais de Santa Catarina e também me falaram que não. Enfim, me hospedei naquele hotel e pedi que fizessem o favor de avisar quando os outros chegassem. Antes de ir me deitar, alguém telefonou de São Paulo, perguntando se já tinha chegado algum membro da caravana de Santa Catarina e eles responderam que sim. Aí eu fiquei mais contente, pois saí por último e cheguei primeiro. Graças a Deus que tudo correu bem. Graças, também, aos bons aviões da VARIG e a boa vontade do Dr. Francisco Carlos Régis, que quando era prefeito de Tubarão, não poupou esforços para dar-nos um belíssimo aeroporto municipal.

No dia seguinte, de manhã, a primeira notícia foi que, à meia-noite, tinham chegado os Srs. Ernesto e os colegas Ismael e Amélio. Peguei o elevador, fui no apartamento número dez e bati na porta. Lá estavam eles, todos alegres e eu mais ainda, por ter encontrado o nosso chefe, que nos fez o convite, juntamente com meus dois colegas. Em seguida, o Sr. Ernesto, como não perdia tempo, telefonou para São Paulo, para saber se os outros da camionete já tinham chegado. Foi dito que sim e que chegariam em Campinas lá pelas 9 horas. Fomos dar uma volta, primeiramente na catedral e depois na

cidade. Às 11 horas chegaram os outros companheiros, com a camionete. Foi uma grande alegria estarmos todos juntos e aí fomos almoçar. Foi um banquete de dezessete pessoas. Às 12 horas nos dirigimos para o Instituto Agronômico do Estado (Estação Experimental Central Santa Eliza - Campinas. Área alqueires: 130. Escala 1:100. Desnível do terreno: 3:1000). Foram três horas de aula, ministradas pelo professor Edgard S. Normanha, que nos explicou e mostrou na tela tudo, desde o preparo da terra até a colheita da mandioca, pelo novo método da lavoura mecanizada e pelo sistema comum. Nos explicou também sobre adubação química, adubação verde, falando inclusive sobre as pragas da mandioca, como: maranduva, a broca, a sapeca, etc. Em seguida, depois de um cafezinho, o Dr. Normanda nos convidou para visitar as lavouras de mandioca, com sessenta e duas variedades, onde foram feitas as experiências na sua administração. Estas mandiocas foram plantadas tanto pelo sistema comum, como pelo novo método. A qualidade que mais aprovou foi a de nome Branca, de Santa Catarina, que levava o numero 59. O sistema de plantio foi o de estaca comprida de 15 a 25 centímetros de comprimento, com 10 centímetros enterrada, inclinada 45°. Como estava escurecendo, foi encerrado o trabalho por aquele dia, e o Sr. Ernesto marcou uma viagem para o dia seguinte, às 6 horas da manhã, para visitarmos, no município de Araras, a fazenda Santa Cruz, onde tinham grandes plantações de mandioca. No dia seguinte, às 6 horas, estávamos todos prontos para seguir viagem. Fomos até a estação da estrada de ferro. Dali a camionete seguiu para Araras com alguns companheiros, enquanto que eu, o Ismael, o Amélio, o Sr. Ernesto, o Dr. Normanha e o Sr. Mário Elton Hill, fomos de trem elétrico até Limeira. Depois, o Sr. Ernesto, que não facilitava, logo arrumou dois automóveis para irmos até Araras. Nos encontramos novamente com os colegas da camionete e seguimos para a fazenda Santa Cruz. Nesta fazenda vimos uma grande fecularia, um descaroçador de algodão e fomos visitar as grandes plantações de mandioca, algodão e café. Em

seguida nos dirigimos para a residência do Dr. Armando de Voci, gerente daquela fazenda. O proprietário da fazenda era o Dr. Fábio da Silva Prado. O Dr. Armando nos ofereceu uma batida com salsicha. Nos despedimos e seguimos viagem novamente para Araras, onde chegamos às 14 horas. Naquela ocasião aconteceu um grande banquete no Palace Hotel, tomando parte as seguintes pessoas: o Sr. Ernesto Reggembak que convidou e financiou a viagem dos agricultores e industriais até Campinas, Dr. Normanha, professor da caravana, Sr. Mário, representante da firma Geismar & Cia Ltda, Sr. Elizio Zurita Fernandes, diretor-relator do jornal "Tribuna do Povo", eu, Germando Bez Fontana, vereador e representante do distrito de Treze de Maio, Ismael Preve, Amélio Felipe, Erwin Schroeder, Alfredo Sievers, Gustavo Koehler, Fliz Faller, Reinaldo Machado, Alfonso Prochnow, Oscar Bieging, Wilhelm Klinepost, José Wilhelm, Luiz Wilhelm e Gustavo Rotbarth. Ao terminar o banquete, falou o Sr. Ernesto Riggembak, agradecendo ao Dr. Normanha e falando sobre a exportação da fécula e a concorrência que nos fazia a ilha de Java, que vendia para os Estados Unidos fécula mais barata que a nossa. Disse ainda que ele era natural da Suíça, mas 100% brasileiro e 150 % catarinense. Em seguida falou o Sr. Normanha, seguido do diretor-relator do jornal "Tribuna do Povo", o Sr. Elizio Zurita Fernandes e após, o Sr. Mário Elton, dizendo que já estava tarde e que não era mais possível alcançar o trem para Limeira, e assim, tínhamos que ir até Campinas de automóvel. Depois do banquete foram tiradas diversas fotografias e aí voltamos a Campinas.

Ao chegar em Campinas, fomos novamente ao Instituto Agronômico e em seguida na sede do jornal, onde nos entrevistaram e tiraram duas fotografias. Nos despedimos da caravana do vale do Itajaí e rumamos para o Hotel Terminus. Tomamos um chá e fomos para São Paulo, onde chegamos às 23 horas e nos hospedamos no Hotel Barabay. De manhã, após um cafezinho e uma visita na cidade, voltamos para o hotel e fomos visitar o Sr. Ernesto Riggembak, que

dormia num outro quarto. Tomamos um café e o Sr. Ernesto nos levou ao escritório da firma Geismar & Cia Ltda. Ali estava o Sr. Mário, que nos acompanhou na viagem para Araras. Combinamos com o Sr. Mário para irmos de ônibus a Santos e deveríamos estar na estação às 2 horas da tarde. Quando saímos, já eram 2:30 horas. A cidade não tinha mais fim. Mais adiante vimos a grande represa da usina de Cubatão. Ao descermos a serra, avistamos a cidade de Santos e passamos em três túneis. Um pouco abaixo estavam fazendo outra faixa bem aparelhada. Ficaria uma para subir, outra para descer. Embaixo da serra, bem pertinho de Santos, em Cubatão, uma grande usina que dá força para Santos, São Paulo e Rio.

Quando chegamos em Santos, o Sr. Mário foi logo procurar a limusine nova que tinha comprado dos Estados Unidos e que ia retirar naquele dia. Aí estávamos bem, tínhamos música e carro por conta. O Sr. Mário nos levou primeiramente na firma Max Virt & Cia Ltda. Depois fomos recebidos pelo Sr. Fritz Cut, DD. Vice Cônsul da Suíça em Santos, que nos ofereceu um cafezinho feito na hora. Nos informamos com o Sr. Cut, se ele exportava farinha de mandioca para o estrangeiro e ele disse que não. Disse ainda que o preço da farinha estava alto, devido a grande seca no Nordeste do Brasil e que se fosse para exportar farinha, o preço seria de quarenta cruzeiros o saco de 50 quilos. Por fim, nos ofereceu um livrinho da passagem do 25° aniversário do Rotary Clube de Santos - 15/02/52. Depois, o Sr. Mário nos levou a todos os cantos da cidade. Fomos no porto onde vimos dois grandes navios, um que entrava e outro que saia. Um belíssimo cais de 5 quilômetros de comprimento. Depois da janta, voltamos para São Paulo, onde nos hospedamos no mesmo Hotel Barabay.

No outro dia, fomos novamente visitar o Sr. Ernesto, pois naquele dia ele viajava para o Rio, em Companhia do Sr. Mário. E nós tiramos esse dia, 22 de maio, quinta-feira, para conhecer a cidade de São Paulo. O movimento é muito grande e é preciso ver para

acreditar. Fomos no museu, na estação ferroviária subterrânea, nas ruas principais, etc.

No dia 23, as 2:30 horas, saímos com destino a Florianópolis. O que posso contar dessa viagem é que viajávamos sempre no meio da serração. Pouco antes de chegar em Curitiba, olhei para a junta da asa do aparelho e vi que saía bastante água. Naquele momento esfriou o miolo da cabeça, pois parecia que derramava gasolina. Chamei um dos tripulantes e perguntei o que era aquilo que estava derramando na junta da asa do aparelho. Ele me respondeu que era água da chuva. Eu pensei que era gasolina, mas, quando o avião aterrisou em Curitiba, vi que estava chovendo de fato e era bastante frio.

Ao chegar em Florianópolis, já quase escuro, muita chuva, fomos nos hospedar no Hotel Central. Eu e o meu colega Amélio fomos até a catedral, a uma novena, enquanto que o Ismael foi visitar o Sr. Braz Francisco de Assis. Após, fomos deitar e não demorou, chegou o Ismael em companhia do Sr. Braz, colega de orquestra de Treze de Maio. Não se passou muito tempo, que apareceu também o Sr. Osmar Ribeiro. Aí conversamos até às 11 horas. No dia seguinte, sábado, dia 24, saímos de ônibus da Catarinense, com destino Tubarão. Às 6 horas, chegamos no morro dos cavalos e a estrada estava intransitável. Aí se foram 3:30 horas perdidas. Chegamos em Cubículo às 18 horas. Chegamos atrasados e tivemos que andar 4 quilômetros a pé. Fomos e voltamos com saúde, graças a Deus.



Feculeiros de Santa Catarina em visita a São Paulo

Terça-feira última, dia 20, chegou à Araras, às 10 horas, procedente de Campinas, uma caravana de lavradores e industriais de mandioca, de várias cidades do Estado de Santa Catarina.

Esses representantes da lavoura mandioqueira do Estado sulino, solidários com a iniciativa ideada pela prestigiosa e conceituada firma Geismar & Cia. Ltda., de São Paulo e Blumenau, deram início, com essa visita, a um intercâmbio com as classes produtoras de mandioca do nosso Estado, com o fito de tomarem contáto com os modernos métodos de industrialização dêsse tubérculo, usados pelos paulistas.

Essa caravana — integrada de representantes dos municípios santacatarinenses de: Treze de Maio (M. Tubarão), Rio do Sul, Indaial, Mirim Doce (Município de Taió), Trombudo Alto, Ituporanga e Ibirama — veio chefiada pelo sr. Willy Hafemann, e contou com a participação dos srs. Ernesto Reggenbach, de Florianópolis, e Mário Elton Hill, representante da firma Geismar & Cia. Ltda.

Partindo de Goibos, de Rio do Sul, chegaram às 12 horas do dia 19 p.p., em Campinas, onde estiveram em demorada visita ao Instituto Agronômico daquela cidade, ocasião em que lhes foram ministradas várias aulas sôbre o plantio de mandioca, pelo competente técnico Dr. Edgard Normanha, que expoz aos lavradores visitantes, os últimos métodos que aquêle Instituto vem aconselhando para a cultura dessa raiz.

Em sua visita a nossa cidade, estiveram na Fazenda Santa Cruz, de propriedade do Dr. Fábio da Silva Prado, onde foram recepcionados pelo Dr. Armando Le Voci, Gerente daquela fazenda.

Nessa belíssima e modelar propriedade agrícola, os santacatarinenses percorreram extensas e variadas lavouras, conhecendo, de perto, as variedades de ramas de mandioca que vêm sendo usadas, de acôrdo com as mais recentes experimentações do Instituto Agronomo de Campinas.

Após essa visitas, sôbre a qual os visitantes se expressaram à nossa reportagem, com palavras de justos e merecidos encômios, por tudo que lhes foi dado apreciar, realizou-se um almoço nos salões do Palace Hotel.

A' sobremesa, usou da palavra o sr. Ernesto Reggenbach, para agradecer as atenções que, aos componentes da caravana, vinham sendo dispensadas pelos srs. dr. Edgard Normanha e sr. Mário Elton Hill; agradecendo às referências feitas a sua pessoa, discursou o sr. dr. Normanha, colocando, aos santacatarinenses, o que de útil poderia o Instituto Agronômico lhes oferecer.

Presente a êsse almoço, como convidado da firma Geismar & Cia. Ltda., o nosso Diretor-redator fêz uso da palavra, saudando os ilustres visitantes.

Terminado o ágape, a embaixada de lavradores de Santa Catarina regressou a Campinas, de onde retornaria ao seu Estado.

x x x

Faziam parte da caravana, os seguintes lavradores e industriais: Ismael Thomaz Preve, Germano Bez Fontana, Amelio Felippe, Erwin Schroeder, Alfredo Sievers, Gustavo Koehler, Fritz Faller, Reinaldo Machado, Alfonso Prochnow, Oscar Bieging, Wilhelm Klinepost, José Wilhelm, Luiz Wilhelm e Gustavo Rothardt.

Transcrito da «Tribuna do Povo de Araras, Estado de São Paulo

Três fatos marcantes

Primeiro fato

Quando cheguei em Limeira, ela me fez lembrar da minha terra natal. Primeiro porque a belíssima catedral tinha a mesma padroeira que a nossa. Em segundo, porque eu vi um ônibus com a carroceria aberta, tipo jardineira e que era igual ao primeiro ônibus que fazia linha da sede de Urussanga, até a estação da estrada de ferro.

Segundo fato

Aconteceu em Santos. Foi quando o Sr. Mário Elton Hill, tirou a limusine nova que tinha importado dos Estados Unidos, que estava no porto marítimo. Anoiteceu e nos esquecemos que o carro não tinha sido lavado por fora e estava com a parte niquelada toda engraxada com graxa patente. Aí fomos até a ilha São Vicente e de vez em quando encostávamos no carro. Ao chegarmos em São Paulo, desembarcamos na frente do hotel e quando nos olhamos, vimos que a nossa roupa estava toda cheia de graxa, inclusive a do Sr. Mário.

Terceiro fato

No hotel, depois de tomar banho e trocar de roupa, eu e o Amélio colocamos a gravata (Ismael não quis usá-la) e fomos dar uma volta na cidade. Vimos duas grandes filas na rua. Devia ser alguma coisa importante e por isso nós fomos ver o que era e descobrimos que era um cinema contínuo. Tinha começado de tarde e ia até de madrugada. Passava um filme sobre a Segunda Guerra Mundial, a queda do avião do presidente na Amazônia e outros fatos importantes. Tinha uma fila para comprar a entrada e outra para entrar. Depois de uma hora, já estávamos na fila, dentro do salão. Eu estava na frente, em seguida o Amélio e depois o Ismael. Numa certa altura, o Amélio me avisa que o Ismael tinha desaparecido da fila. Aí ficamos surpresos,

pois não sabíamos o que tinha acontecido. Para procurá-lo tínhamos que sair da fila e em conseqüência perderíamos a vez. Assim, continuamos na fila, porque quando saíam cinco pessoas, também entravam cinco e quando dez, entravam dez. Quando chegou a nossa vez, já eram 23 horas. Valeu a pena. Saímos do cinema de madrugada. Quando chegamos no hotel, o Ismael estava deitado. Perguntamos o que tinha acontecido e ele disse que o tiraram da fila porque estava sem gravata. Devolveram o dinheiro e mandaram que se retirasse do local. Eu sempre digo que o mundo ensina.



Micro-Ônibus que levou o pessoal de Rio do Sul para Campinas-SP.



Caravana de lavradores e industriais de mandioca, de várias cidades do Estado de Santa Catarina, em Campinas:
1 - Amélio Felippe, industrial;
2 - Eu, vereador e industrial;
3 - Ernesto Riggembak, nosso chefe;
4 - Ismael Tomaz Preve, industrial.



Uma caravana de fabricantes de farinha panificável de mandioca, no interior de São Paulo. Eu, Germano Bez Fontana, identificado pelo nº 1, no círculo.

Capítulo 31

Primeira missa em Cubículo

Nos dias 14 e 15 de setembro de 1933, o padre João Casale fez uma visita em Cubículo, hoje distrito de São Gabriel, onde rezou a primeira missa no oratório público do padroeiro São Gabriel. (Data tirada na Paróquia de Jaguaruna, no livro número 1, folha 61).

Nesta visita o padre fez três batizados, um casamento, duas práticas, uma novena, vinte e cinco confissões e vinte comunhões.

O primeiro batizado foi da menina Malvina, nascida em 22.05.1933, filha de Ismael João de Medeiros e Maria Bernadina, onde foram padrinhos João Altismo e Judith Custódia. Malvina casou-se depois, com Olivio Pedro Dionízio, em 26.12.1953, em Jaguaruna.

O segundo batizado foi também de uma menina, Enedina, nascida em 22.05.1933, filha de Felomeno Pereira de Medeiros e Maria Borges de Medeiros, onde foram padrinhos Manoel Pereira de Medeiros e Erondina Pereira de Medeiros. Enedina casou-se com Severino Manoel Saturno, em 26.09.1953, em Jaguaruna.

O terceiro batizado, outra menina, Maria, nascida em 24.07.1933, filha de João Gabriel Rodrigues e Anair Pereira de Medeiros, onde foram padrinhos Júlio Duarte de Medeiros e Etelvina Pereira de

Medeiros. Maria casou-se com João José Miguel, em 24.01.1959, em Jaguaruna.

Na época da primeira visita do padre, já estava em construção uma pequena capela. 2.500 metros quadrados de terras, que foram doadas pelo Sr. Ezidro Marcos Borges e a escritura feita em 26.03.1934.

Lembrança do primeiro batizado

O primeiro batizado aqui em Cubículo, como já falamos acima, foi da menina Malvina, filha de Ismael João de Medeiros.

A primeira sepultura feita aqui no cemitério de Cubículo, hoje distrito de São Gabriel, por coincidência, foi do pai de Malvina, Ismael João de Medeiros.

Capela de Cubículo - Distrito de Treze de Maio

Por volta do ano de 1951, em Cubículo, Treze de Maio, o padre que pertencia à paróquia de Jaguaruna começou a falar para o povo, sobre a necessidade de se construir uma igreja nova, pois a atual era muito pequena. Os fabriqueiros contavam com um pouco de dinheiro em caixa, mas faltava a coragem para começar.

Dia de festa

No fim do ano de 1951, teve uma festa na capela, com uma missa campal rezada pelo padre vigário da paróquia de Jaguaruna, Pe. Pedro Ulrich. Na hora do sermão, de surpresa, ele falou que se os atuais fabriqueiros não tivessem coragem de iniciar a construção da capela, ele iria nomear quatro pessoas e esta comissão teria a finalidade de tomar parte na construção da nova igreja. Estas pessoas seriam: Reditário Fréccia, Tibério Freccia, Germano Bez Fontana e Francisco Fernandes.

Nova diretoria

No dia 16 de dezembro de 1951, foi reunida a diretoria atual e a nova comissão nomeada pelo padre. Neste encontro, juntos, resolvemos fazer uma só diretoria, que ficou assim constituída:

Presidente: Pe. Pedro Ulrich
1° Vice Presidente: João Ezidro Borges
2° Vice Presidente: Tibério Freccia
1° Secretário: Germano Bez Fontana
2° Secretário: Francisco Fernandes
1° Tesoureiro: Manoel Pereira de Medeiros
2° Tesoureiro: Reditário Fréccia

Esta nova diretoria tomou posse em 31 de dezembro de 1951. Em seguida foi feito um levantamento dos bens que a capela possuía até esta data.

Patrimônio

Após tomarmos posse e já com o levantamento dos bens feitos, constatamos que a igreja possuía o seguinte: um terreno com 2.500 metros quadrados, onde estava edificada uma capela medindo 6x8ms e um galpão de 4x10ms, um pequeno sino de bronze com 20 centímetros de boca e mais a importância de 25.282,70 (Vinte e cinco mil, duzentos e oitenta e dois cruzeiros e setenta centavos) em dinheiro. Uma parte deste dinheiro estava emprestado a particulares, com juros.

Mais membros junto a Diretoria

No dia 6 de janeiro de 1952, foram nomeados mais membros para ajudar a Diretoria. A região foi dividida em linhas, com seus responsáveis como segue: primeira linha o Sr. Otávio Roldão da Rosa; segunda linha: Sr. Abílio Zago; terceira linha, Alexandre Bura-

to; quarta linha, Francisco João Vieira; quinta linha, José Leopoldino Cardoso; sexta linha, Pedro Sipriano e sétima linha, Luiz Guarezi. O Sr. Francisco Borges foi designado para a direção do bazar, o Sr. Pedro Dionízio foi para o leilão, o Sr. Filomeno P. de Medeiros ficou na direção do bar e ainda o Sr. João Ezidro Borges que atendia o padre e cuidava do serviço interno da igreja e eu, que era responsável pela planta e construção da nova igreja.

Compra de mais terreno

O terreno que a capela possuía era de 2.500 metros quadrados e era pequeno. Por isso compramos mais 4.612 metros quadrados, perfazendo um total de 7.112 metros quadrados. Abrimos um poço no fundo do terreno, de seis metros de fundura, de onde veio água abundante e de primeira qualidade para tomar. Já tínhamos água para a construção da nossa igreja. Em seguida, a pedido do nosso vigário, Cônego Bernardo Fellipe, enviamos a planta para a Cúria de Florianópolis para a devida aprovação. Com a planta da nova igreja já aprovada, foi iniciada a obra, que ficou aos cuidados dos fabriqueiros João Ezidro Borges e eu, Germano Bez Fontana.

Precisávamos arrecadar dinheiro

Os fabriqueiros e procuradores, responsáveis pelas linhas que eram sete, percorriam-nas, para anotar o dinheiro ou o objeto que cada família doava. Mesmo com esta arrecadação, era difícil atender a despesa feita na construção da nova igreja.

Novena - Sábados e domingos

Nos já tínhamos derrubado a capela velha e os terços estavam sendo rezados numa sala alugada do Sr. Augusto Fragnani. Para angariar mais dinheiro, numa reunião da diretoria ficou resolvido que

faríamos uma experiência, em que cada família faria uma novena, que seria rezada aos sábados e domingos. Depois da novena, a família traria de casa algumas coisas, como: pão-de-ló, bolo, cartucho, feijão, milho, lenha, balaio, enfim, tudo o que tivesse em casa e não fizesse falta. Em seguida era realizado o leilão. As famílias aprovaram esse sistema e para a igreja dava dez vezes mais do que percorrer as linhas. Na hora do leilão era servida bebida para animar.

Fato marcante

As novenas, no início, davam em média Cr$1.000,00 (mil cruzeiros) cada família. Os noveneiros eram sempre anunciados uma semana antes. Acontece que um dia, eu anunciei a novena de uma família pobre, que nem casa para morar tinha, mas eram católicos e nossos irmãos. Uma pessoa que estava atrás de mim disse:

- Este não dá um quilo.

Ai eu pensei que ele era também filho de Deus e que não se podia desprezar. Ele era pobre, mas um homem sério e honesto e ficou muito contente com o convite da novena. Começou logo a trabalhar. Foi em casa do dono de um mato e pediu taquara e cipó. O proprietário deu e ele fez balaio, cove, forma de açúcar, trabalhando a semana inteira. A família foi também na casa dos vizinhos, onde pediram ajuda e por serem pessoas honestas, foram auxiliados. O resultado foi que, a novena desta família deu 50% a mais que as outras. Daí para a frente ninguém mais falou. Pobre, mas honesto, tem crédito e todo mundo ajuda. E assim ele também colaborou com a igreja.

As obras continuam

Cobrimos a igreja e só faltava terminar a torre, mas o povo achava que a planta da cúpula deveria ser modificada. O padre Otto resolveu fazer outra planta, que o povo ainda não gostou. Eu mesmo

resolvi elaborar a planta, tirando o modelo de uma igreja suíça e o povo aprovou. Quem quiser ver a torre e só chegar em São Gabriel - Treze de Maio. Eu mesmo fiz a madeira da cúpula e cobri com chapa de alumínio liso, que comprei em Porto Alegre. O deputado estadual Waldemar Salles deu a cruz e eu a parafusei no lugar.

Bancos

Com a igreja pronta, faltavam os bancos e aí reunimos dezessete famílias que se comprometeram a doá-los.

História dos três sinos

Quanto aos sinos, a história é longa e espinhosa. Para comprá-los foi feita uma coleta de preços em São Paulo, Blumenau e Porto Alegre. Fechamos negócio com a firma Bellini & Cia Ltda., Av. Pernambuco - 2400, Porto Alegre - RS. Eram três sinos de bronze: Música SOL com 90 quilos, MI com 195 quilos e DÓ com 280 quilos, pela importância de Cr$ 131.000,00 (cento e trinta e um mil cruzeiros). Adiantamos 30%, ou seja, 39.300,00 (trinta e nove mil e trezentos cruzeiros) no ato do negócio, mediante recibo. Pelo catálogo era uma firma de muita fama, pertencente a família Bellini, que já fabricava sinos há 70 anos, mas nem todos os filhos ou irmão são iguais. Poucas semanas depois apareceu novamente o Sr. Bellini, que queria mais dinheiro para comprar o material. Disse ele que os moldes estavam prontos e dentro de duas semanas entregaria os sinos. Consultei alguns membros da diretoria, que concordaram em pagar mais Cr$23.365,00 (vinte e três mil e trezentos e sessenta cruzeiros). Passadas três semanas nada de sinos e quem apareceu foi o Sr. Bellini outra vez. Ele veio de avião e queria mais dinheiro, porque a quantia que tínhamos dado, segundo ele, não tinha sido suficiente para comprar o material. Aí eu desconfiei.

Naquele tempo tinha avião de Tubarão para Porto Alegre e vice

- versa. Saía de Porto Alegre para Tubarão às 10 horas e de Tubarão para Porto Alegre às 14 horas, diariamente. Eu disse para o Sr. Bellini que ia junto para Porto Alegre, no mesmo avião das 14 horas e que se os moldes dos sinos estivessem prontos para a fundição eu iria dar mais dinheiro a ele em Porto Alegre, pois eu tinha a haver de uma firma.

Após desembarcar do avião em Porto Alegre, fui direto para a fábrica dos sinos, onde os operários confirmaram que os moldes estavam prontos, mas que eles estavam sem serviço por causa do material. Eu saí da fábrica e fui para a firma de Cereais Arsand Ltda. para falar com o gerente, Osmar Lanz, meu amigo e contei a ele a história do Bellini. Ele não pode me informar nada, pois não conhecia a firma Bellini. Disse também a ele que eu estive muitas vezes na fábrica dos sinos e que enquanto eu estava lá, sempre aparecia alguém perguntando sobre os sinos por eles encomendados. Por isso eu estava desconfiado que ali tinha muitos negócios de sinos enrolados, como o meu. Eu perguntei ao meu amigo:

- O senhor não acha que eu devo falar com um advogado?

- É bom, porque ele vai ver como a firma está e se quiseres eu te indico um advogado que trabalha com a nossa firma e é honesto.

Eu concordei e ele telefonou para o Dr. Sálvio Torres, avisando que eu ia até lá falar com ele. Ao chegar no seu escritório, contei a história dos sinos, mostrando o contrato e os recibos do adiantamento em dinheiro. Disse a ele que achava que a firma não ia muito bem, pois eles queriam mais dinheiro e os sinos não ficavam prontos. O advogado aconselhou a não entrar em juízo, porque podia ser uma firma boa, e ele iria nos cartórios para ver se havia protestos contra ela. Pediu que no dia seguinte eu fosse lá para saber do resultado. No outro dia, o advogado falou que nada encontrou nos cartórios contra a firma, mas que era bom eu pegar uma carta do Bellini, estabelecendo a data de entrega dos sinos. Propôs me acompanhar para conhecer o homem e ver o que ele me diria nestas condições. Instruiu-me ainda que o Sr.

Bellini perguntasse quem ele era, eu o apresentasse como um amigo de Santa Catarina e não como um advogado. Combinamos de ir a sua casa às 20 horas, pois de dia ele viajava. A noite eu e o Dr. Sálvio saímos juntos, ele de manga de camisa , com um chapéu tipo colono. Fomos de ônibus para diminuir a despesa. Ao chegarmos na casa do Sr. Bellini, batemos na porta, ele nos atendeu e mandou andar. Desconfiado, quis saber logo quem era meu companheiro. Eu o apresentei como um amigo de Santa Catarina que encontrei e o convidei para me acompanhar . Estávamos no dia 12 de abril de 1957. Depois de batermos um papo, perguntei ao Sr. Bellini em quanto tempo ele me entregaria os três sinos e se eles tinham garantia. Ele respondeu que me entregaria os sinos até o fim do mês de abril e que tinha garantia por vinte anos. Perguntei a ele se faria uma carta falando da garantia e do prazo da entrega dos sinos, para que eu pudesse mostrar aos fabriqueiros.

- Posso fazer, mas só amanhã às nove horas.

Eu fiquei pensando na possibilidade de no outro dia não encontrar ninguém e por isso indaguei se era de certeza e ele respondeu que sim.

No dia seguinte eu estava lá cedo esperando. Às nove horas ele me atendeu, assinando a carta. Depois eu fui direto ao advogado, entregando a carta a ele e trazendo uma cópia para mim. O advogado me garantiu que ficaria de olho no comércio e se encontrasse alguma coisa contra a firma me avisaria. Eu vim para casa mas não dormia direito, pois virava a pensar no trabalho que tivemos para arrecadar o dinheiro através das novenas e festas, contando muitas vezes com a colaboração de famílias pobres e dos fabriqueiros que nada ganhavam pelo seu trabalho e perder assim Cr$62.655,00 (sessenta e dois mil, seiscentos e sessenta e cinco cruzeiros) que tínhamos adiantado. Era muito desagradável para nós, fabriqueiros da igreja, principalmente para mim que estava encarregado da compra.

No dia 18 de maio de 1957 fui para Porto Alegre, para saber de alguma notícia. Lá chegando primeiro fui na fábrica dos sinos e eles

não estavam prontos. Depois me dirigi ao escritório do Dr. Sálvio. Ele me atendeu e logo me disse que desta vez eu deveria entrar em juízo imediatamente, pois indo especular no comércio, encontrou uma firma que tinha hipotecado os bens dele até a casa onde morava e o homem da hipoteca lhe tinha passado uma procuração para que ele entrasse em juízo. Disse ainda o advogado:

- Vou entrar em juízo com a ação dos sinos de vocês primeiro e quando estiver resolvida, entro com outra, da hipoteca.

Então eu lhe falei:

- Dr. Sálvio, o senhor sabe que negócio de igreja depende de muita gente e eu precisaria saber quanto o senhor vai cobrar por este trabalho. Ele respondeu:

- Eu sou católico e não vou cobrar nada, tu só me paga a despesa do juiz.

Quanto é que eu preciso deixar para pagar o juiz ?

- Cr$ 4.000,00 (quatro mil cruzeiros) e pode ir embora descansado que cuido de tudo.

- Eu pensei: não cobra nada, será que vai trabalhar ?

Mas o Dr. Sálvio era um homem calmo e inteligente. Passou a visitar a fábrica dos sinos todas as semanas e nada de os sinos ficarem prontos. Os operários continuavam parados e o patrão não parava mais na fábrica, só viajando, vendendo sinos e recebendo dinheiro adiantado. Por fim, o Dr. Sálvio me falou que perguntou para os operários:

Vocês podem me dar uma lista do material que precisamos para a fundição de três sinos ?

- Podemos.

- Se eu trouxer o material vocês deixam os sinos prontos ?

- Deixamos.

O Dr. Sálvio pegou a lista onde constava a quantidade de cobre, estanho e bronze que precisavam e o nome da casa que eles compravam sempre. Ele comprou o material, ficando responsável pelo seu pagamento e mandou o material para a fundição, prometendo uma gorjeta

para os operários. Quando os sinos já estavam fundidos, os operários parafusaram a madeira e os mancais. Depois disso Bellini faturou os sinos e remeteu a duplicata pelo Banco em cobrança inclusive com o aval de outra firma.

Ao mesmo tempo o Dr. Sálvio retirou os sinos da fábrica, mandando-os para o depósito da firma de Cereais Arsand Ltda. Em seguida telegrafou para mim, pedindo que eu fosse urgentemente buscar os sinos e levar o restante do dinheiro. Fui para Porto Alegre de avião (naquele tempo a viagem de avião era barata). Desembarquei e fui direto para a firma de Cereais Arsand Ltda, ver os sinos. O gerente, meu amigo Osmar, telefonou para o advogado, ele veio e eu entreguei a ele o restante do dinheiro, Cr$ 68.335,00 (sessenta e oito mil e trezentos e trinta e cinco mil cruzeiros). Com este dinheiro ele pagou a despesa de uma ação cominatória, Cr$ 4.000,00 (quatro mil cruzeiros); o material para a fundição dos sinos, Cr$ 37.500,00 (trinta e sete mil e quinhentos cruzeiros); a despesa dele mesmo, Cr$ 15.000,00 (quinze mil cruzeiros); a despesa do meu avião e hotel, Cr$ 6.000,00 (seis mil cruzeiros) e ainda deu uma gorjeta para os operários de Cr$ 4.000,00 (quatro mil cruzeiros). O restante, Cr$ 1.835,00 (mil oitocentos e trinta e cinco cruzeiros) ele deu para o Sr. Bellini, para fazer uma farra. Este advogado fez um milagre com sua inteligência e com a ajuda de Deus, para a igreja, conseguindo providenciar para que os sinos ficassem prontos. Graças a Deus, tudo terminou bem. Os sinos continuaram na igreja do Distrito de São Gabriel - Treze de Maio - SC, para quem os quiser ver.

Inauguração: 17 bancos, 3 sinos

Dia 27 de outubro de 1957, com a presença do novo vigário, o padre Ludgero Locks, os padrinhos e madrinhas convidados, da Diretoria da Igreja e do povo em geral, foi feita a benção ás14 horas, dos dezessete bancos e às 15 horas dos três sinos. Em seguida, foi feito o leilão para ver quem dava a primeira badalada nos três sinos. O

vencedor do sino menor foi o Sr. Reditário Fréccia, que pagou Cr$ 1.700,00 (mil e setecentos cruzeiros); do sino médio fui eu pagando a quantia de Cr$ 2.000,00 (dois mil cruzeiros) e do sino maior foi o Sr. João Elzidro Borges que pagou Cr$ 3.800,00 (três mil e oitocentos cruzeiros). Os três sinos tocaram pela primeira vez, alegrando o povo da redondeza com seus sons naturais : SOL-DÓ- MI. No sino menor e médio se encontram gravados os nomes de quem o doou. O maior foi doado pelo povo em geral.



Esta foto mostra os 3 sinos comprados pela diretoria da Igreja do distrito de São Gabriel, inaugurado em 27-03-1957, às 14 horas, quando tocavam, com a presença da banda "Amor a Pátria" de Jaguaruna

1ª rua calçada no município

Em dezembro de 1962, calçamos com paralelepípedos a primeira rua do município de Treze de Maio. Era a rua que partia da estrada geral até a nossa igreja (Cubículo), hoje distrito de São Gabriel. Esta foi paga com o dinheiro arrecadado através de novenas e festas, em que participaram 150 famílias que pertenciam a nossa igreja, na época.

Em 31 de dezembro de 1962, foi inaugurada, a referida rua com a presença da diretoria e fabriqueiros da igreja, autoridades, convidados e povo em geral. Com a palavra o vice - presidente da Diretoria da Igreja, Sr. João Ezidro Borges, convidou o primeiro prefeito nomeado de Treze de Maio, Sr. Ismael Tomaz Preve, para cortar a fita. Na seqüência

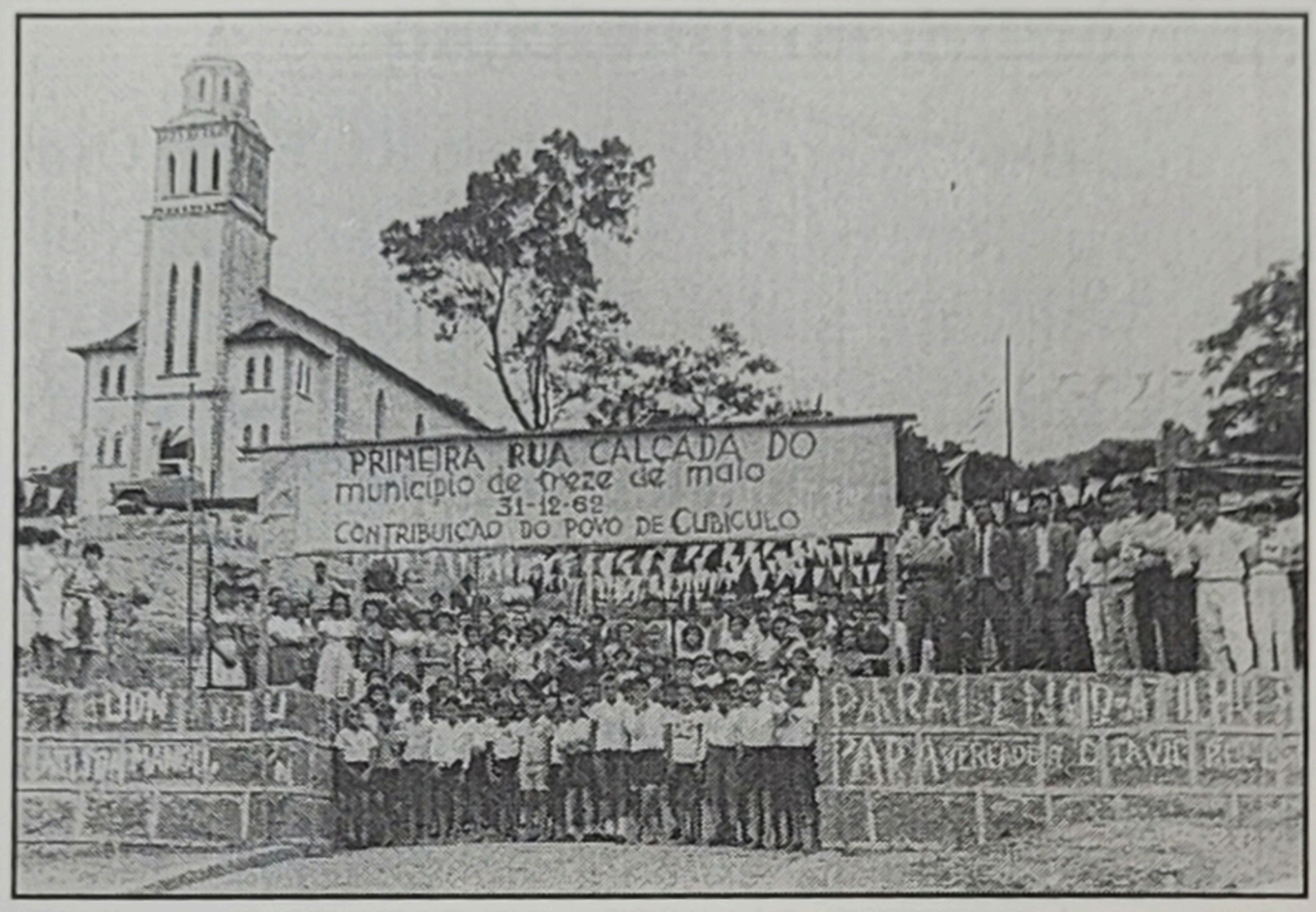
, usou da palavra, dando por inaugurada a primeira rua . Disse o Sr. Prefeito em seu discurso, que era uma honra para o povo de Cubículo o fato de terem calçado a primeira rua do município de Treze de Maio e que fazia questão que contasse em ata ,como modelo para outra administração do município. Por fim, eu, que fui responsável pelo alinhamento da rua, fiz uso da palavra, dizendo que naquele momento presta-va homenagem ao povo Cubículo , pois foram eles que pagaram a obra com suas contribuições espontâneas, agradecendo a todos pela sua participação nesta tarefa.



Inauguração da 1ª rua calçada do Município de Treze de Maio, em Cubículo. Da esquerda para a direita: Antonio Goulart de Souza, inspetor de quarteirão; Francisco João Vieira, fabriqueiro; José João Rodrigues, vereador eleito; Ismael Tomaz Préve, 1º prefeito nomeado; Otávio Roldão da Rosa, vereador eleito; João Ezidro Borges, fabriqueiro e eu, Germano Bez Fontana, fabriqueiro. Foi convidado o prefeito Ismael Tomaz Preve para desatar a fita inaugural. A obra foi paga com a colaboração de 130 famílias de Cubículo, através de festas e novenas realizadas pelas mesmas.



Esta foto mostra quando eu, Germano Bez Fontana, fabriqueiro, falava ao público, agradecendo o povo da comunidade e da diretoria, pela arrecadação do dinheiro que foi suficiente para pagar a obra, naquela ocasião inaugurada.



A primeira rua calçada com paralelepípedo no município de Treze de maio foi em Cubículo, hoje distrito de São Gabriel, em 31-12-1962. Depois inaugurada a rua, o povo invadiu-a, a bela Igreja de Cubículo

Entrada do primeiro veículo

Em seguida, entrou na calçada o primeiro veículo que era também o primeiro caminhão adquirido pela prefeitura de Treze de Maio, um FORD dirigido pelo próprio prefeito, Sr. Ismael Tomaz Preve. Como acompanhantes, o Sr. Prefeito convidou os dois primeiros vereadores eleitos em Cubículo, Otávio Roldão da Rosa e José João Rodrigues. O segundo a entrar foi o agricultor Antônio Júlio Serafim, com seu jipe zero quilômetro, tendo como motorista o Sr. Valfrido Dandolini Bez Fontana.



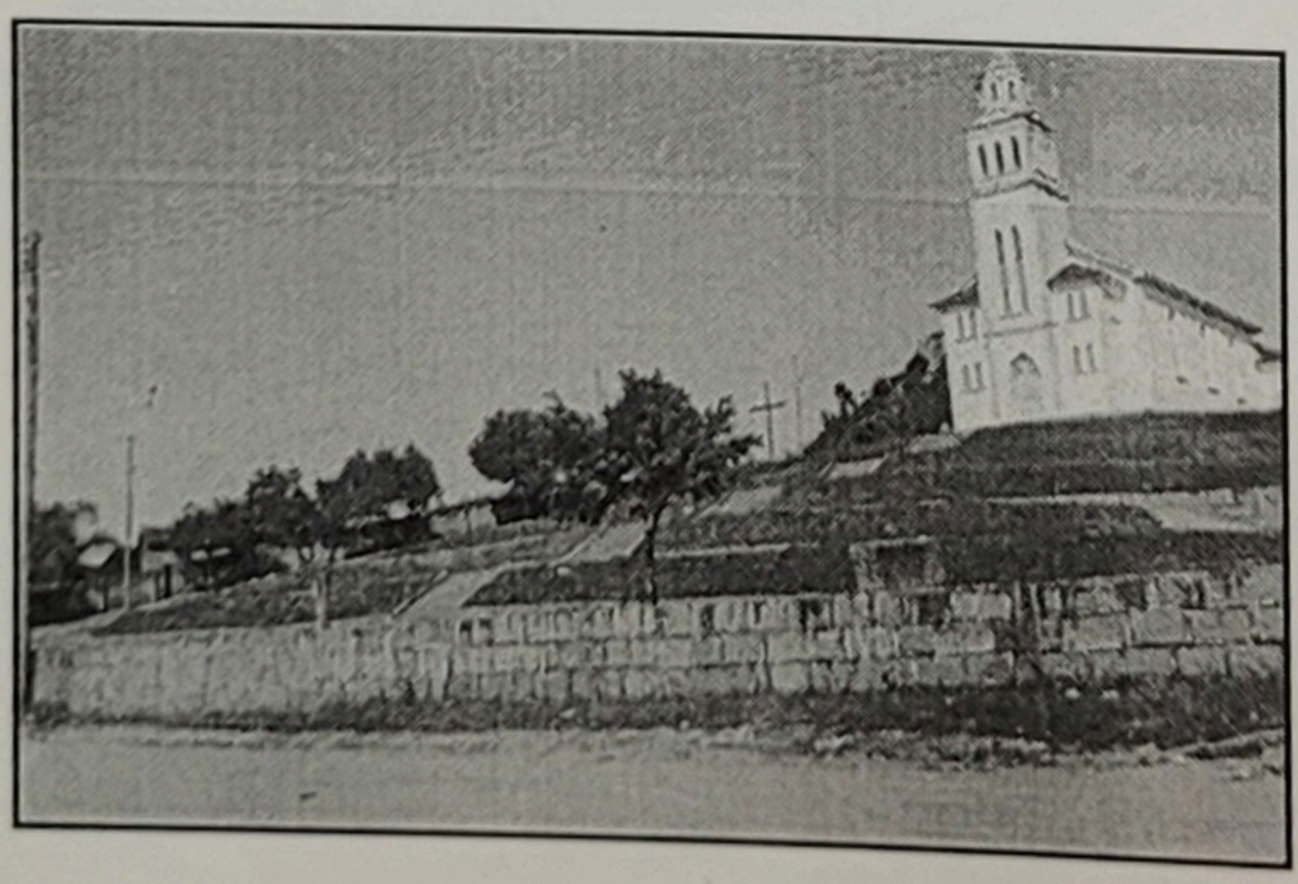
O primeiro caminhão comprado pela prefeitura de Treze de Maio também foi o primeiro caminhão a entrar na 1ª rua calçada do município, em Cubículo

Primeiro jardim no município

Em 31 de dezembro de 1964, com a presença do Rv. Padre Osni Rosembach, de Tubarão, do prefeito de Treze de maio, Sr. Luiz Nandi, do deputado Estadual, Waldemar Salles, Fabriqueiros, demais autoridades e o povo em geral, foi inaugurado o primeiro jardim no município de Treze de maio, com água encanada, na frente da igreja de Cubículo, hoje distrito de São Gabriel. Foi mais uma obra feita com a colaboração do povo, através de novenas e festas, onde conseguimos arrecadar dinheiro suficiente para pagar a obra inaugurada.



Inauguração do primeiro jardim construído no município de Treze de Maio, na frente da Igreja de Cubículo, hoje distrito de São Gabriel. Da esquerda para a direita: Deputado Valdemar Sales, padre Osny e o prefeito Luiz Nandi, convidados especiais. Nos fundos, no banhado, se vê grande lavoura de milho.



O primeiro jardim do município de Treze de Maio, na frente da Igreja do Cubículo, hoje distrito de São Gabriel, inaugurado em 31-12-1964.

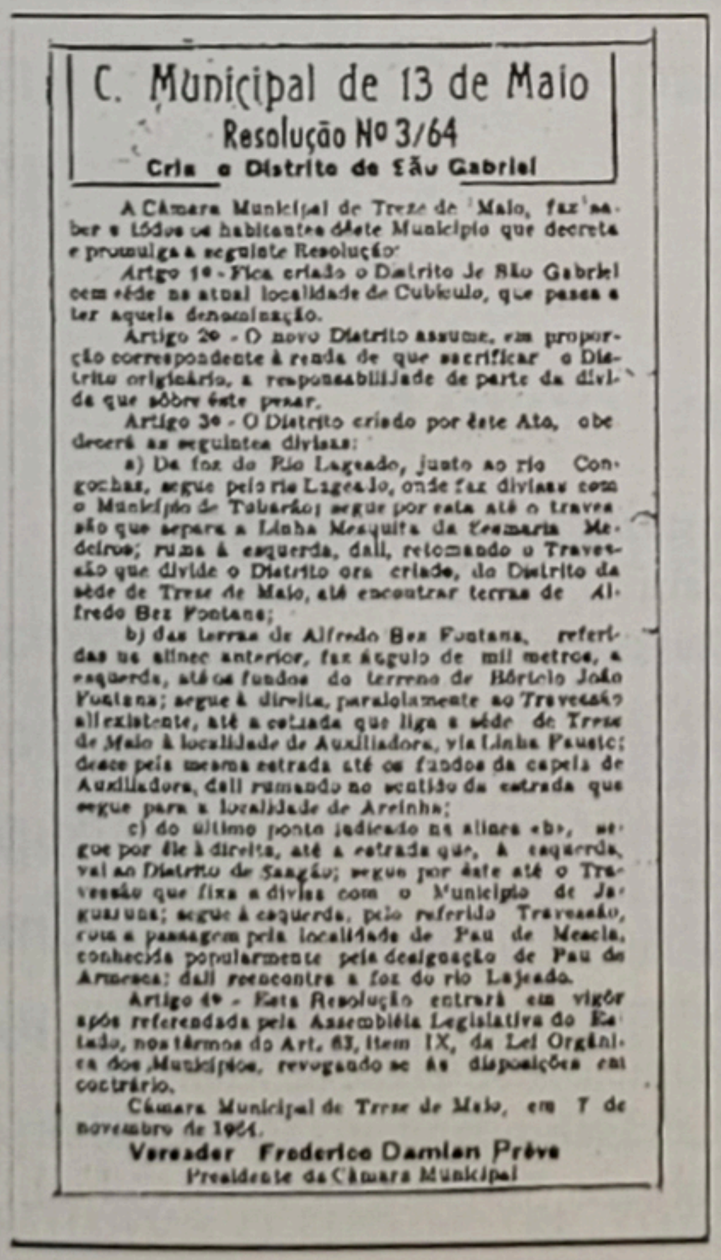
Primeira rede elétrica

No mesmo dia, 31 de dezembro de 1964, após a inauguração do jardim, o deputado Estadual Waldemar Salles convidou o Rv. Padre Osni para ligar a chave da primeira rede elétrica instalada no município de Treze de Maio, obra de autoria do deputado Waldemar Salles, com o governo no Estado. Pela primeira vez, a praça estava toda iluminada à noite.

Queríamos o distrito

Em apenas 48 horas, consegui trezentas assinaturas de leitores, número suficiente para a criação do Distrito. Recolhi, do mesmo modo, os trezentos títulos, para poder reconhecer a firma de todas as assinaturas. Foi um trabalho feito até de madrugada, para encontrar os colonos em casa. Quando as pessoas que eram contra - que sempre tem - acordaram, já era tarde.

Instalação do 1º distrito



C. Municipal de 13 de Maio
Resolução Nº 3/64
Cria o Distrito de São Gabriel

A Câmara Municipal de Treze de Maio, faz saber a todos os habitantes deste Município que decreta e promulga a seguinte Resolução:

Artigo 1º - Fica criado o Distrito de São Gabriel com séde na atual localidade de Cubículo, que passa a ter aquela denominação.

Artigo 2º - O novo Distrito assume, em proporção correspondente à renda de que sacrificar o Distrito originário, a responsabilidade de parte da dívida que sôbre êste pesar.

Artigo 3º - O Distrito criado por êste Ato, obedecerá as seguintes divisas:

a) Da foz do Rio Lageado, junto ao rio Congonhas, segue pelo rio Lageado, onde faz divisas com o Município de Tubarão; segue por este até o travessão que separa a Linha Mesquita da Tesouraria Medeiros; rumo à esquerda, dali, retomando o Travessão que divide o Distrito ora criado, do Distrito da séde de Treze de Maio, até encontrar terras de Alfredo Bez Fontana;

b) das terras de Alfredo Bez Fontana, referidas na alínea anterior, faz ângulo de mil metros, à esquerda, até os fundos do terreno de Hôrício João Fontana; segue à direita, paralelamente ao Travessão existente, até a estrada que liga a séde de Treze de Maio à localidade de Auxiliadora, via Linha Pauelc; desce pela mesma estrada até os fundos da capela de Auxiliadora, dali rumando no sentido da estrada que segue para a localidade de Areinha;

c) do último ponto indicado na alínea «b», segue por êle à direita, até a estrada que, à esquerda, vai ao Distrito de Sangão; segue por êste até o Travessão que fixa a divisa com o Município de Jaguaruna; segue à esquerda, pelo referido Travessão, com a passagem pela localidade de Pau de Mescla, conhecida popularmente pela designação de Pau da Armeca; dali reencontra a foz do rio Lajeado.

Artigo 4º - Esta Resolução entrará em vigôr após referendada pela Assembléia Legislativa do Estado, nos têrmos do Art. 63, item IX, da Lei Orgânica dos Municípios, revogando-se às disposições em contrário.

Câmara Municipal de Treze de Maio, em 7 de novembro de 1964.

Vereador Frederico Damian Prêve
Presidente da Câmara Municipal

Dia 20 de janeiro de 1965, na localidade de Cubículo, município de Treze de Maio, com a presença de Excelentíssimo juiz de Direito Dr. Ivo Sell, do prefeito municipal de Treze de Maio, Sr. Luiz Nandi, demais autoridades e o povo em geral, foi instalado o primeiro Distrito do município de Treze de Maio. Cubículo, a partir desta data, passou a chamar-se Distrito de São Gabriel, de autoria do Deputado Estadual Waldemar Salles.

Exmo. Sr. Presidente da Câmara Municipal de Treze de Maio, e demais membros deste poder legislativo deste Municipio:

Nós, abaixo assinado, todos eleitores residentes em Cubículo e adjacência, solicitamos com o presente, a criação do Distrito de Cubículo deste Municipio, segue as / assinaturas:

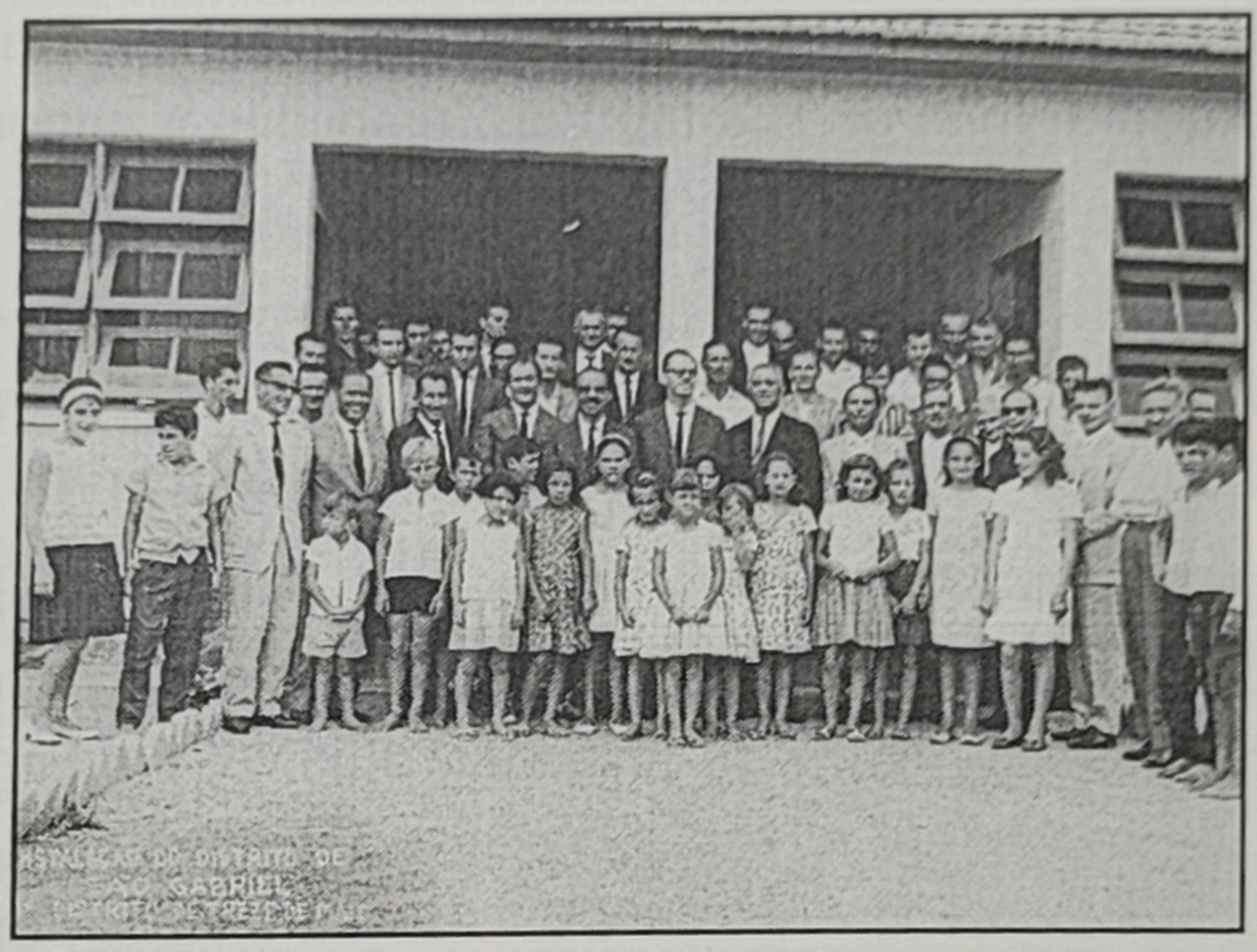
(NOME)	(Nº DO TITULO)
Otavio Baptista da Rosa	7649
Bruno Kaulen	8829
Pedro Fontana	21.958
João Isidro Borges	7.721
Dair José Constante	7836
Flavio Guarezi	7.822
Manoel José Cardoso Martins	10283
Dina Brunato Martins	12.010
Pedro Gabriel Rodrigues	7697
Emilia Jaco Rodrigues	22570
Zaida Jaco Rodrigues	11994
Zilda Jaco Rodrigues	7.720
Lino Malaber	8.008
Santina Fragnani Malaber	357
Tereza Damiani de Pieri	21.768
Jose da Silva Carvalho	10.465
Mauro Brunato	10.457
Domingos Fernandes Figueiredo	8.812
[illegible]	7.726
Edgar Rocha de Medeiros	31776
Cesar Medeiros Medeiros	[illegible]
Helena João Medeiros	2832
Zoé Goncalves Medeiros	8013
Manoel da Silva Carvalho	7.672
Inez Fragnani	16.391
Freza Medeiros Fragnani	

Continua 246 assinaturas

Olivieira da Silva Carvalho	7693
Cesar Pereira da Rosa	21.753
Pedro Roberto Le Borges	21.105
Isabel Oliveira de Moura	13.268
Otávio Fernandes da Rosa	3 574
Antonio Manoel da Silva	1908
Maria de Lurdes Athayde	8 044
Alemanjo Fontana	13669
Hidevino Pereira Carvalho	8 011
Laura Borges Barreto	1663
Francisco João Vieira	17705
Valdimiro Francisco Pereira	8 055
Manoel Luiz Vieira	9743
Laura Julia Rodrigues	3064
Abilio Luiz Vieira	22520
Antonia Vieira Rodrigues	21957
José Gabriel Rodrigues	11775
Pedro Pereira Caldeira	8 811
Pedro Luiz Vieira	12.223
Leocadio Carvalho de Abreu	
João Manoel Caldeira	22 120
Elvira Julia Medeiros	
Maria Dorotea Martins	
José Manoel Caldeira	8 011
Manoel Pedro Medeiros	
Maria Martins da Rosa	10853
Luiza Ana de Medeiros	
Luiz João Vieira	1644
Antonio Jose Vieira	14.210
Pedro Manoel Serafim	19343
Orlando Julio Rodrigues	11279
Bentalvio Julio Caldeira	22310
Osvalina Francisca Rodrigues	



Instalação do distrito de São Gabriel, em 20-01-1965. Da esquerda para a direita: advogado Dr. Francisco Carlos Régis; deputado Valdemar Salles, representante do Governador do Estado; Juiz de Direito/Comarca de Tubarão, Dr. Ivo Sell; escrivão Artur Teixeira Schiefles; prefeito Municipal de Treze de Maio, Sr. Luiz Nandi; prefeito Municipal de Tubarão, Sr. Dilney Chaves Cabral.



Instalação do distrito de São Gabriel, primeiro distrito de Treze de Maio, em 20-01-1965. Da esquerda para a direita, primeira fila de homens: de óculos, Gentil Bez Fontana; Dr. Francisco Carlos Régis; eu; deputado Valdemar Salles; prefeito de Tubarão, Dilney Chaves Cabral; juiz de direito da Comarca de Tubarão, Dr. Ivo Sell; prefeito de Treze de Maio, Luiz Nandi; vereador Manoel Prudêncio Martins; fabriqueiro João Ezídio Borges; de óculos escuros, padre Osny; o juiz de paz Guerino Menegali e o sub-delegado de polícia Domingos Guarezi. Entre o prefeito Dilney e o dr. juiz, atrás, estava Frederico Damian Preve, presidente da Câmara Municipal de Treze de Maio.

Compra de terreno para cemitério

Dia 29 de dezembro de 1956, compramos um terreno com 10.000 metros quadrados, para o futuro cemitério, a duzentos metros da igreja.

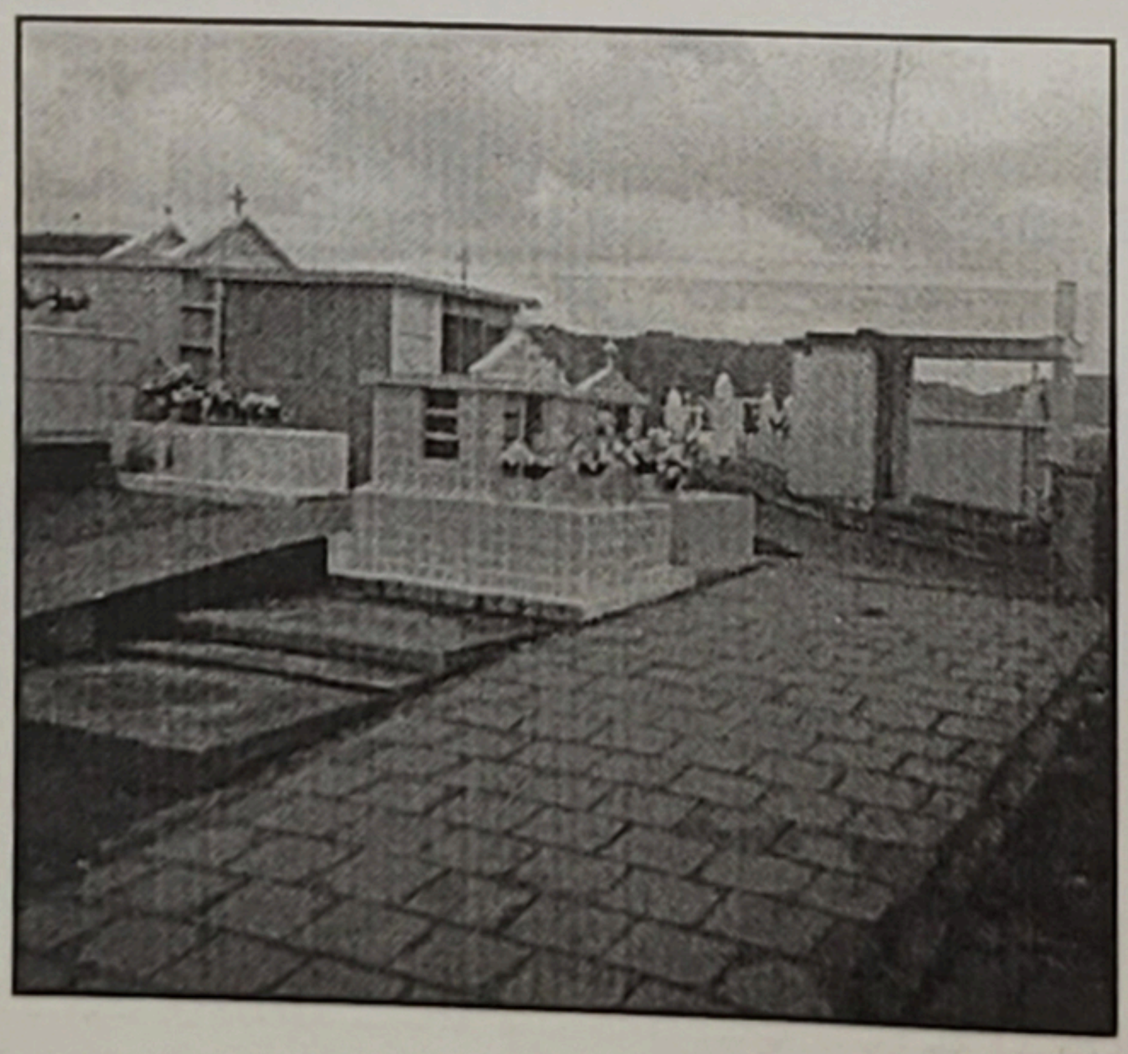
Terço em benefício do cemitério

Para arrecadarmos dinheiro com a finalidade de fazer obras do cemitério, combinamos de rezar o terço todas as noites, sendo cada noite numa casa. Participariam do terço em família todos aqueles que quisessem ser sócios do cemitério. Levávamos a santa, rezávamos o terço e em seguida, aquela família dava algumas prendas, onde se fazia o leilão. Interessante que o leilão sempre dava mais quando a família oferecia alguma bebida, pois o povo se animava e soltava o dinheiro. Iniciamos o terço em 18 de dezembro de 1965 e

terminamos em 7 de maio de 1966. Em cinco meses, percorremos toda a região, num total de 128 famílias, rendendo a importância de Cr$ 2.267.157,00 (dois milhões, duzentos e sessenta e sete mil, cento e cinqüenta e sete cruzeiros).

Obras do cemitério

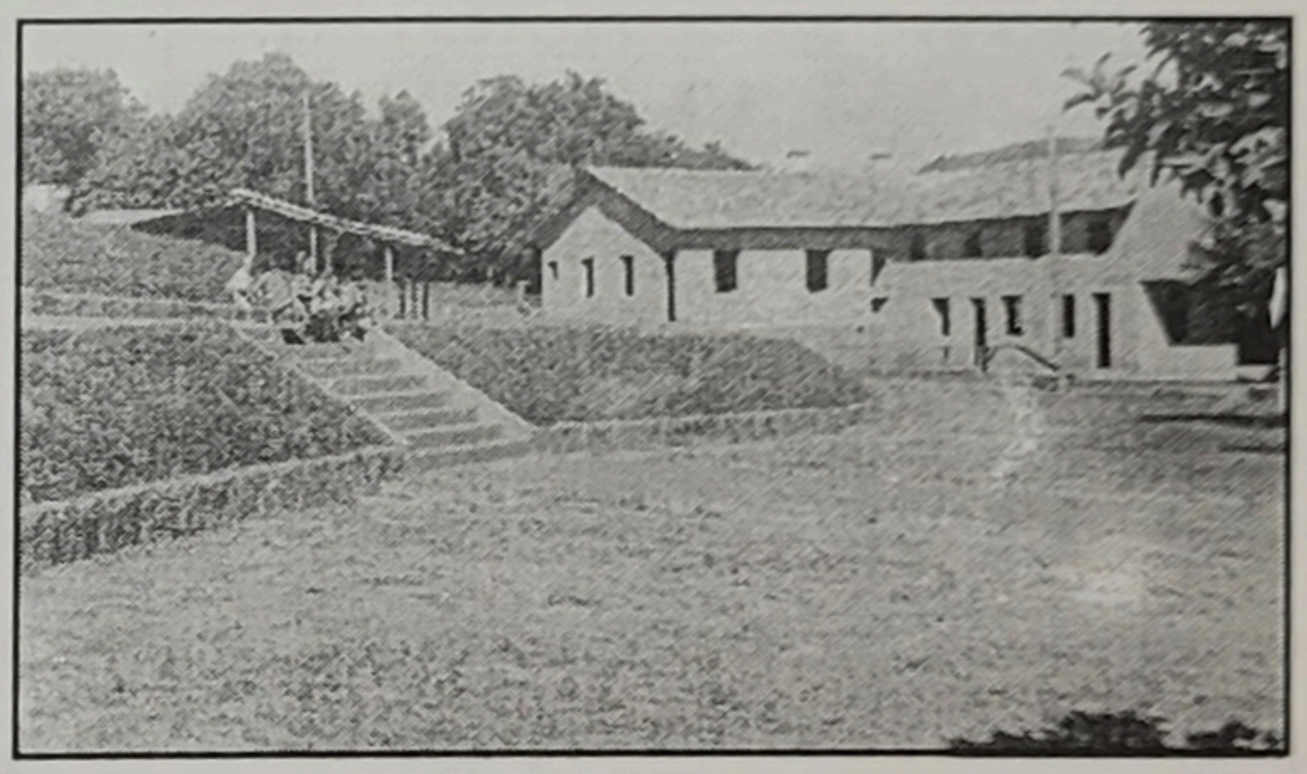
O primeiro passo foi cercar o terreno com moirão de pedra e cinco fios de arame farpado. Mais ou menos no meio do terreno, num espaço de 50 x 50 metros, foi cercado mais uma vez com um muro de tijolo, de 1,50 metros de altura. No centro foi feito uma capelinha aberta, com uma grande cruz de concreto na frente. Ao redor da capela num raio de dez metros, foi calçado com tijolos e rebocado, tipo de uma bacia para acumular água da chuva e conduzi-la para uma caixa de 1 x 3 x 1,5 metros construída pelo lado de baixo. Esta caixa acumulava água suficiente para os pedreiros usarem na construção dos túmulos, uma vez que , na época, não tinha água encanada. O cemitério ficou pronto, mas ninguém queria ser enterrado primeiro. Nós da diretoria fizemos o primeiro túmulo e o demos de graça para aquele que morreu primeiro, após o cemitério pronto, que foi o Sr. Ismael João de Medeiros, em 23 de março de 1966.



Esta foto mostra o cemitério do distrito de São Gabriel. Este cemitério é o primeiro de Treze de Maio com as ruas todas calçadas. Obra paga com o dinheiro arrecadado de 128 sócios da comunidade.
A primeira sepultura do Sr. Ismael João Medeiros, em 23-03-1966. A segunda foi do menino João Zago Vieira, em 03-05-1968

Salão de festa

Naquele tempo, os salões da igreja eram usados somente para as festas de casamento e da igreja, para passar filmes religiosos e nada de baile. Se fizéssemos um baile, seriamos até excomungados. Hoje os salões da igreja servem não só para festa de igreja, casamentos, mas também são apropriados para bailes. Esta mudança foi boa para a juventude, mas não para as famílias. Os salões são de todos os católicos e ninguém é dono. Ao redor dos salões, em dias de baile, só se vê escândalo, é só a gente ficar na rua para ver. Não é como um baile de clube que entra quem é sócio e tem uma diretoria que mantém a ordem.



O primeiro salão de festas construído no município de Treze de Maio foi na Igreja de Cubículo, hoje distrito de São Gabriel. Obra paga com dinheiro arrecadado por 130 famílias da comunidade.

Garagem - 1º automóvel do padre.

Quando o padre da nossa igreja comprou o primeiro carro, ele pediu que fizéssemos uma garagem, pois quando ele vinha para São Gabriel, parava por aqui durante dois dias. Fizemos a garagem de 3,5 x 6,5 metros de tijolos, coberta de telha de barro. Antes o padre vinha para a igreja a cavalo.

Salão para festas

Fizemos dois salões e uma cantina toda de pedra, de 3x6 metros, que ficava no jardim e era coberta com uma laje de concreto de 4x6 metros. Quanto aos salões, um média 8x9 metros e o outro 9x6 metros, parte dele com dois pavimentos. Estes dois salões foram construídos com tijolos maciços, cobertos com telha francesa.

Escola de alfabetização

Encontrei uma ata no livro da nossa igreja, com data de 7 de maio de 1969, em que constava a fundação da escola de alfabetização para adultos. As aulas seriam ministradas numa sala da Escola Reunida " Giácomo Bez Fontana" e o professor seria o jovem Valfrido Dantolini Bez Fontana.

Vinte anos de fabriqueiro

Em primeiro de janeiro de 1973, completei vinte anos de luta pelo amor de nossa igreja, que é a casa de Deus, sem nunca cobrar um centavo de ordenado e ainda ajudando com dinheiro. Então, por minha vontade, resolvi me retirar da diretoria da igreja, achando que os outros também tinham direito de entrar e comandar o trabalho. Da primeira diretoria eu fui o último a sair, pois os outros companheiros já haviam sidos substituídos. A nossa igreja de São Gabriel, passou da paróquia de Jaguaruna para a paróquia de Treze de Maio.

Voltei fabriqueiro novamente

Em 26 de setembro de 1976, na presença do Sr. Vigário, Pe. Daniel Spricigo, depois da missa, foi feita uma eleição secreta. A diretoria atual iria escolher três nomes, sendo que o mais votado pelo povo seria vice-presidente e os outros tomariam lugar na diretoria. Os nomes escolhidos foram os seguintes: Germano Bez Fontana, Armenio Salvador de Medeiros e Nemézio B. Fontana. Os chefes de família votaram, dando o seguinte resultado: Germano Bez Fontana, 74 votos, Amério Salvador de Medeiros, 11 votos e Nemézio Fontana, também 11 votos. A diretoria, portanto, ficou assim constituída:

Presidente: Pe. Vigário Daniel Spricigo;
Vice - presidente: Germano Bez Fontana;
1° Secretário: Idoino de Faveri Burato;

2º Secretário: Armenio Salvador de Medeiros;
1º Tesoureiro: Antônio Júlio Serafim;
2º Tesoureiro: Manoel da Silva Carvalho
Procurador: Nemézio B. Fontana

Comando Trabalhos da igreja

A partir do dia 26 de setembro de 1976, eu e meus companheiros fomos verificar a situação da igreja e constatamos os seguintes problemas: os rebocos da torre e da igreja estavam caindo, o cabo do pára-raios estava partido, o assoalho da sacristia estava despregando, a churrasqueira feita no salão só fazia fumaça e não havia quem agüentasse perto e no cemitério estavam fazendo túmulos fora do alinhamento. Precisávamos, então, arrecadar dinheiro, pois tínhamos muita coisa para fazer.

Cúpula da torre

Dia 9 de dezembro de 1976, começamos a reformar a cúpula da torre . Eu subi para verificar a cruz e achei que estava tudo em ordem. Revestimos a metade da torre e parte da igreja por fora de azulejos, reformamos as basculantes e os vidros, fizemos a pintura por dentro e por fora, arrancamos os pisos das duas sacristias e da capela mor, colocando em seguida o piso de marmorite. Como era de costume, antigamente, os padres rezavam a missa de costas para o povo e para que ele pudesse rezá-la de frente, nós construímos uma mesa de mármore.

Terço em família - Segunda vez

No dia 19 de novembro de 1977, começamos, pela segunda vez, os terços em família, juntamente com os leilões, em benefício do calçamento das ruas do cemitério. Depois de percorremos cento e

trinta famílias, duas a mais que a primeira vez, obtivemos a importância de Cr$ 85.361,00 (oitenta e cinco mil, trezentos e sessenta e um cruzeiros).

Calçamento do cemitério

Calçamos todas as ruas do cemitério com lajotas LOUSA comprada no Rio do Sul, fizemos uma casinha para depósito, a terraplanagem ao redor do cemitério entre as duas cercas para estacionamento, com capacidade para cem carros, a instalação elétrica e a pintura da capelinha. Estas obras nos custaram Cr$ 104.752,00 (cento e quatro mil, setecentos e cinqüenta e dois cruzeiros).

Mais obras no salão

No salão de festas, aumentamos mais uma sala, fizemos uma belíssima churrasqueira, uma instalação sanitária e duas canchas de bocha. Levantamos um muro de pedra e o concreto para abrir a cancha de bocha e compramos todas as telhas. Só não cobrimos a cancha porque não queríamos deixar dívidas na nossa saída.

Minha saída

Em 31 de janeiro de 1983, nos já estávamos cansados e resolvemos nos afastar da diretoria, entregando os trabalhos da igreja para os outros. Eu já com vinte anos de trabalho na primeira vez e com mais sete anos nesta segunda vez, perfazendo um total de vinte e sete, sempre lutando pelo interesse da nossa igreja, já estávamos fatigados. Todas as obras mencionadas foram pagas com o dinheiro do povo de São Gabriel, sem nenhuma ajuda do governo do Estado e nem da prefeitura. Muitas vezes fazíamos dívida e eu ficava responsável porque tinha confiança no povo. Sabia que o povo jamais ia nos deixar em má situação. Logo fazíamos outra festa e com o dinhei-

ro pagávamos as dívidas. Valeu a pena trabalhar para a igreja. Deus me ajudou pois nunca tive problemas com minha mulher e filhos até esta data. Peço a Deus saúde a mim a minha mulher e aos meus filhos até o fim de nossas vidas, extensivo aos colaboradores de São Gabriel e vizinhos.



Uma turma de mulheres do distrito de São Gabriel, município de Treze de Maio, em 1955, quando vinham na minha casa junto com a professora de Economia Doméstica,
para aprenderem a cozinhar.
Também o engenheiro agrônomo reunia os homens na minha casa e os ensinava a fazer curva de nível, adubo caseiro, etc...

1º Salão de Treze de Maio

A paróquia de Treze de Maio não tinha salão. Quando começaram a obra, fizeram um porão com laje, deixando os ferros para cima, para fazerem o salão de 18x40 metros e aí pararam. Os ferros estavam enferrujados e o salão não saía. Palpites existiam, um falava em fazer as tesouras de madeira, outros em fazer de ferro e ficava por aí. Nada de meter a mão na obra. Um dia falei com o vigário Pe. Daniel Spricigo e disse a ele:

- Padre, os ferros estão enferrujados e é uma pena.

Ele me respondeu que faltava dinheiro e eu disse:

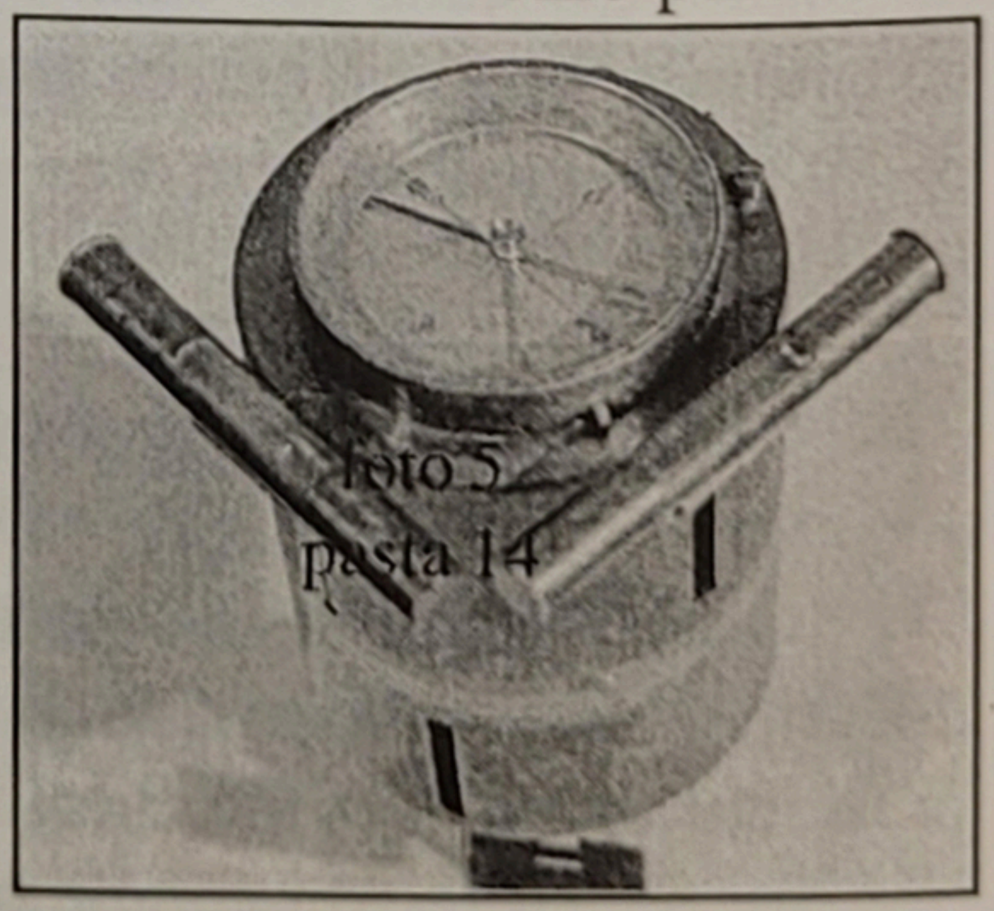
- E se eu emprestar?

O padre falou que era preciso reunir a diretoria e fazer um documento do dinheiro que eu estava emprestando. Falei com o vice-presidente, o Sr.Adelino Pieri, da necessidade de se levantar e cobrir o salão, pois o ferro naquela ocasião estava muito barato e era bom aproveitar o preço e fazer a estrutura metálica. Acertamos e eu disse para o Sr. Adelino que emprestava o dinheiro, mas queria receber da

mão dele, antes que ele entregasse o cargo de vice - presidente para outro. Ele se comprometeu em entregar o dinheiro, antes de sua saída da Diretoria. Este foi o documento que fizemos, só na palavra. Mandei fazer um orçamento da estrutura metálica que importou em Cr$ 326.000,00 (trezentos e vinte e seis mil cruzeiros). Além da estrutura, comprei ainda os ganchos que importou em Cr$ 10.456 (dez mil, quatrocentos e cinqüenta e seis cruzeiros). Arrumei um carpinteiro, que morava em Capivari, para fazer a casaria. Eu ia buscá-lo e levá-lo de volta todos os dias. A igreja entrou com o resto do material. Pronto o salão, fizeram várias festas, onde arrecadaram dinheiro suficiente para me pagar. Recebi o dinheiro das mãos do Sr. Adelino, como havíamos tratado. Pagaram - me um pouco de juros e o meu trabalho e viagens nada cobrei. Hoje o salão esta aí, ao lado da igreja matriz de Treze de Maio.

Cemitério de Treze de Maio

O cemitério de Treze de Maio, construído no fim do século passado, era da Igreja Católica e não sei porque motivo, passou para a prefeitura. Entra prefeito, saí prefeito e não teve ninguém que mandasse fazer um levantamento das ruas do cemitério velho para fazer uma planta. Tem túmulo sem rua, túmulo dentro da rua, ruas cheias de degraus que dificultam a entrada do carrinho de mão para fazer a limpeza, e levar material para fazer novos túmulos. É uma casa sem dono, todo mundo faz o que quer e ninguém diz nada.



Este pantômetro tem me ajudado muito a medir terrar, fazer esquadro de casas e indústrias.

Eu, que fiz a planta do cemitério de São Gabriel, trabalhei voluntariamente em 1994 no cemitério de Treze de Maio, por cerca de 20 dias

com meu aparelho pantômetro, fazendo um levantamento das ruas do cemitério velho, e de uma parte recém aberta.

Fui ao vice-prefeito Vilson Simon Nandi pedir para calçar, com lajotas pré-moldadas, pelo menos 20 metros de rua, com três metros de largura. Ele me garantiu que para o dia dos finados de 1994, faria o calçamento e não fez. Prometeu para 1995, começou o serviço, mas também não o concluiu. Agora, em 1996, também ficou na promessa.

Em 1994, também falei com o prefeito Vilson Nandi e pedi para ele mandar calçar, com lajota Lousa, as onze ruas principais do cemitério: nove da parte da velha e duas na parte nova, abertas pelo prefeito João Bressan Bardini. Ele me prometeu pedindo que eu fizesse um orçamento. Eu e meu genro Fanor Réchia, fomos em Trombudo Central e fizemos uma coleta de preços em diversas firmas da referida lajota Lousa, fabricada neste município.

Fiz o orçamento, levei para o Prefeito Vilson Nandi e ele me disse que ia mandar calçar as referidas ruas. Mas me consta que ele se desentendeu com o Vice e ficou também na promessa. O povo continua a fazer túmulos fora do alinhamento. É uma pena, porque agora é hora de fazer as reformas e colocar as ruas nos seus lugares.

A única coisa que a Prefeitura fez, nestes últimos quatro anos, foi manter sempre o cemitério limpo.



A última construção que eu fiz, foi este túmulo para a família, no cemitério municipal de Treze de Maio. Ele é todo de concreto, com 12 caixas, sendo 8 em cima e 4 embaixo.

Resta agora a esperança no prefeito eleito em 3 de outubro de 1996, Itamar Bressan Bonelli e o Vice - prefeito, Ademir Alberton Montegutti, que venceram a eleição com 1.139 votos de vantagem e tomarão posse em 1° de janeiro de 1997.

Capítulo 32

Doenças em 80 anos

Antes da enchente de 1920, eu tinha quatro anos e lembro que num domingo, de repente, fiquei doente. Meu pai estava indo para o Núcleo Treze de Maio (Quadro), quando minha mãe chamou e pediu a ele que fosse em Treze de Maio comprar um vidro de óleo de rícino e voltasse depressa. Meu pai logo estava de volta e me fizeram engolir aquele purgante de óleo, que fez uma limpeza na minha barriga. Logo melhorei e acho que estava empanturrado.

Urussanga

Quando estava em casa de meu avô, em Urussanga, eu ia para a escola e de vez em quando me dava dor de garganta. Minha avó ficava muito preocupada, pois muitas vezes eu nem podia engolir a comida.

Em casa

Em casa, geralmente sempre a tarde , uma vez ou outra, me dava enjôo e dor de cabeça e eu não sabia porque. Mas lembro que nós tínhamos de tudo em casa para comer, como: banana, laranja de

diversas qualidades, uva, ameixa, pêssego, figo, ananá, pêra, amendoim e fora as frutas nativas como goiaba, araçá, bacupari, amora, maracujá, tucum, coco e tantas outras. Talvez a mistura que fazíamos ou mesmo o fato de comer de mais é que fazia com que eu ficasse enjoado, ou com dor de cabeça.

Estômago cheio

Quando eu trabalhava, tinha horário certo para as refeições. Os meus enjôos ou dores de cabeça provinham geralmente do que eu comia fora de hora. Os meus bolsos viviam cheios de amendoim e quando não estava comendo amendoim, estava chupando laranja, ou passava perto de um cacho de bananas maduro enchia a barriga, ou mesmo qualquer outra fruta. O remédio portanto era um purgante de sal amargo ou um chá de rosa branca.

Mel

Um dia depois do almoço, eu, o Eugênio e o Pedro B. Fontana, fomos tirar uma colmeia de abelhas Mandaçaia, que estava num pau oco de peroba. O mel estava azedo, mas mesmo assim comemos bastante. Em seguida fomos trabalhar em lugares diferentes. Quando foi lá pela meia tarde, nos encontramos, os três, na cozinha da minha casa, com forte dor de cabeça e enjôo, a procura de sal amargo, que era o nosso remédio na época. Foi o que nos salvou do mal - estar, causado pelo mel azedo.

Gasosa

Em Urussanga, em casa do Sr. Sílvio Trento, tinha uma fábrica de gasosa. Meu avô alugou uma sala e convidou os familiares e amigos para uma mesada de bebidas , como: vinho, cerveja e gasosa. Eu que parava em casa do meu avô, em Urussanga, também estava lá na festa e como gostava muito de gasosa, tomei demais. A certa altura me senti

mal, suava e não podia vomitar. Depois daquele dia, ṇunca mais pude tomar gasosa e se alguém abrisse uma garrafa perto de mim, só com o cheiro eu enjoava.

Laranja

Nós tínhamos muitas laranjeiras de diversas qualidades. Mas o meu tio José tinha uma laranjeira que carregava muito e as laranjas eram muito doces. Por isso, nos domingos, nós apanhávamos um cesto de laranjas e nos sentávamos embaixo da laranjeira , chupando as vezes até vinte laranjas cada um. Era loucura demais.

Banana

Lembro-me que em alguns domingos eu ia na sede (Quadro). Lá nos juntávamos, uns cinco jovens no porão do comerciante, Sr. Luiz Magagnin, comprávamos um cacho de bananas grandes e bem maduras. Depois sentávamos embaixo de uma árvore e comíamos todas as bananas, até entupir o estômago.

Ataque

Lembro-me que entre os dezesseis e os dezoito anos tive um ataque de nervos, quando trabalhava na serraria. Começou a puxar os nervos, até que caí no chão. Poucos meses depois, outro ataque , também na serraria. Por causa destes ataques, deixei de trepar nos coqueiros, que era o meu divertimento. Os ataques ficaram resumidos nestes dois, pois até hoje nunca mais deram, graças a Deus.

No exército

Quando fui para o exército só comia nas horas certas. Fora de hora nada. Por isso acabaram-se as dores de cabeça, estômago e enjôos.

Ficar com fome

Quando a gente senta na mesa para fazer uma refeição, deve sair ainda com fome, pois se a gente come demais, fica com dor de cabeça. Depois de duas horas e meia, a gente pode dar uma beliscada. Não encher o estômago em demasia, este é o santo remédio, pelo menos para mim, pois nem todos são iguais.

Dor de garganta

Um dia, no exército, me inflamou a garganta e eu não podia nem engolir a comida. Fui no médico, que era um capitão do exército, me examinou e queria me operar. Ele disse que eu deveria aproveitar, pois a operação não custava nada. Eu pensei: ele vai tirar alguma coisa da minha garganta e não colocar nada no lugar. Aí não concordei que ele me operasse. Em seguida, tomei o remédio que ele receitou e eu melhorei. Até hoje não foi preciso operar.

Garganta inflamada em Curitiba

Um dia, em Curitiba, já pronto para viajar de volta, de ônibus, a garganta inflamou novamente e eu fiquei sem voz. Entrei em uma farmácia e pedi um remédio para garganta. O farmacêutico vendeu-me umas pastilhas quadradas, LABOFARMA ANGINOCILINA, que eu deveria tomar de duas em duas horas. Coloquei uma na boca quando descíamos a serra de Curitiba, e outra quando chegamos em Joinville. Logo já estava bom, conseguindo falar direito e cessando a dor. Daquela data em diante, passei a carregar aquela pastilha na minha pasta de viagem.

Dor de cabeça nas viagens

Quando eu viajava de aranha, no tempo da Segunda Guerra Mundial, sempre a noitinha, na volta me dava dor de cabeça. Tomava

sonrisal, ou melhoral, mas para mim esses remédios eram um veneno e eu piorava mais ainda. Um dia, lendo um almanaque, descobri o meu remédio. Era a pílula de vida do Dr. Ross. Carregava um vidro na minha pasta de viagem e na volta, quando me dava dor de cabeça, pois regularmente acontecia ao anoitecer, eu tomava uma pílula da vida. Demorava umas duas horas para aliviar a dor de estômago, mas a dor de cabeça desaparecia. O melhor mesmo é tomar uma pílula ao deitar, pois a gente dorme sono tranqüilo.

Município de Limeira - SP

Um dia fui para São Paulo e de lá segui para Limeira, chegando ao anoitecer. Jantei e fui deitar. Dormi bem. De manhã, ao acordar, senti uma forte dor nas costas, que me impedia de levantar. Doía até para respirar. Mas, aos poucos fui tentando levantar até que consegui chegar na cozinha e tomar um pouco de café. Depois, fui na indústria de máquinas D'Andrea, que ficava bem na frente do hotel. Até às 11horas fiquei trocando idéias referentes as indústrias de mandioca, junto com o dono fundador da fábrica e agüentando aquela dor. Em seguida, ele convidou para ver a fábrica dele e eu o acompanhei. De repente a dor sumiu. Se eu tivesse ido ao médico, eu iria dizer que ele tinha dado o remédio certo.

Tormenta - pedra em Ituporanga

Lembro que um dia fui para o Rio do Sul e depois, de lá, segui viagem de ônibus para Ituporanga. Eu ia encomendar uma caldeira a vapor, feita por um alemão. Antes de chegar em Ituporanga, porém, deu um temporal violento com chuvas e pedras. Nós tivemos que nos conservar dentro do ônibus com as janelas fechadas, e por isso, quando chegamos em Ituporanga e eu saí, todo suado, apanhando aquele frio fora do ônibus, sofri um desarranjo que quase me acabou. Dirigi-me para a casa do alemão, onde sua mulher me fez um chá e eu melhorei

um pouco. Daquele dia em diante, por uns dez anos, não pude mais tomar bebida gelada e se eu tomasse, me subia uma friagem na cabeça e me dava um desarranjo.

Dor de estômago repentina

Um dia, eu estava trabalhando normalmente, quando precisei de uma travadeira e fui em casa buscá-la. Sentei-me num banco e com a travadeira comecei a travar o serrote, quando de repente, me deu uma dor de estômago, que não podia agüentar. Fui para a cama, rolando para lá e para cá. Agüentei a dor por uma hora . Minha mulher mandou um operário chamar meu irmão Gentil, para me levar ao médico. Quando ele chegou eu embarquei no caminhão e fui. O médico examinou e me receitou remédios e repousos por uma semana. Quando saímos do consultório do médico, eu já estava melhorando. Meu irmão queria me levar na farmácia comprar os remédios e eu não quis. Eu sou muito ruim para tomar remédios, pois acho que, com paciência, na maioria das vezes a gente melhora, sem ir ao médico. Remédio a gente deve tomar só quando é preciso. Eu não fui na farmácia e na volta, já na metade da estrada, como já me encontrava bem, resolvemos ir para a praia de Jaguaruna, resolver um negócio referente a um terreno. No momento nem lembramos que a família, em casa, poderia ficar preocupada, achando que eu poderia ter piorado.

Audiência no Rio de Janeiro

Por intermédio da Associação das Industrias de Raspa de Mandioca de São Paulo, foi marcada uma audiência com o ministro da agricultura Dr. José Ermínio de Morais, como representação de todos os Estados. Eu, como era presidente da Assiraspa, fui representar Santa Catarina. Ao chegar no Rio, encontrei meu amigo, Sr. Reinaldo R. Klein, do R. Grande do Sul, que hospedou-se no mesmo hotel que eu. Em um bate papo eu lhe falei, que quando viajava e tomava uma bebida gelada, me dava um desarranjo. Ele me

disse, que este fato era comum, tanto que ele carregava na sua pasta, comprimidos para evitar aquele mal. Deu-me um comprimido e eu logo comprei muitos deles para mim. Era um comprimido redondo e de cor verde, muito eficaz. Bastava tomar um quando a barriga começava a roncar, que logo estava bom. Hoje já não se fabrica mais, foi substituído por VIOFORMIO. Graças a Deus não precisei mais tomá-los.

Tosse seca

Durante um bom tempo, quando chegava de noitinha, me dava uma tosse que não me deixava conversar, pois me interrompia. Um dia fui para Florianópolis e vi uma placa, em que estava escrito o nome do Dr. Isaac Lobato Filho. Eu sabia que ele era especialista em pulmão e entrei na sala da secretária. Ela falou que se eu quisesse consultar, o atendimento seria das 16 horas em diante, mas se fosse problema de radiografia, poderia bater ali na hora e a tarde já estaria pronta. Bati a radiografia e de tarde fui ao consultório. O médico me assustou dizendo que teria que permanecer ali por uma semana. Ele mandou que eu fizesse exame de sangue e urina e que levasse o resultado no dia seguinte. Fiz os exames e no outro dia levei para o médico. Ele olhou e em seguida me receitou dois vidros de comprimidos, que davam para trinta dias e pediu que eu voltasse lá após o término. Chegando em casa tomei os comprimidos e melhorei. O nome do comprimido era TERRAMICINA SF. Só voltei ao consultório do Dr. Isaac, vinte anos depois, em 1980 e depois, em 1988. Nestas duas últimas consultas, ele não me receitou remédio porque não precisava. Só me disse que continuasse assim, que daria para chegar no ano 2000.

Primeiro acidente pessoal

Quando tinha doze anos, sempre que a gente ia no mato derrubar madeira, íamos sempre em dois, porque em caso de acidente, um

poderia socorrer o outro. Um dia, eu tinha que ir para o mato cortar ripa para fazer um andaime, que seria utilizado na reforma da casa da serraria. Eu ia sozinho, mas minha mãe não deixou . Como não tinha outra pessoa para me acompanhar, ela mesma foi junto comigo. No mato, fui cortar a primeira ripa. Cortei de um lado e virei o machado para cortar o outro lado, mas quando dei a machadada na ripa, que era velha e dura, o machado não entrou, escorregando e indo para o meu pé esquerdo, cortando um nervo do dedo. Começou a correr sangue, e minha mãe tirou o lenço da cabeça, amarrando no meu pé. Com a ajuda da minha mãe, fui me arrastando até em casa. Levei quase três meses para ficar bom. Médico naquele tempo, nem falar. A gente lavava o pé com água e creolina e pronto.

Segundo acidente pessoal

Quando eu tinha sessenta anos, subi num telhado de brasilit da minha fecularia, para mostrar como deveria trocar umas telhas que estavam furadas. Atrás de mim vinha o meu filho Germano e o carpinteiro Donato e eu recomendei a eles que pisassem em cima da longarina, porque não tinha confiança nas telhas. Eu estava com o pé em cima da cumeeira, onde diversas telhas não estavam parafusadas, pois foram colocadas provisoriamente. Eu levantei o pé esquerdo da cumeeira e ela levantou, sendo que o pé direito estava do outro lado escorregou em cima da telha e como ela estava fora da longarina, não resistiu e eu caí de uma altura de 7 metros, em pé. Onde eu caí, tinha um valo com terra molhada, cheio de pedras arrebentadas com dinamite. Resultado: quebrei o calcâneo do pé direito em dois lugares, trincou o osso da coluna e o osso do pé esquerdo. Fiquei cinco dias no hospital e oitenta e cinco dias em casa, sem botar o pé no chão. Depois andei um tempo de muletas e hoje, graças a Deus, estou andando bem.

Médico - fato marcante

Há muitos anos, um amigo, Sr. Pofírio Bristot, comprou um automóvel DKV e veio para Treze de Maio com mulher e filhos. Na volta, próximo a minha residência, o carro enguiçou. O Sr. Pofírio foi até a minha casa pedir que eu fosse lá e ver se eu conseguia arrumar o seu carro. Chegando no lugar onde o carro estava, eu mandei que ele pisasse no arranco e vi que o cabo da bateria estava gasto e não tinha mais parafuso para o aperto no polo da bateria. Eu pedi a ele que esperasse um pouco, que eu ia em casa buscar as ferramentas. Peguei um martelo e um prego e voltei para o lugar do carro. Quando eu cheguei, os meninos, filhos do Sr. Porfírio, riram e disseram:

- O homem vai arrumar o carro com um prego.

Enfiei o prego entre o cabo e o polo da bateria e mandei em seguida pisar no arranco. O motor virou e a meninada deu uma gargalhada, porque eu tinha arrumado o carro com um prego. No dia que fui para o hospital, após o acidente descrito anteriormente, quem me atendeu foi o médico, Dr. Nilton Bristot, por coincidência, o filho do Sr. Porfírio. Na hora em que o enfermeiro estava engessando a minha perna esquerda juntamente com o médico, eu, que não o conhecia, contei a história do carro enguiçado do Sr. Porfírio. Aí o médico logo disse:

- Você é o homem do prego.

O Dr. Nilton, agora meu médico, era um dos filhos do Sr. Porfírio, que estava no carro enguiçado e que achou graça do fato de eu ter arrumado com um prego. O tempo passa e as coisas mudam.

1º Acidente de carro

Durante cinqüenta e dois anos que dirigi nas estradas, só tive dois acidentes. O primeiro foi por volta de 1939. Eu dirigia um Chevrolet Ramona, modelo 1929 e a batida foi com outro carro da mesma marca e mesmo modelo. Eu ia descendo e o outro carro também. Como os carros que dirigíamos tinham freios de varão, que

não eram bons, não tivemos meio de parar os dois carros, mesmo freando. Fizemos defesa, mas a estrada era estreita e não deu para desviar e o jeito foi bater, sem nenhum dos dois ter culpa. O meu carro sofreu menos prejuízo que o dele. Fizemos um contrato por escrito, arrumar os dois na mesma oficina em Tubarão e pagar a despesa a meia. Eu vim para a casa e ele foi direto para a oficina combinada. O dono da oficina não aceitou o contrato, só se pagássemos a vista. No outro dia, eu fui a Tubarão e o dono da oficina disse que não tinha aceitado . O homem foi embora e nunca mais voltou. Eu, então, arrumei o meu carro em casa e ficou por isso até hoje.

Água - não tomo

A água não me faz bem, passo seis meses ou até um ano sem tomar água. Uma vez ou outra, em casa, tomo meio copo para remédio e não por sede. O líquido que tomo é café com leite. Também não suo. As vezes trabalho junto com os operários e eles tiram a camisa encharcada de suor e eu nem chego a molhar a camisa, mesmo nos dias mais quentes.

Banquete ou indústria

Nunca gostei de banquete ou mesada, vou pela companhia. E se mandassem escolher entre um banquete importante e uma visita a uma feira de máquinas, realizados no mesmo horário, eu escolheria a feira de máquinas.

Comer devagar ou depressa

Eu nunca gostei de comer devagar, quanto mais depressa, melhor para mim. Hoje, quando sento na mesa, se posso comer dois pratos de comida, prefiro um só. Deixo a carne pela verdura. Prefiro comer pouco no almoço e dar uma beliscada lá pelas 2:30 horas da tarde. Se

um dia, para fazer companhia a outro, eu comer mais que isso o azar é meu.

Fato interessante

Quando eu era novo, tomava um copo de vinho e me esquentava a cabeça. Agora com setenta e cinco anos, quando tomo um copo de vinho, sinto um calor nas pernas. Inverteu.

Bebida

Nunca gostei de beber fora de hora, a não ser em alguma farra. Prefiro um copo de vinho, cerveja, ou mesmo guaraná na hora da comida. Nunca freqüentei bar, só entro nos mesmos se for preciso comprar alguma coisa. Prefiro ter bebidas em casa e tomar tudo junto com a família, parentes e amigos.

Fumar

Eu sempre gostei de viajar de avião e de ônibus, mas nunca fumei. Eu viajava muito, de Tubarão para São Paulo, de ônibus. No inverno, devido ao frio, o pessoal fechava as janelas dos ônibus e continuava a fumar. Vocês imaginem trinta pessoas fumando num ambiente fechado. A fumaça do cigarro irrita a gente. Pior ainda para aquelas que não fumam e tem que agüentar os fumantes do seu lado, pois a fumaça irrita os olhos e muitas vezes faz a gente chorar. Na frente do ônibus tem uma tabuleta que diz: "É proibido fumar". Mas parece que o povo é todo analfabeto e não cumpre o regulamento da empresa. Lembro-me de um caso semelhante. O dono de um bar plantou uma figueira na frente do estabelecimento e colocou uma tabuleta com os seguintes dizeres: "É proibido amarrar cavalos na figueira". Um dia chegou um homem e amarrou seu cavalo na figueira. O cavalo olhou para cima, viu a tabuleta e começou a coçar a cabeça

nela, até que caiu. Já que o dono do cavalo não cumpriu a ordem do dono do bar, foi melhor derrubar a tabuleta.

Óculos, nariz, ouvido e sono

Até a idade de setenta anos, revalidei a carteira de motorista sempre sem óculos. Ainda hoje, só preciso dos óculos para ler e escrever. Quanto ao nariz, ninguém me passa para trás. Se uma pessoa fumar a quinhentos metros, eu sinto o cheiro. O ouvido já me traz problemas há muitos anos. Se eu estiver na rua falando com uma pessoa, escuto-a bem. Mas se for dentro de uma sala, escuto pouco. Quando o padre fala na igreja, não escuto nada e até dá sono. Se o programa na televisão não é bom, eu durmo na cadeira e o mesmo acontece quando eu leio um jornal. Se a notícia é de pouca importância, caí o jornal da minha mão e eu durmo. Cheguei a falar com o médico por causa desse sono todo e ele me disse que o pior é não dormir. A minha pressão está sempre boa e repito, o médico me disse que se continuar assim, dá para chegar no ano 2000. Portanto, o meu problema é o ouvido e estou lutando para não perder mais audição do que já perdi e não ficar surdo de vez.

Gastrite no estômago

Em 1992 comecei a ter no estômago um ardume. Às vezes dava de manhã, depois do café e outras vezes dava de tarde ou de madrugada. Eu agüentava no começo, pois passava dois ou três dias contínuo, depois passava duas semanas e não dava mais, de repente voltava novamente, só que por fim dava todos os dias.

Aí eu fui ao médico, ele me mandou fazer uma endoscopia e não acusou nada de grave. Voltei ao médico com o exame e ele me disse que não passava de uma inflamação. Eu concordei, ele me deu remédio e a dor continuou.

Em 1993 fui em outro médico, fazendo outra endoscopia, que

não acusou nada de grave e ele me deu o remédio, mas aquele incômodo continuou e nada de melhora.

Lembrei então que minha irmã Noêmia sofria do mesmo mal e foi no médico várias vezes e ficou curada. Comprei o mesmo remédio que ela comprou e não me fez nada.

Em 1994 fui em Criciúma e consultei com outro médico. Fiz a endoscopia pelo computador onde a gente enxerga tudo o que tem no estômago. O médico me disse que eu tinha gastrite, me deu remédio e nada de comida de fritura, que botasse a frigideira fora. Foi o que me aliviou um pouco mas ainda não fiquei bom.

Um dia o meu filho Valfrido, que acompanhava a minha doença pois ele sofre de uma úlcera, me disse:

- Pai, o nosso estômago é igual a um terreno, quando o terreno é ácido não produz mais nada, se botar calcário e adubo ele produz cinco vezes mais.

Quando o nosso estômago é ácido precisa botar alguma coisa para corrigir a acidez. Ele me deu um vidro com um pó branco que até parece ser calcário, para tomar com um pouco de água três vezes ao dia, depois das refeições e melhorei bastante.

Eu pedi para o meu filho dizer-me aonde tinha comprado aquele pó e ele me falou que tinha comprado na farmácia Santa Terezinha, pois lá está um dos nossos médicos. Fui lá e pedi um pouco daquele pó branco e ele me vendeu um saquinho. Tomei a metade e fiquei bom.

Tireóide

Há tempos eu estava notando um aumento da glândula tireóide. Fui consultar um médico e ele me mandou para Florianópolis, para fazer um exame num aparelho que aqui em Tubarão não tinha. Eu fiz o exame no hospital São Sebastião e também fui ao laboratório tirar sangue que foi mandado para São Paulo. Quando retornou o resultado,

voltei ao médico e ele me deu um remédio para tomar, para depois voltar.

Como não estava doendo, terminei o remédio e não voltei mais no médico, passando mais de um ano. Eu notava e qualquer um podia notar que aquele ovo cada vez aumentava mais.

Em 1991 retornei ao médico e ele me disse que esperei demais, pois era para eu ter ido logo depois de terminar o remédio. Tive que fazer tudo como da primeira vez, só que o exame foi no hospital Celso Ramos, em Florianópolis. O médico disse que eu precisava operar a tireóide. Devido a minha idade, 76 anos, consultei mais dois médicos e todos me aconselharam a operar.

Eu com meu filho Valfrido, que acompanhava meus exames já tínhamos até o nome do médico que ia fazer a operação, só faltava marcar o dia.

Na mesma semana, vi uma revista que trazia dezenas de remédios diferentes com vitaminas que dizia que curava úlcera, tireóide, câncer e dezenas de doenças. Eu comprei um vidro de vitamina e comecei a tomar, duas cápsula por dia durante um mês, com fé de melhorar e notei que a tireóide ia diminuindo. Continuei a tomar a vitamina e a tireóide desapareceu por completo. Eu não sei se foi a vitamina ou se era hora de sarar, só sei que desapareceu.

Com esta me escapei de três operações, graças a Deus, porque Deus sempre me ajuda na hora de escapar de uma operação.

2º Acidente de carro

Sofri um segundo acidente de automóvel no dia 3 de março de 1994, quando voltava de Tubarão, às 10 horas e trinta minutos, dirigindo um fusca. Fui atravessar a BR-101 no trevo sul de Tubarão. Quando cheguei no trevo, esperei passarem dois automóveis que se dirigiam do norte para o sul. Após os carros passarem, olhei para a pista e não vinha ninguém, então atravessei e um automóvel do Rio Grande do Sul, em alta velocidade me alcançou batendo na traseira

do meu fusca. O choque foi tão violento que eu estava sozinho no carro com o cinto e saí pela porta do caroneiro, caindo no asfalto. Fiquei como morto, foi o que disse aquele que me socorreu e me levou para o hospital de Tubarão.

Eu não vi o carro, não vi a batida, não vi nada e só me acordei duas horas e meia depois na UTI do hospital de Tubarão. Estava em cima de uma cama com rodas e ao meu lado esquerdo estava meu filho Valfrido. Eu me acordei, olhei, me vi num lugar estranho e disse para o meu filho Valfrido:

- O que me aconteceu?

E meu filho respondeu:

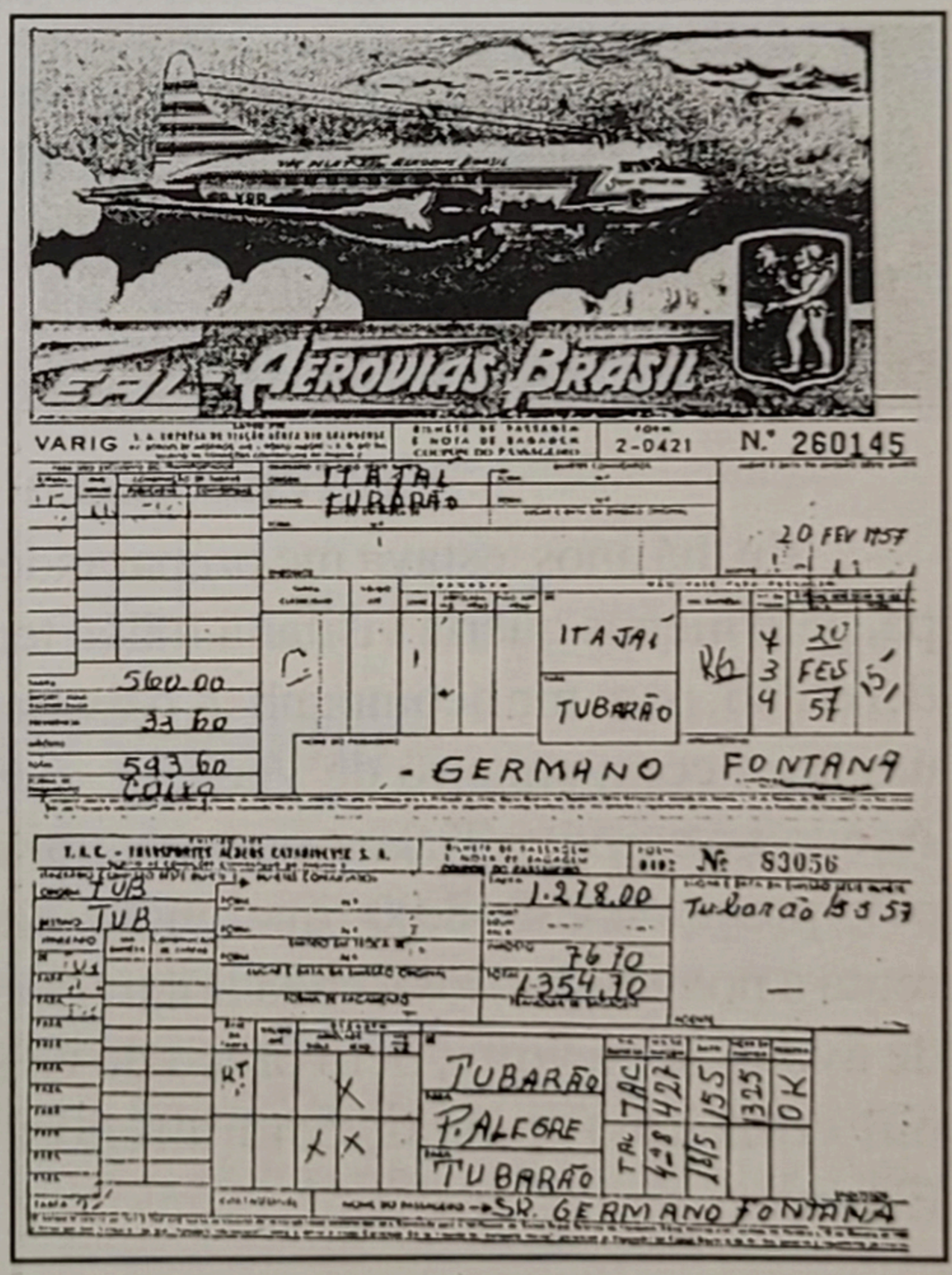
- O pai teve um acidente.

Fiquei um dia no hospital, depois vim fazer tratamento em casa. Fiquei com a clavícula no lado direito quebrada e uma dor horrível na mão direita durante três meses, sem poder fazer nada. Agora, depois de um ano, estou bem melhor e já posso escrever com a mão direita.

Capítulo 33

Passeio na Europa

Em março de 1980, convidei minha mulher, para fazermos um passeio na Europa. Como ela não gosta de viajar de avião não quis me acompanhar. Eu só consegui que ela viajasse de avião uma vez, numa viagem que fizemos de Curitiba à Maringá, no dia 27 de novembro de 1959. De avião levamos 1:30 hora de viagem, enquanto que na volta, de ônibus, gastamos 17 horas, isto porque, naquele tempo, as estradas eram barrentas, poeirentas e esburacadas.





Minha filha Neiva, sentada em cima de uma forcada de uma rama de mandioca, em Ivatuba, Paraná. Novembro/de 1959.



Chácaras de café do meu cunhado Humberto Guarezi, Ivatuba, Paraná,em 1959.

Convite para Europa

Eu, há anos, estava me preparando para fazer uma viagem à Europa, pelo menos queria visitar a Itália, terra natal dos meus avós. Convidei então, para me acompanhar, o ex-prefeito, Sr. Nilson Simon Nandi, um bom companheiro de viagens, que enrolava uns quatro idiomas. Aceitou o convite. Tiramos o passaporte e compramos oito mil dólares pelo preço de Cr$48,00 (quarenta e oito cruzeiros) e Cr$49,00 (quarenta e nove cruzeiros), cada dólar. Após, compramos duas passagens de avião, ida e volta, pelo preço de Cr$140.000,00 (cento e quarenta mil cruzeiros) as duas, com direito a percorrer todos os países da Europa.

Início da viagem para Europa

Saímos de Florianópolis de avião, às 15 horas, chegando em São Paulo às 16 horas. Saímos de São Paulo às 20:30 horas e chegamos no Rio às 21 horas. Do Rio, no dia 11 de abril de 1980, sexta-feira para sábado, à zero hora, o avião partiu para Lisboa-Portugal. Depois de um bom sono, às 7:10 horas, avistamos a primeira ilha e às 7:15 horas já víamos a terra da Africa. As 9 horas chegávamos em Lisboa. Como há uma diferença de quatro horas entre Brasil e Portugal, lá já eram 13 horas. Tivemos que acertar, ou melhor, adiantar o horário do nosso relógio. Como o meu relógio tinha um horário automático, deixei-o no horário do Brasil e os ponteiros adiantei em 4 horas, para acompanhar o horário de Portugal. Em seguida, percorremos a cidade de Lisboa durante três horas e constatamos que ela é muito bonita. Dali queríamos ir para Madri - Espanha, mas não conseguimos lugar, pois o avião estava lotado e só arranjamos lugar para Alemanha.



Esta foto foi tirada por mim, em Portugal.

Lisboa e Frankfurt

Dia 12 de abril de 1980, sábado, às 16:30 horas, partimos para Frankfurt-Alemanha. Durante a viagem, eu e uma freira, que viajava ao meu lado, tentamos bater um papo, mas não nos entendíamos, pois nem sei que idioma ela falava. Trocamos moedas de nossos países, mas eu não tive sorte, pois perdi a minha na Itália. Enquanto isso, o meu colega Nilson, que viajava em outro banco já tinha começado a enrolar o alemão com seu companheiro de viagem, quando interrompeu a conversa,

para avisar-me que estávamos passando por cima de Paris, capital da França. Paris é uma grande cidade, com ruas bem traçadas. Às 19 horas, chegávamos, enfim, a Frankfurt. Eu e o Nilson fizemos um acordo. Na Alemanha eu carregava e cuidava das malas, enquanto ele comprava as passagens, arrumava hotel, etc. Em troca, quando chegássemos na Itália, a situação invertia. Ele carregaria as malas e eu falaria com a italianada. Eu não tenho dificuldades com o dialeto do norte da Itália. Concordamos e eu sentei num banco, no aeroporto de Frankfurt, que é um dos maiores do mundo, enquanto meu companheiro foi reservar a passagem para Hamburgo, conseguindo para às 20 horas. Como tínhamos uma hora de folga, fretamos um táxi, um mercedes e o motorista nos levou aos principais pontos da cidade.

Frankfurt a Hamburgo

No mesmo dia, 12 de abril de 1980, sábado, partimos de avião às 20 horas para Hamburgo, onde chegamos às 22:30 horas. Mais uma vez tivemos que adiantar o horário em uma hora, pois a diferença entre Brasil e Alemanha é de cinco horas. Durante a viagem tirei uma soneca, enquanto o Nilson bateu um papo com todo pessoal do avião, até que descobriu um casal de portugueses que morava em Hamburgo, onde tinham um restaurante e um bar. O senhor disse ao Nilson que muitos portugueses freqüentavam o bar e o restaurante e era fácil arranjar alguém para nos orientar. Dito e feito. Desembarcamos de avião e os acompanhamos, embarcando no mesmo automóvel, que nos levou ao seu bar. Lá conhecemos um português que era construtor e o convidamos para jantar. Após comermos e bebermos alguma coisa, já era de madrugada, ficamos preocupados, pois precisávamos arrumar um hotel. O português falou que não nos preocupássemos, pois ele dava um jeito. Arrumou um hotel, nos levou com seu mercedes até lá e disse ainda, que no dia seguinte, domingo, ele iria nos buscar para um passeio até às 16 horas, quando tinha um compromisso. Foi uma boa, um português falando alemão.

Passeio em Hamburgo

Dia 13 de abril de 1980, domingo, precisamente às 8 horas, lá estava o português na portaria do hotel, nos esperando. Com o seu mercedes ele nos levou para ver as reformas que ele e os trabalhadores estavam fazendo num prédio. As paredes por fora eram todas originais, com tijolos duplos e isolamento no meio para não passar frio. Depois, andamos pela cidade até o porto marítimo. Almoçamos no restaurante "A Toca", muito freqüentado por portugueses, onde encontramos um brasileiro do Rio Grande do Sul, que trabalhava num hospital em Hamburgo. Em seguida ao almoço, continuamos o nosso passeio até às 16 horas, participando também o brasileiro do Rio Grande do Sul. O português se despediu e nós agradecemos muito. Ele nos deixou o seu telefone para que nos comunicássemos, caso surgisse qualquer problema na Alemanha. O resto da tarde ficamos com o brasileiro, que era de origem alemã. Jantamos juntos depois no restaurante "A Toca" e fomos para o "Hotel REICHSOF".

Hamburgo para Hannover

Dia 14 de abril de 1980, segunda-feira, às 7 horas, partimos de trem para Hannover, chegando lá às 8 horas. Cidade muito limpa, tanto que se alguém soltar uma ponta de cigarro no chão, primeiro o alemão que vê, junta e coloca no lixo. Fomos direto para a FEIRA, que se realizava em Hannover, onde encontramos várias pessoas de nosso Estado, Santa Catarina, principalmente de Blumenau, representando o Brasil com máquinas nossas na exposição.

Hannover para Berlim

De tarde, fomos para o aeroporto de Hannover, reservar passagens para Berlim. Eu, como tinha de carregar as malas na Alemanha, sentei num banco e fiquei cuidando. O meu companheiro foi re-

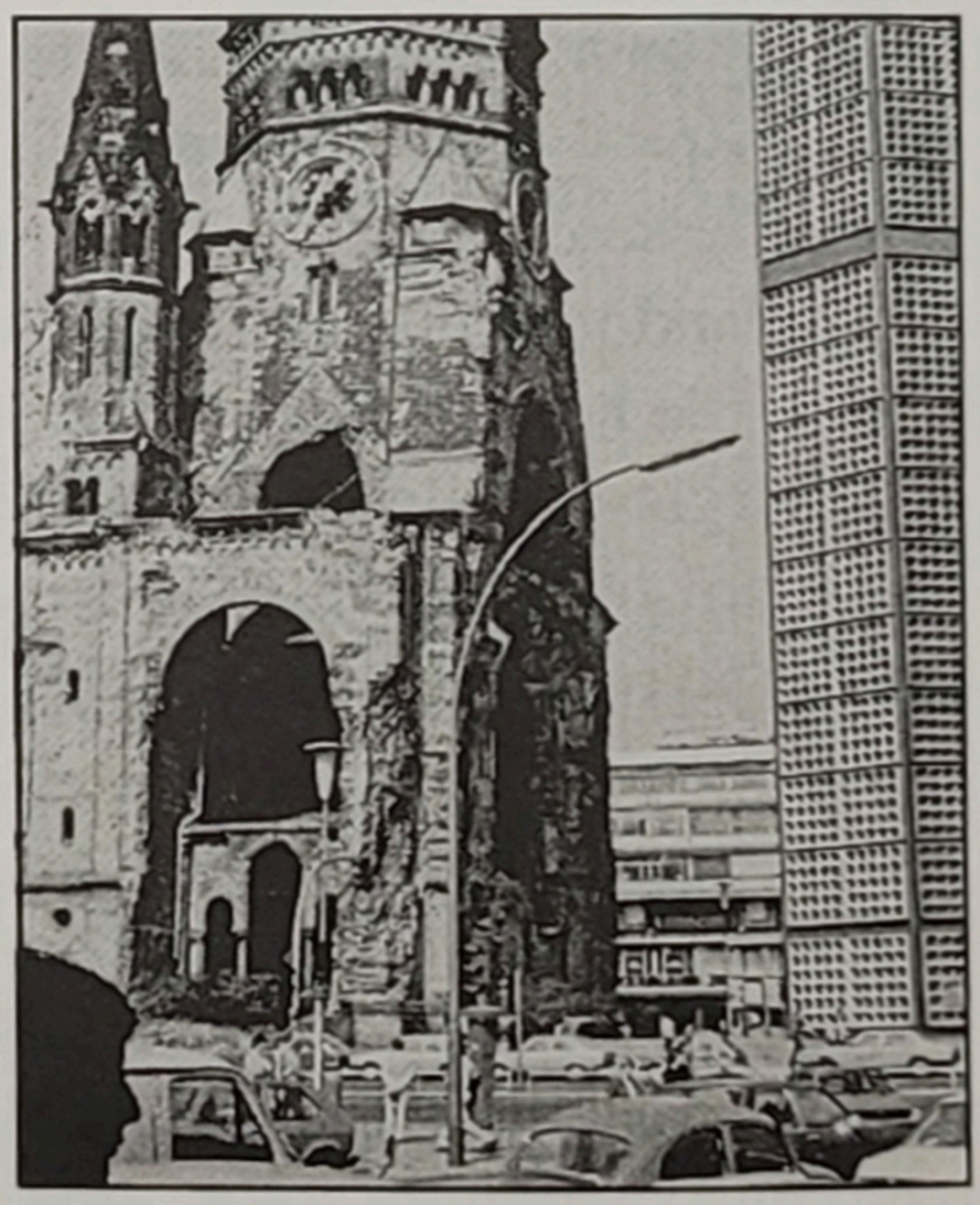
servar as passagens. Com pouca demora ele volta, senta-se perto de mim e diz:

-Não consegui reservar as passagens, pois a moça só fala alemão.

- E agora?

- Vamos aguardar.

Não demorou muito, chegou um homem que foi falar com a moça. O meu companheiro Nilson também se dirigiu ao balcão. O homem era húngaro, mas falava em espanhol e serviu de intérprete. Reservou as passagens para Berlim, às 19 horas daquele dia e para Milão-Itália, no dia seguinte, também às 19 horas. Na hora do embarque, encontramos um italiano. Falando com ele, perguntamos se em Berlim Ocidental tinha algum italiano, espanhol ou português que pudesse nos servir de intérprete. Ele telefonou para lá e em seguida nos comunicou que uma moça italiana ficaria a nossa espera, na hora do desembarque. A moça nos indicou o Hotel RENTER, onde tinha um homem que falava espanhol.

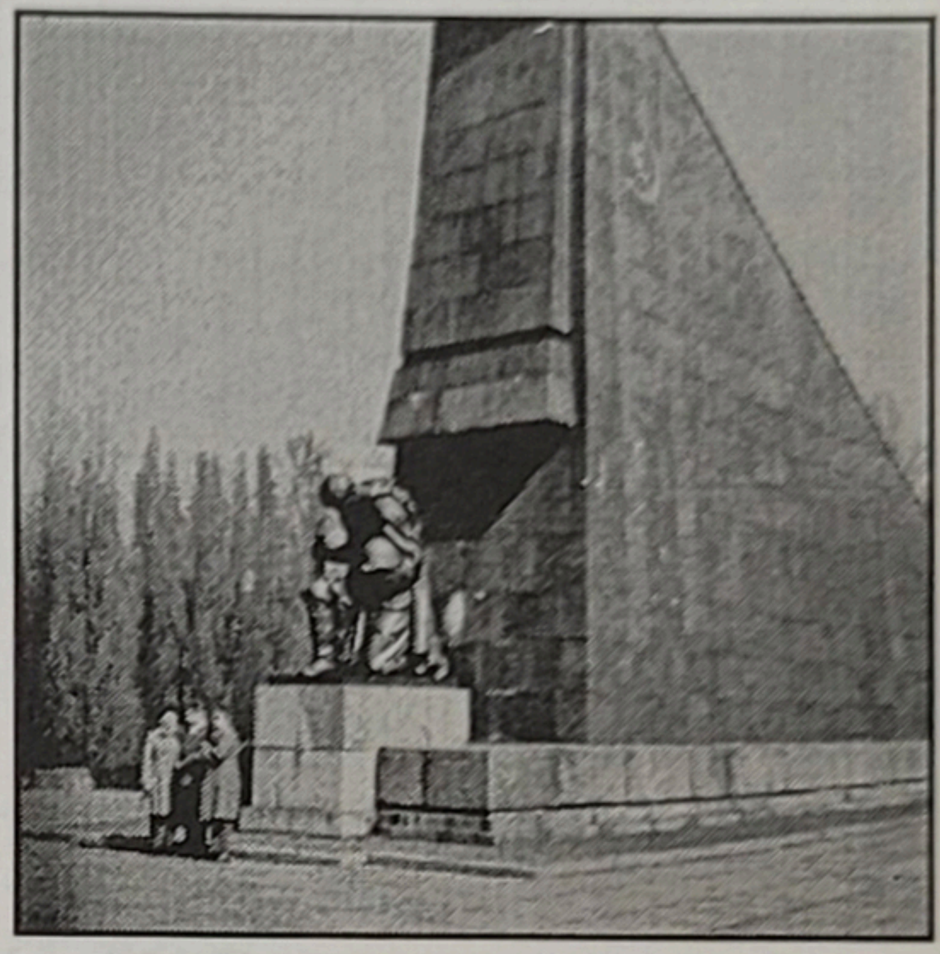


Na Segunda Guerra Mundial, na Alemanha, os bombardeios destruíram esta Igreja, onde só sobrou a torre. Foto tirada por mim, em 1980.

Berlim Ocidental e Oriental

Berlim, cidade quase completamente arrasada no final da Segunda Guerra, hoje já recuperada. É dividida pelo muro da vergonha em Berlim Oriental, que pertence a Alemanha Oriental e em Berlim Ocidental, Alemanha Ocidental. Como estávamos em Berlim Ocidental, à noite fomos dar um passeio pela cidade. No dia seguinte levantamos

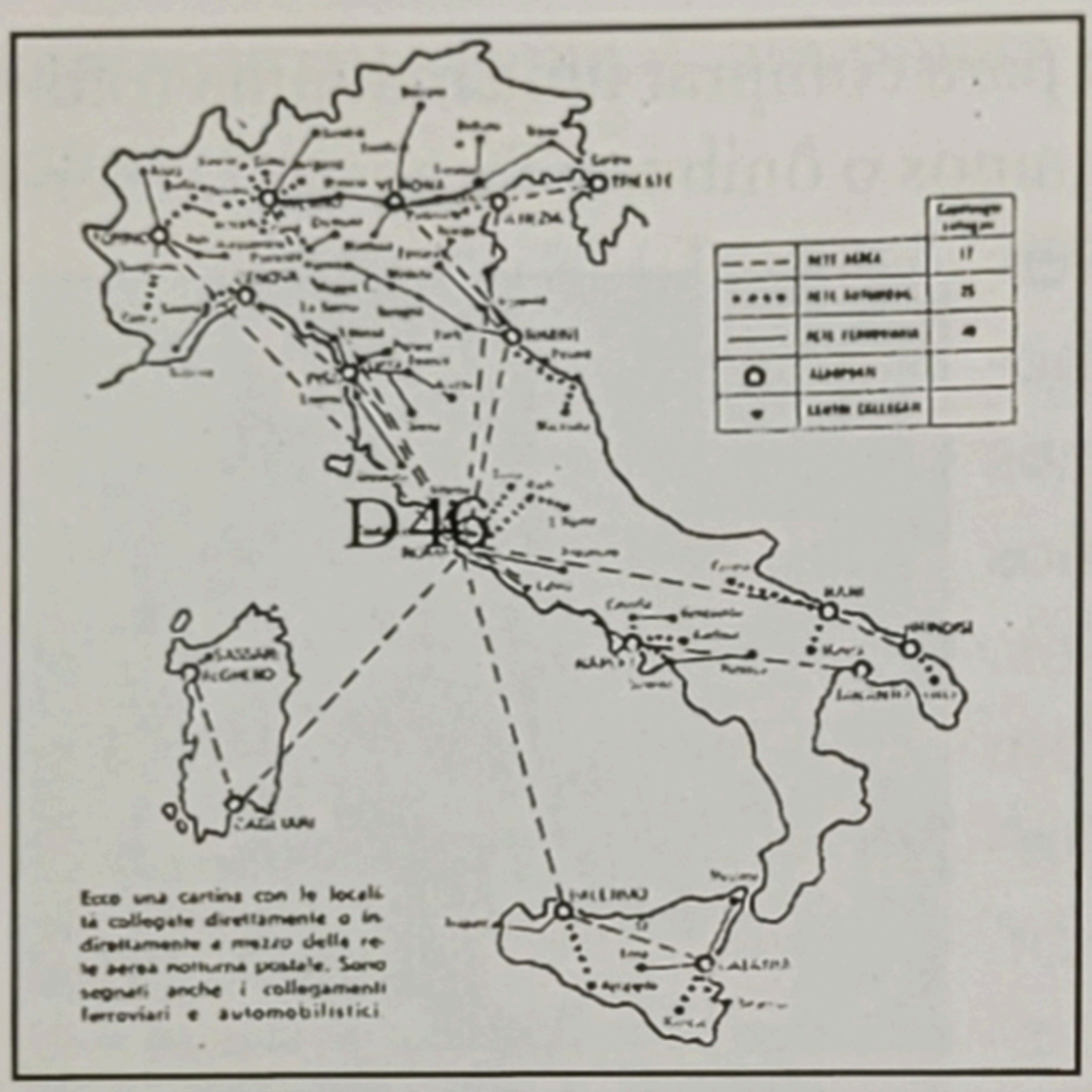
cedo e meu companheiro aproveitou para comprar uma máquina fotográfica, pois eu já tinha. Depois, pegamos o ônibus e fomos para Berlim Oriental, atravessando o muro da vergonha. Lá, passeamos durante três horas, onde também almoçamos. Voltamos no mesmo ônibus, pois não podíamos ficar e se ficássemos, seríamos presos. A diferença que achamos entre Berlim Ocidental e Oriental, é que no lado Oriental a cidade nos pareceu morta, sem movimento, nos pareceu que lá só se trabalha, não se passeia, enquanto que no lado Ocidental é bem diferente. As ruas são cheias de gente alegre, que trabalha, mais também passeia.



Monumento em memória da Segunda Guerra Mundial, em Berlim Oriental (parte comunista). Foto tirada por mim, em 1980.

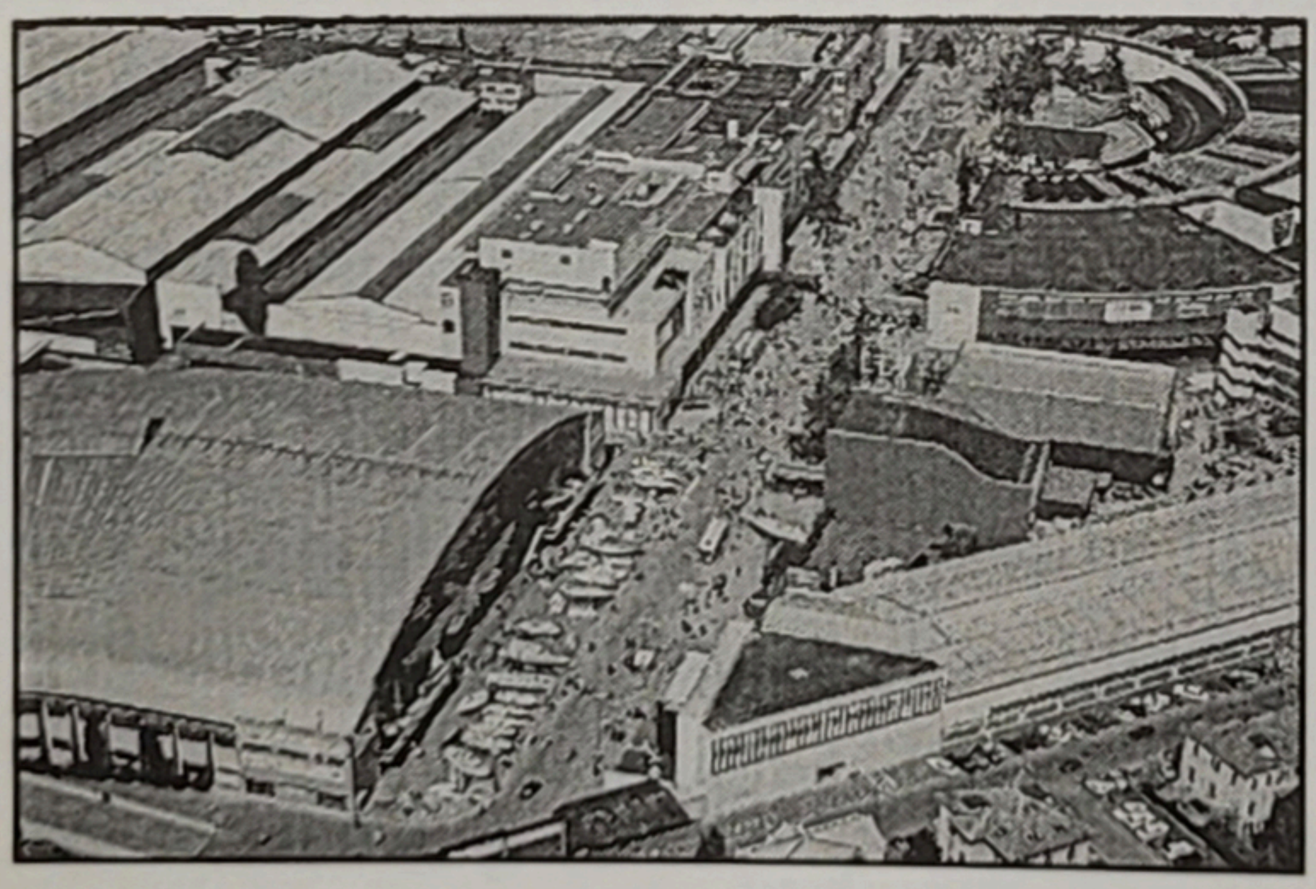
Berlim para Milão

Dia 15 de abril de 1980, terça-feira, partimos de Berlim para Milão às 19 horas, com troca de avião em Frankfurt. Chegando em Milão, trocamos de profissão, conforme combinado na Alemanha. O meu companheiro Nilson passou a cuidar das malas e eu acertava os negócios com a italiana. No norte da Itália, eu falava no dialeto e era como se estivesse falando com meu pai e minha mãe. Os italianos não desconfiavam que eu era brasileiro. Devido ao grande movimento motivado pela 58º FEIRA ali realizada, os hotéis estavam todos ocupados e só conseguimos quarto para uma noite, num hotel. De manhã, desocupamos o hotel e fomos a procura de outro. Andamos um pouco e encontramos. Entramos e perguntamos se não tinha lugar para dois. Ele falou que tinha só um quarto, com três camas, só que não tinha banheiro. Asseguramos aquele hotel, que era a metade do preço do outro e era perto da Estação Central Ferroviária. Fizemos ali o nosso quartel general. Paga-



mos o hotel por onze dias, sendo que saíamos para outros lugares, deixando a metade da nossa bagagem ali. O quarto ficava lacrado e quando voltávamos, encontrávamos tudo certinho. O dono do hotel era bom e honesto.

58º Feira de Milão



A Feira de Milão é uma das maiores do mundo. 1980.

Dia 16 de abril de 1980, quarta-feira, fomos para a FEIRA. Durante três dias, 16, 17, 18, percorremos a mesma e não chegamos a ver a metade. Cansamos de tanto andar e precisávamos de uma semana para ver tudo. Eram vinte e cinco países que apresentavam seus produtos.

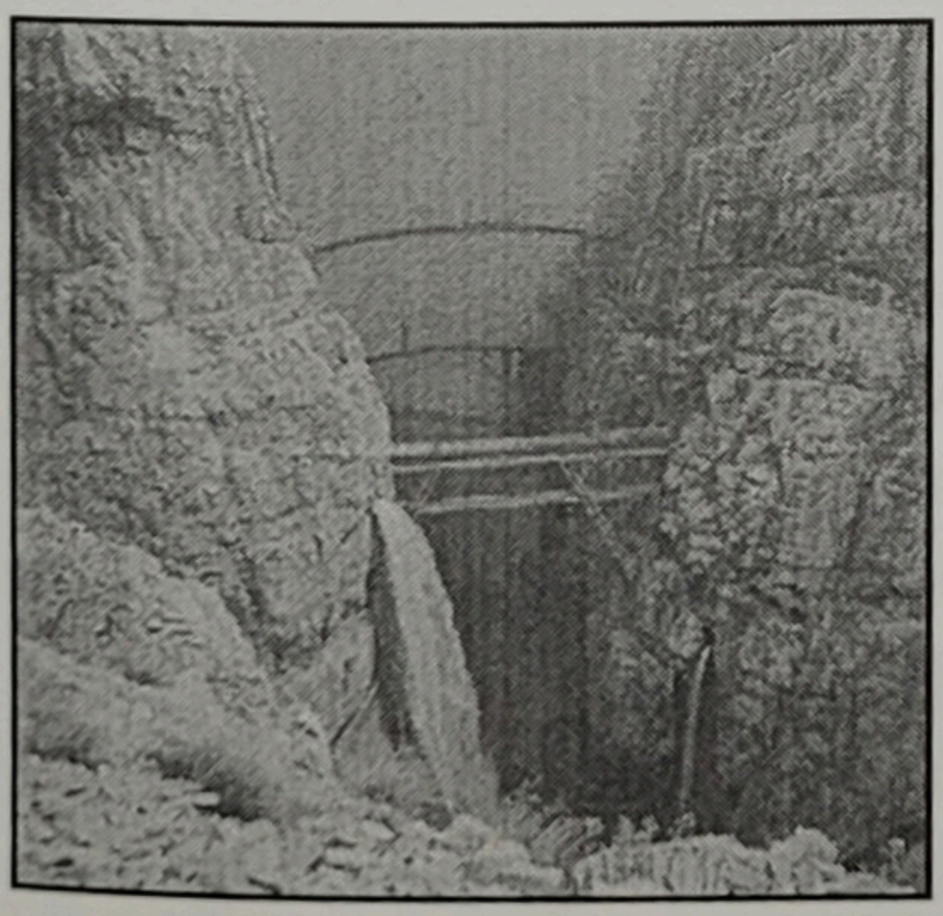
De Milão a Veneza e Beluno

No dia 19 de abril de 1980, sábado, às 13 horas, partimos de trem para Veneza, chegando às 16:30 horas. Depois às 17 horas, partimos para Beluno, chegando às 19 horas. Perguntamos a uma senhora que viajava no trem e que estava sentada na nossa frente, se ela nos indicava um hotel. Ela disse que sabia onde os turistas paravam e que nos levaria

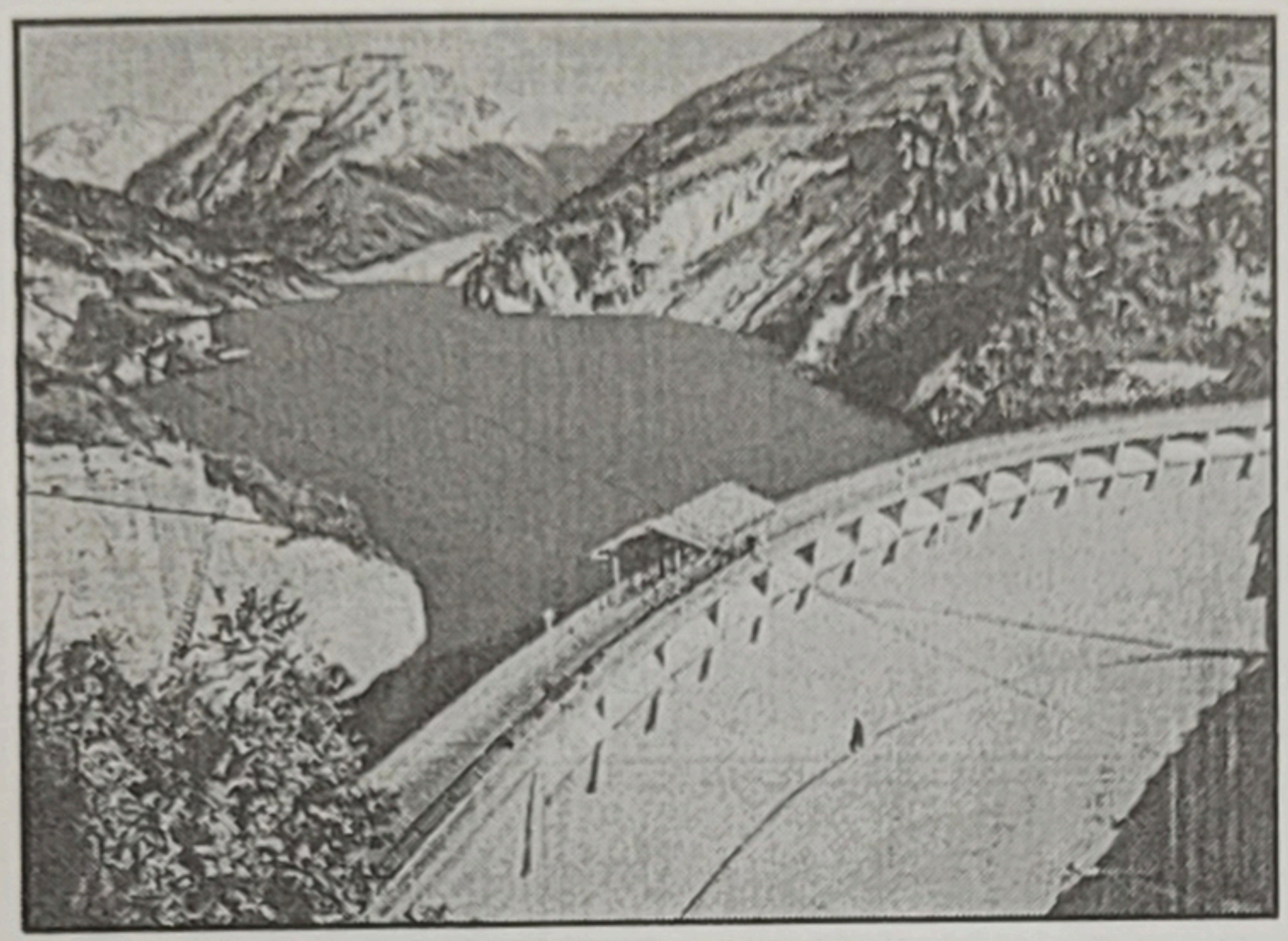
até lá, a pé, pois ficava perto. Agradecemos para senhora e fomos para o hotel, que era muito bom. Às 22:00 horas fomos jantar num restaurante, e comō já era tarde, só tinha uma mesa ocupada. A italiana bebia vinho e cantava que dava gosto de ver. Nós passamos a beber vinho também, numa outra mesa, cada um com a sua garrafa. Derramamos vinho em cima da toalha e aí veio uma moça, dizendo que aquilo era alegria. Apareceu o dono do restaurante trazendo mais um copo de vinho para compensar aquele que nós tínhamos derramado. Por fim, já estávamos com vontade de nos juntar com a italianada e cantar junto, festejando o fato de estarmos na província de Beluno, terra do meu avô.

De Beluno a Longarone

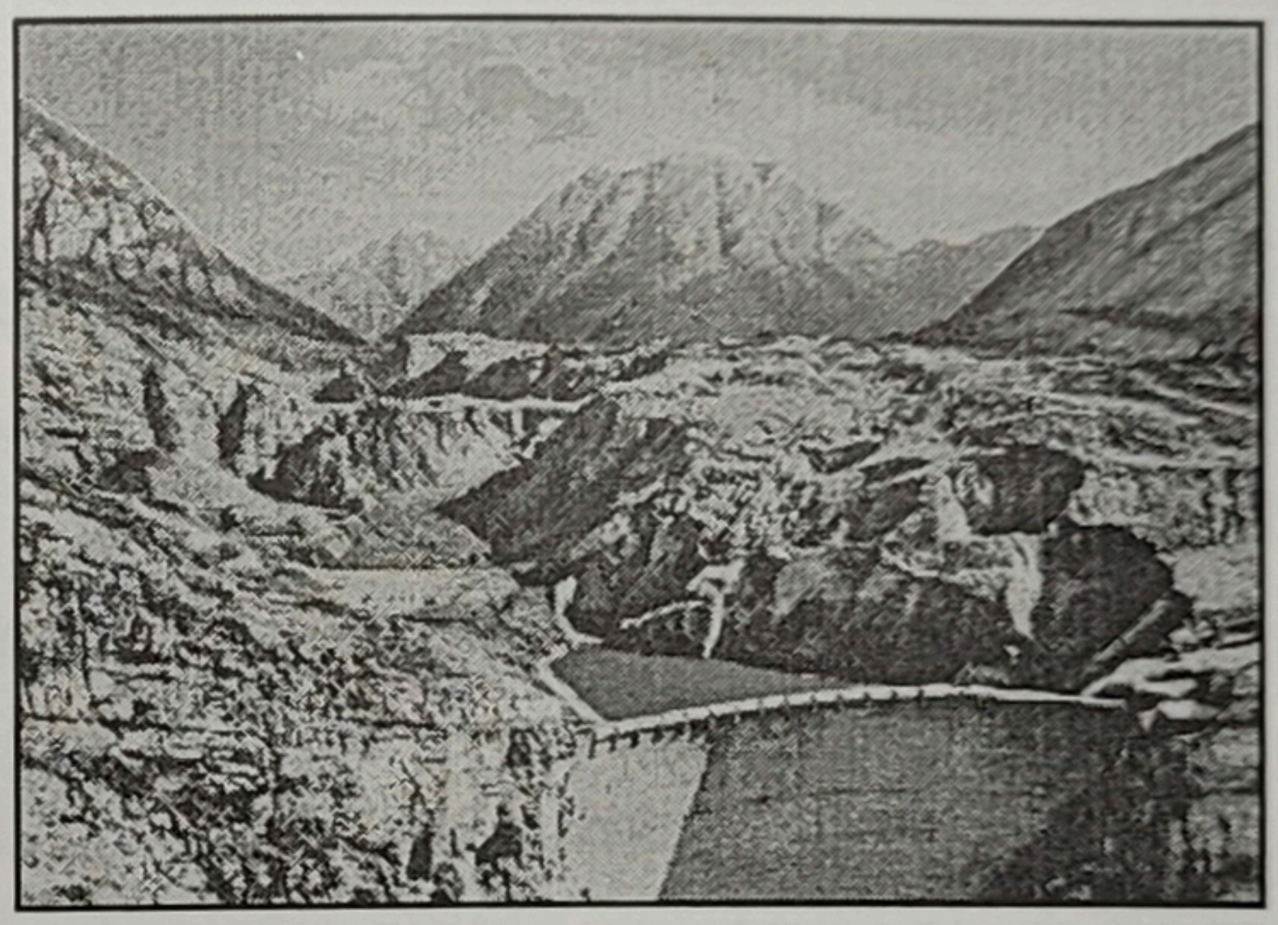
Dia 20 de abril de 1980, domingo, às 10:00 horas, seguimos de trem para Longarone. Na metade do percurso o trem parou, porque tinha gente trabalhando na linha. Tivemos que seguir de ônibus. Chegamos às 11:30 horas. Fretamos uma máquina, como dizem os italianos para o táxi e fomos ver a represa que há dezessete anos inundou e destruiu quase toda a cidade do distrito de Longarone, distante 2 quilômetros da represa, matando cerca de três mil pessoas em poucos minutos. A catástrofe aconteceu quando deslizou um morro de uns 600 metros, dentro da represa, levantando uma onda de água que passou cem metros por cima do açude. A represa resistiu e só carregou a ponte que passava por cima dela. Dentro da represa, no lugar da água, ficou um monte de terra. Após a visita voltamos para Longarone.



Quando eu estive em Longarone, em 1980, tirei esta foto pelo lado de fora da represa, que resistiu ao deslizamento do morro.



A represa em Longarone-Itália,
com 280 metros de altura,
antes do deslizamento do morro,
em 09-10-1963.

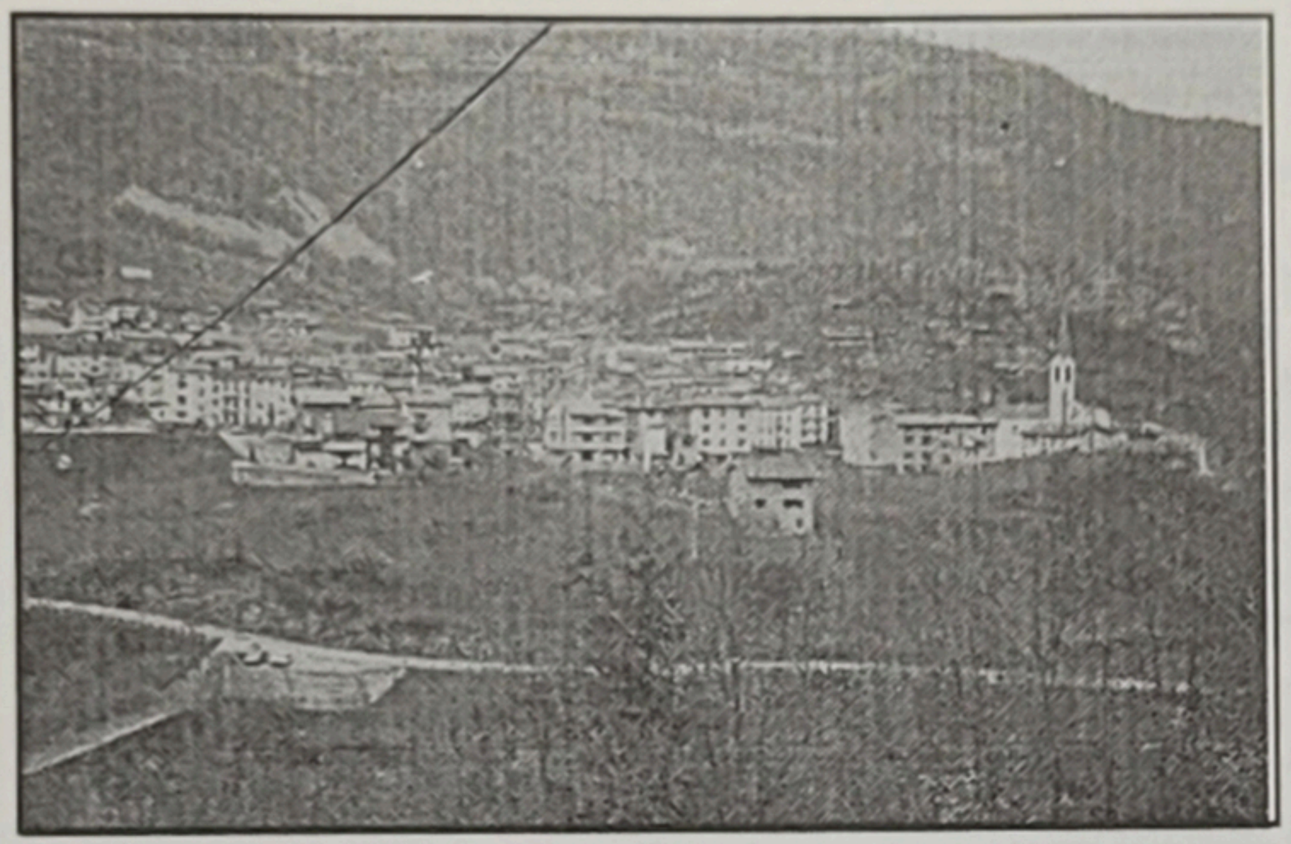


Após o deslizamento do morro,
a represa ficou sem ponte ,
sem a casa onde os turistas paravam
para vê-la e praticamente sem água.
Dentro da represa ficou um
montão de terra.

Longarone a Igne

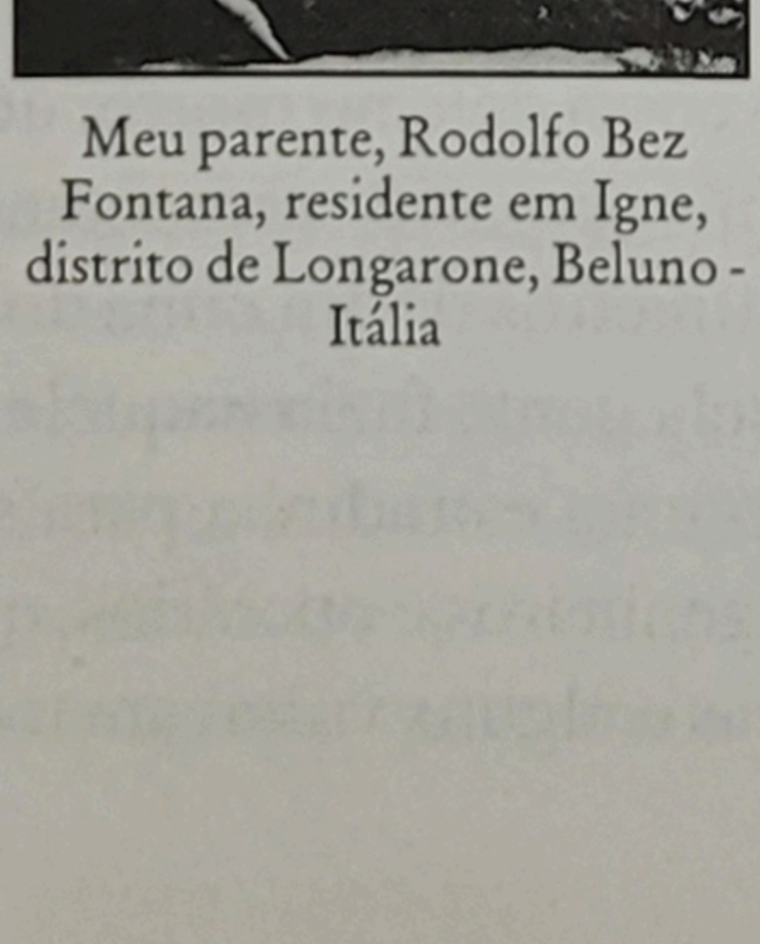
Ainda em Longarone, cidade já reconstruída depois da catástrofe, fomos num restaurante, ao meio-dia, onde encontramos dois moços. Batendo um papo, perguntamos a eles se conheciam alguma família com o sobrenome Fontana. Eles responderam que eram novos por ali e que não conheciam muita gente, mas que fôssemos almoçar e depois os procurássemos, pois eles estariam ali no bar. Almoçamos um bom prato de espaguetti com queijo ralado e um bom vinho, de cinco anos. Em seguida fomos procurar os dois moços, que nos levaram no seu carro a casa de um homem de idade, morador dali. Ele então nos disse

que fossemos a Igne, distante dali 2 quilômetros, onde encontraríamos a Fontanada. Os moços que iam para o morro assistir um jogo de futebol, nos ofereceram carona até Igne. Só que na volta teríamos de pegar outra condução. Eles nos levaram direto num sobrinho do Sr. Francisco Batilana, que mora em Urussanga. Depois começaram a chegar as famílias dos Fontana. Após, fomos a casa do padre Dom Pietro Dall'Amico. Ele nos mostrou o livro da paróquia, onde estavam registradas as famílias do meu bisavô e avô (quando voltei de viagem, recebi a fotocópia das páginas do livro em que estavam registradas as famílias, enviada pelo padre). Fomos então para a cozinha do padre, onde começou a chegar gente. O padre colocou em cima da mesa um garrafão de vinho e fomos bebendo. Um homem casado contou-me, que no dia que caiu o morro dentro da represa, ele estava na casa da namorada, em Longarone. Eram 22:00 horas, quando ouviu um estrondo e a luz apagou e ele disse que só acordou no outro dia no hospital, não se lembrando de mais nada. Eu esqueci de perguntar se a namorada dele tinha escapado com vida. Naquela ocasião, o padre convidou para ir com o carro dele no morro, que distava uns 30 quilômetros de onde estávamos, para ver as montanhas de neve. Havia ali, casas com quarenta centímetros de em cima do telhado. Eu perguntei para o padre o que aquela gente fazia naquele lugar, com as casas ao meio da neve, tendo só uma estradinha para sair. O padre me falou que ali moravam bons engenheiros e operários, que nas segundas-feiras iam trabalhar nas fábricas e alguns voltavam todos os

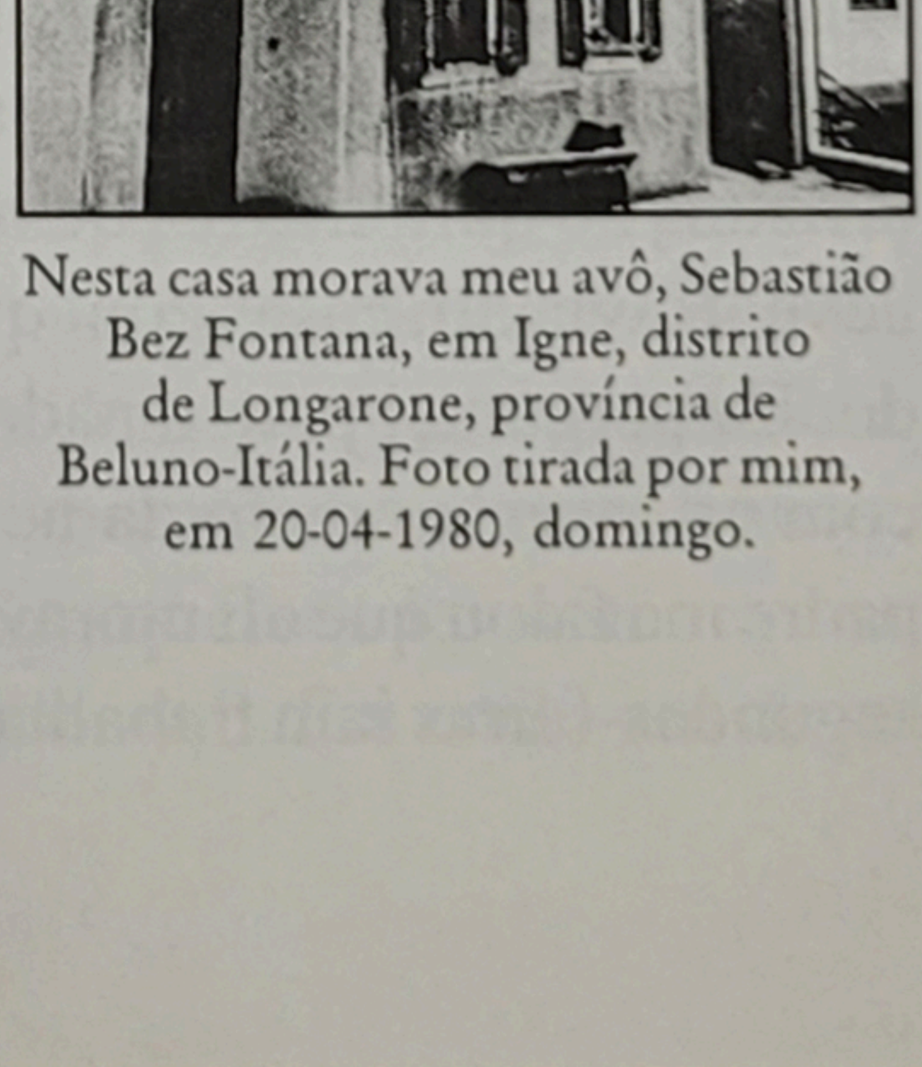


Cidade de Igne, distrito de Longarone, província de Beluno-Itália. Cidade aonde meu avô morava. Embaixo há uma ponte de arame que tem 100 metros de comprimento e 100 metros de altura. Dá medo de olhar para baixo.

dias para casa, enquanto outros só nos fins de semana. A casa onde morava meu avô ficava bem em frente a casa do padre, e o casal Fontana queria que entrássemos, mas como o padre nos esperava para levar no morro, deixamos para visitá-los no outro dia. Só que não deu certo, pois na volta fomos direto para a estação, onde pegamos o último ônibus, às 20:30 horas, com destino a Beluno, onde tínhamos deixado a nossa bagagem.



Meu parente, Rodolfo Bez Fontana, residente em Igne, distrito de Longarone, Beluno - Itália



Nesta casa morava meu avô, Sebastião Bez Fontana, em Igne, distrito de Longarone, província de Beluno-Itália. Foto tirada por mim, em 20-04-1980, domingo.

Beluno a Veneza e Trieste

Dia 21 de abril de 1980, segunda-feira, às 12 horas, partimos para Veneza, chegando às 15 horas de trem e a Trieste, às 18 horas. Pernoitamos no Hotel Continental. Trieste é Zona Franca, porto de mar.

Trieste e Veneza

No dia 22 de abril de 1980, terça-feira, às 14 horas, partimos para Veneza, chegando às 18 horas. Ali pernoitamos no Hotel São Galo. Os trens e ônibus só chegam na cabeceira da cidade por meio de uma ponte. O resto do transporte é feito por meio de barcos, canoas e gôndolas, sendo cobrada uma taxa. O Grande Canal, com uma largura de 30 a 50 metros e fundura de 5 metros, divide a cidade em duas porções e comunica-se com outros canais menores, que servem de ruas. Os passeios a pé são feitos por ruas estreitas, com apenas 1,5 metro. Os prédios foram construídos com estaqueamento de madeira, com mais de quinhentos anos de existência, no meio da água. Quando nos levantamos de manhã, eu disse para meu companheiro que aquela noite eu não pude dormir. Ele me perguntou por que e eu respondi brincando:

- Tu não escutou aquela barulheira de caminhão, correndo a noite inteira?

A cidade é tão silenciosa que até parece que está morta. A catedral de São Marcos é maravilhosa. De tão velha que é, os seus pisos estão gastos, apresentando valetas. Também a torre e a praça são muito bonitas. Pena que alguns prédios na beira do canal estão condenados, os alicerces estão cedendo e os prédios abaixando.

Veneza para Milão

Dia 23 de abril de 1980, quarta-feira, viajamos de trem às 10:30 e chegamos a Milão às 15:30 horas. Aí, fomos para o nosso hotel, onde tínhamos deixado a metade da bagagem no quarto que ficou reservado.

Passeio em Milão

Dia 24 de abril de 1980, quinta-feira, fomos ver a catedral, que é uma das mais bonitas do mundo. Estivemos no ponto mais importante da cidade.

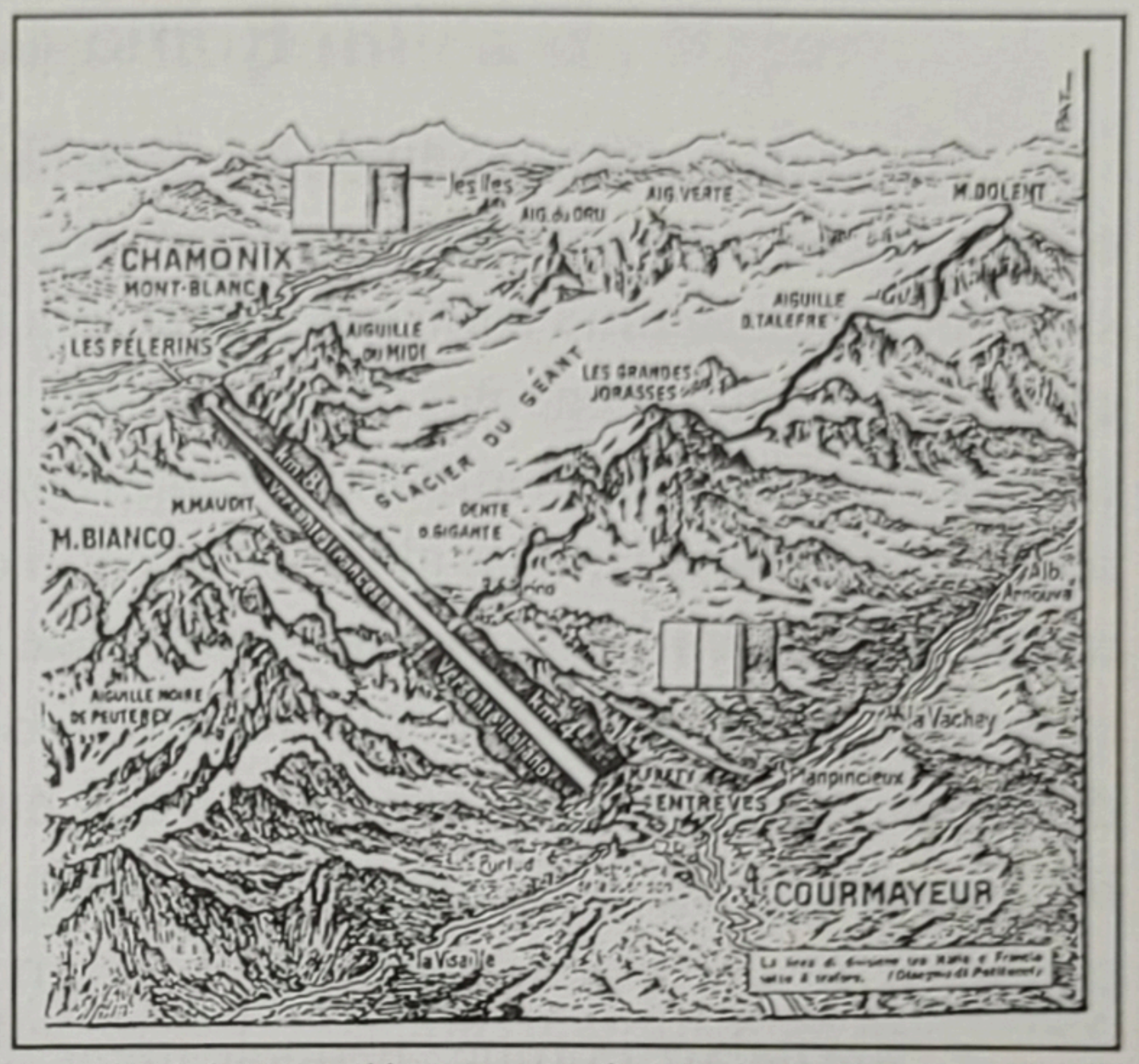
Milão a Turim

Dia 25 de abril de 1980, sexta-feira, saímos às 11 horas e chegamos em Turim às 15 horas. Depois, às 17 horas, saímos de trem para o Monte Bianco, chegando às 20 horas. Na última parada do trem que vai para as montanhas, só chega um vagão. O interessante é que o trem sai com vinte vagões para as montanhas e a medida que vai subindo, vai espalhando os vagões, cada qual para o seu destino, até que por fim chega um só de cada linha. Na volta vão se juntando novamente e quando chega embaixo do morro, já estão juntos outra vez. Perguntei para o cobrador se a vida era boa e ele me falou que era boa demais. Trabalhava pouco e ganhava bem. Ele nos orientou que fôssemos logo arrumar um hotel, pois corríamos o risco de encontrá-los lotados. Fomos em um e estava lotado. Procuramos outro - "Hotel Dora" - e encontramos um quarto com três camas. Para não ficarmos na rua, pegamos aquele mesmo.

Monte Bianco e França

Dia 26 de abril de 1980, sábado, abrimos a janela do quarto e vimos aquele lençol de neve cobrindo tudo. As montanhas cobertas de neve, nos proporcionavam um bonito espetáculo. Depois de um bom café, saímos para rua batendo fotos. Eu , que fui assinante da revista "Domenica Del Corriere" da Itália, durante muitos anos, acompanhei a construção do túnel do Monte Bianco e queria atravessá-lo. O túnel era distante 6 quilômetros do Hotel Dora, onde dormimos. Ele tem 12 quilômetros, sendo 4 quilômetros da divisa da Itália e 8 da divisa da

França. É todo iluminado com lâmpadas fluorescentes. Fretamos um carro e atravessamos o túnel. No outro lado, a gente olha para baixo e vê a primeira cidade da França. Neve se via aos montes. O nosso plano era ir para Paris e depois para a Suíça. Mas resolvemos voltar para Milão, passando novamente pelo túnel do monte Bianco.



Túnel de 12 quilômetros embaixo do monte Bianco, entre a Itália e França. Em 1980 passei por ele.

Monte Bianco a Milão

No mesmo dia 26, sábado, tomamos o trem para Turim e de Turim para Milão. Pernoitamos no mesmo hotel em Milão, que já havíamos pago.

De Milão para Roma

Dia 27 de abril de 1980, domingo, às 9 horas, eu fui à missa e comunguei. Às 11 horas, fomos almoçar na "Tavola Calda", na estação ferroviária. Ás 13:30 horas, partimos de avião para Roma, chegando às 14:30 horas. Fomos para o "Hotel Augustea". Durante o resto da tarde passeamos pela cidade a pé, batendo fotos, pois era domingo.

Roma

Antes de partirmos, ainda em Tubarão, falamos com um padre que era parente do meu companheiro de viagem. Ele nos falou que se levássemos café para uma irmã em Roma, ela nos mostraria a cidade. Nós compramos quatro pacotes de café e eu os coloquei numa malinha apropriada. Ao passar pela alfândega em Frankfurt, na Alemanha, o guarda pegou o pacote de café e abriu para ver o que tinha dentro, se era café mesmo. Aí discutimos, eu em português e ele em alemão e ninguém se entendeu. Aí veio o meu companheiro Nilson, comprou a parada dizendo alguns desaforos em espanhol e que eu só ia levar o café para uma irmã minha na Itália. Fecharam o pacote e me devolveram. O meu companheiro me disse que eu o mandasse tomar "naquele lugar". Eu falei:

- Fala baixo, porque "naquele lugar" em alemão é vaca. Aí tu estarás chamando de vaca para o alemão.

Então, dia 28 de abril de 1980, segunda-feira, primeiro dia que colocamos gravata, saímos à pé para entregar o café a irmã. Batemos na porta e uma senhora atendeu. Perguntamos pela irmã e ela nos falou que a mesma estava em retiro e tinha ido para Veneza. Que azar! Perdemos todo o trabalho de carregar o café até ali. Tomamos um carro e fomos para a praça São Pedro, no Vaticano. Falamos com uma irmã e ela nos perguntou se queríamos marcar uma audiência com o papa. Eu lhe disse que não, só queríamos ver a Basílica. Olhamos para a praça São Pedro, com 240 metros de largura e 360 metros de comprimento. Entramos na Basílica, com aquelas imagens e pinturas antigas, o piso de mármore já gasto de tanto andarem por cima. Subimos na torre, onde percorremos 334 degraus e é necessário ter um bom coração para chegar lá em cima. Dali a gente vê todo o Vaticano e a cidade de Roma. Batemos muitas fotos, depois descemos, compramos algumas lembranças e voltamos para o hotel. A tarde o Nilson quis descansar e eu sai pela cidade a pé. Fui ver o museu de cera e a estação ferroviária de onde partem os trens para toda a Europa e outros lugares importantes.

Roma - Audiência pública do Papa

Dia 29 de abril de 1980, terça-feira, levantamos às 8 horas e fomos na praça São Pedro. Ficamos ali até às 11 horas, quando apareceu o Papa de jipe. Deu a volta no corredor entre o povo, cumprimentando um e outro, até o meio-dia, quando fez o sermão em italiano e francês. Saímos dali às 13 horas. Almoçamos e em seguida começou a chover. Era a primeira vez que chovia durante a nossa viagem. Pouco andamos nas ruas.

Passeio em Roma

Dia 30 de abril de 1980, quarta feira, passeamos a pé no comércio, depois andamos de carro para conhecer os pontos principais da cidade e em seguida reservamos a passagem de volta, para o dia seguinte, 1° de maio. Como iríamos viajar somente às 23 horas, pretendíamos antes da partida, fazer compras. Só não lembramos que na Itália também é feriado, no dia 1° de maio. Aí tivemos mais um dia de folga. Eu queria ver a torre de Pisa, mas o Nilson preferiu descansar.

Roma a Portugal

Dia 1° de maio de 1980, quinta-feira, partimos de Roma às 23 horas e chegamos em Lisboa-Portugal às 13:30 horas, 12:30 horas em Portugal.

Lisboa - Rio de Janeiro - Brasil

Partimos de Lisboa às 2 horas da madrugada do dia 02 de maio de 1980, para o Brasil. Chegamos no Rio de Janeiro às 11 horas, 7 horas no horário brasileiro.

Um fato marcante

Lembro-me que quando saí de Lisboa, sentei num banco do avião, perto da janela, no lado direito e percebi que ao meu lado, bem em cima, estava a lua, toda cheia. Ela acompanhou o avião, sempre na mesma posição. Quando chegamos no Rio, a lua ainda estava do meu lado. Notei que o avião não muda de rumo. Quem quiser saber onde fica Lisboa, é só olhar no dia 02 de maio, onde nasce a lua e ali está a capital portuguesa.

Rio - São Paulo - Florianópolis

Dia 02 de maio de 1980, sexta - feira, partimos do Rio de Janeiro para São Paulo, às 13 horas. Saímos de São Paulo para Florianópolis, às 19:30 horas. De Florianópolis fretamos um carro até o Hotel Itapirubá, em Laguna, onde nossas mulheres e filhos estavam esperando. E lá pernoitamos. No dia seguinte, 03 de maio de 1980, sábado, estava encerrada a nossa viagem. Foi uma boa viagem, sem problemas, sem chuvas, temperatura média de 12 graus. Foi pena que meu companheiro tivesse compromisso e por isso tivemos que voltar. Por mim, gostaria de permanecer na Europa mais uns quinze dias e visitar outros países, pois a passagem de avião já estava paga.

80% nublado

Eu, que há muitos anos venho viajando de avião e como a gente pode enxergar embaixo, em todo mundo, inclusive no mar, notei que 80% do tempo está nublado e apenas 20% do tempo permanece limpo.

Capítulo 34

Contribuição do INPS

Comecei a contribuir no dia 1° de janeiro de 1939. Na época, eu pagava para o IAPI - Instituto de Aposentadoria de Pensões dos Industriários.

Em janeiro de 1944, passei a pagar para o IAPC - Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciários.

Em dezembro de 1953, a contribuição era para o IAPETC - Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Empregados em Transporte de Cargas.

Em setembro de 1966, passei também a pagar o IAPI novamente. Em abril de 1967, trocou de nome: IAPI passou para INPS - Instituto Nacional de Previdência Social. Fiquei contribuindo para o IAPETC e INPS, até que me aposentei em 07 de novembro de 1979. Foram quarenta e um anos de contribuição e eu estava com 64 anos de idade. Eu acho que me aposentei cedo, deveria esperar mais.

Contrato social com a esposa

No dia 23 de junho de 1980, depois da viajem pela Europa, eu, que já estava aposentado, tive saudades da minha indústria, a fecula-

ria. Resolvi registrar uma firma com a minha mulher, sob a denominação social "Fecularia Fontana LTDA". Minha mulher ficou de gerente.

Terceira Fecularia

Depois da catástrofe de 25 de março de 1974, segunda-feira, quando uma grande barreira destruiu a minha fecularia, fundada em 1940, com muito trabalho consegui recuperar a minha moradia (que ficou sem água), uma balança de trinta toneladas, um prédio destinado a um funil (depósito de mandioca), uma pequena carpintaria e turbina hidráulica de setenta e cinco cavalos.

Limpeza do terreno

Contratei, com o Sr. Delírio Falchetti, quatro maquinas, um compressor, uma retroescavadeira grande, uma carregadeira pesada para retirar o material e carregar o caminhão e muitas caixas de dinamite, para recuperar o terreno e poder construir a terceira fecularia. Foi um trabalho penoso. Muitas vezes tínhamos que abandonar o serviço, para esperar que enxugasse o terreno, pois o mesmo apresentava muita umidade. Foi detonada pedra de até 20 metros de comprimento e carregada para fora. Mas, graças a Deus, consegui recobrar o terreno.

Começo da indústria

Recuperando o terreno da nova fecularia, construiu uma área de 1.860m2 (um mil e oitocentos e sessenta metros quadrados), de concreto e tijolos, coberta com telhas de brasilit e calhões, fora o que tinha recuperado da indústria antiga.

Rapador

Foi substituído o rapador e lavador de mandioca antigo, que era alimentado manualmente, por um automático. Despejando a mandioca no depósito (funil), aí ele se encarrega de fazer tudo sozinho, até a sevadeira.

Sevadeira, tratores, separadeiras

A sevadeira, que estava aos cuidados de uma pessoa, agora faz tudo sozinha. As quinze peneiras que usávamos, foram substituídas por três extratores automáticos, que trabalham sozinhos. Em seguida trabalha uma separadeira, que separa a água do amido, também sozinha.

Calha de decantação

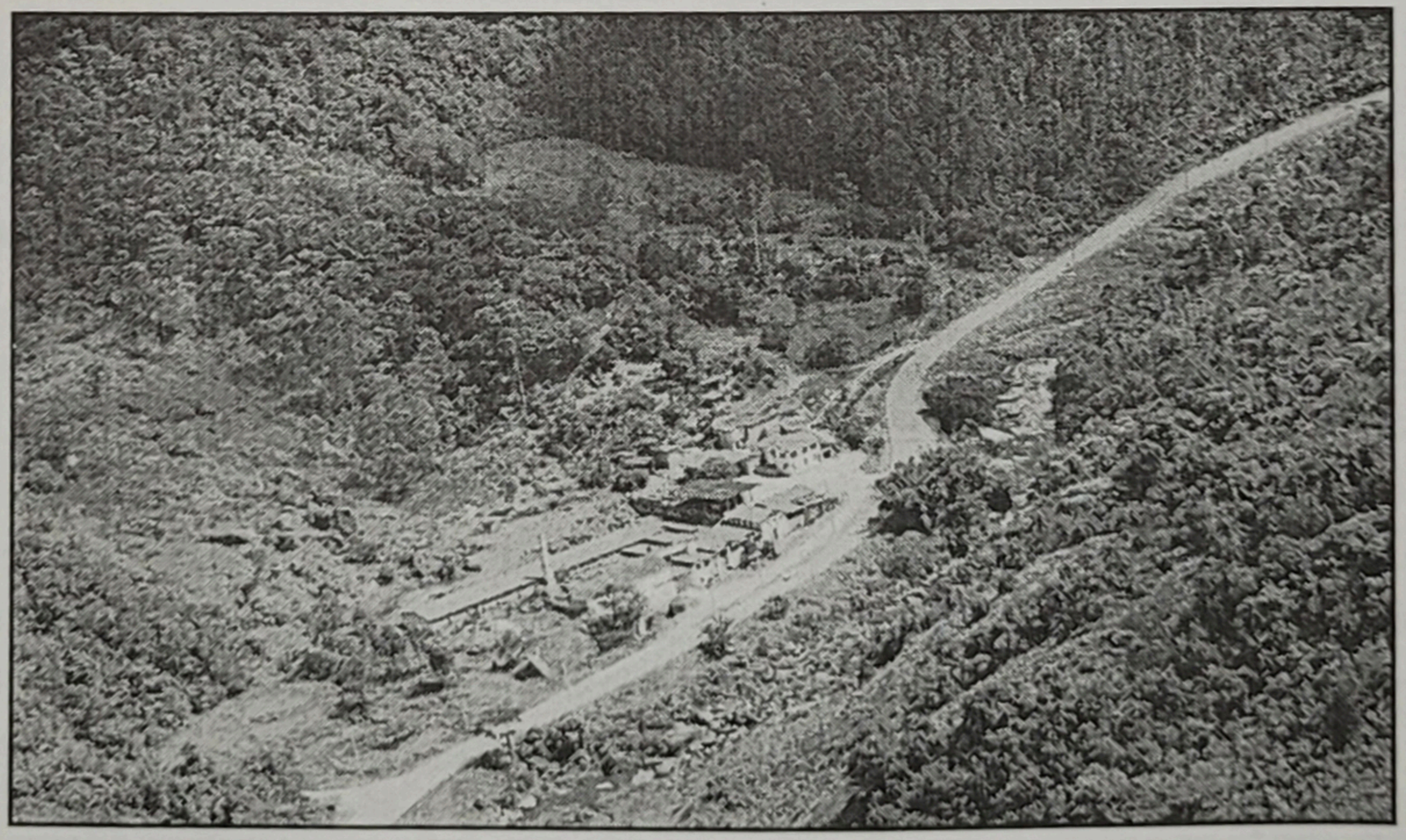
As calhas de decantação, que precisavam de muita mão-de-obra, foram substituídas por um filtro a vácuo, que depois de regulado, trabalha sozinho.

Estufa e secador

As estufas de secagem da fécula, foram substituídas por um secador a ciclone, com radiador aquecido com vapor de caldeira. O ar frio que entra no radiador sai no outro lado, com 170 graus de calor e passa por um tubo feito de chapa, que regula de 40 até 1 metro de diâmetro, dependendo da capacidade de produção de cada secador. O ar é puxado por um ventilador que recalca o ar para o ciclone e este separa o ar e a fécula. O ar é jogado para fora e a fécula desce no depósito. Dali é ensacada e pronta para o embarque. A fécula verde, quando cai no tubo, depois do radiador, leva um pouco mais de um segundo e já está no depósito seco. Secagem mais rápida do que esta não existe. As máquinas podem ser de modelos diferentes, mas mais rápidas não. As máquinas são catarinenses.

Diferença em quarenta anos

No ano de 1940, ou seja, durante a Segunda Guerra Mundial, há cinqüenta anos não se encontrava mais nada para comprar. Motor não tinha, energia elétrica nem falar, gasolina e óleo diesel, nem para remédio. Nesse caso, tínhamos que comprar uma cachoeira e instalar pequenas fecularias na beira do rio, movimentando-as por uma roda d'água. O transporte era feito de carro de boi, desmanchávamos dez toneladas de mandioca por dia e precisávamos de quinze operários dentro da fábrica, dia e noite. Hoje, em 1990, a minha fábrica tem capacidade para desmanchar oitenta toneladas diárias e trabalha com apenas dois operários, um para fazer fogo na caldeira e outro para olhar o resto do maquinário. Ninguém põe a mão no produto. Depois dos caminhões despejarem a mandioca num depósito (funil), que tem capacidade para cem toneladas, as máquinas se encarregam de fazer todo o trabalho, até despejar a fécula seca no silo. Consideramos que foi um bom avanço nestes cinqüenta, em termos de fécula de mandioca (amido).



Minha nova fecularia, reconstruída no mesmo local
onde foi destruída a outra

Capítulo 35

Três farras entre amigos

Aqui em São Gabriel - Treze de Maio, na época, o pessoal gostava muito de vinho tinto doce e de cerveja preta, como chamávamos. Mas eu gostava mais de cerveja branca, apesar de quase ninguém tomar e também de vinho seco. Foram muitas farras que eu fiz, mas eu vou contar somente três. Eram comuns as farras nos casamentos, principalmente, entre 1940 e 1960.

Primeira farra

A primeira farra foi feita no salão do Sr. Otávio Roldão da Rosa, num dia de baile -domingueira- como chamávamos na época. Começou assim: eu estava no bar do salão batendo um papo com amigos. Às 16 horas, resolvi ir para casa de bicicleta, que ficava 2 quilômetros do salão e me encontrei com dois casais amigos, que vinham a pé, o Sr. Albino José Alano e esposa e o tio dele, Sr. Antônio Albino Alano e esposa, que me disseram que iam dançar. Eu fui para casa e disse para minha mulher que ia voltar de novo para o baile. Chegando no bar do salão, eu avistei os dois casais espiando os que estavam dançando. Convidei o Sr. Antônio Albino Alano e esposa para pagarem um engradado de cerveja branca (vinte e quatro garrafas), brincando, mas qual não foi o meu espanto, quando ele

prontamente mandou botar um engradado em cima do balcão. Custava na época Cr$ 250,00 (duzentos e cinqüenta cruzeiros). Foi um milagre. Começamos a tomar e os casais idosos também foram chegando e bebendo, ainda mais que cerveja branca era novidade para muitos. Quando terminava a cerveja, outro casal era convidado a pagar mais um engradado. Não se aceitava que se pagassem garrafas, só engradados. Tomamos até que chegou em seis engradados e aí todo mundo já estava quente e fomos todos dançar, inclusive o casal, Sr. Antônio Albino Alano, que nunca tinha dançado. Ele era meio surdo e enquanto dançava, de vez em quando gritava no meio do salão:

- Viva o seu Germano!

Dizia que queria fazer outra farra, para trazer o seu irmão Leandro. A domingueira ficou animada, todo mundo dançando, pois a cerveja esquentou demais. Alguns não podiam mais parar em pé e os casais foram sumindo. Alguns chegaram em casa, outros caíam na estrada e foram levados por amigos. Uma farra que nunca foi esquecida.

Segunda farra

A segunda farra foi no mesmo salão, só que o dono o dividiu em três repartições com cerca de sarrafo, de 1 metro de altura. Botou dois bares, um cada lado e deixou o meio do salão reservado para as danças. Na época, uma cerveja custava Cr$15,00 (quinze cruzeiros) e portanto seis, saiam por Cr$90,00 (noventa cruzeiros). A farra começou assim. Eu combinei com o dono do bar, Sr. Otávio Rodão da Rosa, que no bar número 1 continuasse a vender seis cervejas por Cr$90,00 (noventa cruzeiros), mas que no bar n.º 2, quando eu pedisse, ele fizesse uma diferença, isto é, de Cr$90,00 (noventa cruzeiros) e deixasse por Cr$85,00 (oitenta e cinco cruzeiros). No outro dia eu iria pagar a diferença. Aí eu fui para o bar número 2 onde estava o

dono do salão, Sr. Otávio. Em seguida convidei um amigo e disse para pagar meia dúzia de cervejas. Ele perguntou o preço e o Sr. Otávio falou que era Cr$90,00 (noventa cruzeiros).

- É muito cara, disse ele,

Aí eu perguntei a ele:

- E se ele faz por Cr$85,00 (oitenta e cinco cruzeiros), tu pagas?

- Pago.

Virei-me para o Sr. Otávio e perguntei:

- Tu faz para ele Cr$85,00 (oitenta e cinco cruzeiros) as seis cervejas?

- Faço - disse o Otávio.

O homem pagou, começamos a tomar e ele ainda fazia propaganda que ali se bebia a cerveja mais barata. Vamos aproveitar. Cada companheiro que chegava tinha que pagar meia dúzia. Eram cinco cervejas pretas e uma branca para mim. O pessoal continuava a chegar e beber. Alguns ainda iam no bar número 1 para perguntar o preço de meia dúzia de cervejas e quando diziam que era Cr$90,00 (noventa cruzeiros), voltavam para o bar número 2. Só se aceitava pagar meia dúzia no bar número 2 e se fosse uma garrafa, não vendiam. Quando terminava a cerveja, outro já era escalado para pagar. As garrafas vazias eram colocadas em cima do balcão, enfileiradas de meia em meia dúzia, para poder contá-las no final. Quando as garrafas vazias já ocupavam meio balcão, o pessoal falava:

- Vamos encher o balcão e fechar o bar deste lado.

Cada vez chegava mais bebedor e pagador de cervejas. Para encurtar a conversa, o povo veio todo para o bar número 2, ajudar a beber, com muito respeito, nada de jogar fora. Nestas alturas, já estávamos com 60 centímetros, por três metros de balcão, cheio de garrafas vazias. Faltava encher só mais meio metro de balcão. Já tínhamos bebido nove engradados de cerveja (216 garrafas) e faltava só trinta e seis garrafas para encher o balcão. Foi uma pena, mas não deu, porque o pessoal foi se entregando, alguns foram embora e ou-

tros caíram na estrada, dormindo por ali mesmo. E eu que não me sentia muito bem, já noite, peguei a bicicleta e fui para casa. Queria chegar bem direito, para minha mulher não desconfiar de nada. Cheguei na porta de casa, olhei para luz e parecia que a casa rodava. Eu estava de chapéu e bati na porta, baixando a cabeça por causa da luz. A minha mulher veio, abriu a porta devagarinho, ficou olhando para mim e eu de cabeça baixa, pensando que ela não viria abrir a porta, bati outra vez e não notei que estava batendo nela. Aí ela disse:

- Estais bêbado.

- Oh! Mulher, eu queria chegar bem direitinho e não deu certo.

Minha mulher passou a mão na minha bicicleta e eu fui deitar com os sapatos nos pés. O pior que a casa parecia estar rodando como uma pedra de tafona. Que agonia. Levei dois dias para ficar bom. No dia seguinte fui pagar a despesa para o Sr. Otávio, que importou em Cr$1.800,00 (um mil e oitocentos cruzeiros).

Terceira farra e última

A terceira farra começou assim: um domingo de tarde, nos juntamos, vários amigos e fizemos uma fogueira na pracinha, que ficava na frente de nossa igreja, aqui em São Gabriel - Treze de Maio. Fomos na venda, compramos carne e fizemos um churrasco. Depois foi chegando gente, a carne acabou e na venda não tinha mais. Muitos ficaram com fome. Aí lembraram que um italiano, vizinho, tinha carneado um porco e feito uma salamada. Fomos na sua casa e pedimos que vendesse alguns quilos de salame, para que pudéssemos assar, pois tinha faltado carne. Ele nos disse que vendia, só que não tinha balança. Nós usamos a cabeça e falamos para que ele nos vendesse a metro. Ele nos perguntou:

- E o preço?

- Nós pagamos 200,00 (duzentos cruzeiros) o metro.

Ele concordou, para nos servir. Compramos 3 metros no valor

de 600,00 (seiscentos cruzeiros). Depois de comer os 3 metros de salame, já de barriga cheia, fomos para o bar, que fica na frente do salão do Sr. Otávio. Lá começamos a tomar cerveja e todo mundo pagava, até que a farra engrossou. Depois começou a chegar gente de fora e nós ficamos com medo, porque alguns perderam a cabeça e começaram a jogar cerveja em cima dos outros, quebrar garrafas, copos e até virar mesas. Eu e meus companheiros corremos e acabou a farra. Eu gostava de farra, mas uma farra organizada e não colocar fora e quebrar coisas. Foi esta a última farra que fiz.

CAPÍTULO 36

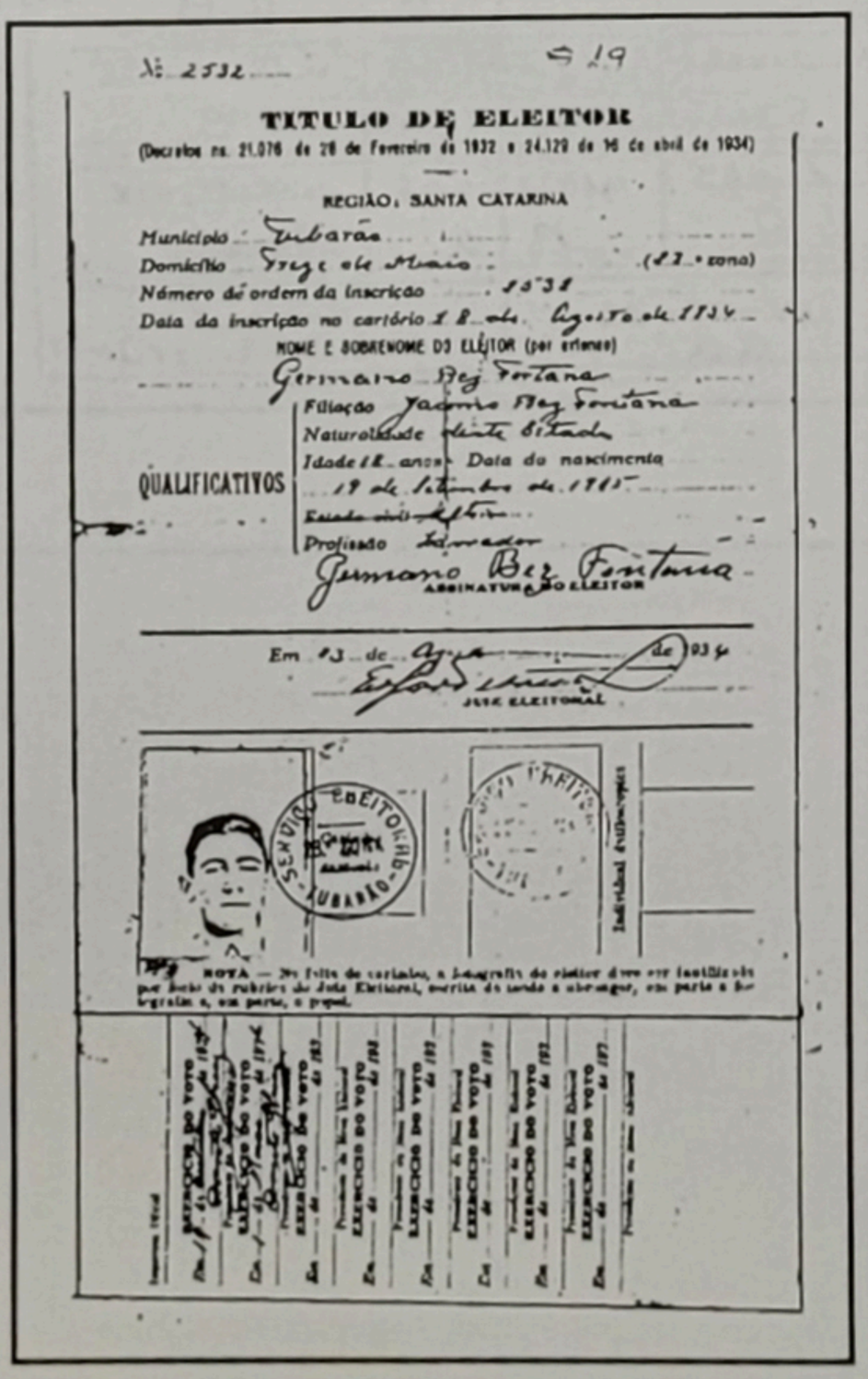
Título de eleitor

O primeiro título, tirei em 23 de agosto de 1934. Votei em 14-10-34 e em 01-03-36.

O segundo título tirei em 12 de setembro de 1945. Votei em 23-11-1947, 25-10-50 e 03-10-1954.

O terceiro título tirei em 15 de maio de 1957. Votei em 03-10-58, 03-10-60, 07-10-62, 06-01-63, 03-10-65, 15-11-66, 15-11-68, 30-11-69, 15-11-70, 15-11-72, 15-11-74, 15-11-76, 15-11-78 e 15-11-82.

O quarto título tirei em 18 de setembro de 1986. Votei em 15-11-86, 15-11-88, 15-11-89, 1º e 2º turno, pela primeira vez.



Nº 2532 — § 1º

TITULO DE ELEITOR

(Decretos ns. 21.076 de 24 de Fevereiro de 1932 e 24.129 de 16 de abril de 1934)

REGIÃO: SANTA CATARINA

Município: Tubarão

Domicílio: Praça 1º de Maio (83ª zona)

Número de ordem da inscrição: 10.381

Data da inscrição no cartório 1 de Agosto de 1934

NOME E SOBRENOME DO ELEITOR (por extenso)

Germano Bez Fontana

QUALIFICATIVOS

Filiação: Jacinto Bez Fontana

Naturalidade: Santa Catarina

Idade 18 anos. Data do nascimento: 19 de Setembro de 1915

Estado civil: Solteiro

Profissão: Lavrador

Germano Bez Fontana
ASSINATURA DO ELEITOR

Em 23 de Agosto de 1934

JUIZ ELEITORAL

SERVIÇO ELEITORAL - TUBARÃO

Individual datiloscópica

NOTA — No folha de corrimão, a datiloscopia do eleitor deve ser feita pelo dedo indicador direito e, em falta deste, pelo polegar, ou, em falta, o pequeno.

Impresso Oficial

Exercício do voto em 1934

Exercício do voto em 1936

Exercício do voto em 1945

Exercício do voto em 1947

Exercício do voto em 1950

Exercício do voto em 1954

Exercício do voto em 1957

TÍTULO DE ELEITOR

Nº 2296 Vol

Germano Bez Fontana

Barado Industrial 29 anos

Treze de Maio 19 de Setembro de 1915

Giacomo Bez Fontana e Prima Bez Fontana

Treze de Maio Sta Catarina

33 Zona Tubarão Sta Catarina

Germano Bez Fontana

12-9-46 Roberto Ramos

OBSERVAÇÕES

DOCUMENTO DE IDENTIDADE Certidão de casamento

Votou na eleição de 2-12-1945

Roberto Ramos Juiz

Rubrica do Juiz

Votou na eleição de 3 fevereiro de 1946.

Secção privada.

Rubrica do Juiz Ramos 3/10/55

Votou na eleição de 19-1-1947 Junho

Roberto Ramos Bezerra Junior

Rubrica do Juiz A Alvaro

Inscrito hoje em 23-11-947 nº 1 3ª



TÍTULO ELEITORAL

Revisado

Santa Catarina 8829

Tubarão 33ª ZONA

Germano Bez Fontana

1915-1975 Tubarão casado

Giacomo Bez Fontana e Prima Benedet Bez Fontana

Industrial Cubículo-13 de Maio

VOTA NA (50ª) Cinquenta Secção

Germano Bez Fontana

EM 31-X-57 Juiz M Mattia

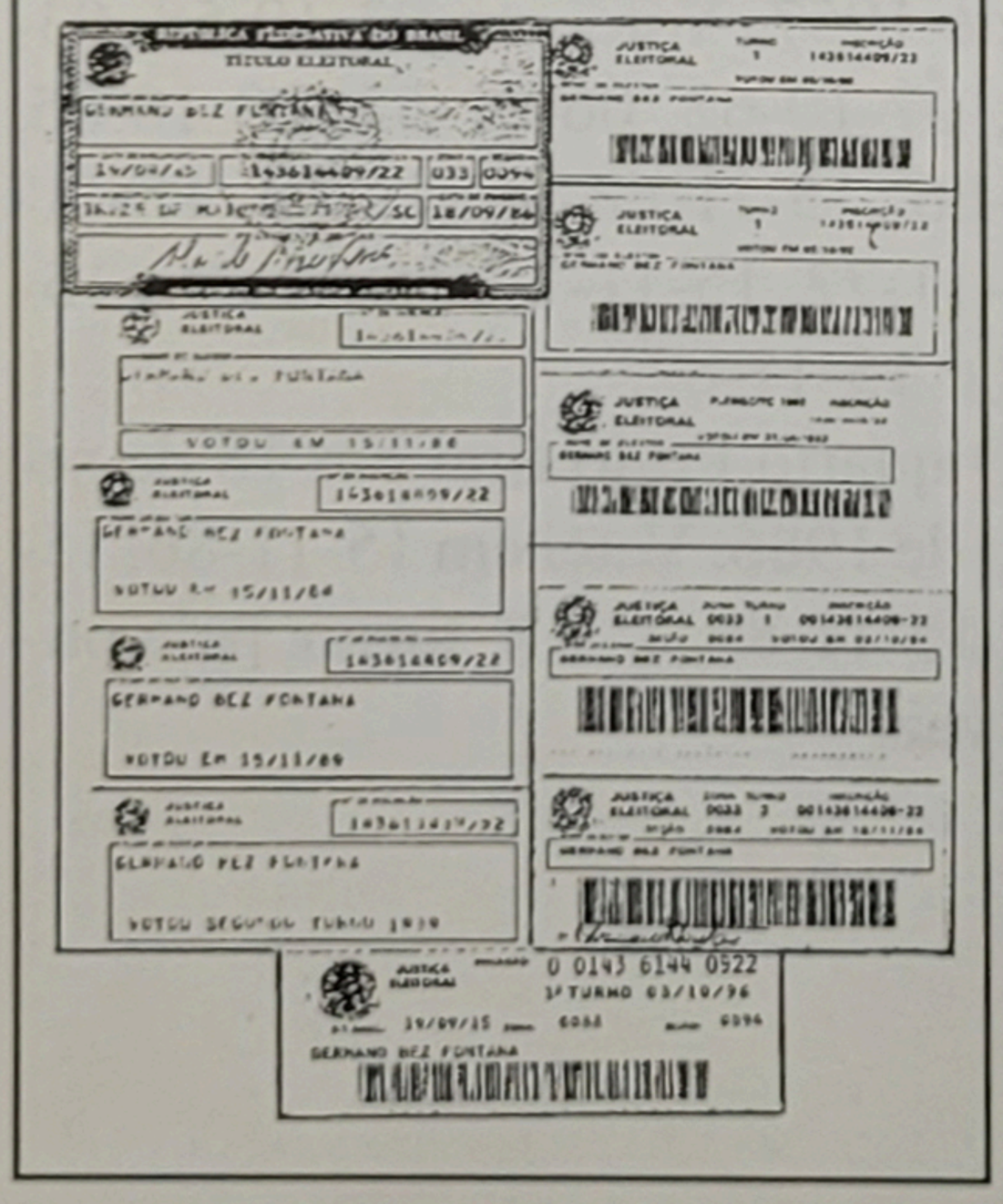
T. S. E. - Tipografia Diário Catarinense

VOTOU

Em 3/10/62	Em 3/10/65	Em 30/11/67
	B Q	B Q
Em 3/10/70	Em 15/11/66	Em 15/11/72
	B Q	B Q
Em 15/10/69	Em 15/11/68	Em 15/11/72
B Q Souza	B Q	B Q
Em 6/11/63	Em 15/11/68	Em 15/11/024
B Q	B Q	

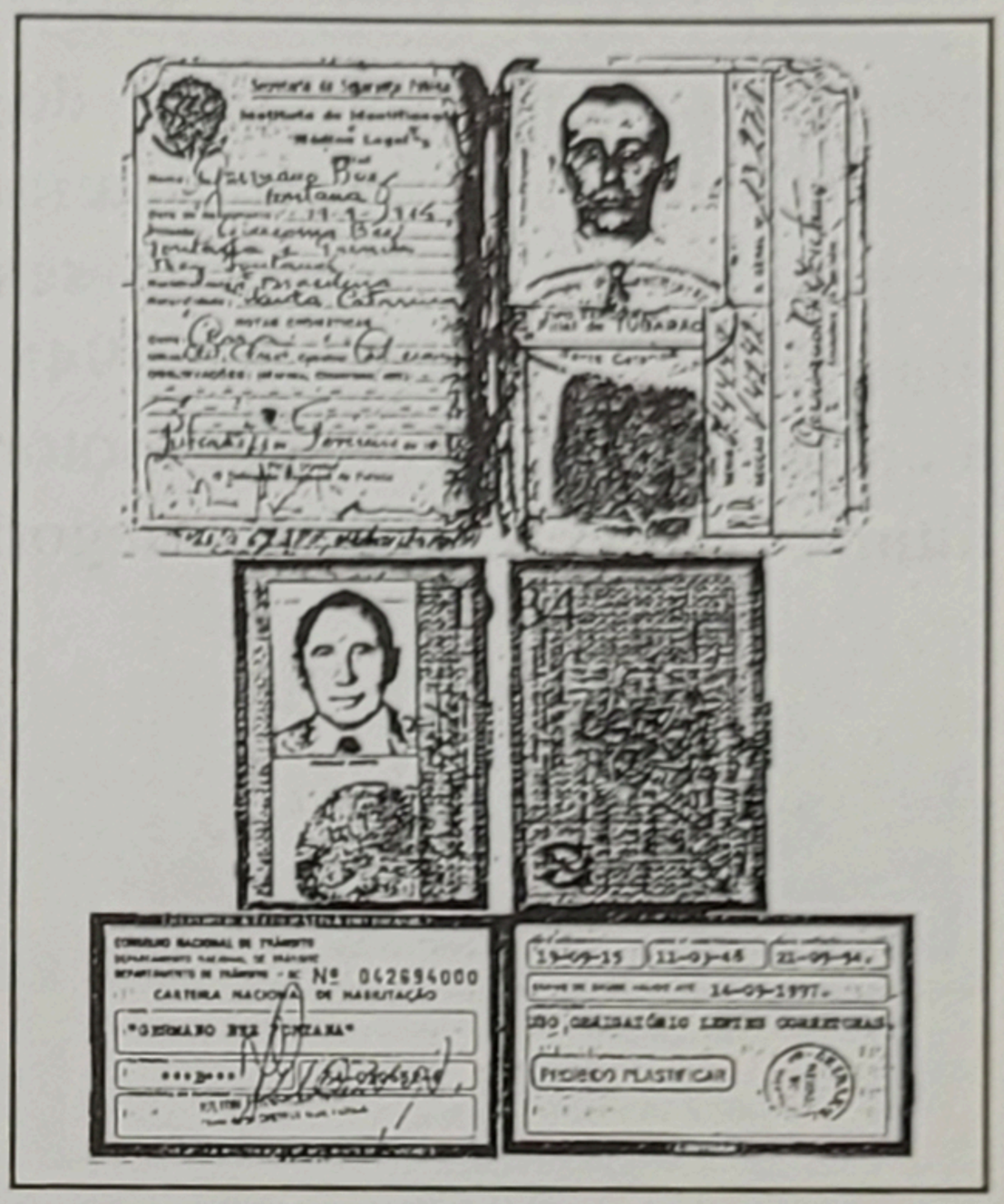
15-11-82 B Q

15-11-76 B Q S 15-11-78



Carteira de identidade

Tirei a primeira carteira de identidade em Tubarão, em 23 de fevereiro de 1948, número 13.271, renovada em 20-03-1980.



SUBDELEGACIA DE POLICIA DO DISTRITO DE " TREZE DE MAIO", DO MUNICIPIO E COMARCA DE TUBARAO, ESTADO DE SANTA CATARINA.

ATTESTADO.

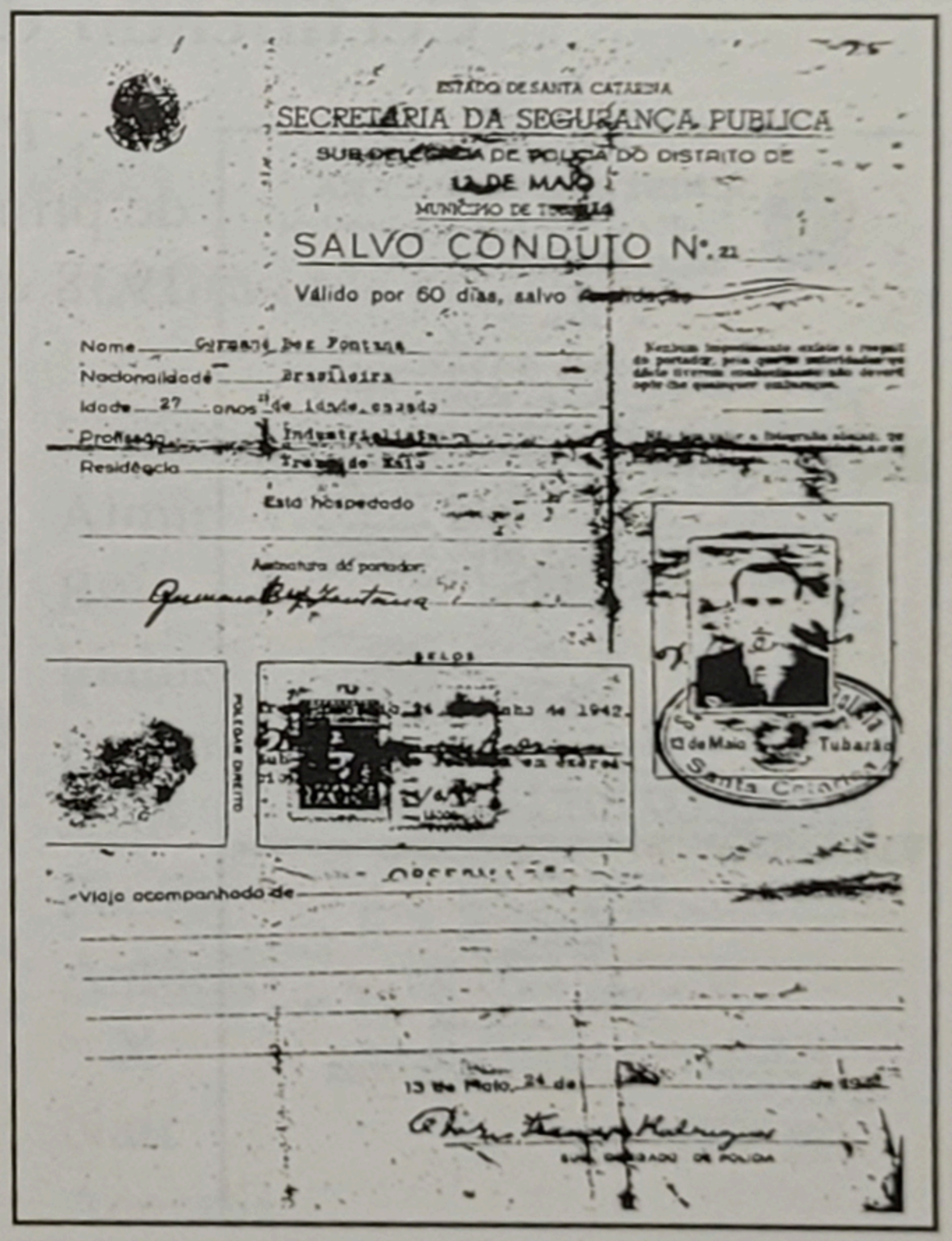
Attesto sob fé, de meu cargo que, Gercano Bez Pontana, de profissão marcineiro, solteiro, com vinte anos de idade, natural deste Estado domiciliado e residente neste distrito, é homem de bom comportamento, trabalhador e honesto, nada constando nesta subdelegacia, em desabono de sua pessoa.

Distrito de Treze de Maio, 5 de Março de 1948.

1º. Suplente de Subdelegado.

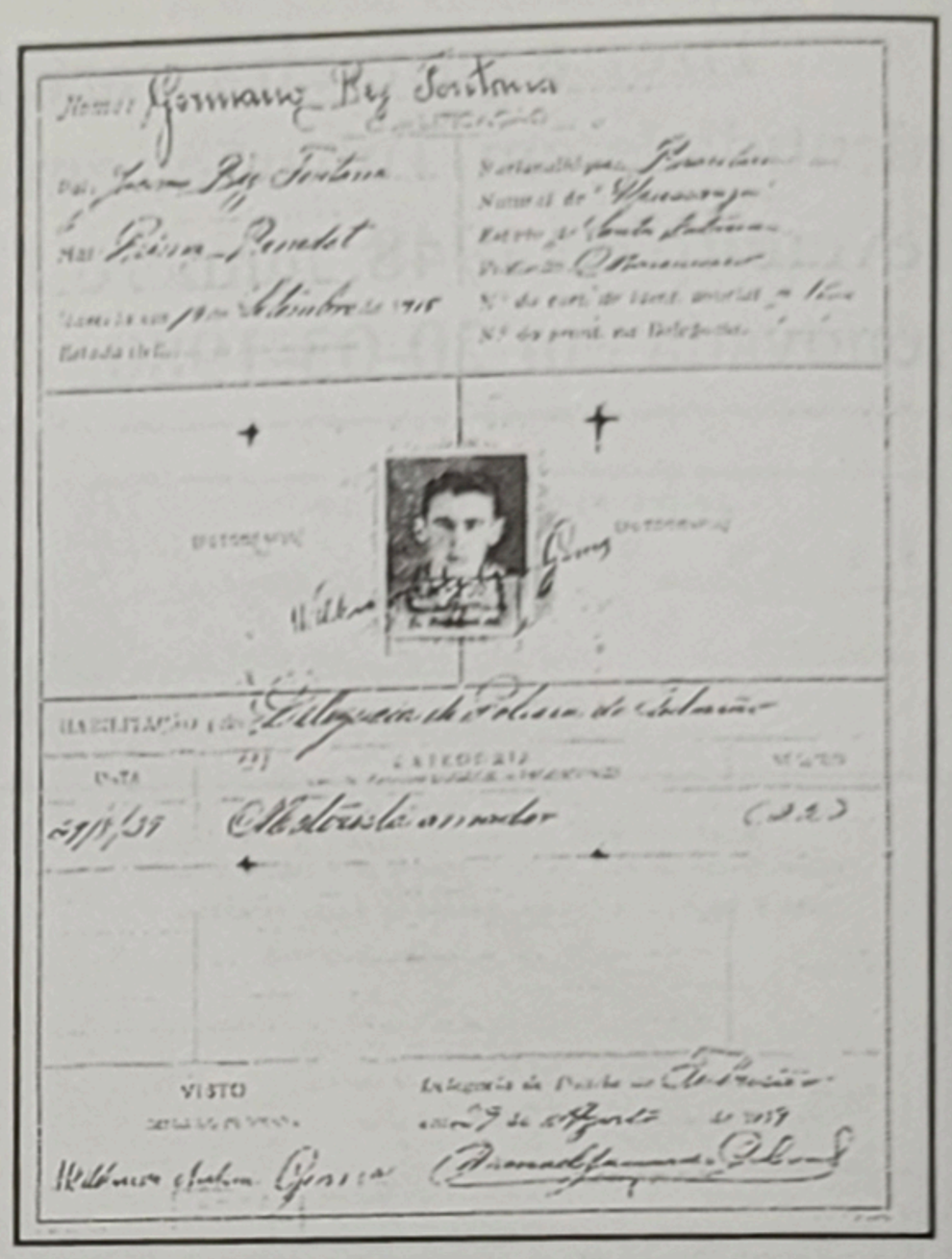
Visto.
Juiz de Paz, 5/3/1948





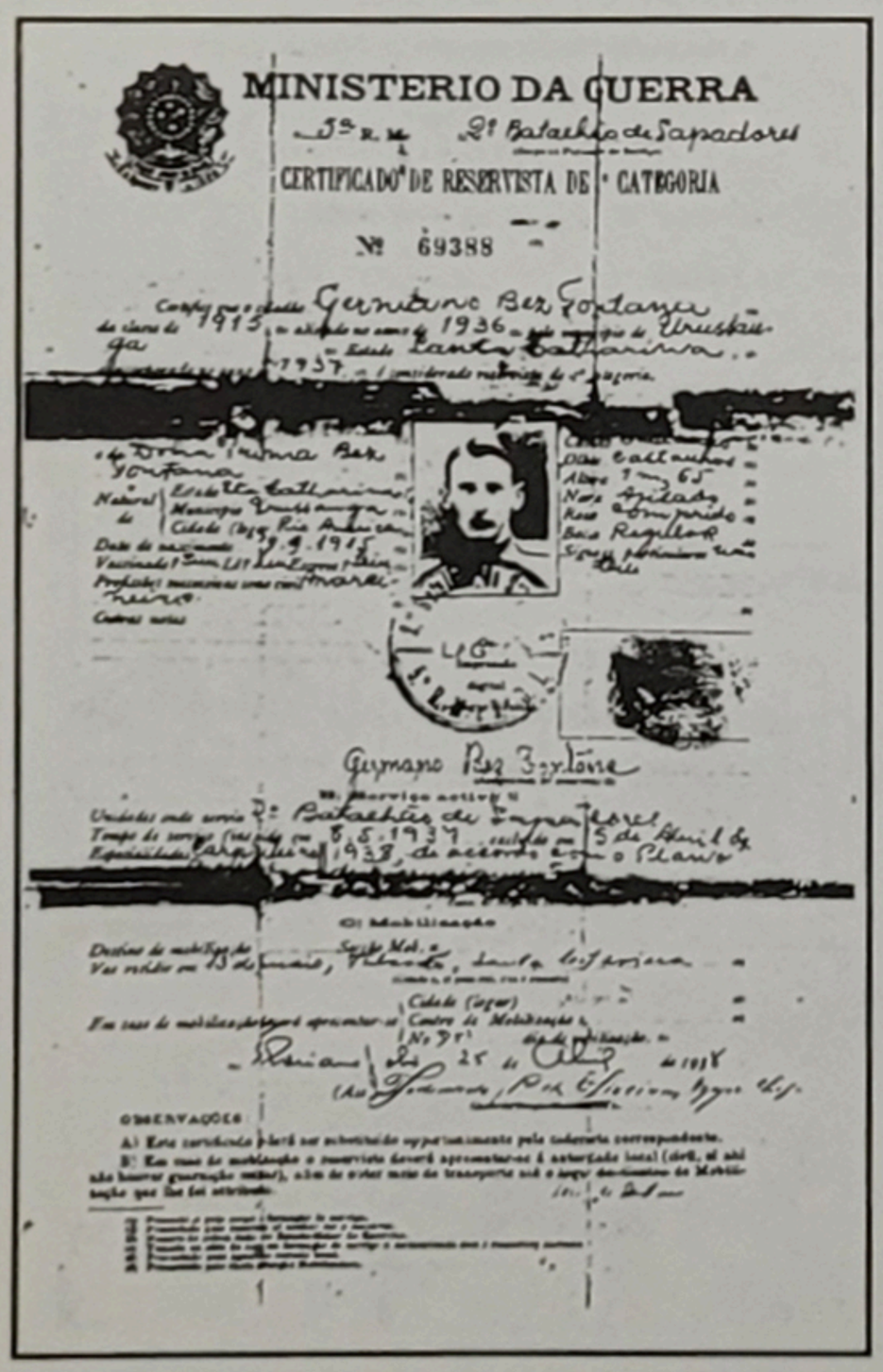
Carteira de motorista

De 1937 a 1942, eu dirigia automóveis sem carteira e em 24 de junho de 1942, tirei a primeira carteira provisória, revalidada a cada sessenta dias. Em 11 de março de 1948, tirei a carteira profissional de motorista, a última vez em 02-09-87, categoria C.



Certificado de reservista

Recebi o certificado de reservista de primeira categoria, em 25 de abril de 1938 em Florianópolis.



Passaporte

Tirei o primeiro passaporte em 26 de março de 1980, para fazer uma viagem para Europa, que começou em 11 de abril de 1980 e terminou 02-05-1980.





Afilhados

Afilhados de batismo	Afilhados de crisma
Jailto	Idalino
Walquiria	Almir
Leonete	Rui
Quintino	Idalino
Nelson	Bento
Karen	José
Rosélio	Pedro
Alcione	Antônio
Nelson	X
Manoel	Nair
Valdir	Acendina

Nilcéia
Zélia
Jaimor
Vanderléia
Abertina
Avair
Maria
Sérgio
Albertino
Valma
Adelir
Tomázia
Valdinha
Luíza
Neide
Total de afilhados: 36

Convites de casamento



Silvina Magagnin e
Otávio Bez Fontana

A partir de 1935 até 1963, não se usava fazer convite por escrito para casamentos, pois era feito pessoalmente em casas das famílias, pelos pais dos noivos, ou pelos noivos. Neste período, que nós nos lembramos, fomos convidados para 164 casamentos. De 1963 a 1996, a maioria dos convites eram feitos por escrito. Conforme a lista, são 90 convites, perfazendo um total de 254 e muitas dezenas nós éramos testemunhas. Neste total, 252 casaram-se na igreja católica e apenas 2 na igreja protestante. Dia de semana, só 2 casaram-se, na sexta-feira e 252 casaram-se no sábado.



Amabile Carara e
Alfredo Bez Fontana

Abrindo meu fichário, encontrei os convites endereçados a mim e a minha esposa, que nos convidavam para os seguintes casamentos:



Aulina Dandolini e
Gentil Bez Fontana



Vitória Parisi
e Hugo Trento



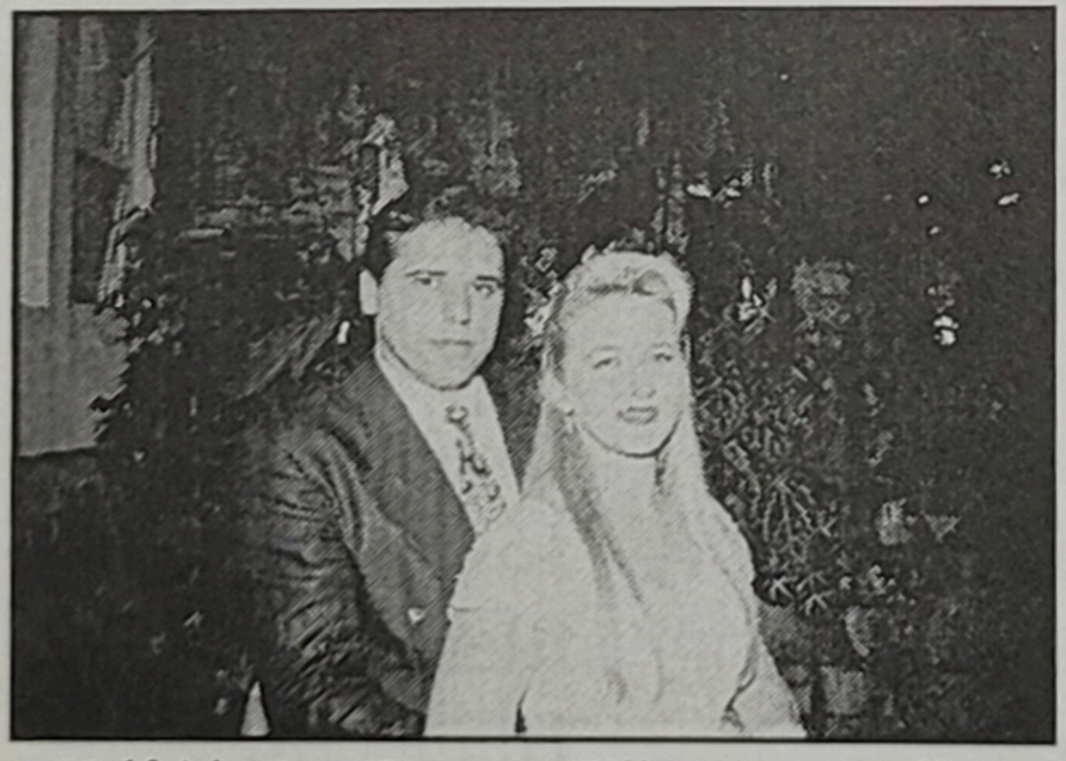
Unizia Bez Fontana e
Divino Guarezi

Data do casamento	Nome da Noiva	Nome do noivo
02-12-53	Vilma	Vilson
27-11-59	Elza	Idalino
16-12-61	Marília	Mauro
23-02-63	Maria	Jaime
09-11-63	Zeli	Jair
18-04-64	Lourdes	Arvelino
22-06-68	Maria	Jovenil
29-06-68	Valmíria	Fanor
02-09-68	Isolete	Quintino
12-10-68	Claudete	Nelson
25-01-69	Ana	Valter

26-12-70	Ivonete	Valfrido
20-02-71	Adelina	Pedrinho
08-05-71	Lenira	Claudionor
27-07-74	Marina	Gilberto
14-12-74	Vilma	Romeu
06-12-75	Eleonor	Adonis
21-02-76	Marlete	Paulo
16-10-76	Luíza	Hélio
30-04-77	Léa	Raimundo
18-06-77	Alcione	Orlando
24-09-77	Maria	Alcides
21-01-78	Marlene	Pedrinho
25-02-78	Joana	Jaimor
27-05-78	Albertina	Agostinho
29-07-78	Ana	Nilton
25-11-78	Dione	Renato
30-12-78	Rosane	Silvestre
12-05-79	Arlete	Sérgio
21-07-79	Ivair	Cézar
20-10-79	Neiva	Jorge
05-01-80	Deline	Antônio
12-04-80	Voanir	Nivaldo
19-07-80	Zulema	Vânio
13-12-80	Maria	Gilson
03-01-81	Siomira	Vilberto
17-01-81	Janice	João
05-12-81	Adilce	João
02-01-82	Maristela	Jorge
20-02-82	Vera	Wilson
15-05-82	Maria	Ademir
04-09-82	Celita	Atívio
18-12-82	Eliete	Roberto

18-06-83	Maria	Élcio
02-07-83	Maria	Anésio
03-09-83	Isabel	José
10-09-83	Cione	Antônio
18-02-84	Zenir	Jerson
28-04-84	Cleusa	Celito
23-06-84	Rosane	Eduardo
23-06-84	Natália	Jucelino
30-06-84	Diléia	Jairo
22-12-84	Laudicéia	Humberto
18-05-85	Gorete	Nilson
25-05-85	Marlene	Vilson
01-06-85	Salete	Reinaldo
08-06-85	Maria	Roberto
14-09-85	Cláudia	Max
12-10-85	Neusa	Hildebrando
09-11-85	Edna	Olvacir
28-06-86	Evanise	Cloacir
18-10-86	Rosimere	Rubens
22-11-86	Edna	Rutinaldo
25-04-87	Aparecida	Antônio
02-05-87	Albertina	José
22-08-87	Eliane	Elemar
10-10-87	Nadir	Humberto
28-11-87	Vanilda	Márcio
12-12-87	Márcia	Elias
19-12-87	Rogéria	José
10-09-88	Jacira	Jorge
24-09-88	Denise	José
05-11-88	Isolda	Darci
03-12-88	Fabiana	Ilson
08-09-90	Sônia	José

15-09-90	Clélia	Valério
26-10-90	Rejane	Nelson
25-05-91	Mara	Aluir
09-11-91	Rosane	Edson
05-06-93	Maria	Manoel
11-09-93	Vanderléia	Moacir
28-05-94	Edla	Jailson
16-07-94	Luíza	Jucinei
10-09-94	Selma	Germano
08-10-94	Sandra	Jailto
10-12-94	Rosalir	João
30-12-94	Simone	Valfrido
31-12-94	Gleice	João
27-07-96	Maysa	José
16-11-96	Jucinéia	Gilmar



Valfrido Bez Fontana Filho e sua mulher Simone. Primeiro Casamento de um neto.



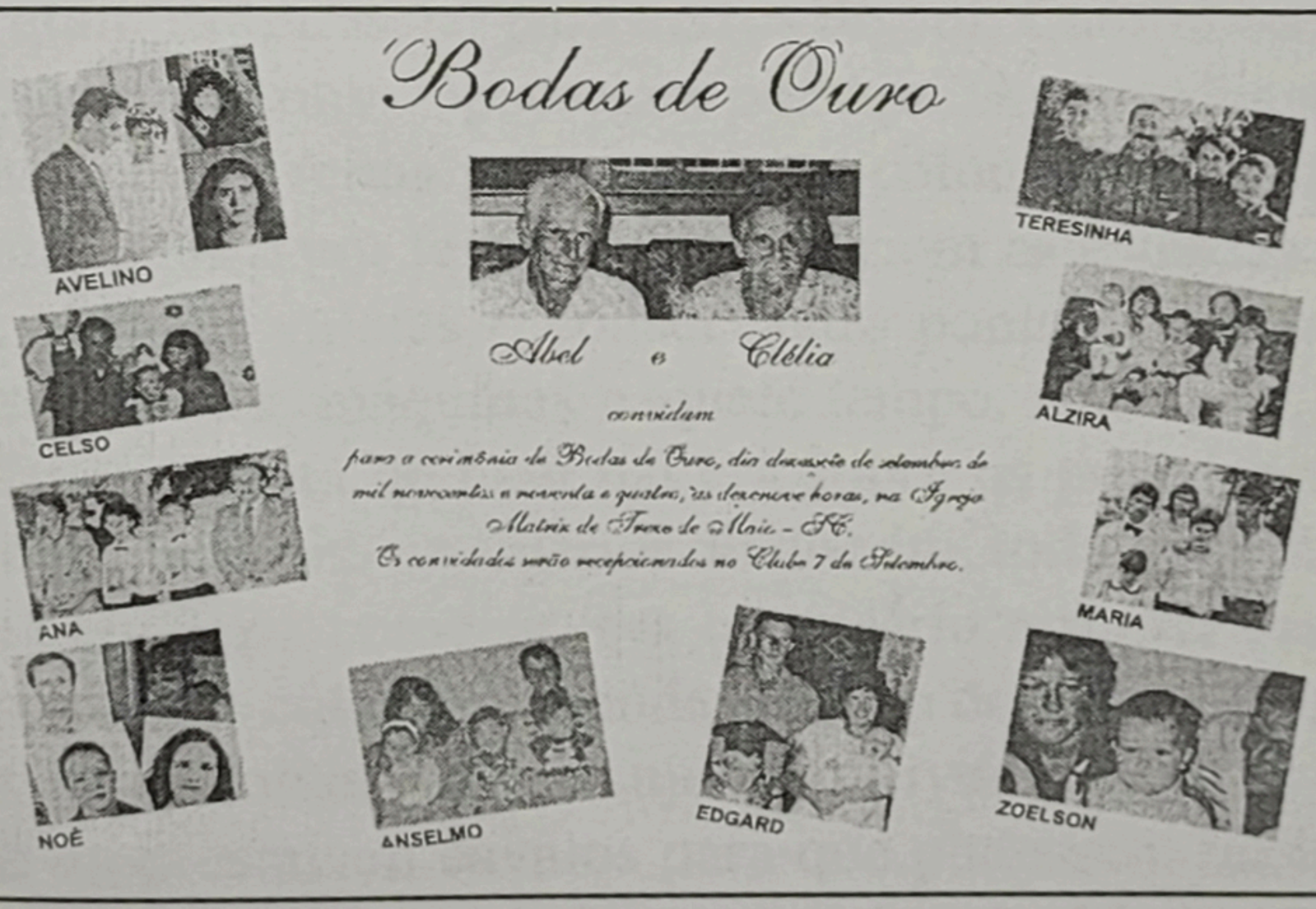
Minha neta Maysa Botega Fontana
José dos Passos Medeiros da Silva.

Bodas de prata

27-04-92	Valma	Jair
02-10-93	Isolete	Quintino
13-01-96	Margarida	Valdecir

Bodas de ouro

10-02-40	Ermínea	Luiz
10-07-90	Felícia	Germano
18-06-92	Aulina	Gentil
20-04-94	Iolanda	Zelindro
17-09-94	Clélia	Abel
21-09-96	Antinesca	Luiz



Capítulo 37

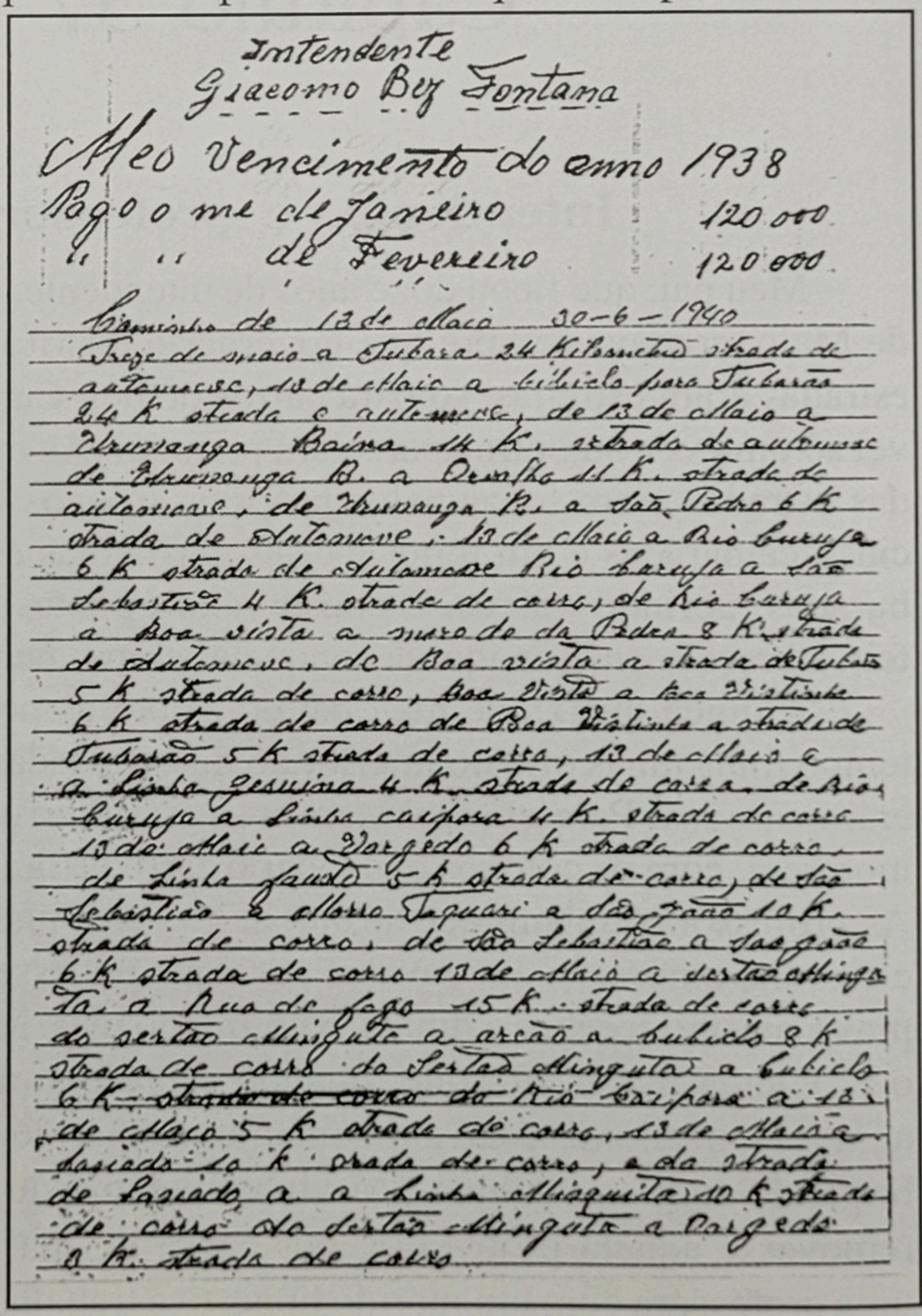
Intendente e professoras

Meu pai, que ficou doze anos de intendente, no distrito de Treze de Maio, contava sempre que governar o distrito não era difícil. As estradas eram estreitas, só para carros de boi. Caminhão ou automóvel só uma vez ou outra apareciam por aqui. As roçadas nas margens das estradas eram feitas pelos próprios colonos. Meu pai arrumava cinco camaradas e um feitor e estes corriam as estradas, tapando os buracos, abrindo valetas e conservando pontes. Os serviços eram feitos braçalmente, máquinas naquele tempo, nem falar.

A única queixa de meu pai era sobre os professores. Naquele tempo tinha umas oito no interior do distrito, todas de fora e em geral eram casadas. Para começar, era necessário arrumar casa para elas morarem, com os colonos e mandar o carro de boi buscar a mudança. As professoras tinham que se sujeitar a viver junto com os colonos, e eles lhe emprestavam cavalos para que pudessem fazer suas compras e mesmo receber o dinheiro no fim do mês. Meu pai contava que o problema maior, era que, quando a professora ensinava bem os alunos e os colonos estavam contentes, o marido não prestava, vivia brigando com os vizinhos. Aí vinha reclamação, para que meu pai removesse aquela professora, por causa do marido. Quando vinha uma professora com um marido honesto e trabalhador, que vivia bem

com os colonos, a professora não ensinava os alunos e também tinha que removê-la, porque ela não prestava. Assim era todos os anos.

Era fácil identificar o casal de colono e o casal em que ela era professora. Quando passava um homem carregando uma mala em cima do ombro, feita de riscado e uma mulher do lado, carregando uma criança no colo, a gente já sabia que era um casal de colonos. Mas quando passava um homem com a mala na mão, a criança no colo e a mulher do lado, a gente sabia que era uma professora. Naquele tempo, nos dizíamos que professora do interior só casava com vadio, porque ele tinha que acompanhá-la sempre, para onde ela era removida. Nunca tinha morada certa.


Intendente
Giacomo Bez Fontana

Mez Vencimento do anno 1938
Pago o mez de Janeiro 120 000
" " de Fevereiro 120 000

Caminho de 13 de Maio 30-6-1940
Treze de maio a Tubarão 24 Kilometros estrada de automovel, 13 de Maio a Cidade para Tubarão 24 K estrada e automovel, de 13 de Maio a Urussanga Baixa 14 K. estrada de automovel de Urussanga B. a Orleans 11 K. estrada de automovel, de Urussanga B. a São Pedro 6 K estrada de Automovel; 13 de Maio a Rio Carneiro 6 K estrada de Automovel Rio Carneiro a São Sebastião 4 K. estrada de carro, de Rio Carneiro a Boa vista a mesma de 8 K. estrada de Automovel, de Boa vista a estrada de Tubarão 5 K estrada de carro, Boa Vista a Boa Vistinha 6 K estrada de carro de Boa Vistinha a estrada de Tubarão 5 K estrada de carro, 13 de Maio a Linha Jesuina 4 K. estrada de carro de Rio Carneiro a Linha caripora 4 K. estrada de carro 13 de Maio a Morgedo 6 K estrada de carro de Linha Fausto 5 K estrada de carro, de São Sebastião a Morro Jaguari a São João 10 K. estrada de carro; de São Sebastião a São José 6 K estrada de carro 13 de Maio a certão Alto Fica a Rua de fogo 15 K. estrada de carro do certão Alto Mingote a arcão a Cubicho 8 K estrada de carro do Certão Alto Mingote a Cubicho 6 K ~~estrada de carro~~ do Rio Caripora a 13 de Maio 5 K estrada de carro, 13 de Maio a Lasiado 10 K estrada de carro, e da estrada de Lasiado a a Linha Alto Mingote 10 K estrada de carro do certão Alto Mingote a Morgedo 8 K estrada de carro

Os anos passaram e as coisas mudaram. Hoje as professoras moram em suas casas, o marido trabalha no seu emprego e condução não falta. Alguns vão para escola de ônibus, outras de motocicleta e até de automóvel.

História de uma normalista

A minha filha, Valmíria Dandolini Bez Fontana, nascida em 17 de março de 1947 ficou interna, em 1954, no Jardim de Infância de Urussanga. Ali ela fez também a sua primeira comunhão, no dia 15 de agosto de 1954.

De 1955 a 1958, ela ficou interna no colégio em São Ludgero. Lá, ela fez em quatro anos o primário (naquela época o primário era feita em cinco anos), pois quem estava bem adiantado, pulava do terceiro para o quinto ano.

De 1959 a 1962, ela ficou no internato do colégio "São José" de Tubarão, onde fez o ginásio.

Em 1963, ficou no internato do Ginásio "Sagrada Família" em Blumenau, durante um ano, onde tirou o certificado de Economia Doméstica.

Em 1964 permaneceu em casa, na residência dos pais, em São Gabriel, Treze de Maio.

De 1965 a 1967, permaneceu em semi-internato no pensionato das irmãs religiosas, próximo ao Edifício Dom Joaquim e estudava no Colégio Normal "São José", onde tirou o diploma de normalista.

Para ingressar como professora, tinha que ir para Florianópolis para escolher vaga. Às vezes, levava-se três dias para escolher vaga, dependendo da média. No Sul do Estado não tinha mais vaga, teria que ir para o Norte do Estado.

Como era longe, Valmíria reuniu-se com mais duas colegas a Benilde Cardoso e a Nair Martins de Oliveira, para escolherem vagas as três, na mesma escola. Eu que conhecia bem a região Norte e Oeste do Estado, fui junto, para orientá-las na escolha de vagas num colégio só.

Elas eram chamadas pelas notas de estudo, que eram diferentes de uma para outra. Então, aquela que era chamada primeiro, pedia licença para esperar pela chamada das outras.

Assim, quando chegou a vez das três, só tinha um lugar com quatro vagas num colégio do Município de Lebon Régis, que ficava a 140 quilômetros de Lages, pertencendo a Inspetoria de Curitibanos. Embora um lugar novo, o colégio era administrado por irmãs religiosas.

No dia em que elas foram assumir a vaga, nós, pais, alugamos uma rural de propriedade de Mário Guarezi e fomos em oito pessoas, porque a mãe de Benilda levou junto um filho menor.

Chegamos em Ponte Alta à noite. Jantamos e dormimos no hotel, sem imaginarmos que no dia seguinte 13 de março de 1968, elas iriam assumir a vaga ali mesmo, no colégio de Ponte Alta. De manhã, depois do café, fomos direto para Curitibanos onde falamos com a Inspetora da Educação, dona Zenaide Maria Schimitt Pereira da Costa, apresentando as professoras. A Inspetora era muito querida e alegre. Fomos muito bem recebidos por ela.

A Inspetora fez logo uma proposta. Perguntou se as três queriam trocar a vaga de Lebon Régis, pelo colégio de Ponta Alta, que ficava a apenas 40 quilômetros de Lages, muito mais perto para nós. O colégio ficava perto da Igreja e ao lado da BR-116.

A Inspetora explicou porque a troca. Umas moças de Lages requereram as vagas do Colégio, depois pegaram emprego na cidade e desistiram, ficando o Colégio com 4 vagas. Ela ainda nos sugeriu que fôssemos visitar os dois colégios e aí fizéssemos a escolha. Boa proposta.

Nós fomos para Lebon Régis, para conhecer o lugar e almoçamos lá. Um ótimo lugar. Conhecemos o Colégio.

Depois voltamos para Ponte Alta, uns 100 quilômetros de distância, para conhecer também o estabelecimento de ensino daquele lugar.

O nosso motorista, Mário Guarezi, disse:

- Vocês ainda vão pensar? Escolham logo este lugar maravilhoso. E enquanto vocês se arrumam aqui, eu vou voltar para Curitibanos e falar com a Inspetora, da possibilidade de transferir a minha

filha Ana, que está lotada no interior de Concórdia, para Ponte Alta, junto com vocês.

A Inspetora achou difícil a troca, em virtude de Concórdia pertencer a outra Inspetoria. Seria o caso de muita demora e seu Mário voltou desanimado.

Nós, pais, deixamos as filhas lá no colégio e viemos embora. Na viagem de volta, pensávamos: quanto tempo será que levaria, para abrirem três vagas no Sul do Estado e para trazermos as filhas de volta, algumas já com namorado?

Poucos dias depois, eu fui informado que aqui em Treze de Maio abriu uma vaga, aonde estava lotada a senhora Elza Fretta May, esposa de Paulo Osni May e filha do meu grande amigo Idalino Fretta, ambos filiados no Partido Social Democrático- PSD. PSD até debaixo d'água, como diziam nossos partidários. Éramos dois ex-vereadores de Tubarão.

Eu fui falar com Idalino e saber se de fato a filha dele ia desistir, ficando uma vaga em Treze de Maio. Idalino fez imediatamente um bilhete e deu para mim ir falar direto com a filha dele, Dona Elza.

Chegando no apartamento de dona Elza, entreguei o bilhete do pai dela, ela leu e disse:

- Que pena, já desisti. Ela já tinha entregue ao Inspetor o ofício pedindo desistência.

Eu volto no Idalino desanimado. Idalino fez outro bilhete, desta vez para o Inspetor e o entregou para mim, para que eu o levasse.

Chegando na Inspetoria, entregou o bilhete para o Inspetor e ele me disse que dona Elza já tinha desistido, mas que o ofício ainda ainda estava com ele e podia anular. Opa, aí melhorou.

O Inspetor faz outro ofício para dona Elza assinar, fazendo permuta com minha filha Valmíria.

Após ele me pediu que eu fosse a Curitibanos, pedir um comprovante de como a minha filha estava lotada lá, naquela Inspetoria.

Aí, eu convidei José Antônio Cardoso, pai de Benilde, para ir

junto. Fomos com a minha caminhonete Toyota. Chegando lá, fomos muito bem recebidos pela Inspetora, dona Zenaide Maria Pereira da Costa, onde falei sobre a permuta.

Eu disse a ela, que quando a permuta ficasse pronta, eu voltaria para pegar a filha. Ela perguntou:

- O senhor não vai levar a sua filha?

Eu disse que não, porque a permuta ainda não estava confirmada, pois dependeria daquele ofício que eu levava em mãos. Ela falou:

- O senhor não tem um deputado?

- Tenho, respondi.

- E qual é o deputado do senhor?

- É o Valdemar Salles, do meu partido, PSD.

Ela deu uma gargalhada e disse:

- Leva a tua filha, pois o Deputado Valdemar Salles manda igual ao governador. Leva a tua filha que ele dá um jeito e o senhor não precisa gastar com outra viagem.

Eu agradeci muito e voltamos para Ponte Alta. Seu José, o pai da Benilde, também resolveu trazer a filha dele junto com a minha, para ocupar uma vaga em Tubarão. Ao chegarmos em Ponta Alta, avisamos as filhas para se arrumarem, para viajar. Das três, ficava lá só a Nair de Oliveira.

O pior, foi quando as duas foram se despedir da colega Nair. Eu fiquei com pena dela, pois ela chegou a chorar e não era para menos, ia ficar lá sozinha.

Eu lembro que, quando descemos a serra do Doze de noite havia uma serração tão fechada, que não se enxergava nem dois metros na frente dos faróis. Engatei na marcha e desci a serra toda na primeira, guiando com a cabeça fora da janela. Quando fazia a curva à direita, o meu companheiro me guiava e tinha hora que tinha que parar, para ver a estrada.

Quando chegamos no posto fiscal embaixo da serra, a pessoa que ali se encontrava disse que foi muita coragem descermos com aquela

serração fechada, falando ainda que naquela noite, não desceria ninguém. Quando nós entramos na serração, pensávamos que era um trecho curto, por isso arriscamos, pois dormir lá seria pior.

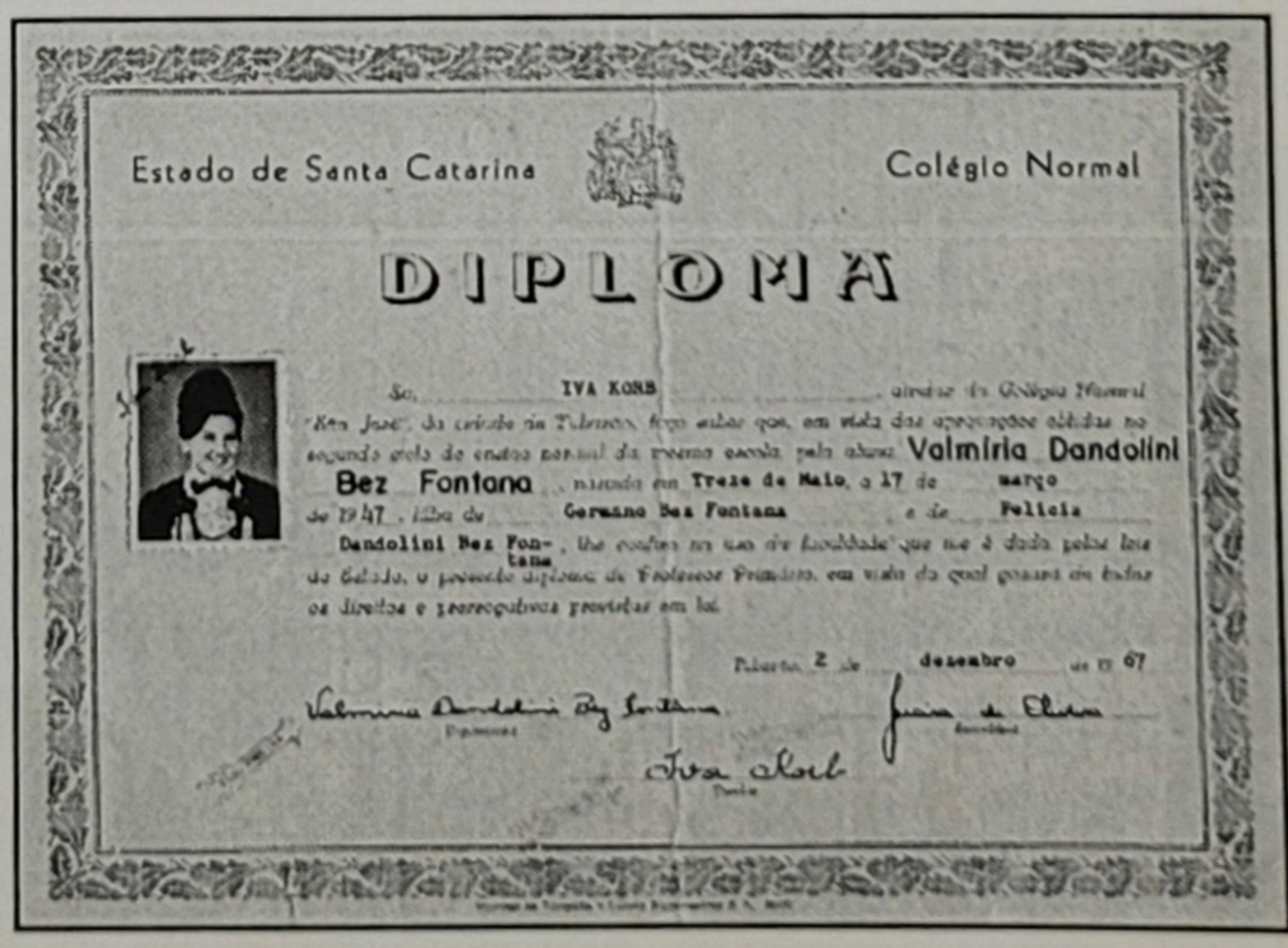
Dias depois de chegar em casa e enquanto aguardava a permuta, Valmíria lecionava provisoriamente no colégio "Monsenhor Bernardo Peters", na cidade de Treze de Maio.

Procurei o nosso deputado Valdemar Salles e fui informado que ele estava em Treze de Maio. Chegando em Treze de Maio, falei com o prefeito Luiz Nandi e este me disse que o deputado estava em Morro da Fumaça. Era um domingo. Eu com o prefeito fomos no Morro da Fumaça e lá encontramos o deputado Valdemar Salles na rua, junto com a caravana do PSD. Ele me olhou, viu que eu estava com um ofício na mão e disse logo:

- Me dá aqui esta porcaria, eu sei o que tu queres, é a permuta da filha. Pode ficar descansado, que dentro de poucos dias tudo estará resolvido.

Este é que era um deputado. Lá no norte do Estado, ele era conhecido como o "Governador".

Em 29 de junho do mesmo ano de 1968, Valmíria casa com o Fanor Réchia, hoje Exator Estadual aposentado. Como se vê, Valmíria, depois dos seis anos de idade, só permaneceu em casa nas férias e no ano de 1964. Ficou interna durante 13 anos e no mesmo ano que escolheu vaga como professora, casou.

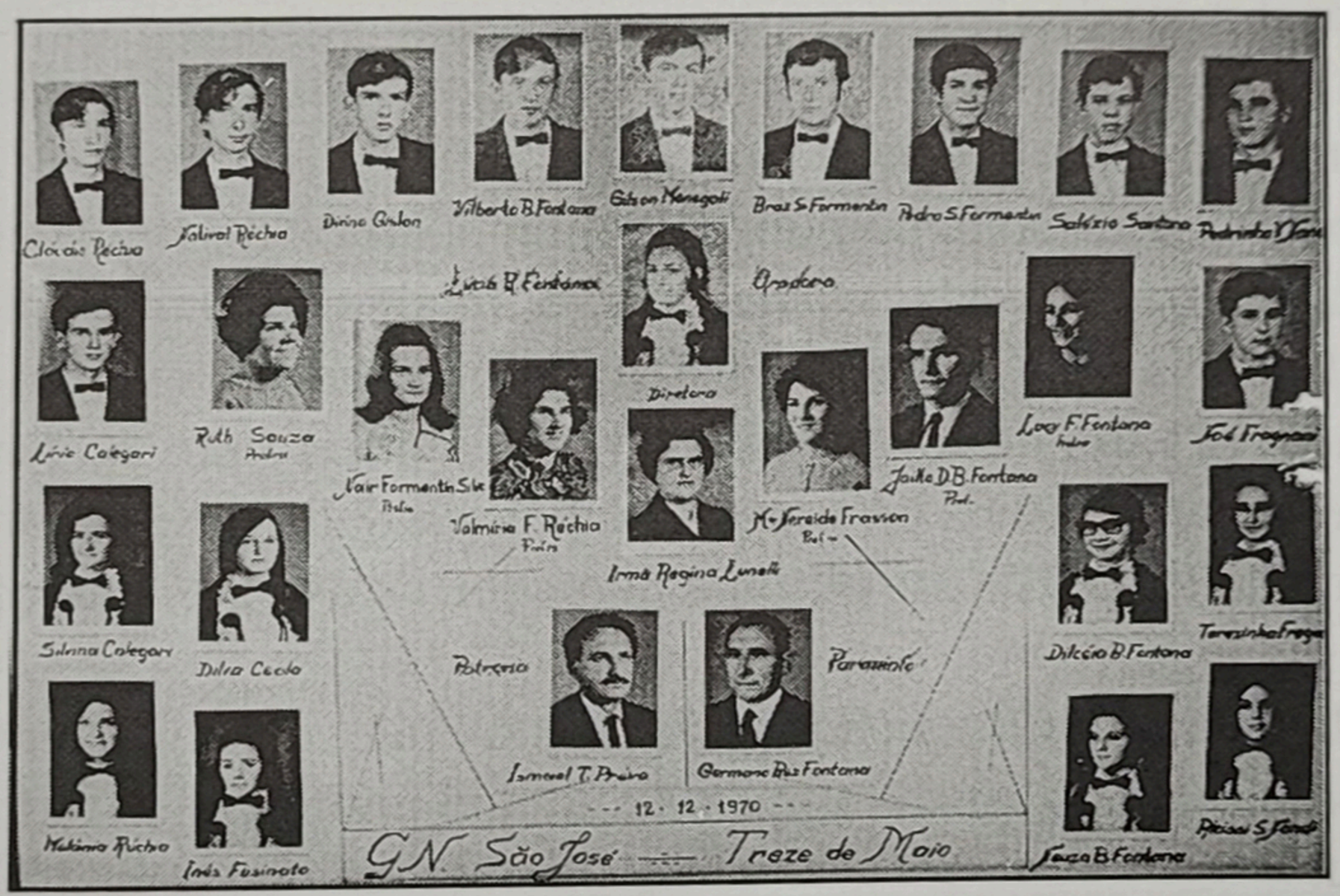


Estado de Santa Catarina — Colégio Normal

DIPLOMA

Depois de casada ela fez a faculdade, formou-se em Estudos Sociais, em 16 de dezembro de 1976 e agora em 1995, que estou escrevendo a história,

Valmíria já está aposentada e reside em Treze de Maio. Tem duas filhas: Karen Christine e Alessandra, que estão estudando em Florianópolis.



Capítulo 38

Plano Brasil Novo

No plano Brasil Novo, de 15 de março de 1990, em que foi bloqueado o dinheiro depositado nos bancos (poupança, over), faltou dinheiro nas indústrias para compra de material. Como solução, muitos inventaram de trocar material. Ex.: uma indústria tinha tábuas de sobra, mas não tinha compensado. Outras tinham compensado, mas não tinham tábuas. Assim, trocavam tábuas por compensado e vice-versa, sem precisar de dinheiro. E aí puderam trabalhar algum tempo, sem parar com a fábrica.

Quatro pagam sua conta sem dinheiro

Eu contratei o carpinteiro, Sr. Olavo Simão, por Cr$3.000,00 (três mil cruzeiros) ao mês e pagaria no dia cinco do mês seguinte. Acontece que ele tinha conta para pagar de Cr$1.600,00 (um mil e seiscentos cruzeiros) para um colono, que venceria no dia quinze, antes de receber seu pagamento. Ele não queria me pedir dinheiro adiantado, mas o colono queria receber para pagar um arado que comprou do ferreiro. Acontece que o carpinteiro trabalhava ao lado da ferraria e em conversa com o ferreiro, descobriu que ele pagava para mim o aluguel da ferraria, que era também de Cr$1.600,00 (um

mil e seiscentos cruzeiros). Então, o carpinteiro me fez a seguinte proposta: que eu marcasse no meu livro, que tinha recebido o aluguel daquele mês e marcasse na conta dele um adiantamento de Cr$1.600,00 (um mil e seiscentos cruzeiros). Assim ele não precisava dar o dinheiro para o colono, o colono não precisava pagar o ferreiro, isto porque o ferreiro ficou com Cr$1.600,00 que não precisou me pagar, porque foi descontado do pagamento dele. O carpinteiro usou da inteligência e assim quatro pessoas pagaram suas dívidas, sem mexer no dinheiro. Quando a crise é ruim precisa-se usar a cabeça.

Televisão em Santa Cruz

Conforme diz o professor Antônio Bardini, no seu livro sobre o "Centenário de Santa Cruz", em Treze de Maio-SC, em 1970 existia naquela comunidade apenas um televisor e em 1987, já tinham vinte e seis televisores.

Estamos na era da parabólica

A primeira parabólica no município de Treze de Maio, foi instalada na minha casa, em São Gabriel, na data de 22 de setembro de 1989. Um ano depois, em 1990, já existem umas trintas antenas parabólicas instaladas no município. Também o vídeocassete está disparando no interior.

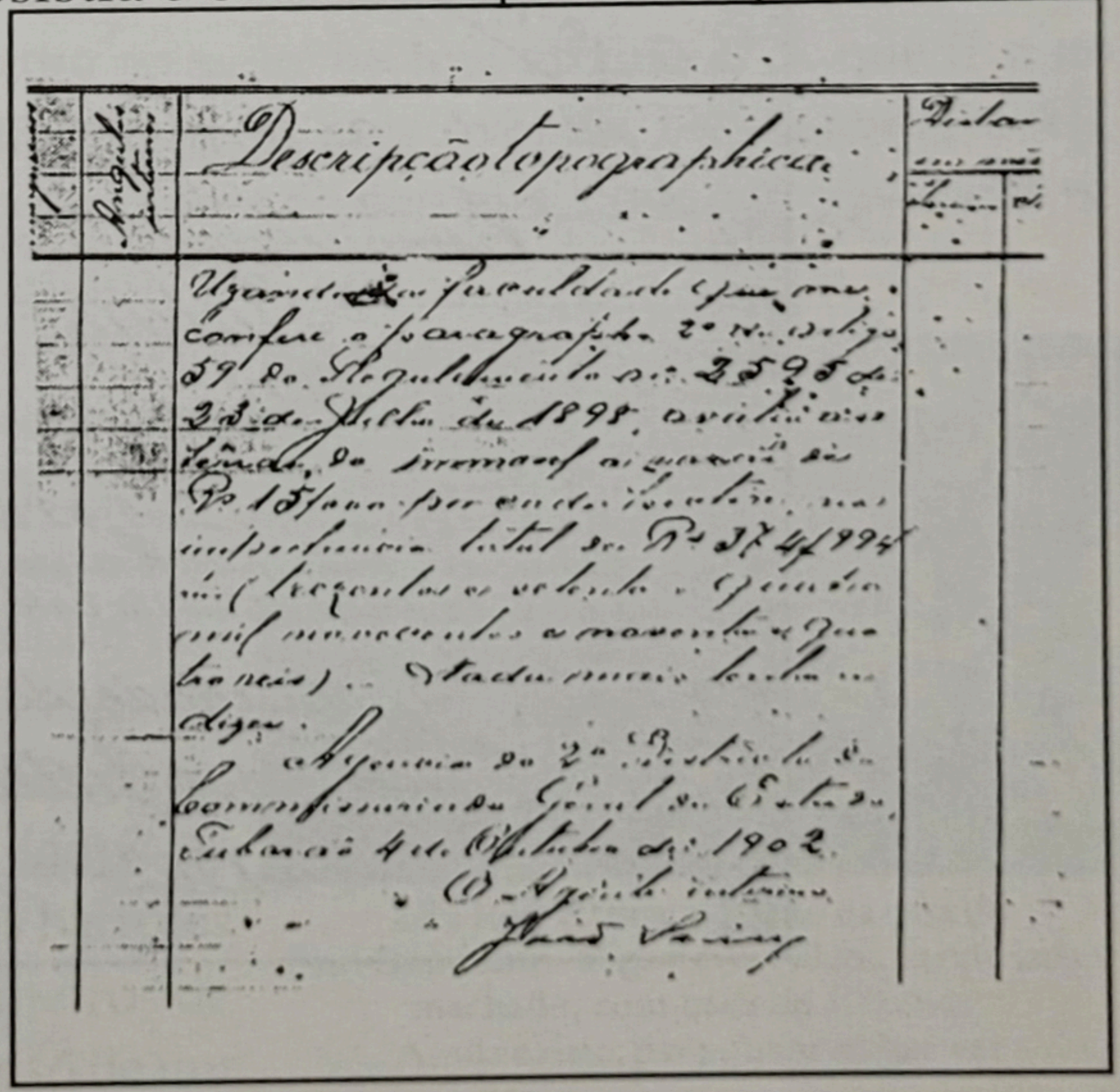
Capítulo 39

"Quadro" - os primeiro colonos

Os primeiros colonos vieram para os arredores do quadro, Núcleo Treze de Maio, ainda em 1888. Não se sabe quais foram os primeiros. Como se vê nas pesquisas, eles tomavam posses dos lotes coloniais sem documentos, ou adquiriam do governo e tomavam posse, mas a maioria desistia e outros compravam a posse e assumiam o compromisso dos pagamentos.

Todas essas transações eram feitas verbalmente e as entregas das escrituras só aconteceu realmente depois de 1902, quando o agente interino João Sarin, conferiu a medição dos lotes coloniais.

Segue abaixo as fotocópias de trechos de escrituras dos terrenos ao redor da sede "Quadro".



Observações	Decimaes	Descripção	Divisões	
			Frente	Fundos
		Divisação do rumo sul sobre o rio da Barra-mar calculada o seguinte variação declinação de 18 minutos ao maximo de 19 graus oeste data o rumo da Cidade de Tubarão cerca de 18 kilometros por picadas minhas.		
		Tubarão 10 de Junho de 1902.		
		Agente do 2º Districto do Commissariado Geral do Estado		
		José Soares		

1ª Via

2º Districto
do
Commissariado Geral do Estado
Tubarão
Processo
da
Medição e verificação do lote nº 2 da linha Santa Izabel nucleo Prefeito Mario do Municipio de Tubarão Estado de Santa Catharina.

Propriedade de
Baesso Pietro
1902

Lote colonial nº 32

Da linha Mesquita, foi adquirido por Pedro Baesso, que deu meio lote para a neta Angelina, casada com Frederico Peron.

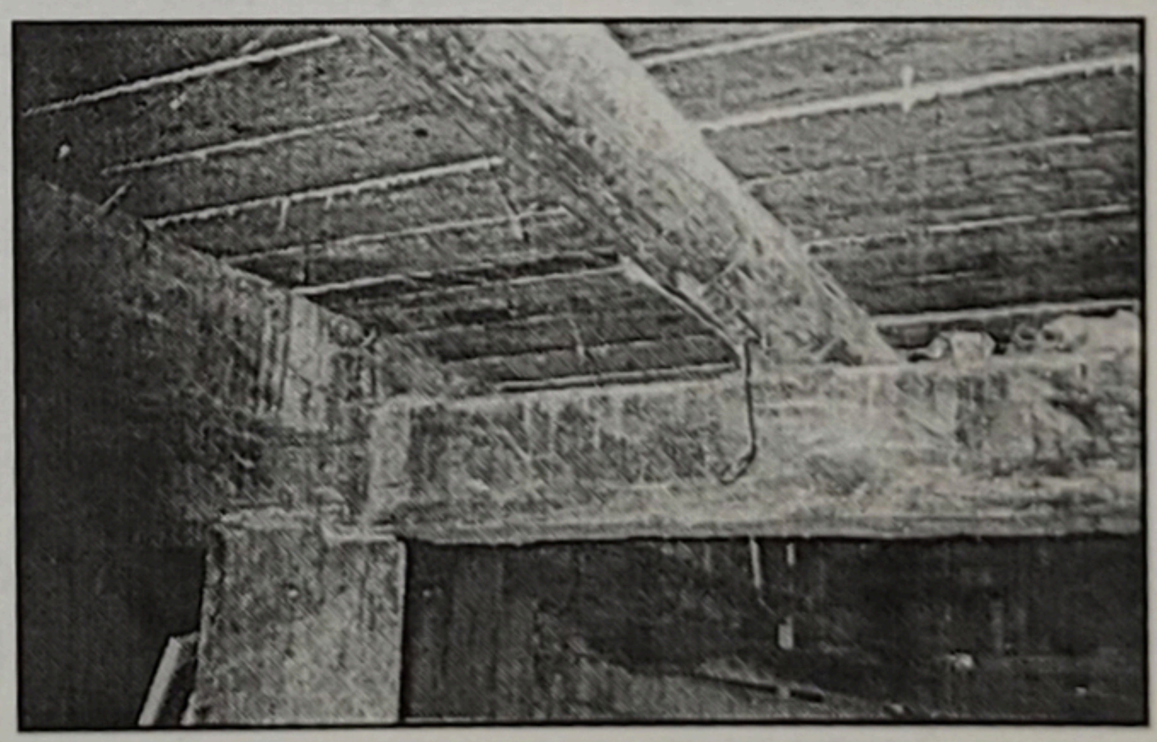
Lote colonial nº 33

Também da Linha Mesquita, foi adquirido por Bortolo Raveane, que fez a sua casa ali. Bortolo Raveane foi o primeiro professor do Quadro e lecionava em língua italiana. Ele deu um lote de terra colonial para o genro Sebastião B. Fontana, para que ele ficasse morando junto. Acho que foi aquele que compraram na Sesmaria Medeiros, que fica a dois quilômetros da sede e onde mais tarde foram morar, vendendo o lote colonial nº 33. Bortolo Raveane faleceu na Sesmaria Medeiros.

Lote colonial nº 35

Também da Linha Mesquita, foi adquirido por Saul Dandolini, mas ele sempre residiu na sede, no lote urbano nº 5, que fica no travessão do meio da linha Mesquita, hoje Avenida 7 de Setembro. Ali, construiu uma das primeiras casas comerciais, com três pavimentos: porão, primeiro andar e sótão.

Na dita casa, só foi alterada a parte da frente, onde foram tiradas as tábuas e feita uma parede de tijolos. O restante da casa está intacto. Permanece como foi feita, a mais de 100 anos. As vigas do porão são de 40X40 centímetros, farquejadas nos quatro lados de quina viva a machado. Os barrotes do assoalho, de 30 centímetros de diâmetro, são farquejados só de um



Esta foto mostra o porão da casa do Saul Dandolini. Viga de 40x40cm, farquejada a machado, com mais de 100 anos. Ainda existe, para quem quiser ver

lado. As linhas e caibros da armação e cumeeira são de 20X20 centímetros. Todo o madeiramento foi farquejado a machado.

As tábuas das paredes, da repartição por dentro e do assoalho, foram todas serradas com serrote braçal, por duas pessoas, num estaleiro apropriado.

A cozinha, no fundo da casa, era de pau-a-pique (paredes de barro), como se dizia. Ver a foto. Mais tarde foi derrubada e feita de material.

Saul Dandolini casou com Mariana Baesso, em 27 de novembro de 1885, na Igreja Matriz, com o Pe. Cipriano Buonocore.

Ele, com 22 anos, filho de Lorenzo Dandolini e Colomba Zanini, batizado na paróquia de S. Beneditto, Diocese de Mantova, Itália e residente em Armazém, distrito de Azambuja.

Ela, com 22 anos, filha de Pedro Baesso e Augusta Magion, batizada na paróquia Piombino Dese, Pádua Diocese de Treviso, Itália e residente em Armazém, distrito de Azambuja, hoje município de Pedras Grandes.



As duas primeira casa comerciais, de Luiz Vicentin, com dois terços da casa ainda de pau-a-pique e a segunda, de Saul Dandolini, sendo que a cozinha, nos fundos da casa, também é de pau-a-pique. Foto tirada em dia de festa.

Tiveram dez filhos: seis homens e quatro mulheres.

Nome	Esposo(a)
Luiz	Antônia Damian Preve
Angelina.	Anselmo Bozello
Alfredo	Apolonia Romagna
Francisco	Páscoa Damian Preve

Pedro	Anita L. Dandolini
José	Genoefa Scremin
Margarida	Luiz Sumariva
Maria	Ângelo Morro
Antonieta	Severo Preve
Lourenço	Joana Gislon

Saul Dandolini tinha no porão de sua casa um açougue e no andar térreo um bar e armarinho, onde vendia uma boa caninha fabricada pelos colonos e uma boa concertada, como chamávamos. Ele e a família faziam a concertada com cachaça, água, açúcar, cravo, erva doce, canela e vinho fervido. Era uma bebida para as mulheres e a rapaziada, no dia de domingueira e baile. Vendia também um bom vinho puro, fabricado pelos italianos de Azambuja e Urussanga. A cerveja era fabricada por Ângelo Peruqui em Cocal e Viatore em Urussanga e a gasosa, pelo Sílvio Trento, também em Urussanga.

Lotes coloniais nº 34 e 36

Também da Linha Mesquita, com parte de terras dos lotes coloniais nº 35 e 37, completou um quadro de terras reservado pelo Governo, para uma futura sede(Quadro), Núcleo Treze de Maio, com uma área de 721.600 m/2.

Lote colonial nº 37

Também da Linha Mesquita, foi adquirido pelo Ernesto Guarezi, mas ele morava no lote nº 21 da linha Jesuíno Corrêa. O filho de Ernesto, Antônio Guarezi, ficou com o lote colonial nº 37 e assumiu o compromisso do pagamento.

Lote colonial nº 1

Da Linha Fausto Júnior, foi adquirido por Luís B. Fontana, mas ele sempre morou no perímetro urbano, onde fez uma casa de três pavimentos: porão, andar térreo e sótão, como era de costume dos italianos.



Por volta de 1938 eu tirei esta foto. Era um dia de festa em Treze de Maio, 2 horas da tarde. Uma parte da procissão se encontrava na atual Avenida "7 de Setembro" e a outra na subida da igreja. Pelo lado de baixo vêem-se as casas de Luiz Vincentin e de Saul Dandolini. Pelo lado de icma um casarão de madeira, pintada de branco, de três pavimentos: porão, andar térreo e sotão, construído pelo Sr. Luiz B. Fontana, no começo do século XX. Em 1940, já era de propriedade do escrivão Dante Ghisi, aonde residia, tinha cartório, uma venda, armarinho e uma padaria, da esposa, que fazia biscoitos para as mulheres de resguardo, que na época era de 40 dias.

Lote colonial nº 2

Também da Linha Fausto Júnior, foi adquirido por José Baesso, mais conhecido por José Setemim.

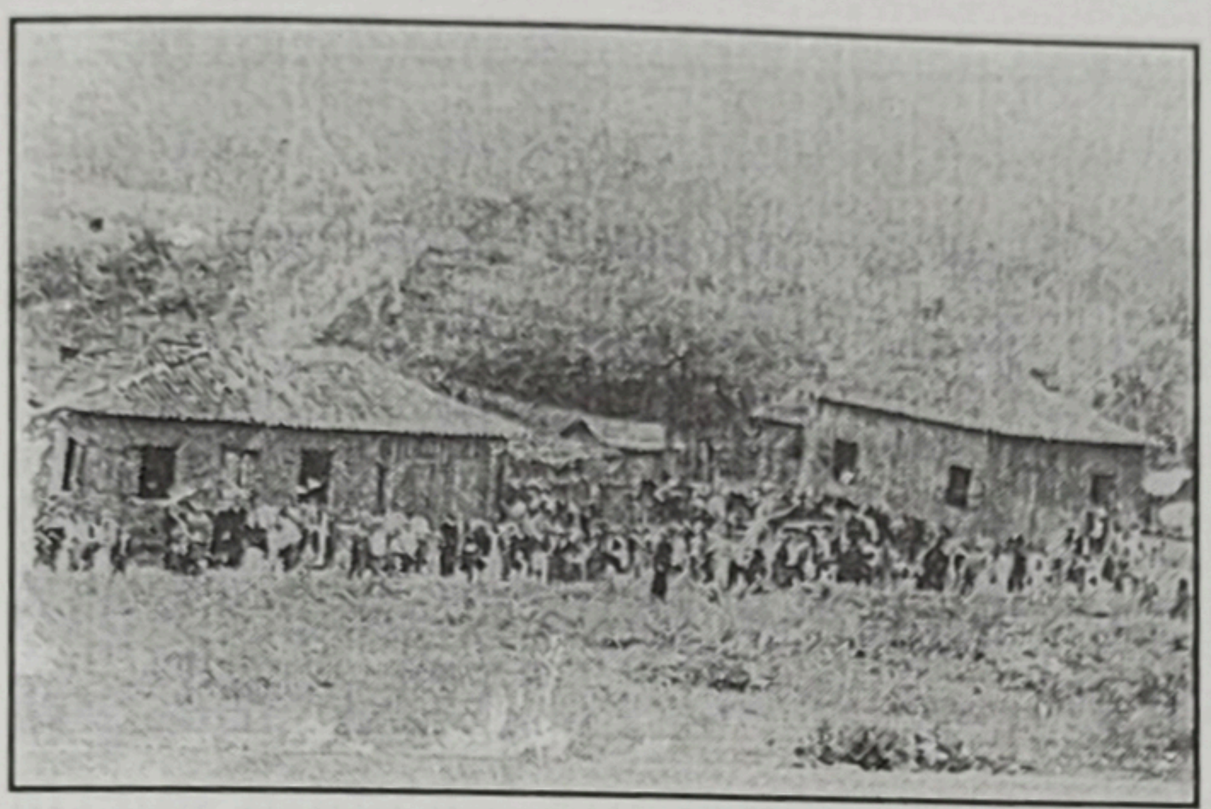
Lote colonial nº 18

Da Linha Rio Caipora, pertence hoje a Santos Perdoná.

Outra das primeiras casas

Uma das primeiras casas comerciais de dois pavimentos, porão e andar térreo, era parte de pau-a-pique (paredes de barro), como dizíamos na época e como mostra a foto.

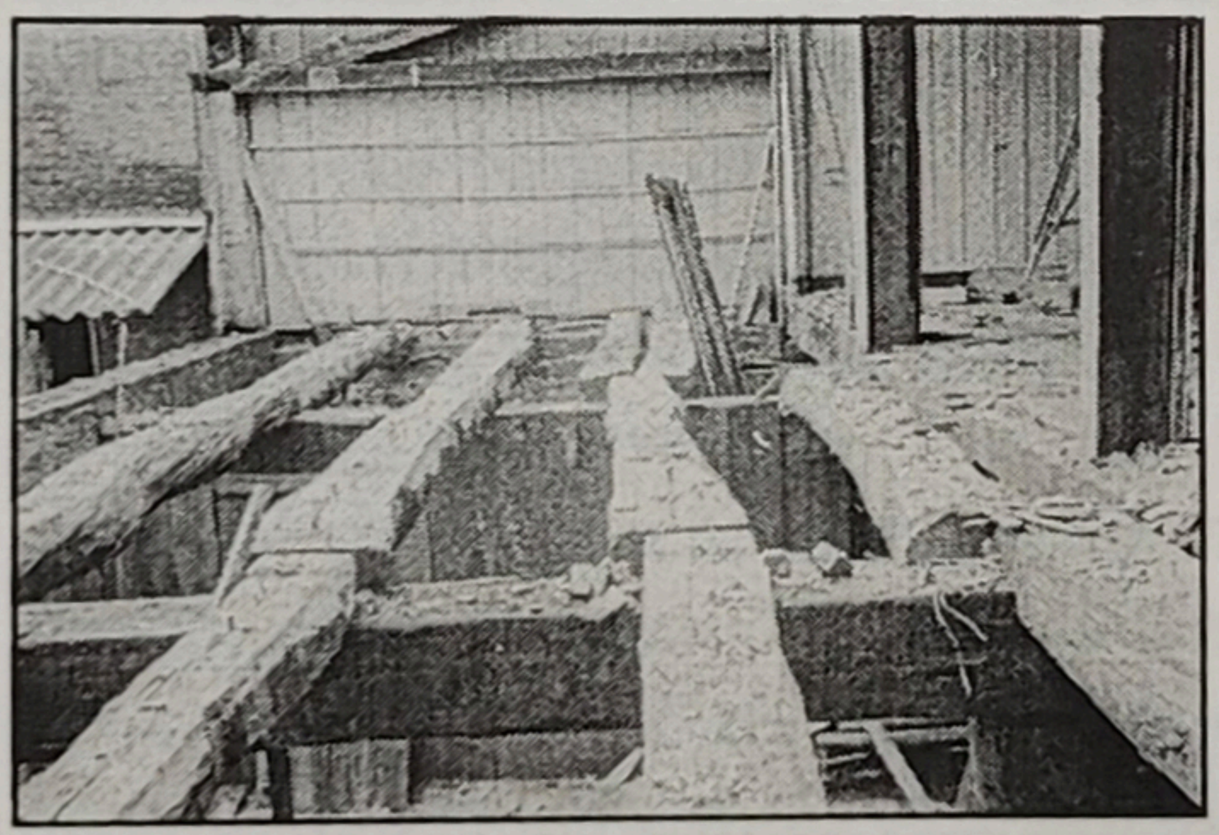
O proprietário, Luiz Vicentin, casado com dona Dileta Pinguelo, tinha venda e armarinho e também fazia comida para os viajantes. Lem-



As duas primeira casa comerciais, de Luiz Vicentin, com dois terços da casa ainda de pau-a-pique e a segunda, de Saul Dandolini, sendo que a cozinha, nos fundos da casa, também é de pau-a-pique. Foto tirada em dia de festa.



Por volta de 1938, procissão em dia de festa, na atual Avenida "7 de Setembro", no Núcleo de Treze de Maio (Quadro). A primeira casa era de Saul Dandolini, com três pavimentos: porão, andar térreo e sotão. A segunda era de Luiz Vicentin, com porão e andar térreo e a terceira casa, de material, branca, era de Sílvio Burato.



Esta foto foi tirada quando foi demolida a casa de Luiz Vicentin. A foto mostra como era a madeira no porão.

bro-me que nesta casa tinha uma sala grande e quando tinha festa aqui no Quadro, meu avô, Sebastião Bez Fontana, vinha de Urussanga, aluga-va a sala e reunia todos os familiares e parentes, onde pagava doces e bebidas para todos. Era uma verdadeira festa, com todos os parentes reunidos.

Mais tarde, Luiz Vincentin botou uma fábrica de banha no porão da casa. Comprava porco gordo abatido, para fazer banha e charque, exportando para o Rio de Janeiro, via cubículo e o porto de Laguna. Também comprava cereais dos colonos.

Eu lembro que certa ocasião, faltou feijão no Brasil. Luiz Vicentin, muito esperto, fez uma arriscada comprando todo o feijão da redondeza, ao preço que regulava doze mil réis (12$000) a saca de 60 quilos. Pouco tempo depois, vieram os compradores do Rio e ofereceram para ele, oitenta mil réis (80$000) a saca. Luiz Vicentin queria vender todo o estoque que tinha comprado, mas a mulher , dona Dileta, que controlava as finanças da casa, bateu o pé e disse:

- Pegamos cento, Bijo (como ele era chamado).

Ela só vendia o feijão se pagassem cem mil réis (100$000), dez vezes acima do valor. Era ganhar demais.

Como não havia mais feijão no Brasil, o governo resolveu importar grande quantidade de feijão de outros países e o preço do feijão daqui, foi parar na estaca zero, não tinha mais comprador.

Luiz Vincetin, com muito custo, conseguiu vender o feijão mais tarde, ao preço de dez mil réis (10$000), posto no Rio de Janeiro, ainda a prazo.

Luiz Vicentin quase foi a falência, sendo obrigado a vender alguns bens que tinha para pagar os colonos, porque ele também tinha comprado o feijão a prazo.

O Sr. Maximiliano Scremin, que estava na casa de Luiz Vicentin como filho, conta que, se dona Dileta tivesse concordado em vender o feijão ao preço de oitenta mil réis (80$000), o fracasso poderia ser ainda maior, porque teria vendido a prazo. Com a baixa que o feijão teve, os compradores não pagariam mais e Luiz perderia o capital e mais o frete.

Luiz Vicentin era cabo eleitoral de Getúlio Vargas. Nos domingos, quando aparecia Urbano Parizi, Vergínio Vitorassi e outros companheiros de partido, tomavam um bom vinho e gritavam na venda de Vincentin:

- Somos Vargas aqui e no inferno, dio madonna.

Outros respondiam:

- Somos Vargas até embaixo d'água.

Eu lembro que antes da eleição de 1930, num domingo de festa aqui no Quadro, apareceu um caminhão Ford, modelo A, carregado de soldados da polícia armados de fuzis e dando tiros para assustar os poucos leitores que tinha na época. Era para votar em Júlio Prestes, partido do governo.

Os Vargas usavam um lenço vermelho no bolso do paletó ou no pescoço e os Prestes, um lenço branco. Os policiais se dividiram em grupos, uns poucos em cada entrada da sede e os colonos que chegavam, eram revistados um por um. Tiravam os lenços vermelhos, pistolas, facas e até canivetes (la britola). Foi uma correria durante o tempo em que os policiais ficaram na sede do Núcleo Treze de Maio (Quadro).

Quando os soldados foram embora, aí mesmo que o pessoal, revoltado, iam na venda comprar laço vermelho. Ficaram com raiva, porque passaram o dia sem fumar cachimbo, por falta de canivete, que havia sido recolhido pelos policiais.

Eu lembro que quando houve a eleição, os eleitores daqui do Quadro, que eram poucos, iam votar na Azambuja. Apareceu então aqui, o tal do fordeco, modelo A, para levar o eleitor para Azambuja. Na saída da sede, depois da ponte sobre o Rio Caipora, na primeira curva a direita, da estrada antiga, o fordeco tombou, jogando os eleitores todos num monte, fora da estrada. Um milagre, não houve ferimento grave.

Outro fato que lembro, foi quando estourou a revolução e as forças revolucionárias de Getúlio Vargas entraram na capital de Santa Catarina, Florianópolis.

Luiz Vincentin, recebeu um telegrama. Como ele era analfabeto, foi direto em casa do meu pai, que também era Vargas e mostrou o telegrama. Meu pai leu e disse:

- Ganhamos a revolução.

Vicentin até deu um pulo de contente e logo falou:

- Vou atirar foguetes.

Ele tinha foguetes na venda dele e meu pai aconselhou a não atirar.

- É bastante nós ganharmos a revolução - disse.

Vicentin insistiu.

- Atrás de minha casa, quem manda é eu mesmo. Ninguém pode falar, lá eu atiro.

E foi para casa, não parando mais de atirar foguetes.

Inácio Nandi, que era do grupo dos Prestes e era compadre de Luiz Vicentin, mandou o menino Honório, afilhado de Vicentin, perguntar porque ele estava atirando foguetes. O menino chegou e perguntou:

- Padrinho, porque o senhor está atirando foguete?

A resposta foi seca:

- Tu diz para teu pai que eu estou fazendo anos hoje.

Quando os Prestes do interior ouviram aquele tiroteio, pensaram que era a revolução que vinha. Dispararam a esconder o gado gordo no mato, de medo que os revoltosos carneassem as reses para se alimentarem.

Luiz Vicentin mandava recado só para os cabos eleitorais do partido de Vargas, para avisarem os demais companheiros. Os Vargas compareceram na casa de Luiz Vicentin e era uma festa, todos os companheiros comiam e bebiam por conta do Vicentin. Falavam alto, como era o costume dos italianos e brasileiros, quando bebiam um bom vinho.

- Viva Vargas, somos Vargas até debaixo d'água, diziam.

Carlos Francez, homem do dinheiro, com uma pilha de notas de quinhentos mil réis (500$000) na mão, gritava:

- Te cubro de notas, Dio e Madonna. Somos Vargas aqui e no inferno.

A festa acabou só quando acabou o estoque de foguetes e bebidas, as altas horas da madrugada.

Capítulo 40

Causa da enchente de 1920

Sílvio Burato, por volta de 1903, comprou uma pequena área de terra de Ernesto Guarezi, lote nº21, último lote da Linha Jesuíno Corrêa, que ficava distante um quilômetro da sede do Núcleo Treze de Maio (Quadro) pelo lado norte, ou seja, a dois quilômetros pela volta do Rio Caipora e construiu ali uma serraria e uma tafona, "il mulino", como diziam os italianos, movidas por uma roda d'água. O Rio Caipora (que vinha da Linha Caipora aonde nasce, fazia uma volta, voltando portanto na mesma direção), tinha uma cachoeira ou queda d'água de uns 8 metros por trás do morro, conforme se mostra na planta anterior. Para encurtar a distância do valo, Sílvio Burato fez um túnel por baixo do morro, num comprimento de uns 60 metros, até encontrar o rio no outro lado. Neste túnel ele fez o valo, seguindo com o mesmo pela costa do morro numa distância de 250 metros do rio, até a roda d'água que tocava a serraria e tafona. Deu também uma calha d'água para Domingos Boneli, que com uma pequena roda d'água tocava o ventilador de sua ferraria. Ver mapa "Linha Mesquita", capítulo 2.

Assim conta Clemente Guarezi, que trabalharam uns oito anos na maior maravilha, tanto o Sílvio Burato, como o Domingos Boneli.

Quem cuidava da serraria era o filho Domingos e da tafona era a Terezinha, também filha de Sílvio Burato.

Primeira enchente - 1912

A enchente de 1912 destruiu o valo no túnel e parou as pequenas indústrias. Sílvio, como era um homem muito peitudo, de muita coragem, apesar de ser analfabeto, reconstruiu tudo de novo, como conta João Formentin, o Nico. Fez na boca do túnel um açude com vigas e tábuas de primeira, serradas na sua própria serraria (antes da enchente). Era uma obra muito bem feita, segundo os visitantes, uma fortaleza. Sílvio falava aos visitantes que ninguém mais conseguiria destruir aquela fortaleza, nem Deus. Mas como dizem, as enchentes são gêmeas. Quando dá uma, em pouco tempo depois dá outra, às vezes até maior e foi o que aconteceu.

Segunda enchente - 1913

Pouco tempo depois veio a segunda enchente, destruiu tudo o que ele fez e aí Sílvio Burato desistiu. Os colonos ficaram sem a tafona de moer o milho. Sílvio vendeu as pedras da tafona para meu avô, Sebastião Bez Fontana. Ver capítulo 2. Meu avô montou a sua tafona por volta de 1915, a 1 quilômetro da sede, linha reta pelo lado sul, ou seja, a uns três quilômetros pela volta do rio Caipora, na Sesmaria Medeiros.

Terceira enchente - 1920

Os prejuízos gerados pela enchente de 1920 foram causadas pelo túnel, aberto pelo Sílvio Burato. Nesta terceira enchente, 20 de janeiro de 1920, devido a tromba d'água, pois a água da chuva era tanta, o rio arrastou quantidade de árvores e capim, tapando a boca do túnel. O rio Caipora na sua cachoeira era estreito

e correndo no meio das matas virgens, formou um açude que represou uma grande quantidade de água por muitos quilômetros, durante a noite.

Dia do dilúvio

Neste dia, 21 de Janeiro de 1920 o rio Caipora desviou-se pelo túnel que o Sílvio fez e a água, acumulada durante a noite, carregou um volume de terra incalculável, ocasionando o aparecimento de duas cachoeiras: uma no lote n.º 20, com três metros de queda, que mais tarde serviu para movimentar a Fecularia dos irmãos Frederico e Ismael Preve e a outra no lote nº 21, com cinco metros de queda, sendo que Aníbal Guarezi, mais tarde, puxou a água para o lote nº 37, para movimentar seu engenho de farinha de mandioca.

Mas voltando a falar do dilúvio, o rio Caipora (que fazia uma volta de 2 quilômetros antes de chegar na sede, Núcleo de Treze de Maio) vinha trazendo árvores, capim e tudo o que nele se acumulou durante a noite.

A água chegou na sede

Lá pelas 7 horas da manhã, do dia 21, a água chegou na sede, subindo de meio em meio metro por vez, pegando todos de surpresa. Em menos de uma hora, a água atingiu o telhado das casas que ficavam às margens do rio Caipora, que na época eram poucas.

Tomaz Damian Preve

Sua ferraria, bem como a casa que havia comprado de Santo Geraldi, onde estava residindo, foi alagada e a água foi até o telhado, onde ficou a salvo.

Peron salva-se no telhado

Frederico Peron, sua mulher Angelina Baesso e uma cabra, salvaram - se em cima do telhado de casa.

Irmãos Fontana

Foram destruídas a serraria, a tafona e a marcenaria de meu pai Giácomo e de meu tio José Bez Fontana, que ficava a 1 quilômetro, linha reta da sede, pelo lado sul, ou seja, a uns 3 quilômetros pela volta do rio, na Sesmaria Medeiros.

Júlio Duarte de Medeiros

A uns 5 quilômetros mais para baixo, na Caipora, hoje São Gabriel, foram destruídos o engenho de farinha de mandioca, o de cana e teve inundada e danificada a sua residência. Além destas, muitas outras residências foram inundadas. Para se ter uma idéia do quanto a água subiu, em menos de uma hora a serraria do meu pai, com dois pavimentos e sete metros de altura do rio até o telhado, ficou debaixo da água. Isto eu vi com os meus próprios olhos. É muita água para um rio que nasce a oito quilômetros da sede, linha reta.

Capítulo 41

O mais idoso do município

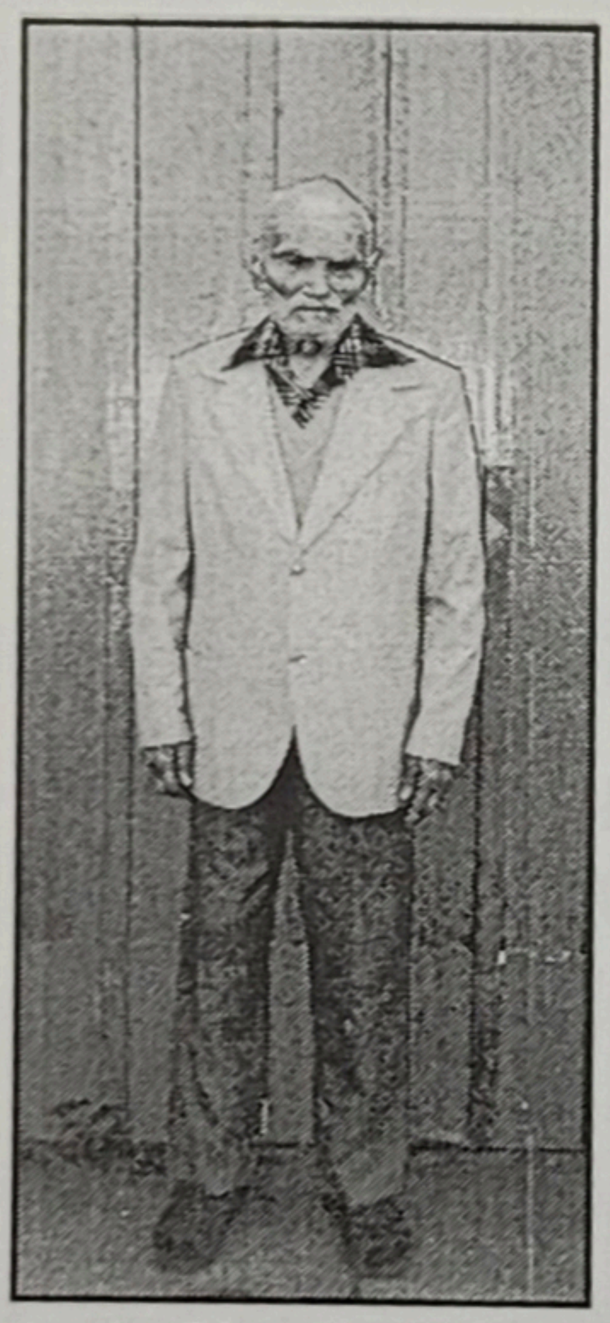
Artur Giraldi e Madalena Magagnin casaram pelo civil em 6 de janeiro de 1927, ele com 34 anos de idade, ela com 29 e já tinham seis filhos como segue:

Nome	Nascimento
Gentil	16-04-1917
Elza	29-05-1918
Francellina	02-11-1919
Arduíno	17-11-1920
Zeferino	29-11-1922
Hilva	02-06-1926

Depois de casados pelo civil, tiveram mais seis filhos: Catarina, Geraldina, Antônio, João, Maria e Rosa. Não foi encontrada a certidão de casamento da Igreja.

Artur Giraldi nasceu em 28 de fevereiro de 1892, foi batizado em 15 de maio de 1892 na Capela de Azambuja, hoje distrito de Pedras Grandes e é filho de Tranquilo Giraldi e Maria Moreti. Foram Padrinhos de batismo os avós Santo Giraldi e Carlota Tavelina e o padre que o batizou foi Francisco Topp.

Nesta data de 28 de agosto de 1991, em que me encontro escrevendo esta história, Artur Giraldi conta com 99 anos e seis meses completos. Ele é um homem forte e anda bem, sem bengala, como se vê na foto.



Artur Girardi, 99 anos, nascido em 28-02-1892

Ainda no dia 22 de setembro deste mesmo ano de 1991, às nove horas, Artur Giraldi ajudou o prefeito João Bressam Bardini e o vice - prefeito Vilson Nandi, no descerramento da placa do monumento dos imigrantes, no fim da Avenida dos Imigrantes, que estava sendo inaugurada. Esta solenidade contou com a presença das autoridades e do povo em geral.

No dia que bati a foto, em 28 de agosto de 1991, Artur Giraldi me contou, com a ajuda do genro Elias Fratoni e da filha Geraldina, esposa de Elias, que o avô dele, Santo Giraldi, tinha venda (casa de negócio) no "Quadro" Núcleo Treze de Maio, onde hoje está o posto de gasolina, e que em 1913 vendeu a casa para o Tomaz Damian Preve. Ele conta que se o pai dele tivesse ficado com a venda, muito riscado teria molhado na enchente de 1920.

Santo Giraldi, o avô de Artur, foi embora para Azambuja, morar junto com o filho, Achile Giraldi. Dez anos depois, no dia 27 de outubro de 1923, já viúvo com a idade de oitenta e seis anos, foi visitar o filho Alcino Giraldi, que morava no Sertão dos Mendes, município de Tubarão, distante uns 15 quilômetros de Azambuja. Como não tinha estrada, seguiu por uma picada aberta pelos colonos, no meio das matas virgens e a pé, sozinho chegou na tarde do mesmo dia em casa do filho Alcino. Passou ali dois dias alegres com o filho e depois se despediu para ir embora. Em Azambuja, no entanto, os familiares de Achile, após vários dias da partida de Santo, começaram a preocupar-se com a sua demora para voltar. Começaram a suspeitar que algo de errado tinha acontecido. Então, no dia 10 de novembro de

1923, o filho Achile foi em casa do irmão Alcino, com a finalidade de saber do pai e levou um choque, quando seu irmão disse:

- Meu pai passou dois dias aqui conosco e no dia 30 de outubro foi embora, seguindo pela mesma picada por onde veio.

Aí veio o desespero dos familiares e vizinhos. Começaram a dizer:

- Ele se perdeu no mato, vamos procurá-lo.

Toda a vizinhança se armou de facão, foice, comida e acompanhando alguns galhos de mato, que ele certamente cortara com o facão, tentaram encontrá-lo. Após três dias de procura, acharam-no em cima de uma laje, perto de um riacho na propriedade de Vicente Bressan, já sem vida. Morreu por falta de alimentação. Era o dia 13 de novembro de 1923. Ali testemunharam e o amarraram numa vara. Em dois, o carregaram nas costas até Azambuja aonde foi feito o enterro. Foram 14 dias perdido no mato e fazia uns dias que tinha morrido. (Ver certidão de óbito).

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

ESTADO DE SANTA CATARINA — COMARCA DE TUBARÃO

MUNICÍPIO DE PEDRAS GRANDES — DISTRITO DE AZAMBUJA

83868687/0001-09 REGISTRO CIVIL

PEDRAS GRANDES CARTÓRIO DE PAZ

DENISE PEAÇA
Oficial do Registro Civil

Denise Fraga
ESCRIVÃ DE PAZ
OF. DE REGISTRO CIVIL
PEDRAS GRANDES - SC

CERTIDÃO DE ÓBITO

CERTIFICO que, sob Nº. 19 a fls. 88 do livro Nº. C1 de Registro de Óbitos, encontra-se o assento de *** CAETO GERALDI ***

* * * * * * * * *, faleci[d]o aos 13 de novembro (11) de 1923 * *

às * * * horas, na mata virgem da propriedade de Vicente Bressan, no lugar Boa Vista, deste Municipio de Tubarão. * * * * * * * * * * *

do sexo masculino, de cor branca, de profissão * * * * * * * *

* * * * * * * *, com 86 anos de idade, estado civil viúvo por fale

cimento de sua esposa Carlota Geraldi. * * * * * * * * * * *

* * * * * * * *, domiciliad[o] * * * * * * * * * * * * * e residente

neste Distrito de Azambuja, filh[o] de * * * * * * * * * * * * *

* e de * * * * * * * * * * * *

* * * * * * * * * * * * * * * * * * * \

Pai de Artur Giraldi
Acidente e morte

O Sr. Artur Giraldi conta que quando ele tinha oito anos, ou seja, no ano de 1900, o pai dele, Sr. Tranqüilo Giraldi, casado com Maria Moreti, foi trabalhar de pedreiro na abertura do caminho da Serra do Rio do Rastro (Serra do Doze). Este caminho servia para a passagem de tropeiros com as tropas de mula, ou tropas de boi e só tinha dois metros de largura, caminho feito na pura rocha. O Sr. Tranquilo Giraldi trabalhava de pedreiro, detonando as rochas para a abertura do referido caminho e carregou vários tiros de uma vez só com pólvora, socada com farelo de tijolos. Acontece que um tiro falhou e negou fogo. Aí, como era de costume, ele foi descarregar o tiro com uma broca de aço e água, para amolecer a bucha de farelo de tijolos. Um serviço muito perigoso, pois o aço na pedra muitas vezes corta o estopim e faz faísca, incendiando o estopim ou, se estiver no fim do furo, pode incendiar a pólvora. E foi o que aconteceu. O tiro estourou e atingiu em cheio o rosto do Sr. Tranquilo, que teve morte instantânea. Arrumaram uma tarimba (branda) onde ele mesmo dormia e quatro pessoas trouxeram a pé o corpo até Azambuja, onde foi feito o enterro. Não foi encontrada a certidão de óbito em Azambuja. Ou foi feita em outro lugar, ou não foi registrada.

Artur Giraldi sem pai

O Sr. Mansueto Pinguelo, que trabalhava de pedreiro no Estado do Rio Grande do Sul, no porto do Rio Grande, a detonar pedra para fazer o quebra mar daquele porto, vindo a passeio no Núcleo Treze de Maio (Quadro), viu o menino Artur Giraldi, com apenas 8 anos e já sem pai. Levou-o para Porto de Rio Grande, para trabalhar como bocha, como se dizia naquele tempo, que servia para carregar ferramenta, puxar o fole, fazer e carregar comida.

Serra do Rio do Rastro

O caminho que começou a ser aberto no ano de 1900, onde ocorreu o acidente do Sr. Tranqüilo Giraldi, que morreu no cumprimento do dever e em pleno serviço para a sua abertura, servia para unir o campo serrano ao litoral. Outros pedreiros continuaram as obras da abertura do caminho, que levou vários anos.



Foto tirada de cima do morro de São Sebastião, Treze de Maio. Ao fundo se vê a costa da serra.

Quando o caminho ficou pronto, deu passagem para os serranos descerem com as tropas de mula, carregadas com cargueiro de até 90 quilos cada mula, trazendo charque, queijo, pinhão e levando de volta, farinha de mandioca, polvilho, banana, açúcar grosso e uma boa caninha.

Eu sempre escutava meu avô Sebastião e outros amigos idosos contarem, que quando os serranos desciam com as tropas de mula carregadas, com tropas de boi, ou mesmo com tropas de porcos, traziam também os peões para ajuda. Estes peões nunca tinham visto navio, trem, não conheciam cana-de-açúcar e nem banana. Contam então os idosos que um dia, o trem vinha vindo ainda longe e o peão perguntou o que era aquilo. Alguém respondeu:

- Aquilo é a tal da maria fumaça e vai passar por aqui.

E aí o peão disse:

- Espere que eu vou laçar a bicha.



Serra do Rio do Rastro, ou Serra do Doze

Armou o laço, laçou a máquina pelo chaminé e saiu a cavalo correndo atrás, para segurar a máquina, mas não conseguiu. Soltou o laço e voltou dizendo:

- A bicha tem força mesmo. Lá se foi o meu laço de estimação.

Um outro dia, passaram por uma chácara de bananeira e o serrano disse para o peão:

- Aquilo é fruta boa para comer.

O peão insistiu para pedir ao dono que vendesse um cacho a eles e o dono vendeu. O peão, de bota e espora, trepou na bananeira e cortou o cacho. O patrão disse:

- Na bananeira se corta o pé.

O peão retrucou:

- É uma pena cortar o pé, pois ele pode dar muitos cachos ainda. Não sabia ele que a bananeira só dá um cacho.

Outros contavam que um dia passaram por uma roça de cana e o serrano disse para o peão, que com a cana se fazia o açúcar e era boa para chupar. Pediram para o dono da roça e ele deu uma cana. O peão chupou a cana e gostou. Quando desceram da serra outra vez, o peão pediu ao serrano que comprasse algumas varas daquele pau doce.

Tropa de mula

A esposa do Sr. Luiz B. Fontana, Dona Ermínia Tezza, conta que os pais dela moravam perto de Urussanga e que os tropeiros, quando desciam a serra, paravam sempre em casa deles. Soltavam as mulas no potreiro, que era grande e os serranos com os peões, dormiam e faziam comida num paiol. Segundo ele, um dia desceram os serranos com uma tropa e como era de costume pararam ali. Soltaram as mulas no potreiro e depois da ceia foram dormir. No dia seguinte levantaram cedo, sendo que um deles permaneceu ali, juntando as mulas e fazendo o encilhamento, para prosseguirem viagem,

enquanto os outros foram até a sede (Urussanga), para venderem seus produtos e fazerem as compras. A família de dona Ermínia foi quase toda para roça. Às 8 horas, uma mulher que ficou em casa, foi levar o almoço na roça (naquele tempo o almoço era às 8 horas, a janta ao meio-dia e a ceia a noite) e ficou lá ajudando até às 10 horas, quando voltou para casa, para fazer a janta. Ao chegar, deparou com o serrano ainda ali, montado numa mula. Ela perguntou o que tinha acontecido e ele passou a contar que estava a procura de uma mula que faltava. Ela quis saber quantas mulas ele tinha e ele disse:

- Vinte.

Ela contou e estava certo. Aí ele contou novamente e só tinha dezenove. A mulher então, perguntou ao serrano se ele só sabia contar até dezenove e disse:

- Pois com a mula com que o Sr. está montado não fazem vinte?

Ele ficou tão envergonhado, encilhou as mulas, foi embora nunca mais voltou ali com as tropas. Ele tinha esquecido de contar aquela que estava montado. Realmente, era para ficar envergonhado.

Estopim

Meu avô contava sempre, que um italiano lá do Rio Caité, que era pedreiro, quando comprava uma peça de estopim, cortava uns 10 centímetros para testa -lá, botava fogo para ver se queimava bem e o filho via. Acontece que um dia, ele mandou o filho na venda comprar uma peça de estopim que tinha na época, de 10 metros e o filho, no exemplo do pai, botou fogo no estopim para testá-lo, mas não lembrou-se de cortá-lo. O estopim ia queimando, e ele o torcia com as mãos e nada de apagar. Lembrou então de um rio, correu o que podia, mergulhou o estopim na água e ele continuava aceso. Assim queimou os dez metros, pois não sabia ele que o estopim era a prova d'água, não apaga. Aí o problema era chegar em casa e contar o fato. Criou coragem e resolveu falar a verdade. Contou a história do esto-

pim para o pai e o pai disse que o que aconteceu, foi bom para ele aprender. Deu dinheiro para ele ir comprar outra peça e ainda disse:

- Leva o canivete, corta um pedaço de estopim e põe fogo para testá-lo.

Capítulo 42

Maximiliano Scremin

Quando Maximiliano tinha 9 anos de idade, foi ajudar o tio dele, Luiz Vincentin e acabou de ficar ali em casa do tio como filho, porque Luiz Vincentin e dona Dileta Pinguelo não tiveram filhos.

Conta Maximiliano que a casa de Luiz Vincentin era de pau-a-pique e quando ele tinha 12 anos, ou seja, em 1916, Vincentin derrubou as paredes de barro e frontalou a casa com tábuas, serradas na serraria de Giácomo Bez Fontana.

Ele contou também, que os três sinos da Igreja do Quadro (Núcleo Treze de Maio), foram comprados por volta de 1915. Depois de instalados provisoriamente, fizeram um leilão e quem dava mais dinheiro, dava a primeira badalada. O vencedor foi Francisco Morona (o Momo, como era conhecido).

Eu sempre ouvia contar que os três sinos, importados da Itália, quando chegaram ao Brasil, ficaram detidos no porto por muito tempo. Alguns diziam que era porque dentro dos sinos, que estavam encaixotados, vinha contrabando de armas (espingarda), o que não foi confirmado. Quando chegaram de trem, os colonos foram buscá-los de carro de boi.

Em 10 de janeiro de 1926, Maximiliano Scremin casou com

Adelina Burato, em São João de Azambuja, com o Padre Caetano Coccilavo.

Ele, com 22 anos, nascido em São João, filho de Angelo Scremin e Santa Vicentin, batizado na paróquia de Pedras Grandes.

Ela, com 17 anos, nascida em São João, filha de Sílvio Burato e Filomena Quarezemin, batizada na paróquia de Pedras Grandes.

Tiveram 12 filhos, seis homens e seis mulheres: Zulema, Zenor, Zulmira, Zenir, Zelmo, Zélio, Zair, Zózimo, Zélia, Zenaide, Zaria e Zeli.

Getúlio Vargas ganhou a revolução de 1930 e após, o Sr. Maximiliano Scremin, em abril de 1931, tomou o cartório do escrivão Dante Ghisi e só o entregou de volta, mais ou menos em julho de 1932, quando tudo normalizou.

Em 1934, Maximiliano mudou-se para Morro Grande, município de Jaguaruna. Eu lembro que fomos levar a mudança dele, com seis carros de boi: eu, Frederico Damiani Preve, José Réchia, Aníbal Nandi, Arcângelo Nandi e Pio Trento. Na volta, a tarde, descangamos os bois na subida do morro da Rua do Fogo, hoje município de Sangão, num gramado na beira do caminho. Enquanto os bois comiam, nós dormimos um sono na sombra. Chegamos em casa, quando já era de noite. Para nós, tudo era uma festa.

Sílvio Burato

Sílvio Burato casou com Filomena Quarezemin, em 25 de janeiro de 1892, na capela de Azambuja, sendo o casamento celebrado pelo Pe. Francisco Topp. Ele, filho de Angelo Burato e Cândida Longo, com 20 anos, batizado na paróquia de Miane, Treviso, Itália. Veio para o Brasil aos cinco anos e residia em Azambuja. Ela, filha de Constante Quarezemin e Maria Pravatto, com 18 anos, batizado na paróquia de Pádua, Itália, veio para o Brasil com 3 anos e também residia na Azambuja.

Tiveram 10 filhos, 7 mulheres e 3 homens:

Filho (a)	**Esposo(a)**
Terezinha	Tomaz Damian Preve
Maria	Arcângelo Réchia
Salute	Pelegrin Piuco
Anita	Angelo Menegaz
Rita	Luiz Gislon
Adelina	Maximiliano Scremin
Lídia	Angelo Mufatto
Domingos	Antonieta Réchia
Hilário	Lindoca Rocha

Frederico faleceu ainda pequeno.

Por volta de 1913, a segunda enchente destruiu o valo de sua serraria e também a tafona, fazendo com que ele desistisse de sua indústria.

Sílvio constrói casa

No mesmo ano, 1913, Sílvio construiu na sede, Núcleo de Treze de Maio (Quadro), um casarão de tijolos maciços, com quatro portas e três janelas (envidraçadas) na frente. Era uma casa de luxo. Foi morar na referida casa, com plano de fundar ali uma cooperativa, que não saiu, não se sabe porque. Em seguida comprou uma pequena área de terras na Sesmaria Medeiros, estremando com a propriedade do meu pai, com a intenção de colocar ali uma serraria, conforme contou o genro dele, Maximiliano Scremin. Ele contava que queria dar um susto nos Fontana.

Sílvio tentou abrir um valo

Em cima da cachoeira (50 metros de queda), numa rocha, Sílvio fez uma grande quantidade de furos para abrir um valo, com a fina-

lidade de levar água para tocar a roda da nova serraria. Carregava os tiros com pólvora e fazia canhão, como se dizia, os tiros saíam pela boca, devido o peso da grande rocha. Carregava de novo, mas não conseguia arrebentar a rocha, por isso desistiu. Os furos ficaram ali como prova, até que a fecularia "Itajaiense" comprou aquela propriedade, de Antônio Guarezi. Aí, por volta de 1938 carregaram com dinamite e conseguiram abrir o referido valo, que permanece até hoje.

Sílvio Burato vendeu a casa da sede para Luiz Vincentin, que por sua vez, mais tarde, a vendeu para Francisco Morona (Momo, como era conhecido). Foi quando, em 1938, eu resolvi fundar um clube. Convidei o meu primo Otávio Bez Fontana e fomos na casa do Francisco Morona, pedir a ele para nos alugar a casa, para fundarmos ali o clube. Ele pensou e disse:

- Para vocês eu alugo, porque vocês são carpinteiros e quero que façam uma reforma, pois chove dentro. E foi ali que fundamos o Clube Recreativo "7 de setembro". Aquela casa hoje, é de propriedade do ex-prefeito Luiz Nandi.

Sílvio fez muitas mudanças, morando até em Bom Retiro, onde foi feitor de estradas. Contam os idosos, que um dia entregaram a ele uma carta e pediram a resposta. Como ele era analfabeto, disse para o portador, após abrir a carta, que não conseguiria lê-la pois tinha esquecido o óculos em casa. Pediu que a lessem para ele e então mandou a resposta. Assim se saiu bem.

João Bonelli

Batista Antônio Giovanni Bonelli, casou com Maria Luigia Luchetta em 11 de julho de 1868, ambos residentes na Província de Beluno, Itália.

Ele, com 23 anos, nascido em 8 de fevereiro de 1845, filho de Giovanni Bonelli e Maria Antonia Andrich, registrado em le comune de Canale, Beluno, Itália.

Ela, com 29 anos, nascida em 03 de outubro de 1839, filha de Gio Maria e Maria Hezzaval, registrada em 1e comune de Vallada Agordina, Beluno, Itália.

Tiveram quatro filhos nascidos na Itália:

Nome do filho(a) com seu esposo(a)	**Nascimento**
Batista Gio Maria Cândido Bonelli Francesca Maria de Jesus	27-03-1869
Benedito Domenico Bonelli Luiza Pravato e Mariana Cescon	07-07-1872
Maria Antonia Bonelli Ticiano Formentin	21-10-1874
Atilio Giuseppe Cesare Bonelli faleceu de acidente aos 14 anos.	21-04-1877

Nascida no Brasil:

Maria Honorata Bonelli Antônio Boscheto.	16-12-1886

No cemitério de Treze de Maio consta que João Bonelli, nasceu em 1842 e faleceu em 1926, com 84 anos e Luiza Luchetta, nasceu em 1842 e faleceu em 1914, com 72 anos. Estas datas registradas no cemitério de Treze de Maio, não combinam com as datas registradas na Itália.

João Bonelli veio para o Brasil, desembarcando no porto de Itajaí no começo de 1879, indo morar em Luiz Alves-SC, durante cinco anos. Depois mudou-se com a família para Braço do Norte, ficando por ali uns três anos. O filho Domingos Bonelli, já com uns doze anos, foi aprender trabalhar de ferreiro com Jácomo Tonon.

João Bonelli resolve mudar-se com a família para Tubarão, onde morou na rua Coronel Colaço, perto da Igreja (hoje catedral), também permanecendo ali por três anos. Os filhos, Cândido e Do-

mingos, foram trabalhar na estrada de ferro "Dona Tereza Cristina", com sede em Tubarão.

Por volta de 1890, João Bonelli muda-se para o Núcleo Treze de Maio (Quadro), indo morar na Linha Fausto Júnior. Foi no lote nº 8, onde fez sua primeira casa coberta de esteira de palha. Tudo era barato, só dependia de mão-de-obra e de comprar os pregos.

As palhas eram tiradas das matas virgens, que eram abundantes. As ripas eram tiradas dos palmitais, sendo que o miolo dos palmitos era aproveitado para fazer um bom ensopado, para comer com polenta. A madeira era rachada com o machado e a cunha, em ripa, para amarrar as palhas com embira (árvores que se caracterizam por fornecer boas fibras na entrecasca). As embiras eram nativas e muito usadas para fazer cordas resistentes.

Era costume dos italianos na época, puxar a arma e dar

N. _____ Reg. Cert.

Esatto L. _____

NUOVO ORDINAMENTO STATO CIVILE

COMUNE DI VALLADA AGORDINA

PROVINCIA DI BELLUNO

UFFICIO DELLO STATO CIVILE

CERTIFICATO DI NASCITA

Si certifica risultare dai registri di quest' Ufficio che

BONELLI Attilio-Giuseppe-Cesare

è nat° nel Comune di Vallada (ora Vallada Agordina)

il giorno ventuno

del mese di aprile

dell'anno milleottocentosettentasette

Tanto rilevasi dal Registro degli Atti di Nascita di questo Comune al

N. 15 Parte == Serie == Anno 1877

Il presente viene steso su carta libera per uso consentito dalla legge.

Dalla Residenza Municipale, li 21.11.1994

L'UFFICIALE DELLO STATO CIVILE DEL.
(Aldo Ronchi)

Tip. CASTALDI - Agordo

uns tiros para o alto quando nascia um filho, tinha aniversário ou festa na capela, para assim comunicar aos vizinhos.

João Bonelli, muito contente pois tinha acabado de fazer a sua primeira casa na América, quis dar uma viva de alegria, puxou a arma e a engatilhou, na presença dos familiares. Na hora de levantar a arma, o tiro estourou e acertou o seu filho Cesare, de 14 anos, que estava na frente, tendo morte instantânea. Aí, em vez de alegria, veio a tristeza.

Contam Luiz e José Bonelli, que o tio deles, Cesare, foi enrolado num lençol e amarrado em cima do cavalo. Foi levado para Tubarão por uma picada aberta nas medições das terras, para lá ser enterrado, porque aqui no Quadro ainda não tinha cemitério. Contam ainda os netos que, no alto da Linha Mesquita, trocou-se de cavalo para seguir viagem mais depressa. Não foi encontrada a certidão de óbito, só certidão de nascimento, na Itália.

No lugar aonde Cesare foi morto acidentalmente, ergueu-se uma grande cruz de madeira. Eu mesmo, passei por lá umas centenas de vezes, sempre via aquela grande cruz. Mas com o passar dos anos, a madeira apodreceu e a cruz sumiu. Fala-se em erguer outra no local.

Depois, João Bonelli compra terra na descida do Vargedo e aproveitando um riacho ali existente, montou uma tafona de moer milho. Como achou que ali era um lugar bom de morar, mudou-se para lá com a família.

Jácomo Tonon

Jácomo Tonon, casado com Maria Henrique Palodetti, ambos naturais da Itália, vieram para o Brasil e foram morar em Braço do Norte. Ele era ferreiro e botou ali uma ferraria, onde fazia ferramentas para os colonos da região.

Tiveram sete filhos: cinco mulheres e dois homens.

Nome do filho(a) com seu esposo(a)	Nascimento
Catharina	19-05-1876
José Lima	

Angelina Estevão de Biazi.	05-04-1882
Amália Vicente Lourenço Minatti	21-01-1884
Thereza Luiz Ghizzoni	15-10-1885
Raimundo Ana Busis	28-11-1887
Jacomina solteira, faleceu com 30 anos	1882
Theodoto Maria de José de Mendonça.	26-02-1894

O neto Nelson e também o José Bonelli confirmam que Jácomo Tonon morreu de acidente, quando estava arrumando uma espingarda carregada, perto do fogo e sem querer detonou contra ele mesmo, que teve morte instantânea. Isto aconteceu no dia 13 de dezembro de 1883 e tinha 53 anos. Foi no ano da revolução dos Maragatos.

A esposa dele, dona Maria Henrique Palodetti, era parteira. Atendia na região e também já ajudou muito em Orleãns. Mais tarde casou de novo com Teodoro Bruning.

Quando Jácomo Tonon faleceu, Theodoto, o filho, aprendeu o ofício de sapateiro com Luiz Ghizzoni, que por sua vez casou-se com sua irmã Thereza Tonon, em 29 de julho de 1902. Eles são pais do padre Raimundo. Theodoto começou com selaria em Armazém e depois veio para Tubarão, onde colocou uma indústria de calçados junto com seu irmão Raimundo: Tonon & Irmão. Ainda hoje a loja de calçados continua em Tubarão.

Domingos Bonelli

Domingos Bonelli casou com Luiza Pravato em 06 de abril de 1893, na capela de Azambuja-SC, sendo celebrante o padre Francisco Topp.

Ele com 19 anos, filho de João Bonelli e Luiza Lucheta, batizada na paróquia de Sto Simeon, Beluno, Itália.

Ela com 19 anos, filha de Domingos Pravato e Maria Marangoni, batizada na paróquia de Sto Giorgio, Pádua, Itália e residente na Azambuja, hoje distrito de Pedras Grandes.

Luiza Pravato faleceu no primeiro parto.

Domingos casa pela segunda vez, com Mariana Cescon. Não foi encontrada a certidão de casamento.

Ele nasceu em 08 de julho de 1873 e faleceu em 14 de julho de 1952.

Ela nasceu em 16 de julho de 1881 e faleceu em 05 de julho de 1955.

Tiveram quatorze filhos: sete homens e sete mulheres.

Nome	**Esposo(a)**
Marco	Constantina Matiola
Assunta	Antônio Menegali
Gilberto	Lúcia Molon
Amabile	Ambrózio Bressan
Luiz	Anita Matiola
Luiza	Martinho Nandi
Cecília	Ângelo Nandi
Antônio	Mariana Santana
Estela	Raul Nandi
José	Luzia Sartor
Maria	Olindo Modolon
Santina	Eugênio Perdoná
João	Francelina Giraldi
Pedro	Maria Bressan

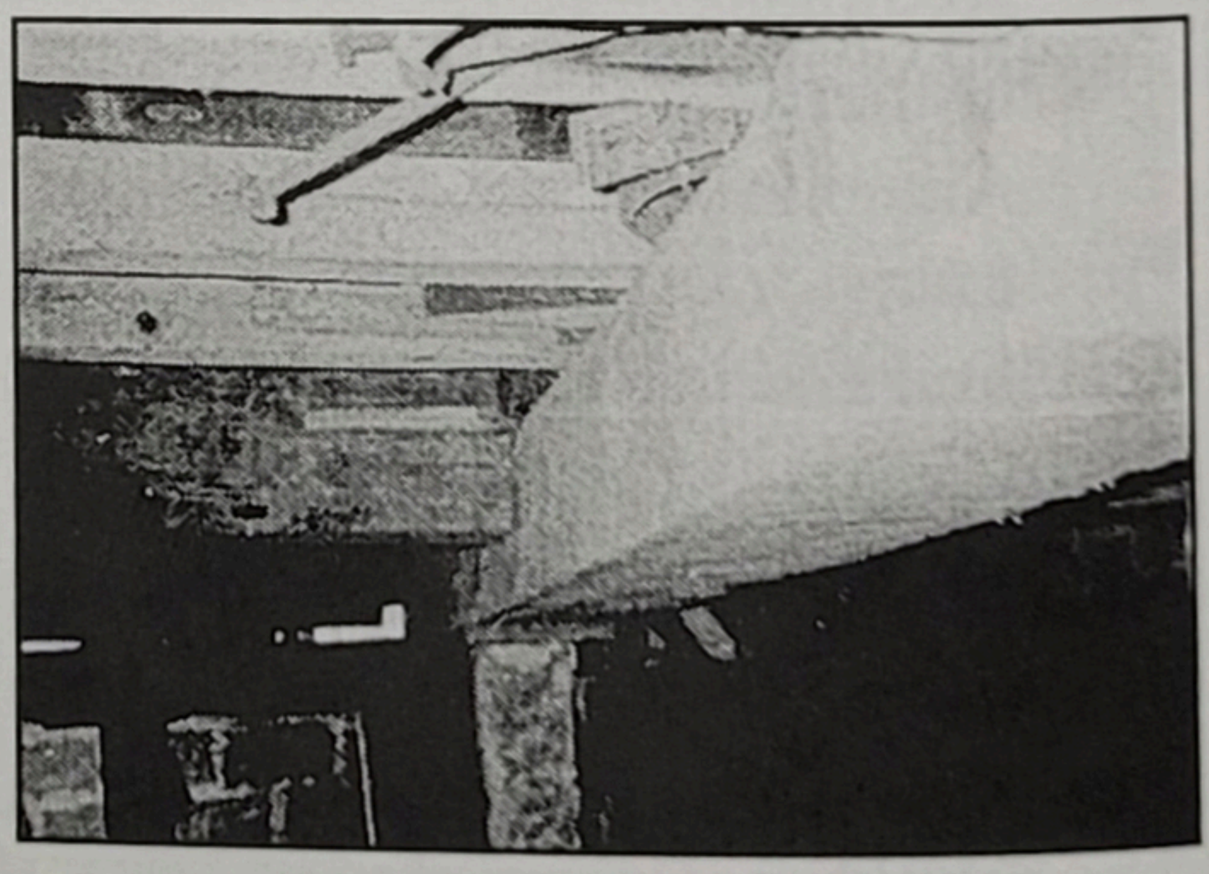
Domingos Bonelli quando casou a primeira vez, em 06 de abril de 1893, residia em Imbituba-SC e trabalhava na locomotiva da Estrada de Ferro, de Imbituba a Lauro Müller, junto com o irmão Cândido. Ele era foguista e o irmão era maquinista.

Na revolução dos Maragatos e Pica-Paus, no mesmo ano de 1893, os revoltosos Maragatos desceram pela Serra do Rio do Rastro, no Doze e mandaram parar o trem. Tanto o maquinista como o foguista ficaram sob o comando deles e se assustaram muito. O foguista, Domingos Bonelli, desistiu e veio para o Núcleo Treze de Maio (Quadro), junto com o pai, que já morava aqui desde 1890. Quando a revolução acabou, Domingos começou a trabalhar na locomotiva como foguista, onde mais tarde passou a trabalhar como maquinista.

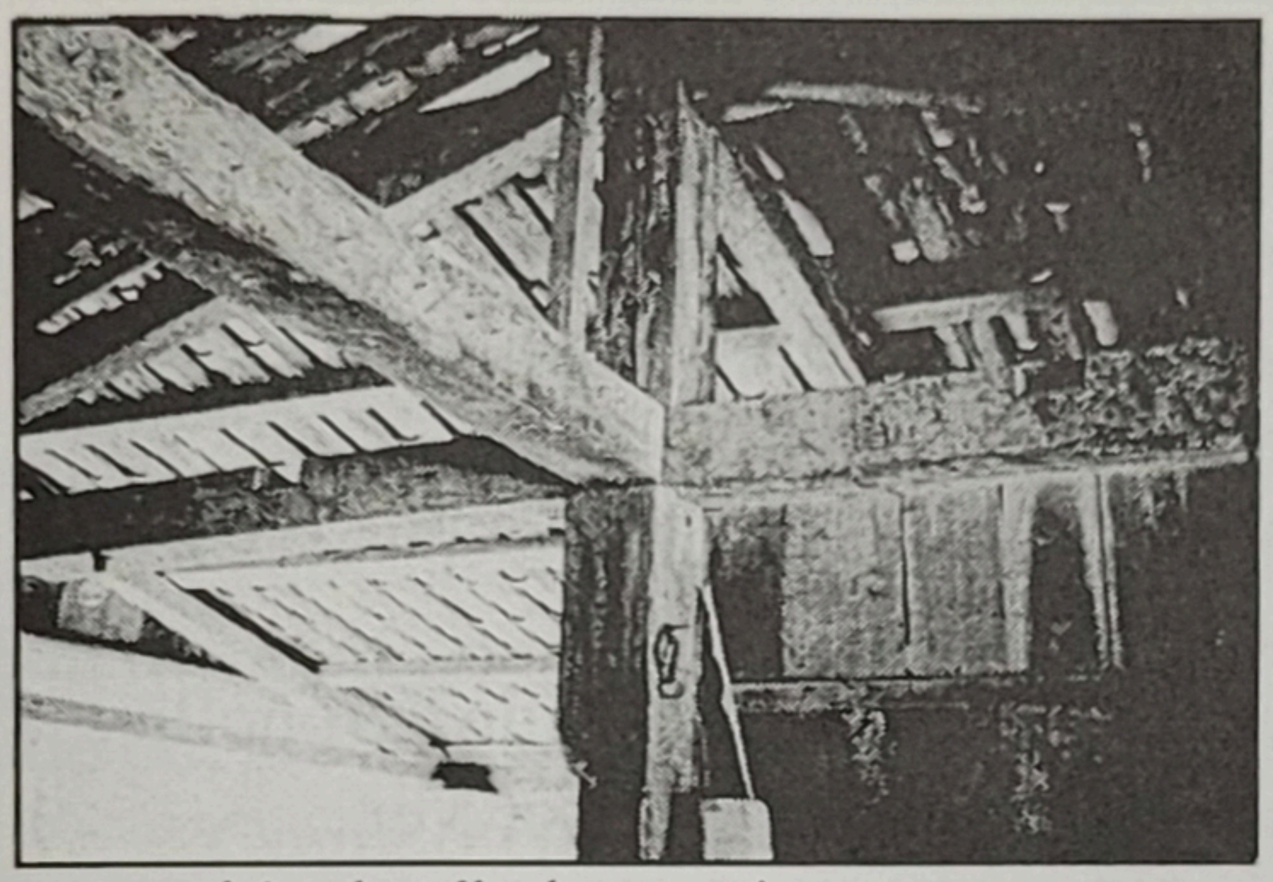
O livro "Centenário de Urussanga", na p. 198, conta que os Maragatos, soldados derrotados, voltavam para o Rio Grande do Sul e passavam por caminhos esconsos, cansados, magros, rasgados, sujos e mortos de fome. Certo dia, quando passavam pelo Vale de Treviso-SC, começaram a negociar de tudo: um cavalo por uma polenta, um trabuco por um salame, uma espada por um cacho de banana. O velhinho Abatti conta que foi o melhor negócio que fizeram, até hoje, os colonos de Treviso.

Por volta de 1903, Domingos comprou sua primeira propriedade de Ernesto Guarezi, lote nº 21, da Linha Jesuíno Corrêa, com 10.000 m/2 de terras, estremando com a serraria e a tafona de Sílvio Burato.

Ali fez um casarão de madeira de dois pavimentos. Uma casa com viga de 35x40 centímetros de grossura, com 9 metros



Primeira casa que Domingos Bonelli fez, de dois pavimentos. Neste porão ele tinha ferraria, onde se vêem as vigas da casa 35x40cm, farquejada a machado, de quina viva, com 9 metros de comprimento.



A madeira do telhado era assim, como mostra a foto.

de comprimento de quina farquejada a machado braçal e frontalada de tábuas. As linhas da casa, em cima, de 20x20cm e caibro de 15x15cm. O sarrafo de telha de 2,5 mX12cm, tudo como mostra na foto.

Naquele casarão, Domingos morava no segundo andar. No porão da casa ele instalou sua primeira ferraria e puxou por um valo a água que caía da serraria e da tafona de Sílvio Burato. Fez uma pequena roda d'água para tocar o ventilador. Com o ar no ventilador, puxado por um tubo de madeira até o forno simples, soprando por baixo do carvão vegetal, com fogo, esquentava o aço para fazer as ferramentas. Fazia ferramentas para todos os colonos da redondeza.

Como tinha muito serviço, pegou o menino Tomaz Damian Preve, com 13 anos, como ajudante e ensinava-o a trabalhar de ferreiro. Conforme relata hoje o filho de Tomaz, Idoíno Damian Preve, o pai contava para ele e os irmãos, que trabalhou quatro anos de graça com seu Domingos para aprender a profissão e depois passou a ganhar um pequeno ordenado, até 1913, quando casou.

As enchentes de 1912 e 1913 destruíram o valo por duas vezes no túnel e Sílvio Burato desistiu de reconstruí-lo.

Aí, Domingos Bonelli também ficou sem água para tocar a roda de sua ferraria. Desistiu da ferraria e foi embora para Várzea das Canoas, onde montou uma serraria. Deu para o operário, Tomaz Damian Preve, a metade de sua ferraria para que ele começasse a vida, ele que recentemente tinha casado.

Por volta de 1919, Domingos Bonelli vendeu a serraria de Várzea das Canoas para Atílio Calegari e veio morar de novo aqui no Núcleo Treze de Maio (Quadro), onde comprou o lote colonial nº 10, do rio

Caipora. Fez a escritura no cartório de Azambuja com o escrivão Inácio Ghisi, em cinco de janeiro de 1920. Neste lote fez uma terceira casa. Mudou aquele casarão que tinha feito em 1903, no lote colonial nº 21 da linha Jesuíno Corrêa, para a nova propriedade. Montou no mesmo casarão uma serraria movida a água do rio Caipora. Por volta de 1947 fez uma sociedade com outros e montou uma pequena fecularia, sendo que trabalhou pouco tempo nela.

Hoje a sociedade pertence ao filho caçula, Pedro Bonelli e a casa, construída há 92 anos, está lá para quem quiser ver.

Por volta de 1929, Domingos Bonelli resolveu montar uma serraria movida por um locomóvel, em São Sebastião, distrito de Treze de Maio. Era o lugar que tinha mais madeira de lei. A gente enxergava quando passava pela estrada.

Foi uma boa idéia montar uma serraria movida por um locomóvel, porque a caldeira dele era alimentada com as próprias costaneiras e refugos de madeira, saindo o combustível de graça, evitando despesas para transportar os refugos da madeira para outros lugares.

Domingos, antes de montar a serraria, fez um contrato com dezenove colonos da redondeza, comprando deles toda a madeira de lei, com longo prazo de entrega, ao preço ajustado por metro cúbico. A madeira era medida na entrega e os pagamentos eram feitos depois do embarque de madeira serrada.

Era um concorrente de meu pai, que também tinha serraria desde o ano de 1915. Mas meu pai não se importava, porque tinha muita madeira para serrar e ele não dava conta. Por outro lado, meu pai sabia que Domingos não agüentaria o contrato que fez, porque ele tinha acertado com os colonos um preço muito alto.

Vitório Búrigo vendeu a ele um locomóvel velho, para que ele fizesse um conserto e o experimentasse. Se servisse, pagaria com longo prazo.

Começou a trabalhar com a serraria. O embarque da madeira era feito na estação da estrada de ferro, em Estação Cocal, pois não

tinha estrada e caminho só para carro de boi. De São Sebastião a Urussanga Baixa tinha uma descida de mais de 20%, de forma que os carros de boi só podiam carregar dois terços da carga, para que o boi pudesse segurar o carro na descida. Outro problema era o rio de Urussanga que não tinha ponte e teriam que passar por dentro dele. Quando dava cheia tinham que fazer uma balsa, ou arrumar uma canoa para fazer a travessia da madeira para outro lado e depois carregá-la novamente nos carros de boi até a estação, que ficava a 1 quilômetro dali.

Conta o filho, Pedro Bonelli, que um dia veio o comprador da madeira e saíram juntos para que ele pudesse vê-la. Deixaram a serraria trabalhando sozinha. Acontece que partiu a correia e o locomóvel disparou, saiu da base e tombou. Foi uma sorte que não houve explosão.

Outro fato que aconteceu foi que estourou uma serpentina, saindo um pedaço de ferro quente pela porta da fornalha, batendo na perna de José Bonelli, deixando uma marca, quando este estava botando lenha na fornalha do locomóvel.

O filho Luiz Bonelli conta que a caldeira era velha e um dia arrebentou os estais da telha da fornalha e a telha embolou para dentro. Ainda bem que não chegou a explodir, pois se explodisse poderia levantar a serraria inteira para o ar.

Domingos Bonelli, que tinha trabalhado de foguista e maquinista na locomotiva da estrada de ferro, de Imbituba a Lauro Müller, por muitos anos, entendia de caldeiras e era também ferreiro. Fez uma soprema (alavanca) com uma viga de madeira, para ver se botava a telha no lugar que estava, mas não conseguiu. Aí ele foi na estrada de ferro de Tubarão pedir um macaco e o diretor emprestou. Amarrou o macaco em cima do lombilho do cavalo e mandou-se de volta. Com a soprema e o macaco de ferro, conseguiu botar a telha da fornalha no lugar que estava.

Quando a chapa que estava embolada foi para o lugar, diz o filho João Bonelli, ouviram um eco a uns 3 quilômetros de distância.

Os colonos se assustaram, pois o Brasil estava na revolução de 1930 e eles pensaram que era tiro de canhão. Domingos coloca os estais de novo e devolve o locomóvel para seu dono, Vitório Burigo.

Domingos chamou os dezenove colonos de quem tinha comprado toda madeira de lei, conforme contrato assinado e explicou que não podia cumprir o contrato, porque lhe dava prejuízo. Fez a proposta para os colonos de cancelarem o contrato e todos concordaram.

Foi um alto negócio de Domingos parar com a serraria, porque se ele continuasse, certamente venderia madeira para a firma " Lebarbenchon" que mais tarde abriu falência e os prejuízos poderiam ser bem maiores. Pelo menos assim os colonos ficaram com sua madeira.



Fila da frente
1 - Stedin Bonelli Porto
2 - Santalina Bressan Bonelli
3 - Marília Bonelli Lima
4 - Marlina Bonelli Lima
5 - Maria Mafalda Tomé, esposa de Domenico
6 - Carla Andrich, prefeita de Vallada Agordina em Beluno
7 - Viviane Andrich, professora de Vallada Agordina em Beluno-Itália.

Atrás
1 - Cláudete Balestrin Bonelli
2 - Aliomar Bressan Bonelli
3 - Felícia Dandolini Bez Fontana
4 - Maria Bressan Bonelli
5 - Pedro Bonelli
6 - Domenico Damian, Conegliano em Treviso.
7 - Lindomar Bressan Bonelli
8 - Itamar Bressan Bonelli
9 - Gilberto Dandolini Fontana, vereador.

Germarno Bez Fontana, fotógrafo.

N. _____ Reg. Cert.

Esatto L. _____

NUOVO ORDINAMENTO
STATO CIVILE

COMUNE DI VALLADA AGORDINA

PROVINCIA DI BELLUNO

UFFICIO DELLO STATO CIVILE

CERTIFICATO DI NASCITA

Si certifica risultare dai registri di quest'Ufficio che

BONELLI Benedetto Domenico

è nato nel Comune di Vallada (ora Vallada Agordina)

il giorno sette

del mese di luglio

dell'anno millcottocentosettantadue

Tanto rilevasi dal Registro degli Atti di Nascita di questo Comune al

N. 19 Parte == Serie == Anno 1872

Il presente viene steso su carta libera per uso consentito dalla legge.

Dalla Residenza Municipale, li 21.11.1994

L'UFFICIALE DELLO STATO CIVILE Del.
(Aldo Ronchi)

Tip. CASTALDI - Agordo

Capela na Linha Caipora

Na Linha Caipora os colonos fizeram uma capela e o padroeiro era São Luiz. A capela foi feita de tijolos, mas no lugar de dividir a capela-mor só botaram em cima uma viga de madeira de 12x12cm. A dita viga, quando colocada, dividiu o centro dos dois lados, sendo que o carpinteiro se enganou e de um lado botou a viga do centro para a frente

e de outro , do centro para trás, de forma que a referida viga ficou 12 centímetros fora do esquadro da casa.

Depois os fabriqueiros queriam dividir a capela-mor e falaram com meu pai, que me mandou no seu lugar para fazer o serviço. Eu fui na casa do fabriqueiro Pascoal Nim Nandi e ele explicou como queria o serviço. Disse que se Domingos Bonelli viesse ali para dar palpites, que eu não ligasse, porque ele é homem que entende, mas é teimoso. Ele é capaz de fazer desmanchar o serviço.

Os fabriqueiros queriam dividir a capela-mor, por meio de uma parede de tábua pregadas na viga. Sendo assim ficaria 1 metro de parede de um lado e 1m de parede de outro lado. No meio seria feito um arco redondo. Este passaria por cima da viga e por isso tinha que cortá-la, deixando somente um metro de cada lado. Como a viga estava fora do esquadro, complicou. De um lado tinha que pregar as tábuas na frente da viga. Do outro tinha que pregar as tábuas atrás da viga, ficando de um lado um pedaço da viga na frente das tábuas, à vista.

Neste instante, chega Domingos Bonelli e eu pensei: agora vai dar muita conversa. Por isso, eu logo expliquei para seu Domingos da viga fora do esquadro e perguntei se não ficava feio aquele pedaço de viga na vista, na frente da parede, só de um lado. Ele falou:

- Não fica feio, não. Até é bom para botar um santo em cima.

Carlos Bonelli

Contou o seguinte fato: a locomotiva nº 11 descia de Lauro Müller, puxando dezenas de vagões carregados de carvão, com o maquinista Serafim, o foguista Francisco Alves e o guarda-freio Carlos Bonelli, que naquele dia trabalhava no lugar de outro. Quando o trem estava a 2 quilômetros de Orleãns em uma curva colocaram numa junta dos trilhos, um parafuso de dormente e a locomotiva descarrilou. Com o impacto na terra, ela ficou com a frente virada para Lauro Müller, quatro vagões ficaram virados de rodas para cima e o restante

permaneceu nos trilhos. O foguista Francisco Alves pulou da locomotiva, caindo em cima dos trilhos, sendo que os vagões o cortaram pelo meio, tendo morte instantânea. O maquinista ficou preso nas ferragens da locomotiva, morrendo queimado e o guarda-freio Carlos, foi projetado para longe e salvou-se por milagre. Era uma terça-feira da Semana Santa de 1935.

Tomaz Damian Preve

Em 28 de julho de 1913, Tomaz Damian Preve casou-se com Tereza Burato, na capela de "São José" do Quadro, com a presença do Pe. Caetano Coccilavo.

Ele, com 22 anos, filho de Osvaldo Damian Preve e Maria Bez, batizado na paróquia de Urussanga e residente no Quadro, Núcleo Treze de Maio. Ela, com 18 anos, filha de Sílvio Burato e Filomena Quarezimin, batizada na Igreja "São José" do Quadro e residente no mesmo local, Núcleo Treze de Maio.

Tiveram nove filhos:

Filhos(as) e esposos(as)	**Nascimento**	**Casamento**
Frederico Damian Preve Etelvina Nandi (fal.) Elizabeth Hoepers	1915	1937
Idoíno Damian Preve Adelinda Nandi (fal.) e Ida Maria Hoepers	1916	1938
Ismael Tomaz Peve Elvira da Costa	1918	1943
Olavio Damian Preve Adail Batista da Silva	1919	1942
Clelia Damian Preve Abel Fragnani	1923	1944

Maria Damian Preve Antônio Domingos da Silva	1925	1946
Yolanda Damian Preve Arredesque Magagnin	1927	1955
Arminda Damian Preve Defende Salvan	1930	1954
Filomena Damian Preve Elzio Felipe	1932	1952

Por volta de 1905, Tomaz já com 13 anos, foi trabalhar com Domingos Bonelli como aprendiz. Trabalhou quatro anos de graça para aprender a profissão de ferreiro e depois passou a ganhar.

Tomaz compra propriedade

No ano de 1913, Tomaz Damian Preve compra a casa de Santo Giraldi, aonde ele tinha venda e construiu um galpão, instalando ali sua primeira ferraria, movida braçalmente. Ganhou a metade da ferraria de seu patrão Domingos Bonelli e como ficou com a freguesia de seu patrão, tinha muito serviço, colocando para trabalhar com ele mais dois ajudantes aprendizes, que ajudavam a bater a marreta e tocar o ventilador. Os dois ajudantes eram: Angelo Espiler e Lourenço Dandolini.

Local da ferraria

A ferraria e a residência de Tomaz eram localizados, mais ou menos, onde hoje é o posto de gasolina.

Enchente invade casa

Na enchente de 20 de janeiro de 1920, caiu uma tromba d'água. No dia 21, por volta das 7 horas da manhã, quando estourou o túnel

do Sílvio Burato, a água chegou na sede (Quadro), pegando a todos de surpresa. Tomaz, de manhã, arrumou um carro de boi e mandou a mulher com os filhos Ismael e Olavio, juntamente com roupas e comida para casa de Antonio, Guarezi, que ficava a uns 800 metros, em cima do morro, no lote n.° 21 da Linha Jesuíno Correa. Enquanto isso, Tomaz com os dois serventes, o filho mais velho Frederico com cinco anos e Idoíno com quatro, ali permaneceram, guardando para ver se tinha perigo da água entrar em casa.

Chegada da água

Quando viram que a água subia meio metro por vez, trataram logo de se escapar. Fecharam a casa e a ferraria e seguiram rápido em direção ao morro onde morava Antonio Guarezi. Conta o filho Idoíno, que ele e o irmão eram pequenos e não tinham mais condições de atravessarem a água e por isso, o irmão Frederico foi carregado pelo Angelo Espiler e ele, pelo Lourenço Dandolini. Idoíno lembra ainda que Lourenço era mais baixo e a água já estava passando por cima da cintura, então ele, Idoíno batia com as mãozinhas na água, brincando, não prevendo o perigo.

Altura da água

Em menos de uma hora a água chegou nos telhados das casas, molhando todos os pertences.

Diz o filho Idoíno, que dentro da ferraria tinha dezesseis rodados de carro de boi deixados pelos colonos para ferrar. Conta o João Formentin (Nico, como era conhecido), que ficou trancado dentro da ferraria um cachorro e que quando a água subiu, as rodas que eram de madeira boiaram e o cachorro salvou-se em cima delas. Conta também o Nico que à medida que a água ia subindo, um porco que estava no chiqueiro nadava, até que a água passou por cima da cerca e ele continuou nadando até encontrar um morro, que ficava a um quilômetro dali.

Foi encontrado pelos vizinhos na costa do morro, salvo. As galinhas se afogaram, porque estavam presas no galinheiro.

Tomaz compra terreno no morro

Tomaz Damian Preve depois da enchente ficou assustado, como o povo de Tubarão na enchente de 1974. Comprou de Sebastião Formentin um lote na sede e fez ali a sua residência e a ferraria. O dito terreno hoje pertence ao filho Idoíno Damian Preve.

Pedro Baesso

João Formentin (Nico, como era conhecido), contou-me que o avô materno dele, Pedro Baesso, perdeu o filho José Baesso. A viúva, Regina Demo, ficou com cinco filhos e estava grávida quando ele morreu. Quando nasceu o filho, ela botou o mesmo nome do pai. A viúva ficou com seis filhos pequenos: Ângelo, Luíza, Angelina, Mariana, Rosa e José.

Pouco tempo depois ela casou com o viúvo Alvise Zatta, que também já tinha filhos, nove ao todo: Constança, Emília, Amabile, Antônio, Eliza, Albina, Alexandre, Pierina e Pedro. Ambos eram naturais da Itália e tiveram mais um filho, Júlio Zatta, que no dia 21 de abril de 1934, casou com Henriqueta Maria Fontanella.

Ele, nascido em Rio Carvalho, município de Urussanga - SC em 27 de julho de 1907, filho de Alvise Zatta e Regina Demo, naturais da Itália.

Ela, nascida no município de Urussanga - SC em 16 de julho de 1907, filha de João Batista Fontanella e Maria Bez Fontana (Maria é irmã de meu avô Sebastião Bez de Fontana) ambos naturais da Itália.

Os seis filhos menores da viúva Regina Demo ficaram com o avô Pedro Baesso, sendo que ele criou os seis netos, dando meio lote de terra colonial a cada um. Angelina casou com Frederico Peron e Mariana casou com Luiz Destefani.

Pietro Peron

Pietro Peron, casado com Maria Rielo, nasceu na Itália e na primeira leva de imigrantes, veio para o Brasil, em 1877, mais precisamente para o sul do Estado de Santa Catarina, entrando por Pedras Grandes e indo morar em Armazém, no distrito de Azambuja.

Em 20 de junho de 1893, com 54 anos de idade, faleceu de acidente. Um pau lhe caiu na cabeça em uma derrubada de matas e deixou viúva e seis filhos: Luigi com 19 anos, Antônio com 13 anos, Valentin com 11 anos, Domenica com 9 anos, Frederico com 6 anos e Domenico com 3 anos de idade.

Frederico Peron

Frederico Peron nasceu em 1887 e quando o pai dele faleceu, tinha seis anos. Mais tarde casou com Angelina Baesso, também órfã de pai. Ele, filho de Pietro Peron e Maria Rielo e ela, filha de José Baesso e Regina Demo. Mais tarde foram morar em Núcleo Treze de Maio (Quadro), numa casa de Mansueto Pinguelo, que fica hoje mais ou menos no fundo da residência do ex-prefeito, João Bressan Bardini. A dita casa, eu conheci, ficou ali por muitos anos.

O aperto de Frederico Peron

20 de janeiro de 1920, data em que caiu sobre o Núcleo Treze de Maio (Quadro), a maior tromba d'água do século, estourando no dia seguinte o túnel de Sílvio Burato e por ali desviando o Rio Caipora. A água que estava acumulada durante a noite, represava por vários quilômetros, chegou na sede lá pelas 7 horas e subia meio metro por vez.

Frederico, com a mulher Angelina, fecharam a casa e trataram de se escapar do dilúvio, pois a água vinha fazendo um ronco no meio das matas. Seguiram em direção ao norte, mas na metade da viagem lembraram-se da cabra que tinha ficado presa na estrebaria e voltaram para

buscá-la. Após pegar a cabra às pressas, voltaram, mas quando chegaram perto do morro, no meio das matas virgens, tinha uma baixada, já com mais de 1 metro de água e ficaram com medo de atravessá-la. O único recurso era voltar para casa. Já na casa, a água foi subindo rapidamente e eles subiram na mesa, colocaram as cadeiras e abriram um buraco no telhado, onde permaneceram o Frederico, a mulher Angelina e a cabra.

A cabra berrava e eles pediam socorro pelo amor de Deus. O tio dela, Francisco Formentin, gritava lá da costa do morro:

- Comam salame, se tiver, - julgando que a salamada, que era sempre pendurada no alto do chão, teria se escapado da água.

Em redor da casa dele ficou um mar de água, sendo que a parte mais próxima do morro tinha mais de 200 metros de distância.

Marcolino Medeiros (Marcolino Cacique, como era conhecido), homem voluntário e de muita coragem, arrumou um cocho de engenho de açúcar fez um remo e com a ajuda dos vizinhos, levou o cocho num carretão de quatro rodas, puxado por uma junta de boi até o mar de água. Com o cocho já na água, Marcelino salvou o Frederico, sua mulher e a cabra.

Frederico, depois da enchente, foi morar no terreno que sua mulher ganhou de seu avô, Pedro Baesso, no lote colonial nº 32, que ficava estremado com o do meu pai. A casa dele ficava a uns 500 metros da nossa.

Frederico não tinha filho e eu lembro que uma vez ele foi dar uma volta à cavalo no sul do Estado e chegaria em casa tarde da noite. Em vista disso, minha mãe mandou-me na casa de dona Angelina, para fazer-lhe companhia e dormir lá. Depois da ceia, que era uma boa menestrada com radicho, eu vi que dona Angelina pegou uma caixa de fósforos e rachou um pelo meio, ou seja, de um ela fazia dois fósforos.

Naquele tempo nem sempre tinham fósforos para comprar e mesmo que tivesse, tinha que economizar o máximo, pois as finanças não eram muito boas.

Mais tarde, Frederico Peron vendeu a terra para o meu pai e com o cunhado José Baesso, foram embora para Turvo, no sul do Estado, onde eles compraram mais terras.

José Favarin

José Favarin casou com Augusta de Pieri em 28 de abril de 1923, na Igreja de São Roque, no Rio Coruja, SC. Com o padre Caetano Coccilavo, onde foram testemunhas Augusto Parigem e Fioravante Nandi.

Ele, com vinte e quatro anos, filho de Valentin Favarin e Tereza De Pieri.

Ela, com vinte e dois anos, filha de João de Pieri e Tereza Desolin.

José Favarim residia aqui no Núcleo de Treze de Maio (Quadro) na Avenida 7 de setembro, numa casa de madeira, onde hoje o terreno é de propriedade de Olívio Nandi e estrema do lado oeste com terras do Banco do Brasil.

Ele tinha em sua casa, uma bem montada selaria e também um curtume. Comprava couro verde e depositava nos tanques. Com casca de acácia e de outra madeira nativa que nós tirávamos do mato, na derrubada das árvores, ele curtia o couro. As cascas das árvores eram moidas no pilão (monjolo).

Na frente da casa dele, no outro lado da Avenida, nas terras do governo, tinha um pequeno córrego, com bastante caimento e José fez ali um pequeno açude, onde puxou a água por uma calha feita de ripa até o galpão. Com a água ele movimentava o monjolo.

O monjolo foi feito por nós, na carpintaria do meu pai. Com um caibro de 8x15cmx2, 50m, sendo que, a uns 80 centímetros de um lado era atravessado um eixo, para fazer o balanço do monjolo. Na frente do caibro era encaixado o pilão, um pau de uns12x12cmx1,00m e trabalhava em pé. Atrás, em cima do caibro, era parafusada uma gamela de madeira, aonde a água caía, puxada pela calha. Quando a gamela enchia de água e seu peso levantava o pilão e quando descarregava a água da

gamela, o pilão descia esmagando a casca, transformando-a em pó. Com este pó a casca de acácia, ele curtia os couros nos tanques.

Eu lembro que nós fizemos o monjolo para José Favarin e ele mesmo montou no seu galpão. Acontece que a gamela tem que ser bem centrada, caso contrário não funciona.

Ele, não sabendo, parafusou a gamela muito na frente e ela enchia de água, mas não levantava o pilão. Aí ele parafusou a gamela bem atrás e a gamela enchia, levantava o pilão, descarregava a água, e o pilão ficava em pé, não descia.

José Favarin manda chamar meu pai e ele me manda no seu lugar para regular o monjolo. Ao chegar lá, ele ainda estava tentando acertá-lo e nada conseguiu. Ele embrabou, pegou o pilão com as duas mãos e fez ele funcionar a braço, levantando-o para cima e para baixo e dizendo:

- Trabalha ou não trabalha seu ladro don can.

Eu fui obrigada a me virar de um lado e dar uma risada. Aí eu disse para seu José:

- Deixa que eu o regulo.

Quando eu era criança, fazia os meus brinquedos e fiz também um manjolo, onde pilava arroz, por isso eu sabia como era regulado. Depois que eu o acertei, ele trabalhava dia e noite, só parava em 12 em 12 horas para tirar o pó do pilão e encher de cascas cortadas em pedaços. Era uma máquina preguiçosa, mas trabalhava dia e noite de graça. Para consumo dele era suficiente, pois curtia os couros para sua própria indústria (selaria).

Giovani de Bona Porton

Giovani de Bona Porton casou com Teresa Muffato em 6 de junho de 1925, em São Pedro, Urussanga, com o padre Gilli, onde foram testemunhas Antônio Zacaron e Carlos Moro.

Ele, com vinte sete anos, filho de Gioachino de Bona Porton e Domenica Savi, batizado em Azambuja.

Ela com dezenove anos, filha de Luigi Muffato e Maria Pagnan, batizada em Urussanga.

Giovani de Bona Porton, mais conhecido como "João Sapateiro", morava aqui em Treze de Maio, aonde hoje é a sede da Cooperativa de Eletrificação Rural, na Avenida 7 de Setembro.

Ele tinha uma bem montada sapataria, onde fazia sapatos para os colonos da redondeza e também tinha um curtume. Comprava couro verde e ele mesmo curtia nos tanques que fez numa de suas propriedades.

Os couros eram curtidos com casca de Acácia e também com a casca de outra planta nativa, que nós da serraria tirávamos quando derrubávamos da dita árvore, que se não me engano era chamada de Pau-Pra-Tudo.

A casca da Acácia era secada no sol e depois esmagada no pilão. Após ser transformada em pó, era jogada junto ao couro, misturada com água e todo o dia era mexido até que curtia (cor marrom).

Mais tarde ele mandou fazer na nossa carpintaria um bombo, que tinha 2 metros de comprimento com 1,20 metros de diâmetro e que foi instalada em nossa serraria, sendo virado por uma correia.

Os couros eram jogados dentro do bombo, onde ficavam virando até curtir. O trabalho era rápido em vista dos tanques que levavam semanas. A casca da Acácia também era esmagada na nossa serraria, no pilão.

Eu lembro que quando tinha festa vinha gente de longe. João Sapateiro levava sempre no bolso o metro e aproveitava bem o dia da festa, para receber encomendas de sapatos. Ele, com o metro, media o pé e fazia sapatos sob medida. Lembro que o couro do sapato dele era seco e duro, muitas vezes fazendo calos nos pés da gente.

Ele também fazia chinelo, tamanco, coleira, carteira, concertos,

botava meia sola nos sapatos pregadas com tachinhas de madeira.

Eu lembro que naquela época ele tinha quatro empregados aprendizes: Angelo Muffato, Jacomo Savi, Olindo Nandi e Ermogenio Damian.

Giovani foi subdelegado em Treze de Maio. Mais tarde ele vendeu o terreno para meu pai e comprou um terreno na subida do morro do Formigão em Tubarão, pelo lado sul, onde foi morar.

Rodolfo Cadorin

Rodolfo Cadorin casou com Santa Favarin em 22 de abril de 1922, com a presença do padre Caetano Coccilavo. Foram testemunhas Orestes Favarin e Geraldo Sinonis.

Ele, com vinte e cinco anos, filho de João Cadorin e Dinha Laurita.

Ela, com vinte e um anos, filha de João Favarin e Rosinha Vegasani.

Rodolfo Cadorin era ferreiro e morava na hoje Avenida 7 de Setembro, Núcleo Treze de Maio, numa casa de madeira, onde hoje tem a loja de calçados de Valdecir Bez Fontana. Cadorin tinha uma bem montada ferraria e fazia ferramentas paras os colonos da redondeza. Eu lembro que nós também comprávamos ferramentas dele.

Mais tarde ele vendeu a morada e foi morar num tal de Morro Chato, no sul Estado.

Lourenço Dandolini

Lourenço Dandolini casou com Joana Gislon em 11 de fevereiro de 1922, na capela do Quadro, com o padre Caetano Coccilavo, onde foram testemunhas Tomaz Damian Preve e Maximiliano Ferreira.

Ele, com dezoito anos, nascido no Núcleo Treze de Maio (Quadro), filho de Saul Dandolini e Mariana Baesso.

Ela, com dezoito anos, nascida no Núcleo Treze de Maio, filha de Domingos Gislon e Maria Catarina.

Tiveram sete filhos: quatro homens e três mulheres.

Nome	**Esposo (a)**	**Data de casamento**
Felícia	Germano Bez Fontana	10-07-1940
Aulina	Gentil Bez Fontana	18-06-1942
Maria	Augustinho Folchini	23-10-1948
Idolvino	Jandira Frangnani	08-06-1957
Almir.	Dalva Savi	12-06-1958
Jair	Deise Maria Menin	10-07-1971
Agenor.	Nelita de Bona Poton	30-11-1974

Lourenço Dandolini foi ferreiro, comerciante, tinha açougue e em 17 de junho de 1932 foi nomeado subdelegado de polícia, no distrito de Treze de Maio, município de Tubarão, exercendo este cargo por muitos anos.

Francisco Formentin

Francisco Formentin casou com Giacomina Baesso em 28 de abril de 1902, na Igreja de Armazém, distrito de Azambuja, onde foram testemunhas Domingos Gislon e Ticiano Formentin. O padre que celebrou o casamento foi Luiz Marzano.

Ele, com vinte e um anos, filho de Luiz Formentin e Mariana Novalli, batizado na paróquia de Padova, Itália.

Ela, com trinta e três anos, filha de Pedro Baesso e Ângela Martelli, batizada na paróquia de Padova, Itália.

Francisco Formentin veio para o Brasil com a idade de onze anos, ou seja, em 1892.

Tiveram quatro filhos: dois homens e duas mulheres.

Nome	**Esposo(a)**
Batista	Regina Nandi
João	Angela de Pieri

Santinha	Angelo Cescon
Luíza	Esnesto Bez

Francisco morava na Linha Fausto Júnior.

João Formentin

João Formentin (Nico como era chamado) casou com Angela de Pieri em 23 de abril de 1927, na Igreja de Pedrinhas, onde foram testemunhas Elenoir Damian Preve e Lourenço Dandolini. Casamento celebrado pelo padre Caetano Coccilavo.

Ele, com vinte e dois anos, nascido em Pedrinhas, filho de Francisco Formentin e Giacolina Baesso, batizado em Pedrinhas.

Ela, com vinte e dois anos, nascida em Pedrinhas, filha de João de Pieri e Helena Francisconi, batizada na paróquia de Pedras Grandes.

Tiveram duas filhas.

Nome	**Esposo**
Elena	Adair Brunato Martins
Domingas	Altamiro Brunato

João Formentin nasceu em Pedrinhas, criou-se na Linha Fausto Júnior e depois de casado foi morar na Sesmaria Medeiros, em cima do morro Pelado. Depois comprou uma propriedade em Cubículo, aonde faleceu com 89 anos. Deixou os seus bens para a filha Domingas, casada com Altamiro Brunato.

José Guarezi

José Guarezi casou com Ana Bressan em Azambuja, no dia 26 de abril de 1900.

Ele, com 23 anos, nascido em Mantova, Itália, em 7/03/1877, veio para o Brasil em 1885 e era filho de Ernesto Guarezi e Martina

Minatti, batizado na Itália e residente em Azambuja - SC.

Tiveram treze filhos: cinco mulheres e oito homens, que no dia do aniversário do mais jovem da família, em 2 de fevereiro de 1981, descrito abaixo, contavam com as seguintes idades:

Nome	**Nascimento**	**Anos**	**Filhos**
Martina Carara	18/04/1901	80	6
Natal Guarezi	18/12/1902	79	9
Maria Faveri	5/05/1904	77	6
Martinho Guarezi	13/03/1907	74	11
Ambrósio Guarezi	07/12/1908	73	6
Anita Zanelatto	12/07/1910	71	2
Humberto Guarezi	05/12/1911	70	7
Domingos Guarezi	02/03/1913	68	9
Antônio Guarezi	01/09/1914	67	5
Santinha Savi	13/02/1916	65	8
Divino Guarezi	28/07/1918	63	1
Amabile Boscheto	18/10/1920	61	5
Mário Guarezi	02/02/1923	58	6

Mário Guarezi o mais jovem, de toda família, casado com Olinda Marcon, no dia de seu aniversário, em 02 de fevereiro de 1981, onde completava 58 anos, reuniu os seus doze irmãos, todos vivos e com excelente saúde, cunhados e cunhadas, filhos, netos e bisnetos. Eram cerca de setecentas familiares, mais quinhentas pessoas convidadas entre amigos e vizinhos, totalizando assim mil e duzentos pessoas, onde lhes ofereceu uma excelente churrascada, em sua confortável residência em Lageado, distrito de São Gabriel município de Treze de Maio.

Em 02 de fevereiro 1982, Mário Guarezi reuniu os oito irmãos homens na sua bonita casa de verão, na praia de Campo Bom, município de Jaguaruna-SC, com o seguinte programa: quatro partidas de bocha, dividindo a idade de duzentos e oitenta anos de cada lado, onde houve empate e duas partidas de mora, também empatadas. Ao meio dia, um suculento almoço com todos os familiares.



Foto tirada em 14-03-1983. Mostra os 13 filhos de Josepe Guarezi e Ana Bressan.
Da esquerda para a direita: Mario (Caçula), Amabile, Divino, Santina, Antonio, Domingos, Humberto, Anita, Ambrósio, Martinho, Maria, Natal e Martina.

Martinho Guarezi

Martinho Guarezi contou como os colonos conseguiram a primeira estrada para Tubarão.

O caminho de Tubarão para Núcleo de Treze de Maio, via sertão dos Corrêa, que passava por Linha Mesquita, era péssimo. Nem carro de boi passava direito, era uma morraria.

Por volta de 1922, reuniram - se os primeiros colonos que compraram propriedades no lugar, chamado Boa Vista e ali foram morar. Como não tinha estrada para ir a cidade de Tubarão levarem os seus mantimentos, resolveram ir ao governador solicitá-la. O pai do Martinho, José Ernesto Guarezi e Vicente Bressan, se encarregaram de ir ao governador, certamente com autorização do prefeito de Tubarão. Foram a cavalo por Imaruí e pela praia, subiram o morro dos cavalos, passaram por Enseada do Brito, Palhoça, São José, onde pegaram uma

balsa, chegando na capital Desterro, hoje Florianópolis. Depois foram ao Palácio Cruz e Souza, onde foram recebidos pelo governador Hercílio Luz e após bater um papo, pediram ao governador para que fosse aberta uma estrada de Tubarão ao Núcleo Treze de Maio (Quadro), passado pelo Sertão dos Corrêa e Sertão dos Mendes. O governador garantiu que ia mandar fazer a referida estrada. Agradeceram e se despediram, fazendo a viagem de volta muito contentes.

Martinho conta que entre ida e volta, foram doze dias de viagem, mas valeu a pena . Para os Italianos foi um bom passeio, certamente muitas novidades contaram quando chegaram. Ir ao Desterro, naquele tempo, era como hoje ir à Europa.

Por volta de 1923 iniciaram a estrada no Sertão dos Corrêa .

Em 1924, eu tinha os meus nove aninhos e lembro-me como se fosse hoje que a turma da estrada fez uma casinha, em cima de quatro rodas, para guardar a comida e as ferramentas. Quando um trecho da estrada ficava pronto, eles arrumavam uma junta de boi e puxavam a casinha para a frente, perto do serviço. As ferramentas eram pás picaretas, carrinho de mão, brocas e marretas.

O administrador da turma era o Vantiero Margoti. Não encontrei apesar do meu empenho, alguém que me informasse a data da inauguração da referida estrada. De Núcleo de Treze de Maio (Quadro) seguiram com a referida estrada pelo travessão da linha Fausto Júnior ou por perto dele, até o lugar conhecido por Lages, na propriedade, hoje, de Santos B. Fontana.

Clemente Guarezi

Em 7 de julho de 1923, Clemente Guarezi casou com Aquilina Cataneo, em São João com o padre Caetano Coccilavo.

Ele, que nasceu em 23 de novembro de 1903, em São João de Azambuja-SC, com vinte anos de idade, filho de Antônio Guarezi e Luiza Nandi e batizada na Paróquia de Pedras Grandes.

Ela, com dezoito anos, filha de Marcelo Cataneo e Virginia Zamin.

Clemente ficou viúvo com três filhos: Maria, Odécia e Ana.

Clemente casa pela segunda vez com Elza Burato, em dezessete de setembro de 1953.

Tiveram cinco filhos: Valter, Jair, Ivonete, Pedro e José.

Ele conta que viu todos os irmãos nascerem e quase todos os irmãos morreram e ele, que é o mais velho da família, já com mais de noventa anos de idade, encontra-se forte e trabalhando ainda.

Ele relatou um fato em que os Formentin, Gislon, Burato e Guarezi, queriam comprar as terras do Vargedo e quando lá chegaram assustaram-se, porque era um banhadão.

Contou ainda que um dia de festa, quando o povo estava na igreja assistindo a Santa Missa, chegou pela primeira vez no quadro, um automóvel, modelo "A" e o pessoal vendo aquele ronco de motor saiu todo da igreja para ver o que era, deixando o padre sozinho, rezando a missa.

Uma mulher, quando viu o automóvel, botou a mão na cabeça e disse:

- Meu Deus, o mundo está acabando.

Outro fato comentado foi quando aconteceu no Quadro os três dias da festa em homenagem a São José, 21, 22 e 23 de março de 1923 ou 1924.

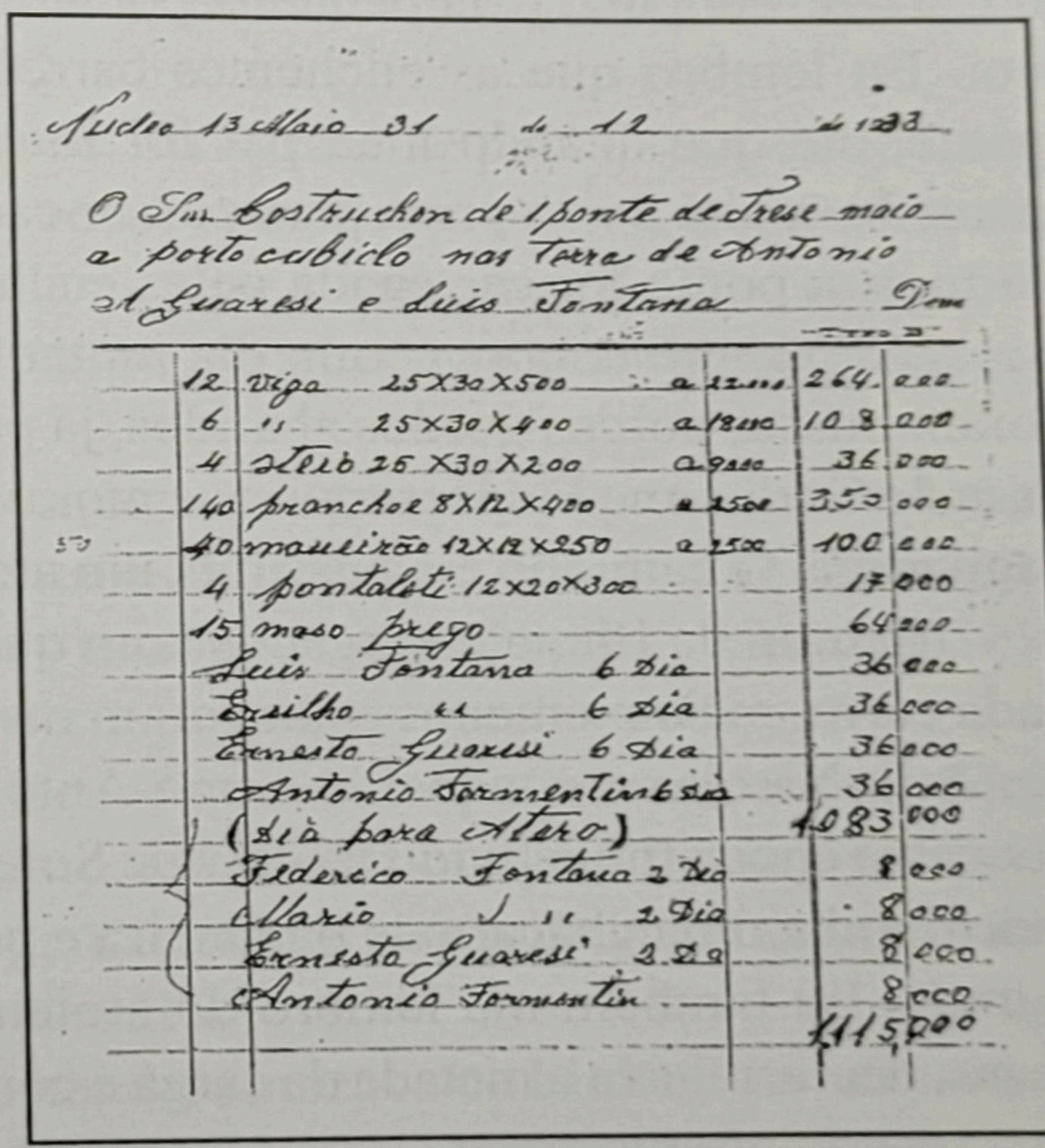
Depois da festa, todas as donas da casa lavaram as roupas acumuladas durante três dias, sendo que algumas penduraram no varal e outras deixaram - nas estendidas no gramado, permanecendo ali as roupas, durante a noite.

Naquele tempo não se previa ladrão, porque não se ouvia falar em roubo. Mas, naquela noite, aproveitaram e carregaram todas as roupas de treze famílias e ninguém viu os ladrões. Os colonos se comunicaram para ver se descobriam alguma coisa, mas nada souberam.

Eu lembro como se fosse hoje, que passados vários meses, uma mulher moradora da Boa Vista, a 6 quilômetros da sede "Quadro",

Núcleo Treze de Maio, reconheceu um vestido que uma mulher usava, como sendo roubado naquela noite. Aí lembraram-se, que logo em seguida do roubo, viram aquela família com muitas roupas no varal, durante uma semana. Dava para desconfiar e avisaram o Subdelegado do Quadro.

O Subdelegado requisitou duas polícias de Tubarão e num domingo de madrugada foram a cavalo para o lugar onde morava a família e deram uma batida na casa suspeita, achando todas as roupas roubadas escondidas em cima do forro da casa. O Subdelegado fez os ladrões ensacarem todas as roupas roubadas e trazerem a pé até a sede "Quadro". Quando chegaram na sede, encontraram o pessoal que saía da Igreja. Fizeram os ladrões passarem várias vezes na Avenida 7 de Setembro, onde o povo estava enfileirado, para que pudessem conhecer os ladrões. Em seguida arrumaram uma sala onde depositaram as roupas, para as donas de casa procurarem cada uma a sua.



Núcleo 13 de Maio 31 de 12 de 1933

O Sub Costrucção de 1 ponte de Treze maio a porto cubículo nos Terra de Antonio di Guaresi e Luis Fontana Dem

12	Viga	25X30X500	a 22$00	264$000
6	"	25X30X400	a 18$00	108$000
4	Steio	25X30X200	a 9$00	36$000
140	pranchoe	8X12X400	a 2$50	350$000
40	maueirão	12X12X250	a 25$00	100$000
4	pontalete	12X20X300		17$000
15	maso	prego		64$200
	Luis Fontana	6 Dia		36$000
	Basilio "	6 Dia		36$000
	Ernesto Guaresi	6 Dia		36$000
	Antonio Formentin	6 dia		36$000
	(Dia para Alero)			1083$000
	Federico Fontana	2 Dia		8$000
	Mario "	2 Dia		8$000
	Ernesto Guaresi	2 Dia		8$000
	Antonio Formentin			8$000
				1115$200

Clemente mora hoje (1994) em Palhoça, SC.

Alexandre Perdoná

Nasceu em 12 de setembro de 1909. Em 1929 casou com Anastácia B. Fontana e anos depois ficou viúvo. Casou-se com a segunda

mulher, Elza Burato, ficando viúvo outra vez. Casou então com a terceira mulher, Maria dos Santos, enviuvando pela terceira vez. Tem muitos filhos.

Logo que casou, em 1929, foi morar na sua propriedade em cima do Morro Pelado, na Sesmaria Medeiros, estremando ao leste com João B. Fontana.

Alexandre conta que o terceiro caminho que ligava o Núcleo Treze de Maio à Caipora, por baixo do morro Pelado, foi aberto em 1926, quando ele tinha dezessete anos. Ele conta que o referido caminho atravessava o rio Caipora na propriedade de Antônio Guarezi e Luiz B. Fontana, pela pequena ponta de madeira, só para carro de boi. Eu lembro que as enchentes carregaram muitas vezes aquela ponte, até que quando meu pai foi Intendente, em 1933, fez uma ponte bem alta e comprida para passar caminhão carregado. Aí, nunca mais a ponte foi carregada pelas enchentes.

Alexandre conta que um dia juntaram quatorze carros de boi e foram buscar porcos gordos abatidos, já pelados, abertos e limpos, na casa de Guilherme Francesconi, que morava na Ilhota, Costa da Lagoa, Jaguaruna. O caminho era péssimo, um atoleiro em cima de outro.

Saíram da Ilhota carregados com quarenta arrobas de porco em cada carro, mais ou menos e chegaram na Caipora, na propriedade de Antônio Nicolaze, conhecido como Antônio Italiano. Ele tinha uma venda na época (hoje fundo da casa de Sotero José Alano), em cima do morro tinha uma chácara de bananeira e perto, um grande atoleiro na estrada. Eu também me lembro do atoleiro, pois eu mesmo, muitas vezes, descarregava a metade da carga e completava depois do atoleiro. Isto era comum na época.

Alexandre, que vinha na frente, avisou os demais carreteiros que botassem as duas rodas do carro dentro do atoleiro, pois era o único recurso para não virar o carro, apesar de ficar pesado para os bois tirarem o carro atolado, com as duas rodas.

Mas o Idio Gomes, filho de Pedro Gomes, morador da costa da

Lagoa, em Jaguaruna, que não conhecia muito a estrada, tinha uma junta de boi maior e por isso carregou mais peso no carro, quis botar uma roda só, para aliviar os bois. Pensou: com uma roda no enxuto, o carro fica mais leve, não calculando ele a fundura do buraco, que estava cheio de água suja.

Quando uma roda caiu no buraco que era fundo, o carro virou de rodas para cima, espalhando a porcada na lama. Os companheiros ajudaram a tirar o carro do buraco. Juntaram os porcos todos sujos de lama, carregaram o carro novamente e seguiram viagem.

Subiram pelo terceiro caminho aberto em 1926, morros com mais de 15% de subida mas era o único caminho mais perto para chegar na sede Núcleo Treze de Maio (Quadro).

Quando chegaram na sede, dirigiram-se para a fábrica de Luiz Vicentin e ele concordou de receber os porcos sujos, considerando que o carreteiro não teria toda a culpa, devido ao péssimo caminho, mas a esposa dele, dona Dileta, botou a boca no mundo, não concordando.

Os carreteiros resolveram levar o carro de boi para o meio do rio Caipora que ficava a uns 50 metros de distância e como a água era limpa, lavaram os porcos e o carro também, voltando para a fábrica. Aí ela concordou em receber os porcos, pois viu que estavam limpos.

Alexandre conta que o segundo caminho que ligava Cubículo (Caipora) ao Núcleo Treze de Maio, subia pela margem do rio Perdoná e saía na Linha Fausto Júnior, perto da Cruz, que foi erguida em memória da morte acidental de César Bonelli.

Alexandre conta que o pai dele morava na Linha Fausto Júnior e 1921 foi morar na Sesmaria Medeiros. Ele tinha nesta época doze anos.

Quando ele tinha treze anos, ou seja, em 1922, abriram uma picada pelo terreno de Pio Trento para ir na tafona de meu tio José Bez Fontana e um caminho para ir na sede, Núcleo Treze de Maio (Quadro), que passava pelo lado oeste do cemitério.

Alexandre conta que o primeiro professor, em língua italiana, foi

Bortolo Raveane. E a primeira professora, em português, foi a Maria Moraes, que ficou mais ou menos cinco anos no Núcleo Treze de Maio e lecionava na casa de Sílvio Burato, na sede. Alexandre quando foi para a escola tinha oito anos e conta que a professora Maria Moraes, era muito braba. Depois veio a Erundina, casada com o Jorge. Ela tinha um filho chamado Pedro, outro de nome Taviano e mais outros pequenos.

Eu lembro que quando fui para a escola entre seis e sete anos, ou seja, em 1921 e 1922, a professora era a Erundina. Lembro- me também do marido dela o Jorge e do filho Taviano. Da Caipora vinha o Oscar, Manoel, João e o Ciro Medeiros, filhos de Júlio Duarte de Medeiros, para estudar e faziam 5 quilômetros à pé todos os dias até a escola.

Vitória de B. Fontana

Ela nasceu em 29 de abril de 1916, filha de João B. Fontana e Faustina Raveane. Tem um defeito nos pés, usa sapatos apropriados e por causa disto não pôde freqüentar a escola. Casou-se por duas vezes e enviuvou também por duas vezes. Por pouco que não casa pela terceira vez. Tem filhos.

Ela conta que quando o pai dela foi morar na Sesmaria Medeiros ela tinha cinco anos, isto no ano de 1921. Para se ir na propriedade dele, tinha que descer do Núcleo Treze de Maio (Quadro) por um caminho que passava pelo meio das matas virgens, atravessar por dentro do rio Caipora, perto de uma cachoeira de uns 50 metros de queda, depois subir um morro e descer para o outro lado, onde o pai dela fez a casa na sua propriedade, perto do morro Pelado. Dali para frente não tinha mais caminho. Por isso, na época, só se chegava ao povoado da Caipora, direção sul, apenas por uma picada.

Vitória conta ainda que o terceiro caminho do Núcleo Treze de Maio ao povoado da Caipora, só foi aberto pelos colonos, cinco anos depois que eles foram morar ali, ou seja, em 1926.

Nesta data, a travessia por dentro do rio Caipora bem como o caminho, foi mudado bem mais para baixo, acompanhando o rio pela margem esquerda da propriedade de Antônio Guarezi e do outro lado, pela margem direita, na propriedade de Luiz B. Fontana. Os colonos fizeram então a primeira ponte, que se destinava somente para a passagem de carros de boi e cavalos.

A abertura do terceiro caminho, em 1926, até o povoado da Caipora, hoje distrito de São Gabriel, deu-se à disposição de trabalhos de alguns colonos, juntamente com os irmãos Luiz, Ventura, Sebastião e João B. Fontana.

Em 1937, quando meu pai era Intendente, fez um novo traçado tirando muitos morros, o que permitiu a passagem de automóveis, caminhões e foi feita uma nova ponte. Hoje, Rodovia SC. 441, toda asfaltada.

Luís Réchia e o avô André

André Réchia, casado com Benjamina de Biasi, naturais da Itália, vieram para o Brasil em 1877.

André, recém-casado com Benjamina, veio para o Brasil e desembarcou em São Francisco, indo morar em Pomerode - SC. Ali ele permaneceu doze anos, onde nasceram cinco filhos.

Em 1889, André com a família resolve ir morar na Argentina, onde já residiam outras famílias italianas. Embarcou no navio em São Francisco-SC, e desembarcou na Argentina, seguindo de carroça para o sítio que ia morar.

Nesta viagem de navio, de São Francisco à Argentina, aconteceu um lamentável e doloroso fato que hoje é narrado de duas maneiras diferentes. Na primeira versão, os idosos sempre contavam e eu que estou escrevendo esta história também ouvia muitas vezes a minha mãe comentar, que no navio deu sarampo nos cinco filhos e eles morreram. Os marinheiros, que não conheciam a doença, ficaram com

medo pois a doença poderia se alastrar dentro do navio e então jogaram os cinco filhos no mar.

Já o neto Luís Réchia diz que o pai dele sempre contava, que no navio deu o sarampo nos cinco filhos e que naquele tempo não se conhecia a doença. Por isso, quando desembarcaram do navio, seguiram de viagem de carroça apanhando vento frio, chuva e ao chegar no destino, as cinco crianças passaram mal, pois o sarampo recolheu e elas morreram.

De uma maneira ou de outra não foi fácil para os pais superarem a morte de cinco filhos numa semana, ainda mais estando longe de sua terra, entre desconhecidos. Mas, contavam os idosos que com os conselhos dos italianos e argentinos, o casal acabou se conformando e não perderam tempo.

Em 1890 nasceu o sexto filho, João Réchia e em 1891, André com a família resolve voltar para a Itália, sua terra natal.

Em 1892, na Itália, nasceu o sétimo filho, Arcangelo Réchia e em 1893 André com a família resolve voltar para América do Sul. Como tinha pouco dinheiro foi falar com o capitão da marinha e contou que tinha perdido cinco filhos na Argentina e que queria voltar para o Brasil. O capitão, certamente ficou com pena e deu a passagem de graça.

André e família voltam para o Brasil, desembarcando em Imbituba - SC. A princípio queria ir para o Rio Grande do Sul, mas acabou tomando o trem até Pedras Grandes, passando por Azambuja, vindo morar aqui no Núcleo Treze de Maio (Quadro), na Linha Jesuíno Corrêa, onde nasceu o oitavo filho, em 1894, Antônia Réchia.

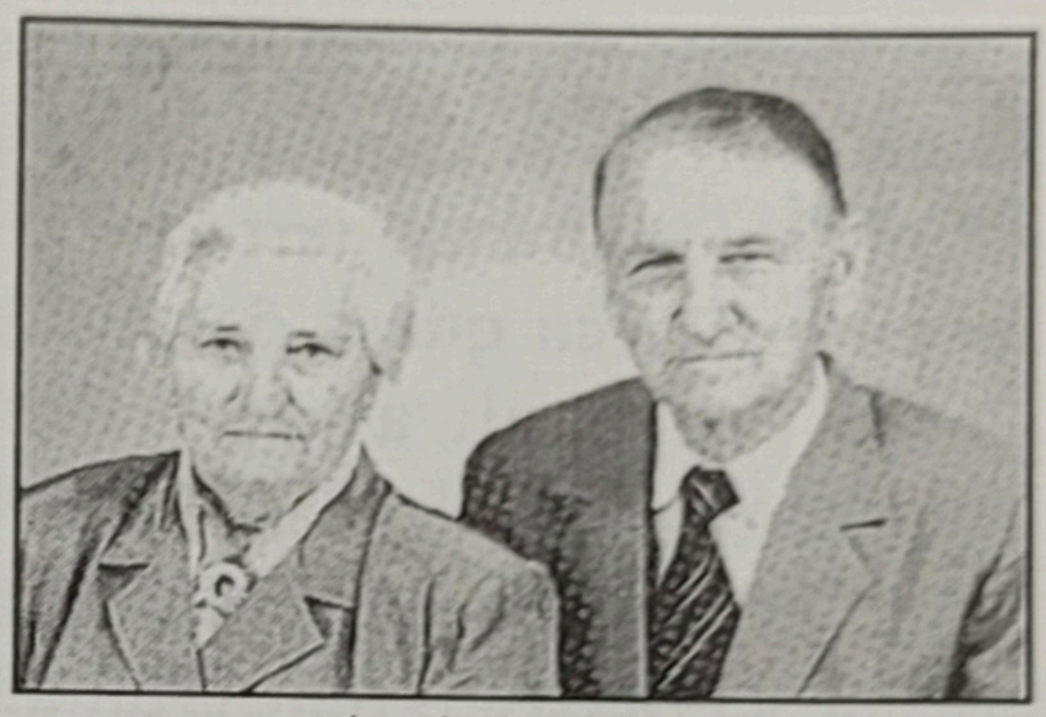
Em 18 de novembro de 1911, João Réchia casa pelo civil em Azambuja com Thereza Bressan, ele argentino, com vinte e um anos, filho de Ambrósio Bressan e Maria Francescone.

Em 16 de agosto de 1915, Arcângelo Réchia casou pelo civil em Azambuja com Maria Burato. Ele italiano, com vinte e três anos, filho de André Réchia e Benjamina de Biasi. Ela com 19 anos, filha de Sílvio Burato e Filomena Quarezimin.

Em 14 de julho de 1915, Antônia Réchia casou pela Igreja Católica de São José, no Quadro (Núcleo Treze de Maio), com Domingos

Burato. Ele com vinte e três anos, filho de Sílvio Burato e Filomena Quarezimin. Ela com vinte e um anos, filha de André Réchia e Benjamina de Biasi.

Mais tarde, André Réchia foi morar junto com o filho João Réchia na Sesmaria Medeiros, no mesmo município de Treze de Maio, aonde Benjamina faleceu em 1925 e André em 1929.



Luís Réchia e esposa

Mansueto Fragnani

Mansueto Fragnani casou com Maria de Pieri em 20 de fevereiro de 1915, perante o juiz de Paz Vitório Garbelotto, na Azambuja - SC.

Ele com vinte e três anos, nascido neste Estado, filho de Basílio Fragnani e Angela Fragnani.

Ela com vinte e dois anos, nascida neste Estado, filha de João de Pieri e Teresa de Pieri.

Tiveram nove filhos: seis homens e quatro mulheres.

Nome	**Esposo(a)**
João	Alvímera Savi
Angelina	Pedro B. Fontana
Teresa	Gildo Bez Fontana
Gelindo	Irma Calegari
Santina	Lino Modolon
Abel	Clelia Damian Preve
Lucindo	Luíza de Biasi
Pedro	Valdelir Fernandes
Antônia	Ivo Nandi
Mário	Judite Bardini

Mansueto Fragnani com sua família sempre residiu na Linha Jesuíno Corrêa. A família foi se multiplicando, filhos, netos, bisnetos e foram comprando terrenos de outros proprietários, enfim a Linha Jesuíno Corrêa quase desapareceu. Hoje é mais conhecida como Linha Fragnani: a gruta dos Fragnani, o calvário no morro dos Fragnani, etc.

Os filhos de Mansueto são católicos praticantes, continuando a prestar serviços a Igreja. É uma família unida.

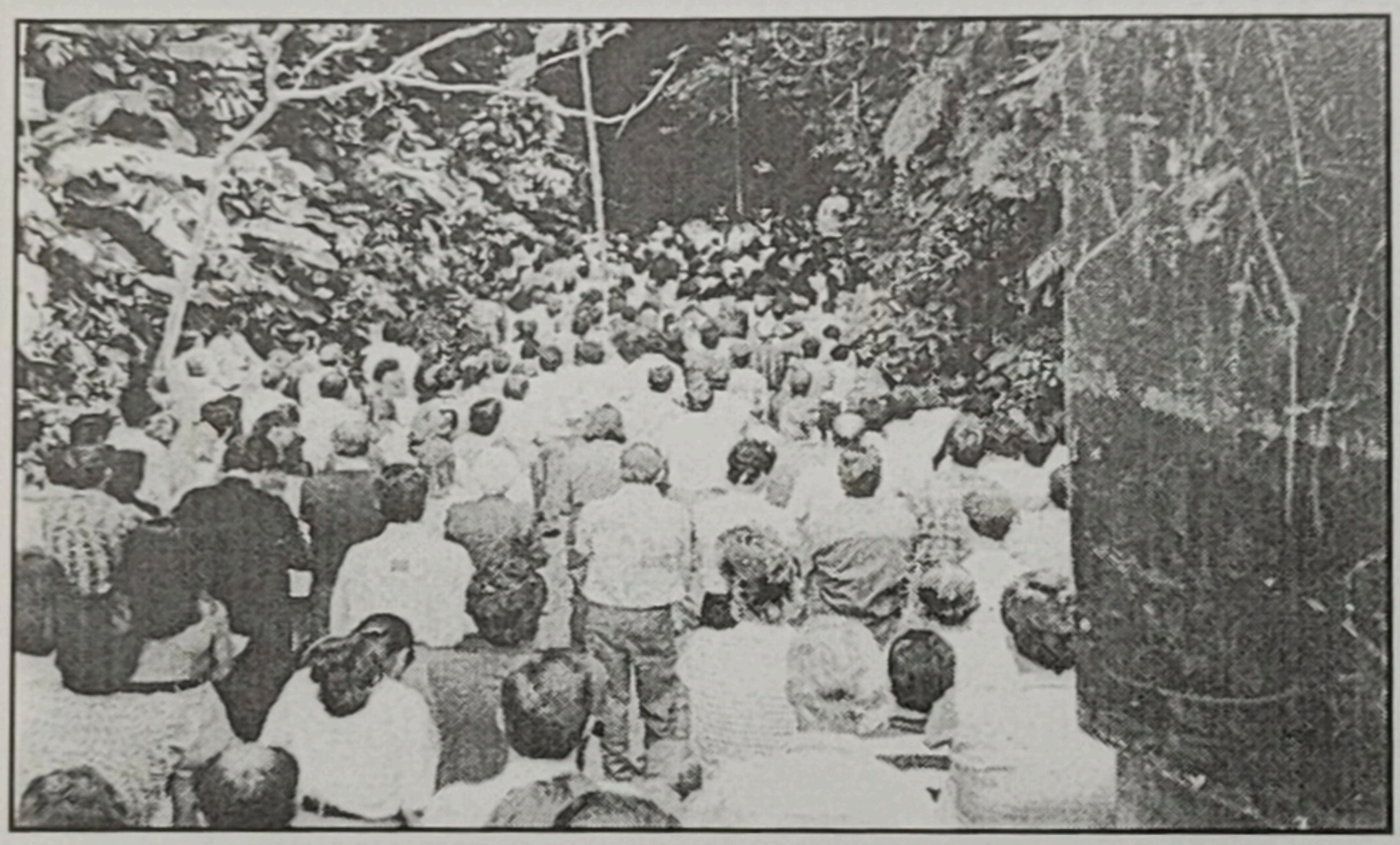


Foto da gruta da Linha Jesuíno Correa (linha dos Fragnani), num dia de missa.

Andrea Teza

Andrea Teza casou com Maria Feltrin em 3 de junho de 1882 na capela de Azambuja, hoje Distrito de Pedras Grandes-SC. Foram testemunhas Nichele Angelo e Benedete Ghisi e o Padre que celebrou o casamento foi Cipriano Buonocore.

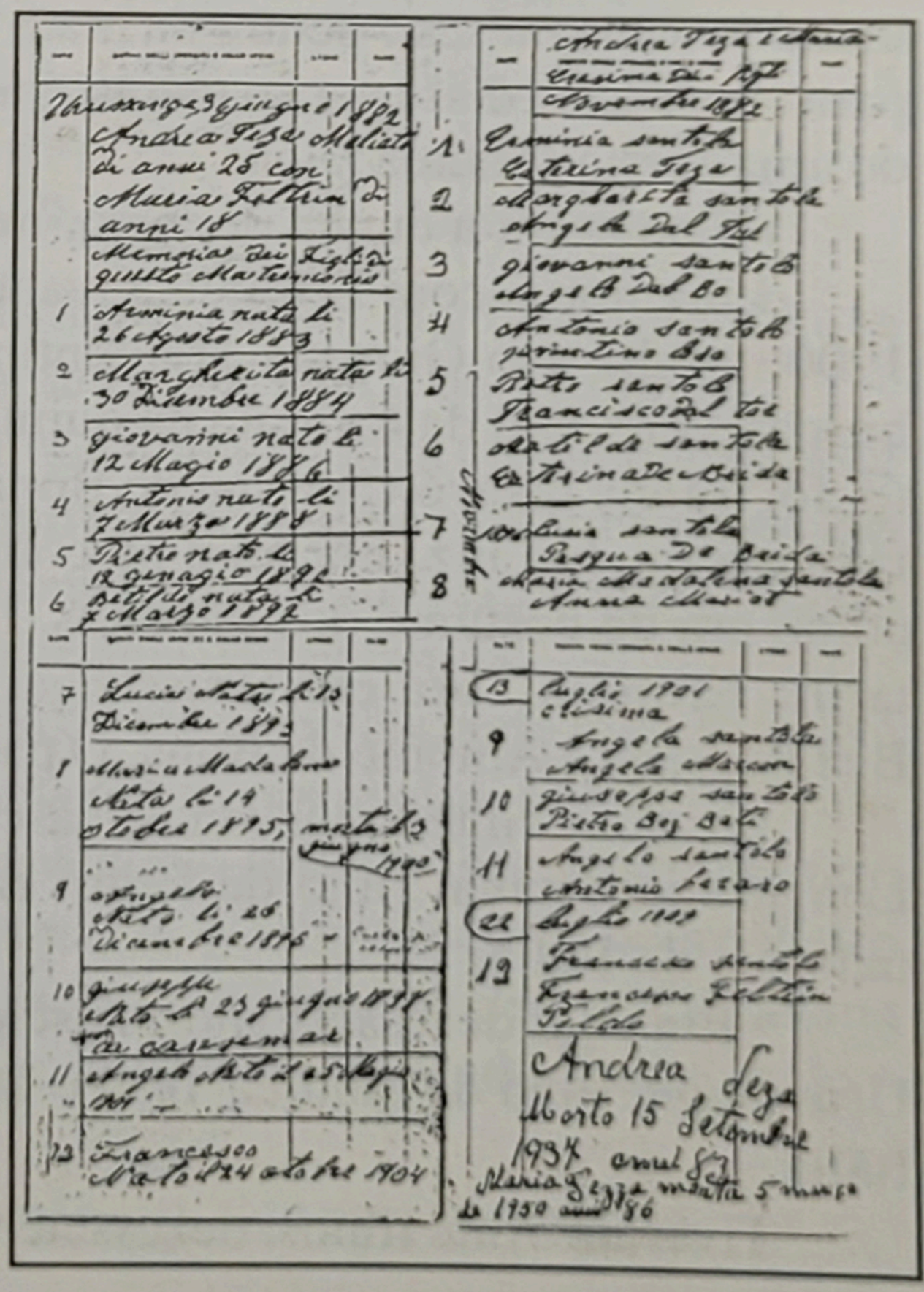
Ele com vinte e cinco anos, filho de Antonio Teza e Rachel Piuco, batizado na Paróquia de Longaroni - Beluno - Itália.

Ela com dezoito anos, filha de Pedro Feltrin e Rosa Debetio, batizada na Paróquia de Fortogna - Beluno - Itália.

Tiveram doze filhos: seis homens e seis mulheres

Nome	Nascimento	Esposo(a)
Ermínia	26-08-1883	Luiz B. Fontana
Margarida	30-12-1884	
João	12-05-1886	
Antônio	07-03-1888	Isidora Zavarisi
Pedro	12-01-1890	
Betilde	07-03-1892	
Lucia	13-12-1893	
Maria	14-10-1895	
Angela	26-12-1896	
José	23-06-1898	
Angelo	23-05-1901	
Francisco	24-10-1904	

Andrea Teza tinha um diário onde marcava a data de nascimento dos filhos e padrinhos, como também a data da crisma. Segue abaixo a cópia do diário.



Luiz B. Fontana

Luiz B. Fontana, quando era solteiro, morava na casa de meu avô e trabalhava com ele na serraria e carpintaria. Eram primos irmãos e meu avô Sebastião Bez Fontana, quinze anos mais velho, já era casado.

Andrea Teza, amigo de meu avô, precisava de um homem e um serrote para topear madeira em tora, rachar com cunha e de uma marreta para fazer moirão de cerca. Queria cercar um grande potreiro.

Meu avô manda Luiz B. Fontana com o serrote, para fazer o serviço. Como Andrea Teza tinha os filhos homens pequenos e as mais velhas eram duas mulheres, mandou a filha mais velha, Ermínia Teza, com dezesseis anos, ajudar a puxar o serrote e segurar a cunha, para o Luiz bater com a marreta, rachando as toras para fazer os moirões.

Deu tudo certo, pois os dois começaram a namorar. Quando terminaram de rachar os moirões, que eram em grande quantidade, trabalhando vários meses dentro da mata virgem, levaram as ferramentas para casa e Luiz disse para o patrão Andrea Teza que eles tinham perdido uma cunha. Andrea falou:

- Perderam a cunha de ferro, mas a outra vocês acharam.

Luiz noiva com Ermínia. Quando casou em 10 de fevereiro de 1900, minha avó Giovana Tramontin sempre contava que quem foi buscar o enxoval da Ermínia na quinta-feira, na semana do casamento, foi minha bisavó Catarina de Bona, esposa de Giácomo Bez Fontana e a tia de Luiz. Ela foi a pé com o der-lo carregado nas costas, como era de costume dos italianos. Luiz B. Fontana casou com Catarina Ermínia Teza em Urussanga. Foram testemunhas Sebastião Bez Fontana e Antônio de Bona. O padre celebrante foi Luiz Marzano.

Ele com vinte e dois anos, nascido em 23 de maio de 1878 em Longarone - Itália, filho de Pedro Bez Fontana e Pierina de Bona, naturais da Itália.

Ela com dezesseis anos, nascida em 26 de agosto de 1883 em Urussanga, filha de Andrea Teza e Maria Feltrin, ambos naturais da Itália.

Tiveram vinte filhos: dezessete vivos e três mortos.

Nome	Nascimento	Esposo(a)
Hercílio	18-03-1902	Carmela Carara
Agostinho	24-12-1903	Josephina Passarela
Frederico	20-09-1905.	Adelaide Vettoretti
Dosolina	27-01-1908	Antônio Perdoná
Matilde.	28-02-1909	Morreu com 18 anos
Érico	24-07-1910	Anita Santana
Albino	12-01-1912	Antinesca Vettoretti
Delaide	09-09-1915	Domingos Carara
Mário	25-03-1917	Célia Gonçalves
Deolinda	21-09-1918	Eugênio Nandi
Otília	21-09-1919	Lino B. Fontana
Ondina	01-08-1921	Solteira
Valdemar	14-06-1923	Santina Parizi
Antinesca	02-11-1924	Luiz Réchia
Valdemiro	27-06-1926	Otília Loch
Adelino	07-09-1927	Faleceu novo
Jolema	09-09-1930	José Formentin

Luiz B. Fontana sempre contava aquela História, que faltava um filho para fazer uma partida de bocha, que é de 21 pontos.

Quando o casal Luiz e Ermínia completaram cinqüenta anos de vida conjugal, convidaram os familiares e amigos para uma missa em ação de graças e depois um suculento jantar na sua residência. A missa foi rezada pelo padre Ulrich, da paróquia de Jaguaruna.

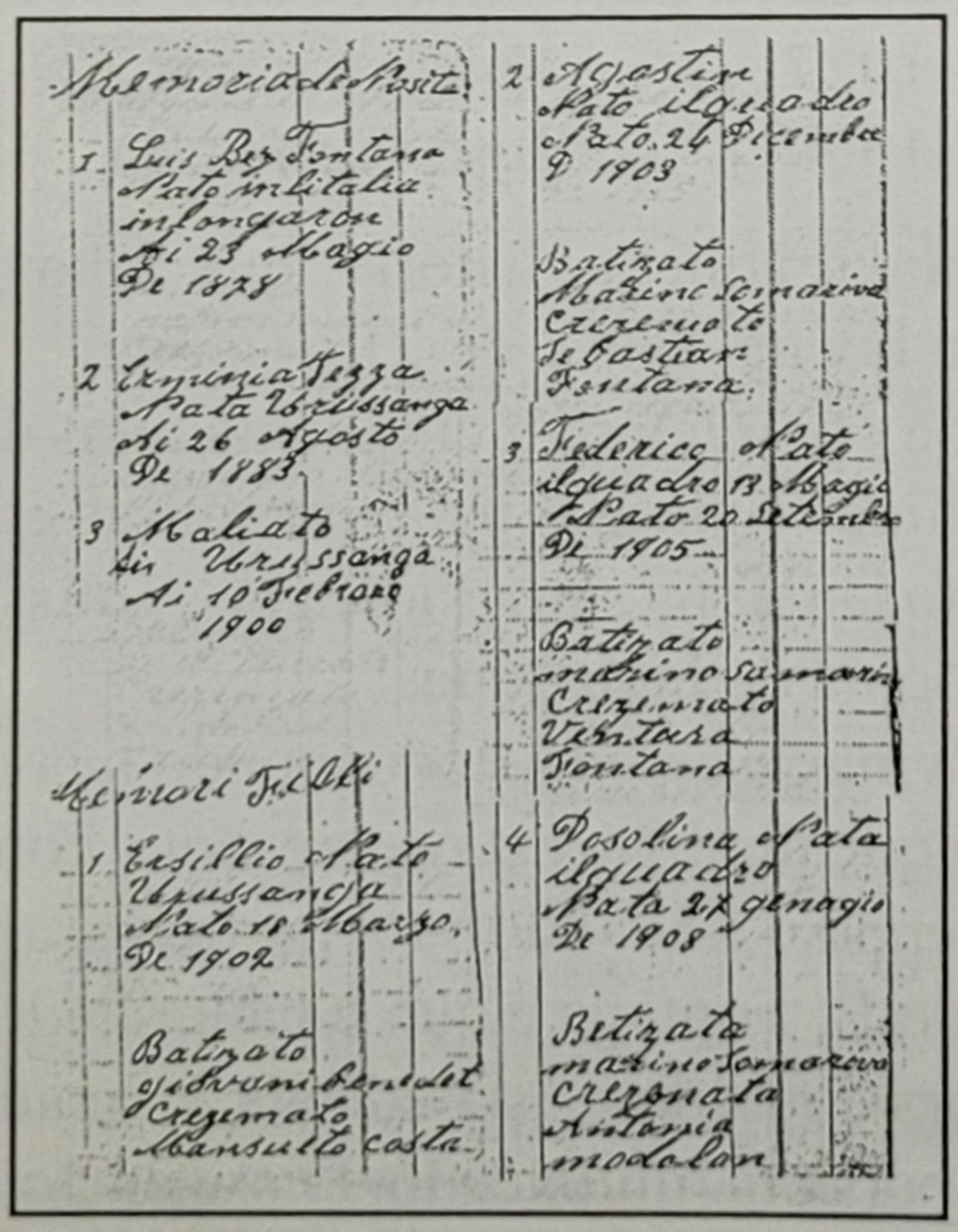
Depois do jantar com um bom vinho e cerveja, todo mundo falava alto. Meu primo Gildo Bez Fontana que também estava presente, contou-me nesta data que estou escrevendo o final do livro, participaram da festa Pedro B. Fontana e Segundo B. Fontana e que o padre Pedro muito animado, na hora de ir embora convidou o Pedro B. Fontana para ir junto. Este disse que não ia, pois era muito cedo. Disse então o padre:

- Já que o primeiro (Pedro) não vai, vou com o segundo.

Esta foto eu mesmo bati na frente da Igreja, com a presença da maioria dos familiares e convidados. Na fila da frente, da esquerda para a direita, de roupa branca, Elizeu B. Fontana e esposa, padrinho e testemunha, na celebração da Santa Missa e em seguida Ermínia e Luiz e o padre Pedro Ulrich.



Segue o diário que ele mesmo escrevia em memória da família: data de nascimento, batismo, crisma e nomes dos padrinhos.


Memoria de Fasita

1. Luis Bez Fontana
Nato in Italia
in Longarone
li 23 Maggio
De 1878

2 Erminia Tezza
Nata Urussanga
li 26 Agosto
De 1883

3 Maliato
di Urussanga
Ai 10 Febraro
1900

Memori Fiolki

1. Basillio Nato
Urussanga
Nato 18 Febraio
De 1902

Batizato
Silvano Benedet
Crezmato
Mansueto Costa

2 Agostino
Nato il giorno
Nato 24 Dicembre
De 1903

Batizato
Martino Sormaniva
Crezemato
Sebastiano
Fontana

3 Federico Nato
il giorno 13 Maggio
Nato 20 Setembre
De 1905

Batizato
Martino Sormaniva
Crezmato
Ubaldina
Fontana

4 Pasolina Nata
il giorno
Nata 27 genaio
De 1908

Betizata
Martino Sormaniva
Crezmata
Antonia
Modolon

5 Metilde Nata
il giorno Nata
28 Febraro
De 1909

Batizata
Martino Sormaniva
Crezmata
Francesca Morana

6 Erica Nata
il giorno Nata
24 Luglio
De 1910

Batizato
Luis Pinecho
Crezmato
Pandolfini
Saule

7 Albina Nato
il giorno Nato
12 Genaio
De 1912

Batizato
Silvio Buriato
Crezmato
Francesca Moran

8 Delaide Nata
il giorno Nata
4 Setembre
De 1915

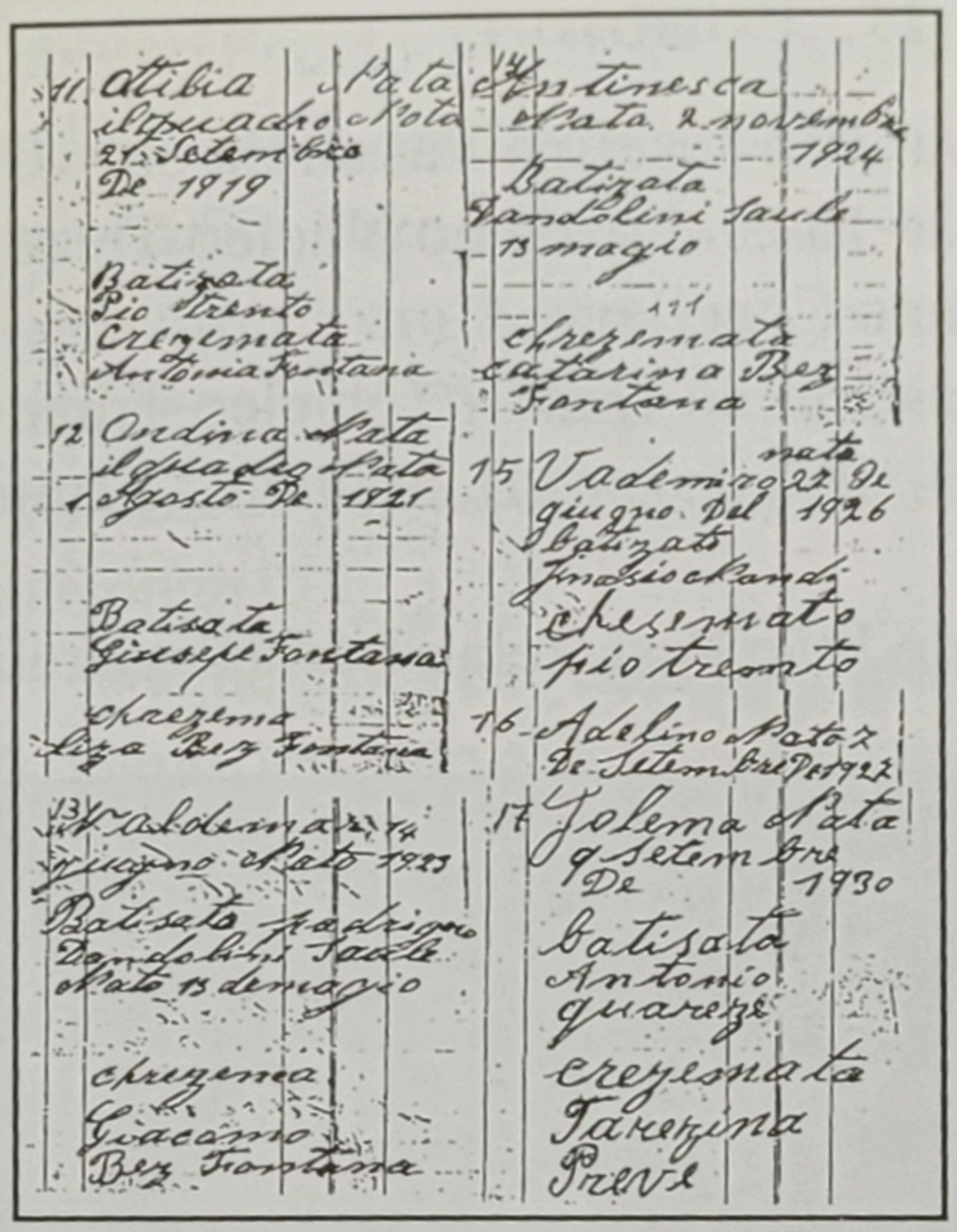
Batizata
Sebastiana
Fermentin
Crezemata
Genofefa Sarti

9 Mario Nato
il giorno Nato
25 Zenaro
De 1917

Batizata
Sebastia
Fermentin
Crezmata
Giuseppe Sarti

10 Delinda Nata
il giorno Nata
21 Setembre De 1918

Batizato
Pandolfini
Saule
Crezmata
Emma Fontana



11 Altibia Pata
il 9 agosto Pata
21 Setembro
De 1919

Batizata
Pio Trento
Crezmata
Antonia Fontana

12 Ordina Pata
il 9 agosto Pata 1921

Batisata
Giuseppe Fontana

Crezema
Bez Fontana

13 Adelmar 14
Giugno de Pato 1923

Batisato Adriano
Dandolini Paolo
de Pato 13 de maggio

Crezema
Giacomo
Bez Fontana

14 Antimesca
de Pata 2 novembro
1924

Batizata
Dandolini Paulo
13 maggio

111

Chrezmata
Catarina Bez
Fontana

15 Vademiro nato
giugno Del 1926
Batizato
Innocio Chiandi

Chrezmato
Pio Trento

16 Adelino Pato 2
De Setembre De 1922

17 Jolema de Pata
9 Setembre
De 1930

Batisato
Antonio
Guarese

Crezemata
Tarezina
Prevedi



Da esquerda para direita sentado: Andrea Teza e Maria Feltrin e em pé, Luiz B. Fontana e Ermínia Teza.



Pierina de Bona e Pietro Bez Fontana.

Agostinho B. Fontana

Agostinho B. Fontana, casou com Josefina Passarela em 10 de fevereiro de 1926, na capela de São José, situada no Núcleo Treze de Maio (Quadro), com o padre Caetano Coccilavo.

Ele com vinte e três anos, nascido no Quadro (Núcleo Treze de Maio), em 24 de dezembro de 1903, filho de Luiz B. Fontana e Ermínia Teza.

Ela com dezoito anos, filha de João Passarela e Lúcia Passarela.

Tiveram quatorze filhos: nove mulheres e cinco homens.

Pouco tempo depois de casados foram morar no Ribeirão dos Bugio no município de Taió-SC. Em 23 de setembro de 1953, ele nos mandou uma foto com a família, que segue ao lado.



Família de Agostinho B. Fontana

Passeio com minha mãe



A rua principal de Porto Alegre-RS

História: Eu com o meu irmão Gentil íamos para Porto Alegre-RS, com o nosso caminhão levar uma carga de fécula de mandioca de nossa fabricação. Naquele tempo as estradas seguiam pelas praias, via Torres, pois a estrada federal estava com a terraplanagem pronta, mas faltavam três

pontes no Estado do Rio Grande do Sul sobre os rios: Três Forquilhas, Cardoso e Maquiné, que só davam um passo pela balsa e tinha-se que entrar na fila, para usá-la. Nós descobrimos uma outra estrada. Entrava-se a direita em Araranguá, passando por Jacinto Machado, Praia Grande e saía no Rio Grande do Sul, na Terra de Areia, evitando assim as praias e as balsas. Era estrada de chão, mas bem conservada, só que mais longa.

Naquela ocasião combinei com meu irmão Gentil e fiz um convite para nossa querida mãe, que nunca saía de casa, só trabalhava, para que ela fosse conosco até a Praia Grande, na divisa do Estado do Rio Grande do Sul, onde ela tinha uma irmã, Rosina Benedet, casada com Benedetto Cittadin. Fazia mais de quarenta anos que não se viam. Falamos a ela que na ida nós a deixaríamos em casa da irmã e que na volta de Porto Alegre, nós a apanharíamos. De tanto insistirmos ela acabou concordando.



Prima Benedet Bez Fontana, Germano e Gentil Bez Fontana.

Durante a viajem houve uma mudança de plano, pois eu e meu irmão resolvemos levá-la também para Porto Alegre, sem que ela desconfiasse, pois a nossa mãe não conhecia ainda uma cidade grande. Quando já estávamos a uns 20 quilômetros de Porto Alegre, ela disse:

- Essa minha minha irmã mora tão longe?

Aí nos dissemos a ela que estávamos chegando em Porto Alegre. Ela disse:

- Vocês fazem cada uma.

Depois de descarregarmos o caminhão fomos para um hotel na praça dos Bombeiros. No outro dia fizemos as compras, pois nós sempre trazíamos de volta uma meia carga para o caminhão ficar mais ma-

cio. Comprávamos arame farpado, cimento importado da Alemanha e motores estacionários e vendíamos no Núcleo Treze Maio para os colonos.

Mais quem ia para Porto Alegre conhecer a cidade, tinha que passar pela rua principal, Rua dos Andradas, hoje calçadão e também na Galeria Chave, que ainda hoje está lá para quem quiser ver. Lá sempre tinha fotógrafo e nós três aproveitamos para tirar uma foto que eu guardei como recordação. Nós, os dois irmãos junto com nossa querida mãe.

Na volta paramos na Praia Grande, em casa da irmã de minha mãe, Rosina Benedet. Batemos um papo até altas horas da noite com a tia e a família e depois vimos embora. Chegamos em casa de madrugada.

Angelo Zamparetti

Angelo Zamparetti casou com Josefina Santinoni em 27 de fevereiro de 1927, pelo civil, no cartório de Treze de Maio.

Ele, nascido neste Estado de Santa Catarina, no dia seis de junho de 1905, residente em Lageado (Treze de Maio), filho de José Zamparetti e Eliza Zamparetti, ambos naturais da Itália.

Ela, nascida neste Estado-SC, no dia 23 de outubro de 1906, residente na Linha Mesquita (Treze de Maio), filha de Marcelo Santinoni e Inez Santinoni, ambos naturais da Itália.

Angelo Zamparetti era um homem simpático, sério e cumpridor dos seus deveres. Era cabo eleitoral do Partido Social Democrático - PSD. Angelo contava os votos de casa por casa, daqueles que eram do PSD e dificilmente errava. Naquele tempo o povo votava no partido e os cartazes ficavam pregados nas paredes das casas.

Um dos primeiros casamentos que aconteceu no Cartório de Treze de Maio, foi o de Angelo Zamparetti.

A mãe de Angelo, Eliza Panissa como era conhecida, era uma das melhores parteiras que atendia a região de Lageado. Até eu a chamei

para atender o parto de minha mulher, na época em que as mulheres ganhavam neném em casa.

Angelo Zamparetti faleceu em Tubarão, em 14 de junho de 1976, com setenta e um anos.

Josefina Santinoni faleceu em Tubarão, em 18 de novembro de 1984, com setenta e nove anos.

Inácio Ghisi

Inácio Ghisi casou com Margarida Furghesti em 4 de dezembro 1897, perante Juiz de Paz Caetano Araújo, onde foram testemunhas Sandro Minatto e João Martinho Born. Ele com vinte e nove anos, nasceu em San Benedetto Pó, província de Mantova - Itália, em 25 de janeiro de 1868 e residiu no distrito de Pedras Grandes, comarca de Tubarão -SC. Filho de Inácio Ghisi e Adelaide Magnani, foi adotado pelo casal Romoaldo Ghisi e Santa Ghisi.

Ela com dezessete anos, nascida em 4 de julho de 1880, neste distrito de Pedras Grandes, filha de Gregório Furghesti e Luigia Furghesti.

Inácio Ghisi foi Escrivão de Paz em Azambuja, durante muitos anos. Depois o cartório passou para o filho Itálico. Hoje o cartório está em Pedras Grandes, com a escrivã Denise Fraga.

Inácio Ghisi faleceu em 31 de março de 1948 no Brasil, com 80 anos, deixando dez filhos, seis homens e quatro mulheres: Ida, Irineu, Dante, Iva, Isaura, Itálico, Irene, Ivo, Tito e Lúcio.

Martinho Ghizzo

Martinho Ghizzo casou com Vitória Furghesti em 8 de novembro de 1899, perante o Juiz de Paz Sebastião de Oliveira Ribeiro, no cartório de Pedras Grandes, comarca de Tubarão, onde foram testemunhas Valentin Tognotto e Antonio Ferraro.

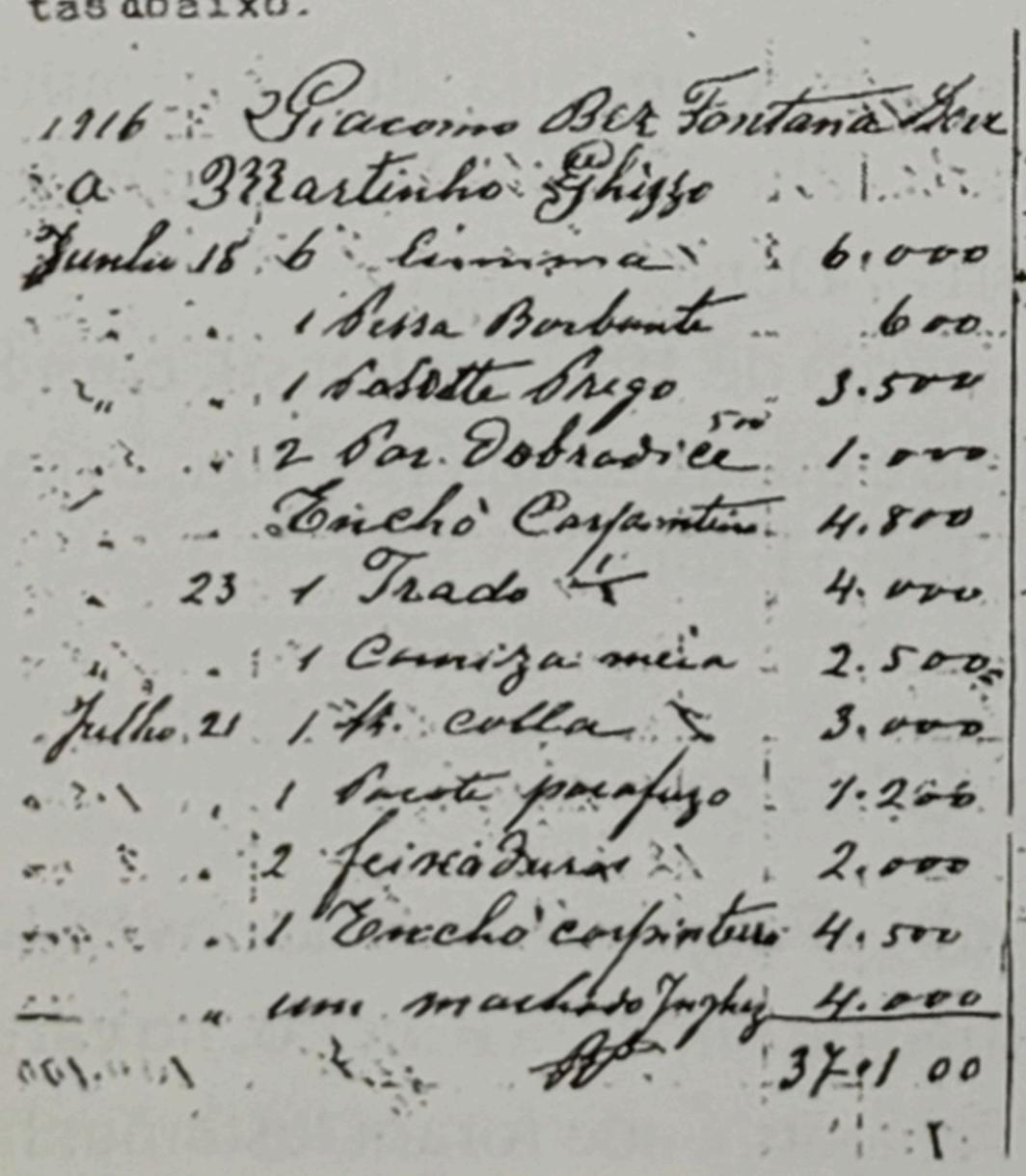
Ele nascido na Itália com vinte e cinco anos, residente neste distrito, filho de Giovanni Ghizzo e Theresa Ghizzo, residentes na Azambuja, deste distrito (Pedras Grandes).

Ela nascida na Itália, com vinte e três anos, residente na Azambuja, deste distrito (Pedras Grandes), filha de Gregório Furghesti e Luiza Furghesti.

Martinho Ghizzo, em 1916, tinha venda e armarinho em Santa Cruz, no Núcleo Treze de Maio (Quadro) e botou também uma fábrica de banha. Comprava dos colonos porco gordo abatido, fazia banha e charque e exportava para o Rio de Janeiro.

O embarque era feito de carro de boi para Pedras Grandes e dali seguia de trem para Laguna. Ou então de carro de boi para o Porto de Cubículo, depois de canoa para Laguna e finalmente de navio para o Rio de Janeiro.

Em 1916, meu pai comprava na venda de Martinho Ghizzo, em Santa Cruz, Núcleo Treze de Maio (Quadro) a prazo de ano e também vendia tábuas para ele a prazo, conforme se vê nas duas notas abaixo.



1916 Giacomo Bez Fontana Irmão
a Martinho Ghizzo
Junho 16 6 Camisas 6.000
" " 1 Bessa Bombante .600
" " 1 Calsolle Brego 3.500
" " 2 Par Dobradiça 1.000
" " Encho Carpantina 4.800
" 23 1 Trado 4.000
" " 1 Camiza meia 2.500
Julho 21 1 ½ Colla 3.000
" " 1 Sacco para fuzo 1.200
" " 2 Feixa Dura 2.000
" " 1 Encho Carpintina 4.500
" " um machado Jughy 4.000
37.100

1916 Giacomo Bez Fontana Irmão
Junho 23 60 Cxa Nazia 54.000
agosto 8 60 " " 54.000
Exportancia Fita 9.000
1917 Maio 16 65 Cxa Banha 58.500
Fho 24 50 Cx. Coiote 45.000
" " 45 " Banha 40.500
" " uma Giliata 14.000
" " 6 Mesida 13.500
" 27 54 Cx. Banha 48.600
337.100
A Descontar seu Debito 241.335
10bro 31 Saldo a seu favor 95.765
Leyn

Eu, abrindo o baú do meu pai, achei caderneta com data de 1916 onde eram registradas compras a prazo, feitas na venda dele. Por sua vez meu pai vendia tábuas a ele também a prazo e no fim do ano, eles acertavam as contas.

Martinho resolveu depois morar em Tubarão. Deixou a venda e a fábrica para o Genro Ilário Freta, mais conhecido por Ilário Eustachio, que continuou tocando o negócio.

Martinho Ghizzo tinha oito filhos, sendo sete mulheres e dois homens: Anita, Laura, João, Elza, Afonso, Irma, Lídia e Norma.

Martinho Ghizzo nasceu em 1874 e faleceu em 26 de agosto de 1946.

Vitória Furghesti Ghizzo nasceu em 1876 e faleceu em vinte e três de março de 1957.

Ilário Freta

Ilário Freta casou com Anita Ghizzo em 24 de abril de 1920, no cartório de Pedras Grandes, perante o Juiz de Paz Andrino Felippe onde foram testemunhas João Sarin e João Tomaz de Souza.

Ele, natural deste Estado(Santa Catarina), com vinte e três anos, residente neste distrito, filho de Eustáchio Freta e Filomena Freta.

Ela, nascida no Estado de Santa Catarina, com dezessete anos, residente neste distrito, filha de Martinho Ghizzo e Vitória Furghesti Ghizzo.

Ilário Freta passou a trabalhar na venda com o sogro, Martinho Guizzo em Santa Cruz, Núcleo Treze de Maio (Quadro). Quando o sogro foi morar em Tubarão, Ilário assumiu o comando da venda e da fábrica, continuando com aquele movimento sem parar. Comprava e vendia para todos os colonos da redondeza.

Meu pai, também continuou comprando na venda dele a prazo de ano e vendia para ele as tabuinhas para fazer caixas, para encaixotar as latas de banha, também a prazo.

Eu mesmo fui muitas vezes com o carro de boi levar as tabuinhas e na volta, aproveitava o frete, carregando o carro de boi com jacá de carne seca para o Porto de Cubículo. As estradas eram ruins e cheias de buraco.

Repentinamente, em 1º de outubro de 1932, Ilário faleceu, o que foi grande perca para os colonos da redondeza, porque todos gostavam dele.

Sete meses depois em 3 de maio de 1933, faleceu também a esposa dele, dona Anita Ghizzo Freta, deixando três filhos: Waldir, Yolanda e Valquíria.

Giacomo Bez Fontana

Giacomo Bez Fontana casou com prima Benedet, na Igreja Matriz de Urussanga, com Padre Luiz Gili, onde foram testemunhas Giuseppe Concer e Antonio Damian.

Ele com vinte e um anos, filho de Sebastião Bez Fontana e Giovana Tramontin e batizado na Paróquia de Urussanga.

Ela com vinte anos filha de Domingos Benedet e Giovana Betiol, batizado na Paróquia de Urussanga.

Tiveram cinco filhos: três homens e duas mulheres.

Nome	Nascimento	Esposo(a)	Casamento
Helena	22-07-1913	.Humberto Guarezi	15-07-1933
Germano	19-09-1915	Felícia Dandolini	10-07-1940
Alfredo	20-10-1918	Amabile Carara	07-09-1940
Gentil	02-12-1923	Aulina Dandolini	18-06-1942
Eufemia	13-09-1928	Elias Titon	28-07-1951

Meu pai, Giacomo, era também conhecido como Jácomo e Jacomin. Minha irmã Eufemia, era mais conhecida como Noemia.

Libro de Memoria
Spozati i 19 8bre
del 1912
Nata Ilena il
giorno 22 Luglio
ale 8½ di sera del 1913
Permano ale 8½
di sera ai 19 8bre 1915
Alfredo al 21 di sera,
29 8bre del 1918
Gentile Nato giorno
2 Dicembre 1923
Eufemia Nata il giorno
13 Settembre de 1928

Jacomo Boz Fontana 1891

Republica dos Estados Unidos do Brazil

TITULO DE ELEITOR

(Lei n. 3.139, de 2 de agosto de 1916, e decreto n. 12.193, de 6 de fevereiro de 1916)

19608

SANTA CATHARINA

Comarca de Tubarão

Municipio de Tubarão

NOME DO ELEITOR

Jacomo Boz Fontana

Secção

5 & 6

QUALIFICATIVOS

Idade Vinte e tres annos

Filiação Sebastião Boz Fontana

Estado civil casado

Profissão Marinheiro

Assignatura do eleitor

Jacomo Boz Fontana

Assignatura do escrivão

Assignatura do juiz

N. 1.316

Juiz de Direito

TITULO DE ELEITOR

SANTA CATARINA

23ª zona Tubarão

Domicilio eleitoral Cidade de Tubarão

Numero de ordem da inscripção 3.360

Data da inscripção no cartorio 7 de Abril de 1922

NOME E QUALIFICAÇÃO DO ELEITOR

Jacomo Boz Fontana

Filiação Sebastião Boz Fontana

Nacionalidade Brasileiro Natural Catharina

Idade 32 annos — Data do nascimento 3 de Março de 1891

Estado civil Casado

Profissão Marinheiro

Jacomo Boz Fontana

ASSIGNATURA DO ELEITOR

O presente titulo é expedido de accordo com o Codigo Eleitoral da Republica e em cumprimento ao despacho de Sua Excia. o Sr. Dr. Juiz de Direito da 1ª Vara do Estado de Santa Catharina e recebeu o numero 1.316 sob o 0 em 1º de Abril de 1922

Luiz Martins Coelho

Escrivão Eleitoral

Polegar direito

SECRETARIA DA SEGURANÇA PUBLICA

DELEGACIA DE POLICIA DO CAES DE 11 DE MAIO

SALVO CONDUTO Nº 16

Valido por 60 dias salvo revalidação

Nome Jacomo Boz Fontana

Idade

Nacionalidade

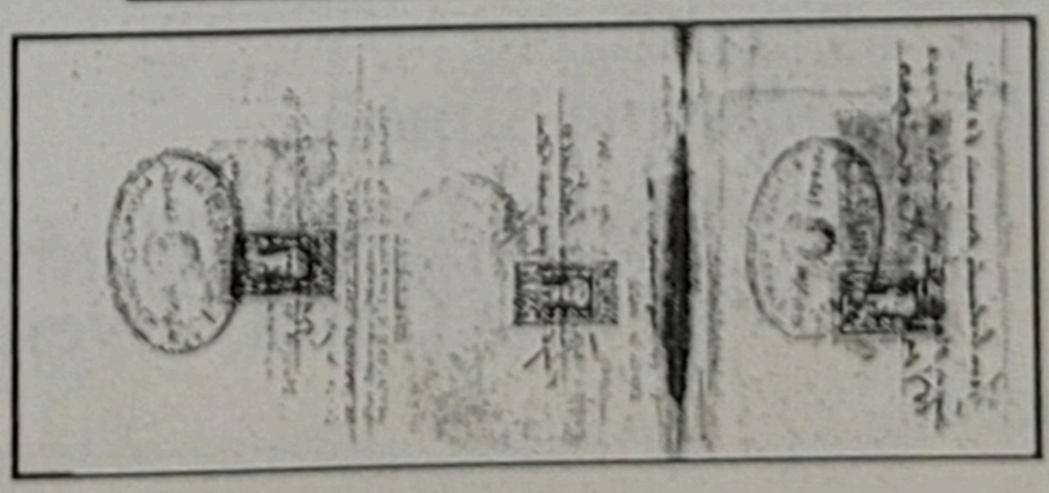
Profissão

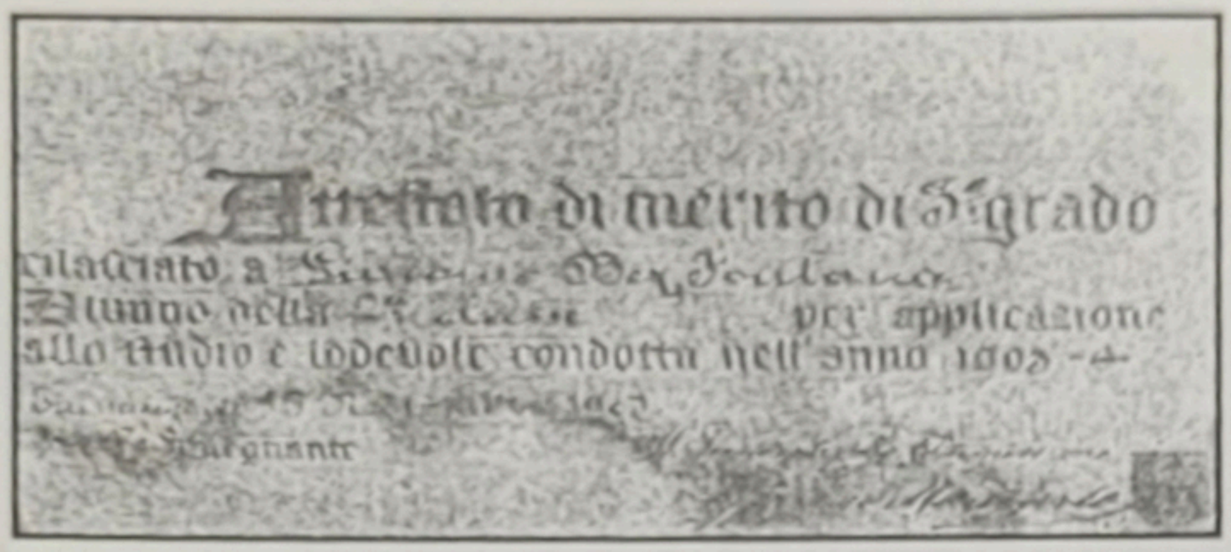
Residencia

Jacomo Boz Fontana

OBSERVAÇÕES

Maria Francisca Rodrigues




Attestado di merito di 3.° grado
rilasciato a Giacomo Bez Fontana
Alunno della Scuola per applicazione
allo studio e lodevole condotta nell'anno 1903



Minha família Sentados: meu pai, Giacomo Bez Fontana e minha mãe, Prima Benedet. Em pé: Gentil, eu, Noemia, Alfredo e Helena, em 1935.



Foto tirada em 1919.
Em pé, meus pais: Giacomo Bez Fontana e Prima Benedet Bez Fontana. Sentados: eu e meus irmãos Alfredo e Helena.



Da esquerda para a direita, quatro irmãos: Gentil, Alfredo, eu e Helena Bez Fontana. O violão e o cavaquinho foram feitos por mim.

Antônio Botega

Antônio Botega casou com Adalgisa Benedet em 22 de fevereiro de 1936, perante o Juiz de Paz, Theophilo do Nascimento, onde foram testemunhas Marcos Benedet e Luiz Brunato.

Ele, nascido em Urussanga, com vinte e seis anos, filho de José Botega e Catharina Simon.

Ela, nascida em Urussanga, com vinte e dois anos, filha de Virgínio Benedet e Adélia Costa. Tiveram dez filhos: oito homens e duas mulheres.

Nome	**Esposo(a)**
José	Maria Alba Soares Medeiros (falecida)
Gelson.	Rosinha Teixeira
Carmem	Solteira
Bruno	Maria Bernadete Valles
Nereu	Eide Sorato da Silva
Romeu	Vilma Margotti Marcon
Silvestri	Rosane Rodrigues
Sérgio	Arlete Guarezi
Marina	Gilberto Dandolini Fontana
Juscelino	Maria Natália Margotti Anacleto

Quase todos os irmãos trabalham com eletricidade: instalação, posteamento, fábrica de fios de cobre nus e encapados e uma rede de lojas e comércio em geral.



Joana Benedet e Mansueto Costa com a filha Adélia.

Alexandre Burato

Alexandre Burato casou com Estela de Faveri em 17 de junho de 1911, no cartório de Azambuja, perante o Juiz de Paz Martinho Ghizzo e foram testemunhas Antonio Zanella e Giácomo de Cesaro Perito.

Ele com vinte e dois anos, filho de Luiz Burato e Santa Burato.

Ela com vinte e um anos, filha de Pedro de Faveri e Luiza de Faveri.

Tiveram seis filhos, quatro mulheres e dois homens: Elza, Irma, Amabile, Olavio, Vitalina e Idoíno.

Alexandre Burato fez várias mudanças com a família. Quando veio

morar aqui na Caipora, que depois passou a chamar-se Cubículo, hoje distrito de São Gabriel, comprou um terreno com uma casa feita de pau-a-pique toda rebocada e pintada de branco.

Eu lembro que quando passava por lá com o carro de boi via aquela bonita casa toda envidraçada e que foi construída pelos primeiros moradores. Nos primeiros tempos tinha venda e armarinho na referida casa.

Na frente da casa, ao sul, aqueles primeiros moradores fizeram uma grande barragem que ainda está ali para quem quiser ver, com mais de 200 metros de comprimento, até o rio Areão, se transformando numa grande represa d'água (açude). Por um valo, puxaram a água até na frente da casa branca e ali montaram uma pequena tafona de moer milho, movida por uma roda d'água. Devido a pouca queda d'água, a roda era tocada com a água por baixo.

Quem reside ainda no terreno é o filho caçula, Idoíno de Faveri Burato, que tem uma bem montada ferraria junto com os filhos.

João Carara

João Carara casado com Helena, mais conhecida por Irene Bresani, no dia 21 de março de 1914, no cartório de Tubarão - SC.

Ele com vinte e nove anos, nascido em Treze de Maio, filho de Angelo Carara e Lucinda Mathiola.

Ela com vinte e cinco anos, nascida em Treze de Maio, filha de Ambrósio Bresani e Maria Francisconi.

Tiveram oito filhos: sete mulheres e um homem.

Nome	**Esposa**
Maria	Adelino Bosqueti
Estela	Fidelis Bosqueti
Santina	Vergílio de Pieri
Domingos	Adelaide B. Fontana
Anita	Domingos Bardini

Vitória	Tibério Nandi
Amabile	Alfredo Bez Fontana
Otília	Olívio Fragnani

A esposa de João, dona Irene, era parteira.

João Carara foi fiscal do Clube Recreativo "7 de setembro" quando eu era presidente. Eu tinha três fiscais de confiança: João Carara, Antônio Fernandes e meu tio Pio Trento. Quando dava alguma encrenca no salão em dia de baile ou domingueira, um dos três resolvia o problema. Lembro-me quando foi inaugurada a Fecularia Itajaiense de Fósforos em Treze de Maio, em 07-05-1939 . Depois de um suculento churrasco, na sede da fecularia, fomos todos para a sede de Treze de Maio, para dançarmos numa animada domingueira no Clube Recreativo "7 de setembro". Naquele tempo, só entrava no clube quem tinha sapato, paletó e gravata.

Acontece que veio gente de Tubarão desprevenido. Vieram somente para inauguração da fábrica e comerem um bom churrasco. Mas como o vinho colonial esquentou, Walter Zumblik começou a dançar de bota e sem gravata. Eu lembro que eu e os fiscais Antônio Fernandes e meu tio Pio Trento, fizemos que não vimos nada, para não desagradar o nosso amigo Walter, mas o fiscal João Carara bateu o pé e disse:

- Aqui dentro do clube ninguém dança de bota e sem gravata.

Nós tratamos de acalmar seu João Carara, mas ele disse:

- Não senhor, aqui ninguém dança de bota. Eu queria ver se um de nós fosse dançar no clube dele em Tubarão, de botas, se ele aceitava. Nós não somos pior do que ele aqui no nosso clube. O senhor Walter passou a saber e reconhecendo que estava errado se retirou para o buffet do clube. Seu João não deixava escapar nada. Nós de fato achamos que ele tinha razão, mas não queríamos ofender o nosso amigo Walter, pois foi ele que deu o nome "Cacique" para a nossa orquestra e o irmão de Walter, o senhor Willy Zumblik, fez a pintura no bombo e não cobrou nada.

Antônio João Fernandes

Antônio João Fernandes casou com Rosa Morona em 08 de setembro de 1917, perante o Juiz de Paz Humberto Fréccia, no Distrito de Azambuja - SC.

Ele com vinte e dois anos, nascido neste Estado, filho de João Fernandes da Silveira e Custódia Maria de Jesus.

Ela com dezoito anos, nascida neste distrito, filha de Afonso Morona e Catharina Morona.

Tiveram nove filhos: cinco mulheres e quatro homens.

Nome	**Esposo(a)**
Catarina	Olávio Burato
Custódia	Faleceu nova
Donato	Paula Formentin
João	Salute Formentin
Geremias	Lídia Fernandes
Afonso	Santina Nandi
Cecília	Faleceu nova
Arací	Ivo Burato
Lina	Antônio Gregório

Antônio João Fernandes ficou viúvo e casou de novo com Ana Formentin em 09 de janeiro de 1946, com o Pe. João Fhilippi, onde foram testemunhas Geremias Formentin e Eugênio B. Fontana.

Ele com quarenta e nove anos e ela com trinta, nascida em Treze de Maio, filha Sebastião Formentin e Maria César.

Tiveram três filhos: dois homens e uma mulher.

Nome	**Esposo(a)**
Maria	Manoel Gregório
Benício	Elzi Morona
José	Pedrinha Sorato

Antônio João Fernandes fazia parte da Diretoria do Clube Recreativo 7 de Setembro. Eu lembro quando fui eleito presidente em 21 de dezembro de 1941, numa assembléia extraordinária. Não era tempo de renovar a diretoria, mas foi aprovada por maioria dos sócios e Antônio João Fernandes também fazia parte da Diretoria como fiscal. Era o meu braço direito. Naquele tempo, nos bailes ou domingueiras, sempre aparecia algumas encrencas dentro do salão, mas era só falar com Antônio que ele resolvia os problemas na hora. Com ele tudo era fácil e não se chegava a interromper o baile ou a domingueira. Era um homem muito popular e meu grande amigo.

Manoel Antônio Joaquim

Manoel Antônio Joaquim, também conhecido por Neco Alemão, casado com Leopoldina Francisca Alano, morava na Chapada Bonita, localidade de Treze de Maio. Depois mudou-se para outro lugar e vendeu sua propriedade para Elias e Eugênio B. Fontana. Não foi encontrada a certidão de casamento, pois devia ter casado com outro nome, ou em outro lugar.

Pedro Carvalho Neto

O verdadeiro Pedro Gomes residia com sua mulher na denominada Costa da Lagoa, na Vila de Jaguaruna-SC. e criou desde pequeno Pedro Carvalho Neto. Este por sua vez, quando ficou moço, tornou-se também conhecido como Pedro Gomes.

Conta Albino José Alano, que conheceu Pedro Carvalho Neto (Pedro Gomes, como era conhecido) e que ele se vestia bem. Um bom terno e gravata, um par de botas de primeira qualidade e possuía um bom cavalo bem encilhado, com o qual ia para Tubarão aos domingos.

Passava por Cubículo, Lageado, enfrentando aquele banhadal, que só tinha um caminho para carros de boi. Este banhadal era estivado

com achas de coqueiro para os carros não atolarem no brejo. Enfim, Pedro Gomes chegava em Tubarão, montado naquele bonito cavalo (era um moço de presença) e se juntava com a rapaziada de lá. Arrumou uma bonita namorada, Carlota Medeiros de Figueredo, que era rica, pois tinha muitos terrenos na cidade e se casaram.

Pedro Carvalho Neto casa-se com Carlota Medeiros de Figueredo em 25 de abril de 1908, no cartório civil de Tubarão.

Ele, nascido em abril de 1882, com vinte e seis anos, filho de João Felisberto Pacheco e Marcolina Maria de Jesus, residente na Costa da Lagoa em Jaguaruna.

Ela, com vinte e três anos, nascida em abril de 1885 e residente na cidade de Tubarão-SC, filha de Joaquim Rodrigues de Figueredo e Francisca Duarte de Figueredo.

No dia do casamento, quando vieram embora para a casa, embarcaram numa canoa em Congonhas e subiram pelo rio Caipora até encontrarem um valo a esquerda, que os conduziriam até a Costa da Lagoa, onde Pedro morava. Conta Albino que a medida que vinham subindo pelo valo, Pedro Carvalho Neto (Pedro Gomes) mostrava para sua mulher Carlota Medeiros Figueredo, o morro aonde estavam as suas lavouras.

Ela, menina de cidade, se deu bem aqui na Costa da Lagoa. O casal teve oito filhos, seis homens e duas mulheres, que são: Idio, Albertina, Mafra, Nicolau, Luiz, Aparício e Pedra.

Eu lembro que Pedro Carvalho Neto era amigo de meu pai e comprava muito na nossa serraria. Um dia, de madrugada, antes de vir para nossa serraria buscar uma carrada de tábuas, ele foi na Lagoa ver os coves que havia colocado para pegar peixes. Como pegou muitos, ele trouxe para meu pai umas dez traíras.

Mafra Carvalho de Medeiros

Mafra Carvalho de Medeiros casou com Doracy Fernandes em 10 de setembro de 1938, na Igreja Matriz de Tubarão, com padre José

Poggel, onde foram testemunhas Lucas Alves de Souza e Maria Fernandes Lima.

Ele com vinte e cinco anos, batizado na paróquia de Tubarão, filho de Pedro Carvalho Neto e Carlota Medeiros.

Ela com vinte anos, batizada na paróquia de Tubarão, filha de João Antônio Fernandes e Vicencia Garcia Mendes.

Tiveram sete filhos, quatro homens e três mulheres: Nilda, Nereu, Niodema, Neuza, Nézio, Nilton e Nilson.

José Albino de Souza

José Albino de Souza casou com Maria Antônia de Jesus em 19 de setembro de 1908, na Igreja Matriz "Nossa Senhora das Dores" em Jaguaruna, com padre Miguel Pízzio, onde foram testemunhas José Domingos de Souza e Gabriel Rodrigues.



Da esquerda para a direita, sentados: Manoel Julio Ricardo Duarte e Emília Maria Alano; Maria Antonia de Jesus e José Albino de Souza, Luiza Custódio Coelho e Albino José Alano. Na frente, em pé: João e Sotero. Atrás, em pé: Domingos, Antonio, Francisca, Maria, Avelina, Dorvina e Elena.

Ele com vinte e dois anos, filho de Albino Alano de Souza e Francisca Maria de Jesus, batizado na paróquia de Jaguaruna.

Ela com vinte e um anos, filha de Antônio Serafim Silvano e Maria Filisbina de Jesus, batizada na paróquia de Jaguaruna.

Tiveram onze filhos: seis mulheres e cinco homens.

Nome	Nascimento	Esposo(a)	Casamento
Albino	1910	Luíza Custódia Coelho	27-07-1935

Segunda esposa .Júlia		Caetano Coelho	12-01-1968
Emília	1911	Manuel Júlio Ricardo Duarte	17-04-1937
Elena	1914	Solteira, falecida	
Dorvina	1916	Antônio Sebastião dos Santos.	19-10-1935
Antônio	1920	Maria Mariana Nunes	10-01-1942
Domingos	1921	Otília Cardozo Rocha	21-08-1954
Avelina	1922	.Pedro João Vieira	06-07-1940
Maria	1924	Antônio Francisco dos Anjos	26-09-1942
Francisca	1925	Hercílio José Ferreira	28-09-1946
Sotero	1928	Joana Clarinda dos Anjos	11-04-1953
João	1932	Alice Ana Garcia	24-04-1954

José Albino de Souza, mais conhecido por José Albino Alano, tinha um bom engenho de farinha de mandioca e um de cana de açúcar, ambos tocados a boi, como era de costume no começo do século XX.

Eu lembro quando seu José ia a festa com a sua esposa, dona Maria, montados em dois bonitos cavalos, bem encilhados. Ela ia sentada numa sela especial para senhoras, que os italianos chamavam de selim. As mulheres quando sentadas naquela sela ficavam com as duas pernas viradas para o lado esquerdo.

Albino José Alano

Albino José Alano casou com Luiza Custódia Coelho, em 27 de junho de 1935, na Igreja de Jaguaruna sendo celebrante o padre João Casale, onde foram testemunhas Vicente Francisco Porto e Josefina Lucinda Porto.

Ele com vinte e cinco anos, filho de José Albino de Souza (mais conhecido como José Albino Alano) e Maria Antonia de Jesus.

Ela com vinte e três anos, filha de Albino Luciano Coelho e Custódia Cellina Coelho.

Tiveram seis filhos: quatro homens e duas mulheres.

Nome	**Esposo(a)**
Ademar	Maria Nandi
Ataide	Salete Modolon
Anadir	José Coelho
Delairde	Celso Duarte
Maria	Bruno Duarte
Valda	Pedro de Souza

Albino ficou viúvo e mais tarde casou de novo com Júlia Caetano Coelho, em 12 de Janeiro de 1968, sendo celebrante o padre Ludgero Locks, onde foram testemunhas Sotero José Albino Alano e Hercílio Zago.

Ele com 57 anos e ela com 44 anos, filha de Manoel Antonio Coelho e Caetana Maria de Jesus.

A segunda esposa de Albino José Alano, dona Julinha como é conhecida, sempre se dedicou aos serviços da Igreja de São Gabriel. Junto com colegas, reza os terços aos domingos, ajuda nas Santas Missas, faz enterros quando não tem padre, cuida das roupas da Igreja, enfim, dona Julinha está sempre disposta a prestar ajuda a Igreja.

Conta o filho Albino, que o pai dele, José Albino de Souza, no mês de abril carneava um boi e como naquela época não tinha geladeira, ele fazia charque e estendia no varal, no sol, para secar mais depressa. Com este charque ele alimentava a família durante a farinhada que começava no começo de maio. Como já foi dito anteriormente, ele tinha um engenho de farinha de mandioca e um de cana de açúcar.

Sempre no fim de abril ele fechava a casa e mudava-se com a família para o engenho, que ficava perto. Eram cinco meses de safra, trabalhando dia e noite contínuo. Fazia a farinha para a família e para os vizinhos que não tinham engenho. As sobras da farinha para o gasto eram vendidas em Laguna.

Conta ainda o filho mais velho, Albino, que o pai tinha dificuldades de embarcar a farinha na estação da estrada de ferro em Morro

Grande, porque quando conseguia um vagão na estrada de ferro junto com outros proprietários de engenho, enquanto ele levava uma viagem de carro de boi, que era uma média de dezoito sacos de farinha, os outros engenhos que ficavam mais perto, carregavam o vagão no mesmo dia, com maior quantidade de sacos.

Por isso, o pai José resolveu comprar um paiol em Morro Grande, de João André e conforme ia fazendo a farinha, diariamente a levava para o paiol. Então, quando requisitava um vagão da estrada de ferro e este chegava na estação, ele carregava dois carros de boi e ia para Morro Grande e de lá transportava a farinha que já se encontrava no paiol para o vagão, conseguindo carregar pelo menos a metade do vagão, onde cabia quatrocentos sacos e ficava a outra metade para os outros engenhos. Aí melhorou.

Diz também Albino, que o pai dele alugou parte do paiol de Elias Niero (Elias Baldo, como era conhecido), na Urussanga Baixa. Daí quando tinha um vagão na estação de Cocal, transportava a farinha do paiol para lá, do mesmo modo. Assim tinha dois locais para embarque de sua farinhada, melhorando muito. A farinha ia de trem para Laguna e de lá de navio para o Rio de Janeiro.

Os filhos de José Albino de Souza cresceram, casaram e se mudaram para outros municípios. O engenho sumiu.

José Antônio Alano

José Antônio Alano casou com Luíza Paulina de Jesus em 21 de fevereiro de 1925, na matriz de Jaguaruna, com o padre Laureano Garcia. Foram testemunhas Manoel Antônio Pedro e Antônio de Castro.

Ele com vinte e seis anos, filho de Antônio Manoel Alano e Francisca Virgina de Jesus.

Ela com vinte e um anos, filha de Gabriel João de Rodrigues e Paulia Maria de Jesus.

José Antônio Alano, homem honesto, era um cabo eleitoral do Partido Social Democrático (PSD). Meu pai que era Intendente, falou com ele para ficar de feitor e arranjar uns cinco trabalhadores da região para cuidar da conservação da estrada da Chapada Bonita, sempre que fosse preciso. Ele aceitou, ficando esta tarefa aos seus cuidados. Quando ele não podia trabalhar, meu pai arrumava outro.

Por que colocaram o nome do lugar de Chapada Bonita? Contam os idosos que foi porque havia ali muitas mulheres bonitas.

Eu lembro que quando o Rio Caipora não dava passo na propriedade de Pio Trento, o pessoal em dia de festa passava na frente de nossa casa.

As mulheres se vestiam bem. Casaco de veludo, echarpe no pescoço, véu preto na mão para assistir a missa. Naquele tempo, na missa, se usava véu na cabeça. As mingutas, como era conhecidas, tinham cabelos louros ondulados. Minha mãe sempre dizia:

- Varda la che bella bresiliane (olha lá que brasileira bonita).

Chapada Bonita é conhecida hoje como "Auxiliadora", porque a Igreja tem a padroeira Nossa Senhora Auxiliadora.

Orávio Felomeno de Medeiros
Queda de barreira

Orávio Felomeno de Medeiros casou com Iria Formentin, no cartório de Treze de Maio, dia 08 de maio de 1954.

Ele, nascido em Cubículo, hoje distrito de São Gabriel, no dia 20 de janeiro de 1931, residente neste distrito de São Gabriel, município de Treze de Maio. Filho de Felomeno Pereira de Medeiros e Maria Borges de Medeiros.

Ela, nascida em Jaguaruna, no dia 04 de outubro de 1932, residente em Lageado, filha de Pedro Formentin e Maria Formentin.

Doze filhos: nove homens e três mulheres.



Casamento de Oravio Felomeno de Medeiros com Iria Formentin, em 08-05-1954, no cartório de Treze de Maio.

Nome	Data nascimento
Elísio	00-00-1956
Pedrinho.	00-00-1958
Dilney	27-08-1960
Maria	24-05-1962
Eloir.	23-06-1963
Olírio	20-10-1964
José	18-02-1966
Rosânia	22-12-1967
Amilton	21-03-1969
Rogério	21-07-1970
Neide	24-05-1971
Cleusa	08-04-1973

Como foi dito anteriormente, a catástrofe de 1974, aqui em Treze de Maio, começou no domingo, dia 24 de março, porque os rios daqui nascem em Treze de Maio mesmo e só enchem quando aqui chove.

A tromba d'água começou às 5 horas da tarde, domingo, 24 de março de 1974 e durou quatro horas, indo até às 9 horas da noite. Durante a noite toda a chuva continuou, mais fraca, com um forte vento leste.

Ao amanhecer do dia 25 de março de 1974, segunda-feira, parecia que nada de grave tinha acontecido aqui em São Gabriel, mas ninguém poderia prever que às 7 horas da manhã estouraria outra tromba d'água que não parecia mais chuva e sim água derramada, o que deixou todo mundo apavorado. Durou até às 11 horas e depois, até a tarde, a chuva ficou mais fraca.

Em São Gabriel, no fim da estrada da margem esquerda do Rio Caipora, moravam três famílias: a primeira era a família de Orávio Felomeno de Medeiros, mais adiante uns 200 metros morava Alcides Salvador de Medeiros, primo de Orávio e em seguida, a uns 150 metros, morava o jovem Valmor, filho de João Honório Coelho, também primo.

Alcides conta a história

Alcides Salvador de Medeiros diz que no dia 25 de março de 1974, segunda-feira pela manhã, quando estourou a segunda tromba d'água, que deixou todo mundo assustado, o primeiro que chegou na sua casa foi o vizinho Valmor que estava cuidando das criações e morava numa casa sozinho. Ele chegou todo molhado e pediu um pouco de café. Na saída dele chega o Orávio, também todo molhado e assustado, temendo que a casa dele fosse invadida pelas águas e por isso veio falar comigo para nós irmos juntos passar o dia no engenho de Bento Cardoso. Eu disse a ele que não tinha condições, com aquela chuva, pois tinha um córrego para atravessar e era longe.

Eu falei:

- Tem a casa de José Gomes, pois ele saiu e vendeu para o Altamiro Brunato e a casa está vazia, fica perto, bem no alto, não tem perigo de água lá chegar.

Fomos ver a casa, mas faltava muita telha e eu disse para o Orávio que não havia condições de pararmos ali. Eu, sempre não querendo sair da minha casa, mas ele disse que não tinha problema, pois nós nos arrumaríamos para dormir, tudo num monte. Resolvi fazer então o que ele queria e combinamos levar primeiro a mudança dele, depois a minha.

Na primeira viagem levamos toda a família dele. Na segunda levamos utensílios, roupas, alimentos e outros. Na terceira viagem, uma lata de banha, uma mala com salame, um machado para cortar lenha,

pois o fogão era a lenha. Tudo foi levado antes das 10 horas, porque depois do almoço eu levaria a minha mudança, para passar a noite junto com a família dele, achando que ali era um lugar seguro. Perto daquela casa tinha uma enorme laje, de uns 200 metros de largura, com uns 100 metros de altura. Nunca se poderia imaginar que aquela laje limpa poderia descer e levar tudo o que tinha pela frente. Mas foi o que aconteceu. Diz Alcides:

- Eu estava na porta, pronto para voltar para minha casa, pois depois do almoço eu iria trazer a minha família para passarmos a noite junto com eles e a mulher do Orávio, dona Iria, estava fazendo uma polenta para o almoço, segurando no colo uma menina de um ano. De repente ouvi um estrondo e vi aquela enorme laje descendo e trazendo tudo pela frente. Gritei e vi que o Orávio botou a mão na cabeça e disse: - "Nossa Senhora!" Eu comecei a correr e o filho mais velho do Orávio, Elísio, vinha atrás de mim também. Corri o mais que pude, mas a barreira me alcançou, arrastando-me por uns 10 metros no meio da lama. Fiquei enterrado, escutando aquele zumbido nos ouvidos, quando então comecei a me mexer e sai com a cabeça fora da lama. Fui me arrastando uns 8 metros até que sai da barreira, quase sem roupa e todo pisado, conseguindo me levantar. Olhei para trás. Não vi mais ninguém, nenhum barulho, e levantou uma serração branca, onde não se enxergava mais nada. Eu gritava e ninguém respondia. Fiquei tempo andando para cima e para baixo. De repente, lembrei-me de um caminho abandonado que ia para a Igreja de Lageado. Tentei seguir, Mas encontrei outra barreira, não dava para passar. Aí eu voltei e sente-me em cima de uma pedra, desanimado. Foi onde eu fiz uma promessa, que se eu conseguisse chegar em casa e encontrar todos de minha família vivos, eu daria um novilho em honra de Nossa Senhora Aparecida, para a Igreja de São Gabriel. A serração começou a desaparecer aos poucos, até que um determinado momento enxerguei uma fumaça preta, que parecia ser do chaminé da minha casinha. Levantei-me e subi na pedra onde eu estava sentado e enxerguei a minha casa.

Eram 200 metros de barreira para atravessar, pura lama, pedras e paus, criei coragem e me joguei. Seja o que Deus quiser, pensei. Quero ver a minha família. Caminhava em cima de uma pedra e de repente tinha que descer na lama, onde me atolava até o pescoço. Não podia parar, tinha que me movimentar na lama para não desaparecer nela. Às vezes encontrava um pau, andava por cima dele e em seguida tinha que me jogar na lama outra vez. Para encurtar o caso, na hora que caiu a barreira, poderia ser umas 10 horas e eu só cheguei em casa às 2 horas da tarde. Foram 4 horas de agonia entre a vida e a morte.

Antes de chegar em casa, encontrei um filho na rua e ele gritou:

- Corre mãe, que o pai está todo machucado.

Entrei na casa quase sem roupa. A minha mulher quis me lavar e jogou água em cima de mim. Eu não vi mais nada, de tanta dor que tinha no corpo, a pele toda riscada. Levaram-me para cama e fiquei lá até a quarta-feira, quando os vizinhos arrumaram uma bateira e me levaram até a Igreja de São Gabriel. Dali fui levado de helicóptero até o hospital de Tubarão.

A família de Orávio desapareceu. A casa com a família dentro foi arrastada pela barreira uns 800 metros até o banhado, que naquela hora deveria estar com 3 metros de água, ficando um mar no local, até a cidade de Laguna.

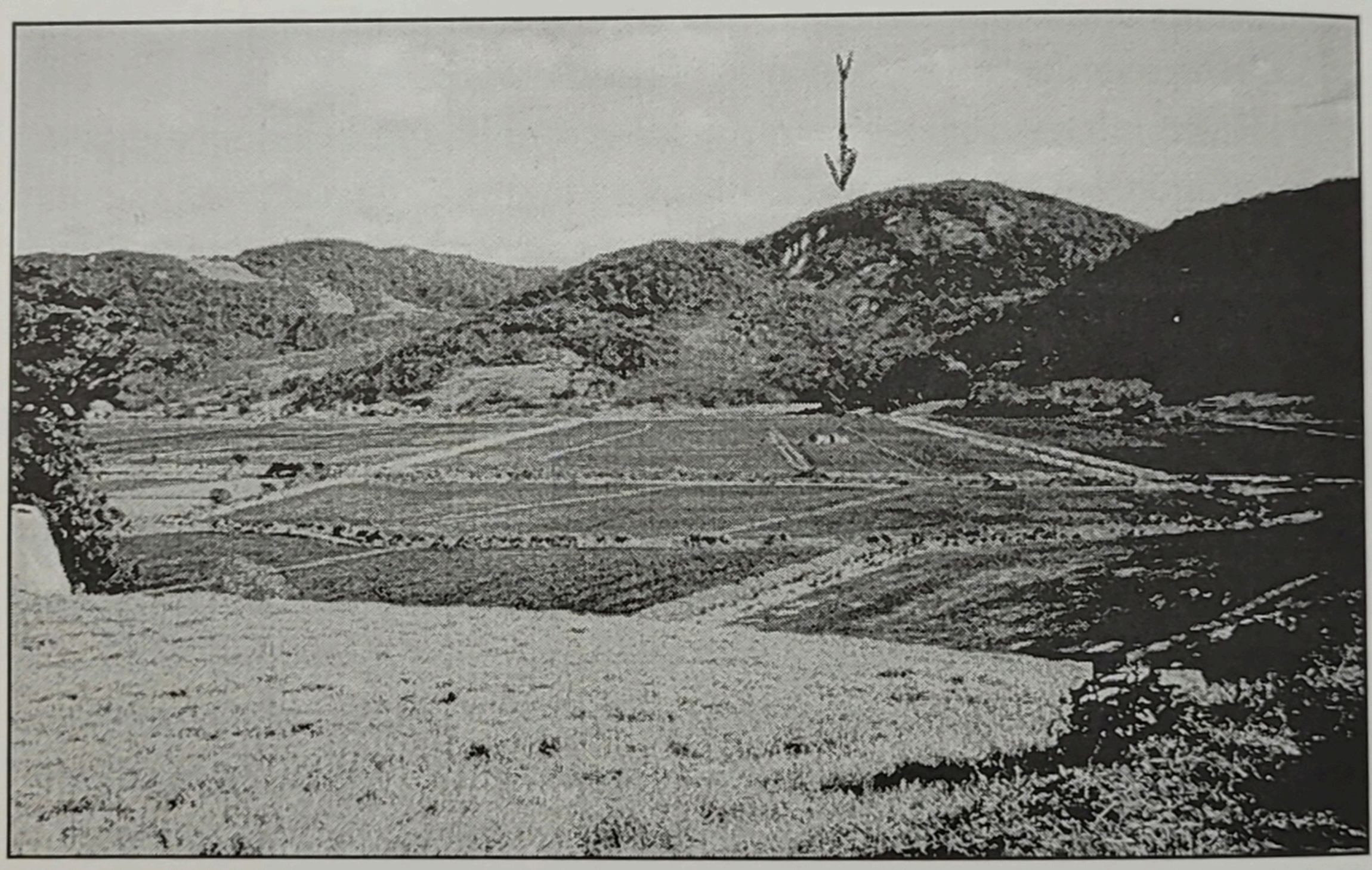
Na terça-feira, dia 26 de março de 1974, os vizinhos se reuniram a procura dos corpos da família de Orávio. O primeiro a ser achado foi Elísio, que na hora da barreira vinha atrás de Alcides e não teve a mesma sorte de escapar. Acharam-no a uns 30 metros de onde a barreira o pegou, com um braço fora da lama, já sem vida.

Depois de vários dias de procura, conforme iam baixando as águas do banhado, acharam um corpo inteiro de uma criança e o restante, pedaços de corpos de um e de outro. Inclusive Valmor, que morava sozinho, desapareceu. Foram quinze os mortos: Orávio, a esposa Iria, os doze filhos e o Valmor, filho de João Honório Coelho. Somente Alcides escapou-se por milagre. Se tivessem ficado em sua

casa, só desaparecia o Valmor, os outros estariam todos vivos, pois nada teria acontecido.

Como não foi possível achar todos os corpos, ficando a maioria ali soterrado, chamaram o pe. Silvestre Phelipe, vigário da paroquia Treze de Maio, que fez a cerimônia de sepultamento, benzendo o local. Muitos dias depois acharam ainda alguns pedaços de corpos esmagados entre as pedras.

Foi no dia 25 de março, dia da Anunciação de Nossa Senhora, dia marcante na vida do povo cristão.



A seta indica aonde começou a queda da barreira em 25-03-1974, que soterrou a família de Orávio Felomeno de Medeiros (catorze pessoas) e mais um vizinho de nome Valmor, primo de Oravio. Foto tirada 21 anos depois.

Capítulo 43

Três casas brancas

Aqui na Sesmaria Medeiros, depois Cubículo (Caipora), hoje São Gabriel, existiam três casas de pau-a-pique. Era interessante, pois as madeiras eram todas serradas na serraria, não eram farquejadas a machado. Todas as casas eram rebocadas com cal e areia, as janelas com 2 metros de altura, de vidro, pintadas de branco, com cal. Antigamente todas as três casas tinham venda e armarinho.

A primeira casa estava localizada perto do porto de Cubículo. Quando eu conheci a referida casa, o morador era João Castra de Medeiros. Na sala ainda estavam as prateleiras e o armário envidraçado.

A segunda casa localizava-se na Caipora, hoje distrito de São Gabriel. Quando eu a conheci, quem morava nela era Anacleto Sumariva, depois foi Alexandre Burato.

A terceira casa encontrava-se perto da primeira cachoeira do rio Caipora, onde morava o herdeiro da Sesmaria Medeiros, Júlio Duarte de Medeiros e sua mulher Etelvina Pereira de Medeiros. Hoje a propriedade é do autor deste livro. Eu lembro bem que por volta de 1947, não tinha ninguém morando na casa, conhecida como casa branca. Muitas vezes, de manhã, apareciam grandes escavações ao

seu redor, feitas à noite por alguns que sonhavam que ali tinha dinheiro enterrado pelos antigos moradores, em época de revolução. Nunca topei alguém escavando, pois a maior parte das escavações acontecia em noite de chuva.

Júlio Duarte de Medeiros abandonou a casa depois da enchente de 20 de janeiro de 1920, quando a água passou por cima das janelas.

Capítulo 44

Instalação do Distrito

O distrito de Treze de Maio foi instalado em 10-07-1926 pela lei Municipal de Tubarão nº 142.

1ºs Vereadores do Distrito

Vereadores eleitos em Treze de Maio, representando o distrito na Câmara Municipal de Tubarão, foram os seguintes:

1ª Legislatura
Eleito em 23-11-1947
Data da posse 20-12-1947
3 anos de mandato:
Frederico Catanio - PSD

2ª Legislatura
Eleito em 03-11-1950
Data da posse 06-12-1951
4 anos de mandato:
Germano Bez Fontana - PSD-351
Otávio Bez Fontana - PTB-315

JUSTIÇA ELEITORAL

Circunscrição de Santa Catarina

Juizo Eleitoral da 33ª. Zona

COMARCA DE TUBARÃO

MUNICÍPIO DE TUBARÃO

DIPLOMA

O DOUTOR ARY PEREIRA OLIVEIRA, Juiz Eleitoral da 33ª. Zona, Comarca de Tubarão, Estado de Santa Catarina, faz saber que o resultado da apuração final das eleições de 3 de Outubro de 1950, para os cargos de Prefeito e Vereadores à Câmara Municipal de Tubarão foi o seguinte:

I — Compareceram e votaram nas 63 secções do município de Tubarão 11.899 eleitores.

II — Discriminação da votação:

a) PARA PREFEITO MUNICIPAL: O candidato Arnaldo Bittencourt, registrado pelos partidos União Democrática Nacional (U.D.N.), Trabalhista Brasileiro (P.T.B.), Representação Popular (P.R.P.) e Social Progressista (P.S.P.), obteve 6.393 vótos e Ruy Cesar Feuerschaetle, pelo Partido Social Democrático 5.057 vótos. Votaram em branco 197 eleitores e foram anuladas 255 vótos.

b) PARA A CÂMARA DE VEREADORES: O P.S.D. obteve 5.235 vótos, a U.D.N. 3.936 vótos, o P.T.B. 1.533 vótos e o P.R.P. 539 vótos. Votaram em branco 293 eleitores e foram anulados 273 vótos. O número de vagas a preencher é de (13). O quociente eleitoral foi fixado em (891) e os quocientes partidários em 5, 4 e 1 lugares, respectivamente, para o P.S.D., a U.D.N. e o P.T.B. As vagas restantes, foram distribuidas, a 1a. para o P.S.D., a 2a. para a U.D.N. e a 3a. para o P.T.B., de acordo com as maiores médias conforme preceitua o Código Eleitoral, artigos 56 a 59, elegendo assim, o P.S.D. 6, a U.D.N. 5 e o P.T.B. 2 Vereadores, na ordem da votação preferencial que abaixo se segue: P.S.D.: Firmino Cardoso dos Santos, com 465 vótos, Antonio David Filetti, com 460 vótos, Francisco Knabben, com 452 vótos, Manoel Feijó, com 451 vótos, Gabriel Hicker, com 438 vótos e Germano Bez Fontana com 391 vótos. U.D.N.: Roberto Pedro Prudencio, 411 vótos, Severiano Francisco Sombrio, com 411 vótos, José Fernando Herrmenmeyer, com 419 vótos, Paulo Buss, com 409 vótos, e Amadeu Corrêa Neto, com 231 vótos. P.T.B.: Otavio Bez Fontana, com 315 vótos e Leocil da Luz Costa, com 297 vótos. São suplentes das representações partidárias, os demais candidatos sob a mesma legenda, na ordem decrescente da votação recebida: P.S.D. Idalino Freitas, com 331 vótos, José Bernardo Schlickmann, com 277 vótos, Manoel Brigido Costa, com 297 vótos, Jacob Martins de Souza, com 288 vótos, Francisco Salgado, com 262 vótos, Walmor Otavio de Oliveira, com 261 vótos, Zeferino Damiani, com 255 vótos, Waldemiro Siebert, com 190 vótos, Manoel Aguiar, com 185 vótos, Atalibo Rodrigues, com 115 vótos e Francisco de Paula Andréa, com 113 vótos. U.D.N. Aurélio Felipe, com 273 vótos, Luiz Samaia Corrêa, com 262 vótos, Abramo Silvestre, com 221 vótos, Hugo Hoppe, com 219 vótos, Jacob Buss, com 166 vótos, Adelson Longo com 157 vótos, Luiz Pedro de Oliveira, com 145 vótos, José Orlando May, com 135 vótos, Nemia Nunes, com 119 vótos, José Alves dos Santos Passos, com 117 vótos, José Freitas Junior, com 87 vótos e Silvino Moreira Lima Sobrinho, com 21 vótos. P.T.B. Gustavo Francisco Carvalho Rocha, com 281 vótos, Olice Pedra de Caldas, com 232 vótos, Antonio Corrêa Larroid, com 169 vótos, João Piava, com 91 vótos, Manoel Eduardo Cabral, com 69 vótos, Maurilio Gomes Teixeira, com 50 vótos e Presilino Santana, com 47 vótos. Houve 11 vótos sem designação preferencial para o P.S.D. e 12 para a U.D.N.

III — Em face do resultado das eleições acima apuradas, mandou o M. M. Juiz Presidente da Junta, expedir o presente Diploma, de acordo com o artigo 118 do Código Eleitoral, ao Sr.

GUMERANO BEZ FONTANA, VEREADOR eleito pelo Partido Social Democrático com trezentos e cinquenta e um (351) votos.

Tubarão, 18 de janeiro de 1951.

Ary Pereira Oliveira
Presidente da Junta

Gumerano Bez Fontana

III

3ª Legislatura

Eleito em 03-10-1954

Data da posse 01-02-1955

4 anos de mandato:

Luiz Nandi - PSD-451

Nelson Ghisi - PSP-232

4ª Legislatura

Eleito em 06-10-1958

Data da posse 03-02-1959

4 anos de mandato

Luiz Nandi - PSD-590

Mário Guaresi - PSD-478

Nelson Ghisi - UND-485

Quando fui vereador em 1950, representando Treze de Maio na câmara de Tubarão, nós vereadores não tínhamos ordenado e ganhávamos uma gratificação no fim do ano. Como era migalha, eu num fui receber a importância que me cabia. Veja cartão abaixo.

CÂMARA MUNICIPAL DE TUBARÃO
ESTADO DE SANTA CATARINA
(SECRETARIA GERAL)

Gumaro Bez Fontana

0-11-6. Gratificação - 1.000.00
0-11-3. Ajuda custo - 500.00
1.500.00

Gumaro Bez Fontana

Visto

Instalação do Município

O Município de Treze de Maio foi instalado no dia 30 de dezembro de 1961, às 16 horas, onde se achava presente o Exmo Juiz de Direito da 1°. Vara da Comarca de Tubarão, Dr. Valdir Perdeneiras Touloi, o deputado Valdemar Salles, representante do Governador do Estado e o prefeito de Tubarão, Dilney Chaves Cabral. Foram cinqüenta e sete assinaturas entre autoridades e o povo em geral. Assumiu como prefeito provisório o Sr. Ismael Tomaz Preve, nomeado pelo Exmo. Sr. Governador do Estado, conforme publicações do Diário Oficial de 26 de dezembro de 1961.

Eleição e posse de 8 prefeitos
Desapropriação do clube

O primeiro prefeito eleito em Treze de Maio foi **Luiz Nandi**, na eleição de 15 de novembro de 1962 e tomou posse em 31 de janeiro de 1963. Teve seis anos de mandato.

Em data de 18 de dezembro de 1967, o prefeito Luiz Nandi comprou de Dante Ghisi um lote urbano com a área de 600,00 metros quadrados, bem no centro da cidade, para ali construir o prédio da prefeitura, mas não o fez.

Na eleição de 15 de novembro de 1968 foi eleito **Nelson Ghisi,** que tomou posse em 31de janeiro de 1969, com mandato de quatro anos. Este, por sua vez, aproveitou uma visita do Exmo. Governador do Estado, Sr. Colombo Machado Salles, para colocar no referido terreno da prefeitura a Pedra Fundamental para construção do prédio, talvez esperando que o Governador, que não era do partido dele, lhe prometesse uma grana do Estado. O Governador foi franco ao falar:

- Posso presenciar a colocação dos documentos na Pedra Fundamental, mas não assumo compromisso algum.

Nelson não fez o prédio e só ficaram ali os documentos enterrados.

Na eleição de 15 de novembro de 1972, foi eleito **Nilson Simon Nandi**, que tomou posse em 31 de janeiro de 1973, com quatro anos de mandato penoso, pois sofreu a destruição do município na enchente de 1974. Não pôde fazer o prédio da prefeitura, mas comprou duas grandes áreas de terra dentro do perímetro urbano. Numa destas áreas preferiu dar à juventude um belíssimo Módulo Esportivo.

Na eleição de 15 de novembro de 1976, foi eleita **Auricélia Maria Lemos Ghisi,** que tomou posse em 01 de fevereiro de 1977, com seis anos de mandato. No seu primeiro dia de mandato assinou o primeiro Decreto, No 1/77, considerando de utilidade pública uma área de terra pertencente à "Sociedade Recreativa 7 de Setembro", onde o clube tinha sua sede.

Nós, da Diretoria, não nos preocupamos, pois tínhamos três vereadores e a prefeita tinha quatro, sendo que para provar a desapropriação do terreno, ela precisava de cinco vereadores.

Poucos dias depois, correu a notícia de que um vereador nosso tinha se vendido. Não dava para acreditar, mas eu mesmo fui na sua casa e pedi para ele votar contra a desapropriação do terreno do Clube. Ele foi franco, falou para mim a verdade. Disse:

- Sou obrigado a votar a favor da prefeita, porque eu andava apertado com a dívida do meu caminhão e eles pagaram para mim.

Aí eu lhe falei:

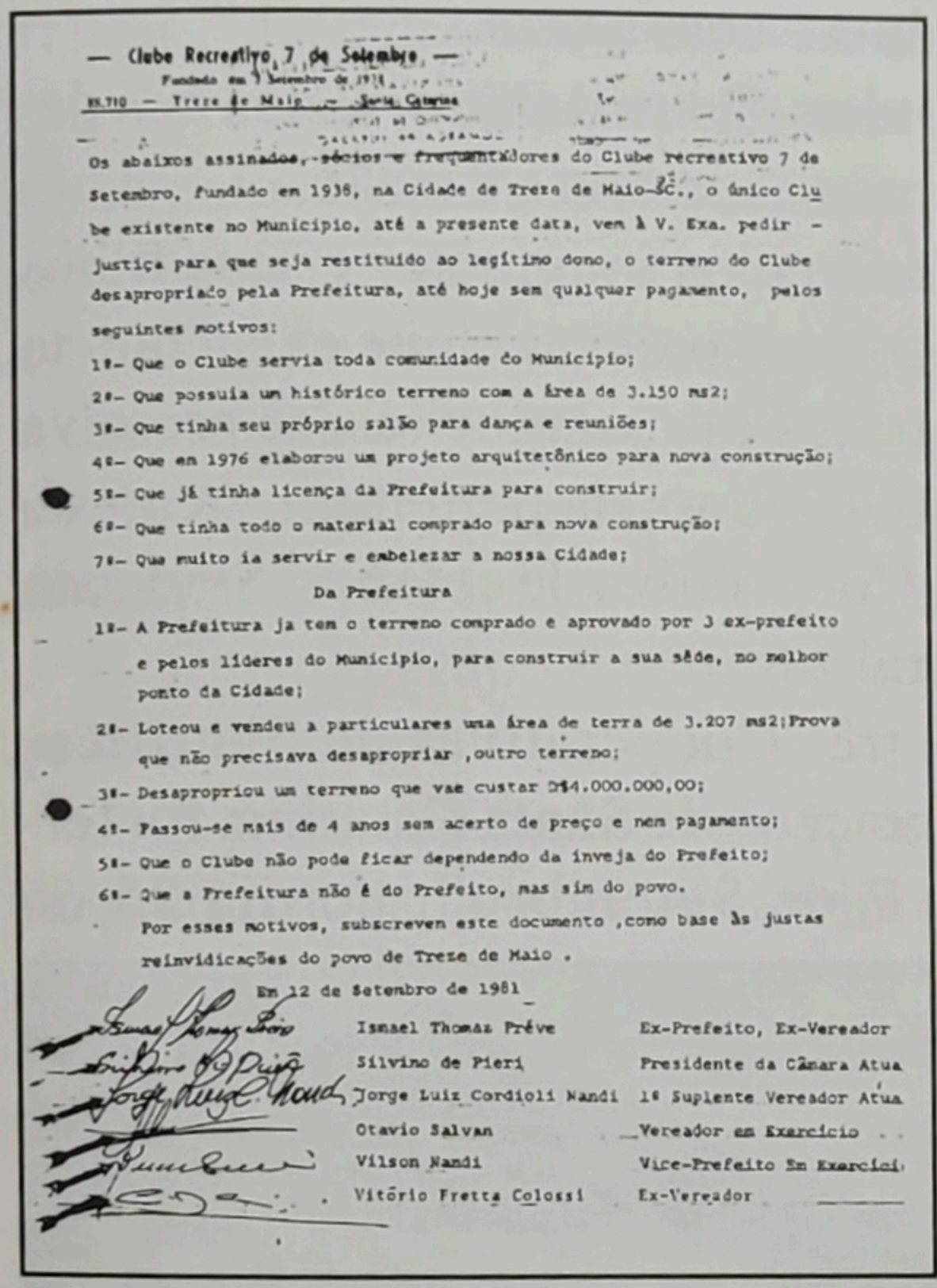
- Agora tu vota a nosso favor, pois a dívida já está paga.

Ele respondeu:

- Não posso porque eles prometeram que vão fazer também um aterro num terreno que eu tenho aqui na praça e se eu votar contra eles eles não me fazem mais o serviço.

Este vereador quando fez a campanha deveria ter pedido para os eleitores: "Vote em mim que eu quero me arrumar".

Nós, então, entramos na justiça com um abaixo assinado, com quatrocentas assinaturas, sendo trinta e nove com firma reconhecida, assinaturas de autoridades, quase todos os ex-vereadores, ex-prefeitos e o vice-prefeito da prefeita e outros, pedindo que fosse devolvido o terreno do Clube Recreativo 7 de Setembro.



— Clube Recreativo 7 de Setembro —

Fundado em 7 Setembro de 1938

RS.710 — Treze de Maio — Santa Catarina

Os abaixos assinados, sócios e frequentadores do Clube recreativo 7 de Setembro, fundado em 1938, na Cidade de Treze de Maio-SC., o único Clube existente no Municipio, até a presente data, vem à V. Exa. pedir - justiça para que seja restituido ao legítimo dono, o terreno do Clube desapropriado pela Prefeitura, até hoje sem qualquer pagamento, pelos seguintes motivos:

1º- Que o Clube servia toda comunidade do Municipio;
2º- Que possuia um histórico terreno com a área de 3.150 ms2;
3º- Que tinha seu próprio salão para dança e reuniões;
4º- Que em 1976 elaborou um projeto arquitetônico para nova construção;
5º- Que já tinha licença da Prefeitura para construir;
6º- Que tinha todo o material comprado para nova construção;
7º- Que muito ia servir e embelezar a nossa Cidade;

Da Prefeitura

1º- A Prefeitura ja tem o terreno comprado e aprovado por 3 ex-prefeito e pelos líderes do Municipio, para construir a sua sêde, no melhor ponto da Cidade;
2º- Loteou e vendeu a particulares uma área de terra de 3.207 ms2;Prova que não precisava desapropriar ,outro terreno;
3º- Desapropriou um terreno que vae custar Cr$4.000.000,00;
4º- Passou-se mais de 4 anos sem acerto de preço e nem pagamento;
5º- Que o Clube não pode ficar dependendo da inveja do Prefeito;
6º- Que a Prefeitura não é do Prefeito, mas sim do povo.

Por esses motivos, subscreven este documento ,como base às justas reinvidicações do povo de Treze de Maio .

Em 12 de Setembro de 1981

Ismael Thomaz Préve	Ex-Prefeito, Ex-Vereador
Silvino de Pieri	Presidente da Câmara Atua
Jorge Luiz Cordioli Nandi	1º Suplente Vereador Atua
Otavio Salvan	Vereador em Exercicio
Vilson Nandi	Vice-Prefeito Em Exercici
Vitório Fretta Colossi	Ex-Vereador

Mario Dupresi	Ex-Vereador
Silvino De Pieri	Ex-Vereador
Quintino Marcon	Ex-Vereador
Frederico D. Préve	Ex-Vereador
Guerino Meneguelli	Juiz de Paz
Beroni José Garcia	Sócio Contribuinte
Iduino Damian Préve	Sócio Fundador
Fanor Rechia	Escrivão Estadual
Otavio Menegalli	Sócio Contribuinte
Jaime D.Bez Fontana	Sócio Contribuinte
Alcidio D.Préve	Sócio Contribuinte
Domingos Guarezi	Ex-Delegado
Gentil Bez Fontana	Sócio Benemérito
João Sartor	Ex-Vereador
Anibal Guarezi	Ex-Delegado
Domingos Carara	Sócio Benemérito
Santos Bressan	Ex-Vereador
Manoel da Silva Carvalho	Juiz de Paz
Valmor Niero	Ex-Vice-Prefeito
João Paseto	Ex-Vereador
Luiz Nandi	Ex-Prefeito,Ex-Vereador
Otavio R. da Rosa	Ex-Vereador
Viúva Pedro Fontana	Sócio Benemérito
Viúva Alfredo Fontana	Sócio Benemérito
Lucy F. Fontana	Sócia Contribuinte
Olivio Nandi	Sócio Contribuinte
Jair José Constante	Ex-Vereador
Marcel P. Martins	Ex-Vereador
Altair Nandi	Ex-Vereador
Walfrido D.B.Fontana	Ex-Vereador
Nilson Simon Nandi	Ex-Prefeito
Frederico Catânio	Ex-Vereador
Germano Bez Fontana	Ex-Vereador

Eu fui falar de novo com o vereador e disse a ele:

- Agora que tu já pagou o teu compromisso e eles já fizeram o aterro que tu precisava, vote a nosso favor.

A câmara dos vereadores na época reunia-se uma vez por semana, todas às segundas-feiras à noite.

Sabem o que ele inventou para fazer dinheiro? Ele disse que trabalhava com caminhão de transporte e todos os fins de semana ele carregava uma carga em São Paulo e depois tinha o compromisso de entregar a referida carga em Porto Alegre, todas as segundas-feiras. Se ele entregasse na terça-feira, perderia um terço do frete: acredite se quiser. Então, se nós quiséssemos que ele votasse ao nosso favor, teria-

mos que pagar aquela diferença, pois só assim ele ficaria para a reunião de segunda e entregaria a carga na terça-feira. Falou-me também que se a prefeita precisasse do voto dele, teria a mesma despesa. Se naquele tempo tivesse a CPI de hoje, o negócio seria diferente. Os nossos outros vereadores, fiéis ao partido, sofreram com paciência. Eu sempre digo, que se vence a coisa com a calma e com a razão.

A justiça se baseia nas leis, muitas são mal feitas. E nós nos defendemos com o acordo amigável, com a maioria e a razão.

Pobre do Clube que foi fundado pelos imigrantes e seus filhos em 1938, "Clube dos Imigrantes" que era o único clube existente no município. Além de servir para os bailes e domingueiras, se prestava também para toda espécie de reuniões, como: da prefeitura, Acaresc, Cooperativa de Eletrificação Rural, Cooperativa de colonos, Sindicato Rural, Igreja, Escola, Justiça Eleitoral, etc.

Mesmo a reunião das vinte e três Cooperativas de Eletrificação Rural para a fundação da "Federação" de Santa Catarina, foi feita na sede do "Clube Recreativo 7 de Setembro", no dia 25 de novembro de 1973, quando então foi eleito o primeiro Presidente, o Sr. Luiz Nandi. Tubarão foi escolhida para sua sede provisória. Hoje a sede é em Florianópolis.



Nesta casa, sede do Clube Recreativo "7 de setembro", de Treze de Maio, foi fundada a Federação das Cooperativas de Eletrificação Rural de Santa Catarina, em 25-11-1973, quando foi eleito o primeiro presidente, Sr. Luiz Nandi.

Por último, foi feita a convenção da Arena, para escolher os candidatos a prefeito e vereadores na eleição de 15 de novembro de 1976, na sede do Clube, que era ainda a melhor sala para esta finalidade no município.

Em 1976 foi elaborado uma planta, para a construção da nova sede do clube, que seria um belíssimo prédio de dois pavimentos, de acordo

com o terreno da sociedade, já assinada pelo engenheiro responsável e com a licença da prefeitura. A sociedade já tinha comprado ferro, tijolos, pedras e toda a madeira do prédio atual também serviria para construir a nova sede.

Até a data 1976, a sociedade era a casa de todos, sem distinção de religião ou raças e por todas as classes foi presidida. A prefeita não queria fazer o prédio da prefeitura na terra em que o próprio marido já tinha colocado a Pedra Fundamental, na presença do Exmo Governador. Queria de qualquer jeito, desapropriar o terreno do clube, mas o clube tinha a sua sede, o seu salão em cima do terreno e este estorvava a construção do prédio da prefeitura e a estação rodoviária, como falava ela. Na época, passava apenas um ônibus em Treze de Maio: de Urussanga para Tubarão.

Então o grupo dos seis se reuniu e achou melhor botar fogo no prédio do clube.

E foi o que fizeram ainda em fevereiro de 1977. Atearam fogo no prédio do lado leste. A família de Pedro Fragnani, que também era sócia do clube, levantou-se cedo para fazer uma viagem. Era um domingo de madrugada e aí viram o fogo queimando parte do prédio. Com baldes de água e ajuda dos vizinhos o fogo foi extinto. Nós, da Diretoria, fomos comunicados do acontecido domingo à tarde. Aí fomos ver o prejuízo. Ao chegarmos no clube, vimos que ainda tinha brasa e com mais alguns baldes de água, apagamos o resto do fogo.

Um cidadão bem educado, do grupo dos seis, veio para perto do clube e começou a atirar foguetes. Nós estranhamos, pois parecia que ele nos estava desafiando, porque ninguém sabia, só o grupo dos seis.

Passados alguns meses fomos avisados que o fogo novamente tinha queimado uma parte do assoalho, desta vez pelo lado Norte, mas o fogo apagou por si. Já era a segunda vez.

Na noite de 21 de setembro de 1979, o grupo dos seis foi visto reunido, esperando que o incendiário espalhasse gasolina pelo assoa-

lho e ateasse fogo. O prédio começou a queimar rapidamente pelo assoalho e ninguém pôde fazer nada. Em pouco tempo ficou num montão de cinzas. Era o que o grupo dos seis queria. Disseram-me que um deles teve um desarranjo e não saía mais do banheiro.

Em 09 de outubro de 1979 a prefeita entrou na justiça, desapropriando o terreno do Clube Recreativo 7 de Setembro, sem benfeitoria, claro, pois o prédio já tinha queimado. Um terreno que na época valia Cr$1.500.000,00 (um milhão e quinhentos mil cruzeiros) e depositaram na justiça, uma migalha de Cr$32.000,00 (trinta e dois mil cruzeiros).

Outra coisa errada foi quando a prefeita vendeu uma área de terra com 3.250 metros quadrados da prefeitura, no centro da cidade, que tinha sido comprada pelo ex-prefeito Nilson Simon Nandi

A prefeita manda construir o prédio da prefeitura, no terreno desapropriado do Clube Recreativo 7 de Setembro. Foi uma construção mal feita em cima do aterro, paredes rachadas, telhado de refugo, janelão de 3 metros de largura com 2 metros de altura, o pessoal entrava e saía pela janela. O prefeito tinha que ficar com a janela fechada, pois do contrário o pessoal chegava na janela para falar com ele.

Eu lembro que um determinado dia foi marcado para a entrega dos novos modelos de títulos de eleitor na prefeitura e ali compareceram eleitores de todo o município. Era um dia de chuva e dentro da prefeitura tinham goteiras de todos os lados. O pessoal esperava na fila, dentro da prefeitura com o guarda-chuva aberto para se proteger. No corredor tinha uma baixada com água dentro e para bem de não entrar água no sapato, tinha-se que pisar em cima de tijolos colocados uns atrás dos outros. Só assim para poder atravessar a lagoa de água no corredor. Era uma vergonha, um prédio com dois anos de idade, naquele estado.

Na eleição de 15 de novembro de 1982 foi eleito, pela segunda

vez, **Luís Nandi,** que tomou posse em 01 de fevereiro de 1983, com mandato de seis anos.

O prefeito Luiz Nandi fez outro prédio para a prefeitura e mais uma sala para Câmara dos Vereadores. Não precisou mais do terreno do Clube e nem daquele que ele mesmo comprou para este fim. Preferiu fazer o referido prédio na praça, em terras do Estado.

Quando a prefeitura se mudou para o novo prédio, eu fui em casa do prefeito Luiz Nandi e disse:

- Agora a prefeitura tem o seu novo prédio, para ninguém botar defeito. Vamos devolver o terreno desapropriado para o seu legítimo dono que é o Clube Recreativo 7 de Setembro.

O prefeito respondeu:

- Se depender de mim, está feito o negócio. O problema é a Câmara. Eu falei:

- A Câmara deixa comigo.

Conversei com quase todos os vereadores, seus pais e sogros, onde me prometeram o voto favorável.

O projeto de Lei Nº 012/87 que "AUTORIZA O PODER EXECUTIVO A DOAR UM IMÓVEL À SOCIEDADE RECREATIVA 7 DE SETEMBRO", obteve aprovação unânime, 7 a 0.

O prefeito reuniu o povo da redondeza numa noite, na Câmara dos Vereadores, para sancionar a lei junto com o vice-prefeito Benoni José Garcia, onde foram muito aplaudidos. Depois, eu como fundador e presidente do Clube, fiz uma explanação de como surgiu a idéia de fundar este Clube, em 1938. Ao terminar, pedi uma salva de palmas para o presidente da Câmara, vereadores, prefeito e vice-prefeito, que foram muito ovacionados por todos os presentes. Em seguida falou o presidente da Câmara dos Vereadores, Jorge Luiz Cordioli Nandi, coordenador do trabalho e por fim o prefeito Luiz Nandi, ambos também muito aclamados pelos presentes.

Na eleição de 15 de novembro de 1988, foi eleito **João Bressam Bardini,** que tomou posse em 01 de janeiro de 1989, com

mandato de quatro anos. Este preferiu deixar na história uma belíssima avenida, a "Avenida dos Imigrantes", com 3 quilômetros de extensão e duas pistas que passam pelo travessão da Linha Fausto Júnior, até o lugar denominado Lage e que foi inaugurada em setembro de 1991. Pelo mesmo prefeito houve a construção das primeiras doze casas populares, além de outras obras.

Na eleição de 03 de outubro de 1992,foi eleito **Vilson Nandi,** que tomou posse em 01 de janeiro de 1993. Este, além de outras obras, iniciou a construção de um ginásio esportivo para a juventude, que não chegou a inaugurar.



Monumento inaugurado no fim da Avenida dos Imigrantes, em 22-09-1991, em Treze de Maio.
Prefeito: João Bressan Bardini.
Vice-Prefeito: Wilson Nandi.

Na eleição de 3 de outubro de 1996 foi eleito, para prefeito, **Itamar Bressan Bonelli** e como vice **Ademir Alberton Montegute**, que serão empossados em 01 de janeiro de 1997, com o término do mandato previsto para o ano 2000, já no século XXI. Foi uma mudança a vitória do PMDB e PSDB, com uma vantagem de 1.039 votos.

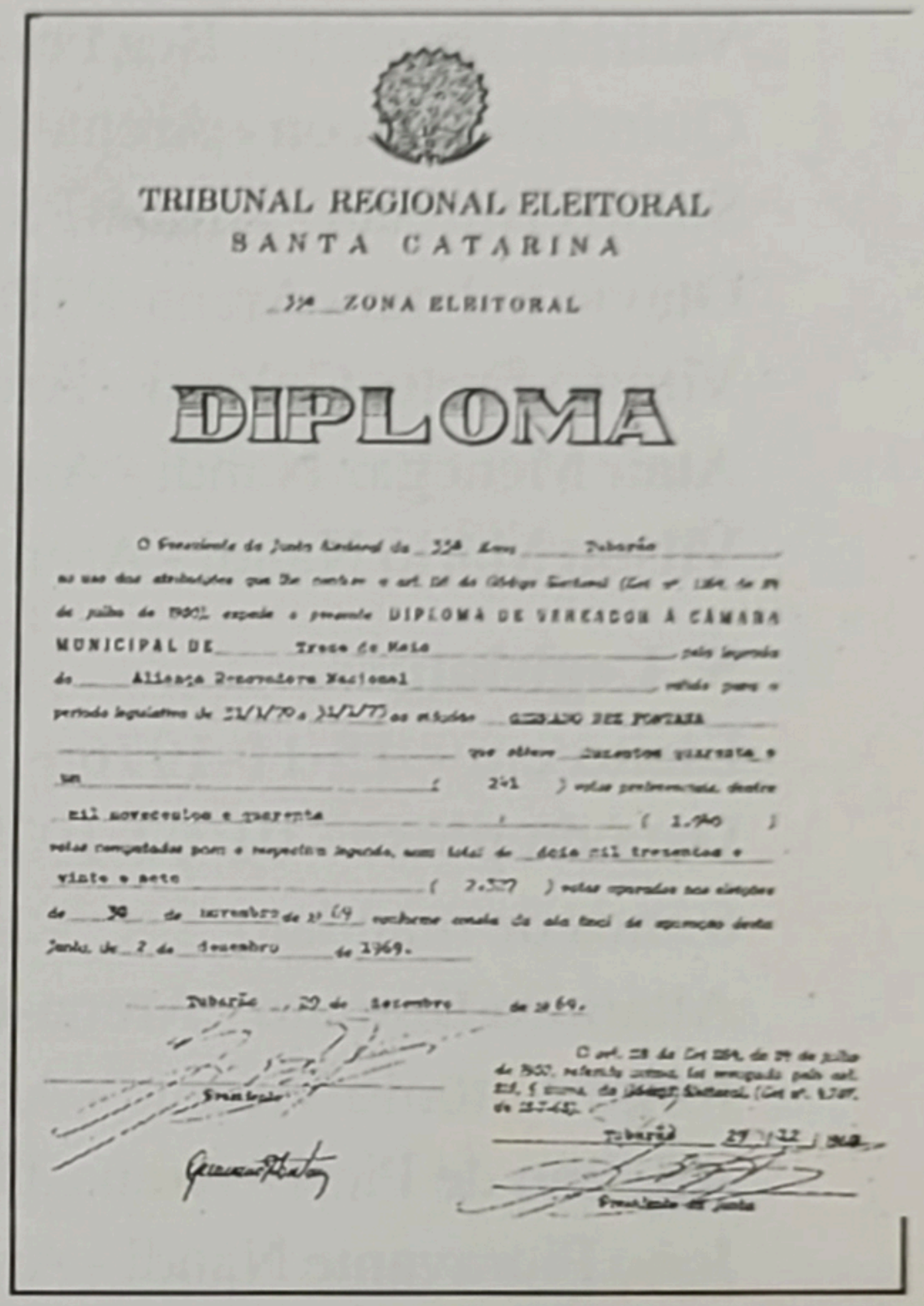
1ºs Vereadores do Município

O Município de Treze de Maio foi instalado em 30-12-1961.

1ª Legislatura
Eleito em 15-11-1962
Data da posse 31-01-1963
4 anos de mandato
Otávio Roldão da Rosa - PSD-160
Frederico Damian Preve - PSD-132

Bruno Lucas - PSD-147
Valmor Niero - PSD-130
Antônio Fioravante Nandi - UDN-126
José João Rodrigues - UDN-110
Valmor Coutinho - UDN-212

2ª Legislatura
Eleito em 15-11-1966
Data da posse 31-01-1967
3 anos de mandato
Jair José Constante - Arena-PSD
João Sartor - Arena-PSD
Santos Bressan - Arena-PSD
Manoel João P. Martins - Arena-PSD
Valmor Coutinho - Arena-UDN
Adelino de Pieri - Arena-UDN
José João Rodrigues - Arena-UDN



TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL
SANTA CATARINA

33ª ZONA ELEITORAL

DIPLOMA

O Presidente da Junta Eleitoral da 33ª Zona Tubarão
no uso das atribuições que lhe confere o art. 191 do Código Eleitoral (Lei nº 1.164, de 24 de julho de 1950), expede o presente DIPLOMA DE VEREADOR À CÂMARA MUNICIPAL DE Treze de Maio pelo legenda da Aliança Renovadora Nacional relativo para o período legislativo de 31/1/70 a 31/1/73 ao cidadão GERMANO BEZ FONTANA que obteve Duzentos quarenta e um (241) votos preferenciais, dentre mil novecentos e quarenta (1.940) votos computados para o respectivo legenda, num total de dois mil trezentos e vinte e sete (2.327) votos apurados nas eleições de 30 de novembro de 1969 conforme consta da ata final de apuração dessa Junta de 2 de dezembro de 1969.

Tubarão, 29 de dezembro de 1969.

O art. 28 da Lei 1164, de 24 de julho de 1950, referido acima foi revogado pelo art. 181, § único, da Código Eleitoral (Lei nº 4.737, de 15-7-65).

Tubarão 29/12/69

Presidente da Junta

3ª Legislatura
Eleito em 30-11-1969
Data da posse 31-01-1970
3 anos de mandato
Ismael Tomaz Preve - Arena-PSD-222
Germano Bez Fontana - Arena-PSD-241
Mário Guarezi - Arena-PSD-300
Luiz Nandi - Arena-PSD-270
Valmor Coutinho - Arena-UDN-359
Adelino de Pieri - Arena-UDN-247
José João Rodrigues - Arena-UDN-279

4ª Legislatura
Eleito em 15-11-1972
Data da posse 31-01-1973
4 anos de mandato

Valfrido Dandolini Bez Fontana - Arena-PSD-431
Quintino Marcon - Arena-PSD- 288
Santos Bressan - Arena-PSD - 314
Otávio Salvan - Arena-PSD -302
Vitório Fretta Colossi - Arena-UDN - 327
Atair Menegaz Nandi - Arena-UDN - 201
Vilson Mário Nandi - Arena-UDN -279

5ª Legislatura

Eleito em - 15-11-1976
Data da posse - 01-02-1977
6 anos de mandato
Altamiro Brunato - Arena-UDN-285
Jorge Antônio Vicente - Arena-UDN-235
Adelino de Pieri - Arena-UDN-339
João Fioravante Nandi - Arena-UDN-293
Pedro de Pieri Calegari - Arena-PSD-303
Otávio Salvan - Arena-PSD-336
Silvino de Pieri - Arena-PSD-214

6ª Legislatura

Eleito em 15-11-1982
Data da posse 01-02-1983
6 anos de mandato
Nilton de Medeiros Cardoso - PDS-UDN
Genuir Guarezi Salvan - PDS-UDN
Antônio B. Fontana Carara - PDS-UDN
Ademar de Pieri Sorato - PDS-UDN
Jorge Luiz Cordioli Nandi - PDS-PSD
Juventino Salvan - PDS-PSD
Assendino Manoel de Souza - PDS-PSD

7ª Legislatura
Eleito em 15-11-1988
Data da posse 01-01-1989
4 anos de mandato
Luiz Cordioli - PMDB-228
João da Silva - PMDB-302
Quintino Marcon - PMDB-189
Adinor Elias Sartor - PDS-244
Mariano Savi Margotti - PDS-241
Silvino de Pieri Fragnani - PDS-250
Luiz Molon Lucas - PTB-292
Nilson Burato B. Fontana - PTB-372
Ivaldo José Luciano - PFL-379

8ª Legislatura
Eleito em 03-10-1992
Data da posse 01-01-1993
4 anos de mandato
Luiz Molon Lucas - PRN-279
Arilton Francisconi Cândido - PRN-325
Fábio Carara da Silva - PRN-249
Valério Del Sent Nandi - PMDB-162
Gilberto Dandolini Fontana - PMDB-254
Genor Salvan - PFL-316
Nelson Ghisi - PFL-217
Jaimir Dandolini Fontana - PDT-247
Lúcio de Pieri Lucas - PDS-266

9ª Legislatura
Eleito em 03-10-1996
Data da posse 01-01-1996
4 anos de mandato
Arilton Francisconi Cândido - PMDB/PSDB-398

Pedrinho Simon Nandi - PMDB/PSDB-344
Clésio Bardini de Biasi - PDT/PL/PFL-327
Roque Salvan - PMDB/PSDB-289
Gilberto Dandolini Fontana - PMDB/PSDB-285
Luiz Nandi - PPB-227
Ademar Cardozo da Silva - PDT/PL/PFL-224
Paulinho Geraldi - PMDB/PSDB-258
Jaimir Dandolini Bez Fontana - PDT/PL/PFL-163

Reconstrução do Clube

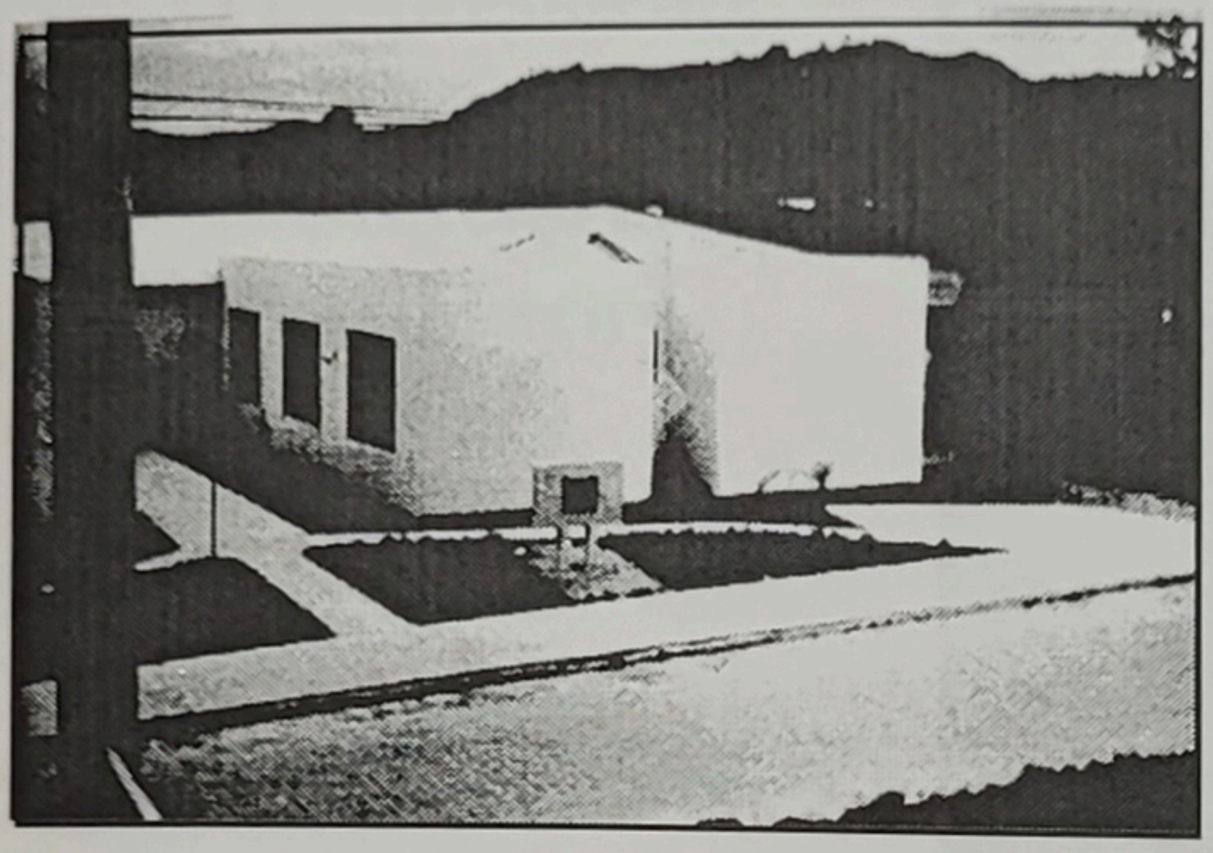
Quando o terreno e o prédio foram devolvidos pela prefeitura ao seu legítimo dono, o "Clube Recreativo 7 de Setembro", em 09 de novembro de 1987, nós da diretoria fizemos as primeiras reuniões e alguns membros foram reeleitos. Para completar a diretoria, em 14 de agosto de 1988, foram eleitos os outros membros. Neste dia, o clube estava completando cinqüenta anos de fundação. Esta eleição aconteceu num domingo e coincidentemente a fundação também se deu num domingo, 14 de agosto de 1938.

A diretoria ficou assim constituída:

Presidente ..... Germano Bez Fontana
Vice-Presidente ..... Otávio Menegali
1º Secretário ..... Pedro Fragnani
2º Secretário ..... Quintino Guarezi
1º Tesoureiro ..... Olívio Nandi
2º Tesoureiro ..... Frederico Damian Preve
Fiscal ..... Domingos Carara
Orador ..... Luiz Nandi

3 propostas a serem discutidas

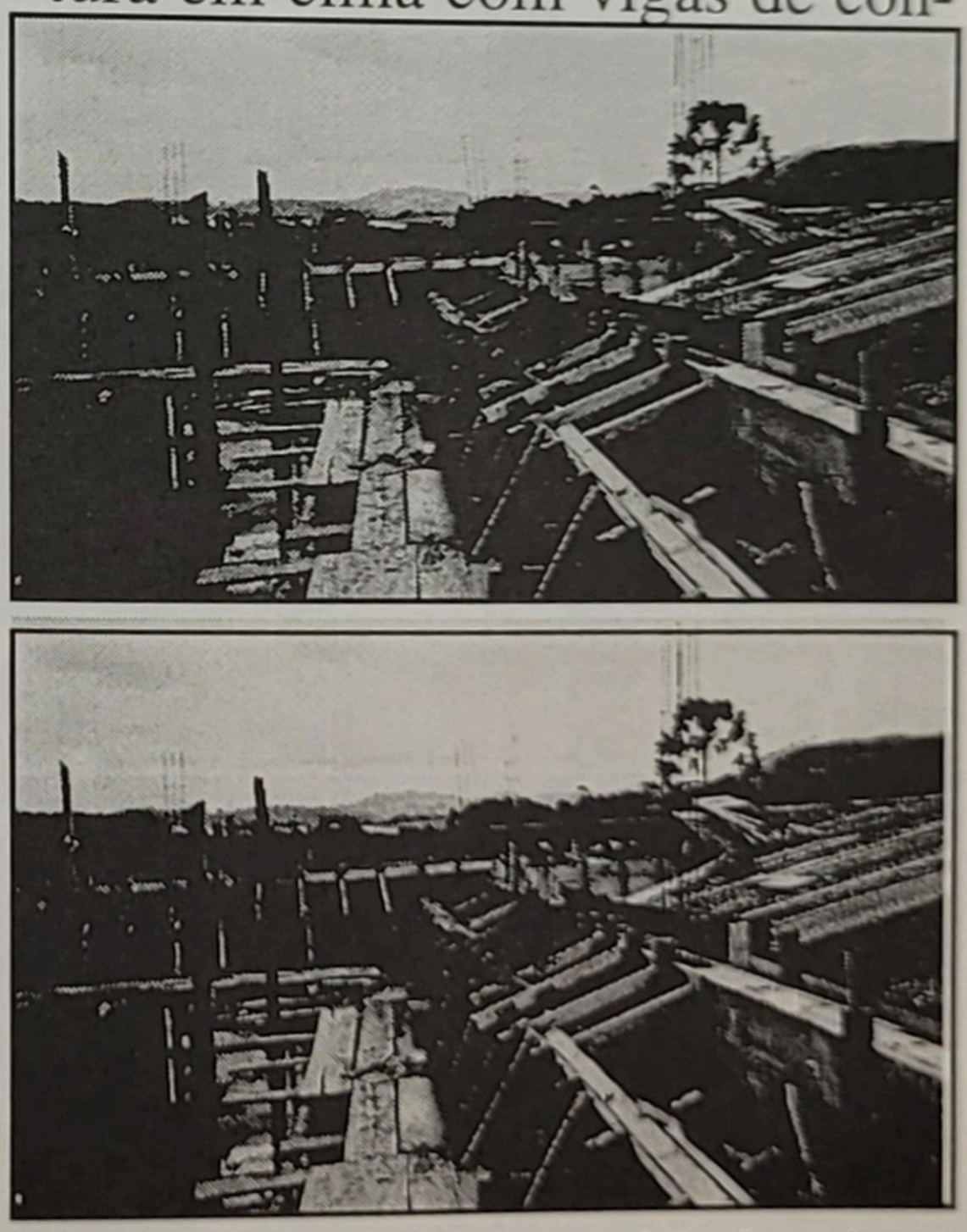
1° - Colocar um trator para destruir a construção atual e fazer um prédio de dois pavimentos, de acordo com o nosso projeto arquitetônico, elaborado antes da desapropriação.



O prédio da prefeitura antes de ser reformado para ser a sede do Clube Recreativo "7 de Setembro".

2° - Vender aquela propriedade, comprar outra com mais terra, perto do perímetro urbano e construir a sede com mais espaço, tendo um campo de futebol e piscina.

3° - Construir mais uma área junto a atual e reforçar toda estrutura em cima com vigas de concreto de 15x60 centímetros de frente a fundo da casa e braçar as vigas existentes com estribo de ferro reforçado, para que uma coluna só não possa ceder.



Esta duas fotos mostram como foi reforçado o prédio do clube, com vigas em cima do forro, para nenhuma coluna ceder. A obra saiu quase o custo de um prédio novo.

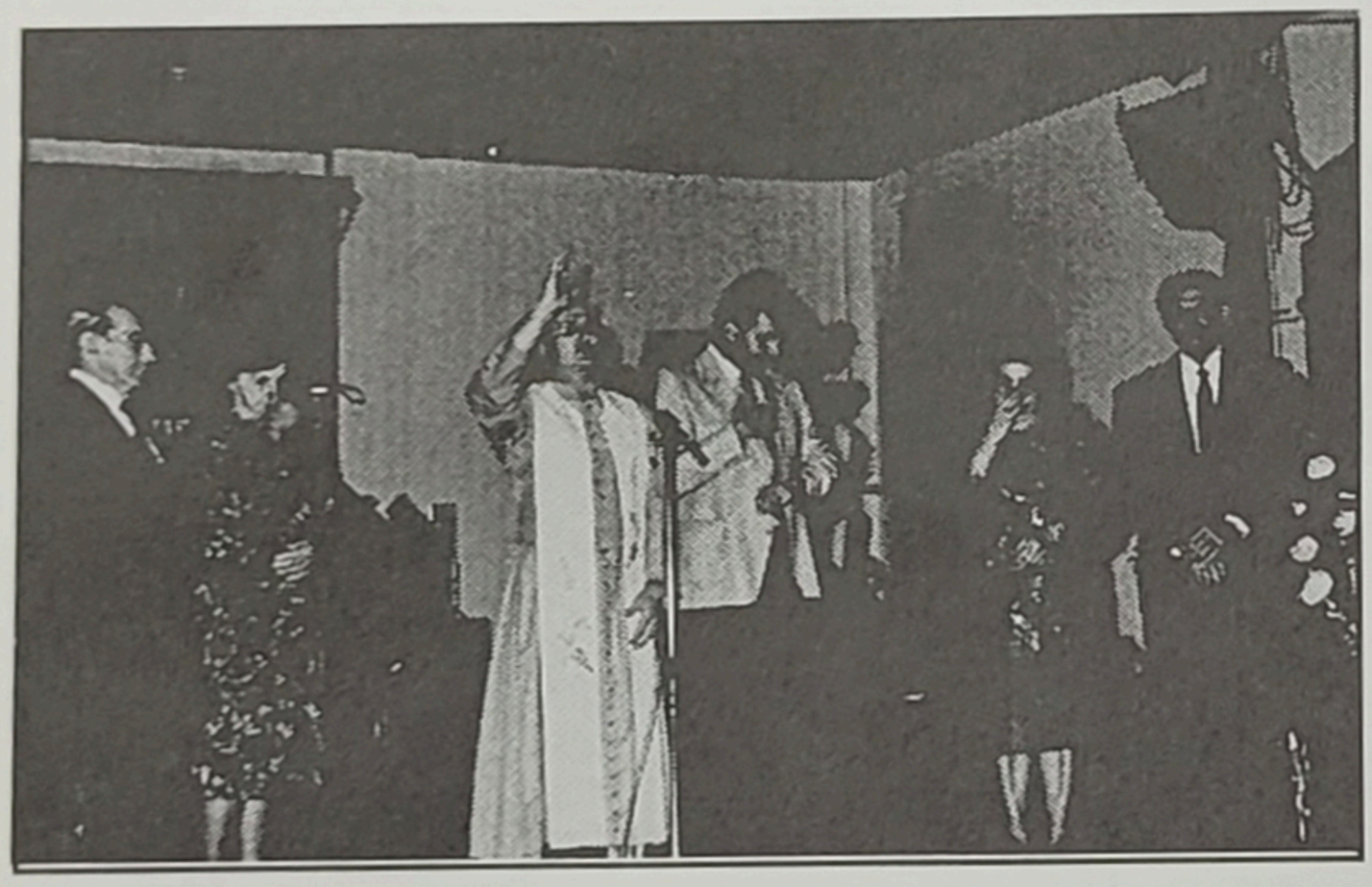
Das três propostas foi escolhida a segunda. Colocamos o terreno a venda, pois a casa ninguém queria. Foi feito proposta até para o Banco do Brasil e como ninguém nos fez oferta, cancelamos a venda.

Partimos para a terceira proposta. Elaboramos mais um projeto arquitetônico e iniciamos as obras construindo as áreas neces-

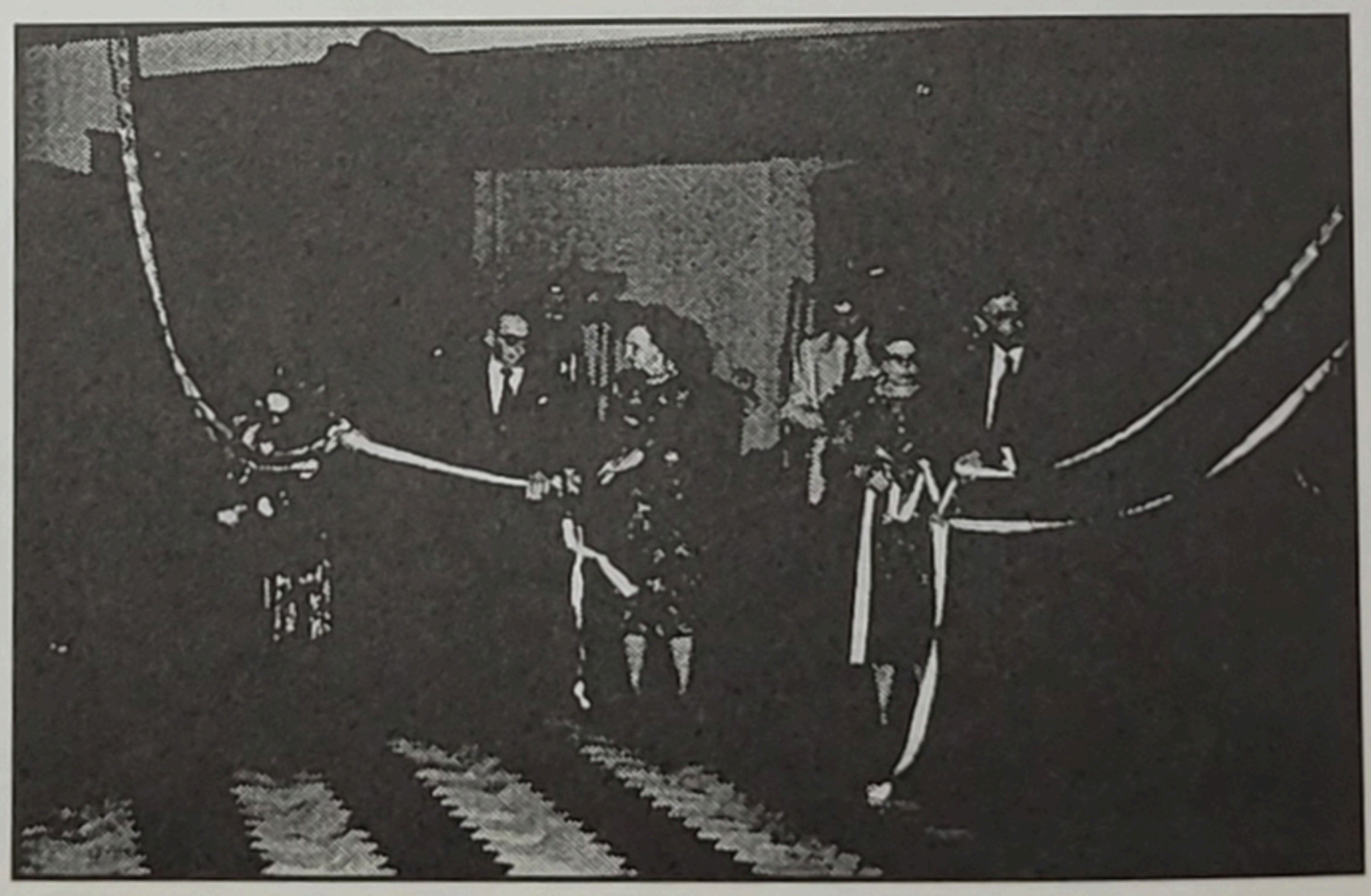
sárias e reforçando todo o prédio em cima. Após reformarmos o estatuto, passamos de sócios contribuintes para sócio proprietários e entregamos o clube sem dívida.



Clube Recreativo
"Sete de Setembro"
depois da reforma.



A primeira foto mostra o padre Nivaldo Ceron dando a benção no clube, antes da inauguração.
A segunda mostra a inauguração da reconstrução do Clube Recreativo "7 de Setembro", em 7 de setembro de 1991. Foram convidados, pelo coordenador Wilson Simon Nandi, os casais Germano Bez Fontana e esposa e Adelino de Pieri e esposa para desatarem a fita inaugura.



Nova diretoria imposta em 20 de novembro de 1989

Presidente	Adelino de Pieri
Vice-presidente	Valfrido Dandolini Bez Fontana
1º Secretário	Aluir Nandi
2º Secretário	Jairo D. Bez Fontana
1º Tesoureiro	Jorge Luiz Cordioli Nandi
2º Tesouro	Valdecir Bez Fontana
Fiscal	Gelson Guarezi
Fiscal	Roberto Antônio Réchia
Orador	Vilson Luiz Nandi

Capítulo 45

Fundação: Azambuja e Urussanga

Acerca da fundação de Azambuja e Urussanga, transcrevo abaixo, trechos do livro do Desembargador Vieira Ferreira que acompanhou o seu pai, o engenheiro Joaquim Vieira Ferreira, na medição das terras do sul de Santa Catarina.

"Santa Catarina

Verifiquei pelo Diário Oficial daquele tempo, que a nomeação do meu Pai para chefe da comissão encarregada de medir terras do sul de Santa Catarina, se fez no dia 21 de novembro de 1876 e pelo Jornal do comércio do dia 26, secção (Movimento do porto), que partimos para o sul na véspera, 25 quarto dia depois da nomeação.

A empresa de navegação (Paquetes brasileiros) tinha três vapores na linha do sul até Montevidéu: o Calderon, o Camões e os Cervantes. Neste embarcamos em dia de sol claro". (pag. 17).

"A população do vale, como a beira-mar, era de origem açoriana e conservava o sotaque musical dos ilhéus portugueses, dizendo como eles amare, fazêre, com a terminação latina dos infinitivos. Não era robusta e corada, como a da Serra, de origem paulista, que

falava com outro timbre de voz; mas os tipos franzinhos e amarelos não eram tantos como os barrigas verde do litoral, não havendo nas margens do Tubarão o flagelo das maleitas". (p. 31).

"Dias antes, isto é, a 16 de abril (1877), o major Antônio Florêncio Pereira do Lago, inspetor especial de terras públicas, entregou, no lugar Morrinhos, 291 immigrantes, quasi todos de origem italiana, ao engenheiro Joaquim Vieira Ferreira, que fez conduzir para a séde do nucleo colonial." (p.98)

"Os colonos

Vi passarem por Pedrinhas as famílias italianas com destino ao local que meu pai escolheu para séde da colônia, sobre as agoas do Pedras Grandes.

Muito pouco tempo estacionaram os colonos na vila do Tubarão, sob um telheiro que havia na rua marginal ao rio, onde costumavam abrigar-se os tropeiros da Serra e arrumar com as cangalhas de seus muares toda a coirama com que se aparelha uma tropa; bruacas, arreatas, cabrestos etc.

Nem quinze dias levaram os colonos em Tubarão, pois, desembarcados em Morrinhos no dia 16 de abril de 1877, no dia 28 já estavam em Azambuja.

Quis meu pai evitar os inconvenientes que há na demora dos imigrantes em cidades e vilas em que se hospedam a custa do Estado.

Ajustou para transportar a bagagem dos colonos todos os carros de bois que havia nos sítios do vale.

Chegaram de noite à vila e receberam no barracão do alojamento os sacos e baús dos imigrantes, que seguiram a pé o comboio sonóro, ouvindo pela primeira vez a música rangida nos eixos de madeira, que lembra o grunhido de um porco subjugado.

Tocava a orquestra dos carros a música instrumental que naqueles tempos soava monótona como uma cantilena arábica

ao arrabil, anunciando o trabalho nos caminhos da roça do Brasil inteiro.

Os carrros foram descarregados onde a estrada da Serra atinge o rio Pedras Grandes e os colonos tomaram aí, à esquerda, a picada que se abrira para a séde da colônia. Sua bagagem foi levada até lá nos hombros dos imigrantes ou no lombo das bestas de carga.

Ali chegados, os colonos, vendo-se em pequena clareira no meio da mata virgem, revoltaram-se, dizendo que tinha ido na suposição de que deveriam cultivar terra menos silvestre.

Meu pai, que se achava só com funcionários da sua comissão e uma turma de trabalhadores brasileiros, teve de assumir com os mais exaltados uma atitude enérgica dizendo-lhes que podiam retirar-se mas por sua conta e risco, sem as vantagens que o Estado lhe proporcionava, garantindo-lhes a subsistência até a produção de suas lavouras.

Conseguiu convencê-los que era melhor aprenderem com os brasileiros a derrubar as árvores da mata e a cultivar o solo com as sementes que lhe seriam fornecidas.

Começaram logo a trabalhar, aumentando com o prosseguimento da derrubada a clareira aberta para a séde da colônia, instruídos pelos camaradas brasileiros. Veio-lhes a fé no futuro da sua atividade agrícola e trabalhavam com entusiasmo, entoando suas canções napolitanas com letra adaptada a uma situação que os fazia felizes.

Cantavam, deformando a sua língua vernácula.

Se noi naremo in Merica,
Naremo nel Brasile;
Faremo mille e mille...
E la terra a cultivar.
Este último verso era bisado: E la terra a cultivar,
e la terra a cultivar. E, como veremos, a cultivaram". (p. 43)

O núcleo de Azambuja foi fundado a 28 de abril de 1877, no valle do rio das Pedras Grandes, afluente do Tubarão.

Os colonos foram localizados nos rios Pedras Grandes, Canela Grande e Armazem.

Estabeleceram-se no Pedras Grandes:

Barroni Giacomo
Berti, Giuseppe e Pietro
Brocca Luigi
Caldana Giovanni
Canarini Luigi
Carboni Giuseppe
Fornara Giacomo
Pregnan Basilio
Pulchini Francesco
Purgherie Gregorio
Ghiraldi Santo
Modolon Giovanni
Montradini Giuseppe
Modolon Giovanni
Nola Giovanni
Parisi Giovanni
Passaori Giuseppe
Pescarini Antonio
Scarcelli Massimiliano
Traldi Leandro
Vigarini Luigi

No rio Centro ficaram:

Araldo Pietro
Balzanelli Francesco
Bardini Domenico
Berlanda Giuseppe
Brulera Angelo
Burato Angelo
Carrara, Angelo e Carlo
Cartelli Antonio
Cipriani Domenico
Corradini Simone
Grassi Giacomo
Margotti, Ambrosio e Domenico
Minato David
Molon Battista
Nandi Luigi
Tumese Giovanni

No segundo confluente:

Baigio Luigi
Benati Licoride
Bressan Giovanni
Caldana Angelo
Castagnini Sebastiani
Dalla Pegarrara,
Fvichini Andrea
Morselli Domenico
Perdonà Alessandro
Scramini Pietro

Vicentini Fedele
Zanella Carlo.

No riacho do Norte, outro confluente do Pedras Grandes:

Bortoluci Bertolomeo
Certaro Alessandro
Chirico Rocco
Ferrari Pietro
Martinelli Battista
Parreto Angelo

Para o Canela Grande foram:

Accordi, Antonio e Luigi
Benati Secondo
Bolognino Giovanni
Bragnotti Agostino
Cervelo Antonio
Fratta Giuseppe
Lupi Porrini Geovanni
Mancalosse Giacomo
Mortari Angelo
Rozzetti Giacomo
Silvestre, Giacomo e Giovanni
Zanini Agostinho

Foram para o Armazem:

Balsso Pietro
Binoto Giovanni
Doneti, Domenico e Florindo
Caetano Francesco
Carboni Luigi
Carghini Giovanni
Courelli Rizardo
Dandolini Lorenzo
Furian Valentino
Furlanetti Bellini
Ghisi, Giuseppe e Romualdo
Landini Angelo
Liberato Eugenio
Lotti Carlo
Nicolodelli Pietro
Nigro Domenico
Orlando Giuseppe
Peron Pietro
Pigarelli Giacomo
Zanella Ferdinando
Zanino Cirillo
Zappellini, Giacomo, Giovanni e Gaetano

A picada para o Armazem, de que se fez pouco depois um bom caminho de tropa, cortava o Canela Grande, mas o vale do Armazem teve logo comunicação com o do Tubarão, na Raposa, por uma estrada de meia légua mais ou menos. Era por aí que a colônia ficava mais perto do Tubarão, na parte que se denomina rio da Raposa.

Ficaram nos lotes da sede:

Battisini, Beno e Giovanni
Costa Andrea
Pelicera Antonio
Pescarini Gaudenzio
Tanchella Giovanni
Tassi Paolo.

URUSSANGA

Em 1878 começou a colonização de Urussanga. Passaram pela sede da colônia os imigrantes com esse destino. Eram mais robustos do que os primeiros colonos e não falavam o mesmo dialeto.

Os chefes de família eram:

Bortam, Bortom, Felice e Francesco
Bosco Andrea
Bor Pietro
Donato Gaetano
Dorigoni, Antonio e Celeste
Brunel Antonio
Dorigo, Ferdinando, Giovanni, Lorenzo e Luigi
Lunelon Giovanni
De Bettin, Giacomo e Giovanni
De Dona, Giacomo e Martino
De Brida, Domenico e Francesco
De Cesero Antonio
De Covis Giovanni
Della Odora Giuseppe
De Lorenzo, Agostino, Antonio, Antonio Canarini, Antonio Frei, Bernardo, Felice Cancellier, Francesco Canarini, Gaetano, Giovanni Canarini, Giovanni Cancellier, Giovanni Frei e Otto.
De Ner Pietro
De Pol Giovanni
Donadel Luigi
Fabris, Domenico, Gaetano e Giacomo
Fini Bortolo
Fontanella Natale
Lazzari Marco
Mazzaferri Luigi
Manaria Antonio
Martini Felice
Mazzoca, Agostino, Beniamo, Bernardo, Eugenio,

Giacomo, Gioachino, Giovanni e Ignazio.
Meneghel Pietro
Passamai Andrea
Polon Stefano
Pinco Andrea
Salvador, Giacomo, Giovanni e Luigi
Savo, Catarina, Celeste, Eugenio e Giacomo.
Spada Bernardo
Tezza Giovanni
Tonet Pietro
Tramontin, Antonio, Desiderio, Giovanni e Giovanni Maria
Zen Domenico Antonio.

Encontraram à margem do rio Urussanga, o rancho de onde partiram para seus lotes. Era uma sede secundária cuja importância futura não se podia prever tanta estão quando Urussanga não passava de uma simples dependência de Azambuja, como Armazem e Canela Grande. Meu Pai, porém, o presentia.

No Rancho dos Bugres, estabeleceram-se:

Cassia, Domenico e Giacomo
Comoretti Pietro
Grandi, Giovanni e Vittorio
Longo, Antonio e Giacomo
Romagna Giovanni.

Meu Pai prolongou a estrada de rodagem até a sede de Urussanga, que ligou por uma picada ao Araranguá.

Representou ao Governo sobre a conveniência de levar até esse rio a estrada de rodagem, comunicando-se pela colônia os vales do Tubarão e do Araranguá, mas não obteve para isso a necessária autorização.

"Lavoura

Os primeiros colonos, localizados nos vales dos rios Pedras Grandes, Canela Grande e Armazém, fizeram as suas plantações de feijão, arroz e milho em 1877, ano de sua chegada, e a colheita em março em 1878." (...)

"O total da colheita de 1878 nos citados vales de 18,5 sacos de feijão, 110 de arroz e 706 de milho produzidos por 90 colonos.

Pescarini Antônio foi quem colheu mais feijão em Pedras Grandes: 3 sacas e meia. As maiores colheitas de arroz foram obtidas pelos irmãos Boneti (Domenico e Florindo), no Armazém, cada um dos quais colheu 3 sacas e meia.

No milho quem levou a palma foi a Dalla Pegarrara, de Pedras Grandes, com 45 sacas.

Na colheita de 1879 já não são contempladas as plantações de

Urussanga e Rancho dos Bugres, que contribuíram com 56 sacas de feijão, 84 e meia de arroz e 640 e meia de milho, para o total da colônia, que foi de 208 sacas de feijão, 210 e um décimo de arroz e 1.874 e meia de milho.

Para estimular os colonos nas plantações dessa colheita, meu pai estabeleceu os seguintes prêmios: 10$000 para o que colhesse mais arroz, 20$000 para a maior produção de milho e 30$000 para a de feijão.

Com o atual valor da moeda essas quantias parecem pouco estimulantes como prêmios do trabalho, mas naquele tempo com 30$000 comprava-se um bom cavalo em Santa Catarina. Caldana Giovani, de Pedras Grandes, obteve o prêmio de feijão, colhendo 11 sacas; Bolognini Giovani, de Canela, o do arroz, com 16, e Fornara Giacomo, também de Pedras Grandes, o do milho, com 55 sacas." (pp. 70 e 71).

Pão amassado com os pés

"Não sei mais si era o Costa ou Tassi e Ferreiro, auxiliado por um irmão que se casou na colônia e a espaços entremeava o trabalho na forja com a fabricação de pão italiano, amassando-o com os pés bem lavados, para uma panificio que lembra o esmagamento da uva nos lugares portugueses.

Perdeu alguns fregueses e foi pena, porque o pão italiano é o mais próprio pela duração para se usar nos lugares onde não se fabrica diáriamente, como acontecia em Azambuja." (p. 52).

Estradas

"Ficaram em construção as estradas que ligavam a séde confluentes, estando taes obras contratadas por 18:807$500."

"Como estradas construídas, possuía a colônia a que ligava a séde com a então villa de Tubarão, entrando na que vinha da villa no logar denominado Pedrinhas, na aldeia de São Miguel".

"A outra, que era um prolongamento desta, ligava a sede com o povoado de Urussanga, a primeira com a extensão de 9.900 metros e a segunda 16.500 metros".

"A terceira estrada construída era de Urussanga a Cocal e três kilômetros além desse logar".

Estavam em construção a estrada geral de Urussanga a Cresciúma, do Armazém ao 2° e 3° confluentes do rio Pedras Grandes, Rancho dos Bugres e Ribeirão dos Carvalhos, estradas que servem para comunicação interior".

"O traçado da estrada de ferro D. Thereza Christina acompanhou o rio Tubarão, estando projectada uma estação a 9.700 metros da sede da colônia, augurando portanto meios fáceis de comunicação".

"Foi, por essa ocasião, alterado o preço da unidade dos lotes que era um unico, obedecendo a modificação á qualidade e valor dos terrenos. Assim foram classificadas as terras do 2° e 3° confluentes e Rio das Pedras Grandes, como inferiores, ao preço de dois réis a braça quadrada; as do Armazém, Canela, Rancho dos Bugres, Urussanga e Cresciúma, como regulares e ao preço de 4 a 5 réis a braça quadrada; e as de Cocal, boas, a 6 réis".

"Nos terrenos tidos como inferiores, cultivava-se milho, feijão, arroz, trigo e canna e algumas plantações de uva americanas." (pp. 102 e 103).

Pagamento

"Não havia na colônia nenhum funcionário de fazenda, nem outro qualquer incubido da pagadoria. Meu pai mesmo, o diretor, é que ia buscar na tesouraria província o dinheiro destinado a pagar as despesas com o pessoal e material da colônia, sujeito aos riscos da guarda e do transporte da cidade do Desterro para a séde de Azambuja. Fazia essa viagem por logares em grande parte sem habitantes, com dois camaradas de confiança.

Ia em escaler do Desterro para Manssiambú e a cavalo de

Manssiambú para Mirim sobre o lagamar de Laguna; em canôa dai para Tubarão e a cavalo de Tubarão para a colônia".(p.69).

"O engenheiro Joaquim Vieira Ferreira exerceu o cargo de diretor da colônia até 13 de julho de anno seguinte, isto é, de 1881, data em que foi substituido pelo engenheiro João Thomaz Nogueira".

"Pelo decreto nº 2.366, de dezembro daquelle anno, foi a colônia emancipada".

"Por ocasião da emancipação a população era de 1.820 almas, de nacionalidade italiana, tendo havido desde o tempo da fundação, 267 nascimentos, sendo 152 do sexo feminino e 115 do masculino. O número de óbitos foi de 85 pessoas, sendo 46 homens e 39 mulheres". (p.101).

Com serviço da colônia

Despesa

O Governo Imperial dispendeu com os serviços da colônia, desde a sua fundação até a emancipação, as seguintes quantias:

Azambuja e Urussanga

"Desde 28 de abril de 1877

até Novembro de 1878 ..... 320:437$597

" Dezembro de " ..... 9:926$080

" Março de 1879 ..... 31:253$025

" Junho de 1879 ..... 19:337$950

" Setembro de 1879 ..... 22:647$790

" Dezembro de 1879 ..... 30:339$348

" Março de 1880 ..... 52:404$500

" Junho de 1880 ..... 19:88

" Setembro de 1880 ..... 11:495$550

" Dezembro de 1880 ..... 9:603$178

Total ..... 587:392$178

"Addicionando a essa importância as sommas gastas nos seguintes mezes:

Janeiro de 1881	3:947$700
Fevereiro de 1881	4:227$700
Março de 1881	6:184$800
Abril de 1881	3:695$000
Maio de 1881	3:307$000
Junho de 1881	2:267$000
Importância do 2º semestre	11:720$000
Total	**622:740$878 (p.102)**

Fundador de Urussanga

Para quem não teve a oportunidade de ler o livro de Urussanga, "As imagens da História", aqui segue um trecho dele.

Na foto o Engenheiro Joaquim Vieira Ferreira, fundador de Urussanga em 1878.



Joaquim Vieira Ferreira

22 — TRIBUNA MUNICIPAL — Colonização

FAMÍLIAS QUE A PARTIR DE 1879 INSTALARAM-SE NO NÚCLEO DA COLÔNIA DE URUSSANGA – SUL DO ESTADO DE SANTA CATARINA		Código
ARIATI	–	3
ALBONICO	–	3
AMOROSO	–	3
AMBONI	– Eugênio	3
ANZANELLO	–	7
BETTIOL	– Ferdinando, Giovanni	2
BALDIN	– Antônio	9
BENDO	– Davide	9
BUOGO	– Luiggi	3
BARZAN	– Inázio	8
BENEDET	– Antonio, Giovanni, Angelina	11
BEZ FONTANA	– Giácomo, Luiggi	13
BIANCHINI	– Antonio	1
BEZ BATTI	– Giácomo (Francesca Terza), Lucca	1
BONOMI	–	3
BORGA	–	3
BARICHELO	–	3
BORTOLATTO	– Giovanni	2
BERTAN	– Giuseppe	2
BATAIN	– Giovanni	4
BRINNA	– Cândido	4
BENETTON	–	6
BALDESSAR	– Pietro, Giovanni	7
BARDINI	–	10
BON	– Maximiliano Júlio, Rosa e Antonio	10

Código: 1 - Sede; 2 - São Pedro; 3 - Belvedere; 4 - Rio Comprudente; 5 - Armazém; 6 - Cocal; 7 - Rio Caeté; 8 - Rio Maior; 9 - Rio Carvão/Santaninha; 10 - Rio Galo; 11 - Rio Salto; 12 - Rio América; 13 - Rio América Baixo.

Primeira vítima

Como conta o livro "Coloni e Missionari Italiani" (p.114), os imigrantes italianos em Urussanga viveram cerca de quatro anos sem perseguição dos índios. Depois os colonos começaram a notar que faltava milho nas roças. De princípio desconfiaram que era bicho do mato. Em seguida, acharam pisadas de homens e desconfiaram que eram dos índios.

No dia 10 de fevereiro de 1883, quatro irmãos Baldessar, do Rio Deserto, encontravam-se tranqüilos, derrubando árvores e cantando alegremente, quando um deles, Giovani, afastou-se de 25 a 30 metros para medir uma grande árvore, sem prever o perigo. Sentiu uma flecha atravessar seu corpo e gritou para os irmãos que o socorreram, levando-o para uma casa vizinha, onde veio a falecer vinte horas depois.

Poucos dias depois, os índios compareceram no Rio Salto, a pouca distância do Rio Deserto, quando todos os chefes de família estavam trabalhando na estrada de ferro. Em casa, ficavam só a mulher com as crianças e alguns velhinhos. As casas dos colonos ficavam longe uma das outras, cerca de 1 quilômetro.

A mulher de Caetano de Brida estava em casa, com os três filhos, sendo que um estava dormindo. Escutou um estranho ruído na mata virgem que aumentava sempre. Em seguida ouviu algumas batidas nas esteiras de palha, em cima do forro e da parede. Eram flechas dos selvagens.

A mulher, espantada, olhou pela janela e viu os selvagens vindo em direção à sua casa. Ela pensou: o que fazer? Esperar poderia ser pior, correr não, pois não podia carregar as três crianças; pedir socorro ninguém ouviria, pois a casa mais perto ficava a um quilômetro e tinha que atravessar a mata virgem.

Pediu ajuda a Nossa Senhora. Como não podia carregar as três crianças, colocou aquele que dormia dentro de um baú e pegou os outros dois no colo disparando pelo caminho. Atravessou o mato e foi

pedir ajuda na casa de Giovani Benedet (meu bisavô materno). Ele, vendo aquela mulher espantada, pedindo ajuda e dizendo que os selvagens estavam na sua casa, apanhou a arma e correu pelo caminho gritando de longe: "- Canalhas, canalhas, se escapem ou eu os mato a todos!" Os bugres vendo aquele velho de cabelos brancos, com tanta coragem, se escaparam. O velhinho entrou na casa e viu aquela criança que os bugres tiraram do baú jogada no chão, pisoteada, já morta. Cena terrível. Os índios carregaram tudo o que tinha dentro da casa. O bom velhinho voltou para a sua casa afim de consolar a pobre mãe, só então notando que a sua espingarda estava descarregada. Fez correr os bugres só na coragem.

Capítulo 46

Lembrança do primeiro Júri de Urussanga (18-12-1826)

Meu avô (nono) Sebastião Bez Fontana, com sessenta e três anos, na época, de profissão carpinteiro e marceneiro, também era fotógrafo e foi chamado para bater algumas fotos do primeiro júri de Urussanga, em 18 de dezembro de 1926. Como as máquinas fotográficas daquele tempo, em 1926, eram grandes e pesadas, meu avô levou-me junto com ele para ajudar. Levamos a máquina e os negativos que eram de vidro, de tamanho único, 13x18 centímetros, que podiam ser divididos para tirar também duas ou quatro fotos. Fomos a pé.

Fazem quase setenta anos, pois eu tinha onze anos na época. Lembro-me como se fosse hoje quando entramos na sala do júri. Ajudei o meu avô a armar o tripé e colocar a máquina na posição. Depois me sentei atrás, num banco, segurando os caixilhos dos negativos. Fiquei ouvindo uma mulher que falava, isto é, que reproduzia o que já havia dito na delegacia um dia antes, sobre o acidente, pois era a única testemunha do caso.

No dia do primeiro júri, eu, na minha memória, lembro que ela contou que um vizinho foi na casa dela e ficou pagodeando com

outro na cozinha. De repente um deles passou a mão numa espingarda que estava pendurada na parede e disse para o outro brincando:

- Olha que eu atiro.

O outro respondeu que atirasse e ele atirou, matando o companheiro acidentalmente, pois não sabia que a espingarda estava carregada. Ainda hoje guardo uma foto do primeiro júri, como recordação.

Como já fazem quase setenta anos, para tirar as minhas dúvidas eu fui no fórum de Urussanga, onde fui muito bem atendido pelas funcionárias e ali achei o depoimento da mulher, feito na delegacia de polícia em 7 de outubro de 1925, um ano antes do primeiro júri, pois Urussanga era ainda comarca de Tubarão. A instalação da comarca de Urussanga deu-se em 20 de dezembro de 1925. Segue abaixo, a cópia de um trecho do depoimento da mulher:

"1° testemunha

Ângela Sagrillo com idade de vinte e oito annos, proffição doméstica solteira mouradora no lugar São Martinho deste Distrito não sabendo ler nem escrever; aos costumes dissinada testimunhas a quem o Sub-Delegado deferio a promessa legal, e sendo inquirida sobre o fato constante da portaria de folhas três disse que: No dia quatro do corrente mez e anno pellas onze horas chegou em sua casa Santos Moro e depois mais tarde chegou também João Moro que conduzia uma gaitinha de tocar a boca. Santos Moro pediu-a emprestada a João; este emprestou-a então Santos pedio a ela depoente um pouco de água para lavar a gaitinha, João ouvindo estas palavras disse que lavar a gaitinha era uma ofença para elle então João empossose da gaitinha negando a dar a Santos que havia pedido para tocar naquela tarde, João Moro entrando dentro da cosinha della depoente tomou uma espingarda de dois canos que se achava atras de uma porta e começou a manejal-a a ella depoente disse a elle João Moro que tomasse cuidado com aquela arma que podia estar carregada, esti não emportando-se começou a puntal-a para Santos Moro dizendo

que vibraria um tiro Santos respondeu que atirasse neste momento ella depoente ouvindo o estampido de projetil olhou para os dois e viu prostado ao chão Santos Moro lavado em sangue ella depoente nesse momento disse ao João o que avia feito e começando a gritar."

No fim continha assinaturas das seguintes pessoas:

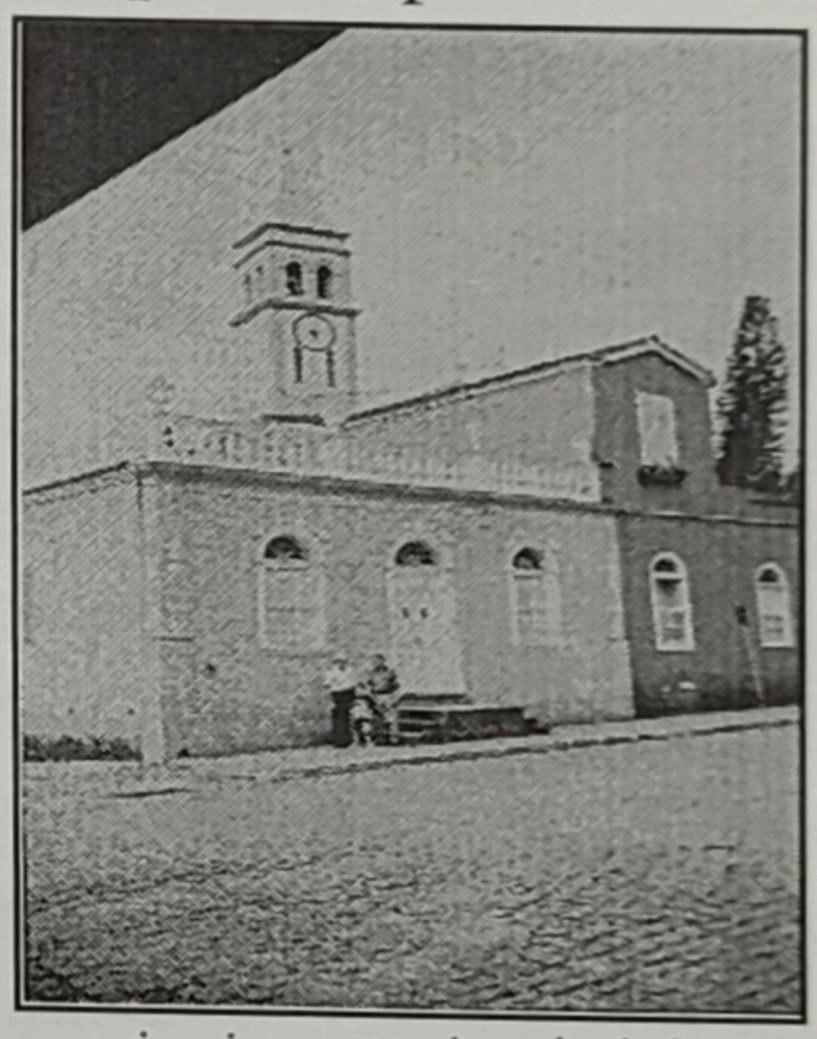
José Fasseto - subdelegado

Ângelo Canorio - escrivão

Francisco de Cesário - intérprete da depoente, pois a mesma não sabia falar em português.



Primeiro júri na Comarca de Urussanga,
em 18-12-1926.
Fotógrafo: Sebastião Bez Fontana, 63 anos.
Ajudante: eu, Germano Bez Fontana, 11 anos.



Nesta primeira casa, pintada de branco,
estava instalado o Forum, aonde foi
realizado o primeiro júri em
18-12-1926, urussanga.
Atrás se vê a torre da bela Igreja.
Na frente da casa, eu e Aurélio Trento,
os dois que ainda estão vivos e que
estavam presentes neste dia. O menino é
o meu neto, Marcelo Botega Fontana

O primeiro livro de ata

" Termo de abertura

Este livro servirá para actas do Tribunal do Jury, no cartório do civil em mais annexos, indo, como vão as suas folhas numeradas de 1 a 50, com algarismos impressos e rubricadas com a rubrica " Faustino" que uso.

Urussanga, 21 de dezembro de 1925.
João de Deus Faustino da Silva
Juiz de Direito"

Trechos da ata - Primeiro Juri

"Acta da sessão de julgamento dos réos João Moro e José Pedro da Silva, vulgo José Chagas.

Aos desoito dias do mês de desembro do anno de mil novecentos e vinte e seis, nesta Villa de Urussanga, no edifício da Superintendência Municipal, na sala destinada as sessões do Jury, pelas onze horas da manhã, presentes M.M. Juiz de Direito da Comarca e Presidente do Tribunal Doutor João de Lima Freire, o Promotor Público Doutor Angelo Scarpa, jurados e partes, commigo Escrivão do Jury abaixo nomeado, as portas abertas, principiou a sessão, tocando a campanhia o official de Justiça Alfredo Hilbert, porteiro dos auditórios. Em seguida o juiz abrindo a urna das vinte e oito cédulas que continha o nome dos jurados sorteados para a presente sessão verificou acharem-se exactas e recolhendo-as novamente, fechou-as à chave. Immediatamente procedi eu Escrivão por ordem do M.M. Juiz, a chamada dos jurados, averiguando-se estarem presentes vinte e dois jurados, passando o Juiz a tomar conhecimento das faltas e escusas dos jurados que não compareceram e dispensou os de nomes Antônio Ferraro e Gabriel Arns por não terem sidos intimados, Antônio Remor por ter apresentado attestado médico, multando em trinta mil réis os jurados faltosos Marianno Mazzuco, Jácomo Burigo e Francisco Waterkemper. Depois de annunciar a presença de vinte e dois jurados, declarou o M.M. Juiz aberta a sessão, apresentando a julgamento o processo em que é Autora a Justiça, o réo João Moro, foi pelo Doutor Presidente do Tribunal ordenado a mim Escrivão que fizesse os pregões das partes e testemunhas do processo, as quais foram feitos e repetidos pelo Official de Justiça a porta do edifício onde funciona o Jury, dando este a sua fé de haverem

comparecidos as testemunhas Angella Sagrillo, Lourenço Bianchini e José Baroni faltando as de nomes Pedro Pazetto e Antônio Feltrin por não terem sido intimadas, visto não terem sido encontradas, conforme consta da certidão que se acha junto aos autos respectivos passado pelo mesmo Official de Justiça, sendo as mesmas testemunhas recolhidas a um compartimento do edifício onde funciona o Jury, de onde não podiam ouvir os debates e nem as respostas umas das outras. Achando-se presente o réo João Moro, por este foi declarado a pergunta do Juiz, digo do Presidente, que tinha advogado e que este era o Doutor Claribalte Galvão, a quem o Doutor Presidente convidou a assumir a cadeira da defeza. Incontinente o Doutor Presidente declarou que ia proceder ao sorteio dos juizes de facto que tinham de formar o Conselho de Sentença, lendo antes os artigos 2.239 e 2.240 (2.250 e 2.251) do Código Judiciário do Estado, e abrindo a urna das vinte e oito cédulas fel-as retirar cada uma por sua vez, pelo menor Aurélio, de oito annos de idade, filho do Sr. Silvio Trento, que a medida que as retirava as entregava ao Presidente que as ia lendo em voz alta, verificando-se que sairam sorteados para comporem o mencionado Conselho de Sentença e na ordem em que se acham, os sete jurados seguintes: José Fabbris, Alfredo Bortolussi, Pedro Frasson, Luiz Alessio, Joaquim Cabral, Antônio Pasquali e Josué Bez Batti, as quais iam tomando assento separado do público, logo que eram aprovados, ficando desde logo incomunicáveis. Durante o sorteio foram recusados pelo advogado de deffeza, o jurados seguintes: João Lavina, Cercer Benedet, João Pagani, José Gaidrienki, João Martins Eneluz, Antônio Benedet e Baptista Fontanella, e pela accusação os seguintes jurados: João Cechinel, Baptista Frigo, Vergílio Mondardo e João Zannatta. “

Mais a frente constava da ata o seguinte: “ A requerimento do Conselho de Justiça de Sentença foi inquirida e prestou o seu depoimento verbal, Angela Sagrillo, testemunha da acusação, reproduzindo o que já havia dito por ocasião do summario de culpa e tendo sido interrogada pelo jurado Luiz Alessio.”

Mais adiante ainda dizia: " Condeno o réo no grao médio do art. 297 do Código Penal e nas custas, mandando-a cumprir, sentença essa que não foi appelada na sessão. "

O réu João Moro foi condenado no segundo Juri em data de 15 de junho de 1927.

Julgamento do réu José Pedro da Silva

Com o mesmo Conselho da Sentença, iniciou-se o julgamento do réu José Pedro da Silva, vulgo José Chagas, sendo que este foi condenado no grau máximo do art. 330 1º do Código Penal e multa de 20% do valor dos objetos furtados, com pena de prisão simples de 3 meses e 15 dias.

O primeiro Júri da Comarca de Urussanga terminou às 22 horas e meia.

Ass. João de Lima Freire

Domingos Rocha

2º Júri - condenação de João Moro

Resumo da ata da sessão de julgamento do réu João Moro - 15-06-1927.

O julgamento do réu João Moro foi feito aos quinze dias do mês de junho do ano de mil novecentos e vinte e sete, na Vila de Urussanga, no edifício da Superintendência Municipal, na sala destinada as sessões do Júri, pelas onze horas, onde se encontravam presentes o M. M. Juiz de Direito da Comarca e Presidente do Tribunal Doutor João de Lima Freire o Promotor Público Interino Dr. Germano Wendhausem, o oficial de Justiça Pedro de Bettio, jurados.

Dos 28 jurados estavam presentes 23. Foram dispensados Giácomo Fontanella Cheric, José de Faveri e Ernesto Pagani, por não terem sido intimados e multados em trinta mil réis os jurados faltosos Orlando Areo e Fleua e José Bortoluzzi.

Destes foram sorteados de fato para comporem o Conselho de Sentença, os seguintes: Ghilherme Bressiani, Alfredo Martins, Fransisco de Cezaro, João de Lucca, Vitório Burigo, João Benedet e Júlio Mazzorava.

Durante o sorteio foram recusados pelo advogado de defesa os jurados seguintes: Severo Damiani, Luiz Burigo e Domingos Fontanella e pela acusação Henrique Dalsasso, Domingos Zanetti, Vantiero Margotti, José Oselame, João Millioli, Sebastião Serapião do canto e Lourenço Conti.

Angella Sagrillo, testemunha de acusação, reproduziu o que já havia dito por ocasião do sumário de culpa, tendo servido de interprete a mesma testemunha, por haver declarado não saber falar em português o Sr. Caetano Magrinelli.

No final, o Doutor Presidente do Tribunal recebeu o processo, questões e respostas, escreveu sua sentença, que publicou, lendo-a em voz alta na presença das partes, a portas abertas e a qual sentença condenava o réu no grau mínimo do art. 294 § 2º do Código Penal, isto é, a pena de seis anos de prisão celular convertida na pena de prisão simples de sete anos, de acordo com o art. 409 do Código penal e nas custas, mandando-o cumprir sentenças. Essa ação foi apelada pelo réu, por seu advogado, para o Superior Tribunal de Justiça do Estado.

Ass. João de Lima Freire
Domingos Rocha

Saída do 1º Júri de Urussanga

Quando saímos do primeiro Júri de Urussanga, em 18 de dezembro de 1926, eu e mais meu avô Sebastião Bez Fontana, fomos até a Igreja, que ficava no alto, para bater umas fotos da praça, onde já tinham começado a plantar as primeiras árvores. A praça foi cercada com cerca de arame, para que as tropas de mula e de bois que desciam da Serra não entrassem e danificassem as árvores recentemente plantadas.

Quando as árvores cresceram, algumas pessoas falavam que foi ruim têlas plantado na praça, porque tapou a vista da bela Igreja, enquanto outros diziam que deviam ter deixado uma rua no meio da praça só para pedestre, um calçadão, e que as árvores deveriam terem sido plantadas dos dois lados, calculando a distância para que os galhos não tapassem a rua. Assim, da Igreja se enxergava o hospital e do hospital se enxergava a bela Igreja.

Meu avô (nono), que estava me ensinando a trabalhar com a máquina fotográfica, lá no alto da Igreja, me mandou monta-la. Eu montei o tripé e coloquei a máquina em cima dele.

Aí mandou que eu enfiasse a cabeça naquele pano preto, para regular a máquina. Eu enfiei a cabeça, olhei no vidro da máquina e achei que estava tudo errado. Tirei a cabeça do pano e disse para o meu avô:

-Nono o messo la macchina storta (coloquei a máquina errada).

-Por que? - Disse o meu avô.

-Porque eu enxerguei no vidro da máquina o pessoal lá na praça, todo de cabeça para baixo.

Meu avô explica: A maquina é regulada assim mesmo. As pessoas que a gente vai fotografar aparecem no vidro, de cabeça para baixo.

Só para registrar, em 1994, quem teve a oportunidade de acompanhar na televisão a novela "Éramos Seis", na sua abertura, aparecia uma máquina destas e na hora de fotografar a família o fotógrafo mostrava no vidro da máquina todos de cabeça para baixo.

Dali fomos na residência de Sílvio Trento, que ficava a poucos metros do Fórum, para bater umas fotos da família dele. Na época, guardei uma foto dos filhos dele, só porque uma menina disse em casa de meu avô que eu era o namorado dela, mas eu era muito tímido e nem chegava perto.

Na foto está também o menor Aurélio Trento, que tinha naquela ocasião, oito anos. Foi ele que, no primeiro Júri de Urussanga

em 18 de dezembro de 1926, tirou os bilhetes da urna para o Juiz sortear os jurados que atuariam. Acho que daquele primeiro Júri, quem ainda está vivo sou eu e o Aurélio Trento. Os outros todos já faleceram.



Filhos de Sílvio Trento,
da esquerda para a direta:
Augusta casada, com Dr. Dino Gorini;
Clementina com Antonio Costa;
José com Alga Frécia;
Galdino com Edite Portella.
Esta foto foi tirada pelo fotógrafo
Sebastião Bez Fontana e o ajudante
Germano Bez Fontana, no dia do
primeiro júri da Comarca
de Urussanga, em 18-02-1926.

Saudades das matas virgens

Fiquei em Urussanga, na casa do meu avô, um ano e poucos meses, onde freqüentei a escola apenas seis meses. Depois voltei para minha casa em Núcleo Treze de Maio (Quadro). Desde então sempre tinha saudades de voltar lá para aquelas matas virgens, que eram de meus tios Rafael e Angelo e hoje pertence aos meus primos Galdino e Italino e tornar a ver os lugares onde eu ia caçar, junto com meus tios, onde eu armava os laços para pegar pacas (peguei muitas em pouco tempo). Este foi o meu maior divertimento na época de 1925 e 1926.

Sessenta e nove anos depois matei minhas saudades. Meu primo Italino Bez Fontana, filho de meu tio e padrinho de crisma Angelo Bez Fontana, convidou-me para chupar uva no seu parreiral, enquanto a minha mulher e a dele batiam um papo. Dali, eu com meu primo, demos uma escapadela para as matas virgens que ainda existem. Andamos três horas a pé, nas matas virgens, onde tive a oportunidade de matar as mi-

nhas saudades, de ver os lugares onde armava os laços e pegava as pacas e onde nós íamos caçar inambú. Pena que não deu tempo de nós irmos na sanga, onde as antas se banhavam antes da descoberta e fundação de Urussanga, pois pouco tempo depois elas foram mortas pelos caçadores.

Capítulo 47

Meu avô conta fatos do mundo

Eu lembro que quando tinha dez anos de idade parava em casa de meu avô, Sebastião Bez Fontana, onde meus tios Rafael e Angelo também moravam. Eram três famílias numa casa só. Naquele tempo não se tinha rádio, muito menos televisão, mas meu avô recebia a revista Domenica de Corriere da Itália e também o jornal Fanfula de São Paulo. Ele lia muito, tanto em italiano como em português.

Na frente da casa dele, dentro de uma cerca de estaqueta, tinha diversos bancos. No verão, quando tinha lua, toda a família ia sentar naqueles bancos e cada um contava a sua história, fatos acontecidos. Mas quem falava mais era meu avô, pois como ele lia muitos jornais e revistas, sabia dos fatos e acontecidos no mundo inteiro. Todos os presentes prestavam muita atenção no que ele contava. Lembro-me que ele contou quando afundou aquele grande navio "Titanic", com três mil pessoas a bordo, onde mais da metade morreu e também quando falava da 1ª Guerra Mundial.

Além dos fatos do mundo, ele falava sempre dos fatos que aconteceram nos primeiros anos de imigração aqui no Brasil.

Meu avô contou que quando os colonos, num número de 20, mais ou menos, faziam as grandes derrubadas das matas virgens,

botavam o pai dele, meu bisavô, Giácomo Bez Fontana de guarda, armado com uma espingarda na mão e uma pistola na cintura para cuidar dos bugres (índios). Ele ficava uns 50 à 80 metros na frente dos homens que trabalhavam e tinham que trabalhar de contínuo, não podia parar, isto para evitar que os bugres pudessem acertar flechas nele. Se aparecessem alguns bugres, ele dava uns tiros, avisando os demais companheiros.

Acontece que meu bisavô cheirava rapé e num determinado momento, distraído, parou, botou a espingarda debaixo do braço esquerdo e com a mão direita tirou do bolso a caixinha de rapé, o que foi tempo suficiente para um bugre atirar uma flecha nele, no osso do estômago. Com o impacto no osso, a flecha escorregou pelo lado da costela, ficando presa entre o osso e a carne.

Ele gritou por socorro e os homens que estavam derrubando a mata largaram o machado e se armaram. Enquanto alguns socorriam meu bisavô, outros dispararam pela mata a dentro, a procura dos selvagens, mas não encontraram nada.

Meu bisavô ferido gemia de dor e para bem de tirar a flecha, foram obrigados a fazer um corte com uma faca na carne. Depois levaram ele para casa e enfaixaram. O remédio naquele tempo era água e criolina. Levou um bom tempo para que ele sarasse. Muitos anos depois, quando aparecia visita em casa, ele mostrava aquele corte no osso do estômago.

Meu bisavô mandou a flecha para os parentes na Itália, para que os italianos conhecessem as armas dos bugres no Brasil.

Queimado vivo

Outro fato que meu avô contava, foi que uma família fez uma grande derrubada de mata virgem e no meio da derrubada encontraram um ninho de papagaio num buraco de uma árvore, bem alto do chão. Para chegar no ninho tinha que trepar na árvore.

Quando resolveram fazer a queimada, combinaram que um ia apanhar os filhotes de papagaio que estavam no meio da derrubada e que os outros dois iam atear fogo. Ficou acertado ainda que aquele que ia apanhar os filhotes do papagaio gritasse, quando já estivesse fora da coivara, para que os outros dois pudessem atear fogo.

O rapaz trepou então na árvore e enfiou o braço no buraco para apanhar os filhotes do papagaio. Acontece que ele escorregou com os pés ficando pendurado pelo braço e não teve mais meio para se livrar. Botou então a boca no mundo, pedindo socorro. Os outros dois, ouvindo os gritos que eram de longe, atearam fogo na coivara e foram para casa, pensando em encontrar o rapaz com os filhotes de papagaio. Não o encontrando e visto a demora, suspeitaram que alguma coisa tivesse acontecido. Quando o fogo cessou, foram ao local e o encontraram pendurado na árvore, já morto, afogado pela fumaça e labaredas de fogo.

Dois morrem esmagados

Outro fato que lembro que meu avô contava, foi que dois homens estavam derrubando uma árvore e quando ela estava tombando, os dois correram justamente pelo lado que ela caiu e foram esmagados por ela. Acharam eles mortos, de mãos dadas. Um não pode socorrer o outro.

Um moço morre de susto

Meu avô contou que um colono italiano ia viajar de madrugada. Levantou-se e enquanto se arrumava, mandou o filho pegar o cavalo no pasto. O filho foi, voltando em seguida montado no cavalo em disparada, tremendo, muito assustado. O pai então perguntou a ele o que tinha acontecido. Disse na ocasião o moço, que junto com ele montou outra pessoa na garupa do cavalo e se abraçou com ele. O

susto foi tão grande, que o moço veio a falecer antes do amanhecer do dia.

Um pai atira no filho

Também contava meu avô que um colono plantava uma roça de melancia e que costumavam roubá-la. Os moços naquele tempo, nos sábados, depois do baile, costumavam se juntar em grupo e ir nas roças juntar melancias e muitas vezes os que roubavam eram da própria família.

O colono avisou toda a família que naquele determinado sábado ninguém fosse na roça apanhar melancia, porque ele ia cuidar do ladrão.

O colono armou-se de espingarda e foi cuidar da roça. Os filhos, depois do baile, já de madrugada, com sede e esquecido do que o pai havia dito em casa, resolveram apanhar melancia e foram. O pai, vendo os ladrões, atirou acertando no próprio filho, que ficou bastante ferido. Aí o próprio pai teve que socorrer o filho.

Ladrão rouba a espingarda

Outro fato narrado também se refere às roças de melancia. Dizia meu avô, que nos primeiros tempos de imigração aqui no Brasil, os moços se juntavam nos sábados e domingos de noite, quando não tinha baile ou domingueira e procuraram inventar alguma coisa para passar o tempo. Muitas vezes eles iam na roça do vizinho apanhar melancia.

Um italiano, dos mais valentes, plantou uma roça de melancia e disse:

-Quero ver os moços roubarem melancia este ano. E quando chegou no tempo de melancia madura, nos sábados à noite, ele levava uma branda (tarimba) e deitava na beira da mata escondido com a espingarda do lado dele.

Os moços sabendo que ele ia cuidar da roça, foram por dentro da mata virgem, devagarinho, até que descobriram onde ele estava. Esperaram até que ele pegasse no sono, tiraram a espingarda e ele não notou. Então os moços armados com a espingarda apanharam diversas melancias, se juntaram com os demais companheiros e fizeram uma farra. O italiano valente quando acordou, foi procurar a espingarda e não encontrou mais. Desconfiou, prevendo o que tinha acontecido e disse:

-Com esta rapaziada ninguém pode.

No dia seguinte, domingo, mandaram um portador entregar a espingarda para ele.

Armadilha proibida

Meu avô contava que os colonos faziam muitas armadilhas. Amarravam três ou quatro varas paralelas com cipó, num comprimento de três metros, onde eram levantadas de um lado uns 50 centímetros do chão e armada igual uma arapuca. Os bichos do mato, como tatu, paca, cotia, veado, que passassem pelo carreiro desarmavam a armadilha e as varas caiam em cima, ficando a caça presa embaixo.

Era uma armadilha proibida, porque já tinha matado muitos cachorros de estimação.

Outra armadilha proibida

Quando encontravam uma carreira de pacas, cotias, veados e antas, os colonos costumavam armar uma espingarda, que ficava amarrada em duas estacas na altura de uns 20 centímetros do chão. Deixavam a espingarda engatilhada e uns 5 metros, na frente, no carreiro, atravessavam um fio de barbante. A caça que passava então pelo carreiro desarmava o gatilho da espingarda e o tiro saía contra o animal.

Este tipo de armadilha era também proibida, porque já tinha acontecido da própria família passar por ela à noite e levado uma chumbada nas pernas.

Melancia para o avô

Todos os anos fazíamos uma roça de melancia e como era na beirada da estrada, gente de fora roubava muito. Num ano, resolvi eu mesmo fazer a roça de melancia, escondida em cima de um morro, no meio da capoeira, onde ninguém enxergava. Rocei a capoeira, queimei, carreguei o esterco num saco nas costas e plantei a melancia. De vez em quando eu capinava a roça. Fiz todo o trabalho sozinho e deu muita melancia. Só a nossa família sabia e eu trazia as melancias para casa num balaio. Estávamos no princípio de março e no fim da safra de melancia. Eu sabia que meu avô vinha a festa no dia 19 de março, dia de São José, padroeiro de Treze de Maio e por isso deixei a melancia mais bonita e maior para o dia da festa. Sabia que ali ninguém iria furtar, pois o lugar era muito escondido, no meio da capoeira.

Acontece que antes da festa, fizeram um pasquim do Subdelegado da polícia que era o Sr. Inácio Nandi, onde falavam muito da vida dele. O Sr. Inácio desconfiou que foi o jovem Bortolo B. Fontana que fez o pasquim e no dia da festa foi em Tubarão buscar dois policiais onde o revistaram para ver se estava armado. Após o interrogaram pressionando para que ele confessasse que fez o pasquim. Ele negou tudo e como não conseguiram apurar nada soltaram.

Como não tinha sido ele que fez o pasquim, achou-se ofendido pela intimação na frente dos policiais.

Bortolo era um rapaz alto, de coragem e peitudo e ao sair para a rua puxou uma pistola que tinha, escondida por dentro da calça e deu dois tiros para o alto, desafiando a policia e o subdelegado, correndo pela estrada a fora, hoje rua Celso Ramos. A policia correu atrás dele e disseram os vizinhos que a correria levantava poeira na

estrada. Quando Bortolo chegou a altura do que hoje seria o Módulo Esportivo, no terreno do meu pai, entrou pela esquerda na capoeira, subiu o morro mais alto para enxergar a polícia, que já tinha parado de correr e deu certo na minha roça de melancia. Ele, morto de sede devido a correria, chupou a minha melancia.

Conta Alexandre Perdoná, que a polícia foi a casa do pai do Bortolo e carregou toda a sua roupa para ele não fugir. Bortolo chegou em casa e não encontrou a roupa, então com a roupa do pai e dos primos fugiu para o Estado do Rio Grande do Sul.

Meu avô não veio à festa. No dia seguinte eu fui apanhar a melancia, que era a última da roça e a encontrei cortada. Fiquei tão triste, comecei a imaginar quem teria descoberto a roça e até pensei em algum caçador. Bortolo antes de ir embora para o Rio Grande do Sul, falou para amigos que o que salvou ele da sede depois da correria, foi a melancia que achou na roça, no meio da capoeira.

Mais tarde Bortolo voltou para Treze de Maio e nada mais aconteceu com ele. Casou-se com a namorada Corina e o casal teve muitos filhos. Homem inteligente, era meu compadre e vizinho. Hoje já é falecido.

Melancia do tio José

Meu tio, José Bez Fontana, todo ano fazia roça de melancia. Num sábado, alguns rapazes que eram nossos parentes, foram chupar melancia na roça do meu tio. No domingo de manhã, meu tio resolveu ir na roça e viu que tinha melancia cortada. Olhou na casca e viu que nas marcas deixadas pelos dentes havia falha de um. No mesmo domingo a tarde, quando todos se reuniam na praça, como de costume, meu tio observou um rapaz, que faltava um dente da frente. Chamou-o e disse:

-Foi tu que roubaste melancia da minha roça?

-Não, disse ele.

-Sim, foste tu porque te falta um dente e eu tenho a casca aí. Nós vamos medir para ver se dá certo.

Ele ficou com medo e logo confessou. Aí meu tio disse:

-Se vocês roubarem mais uma vez boto vocês na cadeia.

O moço saiu, juntou-se com os outros moços e disse:

-O homem já descobriu, por causa do meu dente quebrado.

Fui caçar com o primo

Um domingo, eu e meu primo Otávio fomos caçar e passamos por uma roça de melancia. Quando chegamos perto do mato, ouvimos conversa. Nós lembramos que podia ser gente que vinha roubar melancia. Então nos escondemos na beira do mato, pois se eles roubassem melancia, nós atiraríamos para assustar. Eles vieram vindo por uma estrada, conversando baixinho passaram perto de nós e foram direto para a roça de melancia. Batiam numa e noutra para ver se estavam maduras e nós prontos para atirar. Mas eles não roubaram, certamente combinaram roubar outro dia de noite. Nós ainda pensamos em atirar para assustar, depois desistimos e seguimos nossa caminhada.

Naquele tempo só tinha ladrões de melancias e moças. Os homens costumavam roubar as moças de madrugada e depois casavam.

Capítulo 48

O prefeito e o padre

Num domingo de manhã eu estava olhando a televisão e ouvi contar a seguinte história.

Um prefeito de um município novo, no interior do país, era muito bom e trabalhador. Abriu estradas, fez escolas, o prédio da prefeitura, uma bonita igreja e por fim fez a casa paroquial para o futuro padre morar, mas faltava o padre.

O prefeito então foi falar com o bispo e pediu que lhe mandassem um padre. O bispo disse que estava com falta de padre, mas que aguardasse que na primeira oportunidade ele mandava o padre.

Pouco tempo depois apareceu um padre idoso, do interior, pedindo para o bispo a sua aposentadoria. O bispo respondeu que padre, na época, não tinha aposentadoria tinha que trabalhar.

O bispo então lhe fez uma proposta. Perguntou se ele não queria ir para um município do interior, onde tinha uma igreja nova e a casa para o padre morar e o padre concordou.

O bispo, então, manda uma carta para o prefeito, dizendo que mandava o padre e que o esperassem na estação do trem tal dia e hora.

O prefeito muito contente convidou o povo da comunidade para esperar o padre na estação no dia marcado pelo bispo.

O padre seguiu de trem e na viagem pensava entre ele: Como seria que aquele povo que nunca tinha visto um padre o iria receber?

Quando o trem parou na estação a multidão gritava: viva o padre, viva o padre, me dê um santinho padre e o acompanharam até a casa paroquial.

O padre estava contente pois foi muito bem recebido. À noite, ele escreveu uma carta para o bispo, agradecendo que foi bem recebido, que tinha gostado do lugar e estava muito satisfeito.

No outro dia de manhã, saiu para botar a carta no correio e encontrou-se com um garoto. - Bom dia, disse o padre.

-Bom dia, padre, disse o garoto. Me dê um santinho, padre.

O padre então perguntou:

-Tu fez a primeira comunhão?

- Não, respondeu o garoto.

-Tu foste alguma missa?

-Eu nunca fui à missa porque aqui não tinha padre.

O padre então disse ao garoto que fosse na Igreja todos os dias que lhe ensinaria o catecismo e o caminho de Deus.

Aí o padre perguntou se ele sabia aonde ficava o correio e o garoto disse:

-Padre, vai por esta rua até o fim. Lá tem uma casa verde, pintada de amarelo, que é o correio. O padre pensou: casa verde pintada de amarelo?

O padre, mais uma vez disse para o garoto:

-Olha, meu filho, não se esqueça de ir na Igreja, que quero te ensinar o caminho de Deus.

O garoto deu uma gargalhada chegando a cair no chão, de tanto rir.

-Porque está rindo meu filho? Perguntou o padre.

O garoto respondeu:

-O padre quer me ensinar o caminho de Deus e não sabe nem o caminho do correio.

Batismo do século XIX

Nos dias 19,20 e 21 de março de 1898, dias de festa em honra do padroeiro "São José" no Quadro (Núcleo de Treze de Maio), foram batizadas crianças, algumas já com dez meses de idade, sendo dezesseis portuguesas e açorianas e cinco italianas. Como se vê, o povo compareceu em massa. Vieram da Sesmaria Medeiros, que foi colonizada por portugueses e açorianos, dos lugares conhecidos na época como Caipora, Areão, Chapada Bonita, que ficava no lado Sul, hoje distrito de São Gabriel, no município de Treze de Maio. Vieram também do lado Norte, dos lugares denominados Linha Mesquita, Linha Fausto Júnior, Linha Caipora, Santa Cruz e Boa Vista, conhecidos no começo como Quadro, Núcleo Treze de Maio e hoje município. Estas terras do lado Norte foram colonizadas por colonos italianos, mas a maioria dos italianos batizavam os filhos na Azambuja. Por isto, poucos italianos foram batizados nesta festa, apesar de serem mais numerosos.

Segue a lista dos batizados:

Data do nasc.	**Nome do batizado**	**Pai do batizado**	**Mãe do batizado**
20-02-1898	Vergilina	Manoel Joaquim Pereira	Josina Leopoldina
06-05-1897	Dorvina	José Pedro Jochem	Joaquina Mª de Jesus
21-01-1895	Dorvina	Manoel Ferreira	Carlota Maria
05-01-1898	Lofisa	Júlio Candinho	Maria Berta
11-03-1898	José	Manoel José Serafim	Mª Joaquina de Jesus
01-02-1898	Felisbina	Joaquim Rodrigues	Maria Rodrigues
11-10-1898	Bortolo	Joani Calegari	Vitória Bozello
09-09-1898	Custodia	Júlio Carlos Teixeira	Maria Fernandes
16-12-1897	Domenica	Afonso Morona	Catarina Cescom
31-12-1897	Silvestrino.	Silvestre Bardini	Clara Carara
21-01-1898	Adele	Luiz Brolese	Raclate Bertodi
18-07-1897	Geraldo	Vitório Simoni	Vergínia Salamon
03-09-1897	Joaquina	Simplicio Fr. Mathias	Carolina Pordencia
01-03-1898	João	Pedro Serafim Silvano	Idalina Maria

08-11-1897	Severiano	José Ricardo Teixeira	Forippa Anna
26-06-1897	Pedro	Manoel João Antunes	Custódia Francisco
14-03-1898	Anna	Ticiano Formentin	Maria Bonelli
12-06-1897	Salute	Teodoro Mach. Gomes	Isabel Alexandra
21-06-1897	Ismael	Manoel Berto	Maria Mathias
21-12-1897	Antônio	Armadio Fern. Lima	Maria Anna
01-03-1898	Joaquim	Antonio Matheus	Felisberta Joaquina

Deste último foram padrinhos Saul Dandolini e Mariana Baesso.

Alguns casamentos- século XIX

Na capela de São José, no Quadro casaram-se em:

23-03-1899 - Josepe Bressan e Pierina Debona.
Ele com vinte e um anos, filho de Joani Bressan e Catharina Bemardi.
Ela com vinte anos, filha de Vicenzo Debona e Jacoma Debona.
Foram testemunhas: André Barsan e Josepe Bejeta.

15-10-1899 - Tranquillo Della Bruno e Vicenza Tesa.
Ele com vinte anos, filho de Nicolau Della Bruno e Augusta Della Bruno.
Ela com vinte anos, filho de Joani Tesa e Joana Tesa.
Foram testemunhas: Andrea Felippe e Joani Bonelli.

15-10-1899 - Teodoro Carara e Rosina Rosetti.
Ele com dezenove anos, filho de Carlos Carara e Regina Carara.
Ela com dezessete anos, filha de Jácomo Rosetti e Páscoa Rosetti.
Foram testemunhas: Frederico Silvestri e Josepe Molon.

15-10-1899 - Domingo Caetano Alves e Teresa Rosa de Jesus.
Ele com vinte e cinco anos, filho natural de Maria.
Ela com vinte e quatro anos, filha natural de Rosa Joana.
Foram testemunhas: João Bardini e João Bonelli.

Eleição para intendente

O nosso lugar começou assim: Quadro, Núcleo Treze de Maio, Vila Treze de Maio e em 10 de julho de 1926, passou a ser distrito de Tubarão.

O primeiro Intendente nomeado foi o Sr. Augustinho Margotti. Pouco tempo depois houve eleição para escolha do Intendente e eram candidatos Augustinho Margotti e meu pai, Giácomo Bez Fontana. Meu pai venceu a eleição e ficou doze anos no cargo. Depois, já cansado de cuidar da serraria e da Intendência, quis por vontade dele sair do cargo.

Na época era prefeito de Tubarão o Sr. Alfredo Foes e ele queria que eu ficasse no cargo no lugar de meu pai, mas eu lhe disse que não gostava de cargos públicos, preferia trabalhar na serraria e na marcenaria.

Eu sugeri a ele que fosse convidado o Sr. Luiz Nandi, que na época trabalhava de sapateiro, pois tinha tempo e era novo, podia fazer carreira política e deu certo, ele aceitou o cargo. Pouco ele sabia naquele tempo de política, mas com boa vontade aprendeu. Tornou-se um bom político, sempre com o apoio de meu pai. Foi vereador e duas vezes prefeito. Somos compadres por duas vezes e sempre conservamos uma boa amizade.

O primeiro terremoto

O primeiro tremor de terra do século XX, no sul do Estado de Santa Catarina, foi no 28 de junho de 1939, véspera de São Pedro, às 7 horas da manhã. Eu tinha dormido em Laguna, numa pensão perto do palácio do advogado e jornalista Dr. João de Oliveira. De manhã levantei-me cedo e depois do café vim a pé no Campo de Fora aonde o trem dava a volta, para comprar uma peça de rádio, na loja de Willy Strak.

Como a loja ainda estava fechada e no lado tinha uma oficina

de chapeação mecânica, eu fiquei em pé olhando para os dois rapazes que estavam fazendo o concerto de um paralama de caminhão. Um estava deitado embaixo e outro segurava uma peça de ferro em cima do paralama.

Naquele tempo tudo era novidade, até olhar para o trabalho de um chapeador. Não demorou chegou outro homem que também queria ir na loja e ficou esperando do meu lado direito. De repente estremeceu o chão, jogando-nos para um lado e para o outro. Em seguida o movimento se repetiu e nós dois que estávamos em pé, quase caímos no chão. Nós nos olhamos mas não dissemos nada. Nós não éramos dali e para nós Laguna era um lugar estranho.

A casa da oficina estremeceu toda e por pouco não desaba. Os fios da luz ficaram balançando por muito tempo. Os dois que estavam concertando o paralama não perceberam porque estavam em movimento.

Não demorou muito e chegou mais gente contando que no centro da cidade havia uma correria nas ruas. Todo mundo com medo saía de dentro de casa. Uns contavam que a casa tinha rachado, outras que a louça do armário caiu no chão, enfim era o assunto do dia.

A uma hora da tarde eu tomei o trem e vim para Tubarão. Em Tubarão todo mundo também só falava no tremor de terra. Dali eu peguei a motocicleta e vim para Treze de Maio. Em casa o assunto era o mesmo: tremor de terra.

No dia seguinte, 29 de junho de 1939, dia de São Pedro, eu fui a festa de São Pedro de Urussanga e lá também só só se falava no tremor de terra do dia 28.

Um fato que é bom lembrar

Por volta de 1975, numa noite de silêncio, às 4 horas da madrugada, o telefone chamou e eu fui atender. Levantei o telefone e a

campainha não parou de tocar. Mexi para um lado e para o outro e nada de parar a campainha. Depois de muito tempo de luta ela parou sozinha e senti um cheiro de borracha queimada. Fui procurar no porão da casa, no forro, nos quartos vazios e não achando nada de anormal, fui deitar.

Nem deu tempo de botar a cabeça no travesseiro e o telefone chamou de novo. Voltei a atender e nada da campainha parar. Eu pensei, tem alguma coisa fora do normal. Nisto a minha nora Marina sentiu o cheiro de borracha queimada, abriu a porta do quarto e a lâmpada da sala, que estava acesa, estourou caindo no assoalho e o forro da casa já estava pegando fogo. Foi um chamado de Deus, um milagre, porque o telefone não tem ligação nenhuma com a eletricidade. Ainda neste mundo tem gente que não acredita que existe Deus. Se não fosse Deus que mandasse o telefone me chamar, podia ter incendiado a casa.

Um trecho de estrada nova

A estrada estadual que partia de Tubarão, passava por Lageado, Porto de Cubículo e ia para Jaguaruna.

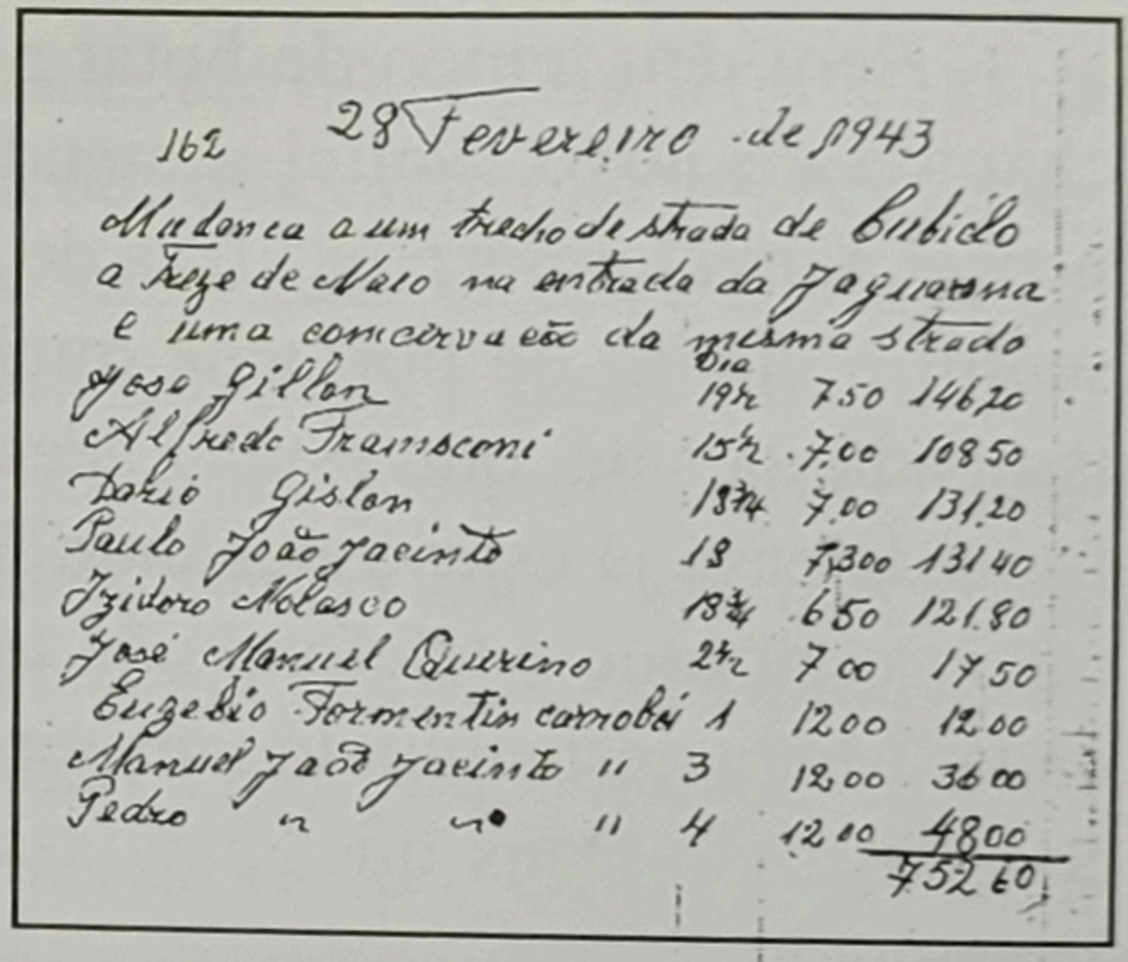
O caminho que vinha para Treze de Maio partia de perto do Porto do Cubículo e entrava a direita bem na frente da morada de Altamiro Brunato. O dito caminho fazia uma volta a direita, ao redor de uma pedra. Esta mesma pedra chegou a ser gasta uns cinco centímetros de tanto as rodas de carro de boi rasparem. Em seguida, tinha um córrego para atravessar sempre com atoleiro, depois uma subida de uns 20%, onde eu mesmo quebrei um dente da caixa de troca do automóvel Chevrolet.

Um dia eu disse para meu pai, que era Intendente de Treze de Maio: vamos mudar aquele péssimo caminho, fazendo uma reta, só que temos de atravessar uns 80 metros de banhado.

Meu pai me mandou falar com o proprietário e ele cedeu o lugar. Eu mandei fazer o roçado no brejo e em seguida os vizinhos me

apresentaram um valeiro para trabalhar. Eu empreitei os dois valos e ele fez uns 10 metros. Após, achando que ia perder, abandonou o serviço, não aparecendo mais. Aí eu empreitei com outro. Pronto os dois valos, falei com meu pai e ele mandou uma turma de nove homens e três carros de boi para fazer o aterro.

A dita estrada está lá ainda. O trecho da estrada tem aproximadamente uns 80 metros e liga o asfalto a estrada estadual antiga de Lageado, bem ali onde tem o obelisco. Segue a nota da despesa.



162 28 Fevereiro de 1943

Mandou a um trecho de strada de Cubiclo a Beze de Maio na entrada da Fazenda e uma concerva eão da mesma strada

	Dia		
Jose Gillon	19	7.50	146.20
Alfredo Franscoui	15	7.00	108.50
Dario Gislon	18	7.00	131.20
Paulo João Jacinto	18	7.300	131.40
Izidoro Molasco	18	6.50	121.80
José Manuel Queiroz	2	7.00	17.50
Eugenio Formentin carrobi	1	12.00	12.00
Manuel João Jacinto "	3	12.00	36.00
Pedro " " "	4	12.00	48.00
			752.60

Tempo dos agregados

No começo do século XX eram comuns os agregados. Quem tinha bastante terra, botava os agregados trabalharem nela. O patrão dava as ferramentas como arado, uma junta de boi, casa para morar, crédito para comprar fiado na venda, etc.

Eu lembro que por volta de 1950 eu tinha quinze casas de agregados. Eles trabalhavam nas minhas terras e também nas terras dos outros. No inverno eles trabalhavam na minha fecularia, outros puxavam mandioca e lenha para fecularia com o carro de boi e também puxavam fécula para o Porto de Cubículo. Todos viviam alegres e comida não faltava.

Quando as leis mudaram dizendo que os agregados tinham direito as terras que trabalhavam, todo mundo mandou os agregados se retirarem das terras, não dando mais bois para trabalharem, cortando o crédito, enfim, os agregados foram na sua maioria para a cidades, originando as favelas, sendo que para eles piorou a situação.

Ainda hoje tem agregados trabalhando, mas poucos, com tudo

documentado. Naquele tempo era tudo na palavra, nada de documento.

Outra coisa que piorou para os agregados foi depois da Segunda Guerra Mundial, quando começaram a chegar caminhões para transporte, tirando o frete dos carros de boi e as indústrias foram melhorando com a implantação de maquinas modernas.

No tempo da guerra eu precisava de quinze homens para trabalhar na fecularia, para desmanchar dez toneladas de raiz de mandioca. Hoje desmancho oitenta toneladas com apenas dois homens. A fábrica trabalha sozinha, só precisa de um homem para olhar e outro para fazer fogo na caldeira.

Viagem para Tubarão e Laguna

Quando íamos para Tubarão a cavalo ou de aranha, a gente deixava o cavalo ou a aranha no fundo do Hotel Progresso, de Pedro Simon. Lá tinha garagem para guardar aranha e estrebaria para o cavalo.

Se agente ia para Laguna, o cavalo ficava lá 24 horas, sendo que Pedro Simon dava água e milho e depois cobrava o aluguel.

Em 21 de janeiro de 1947, meu pai comprou um lote urbano perto do Hotel Progresso. O lote ficava na rua Coronel Cabral, fazendo fundos com a Estrada de Ferro "Dona Tereza Cristina".

Um dia eu disse para o meu pai que era bom nós fazermos uma garagem em cima do referido terreno, pois quando fossemos para Tubarão teríamos lugar para guardar a aranha, a motocicleta e até o automóvel, sem incomodar ninguém. Meu pai acabou concordando, porque fazendo uma construção em cima do terreno, o imposto da prefeitura saia mais barato. Em Tubarão, o imposto territorial urbano era muito caro.

Eu não perdi tempo, levei um caminhão de tijolos maciço e empilhei em cima do terreno, que estava todo cercado com muro de tijolos e só tinha um portão para a entrada.

Um dia apareceu um senhor e perguntou se nós não queríamos alugar o terreno para ele plantar verdura, pagando um aluguel. Eu achei até bom, porque mantinha o terreno limpo e o aluguel ajudava a pagar o imposto.

Roubaram os tijolos

Quando já fazia um ano que tinha alugado o terreno, fui procurar o homem para pagar o aluguel, mas primeiro fui ver se estava tudo certo no terreno, aonde vi que os tijolos não estavam mais ali nem as verduras.

Fui na sua casa e ele não estava mais morando ali. Me informei com os vizinhos e disseram que ele tinha ido morar em Laguna e levou os nossos tijolos também. Me deram o endereço dele e um dia fui em Laguna falar com ele, já não pensando mais em cobrar o aluguel, mas pelo menos os tijolos que me roubou.

Ele disse que eu podia descansar, que um dia vinha nos trazer o dinheiro. Passando algum tempo eu fui lá de novo e ele me disse que naquele dia não tinha dinheiro, sendo que até hoje não me pagou.

Em 22 de outubro de 1952 vendemos o terreno para o Sr. João Batista Izé.

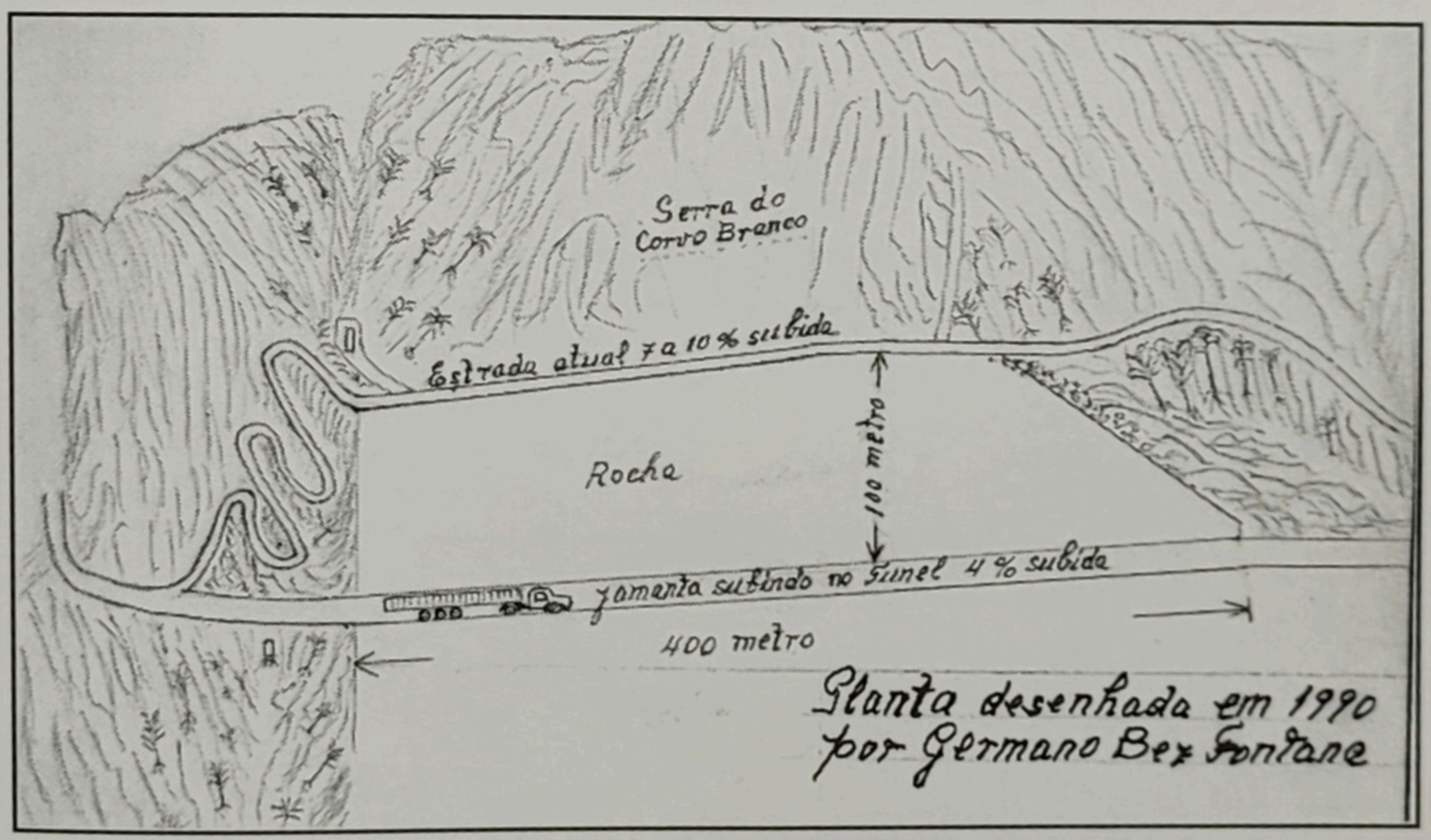
Nova estrada em Treze de Maio

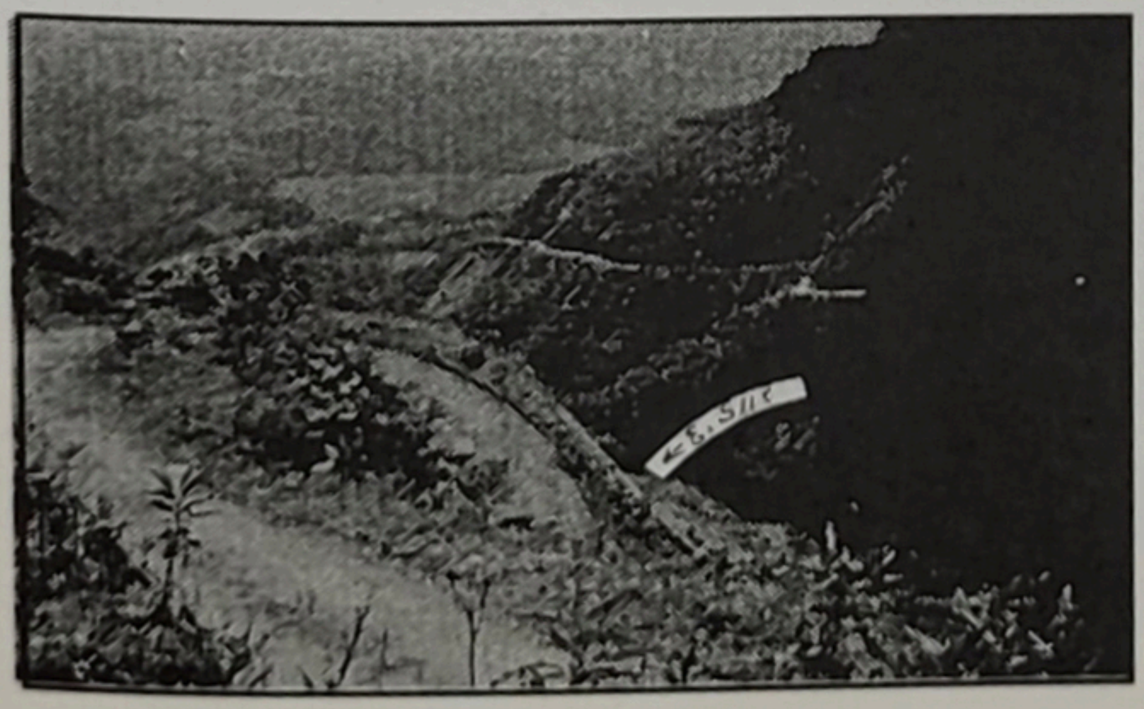
Se eu fosse fazer alguma coisa para o nosso município de Treze de Maio, eu abriria uma estrada a partir da propriedade de Santos B. Fontana, lugar conhecido por Lage, fazendo uma reta até Urussanga Baixa. Encurtaria assim a distância entre o mar e a serra, ligando Urussanga, Orleãns, Bom Jardim da Serra, São Joaquim, Lages e o oeste catarinense. Também Cocal e Criciúma.

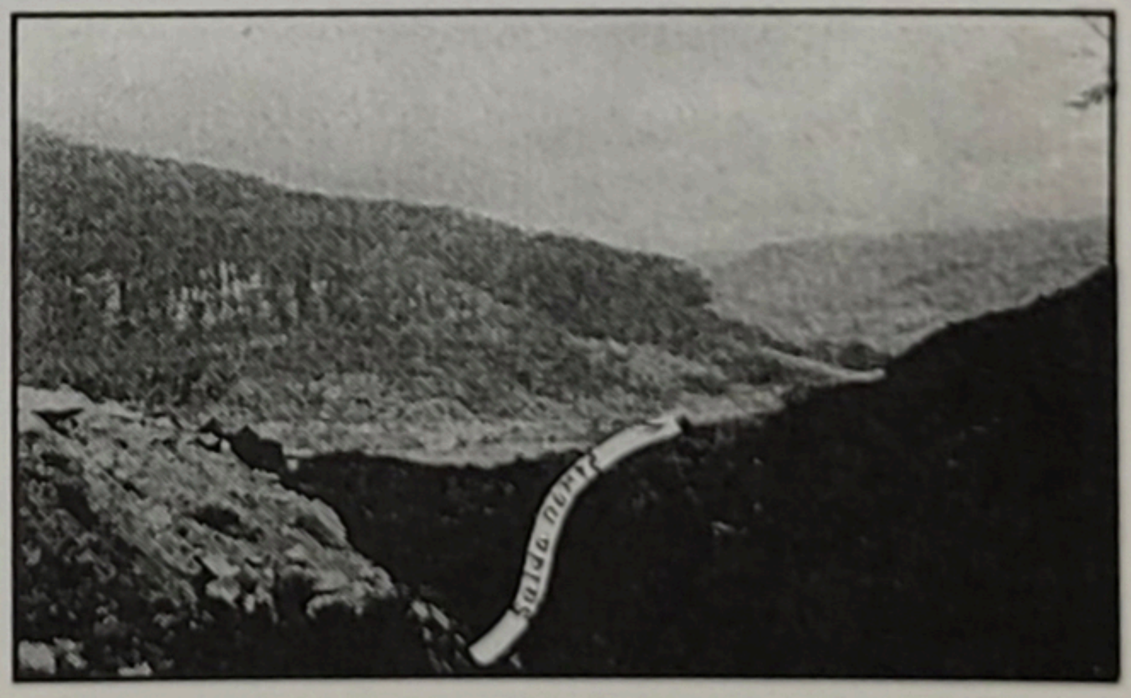
Túnel na Serra do Corvo Branco

Se eu fosse fazer alguma coisa também para o nosso Estado de Santa Catarina, abriria um túnel na Serra do Corvo Branco, conforme mostra a planta, com 400 metros de comprimento, para a passagem de qualquer tipo de veículo de carga. Ligaria o litoral, no sul, ao centro-norte do Estado: Urubici, Bom Retiro, Alfredo Wagner, Ituporanga e Rio do Sul.

Ciao ciao moretina bela ciao, prima de partire um bacio te vuoi dar, um bacio a mi papá, due la mia mama, tre la mia moroza bela ciao ciao.







Albúm de Fotografias

Paraná

Treze de Maio Presente no fim das Sete Quedas

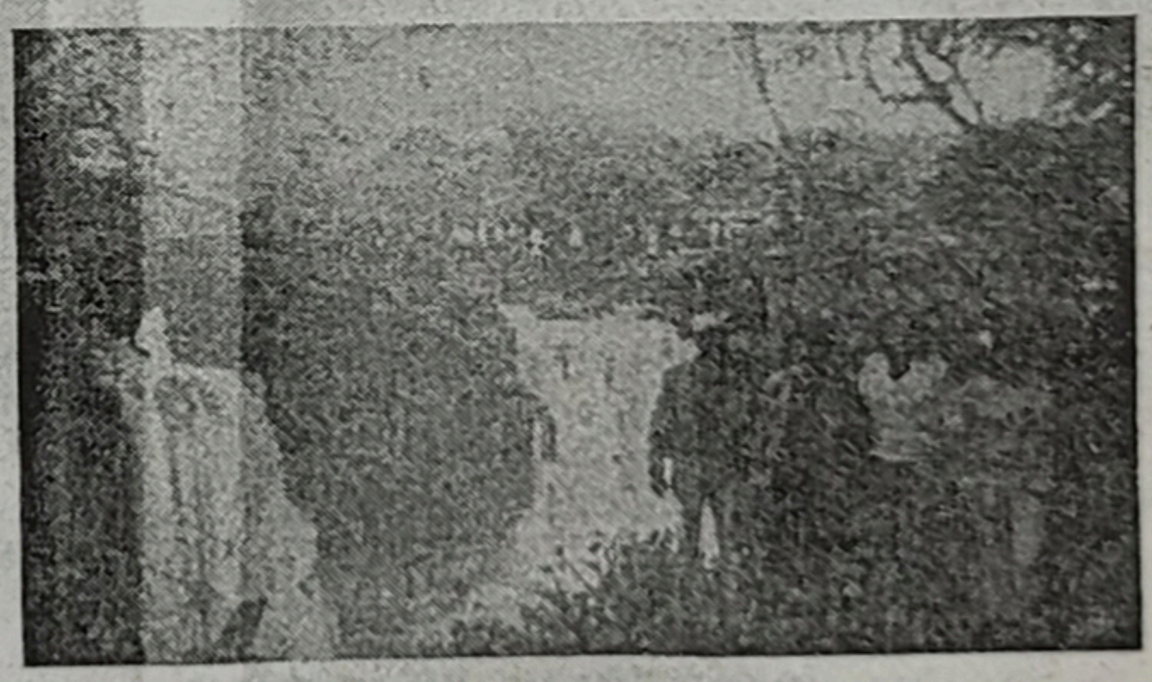
O município de Treze de Maio, uma das mais produtivas comunidades sulinas, foi levar o seu adeus às 7 Quedas--Guaira, no Paraná, serão definitivamente inundadas com o fechamento das comportas da hinacional Itaipu.

O senhor Germano Bez Fontana, conhecido homem de negócio de indústria de nossa região, e seus filhos Valfrido e Valmíria com sua nora Ivonete e respectiva neta Karem Crestina Béchia, viajaram com destino à 7 Quedas, pelo trajeto serrano de São Joaquim , que se encontra em precárias condições de trafegabilidade. A família do senhor Germano Bez Fontana foi dar a sua despedida a uma das mais lindas atrações turísticas do Brasil, com sua luxuriante reserva florestal. De Treze de Maio à Guaira pela serra tem-se que percorrer uma distância de 1097 quilômetros, ao passo que o retorno via Curitiba tem uma distância de 1150 quilômetros.

A família do industrial Germano Fontana chegou à Guairá no último sábado, às 10,00 horas com o seu carro particular. Um detalhe: o número de pessoas visitando e dando adeus ao salto das 7 Quedas era verdadeiramente impressionante. Não era permitida a entrada de carro particular, somente através de taxi, sendo que-de Guaira a 7 Quedas tem cinco quilômetros de distância.

Segundo informações prestadas pelo senhor Germano Bez Fontana à reportagem, êle e sua família às 11,00 horas entraram numa fila (haviam duas filas) numa extensão de 200 metros, quando chegou o mesmo número aguardando a vez para a travessia, numa impressionante mistura de nacionalidade, entre brasileiros, argentinos, paraguaios, alemaes, italianos, etc, gente de toda parte do mundo e de toda a idade, velhos de 90 anos, alejados, crianças de colo, todos querendo ver pela última vez aquele fantástico e irrepreensível espetáculo que a Natureza formou e o homem, em nome do progresso destruiu.

Diz o senhor Germano Bez Fontana em seu relatório para a reportagem que entrou na fila às 11,00 horas e somente foi sair às 17,00 horas da tarde, com poucos minutos disponíveis para bater fotos dos locais mais atrativos, mas valeu apena, como diz êle, pois foi levar o seu adeus a um dos mais encantadores acidentes geográficos do mundo, que formavam as 7 Quedas, que deslumbravam as vistas do ser humano..



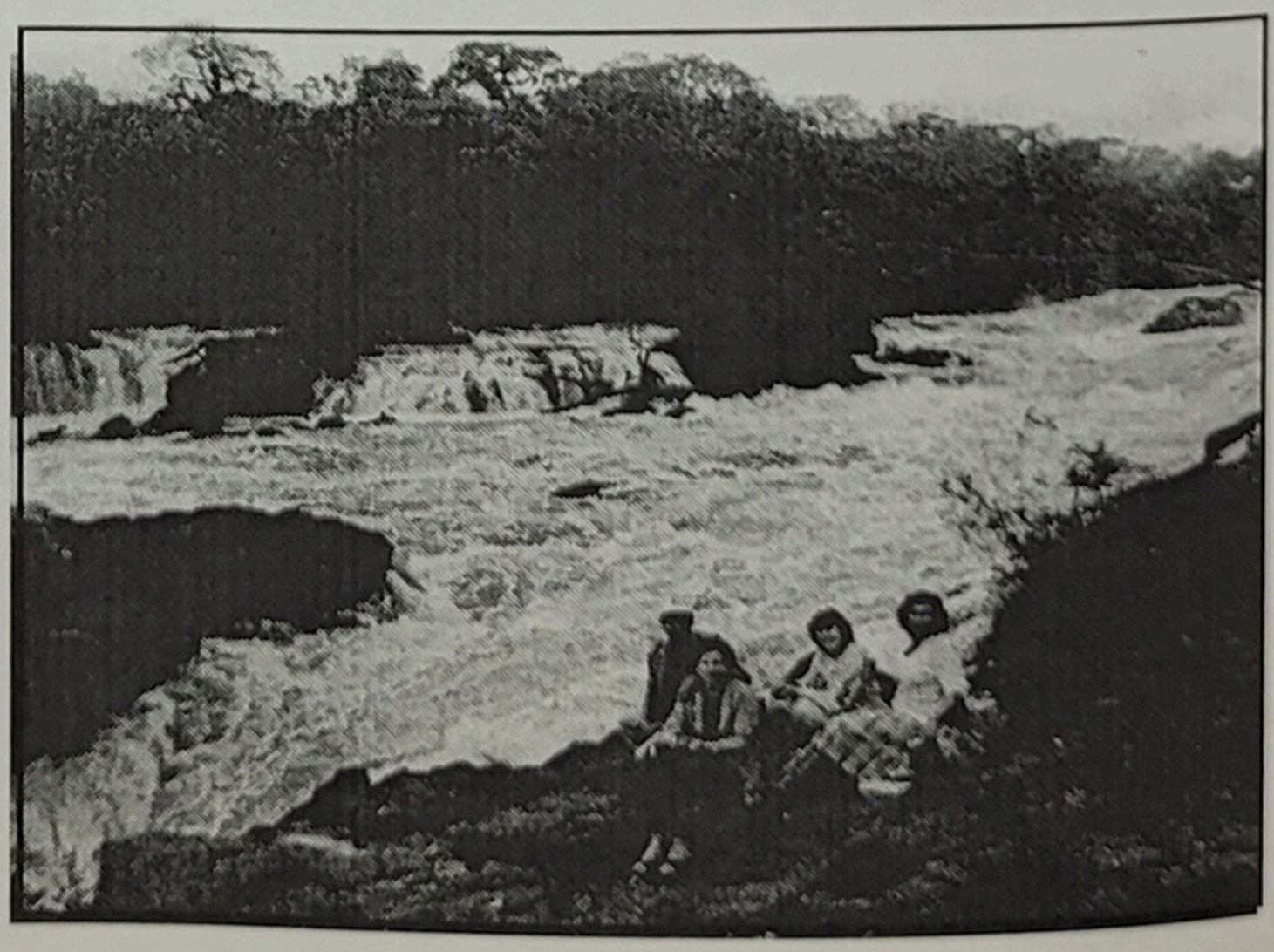




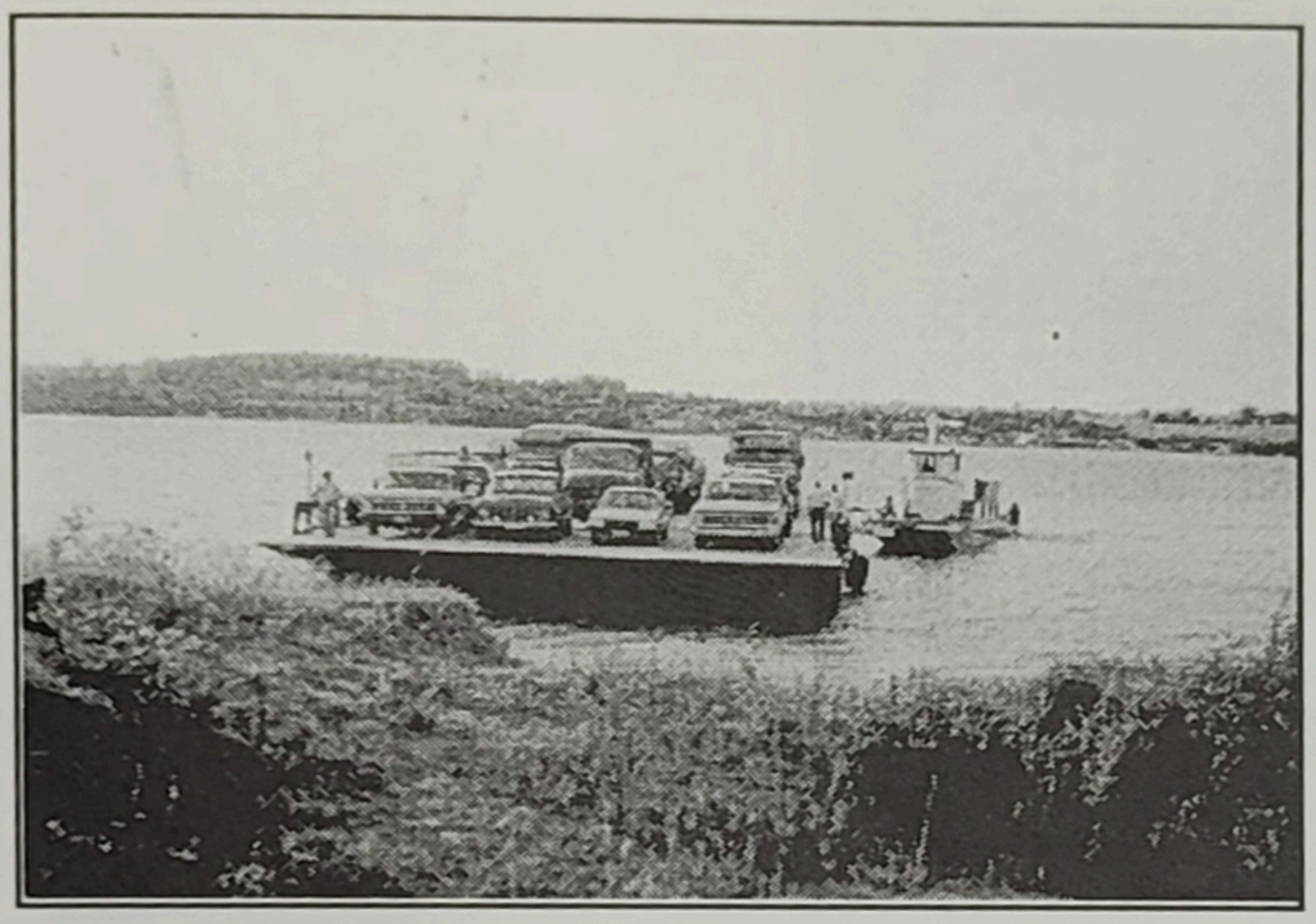
Quando eu fui para o Paraná, em 1980,
tirei esta foto numa grande lavoura de mandioca,
em Mandaguaçu. Minha mulher Felícia e
meu cunhado Humberto Guarezi



Dia 19 de setembro de 1982,
domingo, último dia de visita das Sete
Quedas, em Guaíra-Paraná. Ficamos
quatro horas na fila.
Na foto, que eu bati, uma seta mostra o
pilar de concreto, aonde as águas
alcançariam, após o fechamento das
comportas de Itaipu.
Nº 1 - Minha filha Valmíria;
Nº 2 - Minha nora Ivonete;
Nº 3 - Meu filho Valfrido;
Ñº 4 - Minha neta Karen Christine.



Esta foto que eu tirei em
19-09-1982, mostra uma das Sete
Quedas. Da esquerda para a direita
: meu filho Valfrido, sua mulher
Ivonete, minha neta Karen
e sua mãe Valmíria.



Quando eu atravessei pela
1ª vez na balsa, no rio Paraná,
em 1993.

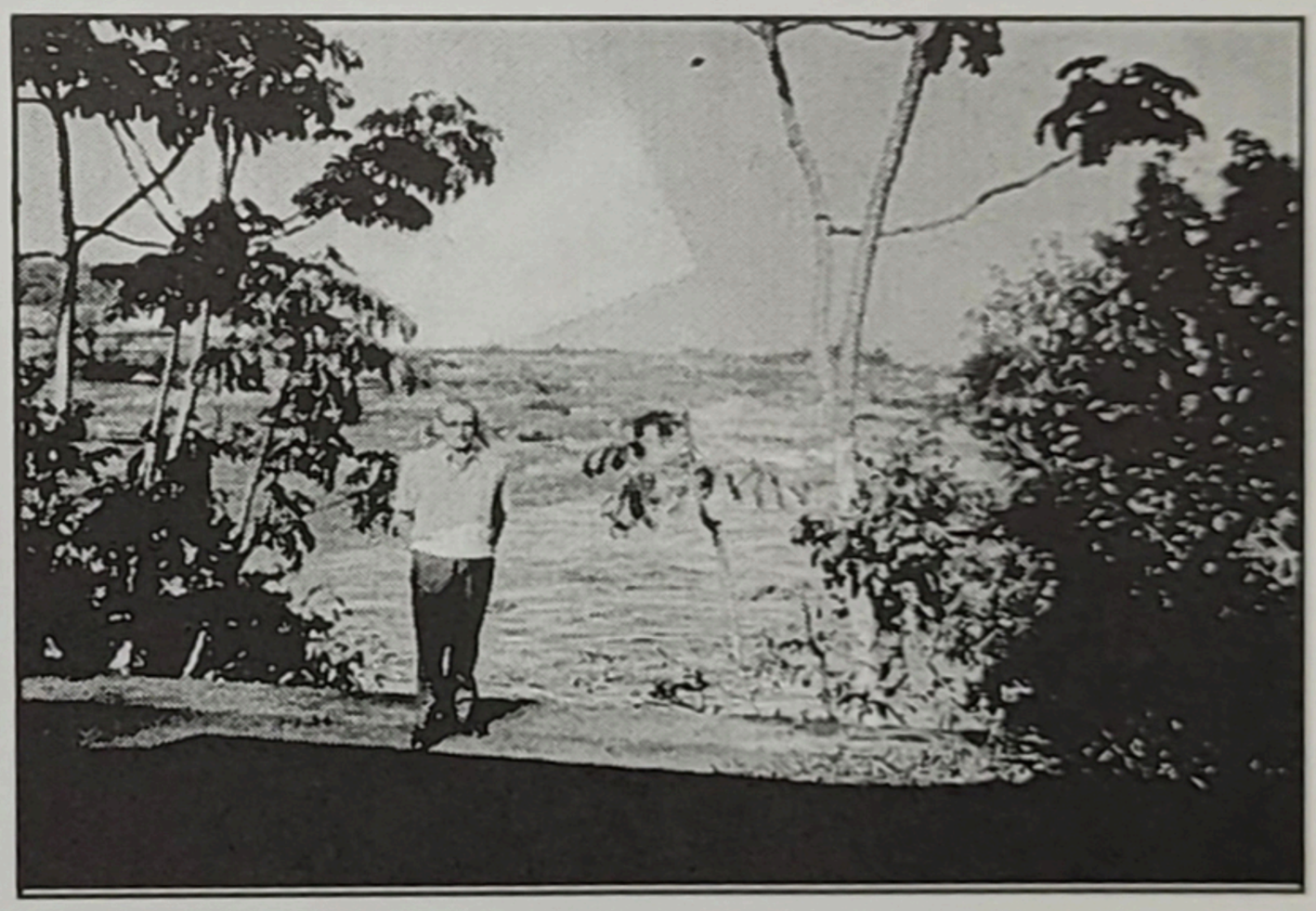
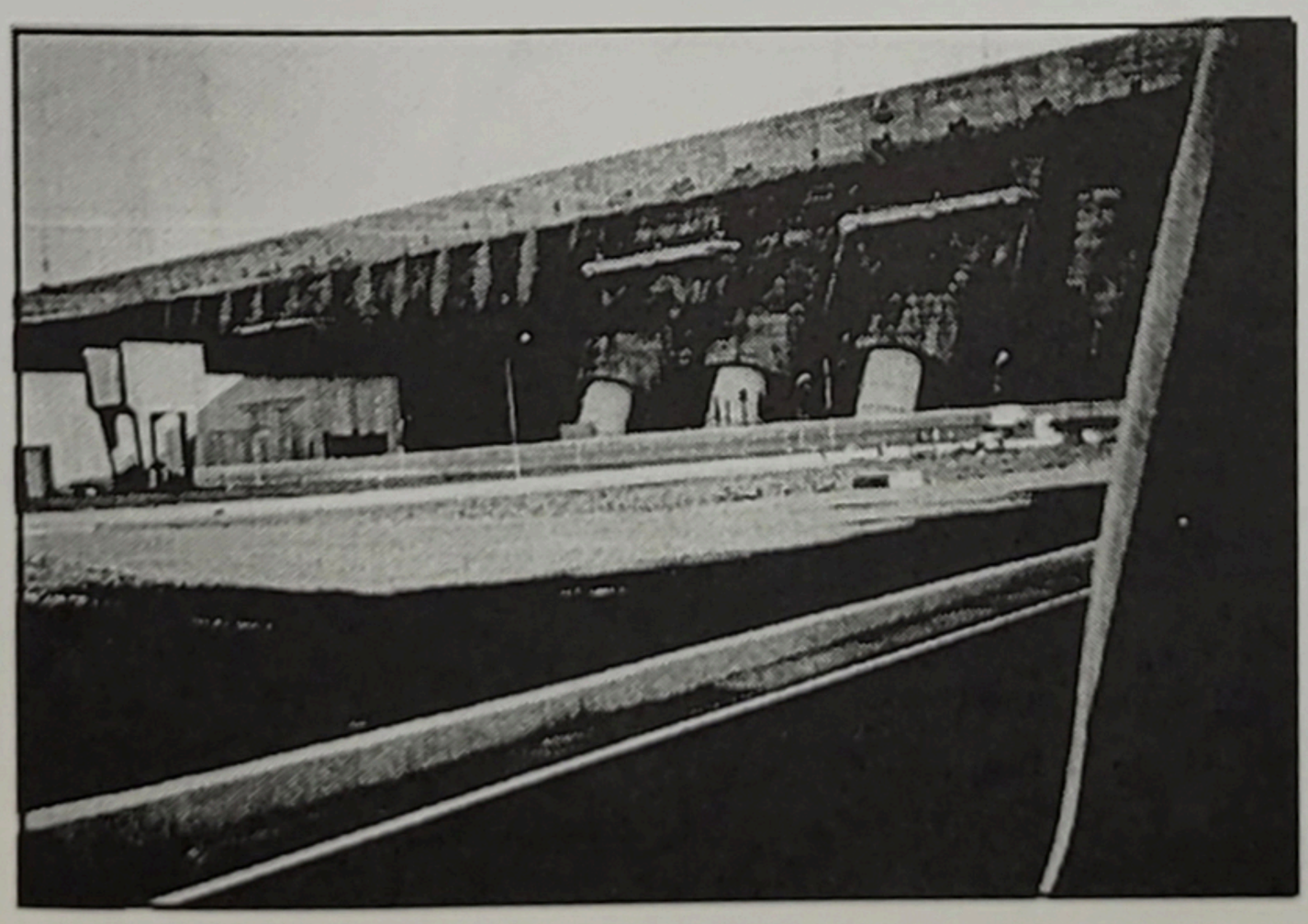


Foto tirada próximo a Cascata
de Iguaçu, ,em 1993,
quando lá estive.

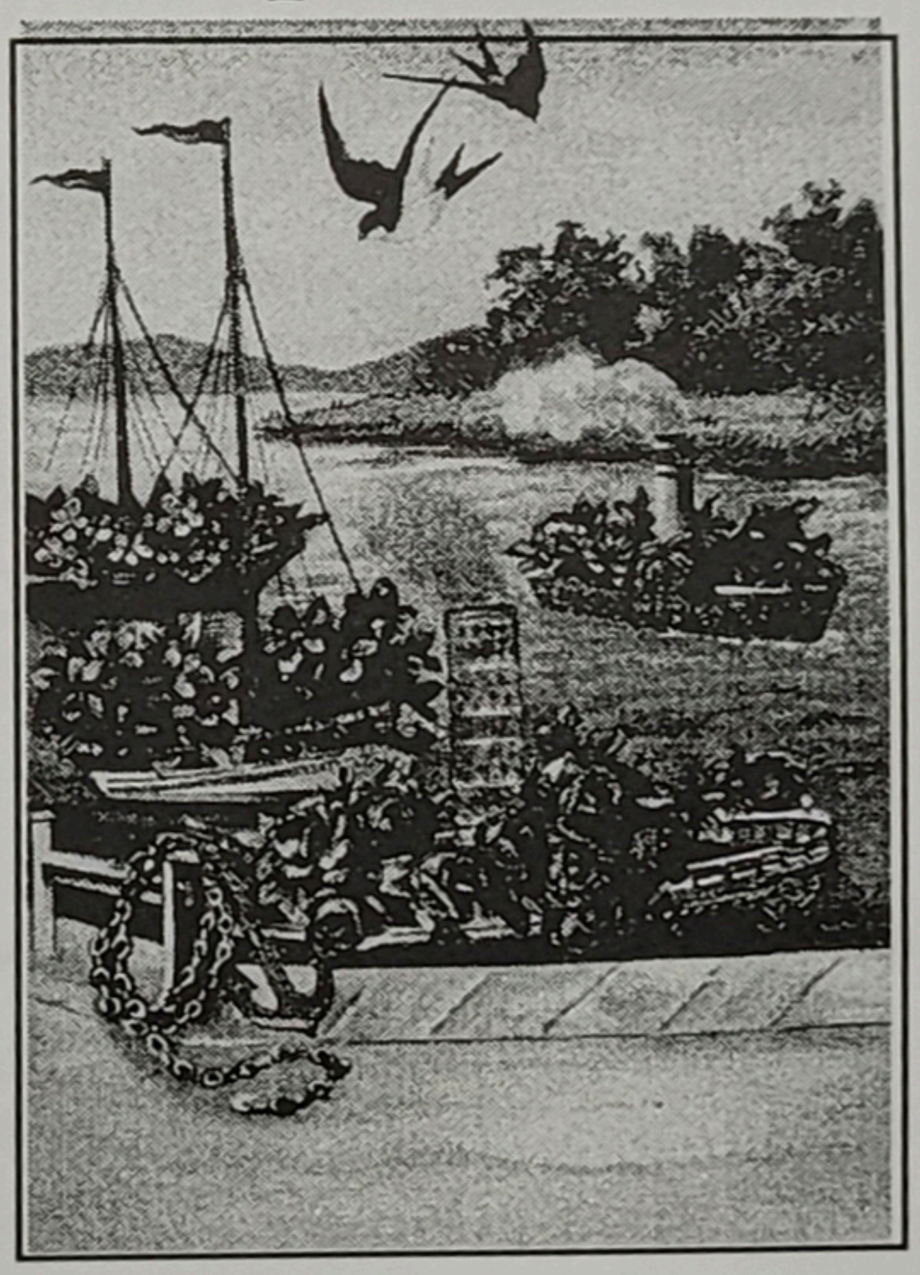


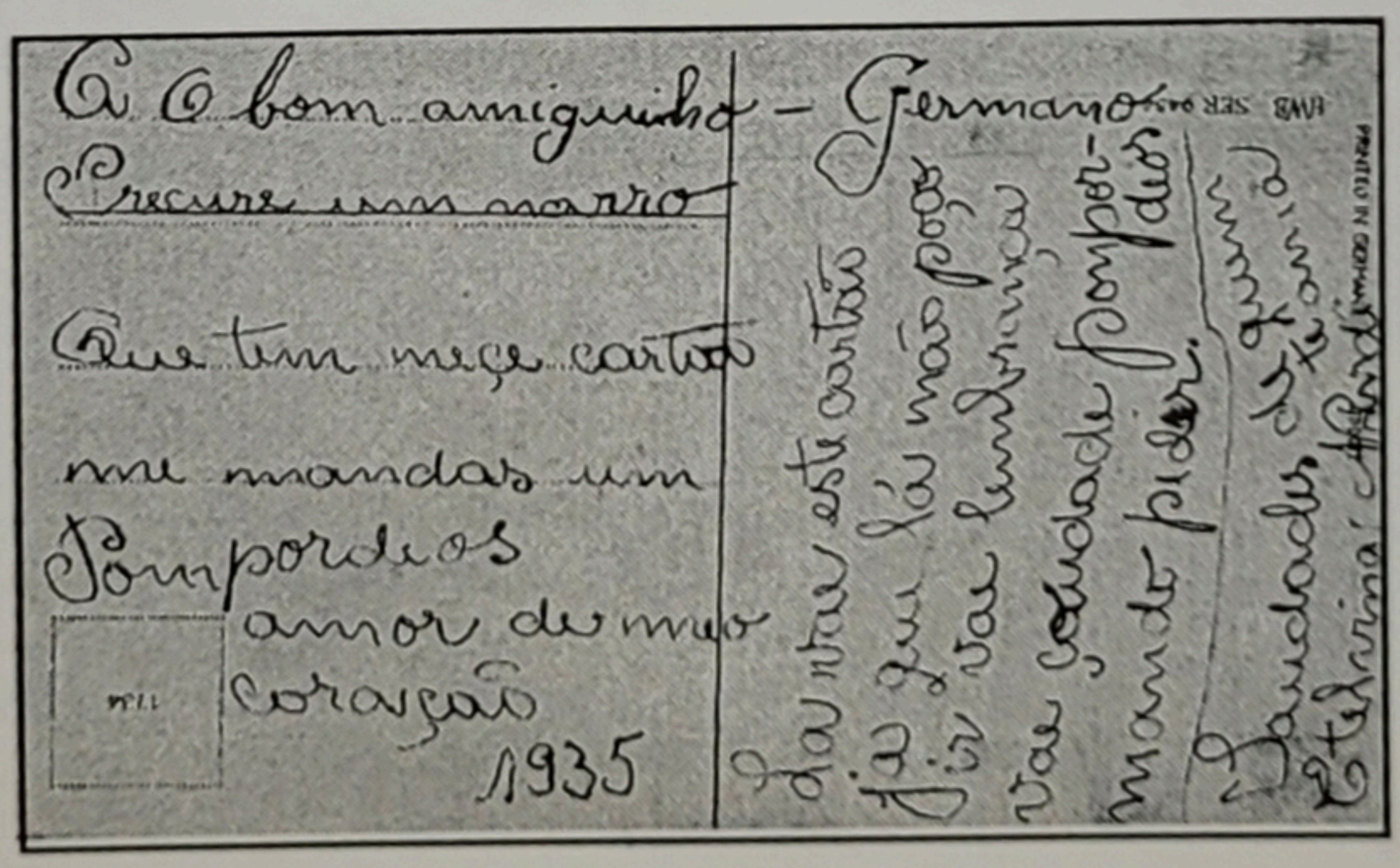
Esta foto mostra o início dos
3 tubos das 18 turbinas de Itaipu.



Eu, à frente da represa de Itaipu, em 1993.

Pão por Deus




A o bom amiguinho
Procure um marro
Que tem meje cartão
me mandas um
Pão por deus
amor do meu
coração
1935
Germano
Dou-lhe este cartão
Diz que não posso
Diz vai lembrança
Vai saudade pompeu
mando pedir
Saudades
Estevinho

Pompordeus ou pão por Deus

Como se vê no cartão que eu recebi de Etelvina Nandi, os pedidos de **pão por Deus** eram sempre feitos na primavera, quando o ipê bota aquela linda flor amarela.

Este cartão foi o último que eu recebi como pedido de **pão por Deus**. Depois esta moda caiu e não se usou mais este tipo de cartão.

Eu lembro que paguei por este **pão por Deus** um par de meias de seda.

João Corrêa Bittencourt escreve no livro dele "Epopéia na Serra", assim:

"Os justos pedem aos Santos, os Santos pedem a Deus, eu só peço ao meu amor, um lindo **pão por Deus**".

Ela assim responde:

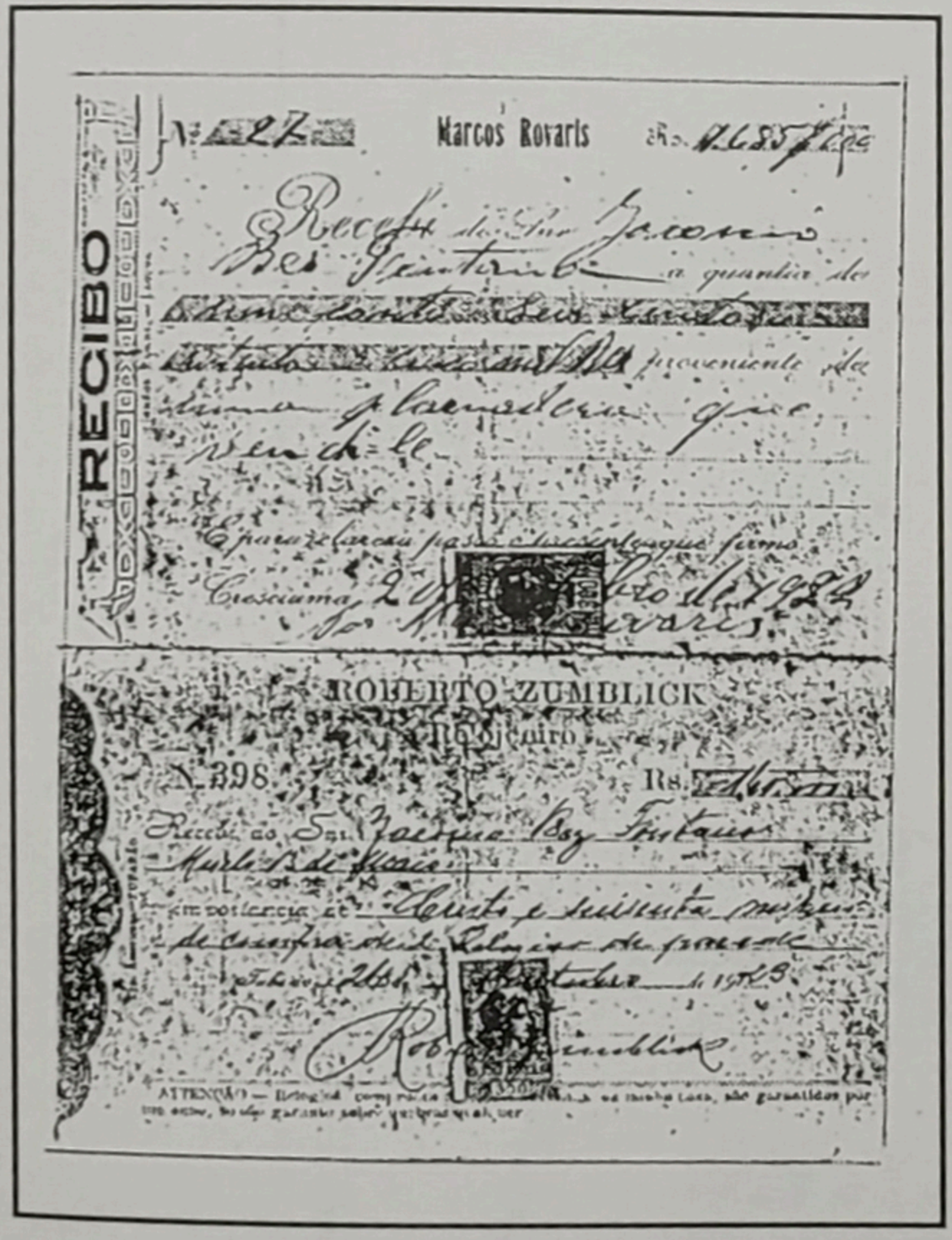
"Não pense no passado e jamais em quem viveu, o **pão por Deus** não demora e quem vai dar sou eu".

Nós da quaresma

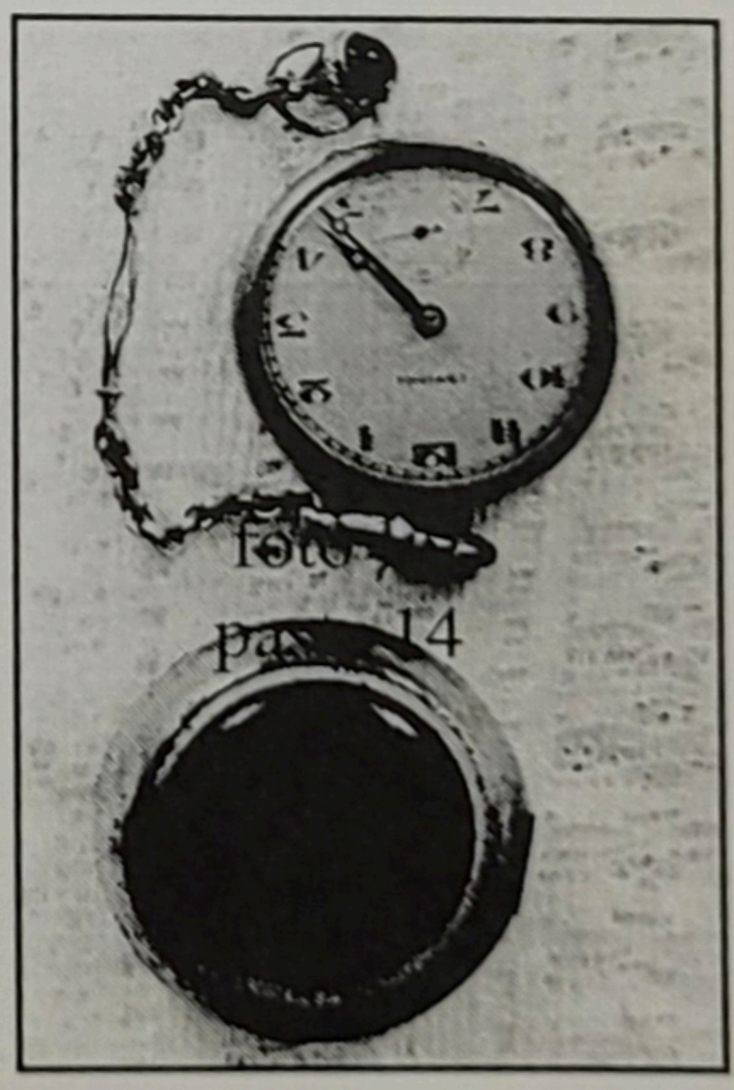
Outra moda que também caiu foram os nós de quaresma.

Até os meados do século XX, muitas jovens na quaresma costumavam rezar todas as noites em favor de uma pessoa querida e a cada noite faziam um nó no barbante. Ao terminar a quaresma, o barbante estava com quarenta nós. Aí o barbante era levado pessoalmente para aquela pessoa e a mesma lhe compensava com um presente. Minha mãe recebia muito destes nós da quaresma e também minha mulher.

Relógios

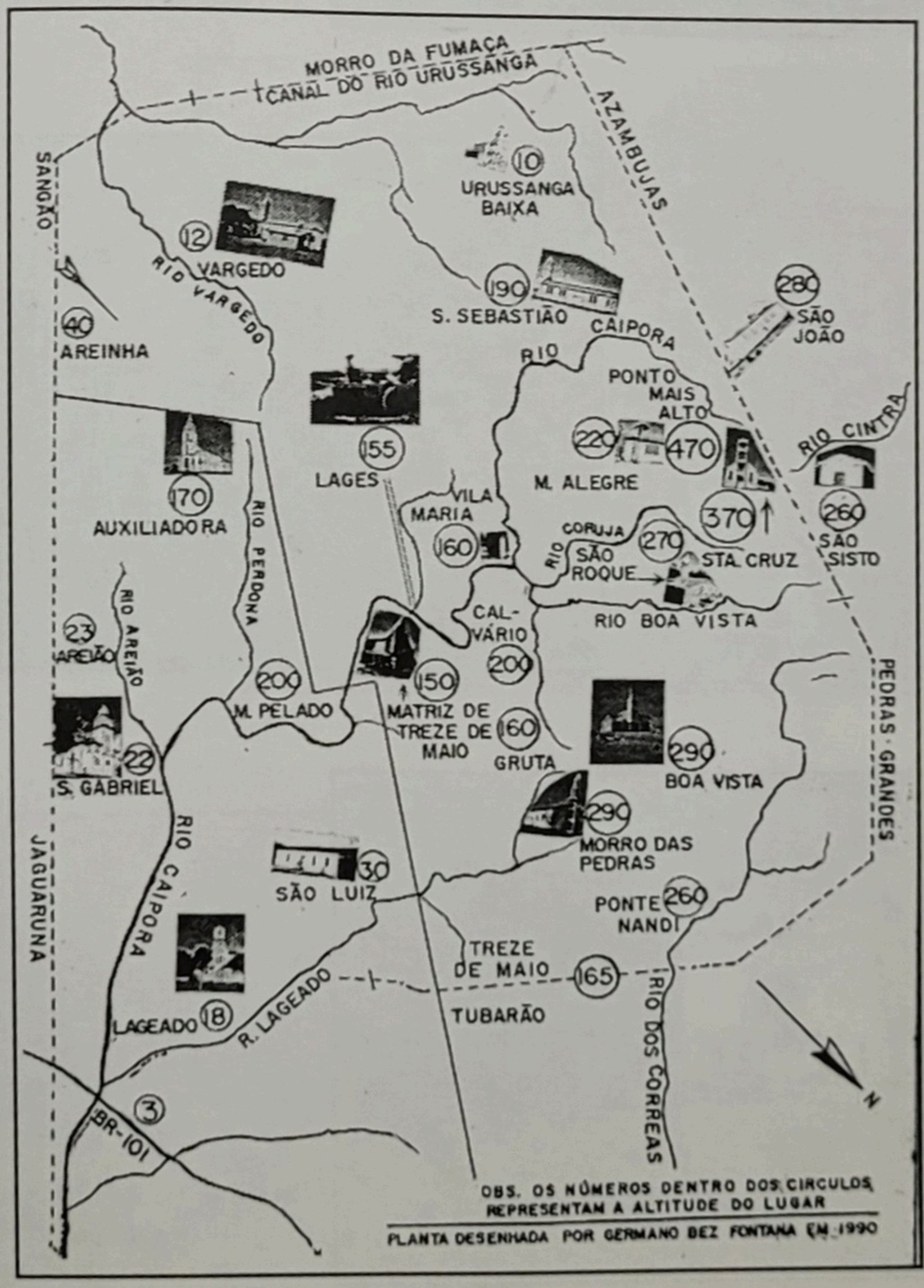






Quando eu tinha 14 anos e 10 meses comprei este relógio de bolso, com a capa, em 12-07-1930, na relojoaria de Roberto Zumblick, na rua da Igreja, por 33$000. Para comprá-lo eu tive que fazer 5 mudas de bocha. o relógio tinha garantia de 6 meses.

Igrejas


MORRO DA FUMAÇA
CANAL DO RIO URUSSANGA
AZAMBUJAS
SANGÃO
10
URUSSANGA BAIXA
12
VARGEDO
RIO VARGEDO
190
S. SEBASTIÃO
CAIPORA
280
SÃO JOÃO
40
AREINHA
RIO PONTO MAIS ALTO
220
470
RIO CINTRA
155
LAGES
VILA MARIA
M. ALEGRE
370
260
170
AUXILIADORA
RIO PERDONA
160
RIO CORUJA
270
SÃO ROQUE
STA CRUZ
SÃO SISTO
RIO BOA VISTA
CAL-VÁRIO
209
RIO AREIÃO
23
AREIÃO
200
M. PELADO
150
MATRIZ DE TREZE DE MAIO
160
GRUTA
290
BOA VISTA
22
S. GABRIEL
290
MORRO DAS PEDRAS
PEDRAS GRANDES
JAGUARUNA
RIO CAIPORA
30
SÃO LUIZ
PONTE NANDI
260
TREZE DE MAIO
165
RIO DOS CORREAS
R. LAGEADO
LAGEADO
18
TUBARÃO
3
BR-101
N
OBS. OS NÚMEROS DENTRO DOS CIRCULOS REPRESENTAM A ALTITUDE DO LUGAR
PLANTA DESENHADA POR GERMANO BEZ FONTANA EM 1990



Uma das primeiras Igrejas da localidade de Lageado, Município de Treze de Maio, em dia de festa.



A primeira Igreja do Quadro, em dia de festa, no começo do século XX. Ainda não tinha Casa Paroquial.



Esta foto também mostra a Igreja de Quadro, em dia de festa. Ao lado já estava construída a Casa Paroquial.



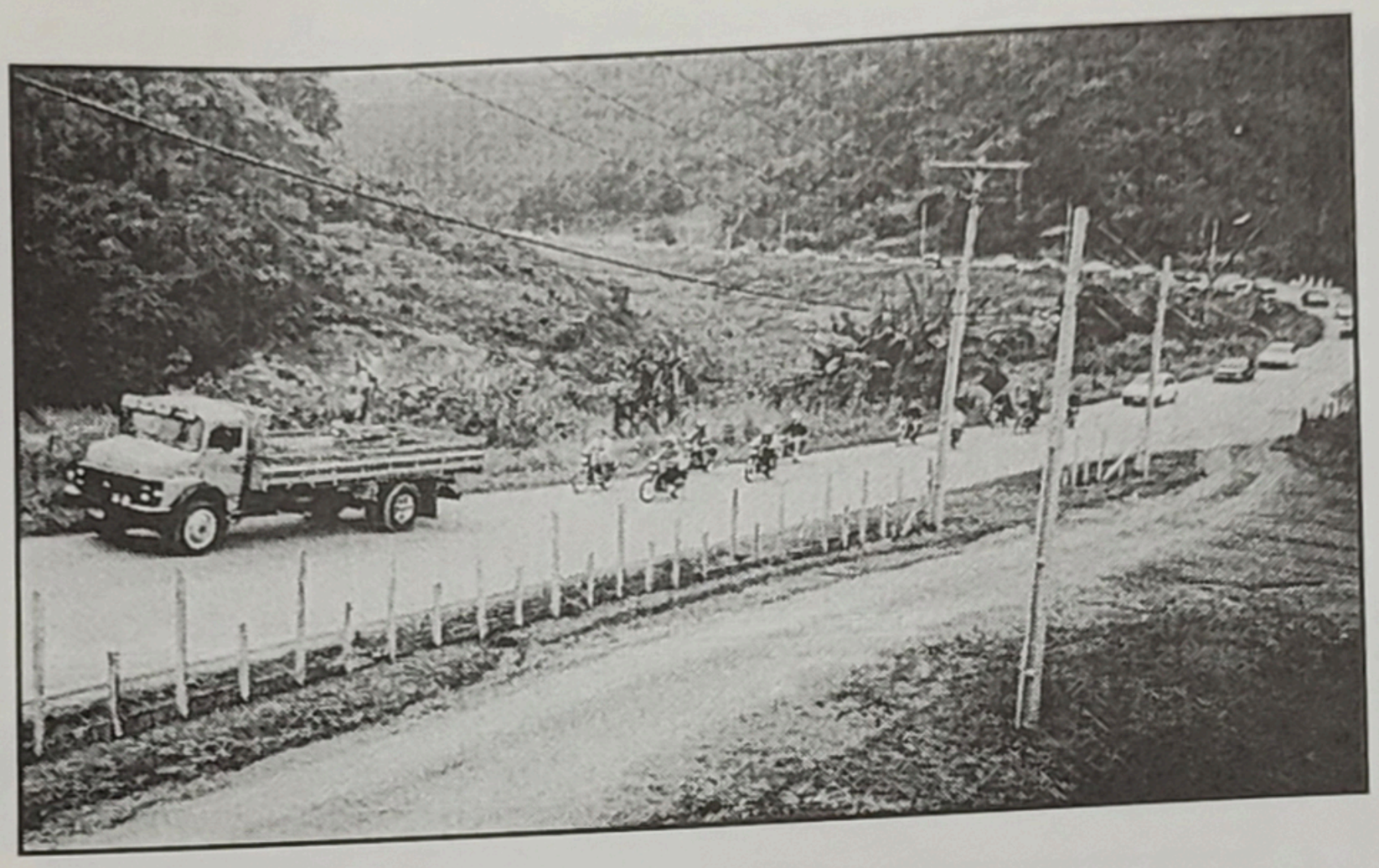
Esta foto mostra a igreja e a Casa Paroquial do Quadro (Núcleo Treze de Maio), já reformadas.



Inauguração da Igreja Matriz São José, de Treze de Maio, em 30-04-1972.

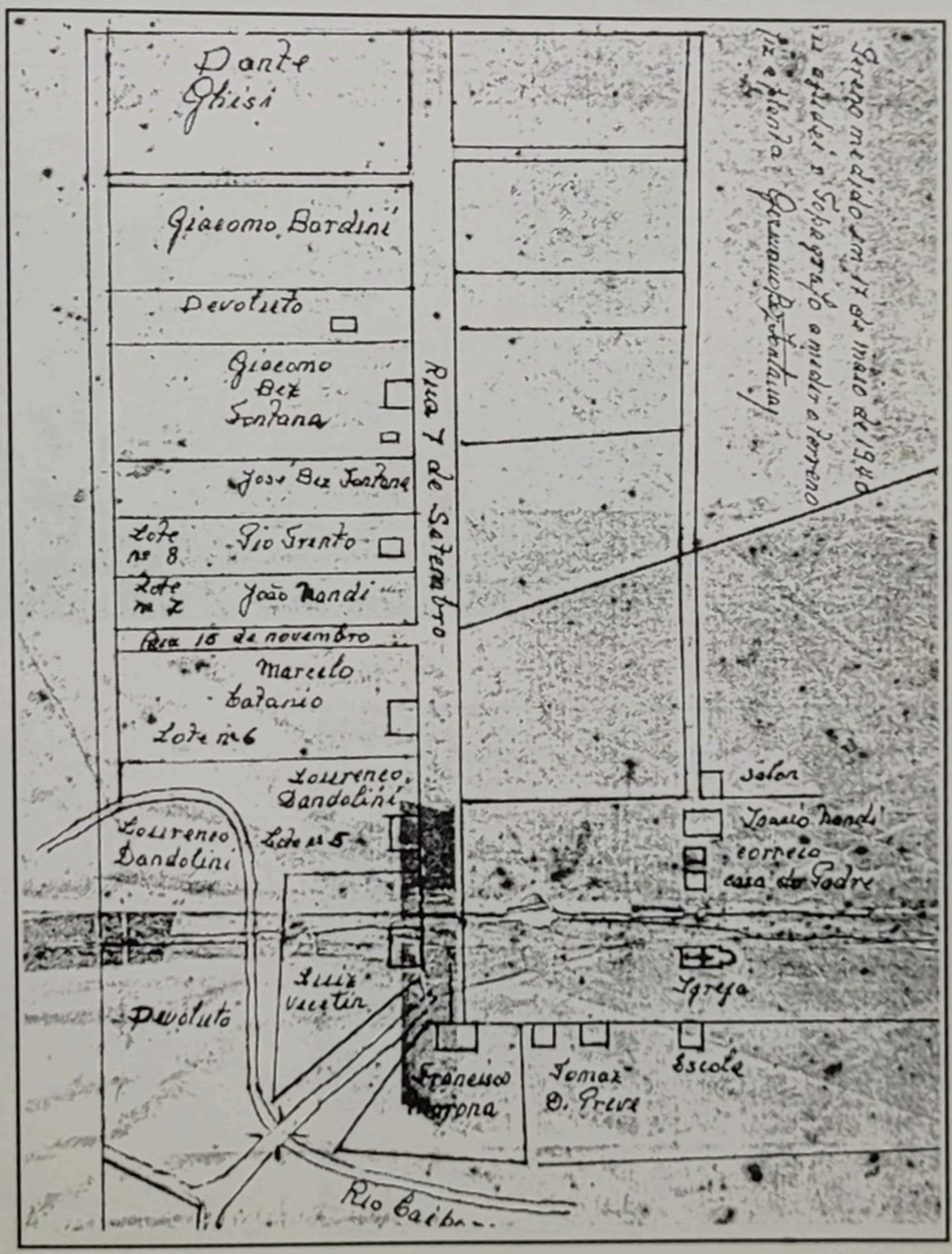


Igreja Matriz de Treze de Maio.



Procissão motorizada
na
festa de São Cristovão.

Treze de Maio

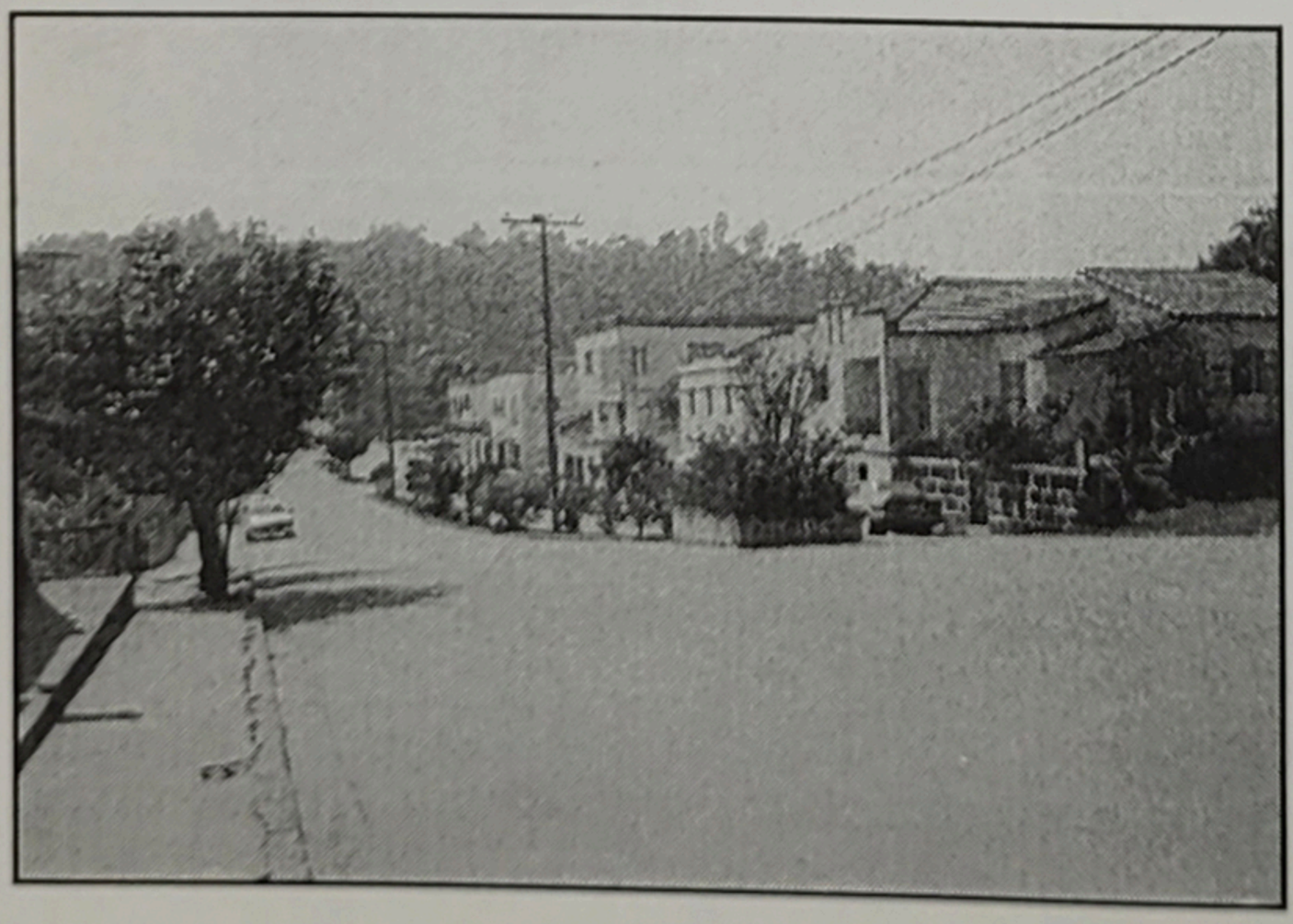




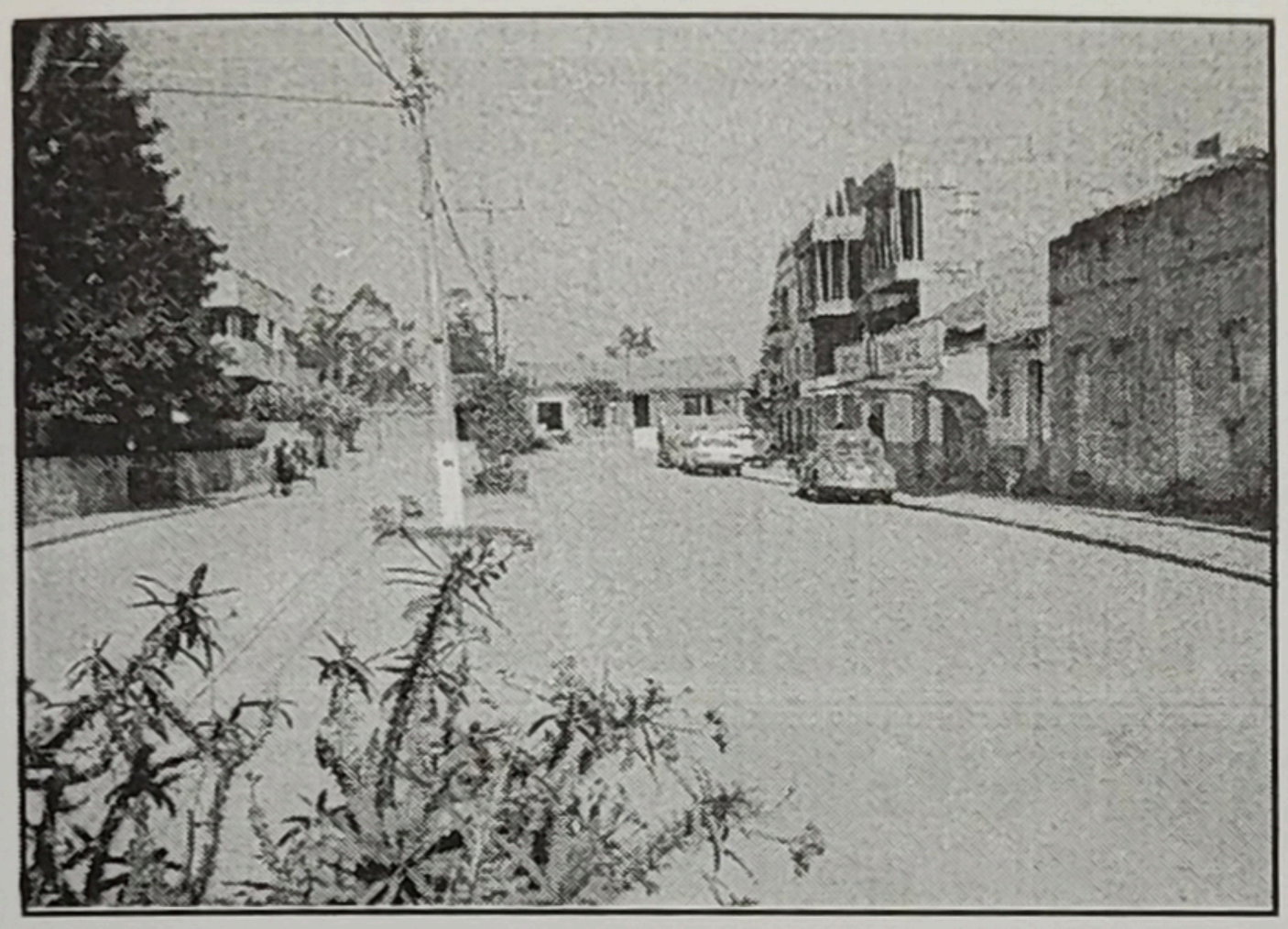
Esta foto tirada em 01-09-1937 mostra o primeiro banheiro para gado instalado em Treze de Maio, de propriedade de Dante Ghisi.
Nº 1 - O proprietário Dante Ghisi.
Nº 2 - Pedro Bergmann
Nº 3 - Meu pai, Giacomo Bez Fontana, com sua moto Mielle.



Em 1938, a atual Avenida "7 de Setembro" era assim. Procissão em dia de festa. A primeira casa era a venda de Luiz Magagnin e a segunda, o salão de bailes.

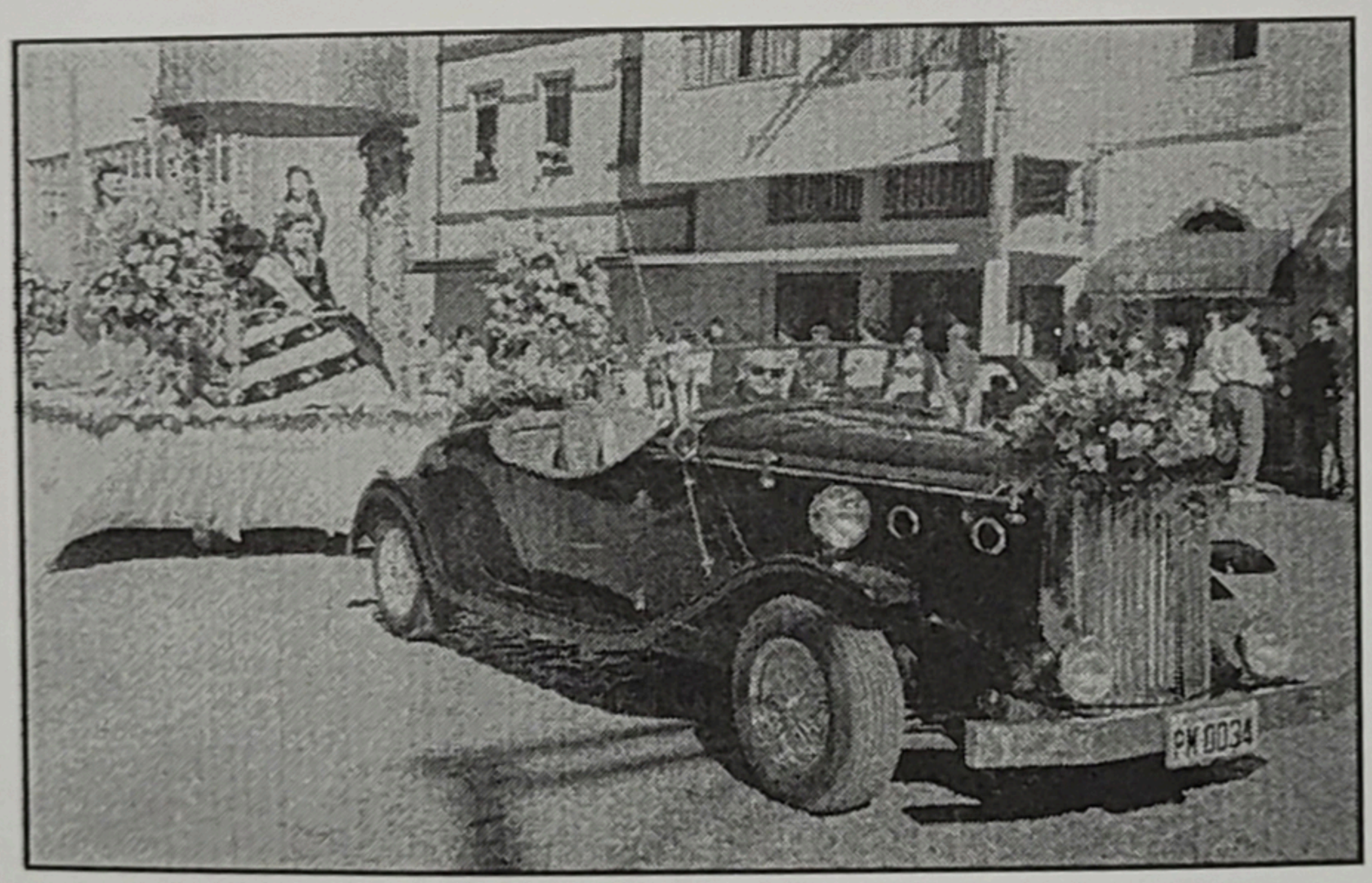


A Avenida "7 de Setembro", em 1994, já toda asfaltada.



A Avenida 7 de Setembro, em 1994. A esquerda, prefeitura municipal. Nos fundos, a casa que era de Silvio Burato, hoje de Luiz Nandi. Lado direito, prédio de Luiz Nandi, em seguida casa de Arredeski Maganin e as outras duas pertencem a família Dandolini.

Urussanga



Automóvel dos mais antigos, puxando um carro alegórico, na 6ª festa do vinho em Urussanga, em 1994.



Carro alegórico na festa do vinho em Urussanga, distribuindo vinho para os visitantes, em 1994.

Fecularia

Inaugurada a Fecularia de Treze de Maio 07-05-1939

A Cia. Itajalense de Fosforos, inaugurou dia 7 do corrente, uma possante Fecularia, em terrenos de sua propriedade, adquiridos de Antonio Guarezzi. A nova Fecularia é movida á força hidraulica, fornecida pelo Rio Caipora, tendo a potencia de 50 cavalos. A Cia. plantou extenso mandiocal, que será seivado este ano. O beneficiamento do polvilho far-se-á na Fecularia de São João, nesta cidade, que tambem já se aclia trabalhando. Toda colonia de «13 de Maio» e autoridades locais estiveram presentes ao ato. Ao delicioso churrasco, falou em nome do povo, o sr. Vergilio Moreira, que foi aplaudidissimo. Agradeceu, em nome da Cia. o sr. Francisco Carlos Regis, tesoureiro municipal. Logo apoz houve animada domingueira no «Clube 7 de Setembro», abrilhantada pelo Jazz local.

E' encarregado da fabrica o sr. Inacio Nandi, pessoa de vastas relações na zona. As maquinas foram montadas sobre a direta administração do sr. Willy Koch, gerente da firma no sul.

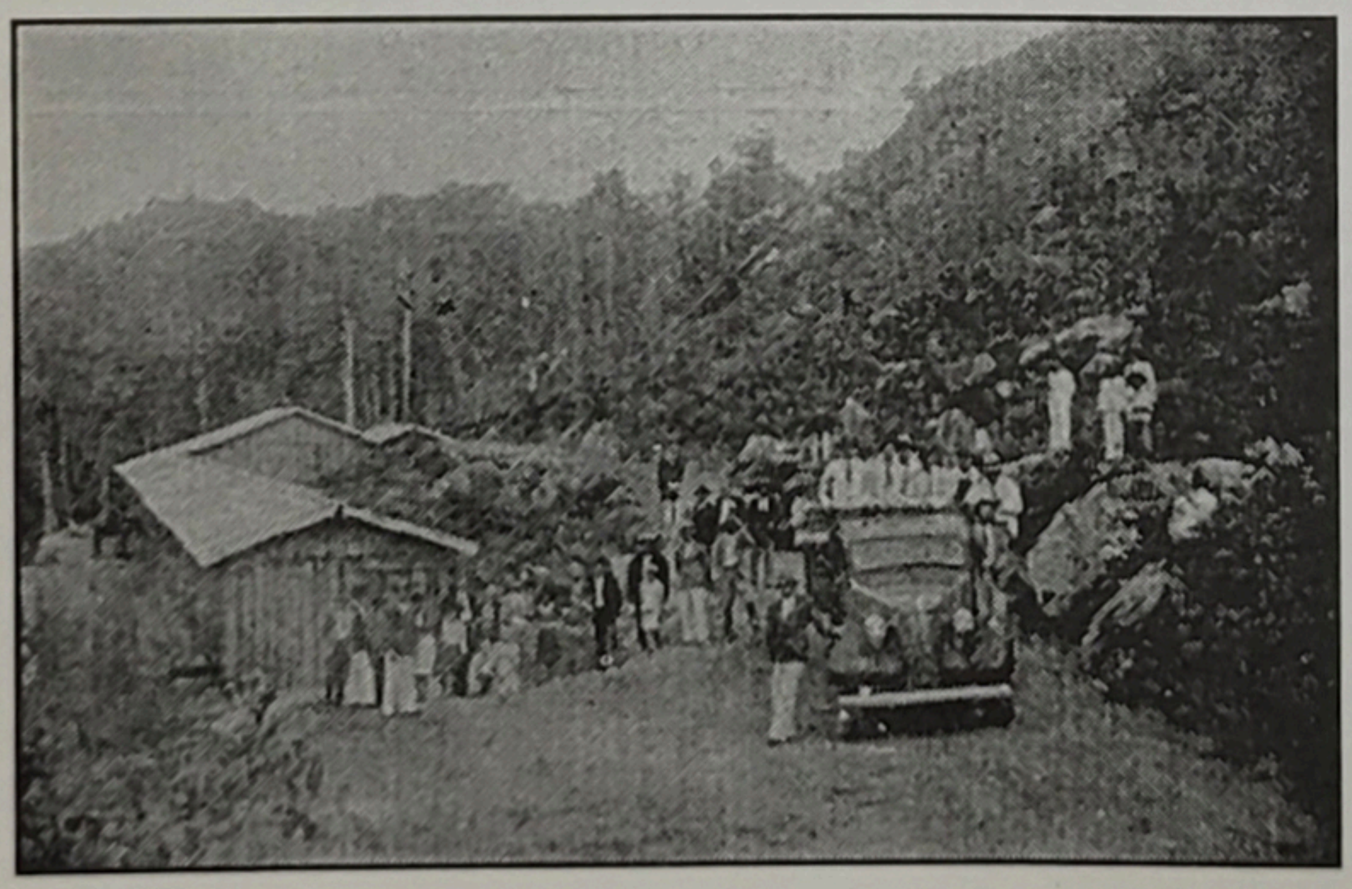
É mais uma promissora industria para Tubarão. 7-5-39



Esta foto tirada por mim, registra quando a "Cia Itajaiense de Fósforos" começou a abertura da vala, que conduziria a água para a turbina de 50 cavalos.
A rocha é a mesma onde Sílvio Burato não conseguiu abrir a vala, no começo do século XX.

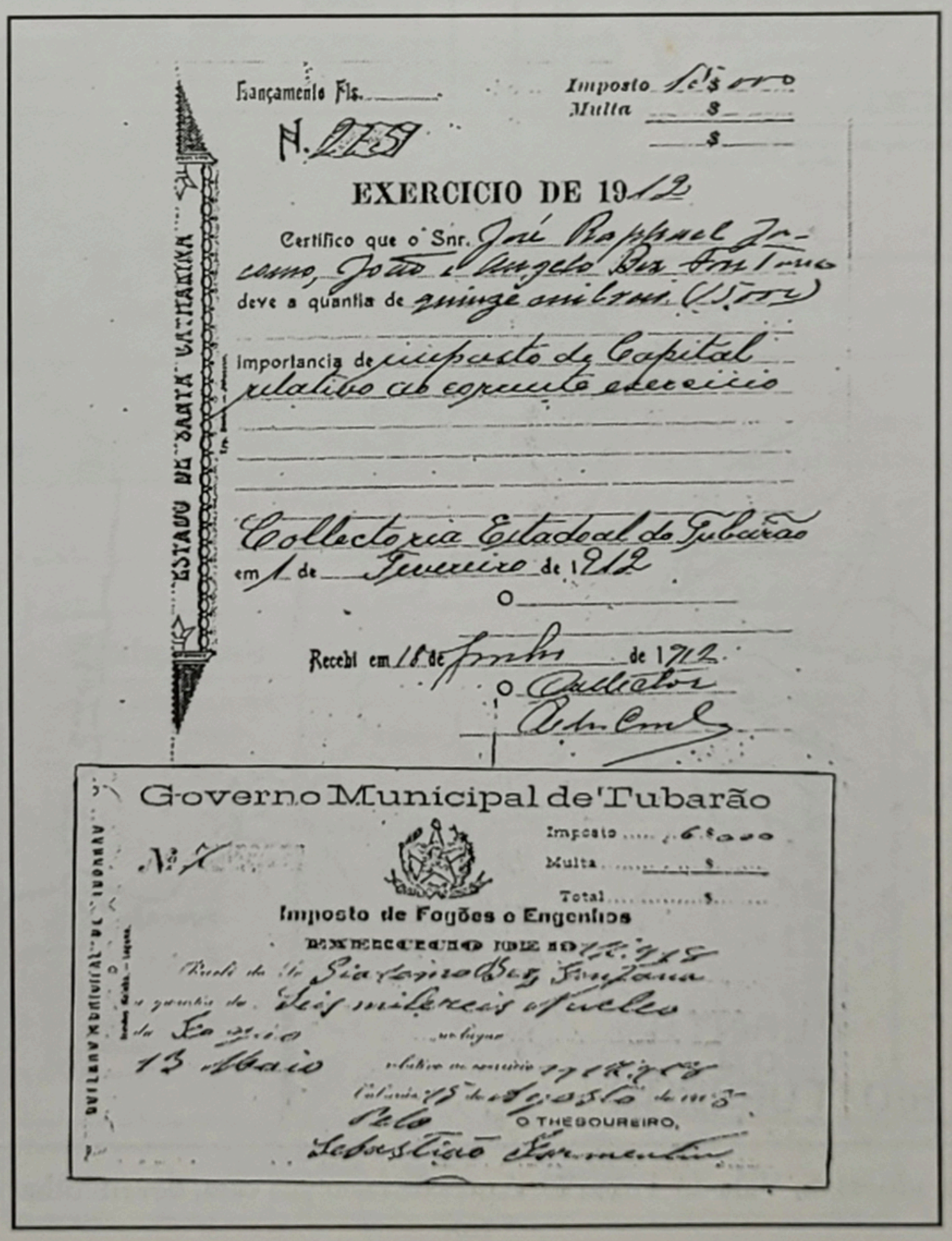


Quando a "Cia. Itajaiense de Fósforos" iniciou a terraplanagem da primeira fecularia, em Treze de Maio, chamaram meu pai e o tio José para que dessem um palpite sobre o local escolhido. Meu pai mandou-me para o local no seu lugar. Eu fui de moto, levei a minha máquina fotográfica e tirei esta foto.
Da esquerda para a direita: Ernesto Guarezi, Jocondo Poli, Inácio Nandi, José Bez Fontana, Cezare de Valério e por último, dois meninos olhando a moto.



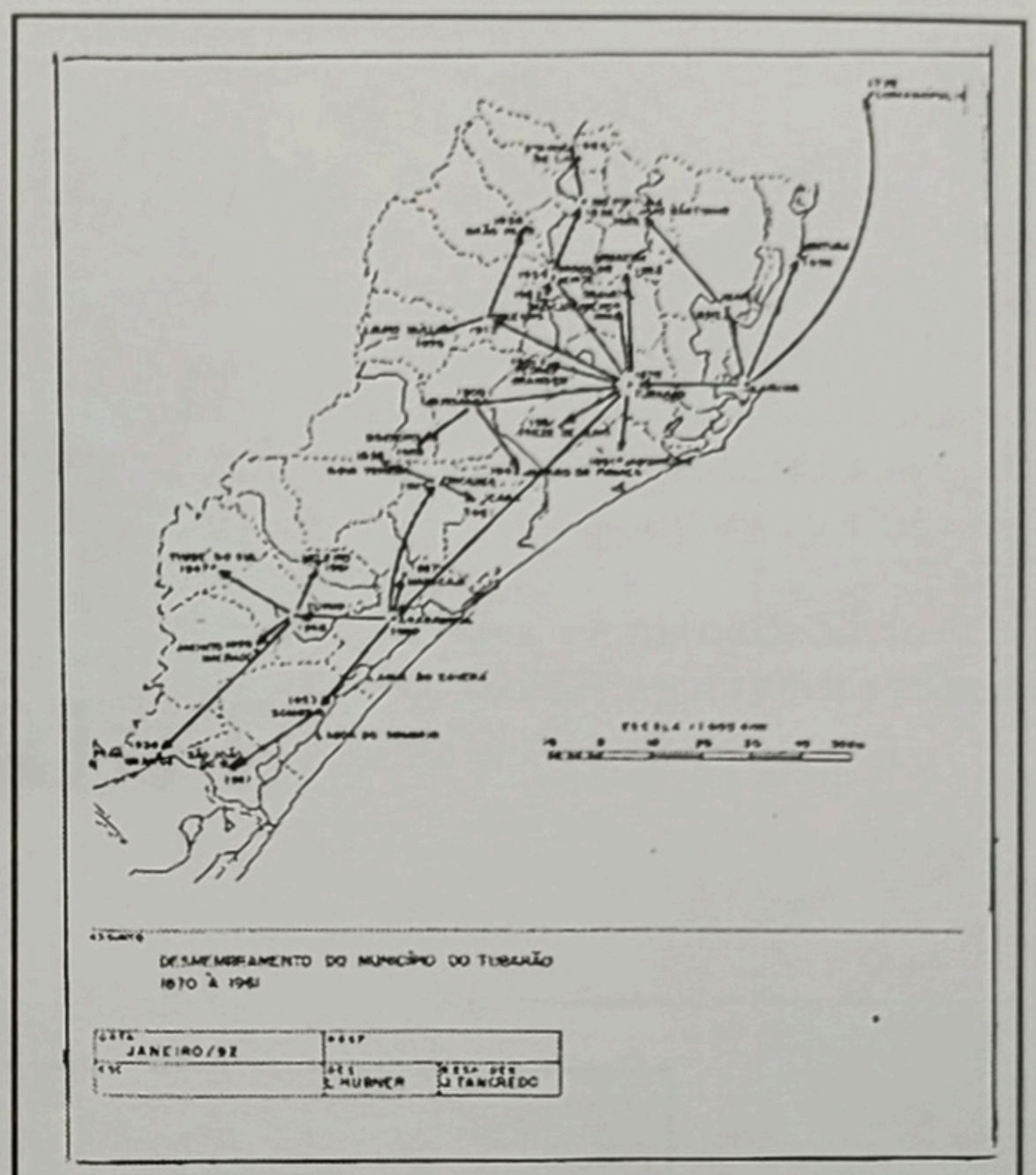
Esta foto eu tirei no dia 07-05-1939, domingo. Refere-se a inauguração
da Fecularia da "Cia. Itajaiense de Fósforos". Depois de um saboroso churrasco seguimos para o "Clube Recreativo", em Treze de Maio, para uma animada domingueira.

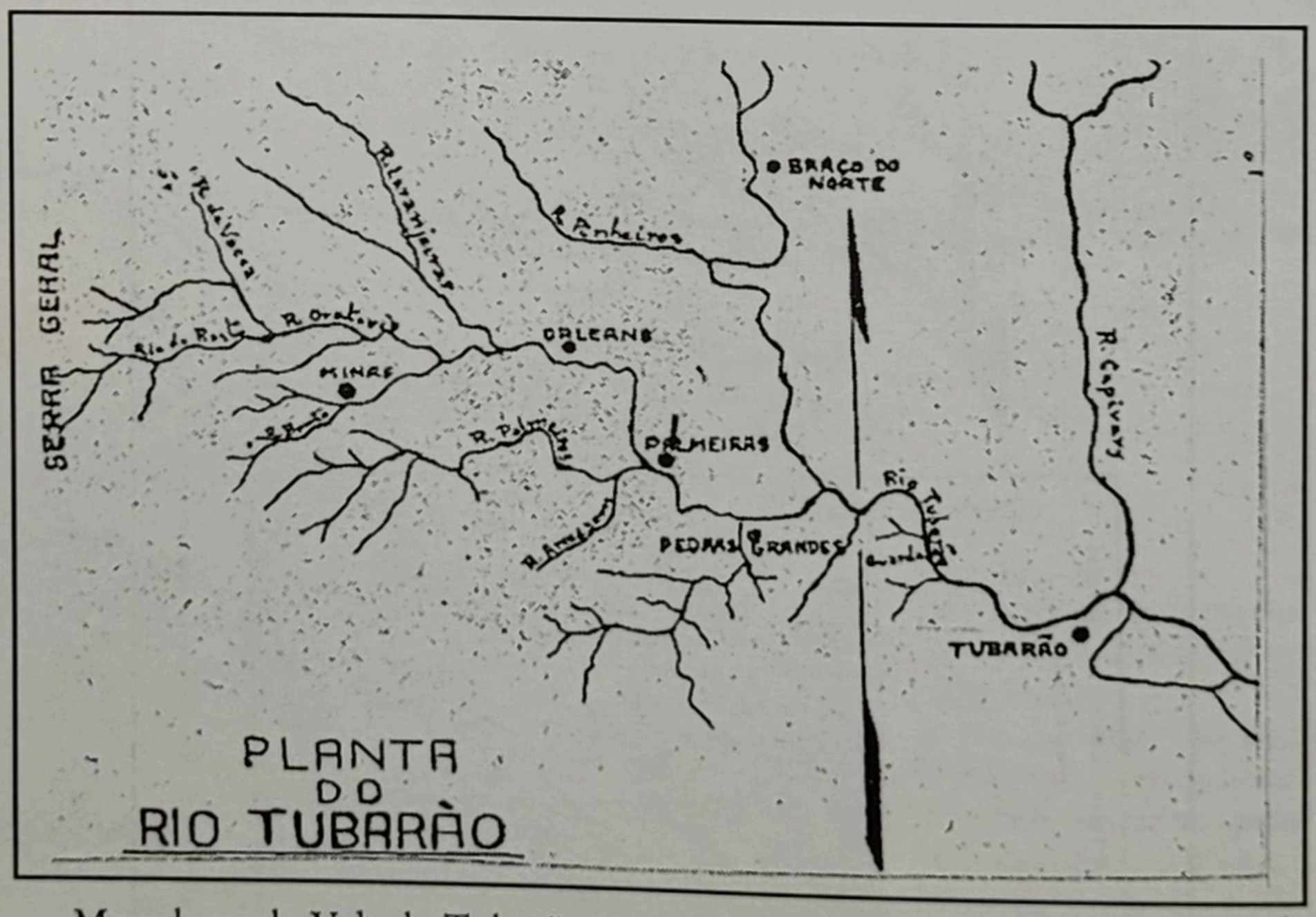
Tubarão


Lançamento Fls.
N. 259
Imposto 6$000
Multa $
$
EXERCICIO DE 1912
Certifico que o Snr. José Raphael Jacomo, João Angelo Bez Fontana
deve a quantia de quinze annos (15$000)
importancia de imposto de Capital
relativo ao corrente exercicio
Collectoria Estadoal do Tubarão
em 1 de Fevereiro de 1912
O
Recebi em 18 de Junho de 1912.
O Collector
ESTADO DE SANTA CATHARINA
Governo Municipal de Tubarão
Nº 7
Imposto 6$000
Multa $
Total $
Imposto de Fogões e Engenhos
EXERCICIO DE 1912
Recebi do Sr Sebastião Bez Fontana
a quantia de seis mil reis effectivos
da Lavoura
no lugar
13 de Maio
relativo ao exercicio de 1912
Tubarão 15 de Agosto de 1912
O THESOUREIRO,
Sebastião Fernandes



Coordenada Geográfica: 28º 28' 49''de Latitude Sul
49º 16' 18''de Longitude W G.





Moradores do Vale do Tubarão: Antes de fazer sua casa, devem olhar este rio.

A Imprensa

PUBLICA-SE AOS SABADOS

DIRETOR GERENTE: MANOEL AGUIAR

ANNUNCIATURA

ANNO ... 10$000

PAGAMENTO ADIANTADO

TABELA DE ANNUNCIOS PERMANENTES

Redação e Gerencia: RUA CEL. COELHO

Anno VI | TUBARÃO, ESTADO DE SANTA CATARINA, 18 DE FEVEREIRO DE 1939 | Num. 286

A Inauguração da Ponte Dr. Nerêu Ramos

CONFORME noticiamos, realizaram-se nos dias 14 e 15 do corrente, as festas com que Tubarão commemorou a inauguração da Ponte Dr. Nerêu Ramos, sobre o seu rio.

Foi uma festa extraordinaria, imponente mesmo, onde Tubarão exultou de satisfação.

Sonho da nossa gente, acalentado por longos annos, a Ponte sobre o rio Tubarão, veio satisfazer a uma justa e velha aspiração dos tubaronenses.

Cidade em franco desenvolvimento, com um regular movimento de veiculo, Tubarão precisava da ponte, que hoje se inaugurou, por justificadas razões.

O sr. dr. Nereu Ramos, que na direcção do Estado vem im-



Dr. Nerêu Ramos



Prefeito Marcolino Martins Cabral

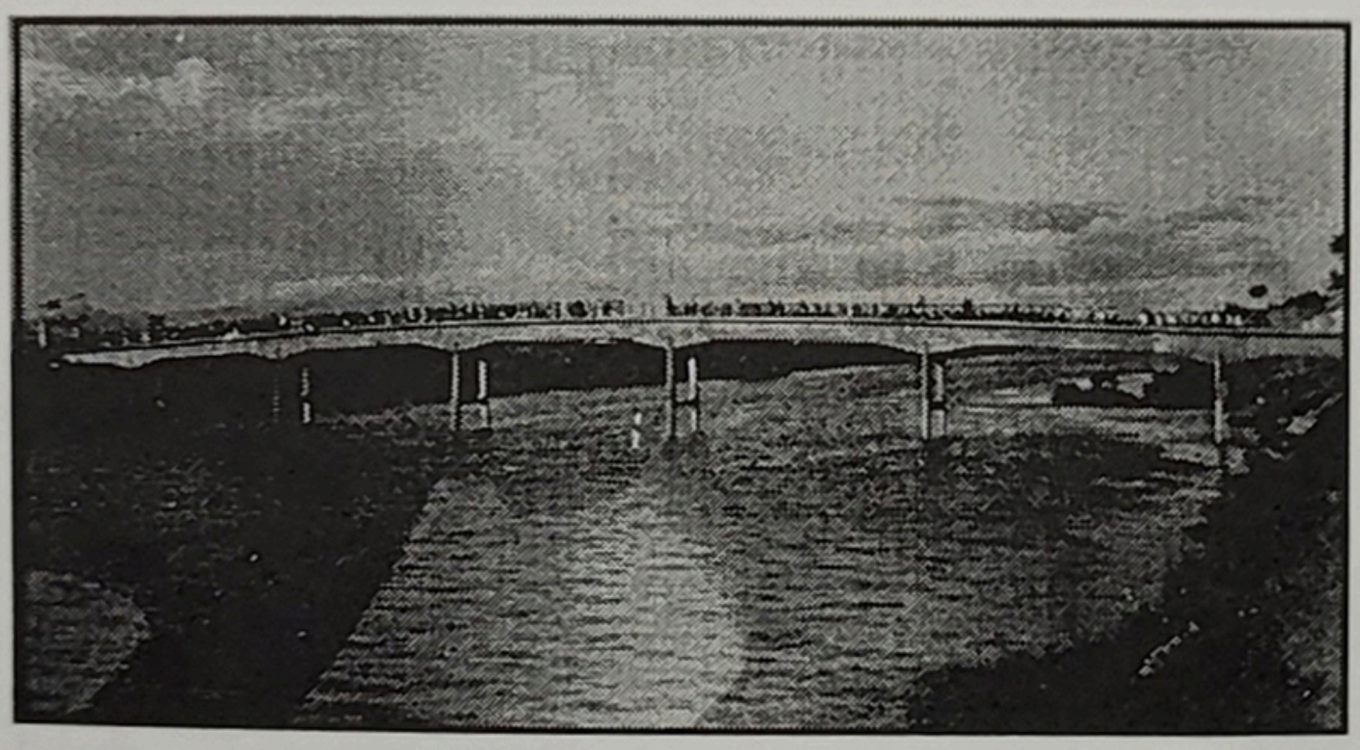
...do a sua estructura, no sentido longitudinal, a forma de parabola, formando, por isso, duas rampas lateraes de accesso.

A estructura total da ponte tem o comprimento de 140 metros, divididos em cinco vãos centraes de 33 metros, dois vãos lateraes de 13 e 11 metros, respectivamente, e dois vãos extremos, em balanço, de 5 metros.

A ponte tem a largura total de 5 metros, compostos de uma faixa central de 3 metros, destinada ao trafego de veiculos, duas sargetas de protecção de cm. 40 de cada lado, e de balaustradas lateraes de cm. 10.

A balaustrada fecha-se, constituida por tubos de ferro galvanisado, apoiados em pilares de concreto armado.

A pavimentação do estrado



Inauguração da 1ª ponte sobre o rio Tubarão (Tubarão), em fevereiro de 1939. Foto que eu mesmo tirei, com minha máquina fotográfica.

20 — 7 DE MAIO DE 1936

Exportação pelos portos da Laguna e da Imbituba em 1935

EXPORTAÇÃO PELO PORTO DA LAGUNA

PRODUTOS	VOLUMES	QUILOS	VALOR
Aguardente	1930	48.350	31.740$000
Arroz	16.918	985.880	603.920$000
Azulejos			
Banha	15.860	951.600	3.172.000$000
Camarão	4.095	132.150	396.450$000
Carne de Porco	5.573	392.110	588.165$000
Carvão Mineral			
Cebola	7.271	363.550	218.130$000
Cêra	221	13.260	92.820$000
Couros secos	2.839	34.068	121.617$600
Crina vegetal	2.516	188.700	58.000$000
Farinha de mandióca	64.484	3.222.200	837.772$000
Feijão	38.960	2.334.360	865.933$000
Fubá de mandióca	1.847	110.820	33.246$000
Ladrilhos			
Madeira	3.491	300.000	68.460$000
Mel de abelha	886	49.616	49.616$000
Milho	1.195	71.700	17.925$000
Pluma	1.032	61.912	82.360$000
Polvilho	7.413	414.780	260.608$000
Queijo			
Sôrgo (palha)	91	6.881	10.327$500
Tapioca			
Telhas Refractarias			
Vinho	92	6.440	3.290$000
Diversos productos	1.260	263.600	90.000$000
	184.372	10.181.981	7.752.910$100

EXPORTAÇÃO PELO PORTO DA IMBITUBA

PRODUTOS	VOLUMES	QUILOS	VALOR
Aguardente	216	5.875	4.210$000
Arroz	10.438	626.280	417.520$000
Azulejos	1.860	84.640	73.920$000
Banha	48.179	3.628.421	9.071.800$000
Camarão	568	17.040	11.130$000
Carne de Porco	3.849	667.660	701.529$000
Carvão mineral		**121.618.904**	**3.882.680$000**
Cebola	2.912	183.720	87.360$000
Cêra virgem	36	2.280	15.960$000
Couros secos	1.772	15.942	68.191$200
Crina vegetal	13.733	861.400	411.320$000
Farinha de mandióca	197.260	9.899.600	2.964.880$000
Feijão	21.466	1.134.080	562.496$000
Fubá de mandióca	3.294	197.640	59.292$000
Ladrilhos	045	32.250	25.800$000
Madeira	62.412	3.600.000	780.240$000
Mel de abelha	1.360	85.680	85.680$000
Milho	9.074	544.440	326.664$000
Pluma	499	24.940	319.200$000
Polvilho	4.178	250.680	150.408$000
Queijo	850	18.200	60.809$000
Sôrgo (palha)	1.399	104.925	157.387$500
Tapioca	1.000	60.000	19.200$000
Telhas Refractarias	22.700	56.750	22.700$000
Vinho	414	32.350	15.624$000
Diversos productos	2.416	68.845	50.667$500
	416.709	123.240.292	24.264.896$000

RESUMO

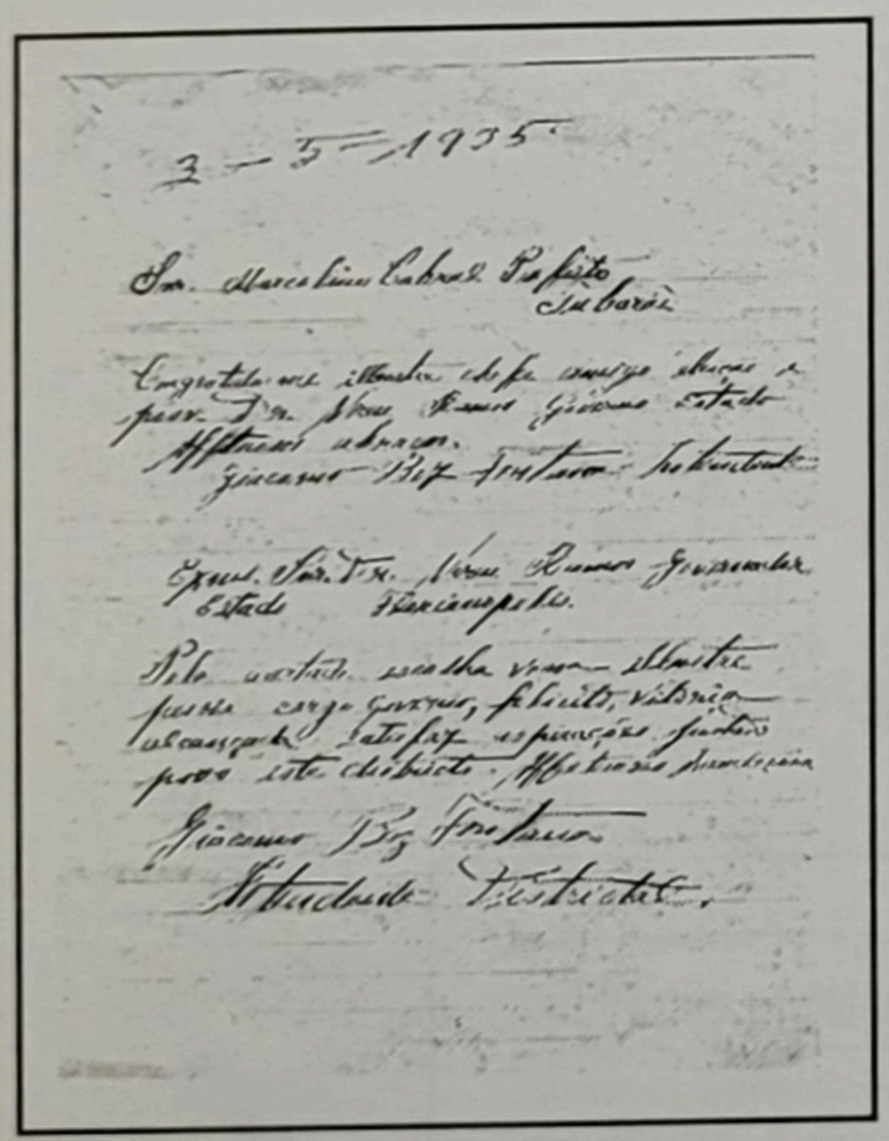
	QUILO	VALOR
Exportação por Laguna	10.181.981	7.752.910$100
Exportação por Imbituba	123.240.292	24.264.896$000
	133.422.273	32.017.806$100

Arrecadação por distritos no ano de 1935

MESES	Tubarão	Gravatá	Capivari	B. Norte	R. Fortuna	P. Grandes	Azambuja	13 de Maio	TOTAIS
Janeiro	3.163$500	167$300	772$300	2.317$600	1.122$100	79$000	5$000	193$600	7.820$800
Fevereiro	14.657$200	1.617$500	387$600	2.098$600	447$000	92$700	82$000	275$900	19.678$100
Março	23.314$500	3.789$000	1.817$100	6.391$450	826$000	862$200	1.112$400	2.127$000	40.240$250
Abril	9.588$800	617$500	427$500	1.036$300	112$500	317$300	64$000	479$600	13.663$700
Maio	5.578$100	1.311$000	238$500	3.471$500	115$300	115$100	112$000	399$700	11.271$800
Junho	12.481$200	3.479$300	1.533$500	9.392$400	562$500	1.433$900	2.699$000	6.166$300	37.748$100
Julho	13.867$700	2.444$400	1.564$400	7.282$800	1.626$000	1.902$100	1.363$200	2.660$100	32.110$700
Agosto	6.624$500	840$200	1.162$900	3.101$100	3.266$000	336$000	101$000	1.744$900	17.178$600
Setembro	2.442$300	288$800	453$900	4.290$800	605$000	74$200	452$000	360$000	8.970$000
Outubro	2.457$200	770$500	682$300	4.018$000	753$000	488$300	555$700	385$000	10.710$300
Novembro	1.824$400	409$400	1.034$500	4.168$600	295$000	580$800	165$500	921$000	9.398$200
Dezembro	2.805$900	609$100	913$600	1.014$900	225$000	74$800	67$000	363$700	6.097$200
	95.808$100	16.404$500	10.953$500	49.206$850	9.959$000	6.356$800	6.779$000	15.407$200	213.876$150

ARTIGOS SOLICITADOS E NÃO PUBLICADOS — Esta poliantéa, que devêra saír com 20 páginas, foi aumentada para 28. Mesmo assim, tornou-se de todo impossivel inserirmos diversos artigos, que solicitamos de ilustres colaboradores. E isto por falta exclusivamente de espaço. Tais artigos, entretanto, serão publicados, em edição especial, no «CORREIO DO SUL», Laguna, e «A IMPRENSA», Tubarão.

OS ORGANIZADORES



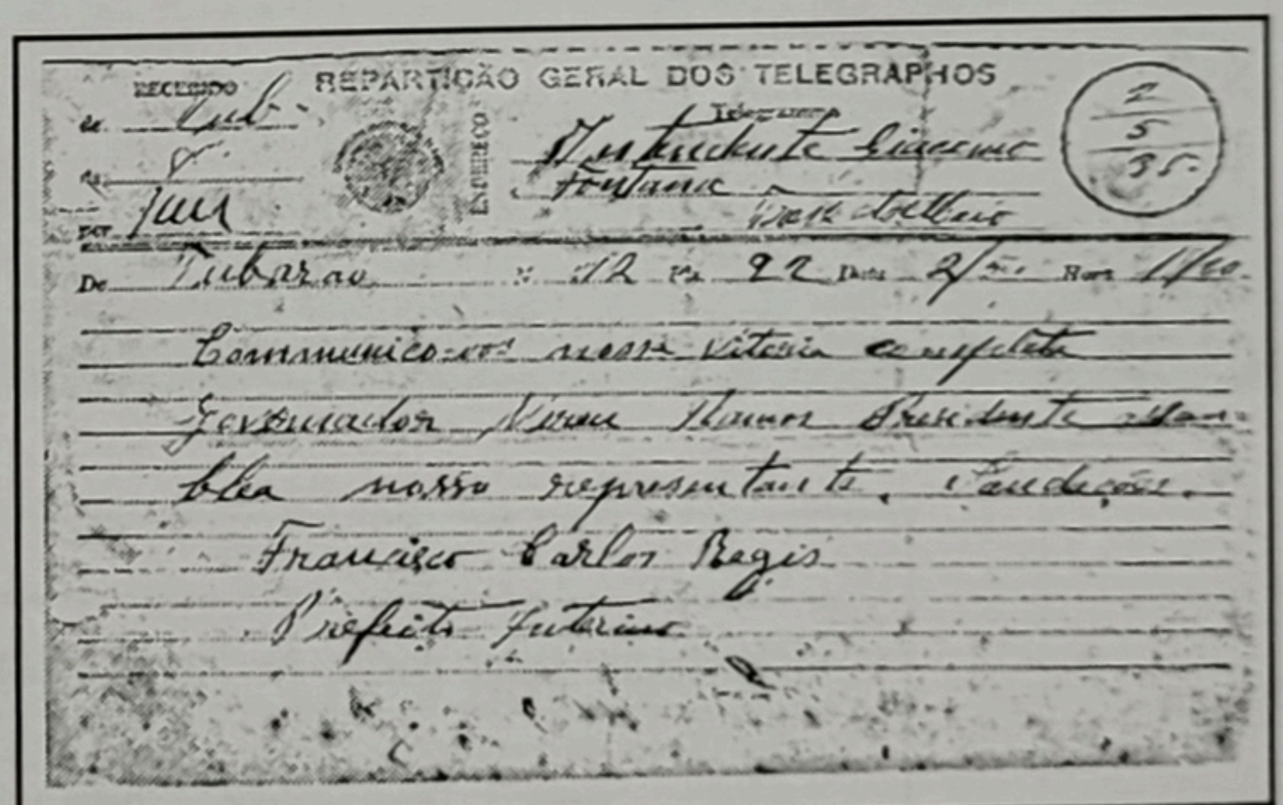
3 — 5 — 1935.

Sm. Marcolino Cabral Prefeito
Tubarão

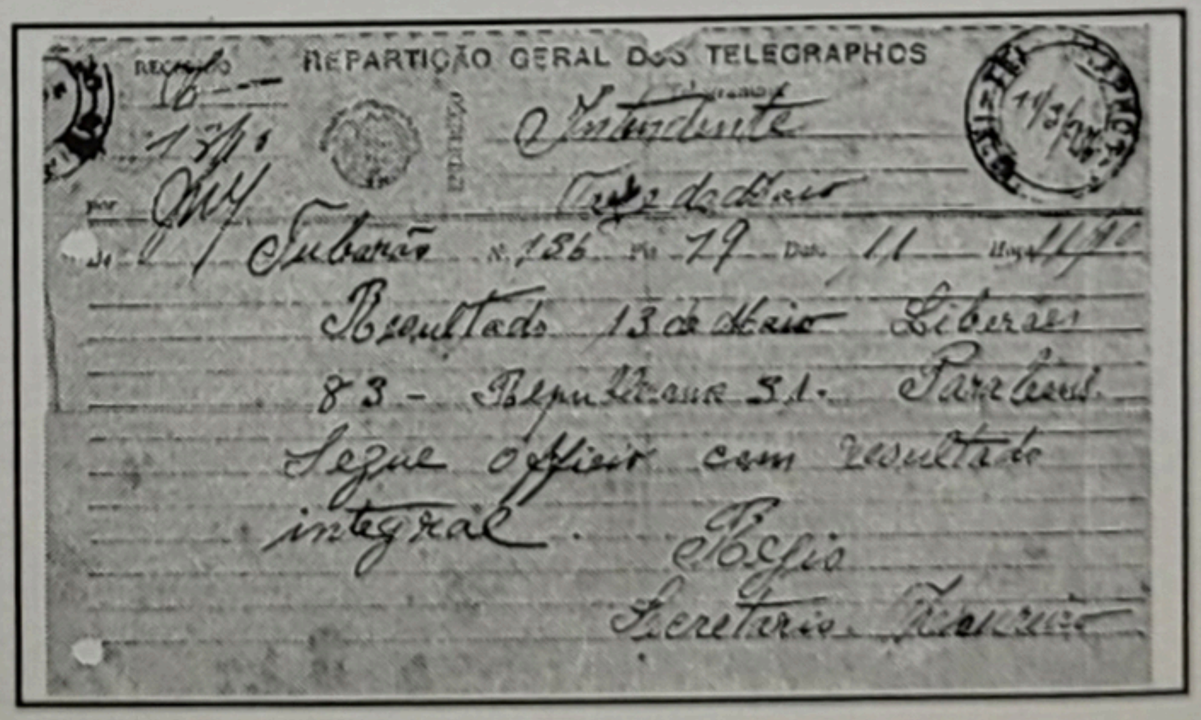
Congratulo-me illustre chefe amigo abraço
pesar Dr. Nereu Ramos Governo Estado
Affectuoso abraço.
Giacomo Bez Fontana Intendente

Exmo. Snr. Dr. Nereu Ramos Governador
Estado Florianopolis.

Pelo ultimo escolha vosso illustre
passa cargo Governo, felicito, vibrio
ulcançado. Satisfaz aspirações Santa
povo este districto. Affectuosa saudação
Giacomo Bez Fontana
Intendente Municipal.



RECEBIDO
REPARTIÇÃO GERAL DOS TELEGRAPHOS
Expediu
2/5/35.
Tubarão N. 112 Ps 22 Data 2/5 Hora 11.60
Communico-vos nossa vitoria completa
Governador Nereu Ramos Presidente elei-
to nosso representante, Saudações.
Francisco Carlos Regis
Prefeito Fontana



RECEBIDO
REPARTIÇÃO GERAL DOS TELEGRAPHOS
Expediu
Tubarão N. 136 Ps 79 Data 11 Hora 11.40
Resultado 13 de Maio Liberaes
83 - Republicanos 31 - Para Gov.
Segue officio com resultado
integral. Regis
Secretario Fontana

A Imprensa

PUBLICA-SE AOS SABADOS — Redação e Gerencia: RUA LAURO MÜLLER, 17

DIRETOR-GERENTE: MANOEL AGUIAR

ANO XVII — TUBARÃO — Estado de Santa Catarina — 14 de Outubro de 1950 — Número 754

AS ELEIÇÕES em TUBARÃO

A Junta Apuradora de Tubarão, terminou ontem á noite, a apuração do pleito neste municipio, dando o seguinte resultado:

PARA PRESIDENTE E VICE PRESIDENTE DA REPUBLICA:

Christiano Machado	4.514	Altino Arantes	4.092
Brigadeiro Eduardo Gomes	3.891	Vitorino Freire	860
Getulio Vargas	3.254	Odilon Braga	1.415
João Mangabeira	0	Café Filho	223

PARA SENADOR

Nereu Ramos	5.233
Carlos Gomes de Oliveira	6.178

PARA DEPUTADO FEDERAL

Joaquim Ramos (PSD)	4.169
Heriberto Hülse (UDN)	2.193
José Lerner Rodrigues (PTD)	2.176

PARA DEPUTADOS ESTADUAIS

Anes Guallberto (PSD)	3.135
Lauro Lucks (PSD)	1.505
Francisco Neves (PTB)	2.094
Frederico Klueten (UDN)	2.029
Manoel Lolião de Queiroz (UDN)	1.009

PARA GOVERNADOR DO ESTADO

Udo Deake (PSD)	1.941
Irineu Bornhausen (Coligação)	6.581

PARA PREFEITO MUNICIPAL

Rui Cesar Fenerich (PSD)	3.[illegible]
Arnaldo Bittencourt (Coligação)	3.[illegible]

Resultado final das eleições de 3 de Outubro, em Tubarão 195

Votaram 11.899 eleitores. — Cinco urnas com votação em separado, as quais estão somadas neste resultado.

Para Presidente:

Getulio Vargas	3.254
Christiano Machado	4.512
Eduardo Gomes	3.852

Para Vice-Presidente:

Odilon Braga	1.415
Café Filho	223
Vitorino Freire	903
Altino Arantes	4.113

Para Senador:

Nereu Ramos	5.256
Carlos Gomes de Oliveira	6.117

Legendas Deputados Federais:

(P. S. D.) 5.383

Joaquim Ramos	4.378
Orlando Brasil	731
Lamberto Leal	39
Lopes Vieira	73
Agripa de Faria	10
Armando Simões Pereira	15
Rogerio Vieira	114
Cid Loures Ribas	3
Antonio Nunes Varela	18

Legendas Federais:

(U. D. N.) 3.797

Heriberto Hülse	2.196
Altamir Wanderley Junior	64
João Bayer Filho	14
Manoel Pedro da Silveira	163
Adolfo Konder	4
Jorge Lacerda	1.207
Aristiliano Ramos	116
Max Ammarel	6
Plácido Olimpio de Oliveira	3
Waldemar Berg	1

Legendas Federais:

(P. T. B.) 2.214

José Lerner Rodrigues	2.198
Saulo Ramos	16

Para Governador:

Udo Deake	1.941
Irineu Bornhausen	6.581

Legendas Estaduais:

(P. S. D.) 3.253

Anes Guallberto	3.135
João Bauer Filho	31
Adão Fraga	24
Adolfo Martins	16
Lauro Lucks	1.806
Dib Mussi	37
Vir Mond	3
Othon da Gama D'Eça	10
Torquato Tasso	66
Olivio Nobrega	13
Pedro Bittencourt	89
Epiphio Barbosa	20
Arno Meyer	1
Alcides de Abreu	3
Arno Teixeira	2
Armando Calil	5
Ylmar Corrêa	1
Roberto Lacerda	4
José Gabiati	1
Medeiros Neves	2
Dias	1

Legendas Estaduais:

(U. D. N.) 3.416

Frederico Kurten	2.028
De Pitta	39
Osvaldo Rodrigues Cabral	10
Pedro Rebelo	17
Paulo Fontes	5
Manoel Lolião Nunes de Queiroz	1.008
Adelino Ramos	22
Eurelino Ribeiro	2
Alvaro Catão	33
Cesar Max Donadel	198
Custodio Campos	5
Mercindo Calado Junior	8
Newton Macedo	4
Ney de Aragão Pires	5
Amadeu Reis	1
João José de Souza Cabral	2
Mascarenhas	1
Americo Silveira d'Avila	19
Ilmar Brasil	2
Donato da Luz Costa	1

Legendas Estaduais:

(P. T. B.) 2.258

Francisco de Souza Neves	2.104
Tertuo Ribeiro	3
Arnaldo Napoli	21
Veluci de Oliveira	107
Julio Paulino da Silva	5
Barbosa	1
Estrelo	1
Manoel Bertoncini	8
Poli	1
Pedro Rocha	2

Legendas Estaduais:

(P. R. P.) 504

Carlos Bosse	161
José Holthausen	114
Daniel Brüning	206
Alcebiades Pinheiro	5
Tomaz Chaves Cabral	10
Roberto Bosse	6

Legendas Estaduais:

(P. S. P.) 56

Climaco Neto	12
Luiz Costa	1

Para Prefeito Municipal:

Rui Fenerichette	3.[illegible]
Arnaldo Bittencourt	6.3[illegible]

Legendas Municipais:

(P. S. D.) 3.[illegible]

Firmino Cardoso dos Santos	163
Antonio Libet	[illegible]
Manoel Veiga	139
Francisco Koehler	111
Hickert	152
Germano Bez Fontana	351
Idalino Pretta	331
Schlichmann	299
Manoel Brigido Costa	296
Jacob Martins	285
Francisco Salgado	261
Walmor Otavio de Oliveira	260
Zeludro Damiani	256
Waldemar Siebert	188
Manoel Aguiar	125
Ataliba Rodrigues	115
Francisco de Paula Andrade	113

Legendas Municipais:

(U. D. N.) 3.967

Roberto Pedro Prudencio	133
Severiano Goulart	432
José Hennemyer	129
Paulo Bosse	368
Amadeu Costa	268
Aurelio Felipe	273
Luiz Sampaio	258
Abrasio Silveira	251

Legendas Municipais:

(P. T. B.) [illegible]

Hugo Bogoni	291
Laudo Ramos	190
Adelmar Longo	174
Luiz Pedro de Moraes	118
José O. Silva	107
Nestor Nunes	149
José Alves Pereira	112
José Ferreira	87
Silvestre Menezes Lemos Medeiros	79

Legendas Municipais:

(P. R. P.) [illegible]

José Hollenbach	87
Adelino Ramos	190
Adelmar M. Longo	[illegible]
Luiz Rodrigues Medeiros	71
Avelino Silva Pereira	82
Luiz Ramos	87
José Ramos Barbosa	58
Antonio H. Henriques	71

NOTA — Pelo resultado acima, o PSD deverá ter [illegible] vereadores, a UDN [illegible] e o PTB 2.

Despesa da eleição de 3 de outubro de 1950, em Treze de Maio

Condução de caminhão/ e onibus:

2 viagem do Vargado.....	200,00		
2 " São Sebastião,.....	200,00		
2 " Rio Curuja,.....	200,00		
2 " Boa Vista,.....	200,00		
2 " Moro da Pedras, ...	200,00		
2 " Cubicão,.....	200,00		
2 " Cahpada Bonita,.....	200,00	1.400,00	
8 viagem de onibus,.....	800,00	800,00	
1o viagem de caminhão para diversos serviço ,.....	1.000,00	1.000,00	
Condução para conduzir as 4 urna em Tubarão,.....	500,00	500,00	
Dispesa de Churasco,.....	5.900,00		
outra dispeza,.....	400,00	6.300,00	
Soma total,		9.000,00	

Importa em nove mil cruzeiros.

Treze de Maio, 30 de Setembro de 1950

Documentos - Compras

No baú do meu pai, encontrei um livro dele, onde está anotado que em 1930, com quinze anos, eu fazia bocha e vendia para Tubarão. Abaixo, como ele fazia pólvora em 1920 e remédio para sarna. Ao lado, as moedas da época?

40 réis-o patacão, 20 réis e 10 réis.







1929 Tubarão

Antonio B. Fontana Filho

Saldo meo favor 127.000

1 Jogo Bolla 9.000

22-11-30 4 Jogo " Germano B.F. 28.000

10-1-31 10.° " " " 7.000

importa Total 21 Jogo Bolla 155.00

27-9-30 3 Jogo Bolla 21.000

22-1-31 3 " " 21.000

368.00

8-9-31 importa tuda conta 95.00

463.00

Tubarão

Antonio B.z Fontana

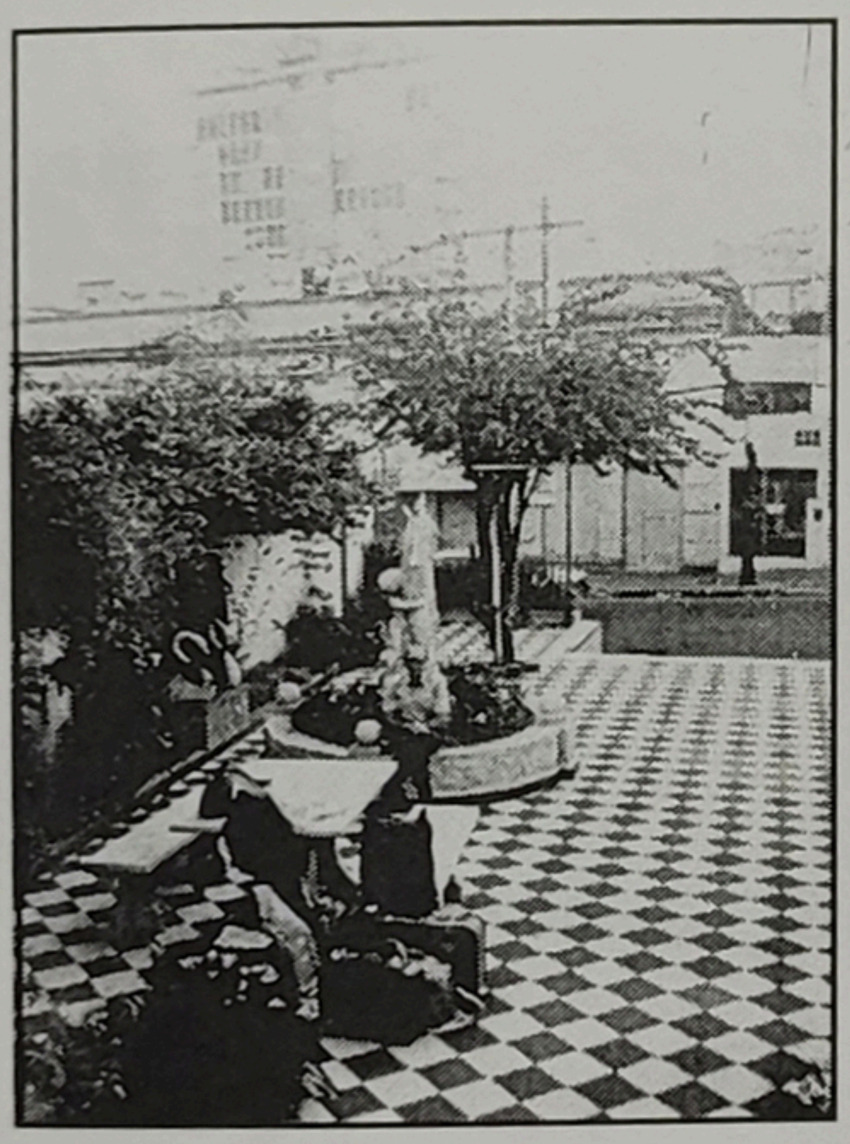
A porta de giu a dezoppa 20.000

1910

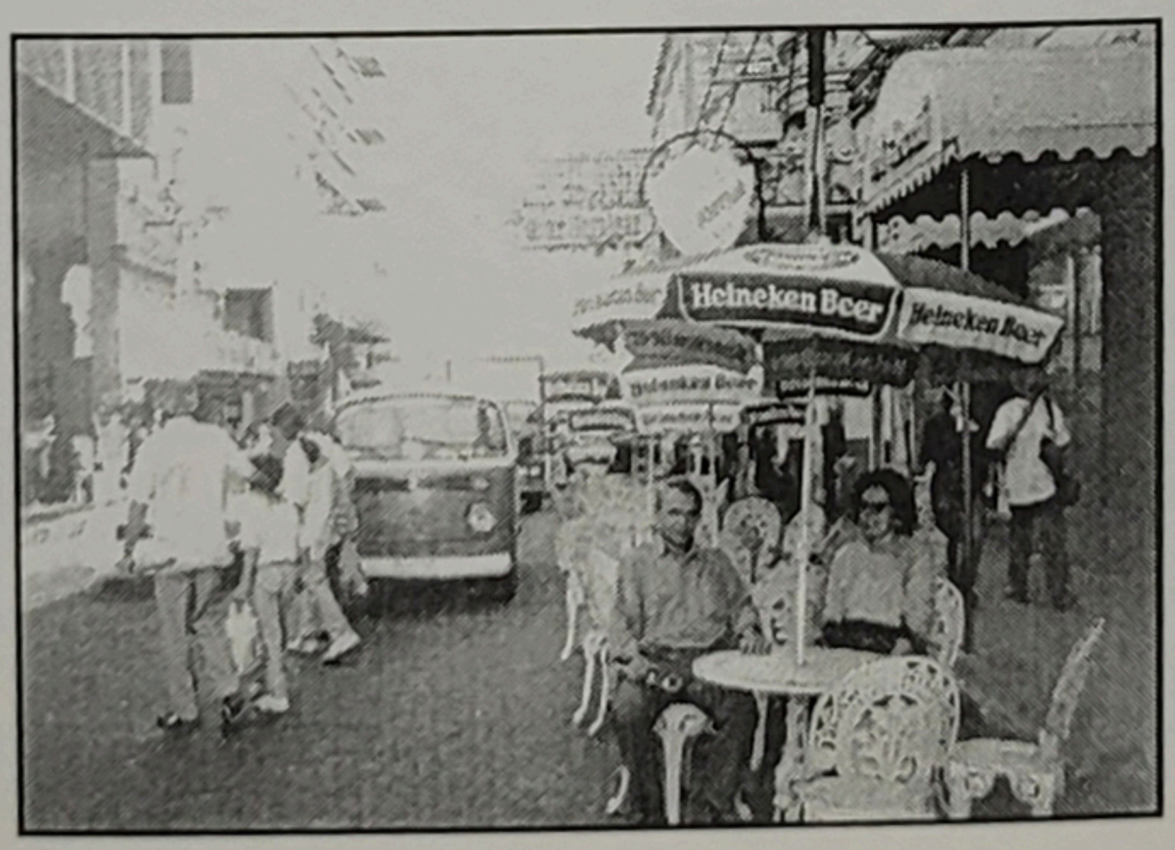
Per fare la polvere si mette 1K de sal nitro, e ½ K. de solfro e 2.50 Gramm. de segatura

Per fare il remedio delle Scabbia 100 Gram. Polvere solfro 25 Gram.

Paraguai

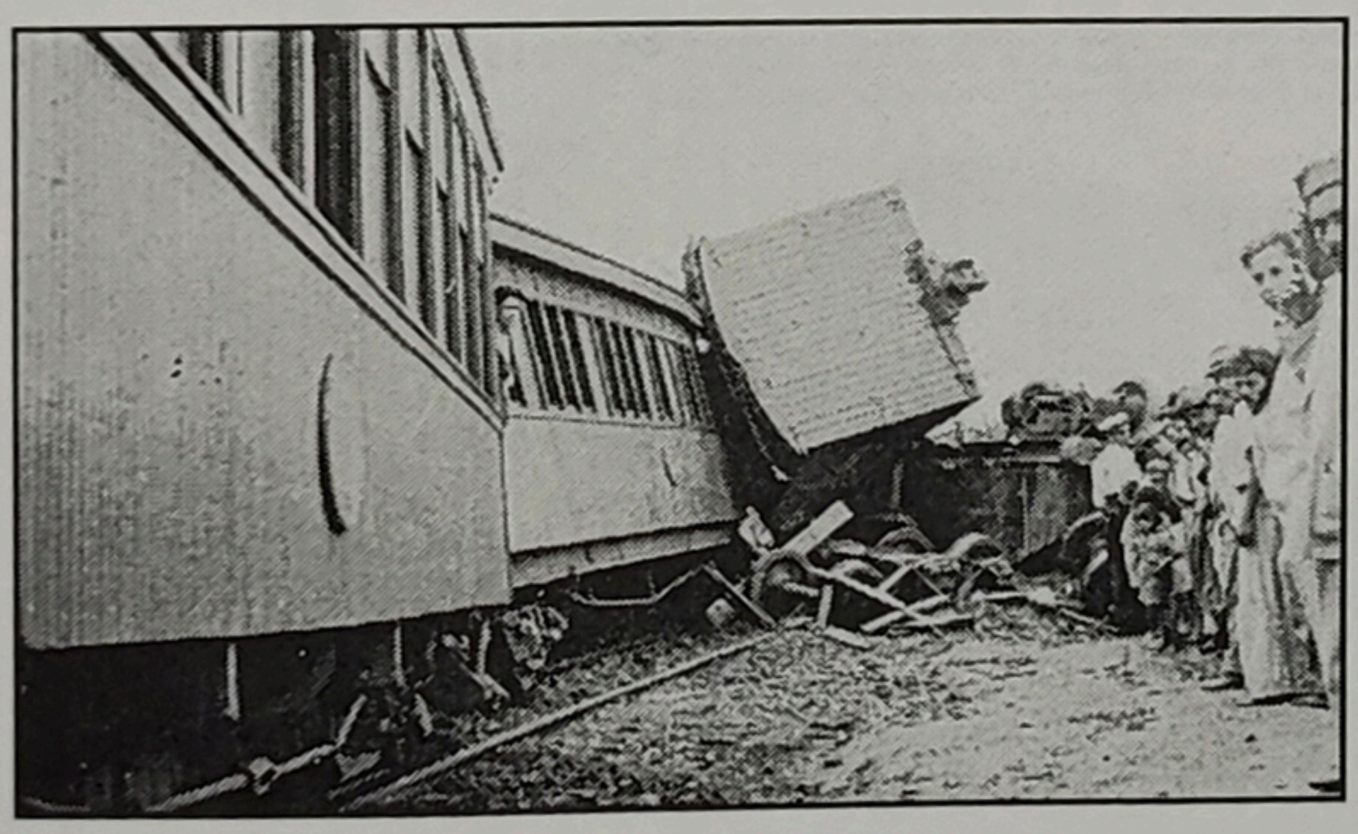


Eu com as malas prontas na capital do Paraguai, esperando a condução para voltar para o Brasil, em 1993.



Meu filho Valfrido e sua mulher Ivonete na capital do Paraguai, em 1993.

Trem Descarrilhado



Quando o trem descarrilhou ficou assim. Só os últimos vagões ficaram no trilho.



Uma locomativa que descarrilhou e tombou na margem da ferrovia. O maquinista ficou preso nas ferragens, com a vida.

Objetos

Rechenmaschine „Resulta BS“

Das Resultat 20-jähriger Entwicklung!

Mit direkter Subtraktion und Kontrolle

Die automatische Rechenmaschine, unübertrefflich für alle Additions- und Saldierarbeiten. Deutlich sichtbare Kontrolle der eingestellten Zahlen. Auch für Subtraktion unter Null und zum Multiplizieren geeignet. Ohne Übung addiert und subtrahiert sofort jeder richtig.

Automatische Fehlerverhütung nach Brünings-Patenten!

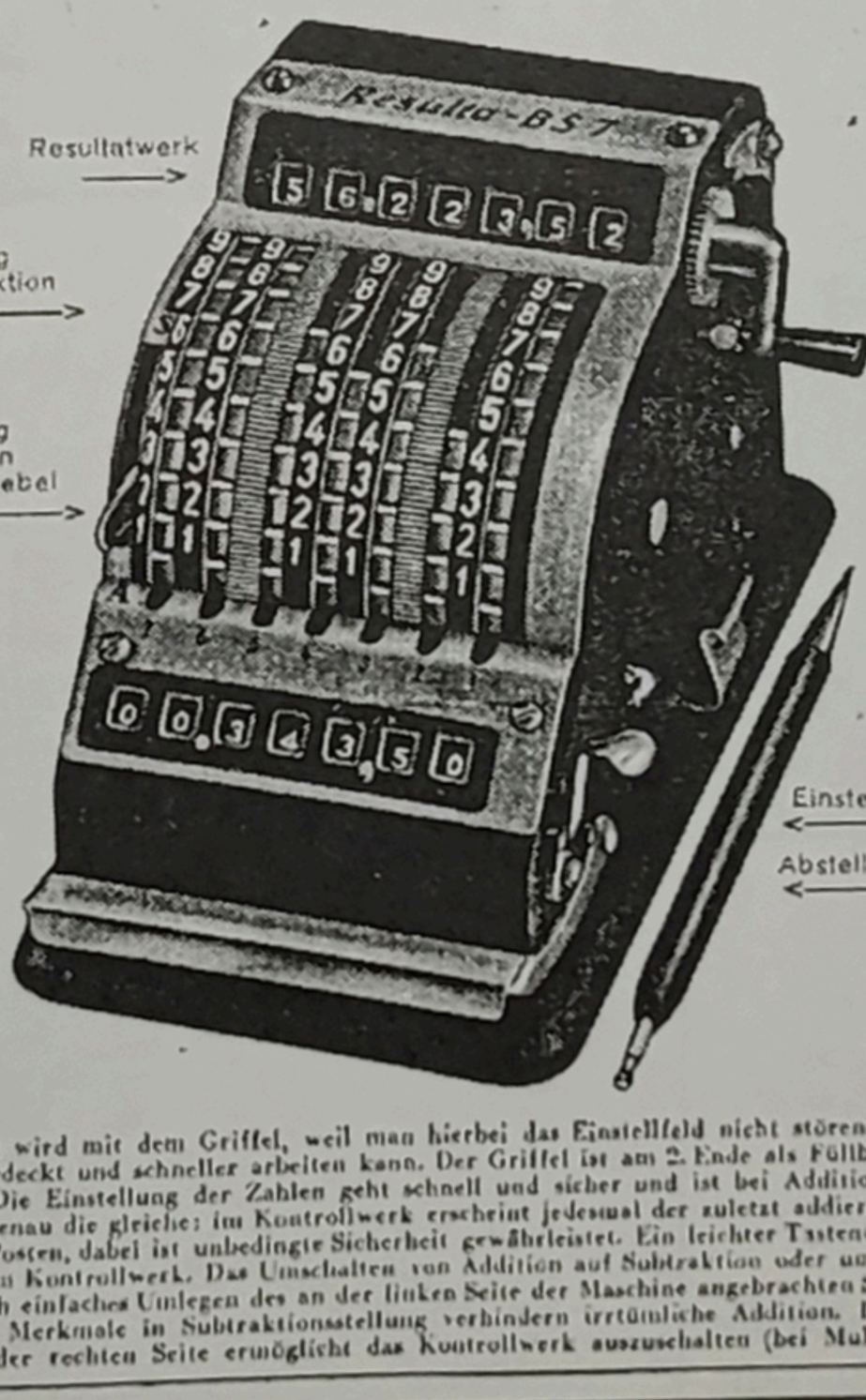
Resultatwerk

Stellung Subtraktion

Stellung Addition Schalthebel

Kontrollwerk

Löschtaste für Kontrollwerk



Schnelles, müheloses Rechnen!

Zuverlässigkeit, Leistungsfähigkeit, lange Lebensdauer vieltausendfach bewiesen!

Nullstellung

Halteklemme Griffelablage

Einstellgriffel

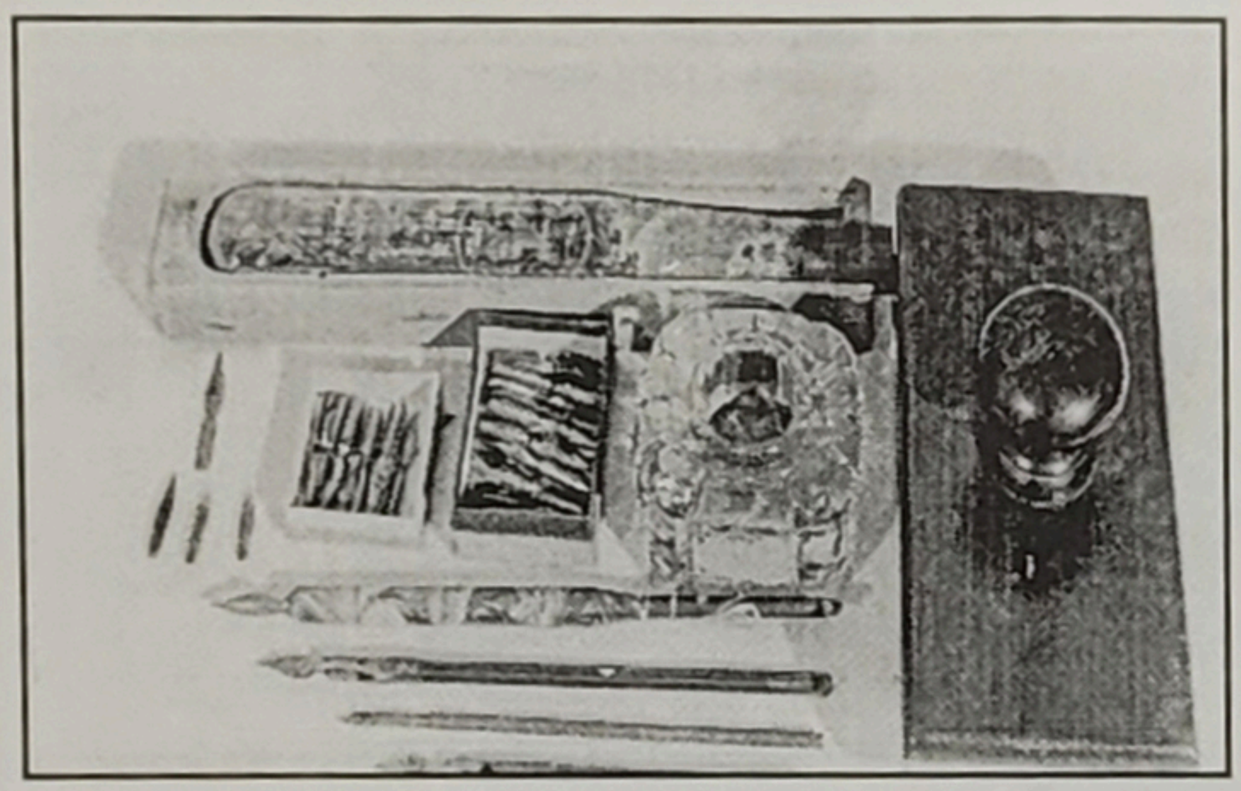
Abstellhebel

Präzisionsarbeit

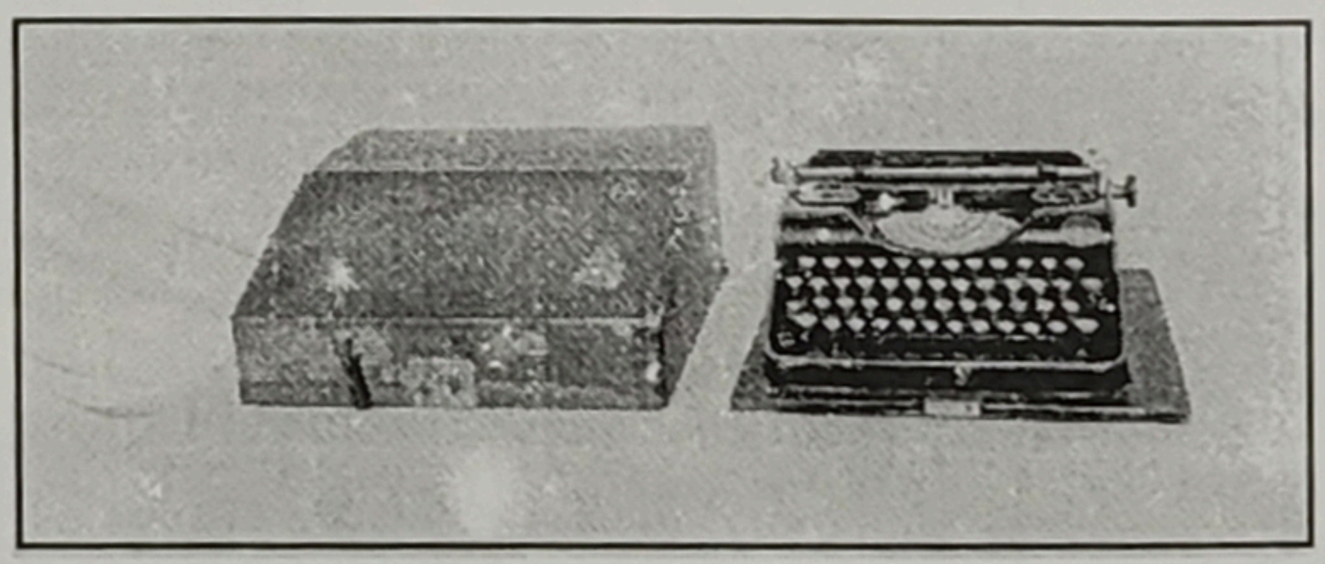
1 Jahr Garantie

Eingestellt wird mit dem Griffel, weil man hierbei das Einstellfeld nicht störend durch die Finger verdeckt und schneller arbeiten kann. Der Griffel ist am 2. Ende als Füllbleistift ausgebildet. Die Einstellung der Zahlen geht schnell und sicher und ist bei Addition und Subtraktion genau die gleiche: im Kontrollwerk erscheint jedesmal der zuletzt addierte oder subtrahierte Posten, dabei ist unbedingte Sicherheit gewährleistet. Ein leichter Tastendruck löscht die Zahl im Kontrollwerk. Das Umschalten von Addition auf Subtraktion oder umgekehrt erfolgt durch einfaches Umlegen des an der linken Seite der Maschine angebrachten Schalthebels. Auffällige Merkmale in Subtraktionsstellung verhindern irrtümliche Addition. Der Abstellhebel an der rechten Seite ermöglicht das Kontrollwerk auszuschalten (bei Multiplikation).

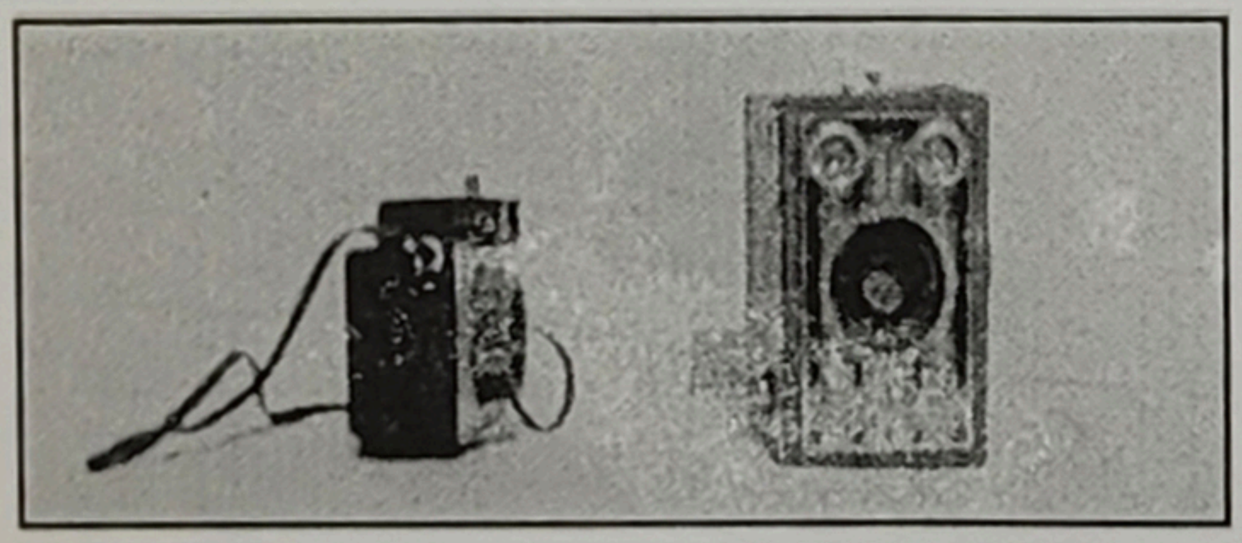
Está máquina de calcular, que guardo como recordação, comprei em Itajaí e nunca vi outra igual



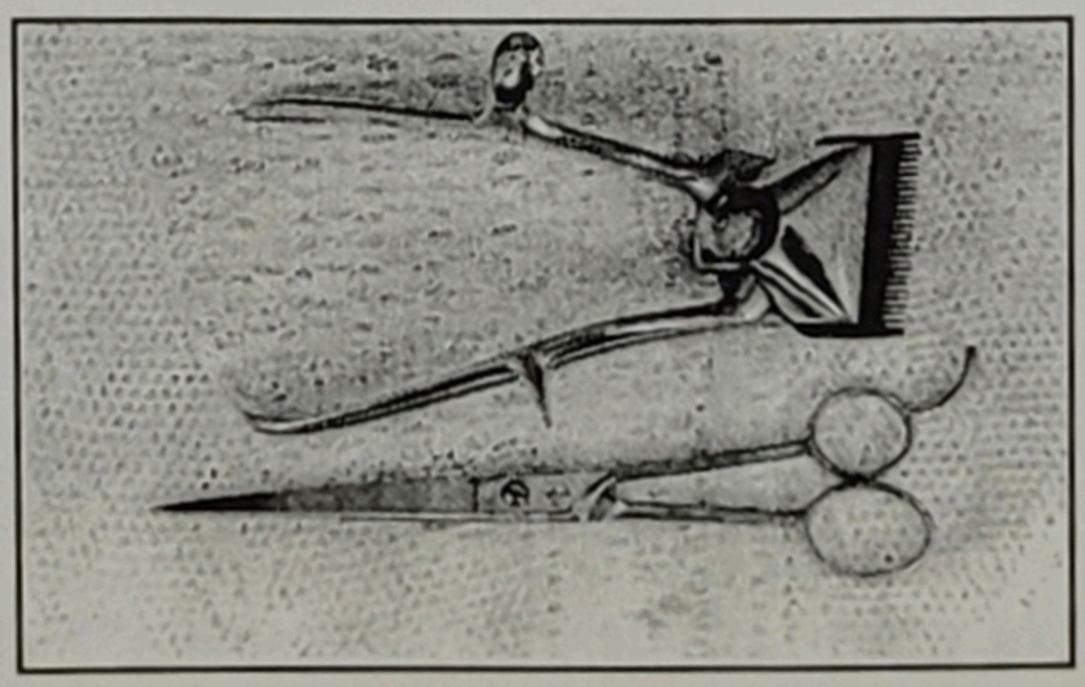
Material que eu usava no meu escritório, em 1938.



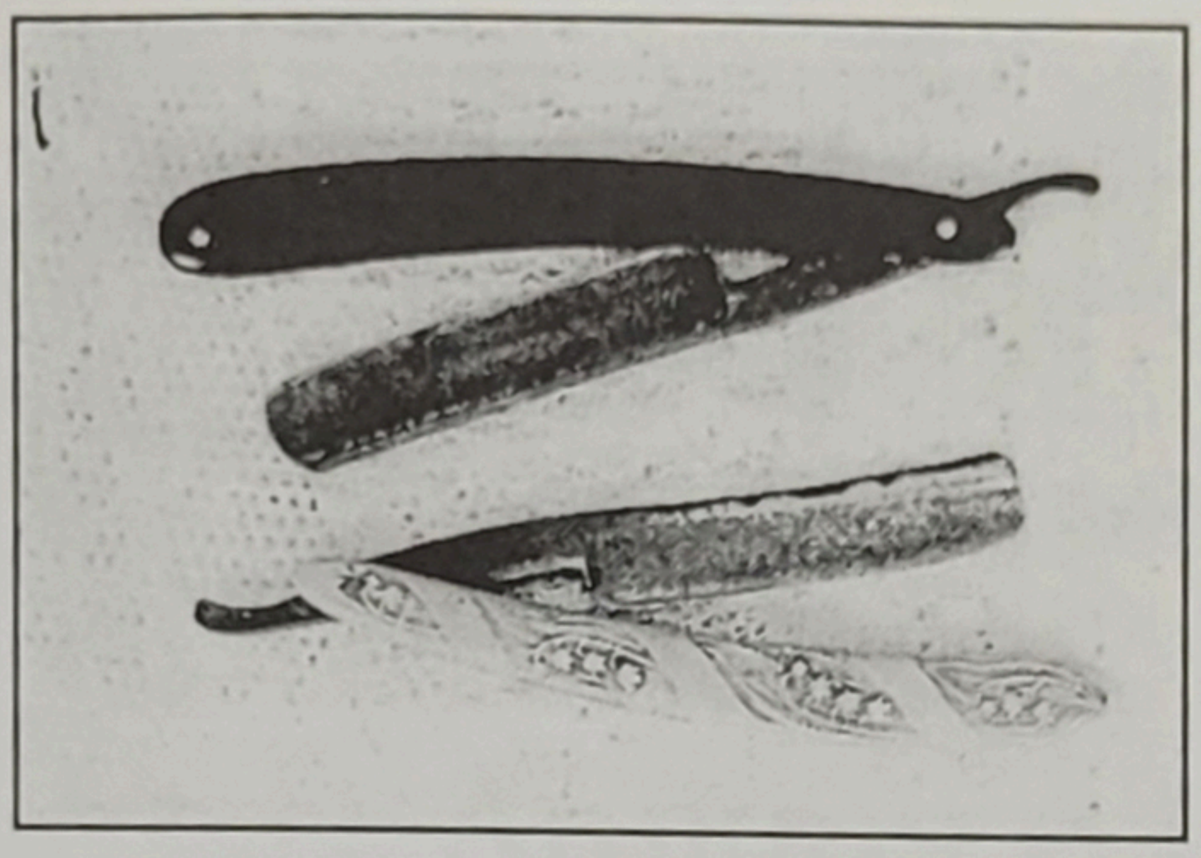
Esta máquina de escrever, Olympia, comprei em 1942, de segunda mão e ainda hoje a utilizo.



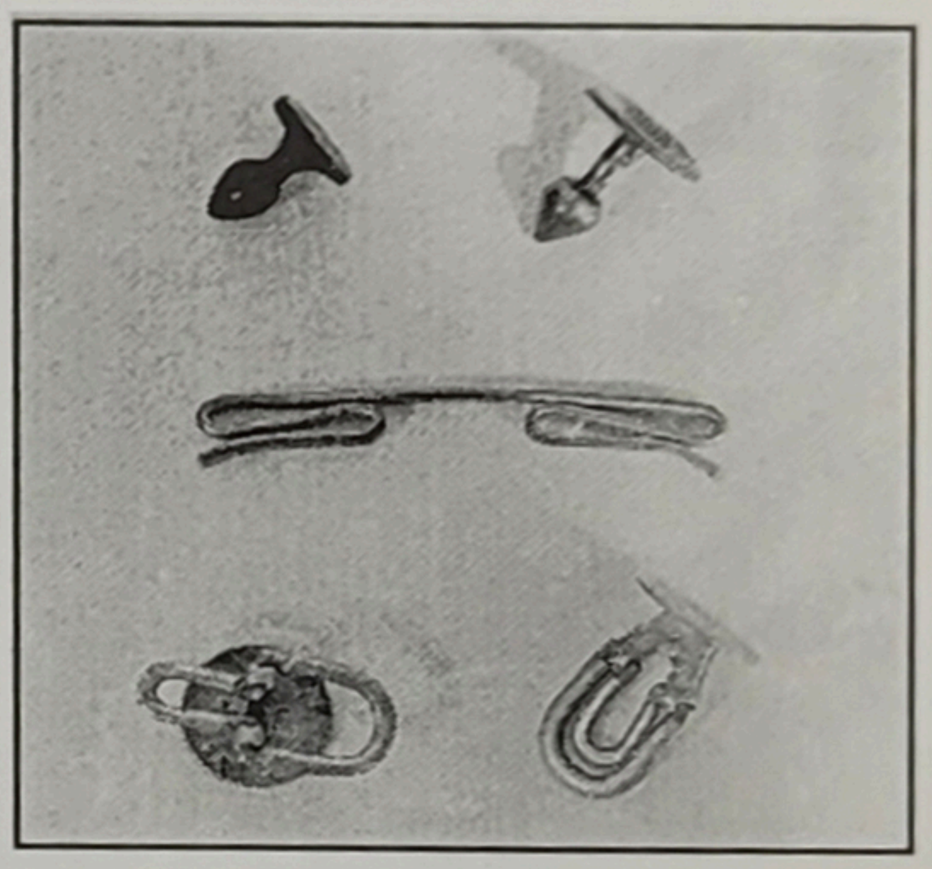
Duas máquinas fotográficas abandonadas, por falta de filme. A maior data de 1937.



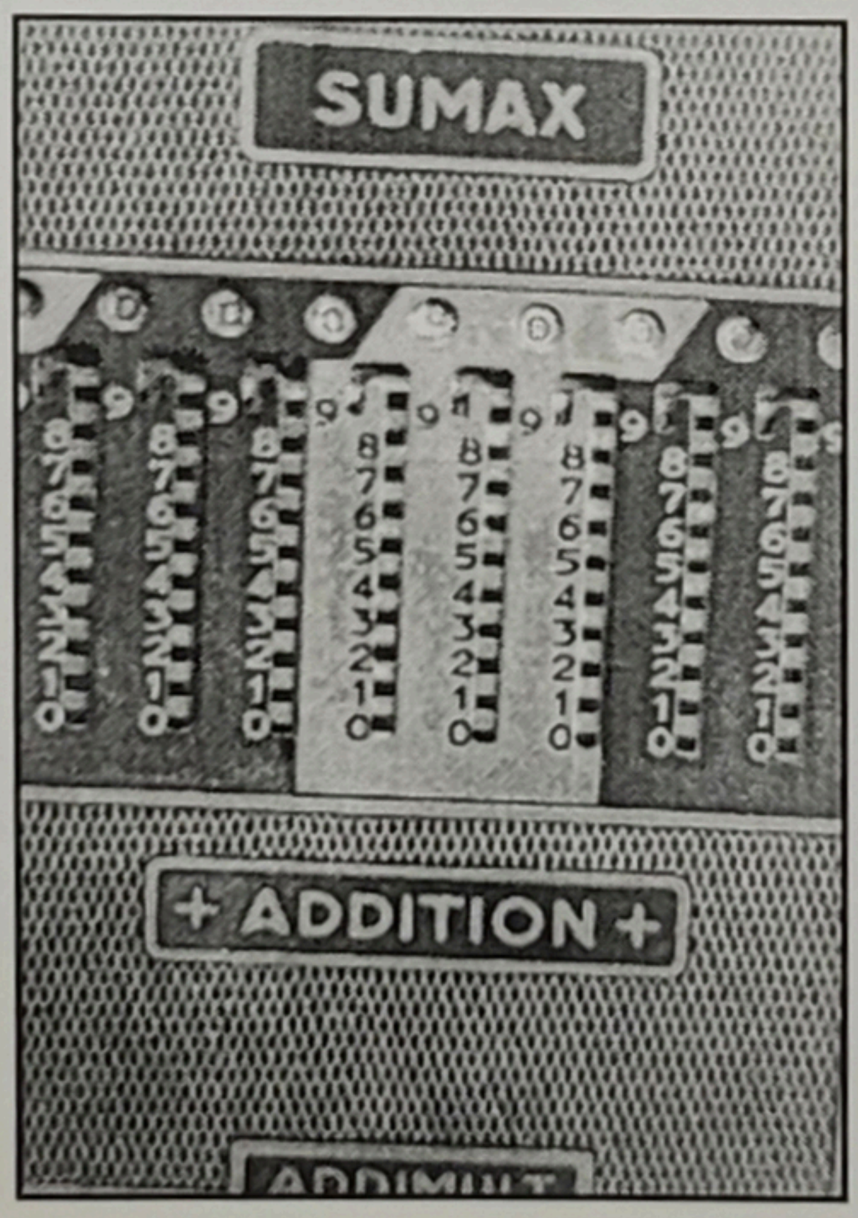
Para cortar os cabelos dos filhos quando cresceram, comprei esta máquina e tesoura, em 12-05-1954.



Estas foram as primeiras navalhas que comprei em 1930, para fazer a minha barba.



Botões que eu usava em 1930.



Máquina de calcular

Amigos e Padrinho



Meu padrinho de batismo,
Domingos de Bona Sartor casado
com Maria Cesconeto. Tiveram 7
filhos, quatro mulheres e três homens:
Prima, Emília, Sílvio, Brígida, José,
Michelina e Vitinho.
Na foto estão Domingos,
esposa e quinze netos.



Uma turma de amigos e
parentes com os caniços,
comandados pelo meu primo
Galdino Bez Fontana qua está
com a mochila na mão,
vieram pescar no rio Caipora.
Foto tirada em frente a minha
casa em São Gabriel, Treze de
Maio.



O trio, como elas diziam. Da esquerda para a direita: Clélia Simon Nandi, Diva Brunato Martins e minha mulher Felícia Dandolini Bez Fontana



Em visita a minha casa, Domenico Damian, residente em Conegliano-Treviso-Itália, andando na bicicleta de madeira feita por mim. Sua esposa, Maria Mafalda Tomé, faz sinal com a mão para parar.



Na cabeceira da mesa, Germano Bez Fontana e esposa Felícia; nos fundos, Viviana Andrich, professora de Vallada Agordina em Beluno; Domenico Damian e esposa, de Conegliano, Treviso; Carla Andrich, prefeita de Vallada Agordina. Foto tirada na hora do almoço, em minha residência.

Família



1990, dia de Natal. Eu com a mulher, os netos, filhos genros e noras.



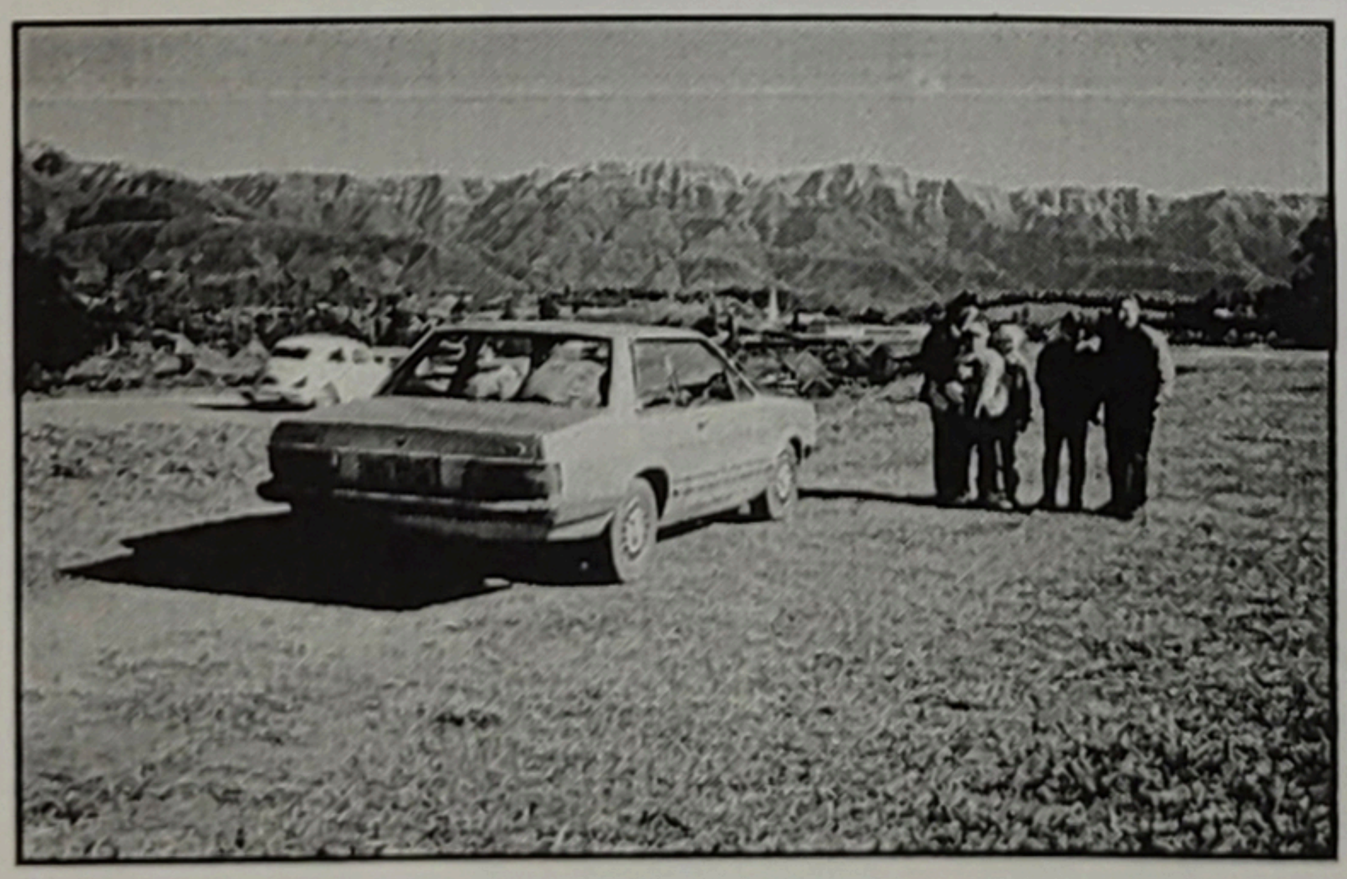
Eu, aos 77 anos.
Felícia, 70 anos.



Minha mulher Felícia, aos 70 anos.



Foto tirada em cima da serra, entre Bom Jardim e São Joaquim. Da esquerda para a direita: eu, meu filho Valfrido e meus netos: Júnior, Everton e Patrick.



De onde estávamos via-se a neve no topo da serra. Da esquerda para a direita: minha filha Neiva com os dois filhos, Patrick e Júnior, meu neto Everton e meu filho Valfrido.



Minha mulher, Felícia,
com as 3 noras:
Selma, Marina, Ivonete
e as 2 filhas: Valmíria e Neiva.

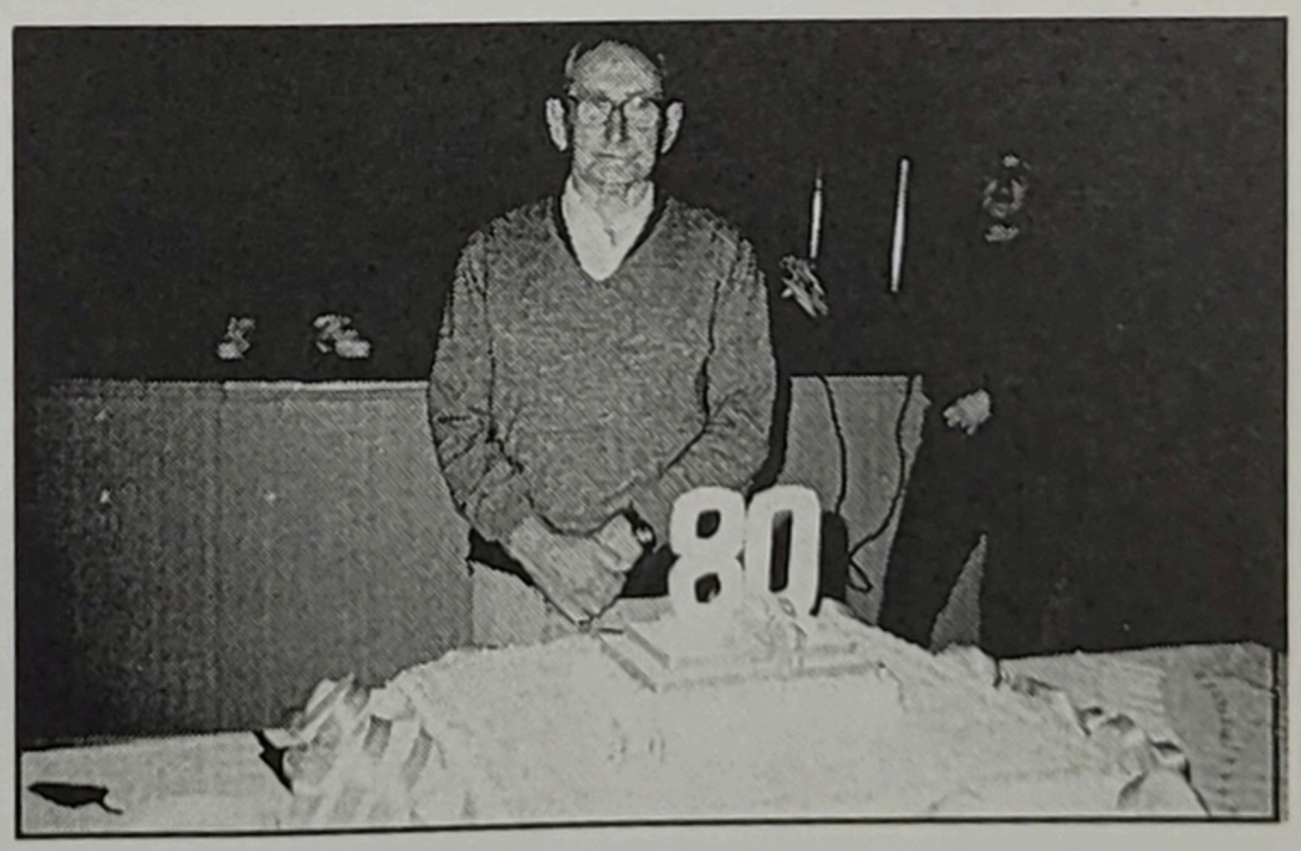


Minha amiga a gralha bagunceira.



Meus netos , em 1995.





Dia do meu aniversário 80 anos.

Idosos



Felícia Dandolini Bez Fontana, minha mulher, eleita a mais bela idosa do grupo "Amor e vida", de Treze de Maio, quando desfilava em Brusque, para a escolha da Miss Idosa de Santa Catarina



Felícia Dandolini Bez Fontana, minha mulher, eleita a mais bela idosa do grupo "Amor e Vida" de Treze de maio, em 1994, quando desfilava no salão de festas com seu traje típico, muito aplaudida.



Centro da foto: Felícia Dandolini Bez Fontana, a mais bela idosa do grupo "Amor e Vida" - Treze de Maio.
Do centro para a esquerda: Zenir Fragnani Bez Fontana - Coordenadora do grupo. Irma Réchia Guarezi - Rainha dos idosos de 1993. Amabile Carara Bez Fontana - 1ª princesa de 1993. Vitória Parise Trento - 2ª princesa de 1993. Do centro para a direita: Isabel Citadin Nandi - presidente da CONTREM. Diva Modolon da Silva - Rainha dos idosos de 1994. Anita Molon Lucas - 1ª princesa de 1994. Vitória Fretta Colossi - 2ª princesa de 1994.



Da esquerda para a direita: Zenir Fragnani Bez Fontana, coordenadora do grupo "Amor e Vida"; Felícia Dandolini Bez Fontana, minha mulher, eleita a mais bela idosa do grupo "Amor e vida" e Isabel Citadin Nandi, presidente da CONTREM.



Reunião dos idosos de Treze de Maio, na hora do café.

Endereço para Correspondência:

Caixa Postal 11 - CEP 88710-000

Treze de Maio - Santa Catarina